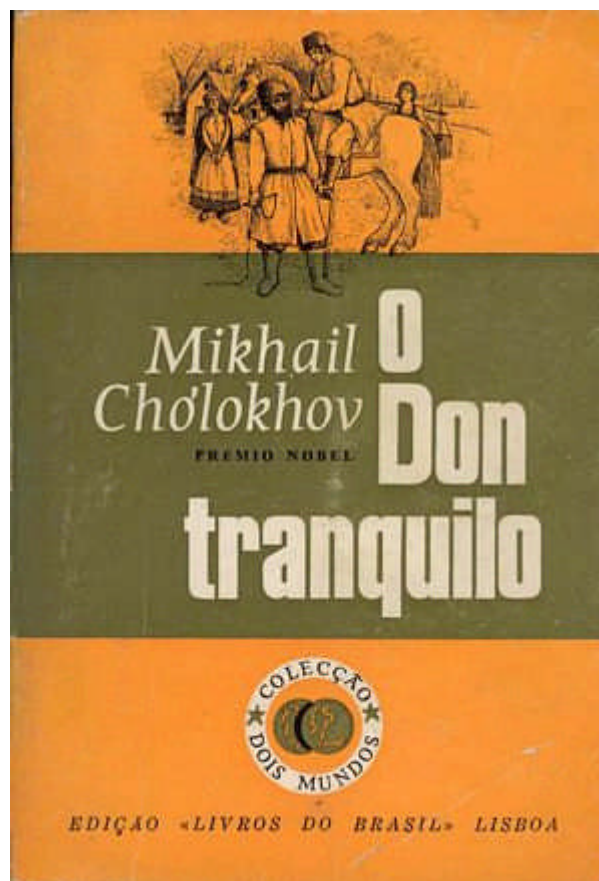


Mikhail Cholokhov

O Don tranquilo

Volume Primeiro







<http://groups.google.com/group/digitalsource>

TÍTULO: O Don tranquilo

AUTOR: Cholokhov, Mikhail

GÊNERO: Romance

CLASSIFICAÇÃO: Literatura Russa - Século XX - Ficção

EDITORA: Livros do Brasil

Lisboa, 19**

COLEÇÃO: Dois Mundos, nº 104

Mikhail Cholokhov

O Don Tranquilo

Versão portuguesa integral de

Armindo Rodrigues

*Não é a charrua que lavra a nossa terra gloriosa.
O que lavra a nossa terra são os cascos dos cavalos.
São cabeças de cossacos que a nossa terra semeiam.
O nosso Don tranquilo ornam-no viúvas novas.
O nosso Don tranquilo é um alegrete de órfãos.
Nas ondas do Don tranquilo choram pais e choram mães.
Don tranquilo, és nosso pai.
Don tranquilo, és nosso pai.
Para não ser assim turvo, que farei eu, Don tranquilo?
É que do fundo de mim jorram nascentes geladas.
Que no meio de mim agitam-se peixes brancos.
Velhas canções cossacas*

PRIMEIRA PARTE

I

A propriedade dos Melekhoves ficava mesmo à ponta A da aldeia. A portinha da corte do gado dava para o norte, para o lado do Don. Descida uma ladeira de oito ságenas (*Medida equivalente a 2,13 metros*) entre blocos de greda, verdes de musgo, estava-se na margem. Um tapete de conchas nacaradas, uma orla cinzenta e descontínua de seixos beijados pelas ondas e depois, espumoso e crespo do vento, negro de azeviche, o Don. A leste, para lá das alas de salgueiros, era a estrada dos atamanes (*Chefe cossaco*): absinto acinzentado, a erva castanha e vivaz dos caminhos, pisada pelos cascos dos cavalos, uma capelinha na encruzilhada e, por trás dela, a estepe, que uma bruma movediça toldava. Ao sul, a crista de greda da colina. A oeste, a estrada que atravessava a praça e ia dar aos prados próximos do rio.

O cossaco Prokófi Melekhov havia regressado à aldeia após a penúltima campanha da Turquia. Do país turco trouxera ele uma mulher, uma mulherzinha pequena, toda enrolada num xaile. Escondia a cara e só de raro em raro mostrava os olhos selvagens e angustiados. Os bordados multicolores do seu xaile de seda, impregnado de perfumes longínquos e desconhecidos, excitavam a inveja das mulheres da aldeia. Como a cativa turca evitasse os pais de Prokófi, o velho Melekhov não tardou a dar ao filho a parte que lhe cabia nos bens familiares. Nunca lhe perdoou e morreu sem lhe ter posto os pés em casa.

Prokófi rapidamente se instalou: os carpinteiros ergueram-lhe uma casa, ele próprio cravou a paliçada da corte do gado e, ao chegar o Outono, pegou na mulher e levou-a, muito encolhida, para o seu novo lar. Ao atravessar com ela a aldeia, atrás do carro em que transportava os haveres, toda a gente, miúda e graúda, saiu à rua a vê-los. Os homens sorriam por entre a barba, as mulheres interpelavam-se aos brados, uma horda de crianças lambuzadas guinchava atrás dele, mas ele, de túnica aberta de par em par, caminhava com lentidão, como se seguisse o sulco de uma charrua, apertando na mão negra a mão frágil da mulher e alçando orgulhosamente a cabeça, com a sua poupa de cabelos brancos; abaixo dos maldres, as faces contraíam-se-lhe, e o suor perlava-lhe a fronte de pedra, imóvel como sempre.

Desde então, foi raro Verem-no na aldeia; nem sequer frequentava a praça do mercado. Vivia arredado, na sua casa à beira do Don, como um bicho bravo. Contavam-se a respeito dele histórias estranhas. Os garotos que guardavam os vitelos nos prados pretendiam ter visto Prokófi, ao fim de certas tardes, à claridade última do Sol, levar a mulher nos braços até ao cabeço tártaro (*Trata-se de um cômodo funerário antigo*). Depunha-a ao alto, de costas contra a pedra porosa, roída pelos séculos, sentava-se-lhe ao lado, e ali se quedavam ambos longo espaço olhando a estepe. Olhavam-na até o crepúsculo se extinguir. Depois, Prokófi enrolava a mulher no seu zipune (*Manto camponês, em geral de burel grosso, que desce abaixo dos joelhos*) e ao colo a recolhia a casa. Perdia-se a aldeia em conjecturas, buscando para aquele procedimento, extraordinário uma explicação, a força de falarem no caso, esqueciam-se as mulheres de catar os piolhos. Dividiam-se as opiniões destas acerca da mulher de Prokófi: opinavam umas ser ela de uma beleza Como nunca se vira, diziam outras o contrário. Tudo se esclareceu no dia em que Uma mais atrevida, Mavra, cujo marido estava na tropa, foi a casa de Prokófi a pretexto de lhe pedir fermento fresco para fazer kvass (*Bebida fermentada russa*). Enquanto Prokófi o foi buscar à loja, Mavra examinou a turca, que se lhe afigurou a última das insignificantes.

Momentos depois, na rua, Mavra, encarnada, de lenço de esguelha na cabeça, perorava no meio de um grupo de mulheres.

- Sempre gostava que me dissessem o que ele lhe encontrou que prestasse. Se ao menos fosse uma mulher! Mas aquilo!... Não tem barriga, não tem rabo. É uma vergonha. Qualquer rapariguita nossa tem mais corpo. Tem uma cinturinha de vespa; fácil seria parti-la em duas. E os olhos dela? Pretos, enormes, rebola-os como u demónio, Deus me perdoe. E cuido que está para ter um filho, e não tarda, vou jurá-lo.

- Sério? Um filho? - admiraram-se as mulheres.

- Acho que já não sou criança nenhuma: já sou mãe de três.

- E de cara como é ela?

- De cara? Amarela. Tem os olhos tristes: está claro que não deve ser agradável viver em terra alheia. Mas ainda não e tudo, minhas filhas: anda com umas calças do Prokófi.

- Oh!... - exclamaram com indignação as mulheres todas ao mesmo tempo.

- Vi-a eu de calças, com os meus olhos. Devem ser algumas calças dele, de trazer. Usa uma camisa comprida e por baixo da camisa as calças, enfiadas nas meias. Quando isto vi, julguei cair para o lado...

Principiou a murmurar-se na aldeia que a mulher de Prokófi fazia bruxedos. A nora dos Asstakhoves (os Asstakhoves moravam à ponta da aldeia, ao lado da casa de Prokófi) jurava que na segunda-feira de Pentecostes, ao nascer do Sol, tinha visto a mulher de

Prokófi, em cabelo e descalça, ordenhar uma das vacas deles. Daí as mamas da vaca foram secando, até ficarem do tamanho do punho de uma criança: deixou de dar leite, e, pouco tardou, morreu.

Houve, naquele ano, uma epizootia sem precedentes na região. Todos os dias, a lingueta de terra arenosa onde o gado ia beber ao Don se cobria de cadáveres de vacas e de vitelos. Em seguida, a doença atacou os cavalos. As manadas da stanitsa (*Aldeia cossaca, sede de administração comunal*) desataram a desaparecer. Foi então que por ruas e becos se espalhou o rumor sinistro...

Um dia, depois da reunião da assembleia da aldeia, os cossacos apareceram em casa de Prokófi, que saiu ao patamar a saudá-los:

- Que bom vento os traz por cá, velhos cossacos?

A multidão ia-se acercando do patamar, mas mantinha-se calada.

Por fim, um velho um pouco bêbedo gritou:

- Deixa-nos ver a tua bruxa, que a queremos julgar. Prokófi precipitou-se para dentro de casa, mas foi apanhado no vestíbulo. Um artilheiro enorme, a quem chamavam o Viga, dava-lhe com a cabeça contra a parede e aconselhava-o:

- Não resistas, que é inútil. A ti ninguém te faz mal. É a tua mulher que a gente quer. Mais vale suprimi-la que deixar morrer a aldeia por falta de gado. Está, portanto, quieto, ou deito a parede abaixo com a tua cabeça.

- Tragam essa cadela para o pátio! - ululou a multidão. Um camarada de regimento de Prokófi agarrou a turca pelos cabelos com uma das mãos, enquanto com a outra lhe tapava a boca escancarada de gritar, arrastou-a para fora de casa e atirou-a aos pés da multidão. Um berro agudo cobriu o alarido das vozes.

Prokófi deitou ao chão seis homens, correu ao quarto e arrancou da parede o sabre que dela pendia. Os cossacos fugiram da entrada, atropelando-se uns aos outros. De um salto Prokófi galgou os degraus do patamar, fazendo girar por sobre a cabeça o sabre que reluzia e silvava. A multidão teve um movimento de recuo e dispersou-se pelo pátio.

Junto ao celeiro, Prokófi alcançou o artilheiro Viga, mais pesado que os outros, e, de uma sabrada de viés, dada pelas costas, abriu-o do ombro esquerdo à cintura. Os cossacos que já estavam a arrancar as estacas da paliçada atravessaram a eira e fugiram para a estepe.

Meia hora mais tarde, a multidão de novo encorajada aproximou-se do pátio. Dois mais atrevidos penetraram a tremer no vestíbulo. À entrada da cozinha, a mulher de Prokófi estava num charco de sangue, de cabeça ao desamparo; a língua, mordida, movia-se-lhe entre os dentes, que, do sofrimento, se lhe arreganhavam. Prokófi, de cabeça

percorrida de estremecimentos e olhar fixo, segurava nas mãos, envolta na sua peliça de pele de carneiro, uma coisinha de carne que chiava: uma criança nascida antes de termo.

A mulher morreu na noite desse mesmo dia. Compadecida, a mãe de Prokófi tomou conta da criança prematura.

Colocaram-na em farelos aquecidos em vapor de água e alimentaram-na a leite de burra. Um mês mais tarde, quando já havia a certeza de que aquele turcozinho trigueiro se dispunha a viver, levaram-no a igreja para o baptizarem. Recebeu o nome de Pantelei, como o avô.

Prokófi voltou da prisão ao fim de doze anos. A barba ruiva aparada, salpicada de fios brancos, e o fato a russa assemelhavam-no mais a um estrangeiro que a um cossaco. Retomou posse do filho e recomeçou a trabalhar na propriedade.

Pantelei cresceu.

Era moreno, quase negro, e destemido, tinha da mãe as feições e a esbelteza.

Prokófi casou-o com uma cossaca, filha de um vizinho. Dali por diante, o sangue turco continuou a misturar-se ao sangue cossaco. Disto provieram Melekhoves de nariz aquilino e beleza selvagem, a quem a aldeia chamava os Turcos.

Morto o pai, Pantelei consagrou-se a granja: telhou de novo a casa, acrescentou aos bens herdados meia deciatina (*Equivale a deciatina a 1,0925 hectares*) de terra, mandou construir novos barracões e um celeiro novo com cobertura de zinco. A pedido dele, o telhador recortou das sobras do zinco dois galos, que espetou no alto do celeiro. Alegavam com o seu ar descuidoso a propriedade dos Melekhoves e davam-lhe um aspecto garrido e próspero.

Com a idade, Pantelei Prokófievitch engrossou: adquiriu barriga e as costas vergavam-se-lhe um pouco; mas, mesmo assim, continuava a parecer um velho sólido. Tinha os ossos delicados, coxeava (de ter, na juventude, partido a perna esquerda, numa corrida de cavalos, Por ocasião de uma revista na presença do tsar), usava na orelha esquerda uma argola de prata em forma de crescente, conservava pretos os cabelos e a barba, e perdia a cabeça quando se zangava, com isto fazendo velha a mulher antes de tempo, uma mulher forte que havia sido bonita e tinha agora a cara coberta de uma rede de rugas.

O filho mais velho, Petro, já casado, saía à mãe: era baixo, de nariz batatudo, espessa cabeleira anelada, cor de trigo maduro, e olhos castanhos; ao invés, o outro, Grigóri, era o retrato chapado do pai: meia cabeça mais alto que o irmão, embora seis anos mais novo, tinha do pai o nariz aquilino, os olhos ardentes, amendoados, um pouco oblíquos, de esclerótica azulada, e os málares salientes, de pele bronzeada, a estalar. Como o pai, era um

pouco curvado, e até no sorriso ambos tinham qualquer coisa comum, qualquer coisa de bicho bravo.

Com Duniachka, uma adolescente de braços compridos e olhos grandes, que era a menina bonita do pai, e Dária, mulher de Petro, com o seu filhinho, completava-se a família. Melekhov.

II

Raras estrelas cintilavam no céu de uma madrugada cor de cinza. O vento dissipava as nuvens baixas. O nevoeiro que cobria o Don transpunha, fragmentando-se, a vertente de greda, e insinuava-se nas fendas da barroca, como uma serpente cinzenta, sem cabeça. A margem esquerda do rio, a areia, as poças, os charcos cobertos de juncos, a floresta húmida de orvalho, tudo se alumia de uma luz crua e fria. O Sol tardava em erguer-se de detrás do horizonte.

Pantelei Prokófievitch foi o primeiro a despegar-se do sono na casa dos Melekhoves. A abotoar a gola da camisa bordada a ponto de cruz, saiu ao patamar. Um orvalho prateado cobria a erva do pátio. Foi ao estábulo abrir a porta aos animais. Dária, em saia de baixo, correu a ordenhar as vacas. O orvalho, como colostro, salpicava-lhe as barrigas das pernas nuas, e a passagem dela através da corte foi deixando na erva um rasto cinzento.

Pantelei Prokófievitch observou como a erva pisada pelos pés de Dária de novo se erguia, e voltou ao quarto.

No parapeito da janela escancarada as pétalas tombadas da cerejeira do jardimzito tinham um tom rosado, mortiço. Grigóri dormia de bruços, com um braço estendido.

- Grichka, queres vir à pesca?

- Que há? - murmurou o filho, e sentou-se na borda da cama.

- Anda daí. Vamos pescar, antes de o Sol nascer.

A bocejar, Grigóri despendurou as calças de trabalho, enfiou-as nas meias de lã branca e calçou as botas, devagar, por causa de um contraforte despegado, que precisava de arranjo.

- A mãe cozeu a isca? - perguntou ele em voz rouca, saindo para o vestíbulo atrás do pai.

- Cozeu. Vai tu para o barco, que eu já lá vou.

O velho vazou num saco o centeio odorífero amolecido em vapor, apanhou com a mão, cuidadosamente, os grãos que caíram, e encaminhou-se para a ladeira, arrastando a sua perna esquerda. Grigóri já estava instalado com importância no barco.

- Onde é que vamos?

- À Barroca Negra. Vamos experimentar ao lado daquele tronco de árvore, onde estivemos da última vez.

Riscando o solo com a quilha, o barco entrou na água e soltou-se da margem. A corrente arrastou-o, baloiçando-o, procurando pô-lo de través. Grigóri navegava só com a ponta de um remo à ré, sem remar.

- Dá aí umas remadas.

- Espera até estarmos a meio do rio.

O barco transpôs o rápido e dirigiu-se para a margem esquerda. Da aldeia, o canto dos galos chegava até eles, ensurdecido pela água. O barco roçou com a borda a barroca negra, friável, que ao sair da água fazia uma saliência, e atracou numa enseada. A cerca de cinco ságenas, os ramos afastados de um ulmeiro meio submerso emergiam. À roda deles havia um turbilhão de bolhas de espuma suja.

- Desenrola as linhas, que eu vou deitar o engodo - disse baixinho o pai, e mergulhou a mão no saquinho dos grãos húmidos.

O centeio por ele espalhado fez na água um rumorzito como o de um murmúrio. Grigóri enfiou alguns grãos túmidos no anzol e sorriu

- Venham a mim, venham a mim, peixes pequenos e grandes.

A linha caiu em círculo, retesou-se como uma corda de violino, e novamente se relaxou quando o chumbo atingiu o fundo. Mantendo a cana segura com um pé, Grigóri tentava, sem mover o corpo, tirar da algibeira a bolsinha do tabaco.

- Não há nada a fazer, pai. A Lua está no quarto minguante.

- Trouxeste fósforos?

- Trouxe.

- Deixa-me ver lume.

O velho pôs-se a fumar, olhando na direcção do Sol, que continuava sem assomar do lado de lá da árvore submersa. A carpa não pica como os outros peixes. Mesmo no quarto minguante se pesca.

- Tenho a impressão de que o peixe miúdo está a comer o engodo - disse Grigóri suspirando.

Ruidosamente, a água agitou-se ao lado do barco e uma carpa de uns dois archines (*Um archine equivale a 0,71 Metros*) de comprimento, que parecia fundida em cobre vermelho, saltou com um ruído semelhante a um gemido, riscando a água com a sua cauda flexível em forma de folha de bardana. Gotinhas finas salpicaram o barco.

Atenção agora! - disse Pantelei Prokófievitch, limpando com uma das mangas a barba molhada.

Junto ao ulmeiro submerso, por entre os ramos que se assemelhavam a grandes braços desnudos, duas carpas saltaram ao mesmo tempo; uma terceira, um pouco mais pequena, dava obstinadamente saltos perto da barroca, às voltas no ar como um pião.

Grigóri mastigava com impaciência a ponta molhada do cigarro. Um sol baço ergueu-se do horizonte. Pantelei Prokófievitch, que gastara já toda a provisão de engodo, cerrava os lábios com ar descontente, de olhos fitos na extremidade imóvel da cana de pesca.

Grigóri cuspiu a beata e seguiu-lhe a trajectória rápida com um olhar furioso. Intimamente dava ao diabo o pai por o ter acordado tão cedo, por não o ter deixado dormir à sua vontade. O tabaco fumado em jejum punha-lhe na boca um gosto desagradável de pêlos queimados. No momento em que se baixava para encher de água o côncavo da mão, a cana, que estava meio archine fora do barco, oscilou de leve e começou com lentidão a descair para o rio.

- Puxa! - disse o velho, num cicio,

Grigóri deitou as mãos à cana e puxou-a, mas esta vergou-se e a ponta mergulhou. Como um cabrestante, uma força enorme repuxava para o fundo a sólida vara de salgueiro.

- Aguenta aí! - gritou o velho, afastando o barco da margem.

Esforçava-se Grigóri por erguer a cana, mas não o conseguia. A linha grossa partiu-se com um ruído seco. Grigóri perdeu o equilíbrio e cambaleou.

- É um toiro! - murmurou Pantelei Prokófievitch, que não atinava em enfiar a isca num anzol.

Rindo de comoção, Grigóri atou uma linha nova à cana e atirou-a.

Mal o chumbo alcançou o fundo, tornou a cana a vergar.

- Apanhei-te, diabo! - exclamou Grigóri, a custo arrancando do fundo o peixe que se debatia, tentando safar-se.

Com uma vibração aguda, a linha sulcou a água, que atrás dela se erguia como um pano verde. Pantelei Prokófievitch apertava nos dedos grossos o cabo de uma rede camaroeira.

- Trá-la à superfície! E tem cuidado, não vá ela cortar a linha!

- Não tenhas medo!

Uma grande carpa vermelha-amarelada surdiu, fez na água um remoinho e, baixando a cabeçorra obtusa, remergulhou. Está a puxar com tanta força que já nem sinto os braços. Espera aí! Espera aí!

- Aguenta-te, Grichka!

- Estou a aguentar!

- Cuidado, não a deixes passar por baixo do barco!... Cuidado!

Com um novo esforço, Grigóri tinha a carpa no barco, deitada de flanco. Mas quando o velho lhe ia lançar a rede, o uma vez mais o peixe, juntando as poucas forças que lhe restavam, se sumiu no rio.

- Põe-lhe a cabeça fora de água! Em engolindo algum ar, ela sossegará.

Tornou Grigóri a trazer a carpa extenuada e de boca aberta à superfície e novamente a puxou para si. A cabeça dela embateu na borda do barco e as barbatanas de oiro vermelho esplendiam-lhe.

- Acabou de se debater - cantou vitória Pantelei Prokófievitch, erguendo-a com o camaroeiro.

Meia hora mais eles se demoraram ainda ali. Mas as carpas foram rareando.

- Grichka, enrola as linhas. Parece-me que apanhámos a última. Não vale a pena esperar-se mais.

Arrumado tudo, Grigóri descolou o barco de terra.

Iam eles a meio caminho, viu Grigóri pela expressão do pai que este lhe queria dizer qualquer coisa, o velho, porém, olhava em silêncio as propriedades da aldeia, que se espalhavam no sopé da colina..

- Escuta, Grigóri - começou ele, por fim, em tom indeciso, torcendo a corda do saco que mantinha entre as pernas.- Parece-me que entre ti e Akcínia Asstakhova...

Grigóri corou até às orelhas e virou a cara. A gola da camisa apertava-lhe o pescoço queimado do sol e imprimia nele uma linha branca.

- Tem cuidado, rapaz - prosseguiu o velho em voz dura e zangada - que nem sempre te falarei assim. Stepane é nosso vizinho e eu não te consinto que brinques com a mulher dele. Isso pode acabar nalgum pecado. Ficas prevenido: se eu notar alguma, coisa, dou cabo de ti à chicotada.

Pantelei Prokófievitch cerrava o seu punho nodoso e por entre as pálpebras semicerradas via o sangue refluir da face do filho.

- Ditos! - rosnou Grigóri em voz surda, que parecia vir do rio, e fitou o pai a direito, entre os olhos.

- Cala-te!

- Não se devem dar ouvidos a tudo!

- Cala-te, filho de uma cadela!

Grigóri pôs-se a remar com ímpeto. O barco avançava aos sacões, deixando atrás um cachão de espuma. Conservaram-se ambos calados até a altura do desembarcadoiro. Ao acercarem-se da margem, o pai reatou:

- Cuidado, não te esqueças do que eu te disse. De contrário, a partir de hoje, acabam-se-te as saídas. Não voltas a pôr um pé na rua. É o que te estou a dizer!

Grigóri não replicou. Quando o barco chegou a terra, perguntou ao pai:

- Dá-se o peixe às mulheres?

- Leva-o a um comerciante, que to compra - disse o velho em tom mais brando. - Fica-te para o tabaco.

Grigóri caminhava atrás do pai, mordendo os lábios. “Conversa à tua vontade, que, nem que me amarres as pernas, hei-de sair” - pensava ele, de olhos raivosamente fitos na nuca rija do velho.

Chegado a casa, lavou cuidadosamente a carpa da areia que lhe havia secado nas escamas e atravessou-lhe um raminho de árvore de um ouvido ao outro.

Ao sair, encontrou Mitka Korchunov, seu amigo de sempre.

Mitka ia brincando com a ponta do cinto ornado de placas de prata. Por trás das fendas estreitas das pálpebras, os olhos dele, redondos e amarelos, brilhavam, insolentes. As pupilas apertadas que lembravam as dos gatos, davam-lhe um olhar fugidio e arisco.

- Onde vais tu com esse peixe?

- É a pesca de hoje. Vou vendê-lo.

- A Mokhov?

- A esse mesmo.

Mitka sopesou a carpa com um olhar.

- Deve ter as suas quinze libras.

- Quinze e meia. pesei-o eu.

- Vou contigo. Tenho jeito para regatear.

- Anda daí.

- E que me dás tu? disso

- Havemos de nos entender. Não vale a pena falar antes.

As ruas estavam cheias de gente que saía da missa.

Grichka e Mitka encontraram no caminho os três irmãos conhecidos pelos Chamiles (*Chamil foi um célebre chefe de montanhese tcherkesses que durante muito tempo se opôs aos russos*), que avançavam em fila, ao lado uns dos outros.

O mais velho, Alekcei, o maneta, ia no meio. A gola hirta do uniforme apertava-lhe o pescoço encordado, a barbicha em ponta, rala e anelada, espetava-se-lhe pimponamente a um lado, e o olho esquerdo piscava-lhe nervosamente. Em tempos, num exercício de tiro, a espingarda explodira-lhe nas mãos e um pedaço da culatra desfigurara-lhe a cara. Desde aí, o olho lhe piscava fora de todo o propósito; a cicatriz azul que lhe cruzava a bochecha

perdia-se-lhe por entre os cabelos desgrenhados. O braço esquerdo fora-lhe arrancado até ao cotovelo. Mas Alekcei enrolava os cigarros ajeitadamente com a mão única e ficavam-lhe todos bem feitos: entalava a bolsa do tabaco entre o coto e o poderoso peito de aço, com os dentes puxava uma mortalha de papel, dobrava-a em calha, nela colocava um montinho de tabaco, e rapidamente lhe dava uma volta com os dedos. Em menos de um fósforo, estava Alekcei de cigarro na, boca e, piscando o olho, pedia fogo-

Embora maneta, Alekcei era o primeiro pugilista da aldeia. Não é que tivesse um punho por aí além: pelo contrário, era mais pequeno que grande. Mas contava-se que um dia, andando a lavrar, enraivado com o boi e não tendo o chicote com ele, lhe dera uma punhada tal que o boi caíra contra o rego, de sangue a espirrar-lhe dos ouvidos, e custara muito a arribar. Os outros dois irmãos, Martine e Prokhor, eram Alekcei por uma pena: como ele atarracados e largos como castanheiros; a diferença é que ambos tinham os dois braços.

Grigóri cumprimentou os Chamiles. Mitka, sem parar, voltou a cabeça para o lado oposto, com tal força que o pescoço lhe crepitou. Durante o Entrudo, num concurso de murro, Alekcei não tinha poupado os dentes de Mitka: com uma boa punhada o fizera cuspir dois molares no gelo azulado, riscado pelos tacões ferrados dos cossacos.

Ao cruzarem-se, Alekcei disse a Grigóri, piscando o olho cinco vezes a fio:

- Vendes-me o teu peixe?

- Queres comprá-lo?

- Quanto pedes?

- Uma junta de bois e mais a tua mulher.

Alekcei franziu as pálpebras e agitou o coto.

- Brincalhão! Ah-ah-ah, o brincalhão! A minha mulher!... E os filhos também os queres?

- Esses fica com eles, para não se acabarem os Chamiles - gracejou Grigóri.

No largo em frente do adro da igreja, a multidão era mais densa. Um mordomo, levantava um pato acima da cabeça e gritava:

- Cinquenta copecas! Quem dá mais?

O pato torcia o pescoço e cerrava com desprezo os olhos cor de turquesa. Logo adiante, um velhinho de peito ornado de cruzes e de medalhas gesticulava no meio de um grupo.

- É o meu avô Grichaka a contar as suas histórias da guerra da Turquia. - Mitka apontou-o com os olhos. - Vamos ouvi-lo?

Enquanto o ouvirmos, desata a carpa a cheirar mal e a inchar.

- Se inchar, aumenta de peso e o benefício é nosso.

Na praça, por trás do barracão dos bombeiros, onde abriam, de secas, as barricadas da água, a par de material avariado, o tecto verde da casa de Mokhov avultava. Ao passarem em frente do barracão, Grigóri cuspiu e tapou o nariz. De detrás das barricadas um velho surgiu a abotoar as calças, segurando entre os dentes a fivela do cinto.

- O caso era de pressa? - disse insolentemente Mitka.

- E tu que tens com isso?

- Devia meter-se-te o nariz na poia e a barba, a barba... Que a tua velha não fosse capaz de te limpar a merda durante uma semana!

- Eu é que te enfio o focinho nela, desavergonhado! - tornou o velho, ofendido.

Mitka havia parado, franzindo os seus olhos de gato, como para evitar o sol.

- És um engraçado, tu! Põe-te a andar, filho de uma cadela! Que tens tu que me chatear? Ou toma cuidado com o cinto!

Grigóri chegou, a rir, à entrada da casa de Mokhov. A balaustrada da escada sumia-se sob um entrançado denso de vinha-virgem. A sombra, naquele patamar, era convidativa, com os seus salpicos de luz.

- Estes sabem viver, há, Mitka?...

- Até a maçaneta da porta é doirada. - Mitka, que havia entreaberto a porta do terraço, deu uma gargalhada:

- O velho de há bocado é que cá devíamos mandar...

- Quem está aí? - gritou uma voz do terraço.

Grigóri, intimidado, foi o primeiro a entrar. O rabo da carpa arrastava no chão pintado.

- Quem procuram?

Numa cadeira de baloiço, de verga, estava uma rapariga sentada, com um pires de morangos na mão. Sem responder, Grigóri mirava-a, a esmagar um morango entre os lábios rosados e carnudos, de boca em bico. Ela inclinou a cabeça e encarou os recém-chegados.

A acudir a Grigóri, Mitka interveio. Tossiu.

- Não quererão comprar um peixinho?

- Um peixe? Eu vou ver.

Levantou-se, deixando a cadeira a baloiçar e fazendo soar no chão as solas das pantufas bordadas que lhe abrigavam os pés nus. O sol atravessava-lhe o vestido branco e Mitka viu-lhe os contornos imprecisos das pernas robustas e a larga renda ondulante da

saia de baixo. A brancura cetinosa das barrigas daquelas pernas deslumbrava-o. Apenas a pele dos calcanhares redondos era de um amarelo leitoso.

Deu uma cotovelada em Grigóri.

- Reparaste na saia, Grichka? Parece vidro. Vê-se-lhe tudo através.

A rapariga reapareceu pela porta que dava para o corredor e, suavemente, sentou-se na cadeira.

- Vão à cozinha.

Grigóri meteu pela casa nas pontas dos pés. Mitka, de pernas afastadas e olhos semicerrados, fitava a risca branca que dividia os cabelos da rapariga em dois hemicírculos doirados. Ela observava-o, de olhos maliciosos e inquietos.

- É daqui?

- Sou. Sou daqui.

- De que família?

- Da família Korchunov.

- E como se chama?

- Mitka.

Ela pôs-se a examinar as conchas rosadas das unhas, Com atenção, e depois, com um movimento brusco, encolheu as pernas.

- É o pescador?

- Não. É o meu companheiro, Grigóri

- Mas também pesca?

- Pesco. Quando calha.

- À linha?

- À linha, pois.

- Bem eu gostava de ir à pesca também. - disse ela, após um silêncio.

- Pois bem! É vir comigo, em lhe apetecendo.

- E como se poderia arranjar isso? Palavrinha que estou a falar a sério!

- É preciso levantarmo-nos cedíssimo.

- Levantar-me levanto-me eu. o ponto é acordarem-me.

- Acordá-la também se pode. Mas o seu pai?

- O meu pai o quê?

Mitka pôs-se a rir.

- Podia tomar-me por um gatuno e soltar-me os cães.

- Não há perigo! Eu durmo sozinha no quarto do canto.

É aquela janela ali. - E apontou-a com um dedo. - Se quer cá vir, bata à janela, que eu levanto-me.

Ouvia-se a espaços o ruído de duas vozes na cozinha: uma tímida, a de Grigóri, e a outra, a da cozinheira, grave e pastosa.

Calado, Mitka virava e revirava com os dedos as placas de prata oxidada do seu cinto de cossaco.

- Casado? - perguntou a rapariga, dissimulando um sorriso.

- Porquê?

- Por nada. Interessa-me.

- Não sou. Sou solteiro.

De súbito, Mitka corou. Ela, porém, sorridente, brincando com um pézinho de morangos, que havia caído no chão, continuava a interrogá-lo:

- E diga-me cá, Mítri: as raparigas gostam de si?

- Umas gostam, outras não.

- Ora veja-se! É porque tem olhos de gato?

- De gato? - disse Mitka, desconcertado por completo.

- Exactamente! Olhos de gato.

- Herdei-os da minha mãe, naturalmente. Não pus para aí prego nem estopa.

- E porque não o casam, Mítri?

Refez-se Mitka da sua atrapalhação momentânea e, como sentisse nas palavras da rapariga uma intençãozinha trocista, Os olhos amarelos chispavam-lhe.

- A que há-de casar comigo ainda está para nascer.

Ela alçou as sobrancelhas com expressão de admirada, corou e levantou-se.

Uns passos, de alguém vindo da rua, soaram no patamar.

O sorriso de troça da rapariga pruiu Mitka como uma ortiga. Digno e pesado, arrastando molemente as suas botarras de pele de cabrito, o dono da casa, Serguei Platónovitch Mokhov, passou por diante de Mitka, que se afastou.

- É para mim?- atirou ele, sem virar a cabeça.

- Foi um peixe que nos vieram trazer, papá.

E Grigóri saiu da cozinha de mãos vazias.

III

Grigóri recolheu da seroadá já depois dos primeiros cantos dos galos. Do vestibulo saía um bafo de lúpulo fermentado e de osmonda seca.

Entrou no quarto nos bicos dos pés, despiu-se, pendurou cuidadosamente as calças agaloadas dos dias de festa e deitou-se. No chão, a luz doirada e sonolenta da Lua projectava-se, cortada pela sombra dos pinázios da janela. A um canto, em seus caixilhos de prata, através dos bordados dos paninhos que os cobriam, entreviam-se os ícones. Por sobre a cama dele, à roda da lamparina, as moscas, que ele despertara, faziam um zumbido monótono.

Ia ele a mergulhar no sono, rompeu o filho do irmão a chorar na cozinha.

O berço gemeu como um carro mal untado. Em voz sonolenta, Dária resmungou:

- Vê se te calas, velhaco. Não dormes, nem deixas dormir. E começou a cantar-lhe docemente:

Koloda-Dudá, Onde estiveste tu?

A guardar cavalos.

E que foi que ganhaste?

Um cavalo selado, de sela doirada.

A entrar no sono ao rangido cadenciado do berço, Grigóri lembrou-se: “Amanhã, vai-se o Petro embora, cumprir o seu período de serviço militar. Dária vai ficar sozinha com o menino. Tem que se fazer a ceifa sem ele.”

Tapou a cabeça com o travesseiro quentinho, mas a canção, obstinadamente, não o largava:

Que é do teu cavalo?

Está detrás da porta.

E a porta onde está?

Levou-a a égua.

Um relincho rouco sobressaltou-o. Reconheceu o cavalo de sela de Petro.

Com os dedos entorpecidos pelo sono abotoou devagar a camisa, meio a adormecer de novo ao embalo de onda da cantiga:

Onde estão os patos?

Estão por entre os juncos.

E os juncos que é deles?

As moças ceifaram-nos.

Onde estão as moças?

Casaram-se já.

E que e dos maridos?

Foram para a guerra.

A cair de sono, Grigóri foi à cavalaria e tirou o cavalo Para fora. Uma teia de aranha roçou-lhe a cara e de súbito o despertou por completo.

A lua traçava de través no Don um caminho nunca pisado por ninguém. Por sobre a água um nevoeiro pairava e ao alto as estrelas pareciam milho miúdo. o cavalo, atrás de Grigóri, pousava cautelosamente os cascos no chão. A ladeira tinha mau piso. Do outro lado do rio, grasnavam patos. perto da margem, um siluro que andava em cata de peixe pequeno, virou-se no lodo com um rumor surdo.

Grigóri demorou-se um bom pedaço a beira do rio. Da margem subia um cheiro de putrefacção, húmido e adocicado. Do focinho do cavalo tombavam gotas de água. Uma despreocupação Voluptuosa enchia o coração de Grigóri. Sentia-se bem assim, sen, pensar em nada. Ao tornar, ladeira acima, direito a casa, lançou o olhar para o nascente: a penumbra azul dissipara-se.

Junto à cavalaria deu com a mãe.

- És tu, Grichka?

- Quem queres tu que seja?

- Deste de beber ao cavalo?

- Dei - respondeu Grigóri, de mau modo.

De corpo inclinado para trás e trazendo no avental pastas de bosta seca para acender o lume, a mãe vinha arrastando os seus pés nus e fatigados de velha.

- Devias ir acordar os Asstakhoves. Stepane queria abalar com o nosso Petro.

O frescor matinal penetrou Grigóri, uma mola tensa vibrou nele. Sentiu um arrepio. A correr galgou os três degraus do patamar sonoro dos Asstakhoves. A porta não estava

fechada. Em cima de uma manta estendida no chão da cozinha, Stepane dormia, com a cabeça da mulher repousada num ombro. Na semi-obscuridade, Grigóri viu a camisa de Akcínia enrolada até acima dos joelhos, e as pernas, brancas como bétulas, impudentemente abertas. Um momento estacou a olhar, de boca seca, e na cabeça congestionada uma ressonância de ferro.

Circunvagou. os olhos como um ladrão, e numa voz rouca, que lhe não pareceu a sua, gritou:

- Eh, lá! Vamos a levantar!

Akcínia acordou, suspirando.

- Há? Que se passa? Quem está aí?

Febrilmente, apalpou-se. Um braço nu desceu-lhe ao longo das pernas, puxou a camisa para baixo. Uma manchazinha de saliva, que lhe escorrera da boca enquanto dormia, marcava a almofada; as mulheres têm o sono pesado de manhã.

- Sou eu. Foi a minha mãe que me mandou acordá-los...

- Eu levanto-me já... Mal nos podemos mexer aqui... É por causa das pulgas que dormimos no chão. Stepane, levanta-te. Não ouves?

Pelo tom da voz- dela percebeu Grigóri que ela se sentia contrafeita e apressou-se a sair.

Uns trinta cossacos partiam naquela manhã para cumprir o seu período militar de Maio (*Todos os anos, os cossacos da primeira reserva, ou seja dos vinte e cinco aos vinte e nove anos, cumpriam um período militar de três semanas*). A reunião era na praça. Por volta das sete horas, tinham-se já ali juntado vários carros de toldo, acompanhados de homens a pé ou a cavalo, com as suas camisas de Primavera, de pano grosso, e o equipamento completo.

No patamar da casa, Petro dava uns pontos a pressa numa rédea partida. Pantelei Prokófievitch girava em torno do cavalo do filho, deitando aveia na manjedoura e gritando de tempos a tempos:

- Duniachka, fizeste o embrulho dos biscoitos? E o toucinho salgaste-o'

Duniachka, vermelhíssima, voava, como uma andorinha, através do pátio, da cozinha para casa, e respondia a rir às perguntas do pai:

- Trate da sua vida, pai. Os embrulhos que eu fizer para o meu irmãozinho aguentam daqui até Tcherkassk.

- Ele ainda não acabou de comer? - inquiriu Petro, designando o cavalo com um movimento da cabeça, enquanto molhava o fio em cuspo.

- Está a comer ainda - respondeu com gravidade o pai, verificando a manta da sela com a mão rugosa, visto a menor coisa, uma migalha, um argueiro que a ela se pegasse poderem ferir o animal numa caminhada.

- Quando o Baio acabar de comer, dá-lhe água, pai.

- O Grichka leva-o ao Don. Eh, Grichka, toma lá o cavalo!

O donetz (*Raça de cavalos do Don*), grande e delgado, com uma estrela branca na testa, partiu caracolando. Mal saiu a porta do pátio, Grigóri pousou-lhe de leve a mão na garupa, saltou-lhe para cima e despediu a trote rápido. Ao alto da ladeira quis aguentá-lo, mas o cavalo não lhe obedeceu, e chegou a galope lá abaixo. Inclinado para trás, quase deitado no dorso do cavalo, Grigóri viu uma mulher que descia com dois baldes. Desviou-se do caminho que levava, passou num torvelinho de poeira, enfiou pela água dentro.

Akcínia, que caminhava bandeando o corpo, gritou-lhe de longe-

- Eh, diabo! És maluco! Por pouco me esmagavas com o cavalo. Deixa estar que eu direi ao teu pai como tu montas!

- Que é isso vizinha? Não te zangues. Como o teu marido vai cumprir o serviço militar, talvez eu te possa ser útil.

- Para que havia eu de precisar de ti?

- Vai começar a ceifar-se o feno. Talvez sejas tu quem venha ter comigo - disse Grigóri a rir.

Akcínia subiu ao pontão, encheu de água um dos seus baldes suspensos a ponta da vara em que os transportava e, apanhando entre os joelhos a saia que o vento lhe enfunava, lançou a Grigóri uma olhadela.

- Está, então, de abalada o teu Stepane? - atirou Grigóri.

- E isso que te importa?

- Mas como tu és!... Não se te pode fazer uma pergunta?

- Está de abalada, pois. E então?

- Então, vais ficar sozinha. Não vais?

- Parece que sim.

O cavalo ergueu a cabeça, resfolegou, rilhando os dentes, e, virado para a margem fronteira do rio, bateu na água com uma das patas dianteiras. Akcínia encheu o segundo balde. Depois, ajeitou a vara sobre as espáduas e começou a subir a ladeira, baloiçando levemente os quadris. Grigóri tocou o cavalo e seguiu-a. O vento sacudia a saia de Akcínia e desmanchava-lhe os caracolinhos leves do pescoço tisonado. Um barretinho bordado, de seda vistosa, cobria-lhe o volumoso carrapito dos cabelos, e uma blusa cor-de-rosa, entalada no cóis da saia, moldava-lhe, sem uma prega, o dorso direito e os ombros largos.

Ao andar, Akcínia inclinava-se para a frente, e a goteira vertical do dorso marcava-se-lhe. Grigóri via-lhe as manchas de suor nas axilas, onde o tecido desbotara, seguia-lhe com os olhos todos os movimentos. Não resistiu a continuar a falar-lhe.

- Cuido que vais sentir a falta do teu marido.

- Hã?

Akcínia virou a cabeça, sem parar, e sorriu:

- Com certeza! Quando te casares - do esforço, falava com dificuldade- quando te casares, verás se não te faz falta a tua mulher.

Ele fez avançar o cavalo e, chegado a par dela, fitou-a nos olhos.

- Também há mulheres que se sentem satisfeitas quando os maridos abalam. Dária, lá em casa, engorda sempre que o Petro não está.

Akcínia respirava a custo, de narinas fremindo-lhe. Disse, compondo os cabelos:

- Um marido não é uma serpente. Mas, mesmo assim, nos suga por vezes o sangue.

E tu, estás para casar breve?

- Não sei. Isso depende do meu pai. Naturalmente, depois do meu serviço militar.

- És ainda novo. Não te cases.

- Porquê?

- Traz muitas preocupações.

Ergueu os olhos para ele e sorriu com um leve ar desdenhoso, E foi então que pela primeira vez Grigóri notou como os lábios dela eram carnudos e sensuais. E disse, separando em mechas a crina do cavalo:

- Não tenho desejo nenhum de me casar. Sempre há-de haver alguma para me querer sem isso.

- E já a achaste?

- Não preciso de procurar... O Stepane está para se ir embora...

- Poucos atrevimentos comigo!

- Quê? Bates-me?

- Digo uma palavrinha ao Stepane.

- O teu Stepane para mim...

- Ora toma cuidado! Armas em valente, mas podes acabar por chorar.

- Não penses em me meter medo, Akcínia.

- Eu não te quero meter medo. Diverte-te com as raparigas solteiras. Elas te bordarão lenços. Não olhes é mais para mim.

- Hei-de olhar de propósito.

- Então, olha.

Akcínia teve um sorriso conciliador e saiu do carreiro, com o intento de contornar o cavalo. Mas Grigóri barrou-lhe o caminho.

- Deixa-me passar, Grichka.

- Não deixo.

- Não te faças parvo. Tenho de ir arranjar as coisas do meu marido.

A rir, Grigóri fazia caracolar o cavalo, que apertava Akcínia contra a barroca.

- Deixa-me passar, não sejas mau. Há pessoas lá em baixo. Se nos virem, que irão pensar?

Lançou em torno um olhar assustado, e passou, carrancuda e sem se virar.

No patamar da casa, Petro despedia-se da família. Grigóri selou o cavalo. De mão no punho do sabre, Petro desceu de corrida os degraus e tomou as rédeas das mãos de Grigóri.

O cavalo, cheirando-lhe à estrada, agitava-se, impaciente, enchendo de saliva o freio, que deslocava na boca. Já de pé no estribo e de mão apoiada no arção da sela, Petro recomendou ao pai:

- Não estafes de mais os bois, pai! Temos de os vender no princípio do Outono para comprar um cavalo ao Grigóri. E tem cuidado, não vendas a erva da estepe: bem sabes a pouca forragem que os pastos vão dar.

- Deus te abençoe! Boa viagem! - disse o velho, e benzeu-se.

Com um movimento habitual ao seu corpo atarracado, Petro montou, endireitou nas costas as pregas da camisa apertada na cintura e dirigiu-se para o portão. O punho do sabre luzia ao sol e dançava aos passos do cavalo.

Dária foi atrás dele um pedaço, com o filho nos braços. A mãe, de pé no meio do pátio, enxugava os olhos a uma das mangas e assoava o nariz vermelho a uma ponta do avental.

- Irmãozinho, os pastéis! Esqueceste-te dos pastéis! Os pastelinhos de batata! - bradou Duniachka, correndo como um cabrito.

- Que tens tu que berrar assim, idiota? - gritou-lhe Grigóri, irritado.

- Foi ele que deixou cá os pastéis - lamentou-se Duniachka, apoiada à cancela; e as lágrimas corriam-lhe pelas faces vermelhas e lambuzadas, e das faces caíam-lhe sobre a blusa de trabalho.

De mão em pala sobre os olhos, Dária seguia com o olhar a camisa branca que se afastava no meio de uma nuvem de poeira. Pantelei Prokófievitch deu um abanão numa das tranqueiras, carcomida, do portão, e fitou Grigóri-

- Conserta o portão e espeta um poste aí ao canto. - E, após um momento de reflexão, acrescentou, como se anunciasse uma novidade:

- O Petro lá se foi.

Através das estacas do cercado, Grigóri observava Stepane nos seus preparativos de partida. Akcínia, que para se embelezar pusera uma saia de lã verde, trouxera-lhe o cavalo. Com um sorriso, Stepane disse-lhe qualquer coisa. Sem pressa, com ar de senhor, beijou a mulher e demoradamente se quedou com uma das mãos apoiada num ombro dela. Aquela mão enegrecida pelo sol e pelo trabalho contrastava como carvão sobre a blusa branca de Akcínia. Stepane estava de costas para Grigóri, e este via-lhe a nuca sólida e rapada, os ombros largos um pouco descaídos e, quando ele se curvava para a mulher, a ponta revirada do bigode castanho.

Akcínia ria-se de qualquer dito dele e abanava a cabeça em sinal de negação. O grande cavalo morzelo fez com uma sacudidela o cavaleiro firmar-se nos estribos e saiu o portão a passo rápido. Stepane parecia colado à sela. Akcínia caminhava ao lado dele, agarrada ao estribo, e, como um cão olha o dono, olhava-o nos olhos, com expressão de amor e de desejo.

Passaram assim em frente da casa dos vizinhos e desapareceram na curva da estrada.

Grigóri seguiu-os com o olhar fito.

IV

Para a tardinha desenhou-se uma tempestade. Uma nuvem escura cobriu a aldeia. O Don, que o vento agitava, lançava vagas sucessivas e espumantes contra as margens. A distância, relâmpagos secos incendiavam o céu e um ou outro trovão esmagava a terra. Por baixo da nuvem um abutre pairava, de asas pandas, seguido de corvos crocitando. Exalando frio, soprada de oeste, a nuvem seguia o Don. Para além dos prados próximos do rio, o céu escurecia e tornava-se ameaçador, e a estepe esperava, silenciosa. Na aldeia fechavam-se as Portadas das janelas, as velhas voltavam à pressa de rezar as vésperas na igreja, benzendo-se, na praça erguia-se um remoinho de poeira, e já na terra entorpecida pelo calor primaveril caíam, como sementes, as primeiras gotas de chuva.

Duniachka atravessou o pátio como uma seta, de tranças bailando-lhe, fechou a porta do galinheiro, e outra vez no meio do pátio estacou, de narinas frementes, como um cavalo diante de um obstáculo. As crianças na rua brincavam, desenfreadas.

O filho de um vizinho, Michka, de oito anos, rodopiava, acororado sobre uma perna. O boné desmedidamente grande do pai girava-lhe à roda da cabeça, tapando-lhe os olhos. Cantava em voz aguda,

Chuva, chuva, cai a potes! Iremos para Um abrigo, Erguer orações a Deus, Erguer orações a Cristo.

Duniachka olhava com inveja os pés descalços de Míchka, cobertos de arranhões, que raivosamente percutiam o chão. Também ela gostaria de dançar à chuva e encharcar a cabeça, para ter o cabelo forte e encaracolado, também ela gostaria, como aquele Outro companheiro de Michka, de andar de cabeça para baixo, na poeira da berma da estrada, em risco de cair em cima das silvas. Mas a mãe, da janela, olhava-a com ar severo. Duniachka suspirou e voltou para dentro de casa a correr. A chuva rompeu a cair em grandes bátegas. Um trovão estalou mesmo por cima da casa e o eco dele rolou por sobre o Don.

No vestíbulo, Grichka e o pai, banhados em suor, tiravam da casa de arrumações o rolo das redes de pesca.

- Fio forte e uma agulha comprida, depressa! - gritou Grigóri a Duniachka.

Acendeu-se uma luz na cozinha. Dária sentou-se e começou a remendar uma rede. A velha resmungava, embalando o menino:

- Tu, o velho, estás sempre com invenções. Era melhor que nos fôssemos deitar. O petróleo está cada dia mais caro, e tu vá de o queimares. Serão isto horas de se ir à pesca? Onde iremos nós parar com estas maluquices? O menos que acontece é afogarem-se. Basta ver o tempo que faz Ia fora. Vejam, vejam estes relâmpagos. Senhor Jesus! Santa Maria, mãe de Deus!

Um clarão azul e ofuscante encheu por um instante a cozinha e fez-se silêncio: só se ouvia a chuva esgadanhando as vidraças. Depois, um trovão estalou. Duniachka emitiu um breve grito e enfiou a cabeça debaixo da rede. Dária fazia sinais da cruz em direcção às portas e às janelas.

A velha fitou com olhos terríveis a gata que se lhe roçava contra as pernas.

- Duhnka! Enxota-me este bicho maldito. Santa Maria, mãe de Deus, perdoa-me os meus pecados! Põe-me esta gata lá fora, Duhnka! Sape, sape, coisa ruim! Diabos te levem.

A rir como um maluco, Grigóri deixou cair a rede que tinha nas mãos.

- Que têm vocês que estar para aí a cacarejar. Caluda! - exclamou Pantelei Prokófievitch. - Despachem-se, mulheres. já há uns poucos de dias eu disse que tinham de se consertar as redes.

- Mas que peixe queres tu pescar a estas horas? - recomeçou a mulher a repontar.

- Se não sabes, cala-te! Vamos apanhar esturjões no banco de areia. Com medo da tempestade, o peixe foge para a margem. Estou convencido de que a agua já esta agitada. Duniachka, vai a correr escutar o rio, a ver se já está a fazer das suas.

Contrariada, Duniachka dirigiu-se para a porta.

- E quem vai entrar na água? Daria não, que pode-lhe fazer mal ao leite - insistiu a velha.

- Eu vou com o Grichka. Para a outra rede convidamos Akcínia e há-de-se arranjar outra.

Duniachka reapareceu, ofegante. Gotinhas de chuva tremiam-lhe nas pestanas. Com ela penetrou na casa um cheiro de terra húmida.

- O rio brame que mete medo!

- Queres vir connosco?

- E quem mais vai?

- Pergunta-se a umas mulheres.

- Vou, está bem.

- Põe, então, um zipune, e dá um salto a casa da Akcínia. Se ela quiser vir, que traga a Malachka Frolova.

- Essa, ao menos, não apanha frio - disse Grigóri, sorrindo. - Tem banha como um porco gordo.

- Devias ir buscar um bocado de feno seco, Grichka - aconselhou a mãe - e pô-lo sobre o coração, não vás tu arrefecer por dentro.

- Grigóri, vai buscar o feno. A velha lembrou bem.

Não tardou Duniachka a Voltar com as mulheres. Akcínia trazia uma blusa rasgada, amarrada à cintura por uma corda, que lhe dava um ar de mais baixa e mais delgada. Trocando sorrisos com Dária, tirou da cabeça o lenço, refez mais apertado o nó dos cabelos, de novo se toucou, e lançou a Grigóri um olhar glacial. À entrada da porta, a corpulenta Malachka, atando as meias, disse em voz rouca:

- Arranjaram os sacos? Por Deus, hoje vamos apanhar peixe.

Saíram para o pátio. A chuva caía, cerrada, na terra branda, formando poças espumosas e Precipitando-se em regueiras em direcção ao Don.

Grigóri ia à frente. Invadia-o uma estranha alegria.

- Cuidado, pai, que há um buraco!

- Mas que escuridão!

- Akciúcha, não saias de ao pé de mim. Se escorregarmos escorregamos juntas - disse Malachka, com uma risada.

- Repara, Grigóri. Não será o desembarcadoiro dos Maidanikoves?

- É mesmo!...

- Por aqui... Começamos por aqui - gritou Pantelei Prokófievitch, esforçando-se por dominar o ruído das rabanadas de vento.

- Não se ouve, avôzinho! - bradou Malachka.

- Desenrola a rede... Eu vou por onde a água seja mais funda. Mais funda, estás a ouvir? Malachka, diabo surdo, onde é que tu vais? Eu é que vou por onde haja maior fundura. Grigóri, Grichka! Akcínia só tem que puxar a rede da margem.

Um mugido, um gemido rolou sobre o Don. O vento esfarrapava o véu oblíquo da chuva.

Palpando o fundo com os pés, Grigóri penetrou na água até à cintura. Um frio viscoso insinuou-se-lhe no peito, cingiu-lhe o coração como um aro. As vagas chicoteavam-lhe a cara, forçavam-no a fechar os olhos. A rede dilatou-se como um balão e mergulhou. Os pés de Grigóri, calçados de meias de lã, resvalaram no fundo arenoso. A ponta da corda soltou-se-lhe das mãos. Foi deslizando, deslizando, até que perdeu o pé numa cova. A corrente arrastava-o impetuosamente, aspirava-o para o meio do rio. Com toda a força do seu braço direito Grigóri nadou para a margem. Aquele abismo negro e

movediço assustava-o naquele momento como nunca o assustara. Com satisfação, pousou um pé no fundo instável. Um peixe bateu-lhe num joelho.

- Mais fundo!

Era a voz do pai, algures, na escuridão cerrada.

A rede mergulhou de novo, obliquamente, de novo a corrente fez perder o pé a Grigóri, e este nadou, cuspindo, de cabeça erguida.

- Akcínia, estás viva? - Por enquanto, estou. - Parece que a chuva vai parar.

- Quando a chuva miúda pára é sinal de ir chover mais forte.

- Não grites tanto! Se o meu pai te ouve, zanga-se.

- O medo que tu tens do teu pai!

Um bocado puxaram em silêncio. Como uma pasta viscosa, a água entravava-lhes os movimentos.

- Grichka, há um tronco de árvore perto da margem, acho eu. Tem que se lhe dar a volta.

Um choque terrível arremessou Grigóri a distância. A água espirrava rumorosamente, como se um bloco de pedra, solto da barroca, se tivesse despenhado no rio.

- Aaaah!

Num ponto qualquer, perto da margem, Akcínia emitia gritos agudos.

Grigóri, aterrorizado, voltou à superfície e nadou na direcção dos gritos.

- Akcínia!

Mas o ruído do vento e da água agitada cobria-lhe a voz-

- Akcínia! - berrou Grigóri, gelado de terror.

- Eh, Grigóri! - Era a voz ensurdecida do pai, ao longe. Grigóri nadou mais rápido. Sentiu os pés tocarem-lhe em qualquer coisa peganhosa e estendeu uma das mãos: era a rede.

- Grichka, onde estás tu? - ouviu ele a voz chorosa de Akcínia.

- Porque não respondias? - gritou Grigóri, colérico, saindo da água de gatas.

Acocorados sobre os calcanhares, tremendo de frio, puseram-se a desembaraçar a rede que se enrolara toda. Por trás de um rasgão de uma nuvem a Lua assomou. A trovoadas continuava a soar discretamente para além dos prados baixos. A terra reluzia, da água ainda por absorver. O céu lavado da chuva mostrava-se duro e claro.

Enquanto desembaraçavam a rede, Grigóri fitava Akcínia. A face dela estava branca como a cal, mas já os lábios, um pouco franzidos, lhe sorriam.

- Quando fui atirada para a margem - contou ela, respirando fundo - ia perdendo os sentidos. Tive um medo mortal. julguei que te tinhas afogado.

As mãos de ambos encontraram-se. Akcínia tentou meter as dela nas mangas da camisa de Grigóri.

- Como está quentinho nas tuas mangas! - disse ela, em tom queixoso. - Eu estou gelada. Dói-me o corpo todo.

- Aqui está por onde ele fugiu, o siluro dos diabos!

E Grigóri escancarou no meio da rede um rasgão do seu archine e meio de largura.

Alguém se aproximava correndo, vindo da lingueta de terra. Grigóri reconheceu Duniachka e bradou-lhe de longe:

- Tens fio contigo?

- Tenho.

Duniachka estacou, ofegante.

- Que têm vocês que estar aqui? O pai mandou-me dizer-lhes para irem já para o banco de areia. Apanhamos lá um saco de esturjões!

Na voz dela havia uma expressão de triunfo, que não procurava esconder.

A bater os dentes, Akcínia findou de remendar a rede, e abalaram direitos ao banco de areia, a correr, para aquecerem. Pantelei Prokófievitch enrolava um cigarro com os dedos engelhados da água, rígidos como os de um afogado, e batendo os pés gabava-se:

- Logo à primeira redada, oito esturjões! À segunda... - Fez uma pausa, acendeu o cigarro e, sem uma palavra mais, apontou o saco com um pé.

Akcínia, curiosa, olhou. No saco havia uma crepitação, dos esturjões; roçando-se uns contra os outros.

- Porque ficaram vocês para trás?

- Um siluro furou a rede.

- Está consertada?

- Apanharam-se as malhas conforme se pôde.

- Bem! Vamo-nos molhar ainda até aos joelhos e voltamos para casa. Entra na água, Grichka. Que tens tu que hesitar?

Grigóri deu dois ou três passos com as pernas entorpecidas.

Akcínia tremia tanto, que Grigóri a sentia tremer à outra ponta da rede.

- Não tremas!

- Isso queria eu, mas não o consigo.

- Sabes que mais? Vamo-nos mas é embora e o peixe que se trame.

Uma carpa grande penetrou na rede. Rápido, Grigóri rebateu esta e puxou a corda. Dobrada em duas, Akcínia correu para a margem. A água rumorejava ao tombar da rede na areia e o peixe agitava-se.

- Voltamos pela orla da planície?
- Pela floresta é mais perto.
- Eh, lá, vocês ainda demoram?
- Vão andando, que já os alcançamos. É só lavar as redes

Akcínia torceu a saia, contraindo a face, pôs às costas o saco do peixe e partiu, a correr quase, ao longo da lingueta de terra. Grigóri levava a rede. Ao fim de uma centena de ságenas, Akcínia começou a gemer:

- Não posso mais. As pernas já não aguentam comigo.
- Tens aí uma meda do ano passado. Podes-te aquecer nela.
- É para já. Senão ainda acabava por morrer antes de chegar a casa.

Grigóri desfez o cocuruto da meda e escavou um buraco. Um cheiro ardente de fermentação exalou-se do feno comprimido.

- Encafua-te aí. Está-se aí como num forno.

Akcínia atirou o saco para o lado e mergulhou no feno até ao pescoço.

- Que bem que aqui se está!

A tremer de frio, Grigóri acomodou-se ao lado dela. Um aroma doce, perturbador, subia dos cabelos húmidos de Akcínia. De cabeça atirada para trás, respirava com regularidade pela boca entreaberta.

- Os teus cabelos cheiram a meimendro. Aquelas flores branquinhas, tu sabes... - murmurou Grigóri, curvando-se para ela.

Ela não respondeu, de olhar brumoso e longínquo, fito no crescente da Lua.

Grigóri desencafuou as mãos das algibeiras e puxou subitamente para ele a cabeça de Akcínia. Ela libertou-se com brusquidão e endireitou-se.

- Deixa-me!
- Cala-te.
- Deixa-me, ou grito.
- Espera, Akcínia!
- Tio Pantelei!

- Perdeste-te? - respondeu ali perto, de detrás de umas moitas de pilriteiros, a voz de Pantelei Prokófievitch.

Grigóri, cerrando os dentes, saltou para fora da meda.

- Porque estás tu a gritar? Perdeste-te? - repetiu o velho, acercando-se.

De pé ao lado da meda, num halo do próprio bafo, Akcínia compunha o lenço que lhe descaíra para a nuca.

- Não, não me perdi, mas principiava a gelar.

- Ai, as mulheres! Não vês aí a meda? Aquece-te aí.
Dobrando-se para o saco, Akcínia sorriu.

V

O campo de Setrakov, onde se efectuavam os exercícios do período militar, ficava a sessenta verstás (*A verstá equivale a 1060 metros*). Petro Melekhov e Stepane Asstakhov viajavam no mesmo carro. Com eles iam mais três cossacos da aldeia: Fédote Bodóvsskov, um rapaz de face de kalmuk, picada das bexigas, Khrissanf Tokine, conhecido por Khristónia, reservista do regimento Atamánsski (*Regimento de escol, fundado em 1725, que tinha na origem a missão de seguir constantemente o atamane dos cossacos do Don. Daí o seu nome*) da Guarda Imperial, e o artilheiro Ivane Tomíline, que se dirigia a Perssianovka. Na primeira paragem para dar de comer aos animais, atrelaram-se ao carro o cavalo de Khristonia e o morzelo de Stepane. Os três outros cavalos, selados, iam atrás. Khristónia, sólido, mas um pouco simplório, como a maioria dos homens do regimento Atamánsski, era quem guiava. Sentado a frente, tapava toda a luz do carro com as suas costas da largura de uma roda e incitava-os com a sua voz de baixo profundo. Dentro do carro toldado de novo, Petro Melkhov, Stepane e o artilheiro Tomíline, deitados, fumavam. Fédote Bodóvsskov caminhava atrás, a pé; manifestamente, não lhe custava nada calcorrear a estrada poeirenta com as suas pernas arqueadas de kalmuk.

O carro de Khristónia ia à cabeça de todos. Sete ou oito o seguiam, de cavalos presos a eles, selados ou não.

Da estrada subiam risos esfuziantes, gritos, canções arrastadas, relinchos de cavalos, tinidos de estribos soltos. Petro, de cabeça apoiada ao saco dos biscoitos, retorcia o seu longo bigode loiro.

- Stepane!

- Há?

- Vamos cantar uma canção do regimento?

- Está muito calor. Tenho a garganta seca.

- Não há tabernas nas aldeias próximas. Tens de te conformar.

- Principia tu, então. Mas não. Tu não és grande cantor.

O teu Grichka é que canta bem. Aquilo não é voz, é um fio de prata. Algumas noites cantámos juntos.

Stepane atirou a cabeça para trás, pigarreou e lançou em voz grave e sonora:

Alvorada, alvoradinha,

Tão cedo te levantaste...

Tomíline encostou a cara à palma da mão, como fazem as mulheres, e pôs-se a acompanhá-lo, em voz aguda e gemente. Petro sorriu e meteu o bigode na boca, de olhos no artilheiro de torso poderoso, cujas veias do esforço, se lhe entumeciam nas fontes.

Enquanto esta rapariga

Foi a água já tão tarde...

Stepane virou a cabeça para Khristónia e apoiou-se num braço, o seu belo pescoço ao esticar-se fez-se vermelho:

- Khristónia, dá aí uma ajuda!

O rapaz que estava a espreita Selou depressa o cavalo...

Stepane olhou para Petro com os olhos rasgados e risonhos, e este tirou o bigode da boca e rompeu a cantar por sua vez.

Khristónia escancarou a bocarra cercada de pêlos hirsutos e urrou, fazendo tremer o toldo:

E no cavalo montado

Desceu a rampa atrás dela..

Depois pousou um pé descalço, quase de um archine de comprido, na borda do carro, e esperou que Stepane recomeçasse. Este, de olhos fechados, com a face na sombra, coberta de suor, prosseguiu em voz cariciosa, que tão depressa descia até um murmúrio, como se erguia a uma intensidade metálica.

Menina, dê-me licença

Que o cavalo mate a sede...

E de novo a voz de Khristonia, semelhante ao som de um sino, cobriu as outras. Vozes vindas dos carros próximos engrossaram o coro... As rodas ferradas rangiam, os cavalos espirravam da poeira, e a canção lenta e poderosa crescia ao longo da estrada, como a cheia de um rio. Uma abecoinha de asas brancas saiu de entre os juncos, castanhos de

queimados, de um pântano seco da estepe, e voou, emitindo gritos, em direcção ao vale. Torcendo a cabeça, olhou com os seus olhos de esmeralda a correnteza dos carros toldados de branco, os cavalos que com os cascos levantavam turbilhões de poeira espessa, os homens de camisa branca empoeirada, que caminhavam pela berma da estrada. A abecoinha desceu no vale, o peito negro bateu-lhe na erva amarelenta, calcada pelo gado, e deixou de ver o que se passava na estrada, onde os carros continuavam sempre rangendo e os cavalos avançando sempre, de má vontade e suados sob as selas, enquanto os cossacos, com as suas camisas já cinzentas, corriam dos seus carros para o da frente, se amontoavam à roda dele e riam estrepitosamente.

Stepane, agora de pé no carro, agarrado com uma das mãos ao toldo e marcando com a outra um compasso rápido, atirava em ritmo acelerado uma cantiga que entusiasmava o auditório:

*Não te sentes ao meu lado,
Não te sentes ao meu lado.
Dirão que me tens amor,
Tens amor,
Fazes a corte,
Tens amor, Fazes a corte.
Mas eu sou de gente honrada.*

Dezenas de vozes rudes replicaram-lhe e reboaram por sobre a poeira da estrada:

*Mas eu sou de gente honrada,
Gente honrada.
Nela são todos ladrões,
Todos ladrões,
Gente honrada.
E eu amo o filho do príncipe.*

Fédote Bodóvsskov assobiava; do ímpeto com que puxavam os tirantes, os cavalos vergavam as patas; Petro deitou a cabeça fora do carro e pôs-se a agitar o barrete, Stepane, com um riso que ofuscava, bandeava os ombros a toda a força; e pela estrada adiante uma montanha de poeira rolava; Khristónia, de camisa comprida e sem cinto, hirsuto, encharcado em suor, rompeu, de cócoras e girando como um pião, a dançar uma dança

cossaca, aos gritos e de testa franzida, deixando na seda cinzenta da poeira as marcas monstruosas dos seus pés descalços.

VI

Junto de uma colina escavada, coberta de areia amarela, os cossacos pararam para passar a noite.

Uma nuvem avançava, vinda de oeste. Daquela asa negra a chuva pingava. Deu-se água aos cavalos, num tanque. À beira dele, alguns salgueiros tristes vergavam-se, batidos pelo vento. A água, coberta de uma verdura estagnada, sacudida por uma ondulação pequena, reflectia transfiguradoramente os relâmpagos. Parcimonioso, o vento semeava as gotas da chuva, como esmolos nas mãos negras da terra.

Pearam-se os cavalos e deixaram-se a pastar, guardados por três homens. Os outros acendiam fogueiras e penduravam as marmitas nos varais dos carros.

Khristónia fazia o rancho. Remexendo a colher no panelão, contava aos cossacos sentados à volta dele:

-...A colina de que eu estou falando era mais ou menos da altura desta. Eu, então, disse ao meu pai: “Julgas que o atamane não nos chateará se nós formos cavar a colina sem autorização?”

- Que história está ele a contar? - perguntou Stepane, que voltava de cavalos pela arreata.

- Estou a contar como eu e o meu pai, que Deus tenha, procuramos um tesoiro.

- E onde é que vocês o procuraram?

- Por trás do vale de Fetíssov, irmão. Mas tu sabes onde é: na colina de Merkulov...

- Está bem! Está bem!...

Stepane agachou-se, apanhou uma brasa e pô-la na palma da mão. Depois, de boca em cu-de-galinha, acendeu vagorosamente um cigarro, fazendo rolar a brasa.

- Bom! E vai o meu pai disse-me: “Vamos lá, Khristane, revolver a colina de Merkulov.” Tinha ouvido dizer ao meu avô que havia ali um tesoiro escondido. Mas um tesoiro, não está à mão de quem quer. Daí o meu pai tinha prometido a Deus: “Dá-me tu o tesoiro, e eu mando-te construir uma igreja bonita.” Decidimo-nos e fomos. O terreno era da stanitsa só da banda do atamane e que podia haver encrenca. Chegámos lá ao cair da noite. Esperámos que escurecesse; peámos a égua e subimos a colina com as pás. Começámos a cavar mesmo no cimo. A terra era uma autêntica pedra, endurecida com os

anos. Quando tínhamos cavado um buraco aí de uns dois archines, eu estava alagado em água. O meu pai não parava de rezar orações. Naquela altura, rapazes, acreditem-me ou não, pôs-se-me a barriga às voltas de uma maneira... No Verão, está claro, vocês sabem tão bem como eu o que é o nosso alimento: kvass e requeijão... A barriga doía-me tanto que eu cuidava ser a minha última hora. Disse-me então assim o meu defunto pai, que Deus tenha: “Fu, Khristane! És um porco! Eu a dizer as minhas orações e tu não aguentas a barriga. Nem se pode respirar. Raspa-te daqui, desce a colina, ou corto-te a cabeça com a pá. Por tua causa, desavergonhado, vai se calhar o tesoiro fugir-nos pelo chão abaixo.” Fui-me deitar no sopé da colina com a minha dor de barriga, que me vinha às guinadas, enquanto o meu pai, que era rijo, cavava sozinho. Foi cavando, cavando, até que deu numa laje. Então, chamou-me. Eu meti uma alavanca a laje e levantei-a... Acreditem-me se quiserem, rapazes: naquela noite havia lua, e por baixo da laje uma coisa qualquer luzia...

- Sempre és um mentiroso, Khristónia! - não se aguentou Petro que não dissesse, sorrindo e afagando o bigode.

- Sou mentiroso? Ora vai-te tu lixar! - Khristónia puxou as vastas calças para cima e considerou o auditório: - Não é mentira, não. Deus sabe que é a pura verdadinha!

- Mas acaba lá a tua história!

- Aquilo, rapazes, como eu ia dizendo, luzia. Espreitei e vi que era carvão de madeira. Havia lá os seus quarenta baldes. O meu pai disse-me: “Desce aí, Khristane, e desenterra-me esse carvão.” Desci. Até quase ao nascer do dia, fui atirando aquela porcaria ca para fora. já era manhã, olho e, pronto, lá estava ele.

- Ele quem? - perguntou, interessado, Tomíline, que estava estendido em cima de uma manta de cavalo.

- Ora! O atamane. Quem havia de ser? Ia a passar por ali de caleça. “Quem é que lhes deu licença, mariolas?” Nós, calados. Prendeu-nos, e ala para a stanitsa. Há dois anos citaram o meu pai para o tribunal de Kaménsskaia; mas o meu pai, que adivinhou, morreu primeiro. Mandámos um papel a dizer que já não era vivo.

Kristónia. tirou do lume o panelão cheio de kacha fumegante e foi buscar as colheres ao carro.

- E o teu pai? Tinha prometido mandar construir uma igreja. Não mandou? - inquiriu Stepane, quando Khristónia voltou com as colheres.

- És parvo, Stepane? Por carvão, que havia ele de mandar construir?

- O prometido é devido.

- Mas o combinado não era carvão, era um tesoiro...

Papas de farinha.

Das gargalhadas, a chama da fogueira tremeu. Khristónia ergueu de sobre o painelão a sua cabeça ingénua e, despropositadamente, o riso grosso dele cobriu todos os mais.

VII

Akcínia tinha-se casado com Stepane aos dezassete anos de idade. Era da aldeia de Dubrovka, nos areais da outra margem do Don.

Um ano antes de se casar, andando ela a lavrar na estepe a umas oito verstás da aldeia, uma noite, o pai, homem dos seus cinquenta anos, atara-lhe os pulsos com a corda de pear o cavalo e violara-a.

- Se disseses uma palavra, mato-te. Mas, se guardares segredo, compro-te uma blusa de pelúcia, umas polainas e umas galochas. Lembra-te bem: olha que te mato... - asseverou-lhe ele.

Nessa mesma noite, vestida apenas da sua saia rasgada, Akcínia apareceu a correr na aldeia. Lançou-se aos pés da mãe, sufocada em soluços, e contou-lhe tudo. A mãe e o irmão mais velho, que havia terminado o serviço militar no regimento Atamánsski, atrelaram os cavalos ao carro e, levando Akcínia com eles, abalaram em cata do pai. Por pouco o irmão rebentava os cavalos nas oito verstás do caminho. Encontraram o pai à beira do campo lavrado. Estava bêbedo, a dormir, estendido em cima do seu zipune. Ao lado, derrubada, estava uma garrafa de vodka (*Aguardente russa, de cereais*) vazia. À vista de Akcínia, o irmão desenganchou o balancim do carro, com uma das pontas ferradas do qual, após ter a pontapé obrigado o pai a levantar-se e lhe haver feito uma ou duas perguntas rápidas, lhe atirou à base do nariz. Durante cerca de hora e meia, ele e a mãe espancaram o velho.

A velha, de seu habitual pacífica, arrancava freneticamente, os cabelos ao marido sem acordo, enquanto o filho o calcava aos pés. Akcínia, recolhida debaixo do carro, de cabeça embiocada, tremia, sem dizer uma palavra. Ao amanhecer, levaram o velho para casa. Berrava queixosamente, procurando com os olhos Akcínia, que se escondera. De uma orelha arrancada escorriam-lhe sangue e uma substância branca para o travesseiro. Morreu à noite. Disse-se a toda a gente que tinha caído do carro com uma bebedeira.

Um ano depois, os casamenteiros (*Parentes ou amigos do pretendente, encarregados de negociar Os casamentos com a família da pretendida*) vieram numa bela caleça pedir a mão de Akcínia. Stepane, alto, de pescoço direito, desempenado, agradou à noiva, e marcou-se o casamento para o Outono. Chegou o dia de se unirem os dois jovens: era um dia inverniço, glacial, e o

gelo soava alegremente sob os passos das pessoas. Akcínia entrou logo a governar a casa dos Asstakhoves. No próprio dia seguinte à boda, a sogra, uma velha alta e magra, curvada em resultado de uma doença cruel, acordou-a cedinho, acompanhou-a à cozinha, e disse-lhe, desarrumando sem necessidade umas tenazes:

- Escuta, minha querida norazinha: não vieste para cá para dormires com o marido e preguiçares. Vai ordenhar as vacas, e vem depois fazer a comida. Estou velha e a doença não me deixa trabalhar. Toma tu conta da casa: é a tua vez.

Nesse mesmo dia, no celeiro, com frieza e ferocidade, Stepane encheu a recém-casada de pancada, na barriga, no peito, nas costas, tomando cuidado em não deixar marcas a vista. E desde aí desatou a frequentar prostitutas e a ter relações com as mulheres que se divertiam na ausência dos maridos soldados. Quase todas as noites saía, depois de ter fechado Akcínia no celeiro ou no quarto.

Durante perto de ano e meio não lhe perdoou o ultraje: até ao nascimento de um filho. Depois disto abrandou, mas continuou a mostrar-se parco de carícias e a só raramente passar a noite em casa.

A propriedade, com a sua grande quantidade de gado, ocupava por completo Akcínia. Stepane pouco fazia: penteava-se e ia fumar, jogar as cartas, ou comentar as novidades da aldeia com os companheiros; ela que tratasse dos animais e dirigisse a casa. A sogra quase a não ajudava. Mal se esforçava um pedaço, caía na cama, de lábios amarelentos muito afilados, os olhos desvairados das dores, fitos no tecto, a gemer e a torcer-se. Nesses momentos, a cara dela, salpicada de monstruosos sinais pretos, cobria-se de um abundante suor e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas que a uma e uma se soltavam. Akcínia, então, largava o que estivesse a fazer e encolhia-se a um canto, a olhar com terror e piedade a cara da sogra.

Ano e meio sobre o casamento, a velha morreu. De manhã, Akcínia havia principiado a sentir as dores do parto; a sogra morreu a trabalhar, mesmo junto à entrada da antiga cavalaria. Foi isso por volta do meio-dia, uma hora antes de a criança nascer. A parteira, que ia a sair a correr, a prevenir Stepane, bêbedo, para não voltar para casa, para ao pé da mulher, descobriu a velha no chão, de pernas dobradas.

Depois do nascimento da criança, Akcínia apegou-se ao marido: não era amor, mas uma ternura amarga de mulher, e além disso o hábito. A criança morreu antes de um ano de idade. A vida do casal voltou a ser o que era antes. E, quando Grigóri lhe apareceu e começou a cortejá-la, Akcínia descobriu com terror que aquele rapaz escuro e afável a atraía. Andava à roda dela com uma obstinação de toiro, e era esta obstinação que a assustava. Reparava ela que ele não tinha medo de Stepane, e pressentia que não

renunciaria com facilidade a conquistá-la. Dizia-lhe a razão para resistir, com todas as suas forças resistia, mas a par disso verificava que começava a preocupar-se mais em se embelezar, tanto aos dias de semana como nos dias de festa, e que cada vez mais procurava que ele a visse. Eram ardentes e agradáveis as carícias em que a envolviam os olhos pretos de Grigóri. Ao levantar-se da cama, de manhã cedinho, para ir ordenhar as vacas, sorria e pensava, sem ainda compreender bem porquê: “Hoje tenho uma alegria. Mas qual? Grigóri... Grichka...” “Atemorizava-a este sentimento novo que a invadia, e avançava às apalpadelas através dos próprios pensamentos, com a mesma precaução com que se atravessa o Don sobre o gelo poroso do mês de Março.

Após a partida de Stepane, para cumprir o seu período de serviço militar, decidira encontrar-se com Grigóri o menos possível. E, depois daquela pesca à rede, mais essa decisão nela se firmou.

VIII

Dois dias antes do Pentecostes, os habitantes da aldeia dividiram o prado para a ceifa. Pantelei Prokófievitch lá esteve também. Voltou para casa a hora do almoço, com um suspiro descalçou as botas, e disse, coçando voluptuosamente os pés fatigados do caminho:

- Deram-nos um lote ao lado do Vale Vermelho. A erva não é por ai além. Ao cimo pega com a floresta e há, aqui e acolá, os seus pedaços rapados. Até escalrachos há.

- Quando ceifamos? - perguntou Grigóri.

- Passadas as festas.

- Levam a Dária com vocês? - inquiriu a velha, de expressão carregada.

Pantelei Prokófievitch fez com a mão um gesto que significava: “Mete-te na tua vida!”

- Se precisarmos, levamo-la . Dá-nos mas é de comer. Que tens tu que estar para aí de braços a abanar?

A velha abriu de arremesso a porta do forno e tirou dele a sopa quente. A mesa, Pantelei Prokofievitch falou demoradamente da distribuição dos lotes e da esperteza do atamane, que ia enrolando a assembleia toda.

- Já o ano passado ele fez o mesmo - interveio Dária. Na altura da distribuição, levou o tempo todo a insistir para a Malachka Frolova tirar à sorte.

- Velho javardo! - disse Pantelei Prokófievitch com a boca cheia.

- E quem emeda e apanha a erva? - perguntou timidamente Duniachka.

- Então tu para que serves?

- É que sozinha não posso.

- Dizemos à Akcínia Asstakhova que nos ajude. Stepane pediu-me para ceifarmos por ele. Temos que lhe fazer o jeito.

No dia seguinte de manhã, montado num cavalo selado, de pernas brancas, Mitka Korchunov apareceu na propriedade dos Melekhoves. Caía uma morrinha. Na aldeia a atmosfera era baça. Mitka curvou-se da sela, abriu o portão e entrou no pátio. Do patamar da porta a velha interpelou-o com um desagrado evidente:

- Que vens tu cá fazer, tunante?

Mitka, turbulento e brigão, não era da estima dela.

- Para que estás tu a gritar, Ilinitchna? - protestou Mitka, já a amarrar o cavalo à balaustrada. - Venho falar com o Grichka. Onde está ele?

- Está a dormir no armazém. E tu estás doente? Não podes andar a pé?

- Não perdes uma ocasião de te meteres comigo - replicou-lhe Mitka, vexado.

Gingando o corpo e agitando a sua elegante chibata, que fazia estalar contra as botas de polimento, dirigiu-se para o alpendre do armazém. Grigóri dormia num carro a que haviam tirado o jogo dianteiro. Mitka fechou o olho esquerdo, como que a fazer pontaria, e atirou-lhe uma chibatada.

- Levanta-te, mujique (*Camponês russo*).

“Mujique “ era na boca dele a mais injuriosa das palavras. Grigóri, num salto, pôs-se de pé.

- Que é lá isso?

- Chega de dormir!

- Não sejas parvo, Mítri, ou eu zango-me...

Mitka sentou-se na borda do carro e disse, sacudindo com a chibata a lama que lhe secara nas botas.

- Fui desafiado, Grichka...

- Desafiado?

- Desafiado, pois. - Mitka disse um palavrão. - É o sótnik (*Comandante de uma sótnia, ou seja uma centúria ou esquadrão de cossacos*), que é um gabarola.

- Qual sótnik?

Mitka agarrou-o pela manga da camisa e explicou, já em voz mais serena:

- Sela o teu cavalo imediatamente, e anda daí ao prado. Vou-lhe mostrar quem sou. Eu tinha-lhe dito assim: “Vamos lá então experimentar, Vossa Nobreza!” - “Podes trazer “ respondeu-me ele “todos os teus amigos e camaradas. Vistos os prémios que a mãe da minha égua ganhou em Petersburgo nas corridas dos oficiais bato-os a todos.” Um raio que parta a égua dele mais a mãe! Eu é que não a deixo passar à frente do meu garanhão!

Grigóri pôs-se a vestir-se à pressa. Mitka não o largava; gaguejando de ira, ia contando:

- Está de visita em casa de Mokhov, o comerciante, lá o tal sótnik que eu digo. Como é que ele se chama? Lisstnítzkí, acho eu. É mais gordo que magro, de cara séria e usa lunetas. À merda! Não lhe hão-de as lunetas servir para nada. O meu garanhão é que eu não deixo ficar para trás!

A rir, Grigóri selou a velha égua de cobrição e, para que o pai não o visse, saiu para a estepe pela porta do lado da eira. Depois encaminharam-se para o prado do sopé da colina.

Os cascos das montadas produziram na lama um rumor de mastigação. No prado, perto de um choupo, vários cavaleiros esperavam: o sótnik Lisstnitzki numa bela égua escorrida e sete ou oito rapazes da aldeia nos seus cavalos.

- Onde partimos? - perguntou o sótnik a Mitka, compondo as lunetas e admirando o peitoral musculoso do garanhão.

- Daqui, dos choupos, e até ao tanque do tsar.

- E onde é esse tanque do tsar?

O sótnik piscava os seus olhos de míope.

- Lá adiante, Vossa Nobreza, à beira da floresta. Puseram-se os cavalos em fila. O sótnik levantou o pingalim acima da cabeça. A dragona dele dobrou-se em arco.

- Quando eu disser “três “, partimos! Vamos a isto? Uma, duas... três!

O sótnik foi o primeiro a arrancar, inclinado sobre o arção da sela e segurando o boné com uma das mãos. Num segundo tinha-se distanciado dos outros. Mitka, de face lívida e descomposta, alçou-se nos estribos, e a chibata dele, levantada a toda a altura, caiu sobre a garupa do garanhão, com o que a Grigóri pareceu uma lentidão insuportável.

Do choupo ao tanque do tsar eram pouco mais ou menos três verstás. A meio caminho, o garanhão de Mitka esguio, tenso como uma seta, apanhou a égua do sótnik. Grigóri corria sem entusiasmo. Atrás desde o princípio, ia num galope curto, observando com curiosidade a enfiada irregular dos cavaleiros que se afastavam.

Perto do tanque havia um montículo de areia, acumulada pelas águas primaveris. Cobria aquela corcova amarela de camelo uma vegetação miserável de cebolo. Grigóri viu o sótnik e Mitka escalarem o montículo e desaparecerem-lhe do lado oposto, e atrás deles os outros, sucessivamente, galgarem-no. Quando chegou ao tanque, os cavalos suados estavam de novo reunidos, os rapazes tinham desmontado e rodeavam o sótnik. Mitka esplendia de uma alegria contida. O triunfo transparecia-lhe em cada movimento. O sótnik, contra o que era de esperar, não pareceu a Grigóri nada perturbado: encostado a uma árvore, fumava um cigarro e dizia, apontando com o dedo mendinho a égua, que tinha o ar de ter acabado de sair de dentro de água:

- Montei-a durante cento e cinquenta verstás. Só ontem é que cheguei da estação. Estivesse ela mais folgada, não me terias vencido, Korchunov.

- É possível - concedeu Mitka.

- Não há em todo o distrito animal mais feroso que o garanhão dele - disse com expressão de inveja um rapazola sardento, que fora o último do grupo a chegar.

- É um bom cavalo. - E Mitka afagou-lhe o pescoço, com mão trémula de comoção e olhou para Grigóri, com um sorriso discreto.

Abalaram dali os dois juntos, contornando a colina, em vez de seguirem pela estrada. o sótnik despedira-se deles friamente, levando dois dedos à pala do boné, após o quê lhes virara as costas.

Já próximos da propriedade, Grigóri viu Akcínia, que caminhava em direcção a eles. Vinha a arrancar as folhas a um ramo de árvore. Mal viu Grichka, baixou a cabeça.

- Oh! - gritou-lhe

- Porque é essa vergonha? Iremos nós nus?

Mitka, e piscou um olho: - Bola-de-neve, rosa silvestre! Grigóri olhava em frente, e já quase havia ultrapassado Akcínia, quando, de repente, deu uma chibatada na égua, que ia a passo lento. Esta ergueu-se nas patas traseiras, arrancou, e salpicou Akcínia.

- Eh, lá, diabo ruim!

Ele virou com brusquidão a égua excitada e, avançando para Akcínia, perguntou-lhe:

- Porque não deste os bons-dias?

- Porque não os mereces.

- Foi por isso que eu te salpiquei. Não armes em vaidosa!

- Deixa-me! - protestou Akcínia, agitando os braços diante do focinho do animal.

- Queres que o teu cavalo me pise?

- Não é um cavalo, é uma égua.

- É o mesmo. Deixa-me!

- Porque te zangas, Akciútka? É pelo que se passou o outro dia no prado?

Grigóri fitava-a nos olhos. Akcínia quis dizer qualquer coisa, mas uma lágrimazinha assomou-lhe aos cantos dos olhos negros, os lábios puseram-se-lhe de súbito a tremer, a garganta moveu-se-lhe convulsivamente, e murmurou:

- Deixa-me, Grigóri... Não estou zangada... Eu... - E desapareceu.

Grigóri, surpreso, apanhou Mitka perto do portão.

- Vais à seroadá hoje? - perguntou-lhe este.

- Não.

- Quê? Convidou-te para passares a noite com ela?

Grigóri passou a palma da mão pela testa e não respondeu.

IX

Do Pentecostes o que restava nas propriedades da aldeia era tomilho seco espalhado no chão, uma poalha de folhas de mentastro pisadas, e ramos murchos de castanheiro e de freixo pendurados dos portões e das portas.

Logo a seguir ao Pentecostes começou-se a ceifa do feno. Desde manhã cedo, as saias dos dias festivos, os bordados berrantes dos aventais, as cores dos lenços de cabeça das mulheres floriram o prado. A aldeia inteirinha estava nos campos. Os ceifeiros e as apanhadeiras do feno tinham-se vestido como para uma festa, conforme um costume antigo. Desde o rio até às distantes matas de amieiros, os prados vibravam e suspiravam sob as foices devastadoras.

Os Melckhoves chegaram um pouco atrasados. já cerca de metade da aldeia lá estava.

- Isso é que foi madrugar! - gritavam-lhe os ceifeiros já encharcados em suor.

- A culpa não é minha. É das mulheres! - E o velho sorria maliciosamente, excitando os bois com o seu chicote de coiro por curtir.

- Boa saúde, rapaz! Estás atrasado, irmão, estás atrasado... disse, abanando a cabeça, um cossaco alto, de chapéu de palha, que estava a afiar a foice à borda do caminho.

- Já está seca a erva?

- Se fores depressa, ainda chegas a tempo. Mas, se te demoras, dás mesmo com ela seca. Onde é o teu lote?

- Para baixo do Vale Vermelho.

- Bem podes, então, dar pressa aos bois, ou não chegas lá hoje.

Akcínia ia sentada nas traseiras do carro, de cara envolvida num lenço que a protegia do sol. Pela fenda estreita por onde os olhos lhe espreitavam, olhava com indiferença e frieza para Grigóri sentado em frente dela. Dária, também embuçada e ataviada, de pernas pendentes por entre as grades do carro, dava ao filho um longo seio venoso. Duniachka agitava-se à frente, lançando olhares felizes para o prado e para as pessoas que ia encontrando pelo caminho. A face jubilosa dela, tisonada e sardenta na base do nariz, Parecia dizer: “Estou contente e sinto-me feliz, porque este dia de céu azul sem nuvens é alegre e bom, e a minha alma está cheia de uma serenidade igual, azul e pura. Estou contente e nada mais quero.”

Pantelei Prokófievitch puxou para a palma da mão a manga da sua camisa de algodão e enxugou o suor que lhe corria por debaixo da pala do boné. Manchada de suor, negrejava-lhe a camisa, que lhe cingia o dorso curvado. O sol trespassava a lã cinzenta das nuvens e os seus raios caíam em leque sobre as longínquas colinas prateadas do outro lado do Don, sobre a estepe, sobre os Prados, sobre a aldeia.

Num instante se almoçou. Toucinho e requeijão, o alimento preferido dos cossacos, trazidos de casa num saco, constituíam a refeição.

- Não vale a pena ir a casa - disse durante o almoço Pantelei Prokófievitch. - Põem-se os bois a pastar na floresta e acabamos o trabalho amanhã de manhã, quando o sol tiver enxugado o orvalho da noite.

Depois de comerem, as mulheres principiaram a apanhar com os ancinhos a erva cortada, que ao murchar e secar exalava um aroma intenso e inebriante.

Parou de se ceifar ao cair da noite. Akcínia findou de ancinhar os últimos carreiros de erva e dirigiu-se para o acampamento, Para cozinhar a kacha. Todo o dia ela escarnecera maldosamente de Grigóri, o olhara com olhos de ódio, como para se vingar de uma grave e inesquecível ofensa. Sombrio e um pouco abatido, Grigóri levou os bois ao Don a beber. O pai, que constantemente havia observado os dois, disse-lhe, com um olhar hostil:

- Ceia e a seguir vais guardar os bois. E toma atenção, não os deixes ir para o prado. Levas o meu zipune.

Dária deitou o filho debaixo do carro e foi com Duniachka apanhar lenha seca na floresta.

Por sobre os prados, a Lua, derreada, no seu quarto crescente, avançava pelo céu negro e inacessível. Como flocos de neve, borboletas sarabandeavam sobre o fogo. Todos se sentaram em redor dele, para a ceia, numa grande esteira estendida no chão. A kacha fervia numa marmita grande, negra de fumo. Dária limpou as colheres à orla da saia e gritou a Grigóri:

- Anda cear!

De zipune aos ombros, Grigóri emergiu do escuro e aproximou-se da fogueira.

- Porque estás tu com essa cara? - disse Dária, a rir.

- Vai chover, com certeza. Estão-me a doer os rins. - tentou Grigóri gracejar.

- O que ele não quer é guardar os bois, vou jurá-lo.

- E Duniachka, risonha, sentou-se ao lado do irmão e pôs-se a falar com ele, sem conseguir, porém, que a conversa pegasse.

Pantelei Prokófievitch comia a sua kacha com gravidade, fazendo estalar entre os dentes os grãos mal cozidos. Akcínia comia de olhos baixos, sorrindo sem entusiasmo às brincadeiras de Dária. Um rubor inquieto abrasava-lhe as faces.

Grigóri foi o primeiro a levantar-se, para ir tratar dos bois.

- Cuidado, não os deixes pisar a erva do vizinho! - bradou-lhe o pai ao vê-lo abalar. - Engasgou-se com a kacha e durante uma porção de tempo tossiu aflito.

Duniachka, de bochechas infladas, conteve uma risada.

O lume ia esmorecendo. Os ramos, ao consumirem-se, envolviam o grupo sentado no cheiro de mel das folhas queimadas.

À meia-noite, Grigóri acercou-se do acampamento como um ladrão. A uma dezena de passos estacou. Do carro erguia-se o ronco modulado de Pantelei Prokófievitch. Uma brasa ainda mal apagada brilhava sob a cinza, como um olho doirado de pavão.

Um vulto pardo de pessoa embuçada avançou vagarosamente em ziguezague em direcção a Grigóri e parou a pouca distância dele. Era Akcínia. Era ela. O coração de Grigóri rompeu a bater mais rápido e mais forte. Sentiu as pernas desfalecerem-lhe, avançou uns passos, atirou para trás uma das abas do zipune e contra ele a apertou, ardente e dócil. Os joelhos dela vergaram-se, toda ela tremia, vibrava, batendo os dentes. Com um movimento brusco, ele ergueu-a nos braços, tal como um lobo lança para cima do dorso a ovelha degolada, e com ela se foi, arquejando, atrapalhando-se com as abas do zipune aberto de par em par.

- Oh, Cricha... Grichenka!... Pai...

- Está calada!...

Akcínia libertou-se dele e, sufocada pelo cheiro acre da pele de carneiro do zipune, esmagada pelo amargor dos remorsos, quase gritou, em voz grave e gemente:

- Deixa-me. Não é preciso... Eu vou pelo meu pé!...

X

O amor tardio de uma mulher não é como uma tulipa vermelha da estepe, mas como a flor da beladona e a do meimendro dos caminhos.

Desde a ceifa do feno Akcínia era outra. Dir-se-ia que lhe haviam marcado, estigmatizado a face. Ao cruzarem-se com ela, as mulheres fitavam-na causticamente e abanavam a cara depois de ela passar, as raparigas invejavam-na, e ela erguia com orgulho a sua cabeça feliz, mas culpada.

Não tardou que toda a gente soubesse da ligação de Grichka. A princípio, falava-se do caso a meia voz: uns acreditavam, outros não. Mas, desde que Kuzka Kurnóci (*É como se disséssemos Kuzka do Nariz Chato*), o pastor comunal, os viu uma madrugada, perto do moinho de vento, deitados numa seara baixa, a claridade pálida do quarto minguante, o rumor cresceu como uma torrente de lama.

Assim chegou aos ouvidos de Pantelei Prokófievitch. Um domingo, foi ele à loja de Mokhov. Mal lá se cabia. Quando ele entrou, os outros abriram caminho e houve sorrisos. Ele dirigiu-se ao balcão, onde se estavam a vender tecidos. O próprio patrão, Serguei Platónovitch, acorreu a servi-lo.

- Há uma porção de tempo que não aparecias, Pantelei.
- É o trabalho da casa. Não se dá conta dele.
- Essa agora! Com filhos como os que tens, não das conta do trabalho?
- Os meus filhos? Petro está a cumprir o seu período de serviço militar. A trabalhar somos só os dois, Grichka e eu.

Serguei Platónovitch separou em duas a sua barbicha rija e já a fazer-se grisalha e olhou de soslaio, com ar cúmplice, para os circunstantes.

- Ouve lá, meu pombinho, porque é esse segredo?
- Quê?
- Como quê? Pensas em casar o teu filho e não dizes nada?
- Qual filho?
- O teu Grigóri, que está solteiro. Ou não?
- Por enquanto, não faço tenção de o casar.
- Mas ouvi dizer que ias arranjar para nora... a Akcínia do Stepane Asstakhov.

- Eu? Mas o marido está vivo... Queres mangar comigo, Serguei Platónovitch? Há?

- Mangar, eu? Ouvi-o dizer para aí.

Pantelei Prokófievitch passou uma das mãos sobre a fazenda de uma peça desdobrada em cima do balcão, virou-se bruscamente e no seu passo claudicante dirigiu-se para a porta. A direito tomou o caminho de casa. Ia de cabeça baixa como um toiro, cerrando os punhos nodosos e coxeando mais que habitualmente. Ao passar por diante da propriedade dos Asstakhoves, olhou através da sebe: Akcínia, elegante, rejuvenescida, baloiçando os quadris, entrava em casa com um balde vazio.

- Espera aí um pedaço!

Pantelei Prokófievitch transpôs febrilmente o portão. Akcínia parou à espera dele. Entraram os dois em casa. O pavimento de terra batida, muito limpo, estava polvilhado de areia vermelha, e em cima de um banco, no canto de honra (*Canto do compartimento principal da casa, fronteiro à porta, e reservado para as visitas de categoria*), viam-se uns bolos ainda quentes do forno. Do quarto vinha um cheiro de roupa arrecadada e de anis.

Um gato malhado, de grande cabeça, aproximou-se das pernas de Pantelei Prokófievitch e arqueando o dorso roçou-se-lhe amigavelmente pelas botas. Com um pontapé, Pantelei Prokófievitch atirou-o contra o banco e, de olhos fitos na testa de Akcínia, gritou-lhe:

- Que andas tu a fazer? Há? Mal o teu marido virou costas, e já comes a abanar o rabo. Ao Grichka vou eu dar uma ensinadela e ao teu Stepane escrever-lhe!... Ele precisa de saber. Ainda não apanhaste pancada bastante, puta... A partir de hoje, não tornas a pôr os pés na minha fazenda. Andas na pouca vergonha com outros e Stepane é a mim que virá pedir contas...

Akcínia, de olhos semicerrados, escutava-o. Mas, de repente, sacudiu sem pudor a orla da saia, envolvendo Pantelei Prokófievitch num perfume de roupa feminina, avançou para ele, de peito empertigado, face descomposta e rilhando os dentes.

- És meu sogro? Há? És meu sogro? Que tens tu que me dar lições? Vai-as dar à cuzuda da tua mulher! Vai lá mandar para a tua casa!... Eu, a ti, diabo coxo, estropiado, nem te quero ver!... Põe-te a andar. Não me metes medo!

- Espera aí, desavergonhada!

- Não tenho nada que esperar. Tu não és meu pai. Vai para donde vieste! O teu Grichka, se me apetecer, como-o com os ossos todos, e não tenho contas a dar a ninguém!... Ora aí tens. Engole lá! Gosto do Grichka. E depois? Queres-me bater?... Vais escrever ao meu marido?... Podes até escrever ao atamane. Mas o Grichka é meu! Meu! Meu! É meu e há-de-o continuar a ser!...

Akcínia encostava a Pantelei Prokófievitch intimidado os seios que lhe palpitavam na blusa apertada, como abetardas apanhadas na rede, abrasava-o na chama dos seus olhos pretos, atirava-lhe palavras cada vez mais terríveis e impudentes. Pantelei Prokófievitch, de sobrolhos carregados, encaminhou-se para a saída, às apalpadelas pegou na bengala que deixara a um canto, e abriu a porta com as costas, agitando os braços.

Akcínia. empurrou-o para fora do vestibulo, arquejando e gritando como uma danada:

- Quero amar Por toda a vida amarga que passei!... Depois, matem-me se quiserem! Grichka é meu! Meu!

A manquejar, murmurando o que quer que fosse por entre a barba, Pantelei Prokófievitch dirigiu-se para casa. Encontrou Grichka no quarto. Sem lhe dizer uma palavra, despediu-lhe uma bengalada nas costas. Grigóri encolheu-se e agarrou o braço do pai.

- Porque é isso, pai?

- Pelo que tu fizeste, filho de uma cadela!

- Mas que fiz eu?

- Não emporcalhes o vizinho! Não envergonhes o teu pai! Não te portes como um cão! - berrava Pantelei Prokófievitch, arrastando Grigóri pelo quarto e procurando soltar a bengala.

- Não te deixo bater-me! - dizia Grigóri em voz surda, e, apertando os maxilares, arrancou a bengala ao pai e, zás, partiu-a contra um joelho.

Pantelei Prokófievitch atirou um murro a nuca do filho. Hei-de-te matar à chicotada à frente de todos!... Ali, semente do diabo, filho maldito!... - E cerrava os punhos, pronto a tornar a bater. - Vou-te casar com a Marfuchka, a idiota!... Vou-te capar!... Tu vais ver!...

Com o barulho, a mãe apareceu.

- Prokófitch, Prokófitch!... *(A mulher trata aqui o marido por uma forma popular do Patronímico)* Sossega!... Ouve lá!...

Mas o velho estava completamente fora de si. Bateu na mulher, derrubou a máquina de costura e, quando se fartou, saiu a correr para o pátio. Ainda Grigóri não tinha tido tempo de tirar a camisa, que na luta se havia rasgado numa manga, já a porta voltava a abrir-se com violência e no limiar dela, sombrio como uma nuvem de tempestade, de novo aparecia Pantelei Prokófievitch.

- Vamos casá-lo, a este filho de uma cadela!... - Deu uma patada no chão, como um cavalo, de olhos fitos nas costas musculosas de Grigóri. - Caso-te!... Amanhã mesmo te arranjo mulher! Ao que eu cheguei! Rirem-se-me na cara, por causa do meu filho!

- Deixa-me enfiar uma camisa, e casa-me depois.

- Caso-te!... Caso-te com a idiota!...

Bateu com a porta. Os passos soaram-lhe no patamar, depois extinguiram-se.

XI

Os carros toldados haviam sido colocados em filas por trás da aldeia de Setrakov, na planície. Com extraordinária rapidez uma cidadezinha surgira, limpa, de tectos brancos, com ruas direitas e ao centro uma praça, na qual uma sentinela rondava.

A vida corrente do acampamento começara, como todos os anos em Maio, com a sua monotonia. Todas as manhãs, o grupo de cossacos que ficara de guarda nos pastos voltava com os cavalos. Depois limpavam-nos, selavam-nos, faziam-se as chamadas, as formaturas. O oficial superior, comandante do campo, o starchiná (*Chefe*) Popov, dava ordens em voz sonora, e os sargentos instruíam aos berros os jovens cossacos. Por trás de um cabeço simulavam-se combates, com os seus cercos e envoltimentos astuciosos do “inimigo “. Faziam-se exercícios de tiro de carabina. Os cossacos mais novos gostavam de medir-se à arma branca, ao que os mais velhos se esquivavam.

Os homens estavam roucos à força do calor e da vodka. Um vento odorífero, entontecedor, soprava por sobre as longas filas dos carros, as ratazanas silvavam a distância, e a estepe despertava o desejo de fugir cada vez para mais longe dos lugares habitados e do fumo das casas caiadas de branco.

Uma semana antes do regresso do acampamento, Andrei Tomíline, irmão do artilheiro Ivane, recebera a visita da mulher. Levara-lhe ela pãozinhos de leite feitos em casa, toda a casta de mantimentos e uma porção de notícias da aldeia.

No dia seguinte, cedinho, a mulher abalara, com os cumprimentos e recados dos homens para as famílias e chegados. Stepane foi o único que a não incumbiu de nada. Na véspera caíra doente, tratando-se a vodka, sem querer ver ninguém, nem mesmo a mulher de Tomíline. Não tinha comparecido aos exercícios e, a pedido dele, o enfermeiro fizera-lhe uma sangria e pusera-lhe no peito uma dúzia de sanguessugas. Sentado, em camisa, contra uma roda do carro, com a capa branca do boné suja de se lhe roçar contra o sebo do eixo, olhava, estendendo os lábios, para as sanguessugas túrgidas de sangue negro, colocadas dos dois lados do peito arqueado.

De pé ao lado dele, o enfermeiro do regimento fumava, expelindo o fumo pelos intervalos dos raros dentes.

- Então?

- Isto alivia o peito. Está o coração mais à vontade. - As sanguessugas são o melhor que há!

Tomíline acercou-se e piscou um olho a Stepane.

- Stepane, quero-te dizer uma palavrinha.

- Diz lá.

- Chega aqui um instante.

Stepane levantou-se, a gemer, e afastou-se com Tomíline.

- Desembucha lá, então.

- A minha mulher esteve aí. Foi-se embora esta manhã.

- E depois?

- Na aldeia dizem coisas da tua mulher.

- Quais coisas?

- Não se diz bem.

- Mas que dizem?

- Que tem relações com o Grichka Melekhov... À vista de toda a gente.

Stepane empalideceu, arrancou as sanguessugas do peito e esmagou-as aos pés. Esmagada a última, abotoou a gola da camisa, e em seguida, com expressão ansiosa, de novo a desabotoou... Os lábios, agora brancos como a cal, não lhe paravam, ora trémulos, esboçando um sorriso absurdo, ora contraindo-se em bola, com os seus lábios azulados... Tomíline tinha a impressão de ver Stepane mastigar qualquer coisa dura e resistente. Depois, a pouco e pouco, as cores voltaram-lhe à cara e os lábios serenaram-lhe, mantidos quietos pelos dentes cerrados. Stepane pegou no boné, esfregou-lhe a nódoa da capa branca, alastrando-a ainda mais, e disse em voz forte:

- Obrigado pelas notícias.

- Quis-te prevenir... Desculpa... Parece que é verdade...

Com ar compadecido, Tomíline deu uma palmada numa das próprias coxas, e dirigiu-se para o cavalo ainda por desselar. Um rumor de vozes enchia o acampamento. Os cossacos regressavam do exercício. Stepane conservou-se um momento imóvel, examinando com expressão severa e concentrada a sujidade negra do boné. Uma sanguessuga agonizante, meio esmagada, trepava-lhe por uma bota.

XII

Faltava semana e meia para os cossacos voltarem do acampamento.

Akcínia abandonava-se com frenesim ao seu amargo e tardio amor. A despeito das ameaças do pai, Grigóri todas as noites ia a casa dela às escondidas e de lá saía ao nascer do dia.

Ao cabo de duas semanas, estava fatigado como um cavalo que tivesse feito uma caminhada superior as suas forças.

As noites sem dormir haviam-lhe esmaecido a pele tisonada da cara de malares salientes, e do fundo das órbitas cavadas os olhos olhavam-lhe com expressão de cansaço.

Akcínia já não emбуçava a cara no lenço: por baixo dos olhos, as olheiras dela eram negras e lúgubres; os lábios ávidos e túmidos, levemente revirados, riam-lhe de um modo inquieto e provocador.

Tão extraordinária, tão evidente era aquela doida ligação deles, tão frenética a chama em que se abrasavam, sem vergonha de ninguém, nem de ninguém se ocultarem, emagrecendo e perdendo as cores à vista dos vizinhos, que quem os encontrava se sentia, sem saber porquê, contrafeito de os encarar.

Os camaradas de Grigóri, que ao princípio das relações dele com Akcínia gracejavam com ele, sentiam-se agora, na sua presença, perturbados e pouco à vontade. As mulheres, que, no fundo, a invejavam, condenavam Akcínia, esperando com uma alegria ruim o regresso de Stepane, a estalarem de curiosidade. Todas as conversas delas andavam à volta do que aconteceria.

Fosse Grigóri a casa de Akcínia fingindo esconder-se das pessoas, tivesse-se Akcínia entregado a Grigóri observando um relativo segredo e sem se negar a outros, e não se veria no caso nada de desabitual ou de chocante. A aldeia teria falado, mas acabaria por se calar. Eles, porem, viviam o seu amor quase as claras, unidos por algo importante, que não tinha o aspecto de uma união fugaz, e por isso a aldeia considerou aquilo criminoso e imoral, e se consumia numa expectativa malsã: - Stepane ia chegar e cortar o mal pela raiz.

No quarto, por cima da cama de Akcínia, havia um fio esticado e, enfiados no fio, carrinhos de linhas brancas e pretas. Estavam ali por enfeite. Ali as moscas passavam a noite, e do fio ao tecto uma aranha tecera uma teia. Grigóri estava de cabeça pousada no

braço nu e fresco de Akcínia e fitava o rosário dos carrinhos de linha sobranceiro a ele. Com a mão livre, endurecida pelo trabalho, Akcínia desenredava na cabeça abandonada de Grigóri os caracóis ásperos como crina de cavalo. Os dedos de Akcínia cheiravam a leite de vaca ordenhado de fresco; quando Grigóri virava a cabeça e mergulhava a face na axila de Akcínia, um cheiro adocicado e penetrante, como o do lúpulo fermentado, impressionava-lhe as narinas: um cheiro de suor de mulher.

Além da cama de madeira pintada, ornada aos quatro cantos de bolas torneadas, havia no quarto, ao lado da porta, uma vasta arca chapeada, com o enxoval e os vestidos de Akcínia. No canto fronteiro a porta, estava uma mesa, com um oleado em que se representava o general Skobélev galopando sobre estandartes inclinados diante dele, duas cadeiras e, por cima da mesa, os ícones com as suas auréolas modestas de papel de cores. De um lado e de outro, pendiam fotografias salpicadas das moscas, Num grupo de cossacos, de poupas levantadas, peitos arqueados, cobertos de correntes, e sabres desembainhados, viam-se Stepane e os seus camaradas da época do serviço activo. Pendurada de um cabide, estava uma farda de Stepane. A lua espreitava pela fresta dos batentes da janela e indecisamente acariciava os dois galões brancos de sargento de uma dragona.

Akcínia suspirava e beijava Grigóri um pouco acima da base do nariz, no ponto de união das sobrancelhas.

- Grichka, minha espiguinha de trigo...

- Que é?

- Restam-nos nove dias-

- Ainda não é já.

- Que vai ser de mim, Grichka?

- Como queres tu que eu o saiba?

Akcínia reteve um suspiro e de novo se pôs a desenredar a poupa emaranhada de Grigóri.

- Stepane mata-me... - disse ela, em tom meio afirmativo, meio interrogativo.

Grigóri não lhe respondeu. Tinha sono. Despregou a custo as pálpebras e descobriu exactamente por cima dele o brilho azulado dos olhos pretos de Akcínia.

- Em o meu marido voltando, abandonas-me, com certeza. Terás medo?

- Porque hei-de eu ter medo? Tu é que és a mulher dele, quem tem de ter medo és tu.

- Quando estamos os dois juntos, nada me assusta. Mas, durante o dia, reflito e a inquietação assalta-me...

Grigóri bocejou, rebolou a cabeça e atirou:

- O Stepane voltar não é tudo. O pior é que o meu Pai decidiu casar-me.

Sorriu, e dispunha-se a acrescentar qualquer coisa. Mas sentiu o braço de Akcínia subitamente afrouxar-lhe Sob a cabeça, afundar-se no travesseiro, estremecer, e ao fim de um segundo retesar-se de novo e tornar à posição anterior.

- E quem é a noiva? - inquiriu Akcínia em voz abafada.

- Ainda não a pedi. A minha mãe acha que ele pensa em Natália Korchunova.

- A Natália... A Natália é uma bonita rapariga... Muito bonita. Pois bem, casa-te... Vi-a um destes dias na igreja... Estava bem elegante...

Akcínia falava rapidamente, mas as palavras dela perdiam-se, mal se ouviam, sem vida e sem cor.

- Bem me importa a mim a beleza dela! Era contigo que eu gostaria de casar.

Com brusquidão, Akcínia retirou o braço de sob a cabeça de Grigóri e olhou através da vidraça, de olhos secos. Lá fora, estava um luar amarelo e álgido. O armazém projectava uma sombra pesada. Cantavam grilos. À beira do Don zumbiam libélulas e o ruído grave e soturno delas penetrava no quarto pela janela única.

- Grichka!

- Tiveste alguma ideia?

Akcínia agarrou as mãos de Grigóri, duras e insensíveis as carícias, apertou-as contra o peito, contra as faces frias e lívidas, e exclamou em voz gemente:

- Porque me quiseste tu, maldito? Que vou eu fazer?... Grichka!... Despedaças-me a alma!... Estou perdida... Stepane não tarda aí: que lhe hei-de eu dizer?... Quem me acudirá?...

Grigóri ficou-se calado. Akcínia fitou-lhe, com tristeza, o belo nariz bem desenhado, os olhos ocultos na sombra, os lábios mudos... E de repente a torrente rompeu o dique: Akcínia pôs-se a beijar-lhe com fúria a cara, o pescoço, as mãos, a moita áspera, negra e crespa do peito. A espaços, arquejante, murmurava, e Grigóri sentia como ela tremia:

- Grichka, meu amiguinho... meu querido... vamo-nos embora daqui. Meu amado! Deixemos tudo e vamo-nos embora. Eu deixo o meu marido, deixo tudo, para estar contigo... Vamo-nos embora para as minas, para longe. Ao pé de ti, nunca me queixarei. Tenho um tio, que é guarda das minas de Paramonov. Ele nos ajudará. Grichka! Diz ao menos uma palavra.

Grigóri ergueu a sobrancelha esquerda em bico, pensou, e subitamente escancarou os olhos ardentes, pouco russos, que lhe riam e reluziam de irónicos.-

- És parva, Akcínia, és parva! O que estás a dizer não tem sentido! Para onde queres tu que eu VA, se deixar a propriedade? Além disso, para o ano que vem, faço o serviço militar. Não pode ser... Nunca deixarei a terra. Aqui é a estepe, respira-se. Mas fora daqui? O Inverno passado fui com o meu pai à estação e cuidei morrer, com os uivos das locomotivas e aquele ar cheio de fumo de carvão. Como as pessoas ali vivem é que eu não sei. Talvez estejam até habituadas àquela fumaceira... - Grigóri cuspiu e tornou: - Nunca abandonarei a aldeia.

Fora, a noite escureceu. Uma nuvenzinha passava por diante da Lua. A claridade amarela que inundava o pátio apagou-se, as sombras alargaram-se, deixou de poder distinguir-se o que era certo negrume por trás da sebe: se lenha do ano anterior, se mato que ali houvesse crescido.

Também no quarto a sombra se adensou, as divisas de sargento do uniforme cossaco pendurado perto da janela esmaeceram e, na obscuridade cinzenta e espessa, Grigóri não via o frémito dos ombros de Akcínia, nem a cabeça, que ela apertava entre as mãos, estremecer-lhe em silêncio sobre a almofada.

XIII

Desde a visita da mulher de Tomíline ao acampamento, Stepane estava irreconhecível. As sobrancelhas franzidas carregavam-lhe o olhar, uma ruga dura e profunda cortava-lhe obliquamente a testa. Falava pouco com os camaradas, por uma maravalha se irritava e questionava, sem razão se zangou com o sargento-ajudante Pléchakov, e a Petro Melekhov quase nem para ele olhava. Os laços de amizade que os uniam haviam-se quebrado. A cólera pesada que nele refervia dementava-o, como um cavalo de freio nos dentes. Ao voltarem à aldeia, eram inimigos.

Tinha fatalmente que surgir um incidente que fosse o desenlace das relações tensas e hostis que entre eles se haviam estabelecido nos últimos tempos. Como à ida, eram cinco a regressar do acampamento. O cavalo de Petro e o de Stepane tinham sido atrelados ao carro. Andrei Tomiline, a tremer de febre, ia deitado no interior, com um capote por cima. Como Fédote Bodóvsskov era um grande preguiçoso, era Petro quem guiava. Stepane caminhava a pé ao lado do carro, cortando à chicotada as cabeças roxas dos cardos da beira da estrada. Chovia. A terra negra, grossa, pegava-se às rodas, como alcatrão.

O céu outoniço, cor de cinza, estava carregado de nuvens. Caía a noite. Por mais que se olhasse, não se via a luz de uma aldeia. Petro distribuía com liberalidade as chicotadas nos cavalos. E de repente, no escuro, Stepane gritou:

- Que é lá isso?... Ao teu cavalo poupas tu. Mas no meu o chicote não descansa!
- Repara melhor. Ao que não puxa é que eu bato.
- Ora não te atrele eu! os Turcos são fortes...

Petro largou as rédeas.

- Que é que tu queres?
- Não é nada. Deixa-te ir sentado. - É melhor que te cales.

- Para que o provocas tu? - disse Khristónia na sua voz grave, aproximando a montada de Stepane.

Este não replicou. No negrume, a cara dele não se via. Meia hora se mantiveram calados. Ouvia-se o rumor da lama sob as rodas. Uma chuva preguiçosa e como que peneirada soava no toldo. Petro abandonara as rédeas e fumava. Passava em revista na

cabeça todas as injúrias que diria a Stepane na próxima altercação. Ia a estalar de irado. Apetecia-lhe insultar aquele canalha do Stepane, chuchar dele.

- Chega-te para lá. Deixa-me entrar no carro.

E Stepane empurrou levemente Petro e pôs um pé no estribo.

Naquele mesmo momento, o carro deu um solavanco inesperado e estacou. os cavalos escorregavam na lama e, das patadas que despediam, saltavam-lhes chispas de sob as ferraduras.

O balancim rangia.

- Aí-oooh!... gritou Petro, e saltou do carro.

- Que há? - perguntou Stepane com inquietação.

Khristonia acercou-se a galope.

- Partiu-se qualquer coisa, diabos!

- Arranjem luz!

- Quem tem fósforos?

- Dá-me dai fósforos, Stepane!

À frente, um cavalo debatia-se, resfolegando. Alguém riscou um fósforo. Uma luz cor de laranja luziu, mas apagou-se logo. De mãos trementes, Petro apalpava o dorso do cavalo caído. Puxou a arreata.

- Ooooh!...

O cavalo soprou, deitou-se de lado, e a lança do carro estalou.

Stepane acudiu e acendeu uns poucos de fósforos de uma vez só. O cavalo dele jazia, de cabeça revirada, com uma pata dianteira enfiada num buraco da estrada.

Khristónia rapidamente soltou os tirantes. - Liberta-lhe a perna!

- Desatrele o cavalo do Petro, vá, depressa! - Espera, amaldiçoado! Ooooh!...

- Está aos coices, o demónio. Sai daí!

Com dificuldade se pôs de pé o cavalo de Stepane. Petro, todo sujo, segurava-o pela arreata. Khristónia, de joelhos na lama, palpava-lhe a perna inerte.

- Parece-me que está partida... - troou ele.

Fédote Bodóvsskov dava palmadinhas no dorso do cavalo.

- Vamos, puxa. Talvez ele ande.

Petro puxou a arreata. O cavalo deu um salto sem se apoiar na mão, esquerda e relinchou. Tomiline tinha enfiado as mangas do capote e andava à roda, desolado.

- Raiol!... Deram cabo do cavalo!

Stepane, que estivera todo aquele tempo calado, pareceu que só esperava por aquilo: empurrou Khristónia e atirou-se contra Petro. Tinha apontado à cabeça, mas falhou o

golpe, e atingiu-o no ombro. Agarraram-se um ao outro e tombaram na lama. Ouviu-se uma camisa rasgar-se. Stepane tinha derrubado Petro e, esmagando-lhe a cabeça sob um joelho, enchia-lha de murros. Praguejando, Khristónia separou-os.

- Mas que é isso?... - gritou Petro, cuspido sangue.

- Aprende a guiar, víbora! Olha para a estrada!... Petro tentava desprender-se das mãos de Khristónia.

- Que é lá isso? Está-me quieto! - roncou este, segurando-o com uma das mãos contra o carro.

Atreiou-se a par do cavalo de Petro o de Fedote Bodóvsskov, que era pequeno, mas robusto

- Monta no meu! - ordenou Khristónia a Stepane. Quanto a ele, sentou-se ao lado de Petro.

À meia-noite, chegaram à aldeia de Gnilóvsskoi. Pararam na primeira propriedade. Khristónia foi pedir hospitalidade para a noite. Sem fazer caso do cão, que lhe deitara os dentes a uma aba do capote, com um puxão forte abriu a portada de pau da janela e bateu com uma unha na vidraça.

- Patrão!

A chuva rumorejava, soava o uivo rouco dos cães.

- Patrão! Eli, boa gente! Em nome de Cristo, deixem-nos passar aqui a noite. Há? Somos reservistas, de regresso do acampamento. Quantos somos? Cinco. Ali, está bem! Deus lhe pague. Entrem lá! - bradou ele, virado para o portão.

Fédote fez entrar os cavalos. Esbarrou numa gamela de porcos deixada no meio do pátio e largou um palavrão. Recolheram-se os cavalos debaixo do alpendre de um barracão. Tomiline, que batia os dentes, penetrou na casa. Petro e Khristónia ficaram no carro.

Ao nascer o dia, dispuseram-se para a abalada. Stepane saiu da casa; uma velha, muito velhinha e curvada, vinha atrás dele a passo miúdo. Khristónia, que estava a atrelar os cavalos, disse-lhe com comiseração:

- Eh, avó, que dobrada que tu andas! Ao menos, é prático para as tuas vénias na igreja: basta baixares um pouco a cabeça, estás logo com ela no chão.

- Eu, meu falcãozinho, meu atamane, sou talvez boa para fazer vénias, mas tu para em ti se enforcarem cães... Cada um serve para o que serve.

A velha sorriu com severidade, mostrando a Khristónia admirado uma enfiada de dentinhosãos e cerrados.

- Mas tu tens uma dentadura de solha! Bem me podias dar uma dezena de dentes. Novo como sou, não tenho com que mastigar.

- E eu, meu bom, com que ficava?

- Punham-se-te dentes de cavalo, avó. De toda a maneira, temos de morrer, e no outro mundo não se olha para os dentes: os ciganos não pegam nos santos.

- Acaba lá com isso, Cristónia - disse Tomíline sorrindo, e subiu para o carro.

A velha acompanhou Stepane até ao alpendre do barracão.

- Qual é ele?

- O morzelo - suspirou Stepane.

A velha pousou no chão o pau a que se arrimava e, como um homem, com grande segurança, alçou a pata ferida do cavalo. Com os dedos delgados e aduncos demoradamente lhe palpou os ossos. O cavalo baixava as orelhas, mostrava as gengivas castanhas, e inclinava-se para trás, com a dor.

- Não, cossacozinho, não está nada partido. Deixa-mo, que eu trato dele.

- Achas que se cura, Avózinha?

- Se se cura? Ninguém o pode saber, meu bom. Mas acho que sim.

Stepane fez um gesto de conformação e dirigiu-se para o carro.

- Deixa-lo ou não? - disse a velha atrás dele, piscando os olhos.

- Pode ficar.

- Ela cura-to: deixa-lo com três patas e vens encontrá-lo sem nenhuma. O veterinário marreco com que nos topámos! E Khristónia desatou a rir.

XIV

Estou a secar por causa dele, Avózinha. Cada vez estou mais magra. Nem consigo apertar de vez a saia: de dia para dia me fica mais folgada... Quando ele me passa em frente do pátio. põe-se-me o coração a palpitar... Apetece-me deitar-me ao chão e beijar-lhe os passos... Talvez ele me tenha feito bruxedo... Faz qualquer coisa, Avózinha! Querem-no casar!... Faz qualquer coisa, querida. O que for pago-to. Vendo até à minha última camisa, se for preciso, mas faz qualquer coisa!

A velha Drózdikha fitava em Akcínia. os seus olhos brilhantes, que uma rede de rugas cercava, e abanava a cabeça ante aquelas palavras amargas.

- A quem pertence o rapaz?

- É o filho de Pantelei Melekhov.

- O Turco?

- Esse mesmo.

Pareceu pôr-se a velha a mastigar com a sua boca descaída, e tardou em responder.

- Vem cá amanhã, bonequinha, o mais cedo possível. Vem logo que o dia nasça. Iremos ao Don, à beira da água. Espalharemos o teu desgosto. Traz da tua casa uma pitada de sal. Não é preciso mais nada.

Akcínia envolveu a cara no seu xailinho amarelo e saiu do pátio, dobrada para diante.

O vulto escuro dela fundia-se na noite. As solas das botas soavam-lhe secamente. Distanciaram-se-lhe os passos. Algures, a ponta da aldeia, havia uma zaragata e vociferavam-se canções.

Ao alvorecer, Akcínia, que não dormira nada durante a noite, estava em frente da janela de Drózdikha.

- Avózinha!

- Quem está aí

- Sou eu, Avózinha. Levanta-te.

- Eu visto-me já.

Desceram pelo caminho que conduz ao Don. No embarcadoiro, a um lado do pontão, a parte dianteira de um carro abandonado emergia. A areia à beira da água parecia de gelo. Uma bruma húmida e fria subia do Don.

Drózdikha apertou na sua mão ossuda a mão de Akcínia e puxou esta para a água.

- Trouxeste o sal? Dá-mo ca. Faz o sinal da cruz, virada para o lado do Sol.

Akcínia persignou-se. Lançou um olhar de ódio para o clarão esperançoso e cor-de-rosa do nascente.

- Enche de água uma das mãos. Bebe! - ordenou Drózdikha.

Akcínia bebeu, molhando a manga da blusa. A velha, semelhante a uma aranha negra, agachara-se, de pernas abertas, sobre a água preguiçosa, e resmoneava.

- Fontes geladas, que vindes; do fundo... A carne a arder... Como um bicho feroz aninhado no peito.--- Angústia malina... E pela Santa Cruz... Puríssima, santíssima... Escravo de Deus, Grigóri... - ia chegando aos ouvidos de Akcínia.

Drózdikha deitou sal sobre a areia húmida, semeou-o sobre a água, e o resto pô-lo no peito de Akcínia.

- Atira um pouco de água por cima do teu ombro. Depressinha!

Akcínia assim fez. Com angústia e ira, olhou as faces tismadas de Drózdikha.

- Está pronto?

- Vai, querida, vai dormir. Está pronto.

Akcínia chegou a casa cansadíssima de ir a correr. As vacas dela mugiam no estábulo. Dária Melekhov, vermelha e ensonada, erguendo os formosos arcos das sobrancelhas, levava as suas a juntar ao rebanho comunal. Ao ver Akcínia passar por ela assim açodada, sorriu.

- Dormiu bem, vizinha?

- Graças a Deus!

- Onde foi a ida tão cedo?

- Aqui perto. Tive que fazer.

Os sinos tocaram a matinas, com os seus sons de cobre, que se repercutiam, desgarrados e frágeis. Na rua, um pastorinho dava estalos com o chicote,

Apressou-se Akcínia a tirar as vacas do estábulo e a trazer o leite para o vestíbulo, para o coar. Limpou ao avental os braços nus até aos cotovelos e, toda entregue aos seus pensamentos, vertia o leite no passador, que se cobria de espuma. Um ruído intenso de rodas ouviu-se. Relincharam cavalos. Akcínia pousou a vasilha e foi espreitar à janela.

Segurando o sabre, Stepane aproximava-se da cancela. Outros cossacos galopavam à compita, direitos à praça. Akcínia amarrotou o avental com as mãos e sentou-se no banco. Soaram passos no patamar... passos no vestíbulo... passos por trás da porta...

Emagrecido e distante, Stepane estacou à entrada.

- Então?...

Bandeando todo o seu corpo forte e pujante, Akcínia foi-lhe ao encontro.

- Bate-me! - disse ela em voz arrastada, e colocou-se de lado.

- Então, Akcínia?...

- Não te escondo nada: cometi uma falta. Bate-me, Stepane!

Encarou-o de frente, de cabeça encafuada nos ombros, toda ela encolhida, apenas protegendo o ventre com as mãos. Os olhos dela, muito pisados na cara desfigurada, que o medo estupidificava, fitavam-no sem pestanejar. Stepane vacilou e passou-lhe por diante. Um cheiro de suor de homem e de absinto amargo impregnava-lhe a camisa suja. Sem tirar o boné estendeu-se na cama e assim deitado, com um movimento dos ombros, se libertou do talim. O bigode acastanhado, antes sempre retorcido, caía-lhe molemente. Akcínia mirava-o de esguelha, sem virar a cabeça. De espaço a espaço, um estremecimento percorria-a. Stepane tinha posto os pés nas costas da cama. Uma lama viscosa soltava-se-lhe das botas. Fitando o tecto, brincava com a correia de coiro do sabre.

- Já fizeste a comida?

- Ainda não.

- Dá-me qualquer coisa de comer.

Tomou leite de uma malga, com uma colher, chupando o bigode. Vagarosamente mastigou o pão, de músculos contraindo-se-lhe e descontraindo-se-lhe sob a pele rosada das faces. Akcínia mantinha-se de pé perto do lume. Com um terror ardente olhava as orelhas pequenas do marido, que se lhe moviam longitudinalmente enquanto comia.

Stepane ergueu-se da mesa e benzeu-se.

- Conta lá, minha querida - pediu ele brevemente.

De cabeça baixa, Akcínia levantava a mesa. Não lhe tornou resposta.

- Conta lá como esperaste o teu marido, como lhe respeitaste a honra. Então?

Uma pancada terrível na cabeça atirou Akcínia contra a porta. As costas bateram-lhe numa ombreira, emitiu um queixume abafado.

Com uma pancada certa na cabeça, Stepane era homem para derrubar um cossaco da Guarda, quanto mais uma mulher enfraquecida e cansada. Era o medo que dava forças a Akcínia? Seria o seu temperamento resistente de mulher capaz de aguentar tudo? Voltou a si, respirou fundo e pôs-se de gatas.

Stepane, no meio do quarto, acendeu um cigarro, e não viu Akcínia levantar-se. Atirou a bolsa do tabaco para cima da mesa. Mas já ela batia com a porta. Ele correu-lhe atrás.

Coberta de sangue, Akcínia voava direita à sebe que separava o pátio dela do dos Melekhoves. Foi aí que ele a alcançou. A mão negra dele caiu-lhe como um gavião sobre a

cabeça. Os dedos cerraram-se-lhe nos cabelos. Puxou-a para ele, depois projectou-a no solo, sobre a cinza, a cinza da chaminé, que ela todos os dias ali ia vazar.

Era um marido a pisar a mulher aos pés, de mãos atrás das costas, e mais nada. Aleksei Chamil, o maneta, que ia a passar, olhou a cena, piscou os olhos, e um largo sorriso rasgou-lhe a barba revolta: por de mais se percebia porque corrigia Stepane a mulher.

De bom grado Chamil se demoraria a ver, porque sempre era uma coisa com interesse: se ele não acabaria por matá-la. Mas ele não era mulher nenhuma.

Quem visse Stepane de longe, poderia julgar que estava a dançar uma dança cossaca. Isso pensou primeiro Grichka, ao observá-lo da janela do quarto, aos pulos sem sair do mesmo sítio. Mas, ao compreender, saiu de rompante de casa. Nas pontas dos pés correu para a paliçada, cerrando convulsivamente os punhos contra o peito. Petro seguiu-o com o passo pesado das suas botas.

Grigóri saltou como uma ave a sebe alta e caiu sobre as costas de Stepane desprevenido. Este cambaleou, mas virou-se e avançou para ele como um urso.

Os irmãos Meleckoves lutavam selvaticamente. Encarniçavam-se contra Stepane como corvos num cadáver. Varias vezes Grichka foi ao chão, abatido pelos punhos de chumbo de Stepane. Não tinha corpo para se medir com ele. Mas aquele baixote e molengão do Petro vergava às pancadas, como um junco ao vento, mas aguentava-se nas pernas.

Stepane, com um olho a luzir (o outro tinha-o inchado e cor de ameixa pouco madura) recuava para a entrada de casa.

Apartou-os Khristónia, que vinha pedir uma arreata a Petro.

- Acabem com isso! - E agitou as mãos fortes como turqueses. - Acabem com isso, ou vou avisar o atamane. Petro cuspiu com cuidado na mão um pouco de sangue e metade de um dente, e disse em voz rouca:

- Vamos embora, Grichka. Havemos de o apanhar...

- Ora cai-me tu debaixo das unhas! ameaçou-o, do patamar, Stepane coberto de nódoas negras.

- Está bem! Está bem!

- Não há-de estar tão bem quando eu te arrancar a alma juntamente com as tripas!

- Isso é a sério, ou a brincar?

Rapidamente, Stepane galgou do patamar. Grichka precipitou-se ao encontro dele. Khristónia, porém, empurrou-o para a cancela, e preveniu-o:

- É só experimentares, e mato-te como a um cachorro!

A partir daquele dia, um ódio como um nó kalmuk estabeleceu-se entre os Melekhoves e Stepane Asstakhov.

Só dois anos mais tarde é que Grigóri Melekhov desfaria esse nó, na Prússia Oriental, perto da cidade de Stolipine.

XV

- Diz ao Petro para atrelar a égua e o cavalo dele. Grigóri saiu ao pátio. Petro estava a tirar o carro de debaixo do alpendre da cocheira.

- O pai diz para atrelares a égua e o teu cavalo.

- Já cá se sabia. Era melhor se estivesse calado! - respondeu Petro, levantando o eixo do carro.

Pantelei Prokófievitch, solene como um sacristão na missa, acabava a sua sopa de couves, encharcado em suor. Duniachka deitou um olhar rápido a Grigóri e ocultou na sombra fresca das pálpebras um sorriso maroto de rapariga. Ilmitchna, atarracada e grave, de xaile domingueiro, cor de palha, dissimulando nos cantos da boca a sua inquietação materna, olhou Grigóri e disse ao velho:

- Chega de te empanturrares, Prokófitch. Parece que estás esfomeado.

- Nem já me deixas comer! Isto é que é uma chata!

O bigode comprido de Petro, loiro como o trigo, apareceu à porta.

- Façam favor! A carruagem está às ordens.

Duniachka teve um frouxo de riso, que escondeu por trás de uma manga.

Dária atravessou a cozinha e examinou o pretendente, erguendo os arcos finos das sobrancelhas.

A tia Vassílissa, uma viúva manhosa, prima de Ilínitcica, acompanhava a família, na qualidade de casamenteira. Foi a primeira a entrar no carro e, rodando a cabeça redonda como uma bola, ria de dentes à mostra, negros e tortos.

Pantelei Prokófievitch admoestou-a:

- Tu aí, Vassenka, vê se te deixas de rir. És capaz de estragar o negócio todo com essa boca que tens. Os teus dentes são como os bêbedos: um a cair para um lado, outro para outro...

- Eh, primo, não é para mim que se vai fazer o pedido.

- O noivo não sou eu.

- Lá isso é verdade. Mas, mesmo assim, não te rias. Não tens dentes para risos... São já tão escuros que até agonia olhar para eles.

Vassílissa ofendeu-se. Entretanto Petro abria o portão. Grigóri tomou as arreatas, que exalavam o seu cheiro de coiro, e saltou para o lugar a frente. Pantelei Prokófievitch e Ilínitchria iam sentados, atrás, ao lado um do outro, como dois recém-casados.

- Dá-lhes com o chicote! - gritou Petro, afrouxando com uma das mãos as arreatas.

- Queres brincadeira, diabo? - Grichka mordeu o beijo e atirou uma chicotada a um dos cavalos, que sacudia as orelhas.

Os cavalos repuxaram os tirantes e arrancaram, rápidos.

- Cuidado, olha que esbarras aí! - guinchou Dária.

Mas o carro guinou bruscamente e afastou-se, aos solavancos por sobre os torrões de terra, rangendo rua fora. Inclinado para um lado, Grigóri excitava com o chicote o cavalo de sela de Petro que se empinava. Pantelei Prokófievitch segurava a barba com uma das mãos, como se temesse que lhe levasse o vento.

- Chega na égua! - regougou ele, virando-se para Grigóri e rebolando os olhos para todos os lados.

Ilínitchna limpou à manga bordada da blusa uma lagriminha que o vento lhe provocara e, de olhos semicerrados, observava como as costas de Grigóri freíam sob a camisa de cetim azul que se enfunava. Os cossacos que encontravam afastavam-se à passagem deles e quedavam-se a segui-los com o olhar. Os cães saíam dos pátios das propriedades e vinham-se enrolar nas patas dos cavalos. Mas os ganidos eram cobertos pelo fragor das rodas ferradas de novo.

Grigóri não poupava nem o chicote nem os cavalos, de modo que dez minutos mais tarde a aldeia estava-lhes para trás, e corriam agora na estrada ladeada dos jardins verdes das últimas propriedades. Ali estava a casa dos Korchunoves, com a sua paliçada. Grigóri esticou as arreatas, e o carro interrompeu no meio de uma frase a tagarelice metálica das rodas, estacando diante de um portão pintado, finamente esculpido.

Grigóri ficou ao pé dos cavalos, enquanto Pantelei Prokófievitch coxeava direito ao portão, arrastando atrás, num rumorejo de saias, Ilínitchria, vermelha como uma papoila, e Vassílissa, de lábios imperturbavelmente colados. O velho avançava apressado, com receio de perder a coragem de que fora fazendo provisão pelo caminho. Deu uma topada no primeiro degrau, que era alto, magoando a perna ruim, e, com uma careta de dor, subiu a escaleirazita lavada, batendo os pés com força.

Entrou na casa quase ao mesmo tempo que Ilínitchria. Era desvantajoso para ele mostrar-se de pé ao lado da mulher, francamente mais alta. Por isso se lhe adiantou um passo. Depois parou, dobrando a perna como um galo, tirou o boné, e benzeu-se ante um ícone escuro, de caracteres confusos.

- A saúde vai boa?

- Graças a Deus! - respondeu, erguendo-se de um banco o dono da casa, um velho cossaco, baixo e peludo.

- Vimos de visita, Mirone Grigórievitch!

- Temos sempre satisfação em os receber. Maria, vai buscar assentos.

A dona da casa, uma mulher idosa, de peito chato, limpou os bancos por cortesia, e ofereceu-os aos recém-chegados. Pantelei Prokófievitch sentou-se à borda de um, enxugando ao lenço a testa trigueira, coberta de suor.

- Pois nós viemos cá para um negócio - principiou ele sem detença.

Neste momento das suas palavras, Línitchna e Vassílissa sentaram-se também, levantando as saias.

- Conta lá, então: de que negócio se trata? - disse o dono da casa, sorrindo.

Grigóri apareceu e deitou um olhar à roda.

- Passaram bem a noite?

- Graças a Deus! - respondeu a dona da casa, em voz arrastada.

- Graças a Deus! - confirmou o marido. - As sardas que lhe cobriam a cara tornaram-se-lhe castanhas: só naquela altura percebera o propósito da visita. - Diz para porem os cavalos no pátio e que lhes dêem feno! - indicou ele à mulher. Esta saiu.

- Temos um negóciozinho a propor-lhes... - prosseguiu Pantelei Prokófievitch. Revolvia um anel de azeviche da barba, puxava, de comoção, a argola da orelha. - Vocês têm uma filha para casar. Nós temos um filho. Não poderemos entender-nos? Gostávamos de saber se a casam este ano, ou não. Se não casam, talvez pudéssemos ligar as nossas famílias.

- Eu sei lá! . . - O dono da casa coçou a cabeça calva. Confesso que não pensávamos prometé-la este ano. Temos cá trabalho a dar com um pau e, além disso, não se pode dizer que ela seja velha. Fez agora os dezoito anos. Não é isto, Maria?

- É isso, pois.

- Está agora mesmo uma tulpia. Para que a hão-de guardar? Acham vocês que não há solteironas bastantes? - interveio Vassílissa agitando-se no banco.

A vassoura que tinha furtado à entrada e enfiado por dentro da blusa picava-a: segundo a tradição, casamenteiro que furtasse uma vassoura em casa da pretendida não se expunha a uma recusa.

- Já cá a vieram pedir no começo da Primavera. Não é a nossa que fica por casar. É uma rapariga (louvado seja o Senhor, não temos razão de queixa) que sabe fazer tudo, seja no campo, seja em casa.

- Se vocês encontrarem um bom rapaz, podem casá-la - atirou Pantelei Prokófievitch, cortando a grulhada das mulheres.

- A questão não é casá-la. - E o dono da casa coçou-se. rara a casar, a todo o tempo é tempo.

Tomou isto Pantelei Prokófievitch como uma recusa e começou a exaltar-se.

- Está claro que isso é com vocês... Um pretendente é como um peregrino: procura quem quer. Se vocês põem a ideia, por exemplo, no filho de um comerciante, ou outra coisa assim, então, pronto, desculpem.

O caso parecia perdido: Pantelei Prokófievitch bufava e uma vermelhidão subia-lhe à cara, ao passo que a mãe da pretendida cacarejava como uma galinha choca à vista de um abutre. Mas Vassília acudiu no instante preciso. Em voz muito doce lançou uma chuva de palavras, como um pó calmante sobre uma ferida, e juntou os cacos partidos.

- Meus caros, o que para aí vai! Uma vez que estamos a tratar deste negócio, devemos concluí-lo Como é devido, pensando na felicidade dos nossos moços... Ora aí está a Natália: onde se encontraria outra igual no mundo todo? O trabalho, nas mãos dela, nem se dá por ele. Que habilidade! Que dona de casa! E como rapariga, meus amigos, podem vocês ver com os próprios olhos! - E com um insinuante movimento circular dos braços, virou-se para Pantelei Prokófievitch e para a enfadada llínitchna. - E o rapaz! Quando olho para ele, dá-me o coração um baque, de tal maneira se parece com o meu defunto Doniúchka... E é uma família que sabe o que é trabalhar. Prokófitch, pergunte-se a quem quiser, é um homem que toda a gente conhece e um benfeitor... Com franqueza, seremos nós inimigos dos nossos moços?

A vizinha chilreante da casamenteira era como melão nos ouvidos de Pantelei Prokófievitch, O velho Melekhov escutava-a e pensava admirativamente: “Isto é que é um diabo para falar! Saem-lhe as palavras, que não se percebe onde ela vai chegar. Com palavras, uma mulher é capaz de matar um cossaco... És mesmo uma sarna de saias!” E extasiava-se a ouvi-la tecer louvores à pretendida e à família até à quinta geração para trás.

- Não vale a pena tanta conversa. Nós não queremos o mal da nossa filha.

- O que eu digo é que talvez seja ainda cedo para a casar - acudiu o dono da casa conciliadoramente, com um sorriso a alumiar-lhe a face.

- Qual cedo! Por Deus verdadeiro, não é nada cedo! - obtemperou Pantelei Prokófievitch, persuasivo.

- Cedo ou tarde, temos de nos separar.. - soluçou a mulher de Korchunov, meio fingida, meio sincera.

- Chama a tua filha, Mirone Grigórieitch, para nós a vermos.

- Natália!

A pretendida apareceu timidamente à porta, amarrotando entre os dedos tismados a orla do avental.

- Entra lá! Entra lá! Não estejas envergonhada! - encorajou-a a mãe, sorrindo através das lágrimas.

Grigóri, sentado perto de uma arca pesada, pintada de flores azuis-claras, fitou-a.

Por baixo do véu de rendas pretas, viam-se-lhe os olhos cinzentos e francos. A comoção e um sorriso contido faziam-lhe tremer uma covinha rosada na face cheia. Grigóri mirou-lhe as mãos, grandes e largas do trabalho. Sob a blusa verde, que lhe moldava o tronco robusto, os seiozinhos de rapariga, rijos como pedras, empinavam-se, afastados, ingênuos e pequenos, de pontas agudas, espetadas como botões.

Num minuto Grigóri a examinou toda, da cabeça às belas pernas esguias, como um negociante de gado antes de comprar uma égua, e ponderou: “Boa!” Encontraram-se os olhos dele com os dela, fitos nele, sem malícia, um pouco perturbados, sinceros e que pareciam dizer: “Aqui estou eu, tal como sou. julga-me como quiseres.” “Simpática “ respondeu Grigóri com o olhar e com o sorriso.

- Podes-te ir embora. - E o dono da casa fez um sinal com a mão.

Antes de fechar a porta atrás dela, Natália encarou Grigóri, sem lhe esconder nem um sorriso, nem a curiosidade.

- Ora aqui está, Pantelei Prokófievitch - reatou o dono da casa, após ter com a vista consultado a mulher. - Reflectam lá vocês do seu lado, que nós reflectiremos do nosso, ca em família. Depois decidiremos se havemos de fazer o casamento, ou não.

Ao descer a escadaria do patamar, Pantelei Prokófievitch anunciou:

- No domingo que vem voltamos cá.

O dono da casa que os acompanhou até ao portão, fez de conta que não tinha ouvido e não lhe replicou.

XVI

Só depois das revelações de Tomíline acerca de Akcínia, é que Stepane compreendeu, de alma cheia de angústia e de ódio, que, apesar da má vida que tinham passado juntos e daquele antigo ultraje, a amava de amor sério e furioso.

Durante a noite, deitado no carro com o capote por cima, de braços cruzados sobre a cabeça, pensava no regresso, para junto da mulher, e sentia, no lugar do coração, uma tarântula venenosa... Mentalmente planeava os pormenores da sua vingança, e era como se esmagasse entre os dentes grãos grossos de areia. A rixa com Petro abrandara-lhe um pouco a raiva. Havia entrado em casa fatigado, e por isso Akcínia se tinha saído sem mal de maior.

Desse dia em diante, uma morte invisível habitava a casa dos Asstakhoves. Akcínia andava nos bicos dos pés, falava a meia voz; mas nos olhos dela, sob a cinza do medo, uma brasa imperceptível ardia, resto do incêndio que abrasara Grichka.

Ao olhar para ela, Stepane pressentia isso mais do que o via. Atormentava-se. À noite, quando o bando das moscas já dormia ao alto da chaminé e Akcínia, de lábios trémulos, começava a fazer a cama, Stepane batia-lhe, tapando-lhe a boca com a sua mão negra e áspera. Sem pudor a interrogava sobre os particulares da ligação dela com Grichka. Akcínia debatia-se sobre a cama dura que cheirava a pele de carneiro, respirando a custo. Fatigado de lhe torturar o corpo mole como uma massa bem amassada, Stepane palpava-lhe a cara, em busca de lágrimas. Mas as faces ardentes de Akcínia conservavam-se secas e os dedos de Stepane apenas lhe sentiam os maxilares abrirem-se e cerrarem-se.

- Vais contar?

- Não!

- Eu mato-te.

- Mata-me! Mata-me, por amor de Cristo... Acabava-se-me o sofrimento... Isto não é vida.

Apertando os dentes, Stepane torcia a pele fina dos seios da mulher, que um suor frio cobria.

- Dói-te, hã? - divertia-se Stepane.

- Dói.

- E a mim, julgas que não me doeu?

Adormecia tarde. E a dormir, enrolado em bola, crispava os dedos negros, de articulações fortes. Apoiada sobre os cotovelos, Akcínia fitava demoradamente a bela face do marido, transfigurada pelo sono. Em seguida, deixava descair a cabeça no travesseiro e murmurava coisas desconexas.

Agora, quase não via Grichka. Uma vez encontrara-o perto do Don. Ele vinha a subir a encosta, com os bois que levava a beber, brincando com uma verdasca, de cabeça baixa. Akcínia caminhava na direcção dele. Quando o viu, sentiu a vara em que transportava os baldes arrefecer-lhe nas mãos e o sangue inundar-lhe de calor as fontes.

Ao recordar depois aquele encontro, dificilmente acreditava não ter sido um sonho. Grigóri só a viu quando ela já estava quase ao pé dele. O rangido insistente dos baldes fê-lo levantar a cabeça, as sobranceiras estremeceram-lhe e sorriu estupidamente. Akcínia ia de olhos postos, para além dele, no Don verde, que a respiração das águas agitava, e mais longe ainda, na crista do banco de areia. Da vermelhidão que lhe subiu à cara, vieram-lhe lágrimas aos olhos.

- Kciúchal!

Akcínia deu alguns passos e parou, vergando a cabeça, como se lhe tivessem dado uma pancada. Vergastando furiosamente um boi castanho, que ficara para trás, Grigóri disse sem se virar para ela:

- Quando é que o Stepane ceifa o centeio?

- Agora mesmo ia ele atrelar os cavalos.

- Deixa-o partir e vai ter ao nosso campo de girassóis, à beira da água, que eu já lá vou.

Fazendo ranger os baldes na vara, Akcínia, desceu até ao Don. Perto da margem, a espuma punha uma opulenta renda amarela na orla verde das vagas. Gaivotas brancas passavam guinchando por sobre o rio.

Como gotas prateadas de chuva, peixinhos agitavam a superfície da água. Do outro lado do rio, por trás da mancha branca do banco de areia, velhos choupos erguiam magnífica e gravemente ao vento os seus cimos encanecidos. Quando o ia a encher, Akcínia deixou cair um balde. Ergueu a saia com a mão esquerda e entrou na água até aos joelhos. A água afagou-lhe as pernas cingidas pelas ligas e, pela primeira vez depois do regresso de Stepane, ela se riu, baixinho e hesitante.

Voltou-se e viu Grichka, que subia a encosta com lentidão, sempre a agitar a sua vergasta, como que a sacudir os atabões. Com o olhar embaciado de lágrimas, envolveu-lhe numa carícia as pernas robustas, que ele movia com firmeza, as faixas escarlates das calças

largas, enfiadas em meias de lã branca. Nas costas dele, sobre uma omoplata, um retalho da camisa suja, recém-rasgada, flutuava-lhe, mostrando um triângulo de pele morena. Akcínia beijou com os olhos aquele pedacinho do corpo amado, que já tinha sido dela; sobre os lábios lívidos e sorridentes caíram-lhe lágrimas.

Pousou os baldes e, no momento de lhes prender as asas aos ganchos da vara, viu na areia a marca deixada por uma das botas pontiagudas de Grichka. Olhou à roda, como uma ladra: não se avistava ninguém, exceptuados uns garotos que se banhavam ao longe, perto do desembarcadoiro. Agachou-se e cobriu aquela marca com uma das mãos. Depois colocou a vara aos ombros e tornou para casa, rapidamente, a rir-se de si própria.

Por sobre a aldeia, o Sol assomava por trás de uma meia bruma de musselina. Um rebanho de nuvens brancas em montão descobria aqui e além um fresco prado azul. Mas um calor mortal pesava sobre o casario, sobre os telhados de ferro ardentes, sobre o deserto das ruas poeirentas, sobre os pátios com a sua erva amarela, crestada.

Baloçando as ancas, salpicando a terra gretada, Akcínia chegou a porta de casa. Stepane, com um chapéu de palha, de aba larga, na cabeça, atrelava os cavalos à máquina de ceifar. Ao endireitar a retranca da égua, que escabeceava no seu cabresto, viu Akcínia.

- Deita água na selha.

Akcínia vazou nela um balde, queimando as mãos nos aros de ferro.

- Faz falta gelo. Não tarda que a água esteja quente - disse ela, fitando as costas do marido, alagadas em suor.

- Vai-o pedir aos Melekhoves... Não! - gritou Stepane, lembrando-se.

Akcínia afastou-se, para fechar a cancela, que ficara escancarada. Stepane baixou as pálpebras e pegou no chicote.

- Onde vais tu?

- Fechar a cancela.

- Vem cá, desavergonhada. Eu disse-te que não

Ela volveu atrás, direita ao patamar, quis levantar a vara de transportar os baldes, mas as mãos não lhe obedeceram, e a vara rolou pelos degraus.

Stepane atirou o impermeável de pano grosso para cima do assento da frente, sentou-se e desenredou as rédeas.

- Abre o portão.

Akcínia abriu-o e teve a coragem de perguntar:

- A que horas voltas?

- Lá para a noitinha. Combinei ceifar com o Anikuchka. Leva-lhe de comer. Ele vai ter comigo ao campo, tão depressa largue a forja.

As rodinhas da ceifeira mergulharam, rangendo, no veludo cinzento da poeira e desapareceram do outro lado do portão. Akcínia entrou em casa, demorou-se um pedaço de pé, de mãos apertadas contra o coração, e depois pôs um xaile e correu para o Don.

“E se ele por aí torna? Que vai ser?” veio-lhe num relâmpago à ideia. Estacou, como se um precipício profundo se lhe tivesse aberto aos pés, virou-se, mas de novo abalou, a correr quase, ao longo do Don, para o lado dos prados.

Sebes, hortas, uma plantação amarela de girassóis encarando o Sol, um batatal verde, com as suas flores pálidas, sucederam-se. As mulheres dos Chamiles acabavam de sachar, já atrasadas, o batatal delas, de costas vergadas, com as suas blusas cor-de-rosa, num vaivém curto de sachos tombando na terra cinzenta. Akcínia chegou, sem retomar o fôlego, à horta dos Melekhoves. Olhou em redor, abriu o trinco e empurrou a cancela. Por uma vereda alcançou a paliçada verde, formada pelos pés dos girassóis. Baixou-se, penetrou nela onde era mais densa, sentindo na cara o pólen doirado das flores, arregaçou a saia, e sentou-se no chão bordado de campainhas.

Escutou: o silêncio produzia-lhe um zunzum nos ouvidos. Algures, muito alto, um zangão solitário zumbia. Os pés ocos dos girassóis, cobertos de uma penugem espetada, chupavam mudamente o solo.

Meia hora ela assim esteve, torturada pela inquietação: ele virá, não virá? já compunha os cabelos no lenço para se ir embora, quando a cancela rangeu devagar e uns passos soaram.

- Akciútka!

- Estou aqui...

- Ah! Sempre vieste!

Num rumorejo de folhas, Grigóri acercou-se, sentou-se-lhe ao lado. Um momento se quedaram calados.

- Que tens tu na cara?

Akcínia limpou com uma das mangas o pó amarelo e odorífero.

- Deve ser dos girassóis.

- Ainda tens aí um pouco, ao pé do olho.

Ela sacudiu-o. Os olhares deles cruzaram-se. E em resposta a uma pergunta muda de Grichka, ela rompeu a chorar.

- Não posso mais... Sinto-me perdida, Grichka.

- Mas que te faz ele?

Raivosamente, Akcínia deu um puxão à gola da blusa. Os seios dela, cheios e rosados, firmes como os de uma rapariga, tinham marcas violáceas.

- Não sabes o que me faz?... Todos os dias me batel... Dá cabo de mim!... E tu também. és bom!... Aproveitaste-te de mim, como os cães, e por aqui me vou... Vocês todos!... - A apertar as molas com os dedos trémulos, receando tê-lo aborrecido, fitou Grigóri, que desviara dela os olhos.

- Queres arranjar um responsável? - disse ele devagar, mordiscando uma hastezinha de erva.

O tom tranquilo dele fez explodir Akcínia.

- Se calhar, tu não és culpado? - exclamou ela.

- Quando a cadela não quer, o cão afasta-se.

Akcínia escondeu a face nas mãos, vergada à violência deliberada do insulto.

Carrancudo, Grigóri olhou-a de esguelha. Por entre os dedos indicador e médio de uma das mãos dela uma lágrima assomava.

Um raio oblíquo de sol, com a sua poalha suspensa, coado através do maciço de girassóis, fazia reluzir a gotinha transparente e secava o traço que ela ia deixando na pele.

Grigóri não suportava lágrimas. Agitou-se, deu com fúria um Piparote numa formiga castanha que lhe subia pelas calças, e de novo lançou uma olhadela a Akcínia. Ela continuava na mesma posição, mas pelas costas da mão escorriam-lhe três lágrimas agora.

- Que tens tu que chorar? Estás zangada? Akciuchka, escuta... Ouve: tenho uma coisa para te dizer.

Akcínia tirou as mãos da cara molhada:

- Eu vim para te pedir um conselho... Porque és tu assim?... Já vivo tão amargurada!... E tu...

“Fui uma besta...” pensou Grigóri e corou.

- Kciúcha... O que eu te disse foi uma estupidez. Não te zangues.

- Não vim para te forçar a nada... Não tenhas medo! Naquele momento, ela própria acreditava que não era para isso que tinha vindo: para reconquistar Grigóri; mas quando vinha a correr ao longo do Don, direita aos prados, era só nisso que pensava, sem bem se dar conta: “Vou-o dissuadir de se casar. A quem dedicaria eu a minha vida?” Imediatamente se lembrara de Stepane. Mas sacudira com orgulho a cabeça, para expulsar aquele pensamento importuno.

- Quer isso dizer que o nosso amor acabou? - perguntou Grigóri; e estendeu-se de barriga para baixo, apoiado nos cotovelos, cuspidando a corola rosada de uma campainha que mastigara enquanto falava.

- Como, acabou? - alvoroçou-se Akcínia. - Como é isso? - insistiu ela, procurando fitá-lo de frente.

Grigóri rolava os globos azulados dos olhos e olhava para o lado.

O solo cansado e gasto cheirava a poeira e a sol. O vento rumorejava nas folhas verdes dos girassóis. O Sol sumiu-se um instante por trás do dorso crespo de uma nuvem e uma sombra vaporosa passou sobre a estepe, sobre a aldeia, sobre a cabeça curva de Akcínia, sobre as campainhas cor-de-rosa.

Grigóri suspirou, um suspiro como o relincho de um cavalo, e deitou-se de costas, de espáduas apoiadas na terra escaldante.

- Ouve, Akcínia - recomeçou ele, vagarosamente, suspendendo-se a cada palavra. - Isto apoquentá-me, róí-me aqui dentro, no peito. Pensei.

Um carro passou, rangendo, perto da horta.

- Eh, careca! Ui! Ui!...

O grito afigurou-se a Akcínia tão alto, que se atirou de face contra o solo. Grigóri levantou a cabeça e murmurou:

- Tira o lenço. Como é branco, podem vê-lo.

Akcínia tirou-o. O vento ardente que soprava por entre os girassóis fez-lhe voejar os caracóis de ouro, penugentos, do pescoço. O rangido do carro foi diminuindo.

- Ora eu penso que o que está feito feito está. Para que se há-de procurar de quem é a culpa? A vida tem de continuar...

Inquieta, Akcínia escutava, esperava, quebrando uma palhinha que tirara a uma formiga.

Encarou bem em Grigóri e impressionou-a o fulgor seco e inquieto dos olhos dele.

- Acho que devíamos pôr ponto...

Akcínia vacilou. Os dedos dela crisparam-se num pé enrolado de campainhas. De narinas frementes, esperava o fim da frase. O fogo da angústia e da impaciência abrasava-lhe a cara, ressequia-lhe a boca. Cuidava ela que ele ia dizer: "... pôr ponto na tua vida com o Stepane." Mas ele passou a língua, com ar penalizado, pelos lábios secos, que a custo se lhe moviam, e terminou:

- ... pôr ponto nisto. Há?

Akcínia pôs-se de pé e, esbarrando com o peito contra as cabeças amarelas, inclinadas, dos girassóis, alcançou a cancela.

- Akcínia! - gritou Grigóri em voz surda.

Por resposta, ouviu-se apenas a cancela ranger.

XVII

A seguir ao centeio, que ainda não houvera tempo de transportar para as eiras, veio o trigo. Nos lugares argilosos, nas colinas, as folhas, queimadas pelo sol, amareleciam e enrolavam-se, e as respectivas hastes secavam.

Louvavam-se as pessoas de ir ser boa a colheita. As espigas estavam grandes e os grãos cheios.

Depois de ter consultado Ilínitcima, Pantelei Prokófievitch decidira, para o caso de se chegar a acordo com os Korchunoves, fazer-se o casamento para as festas do Salvador.

Não era por enquanto a altura de irem pela resposta, porque havia a ceifa a fazer e as festas ainda tardavam. Começou-se a ceifar na sexta-feira. Atrelaram-se à ceifeira três cavalos. Pantelei Prokófievitch preparava o carro para transportar o trigo. Para a ceifa partiram Petro e Grigóri. Grigóri caminhava a pé, a par do assento de Petro: ia carrancudo. Das fontes ao maxilar inferior, as faces freíam-lhe. Para Petro era isso sinal de Grigóri ir a ferver, disposto a qualquer insensatez, mas não cessava de o serrazinar, rindo-se por entre o bigode loiro.

- Palavra que, mo disse ela!

- Está bem! - rosnou Grigóri, mordiscando uma ponta do bigode.

- “Vinha eu da horta” disse-me ela “e ouvi como se fossem vozes lá nos girassóis de vocês.”

- Deixa isso, Petro!

- Vozes, pois... “Olhei então através da sebe...”

Grigóri piscou os olhos umas poucas de vezes.

- Calas-te, ou não te calas?

- Mas que raio de homem! Deixa-me acabar!

- Cuidado, Petro, ou temos uma zaragata - ameaçou, Grigóri retardando o passo.

- “Olhei através da sebe, e eles lá estavam deitados nos braços um do outro.” “Eles quem?” perguntei eu. E ela: “A Akciútka Asstakhova e o teu irmão, esta claro.” Eu digo...

Grigóri pegou na forquilha de cabo curto que ia nas traseiras da ceifeira e precipitou-se sobre Petro. Este largou as rédeas, saltou do seu lugar e encobriu-se com os cavalos.

- Que é lá isso, desgraçado?... Perdeste a cabeça?... Que é lá? Que é lá? Ora uma destas!...

Grigóri arreganhou os dentes, como um lobo, e lançou a forquilha. Petro atirou-se de borco e a forquilha, que lhe passou por cima, espetou-se duas polegadas no chão pedregoso e seco, e ficou vibrando.

Encolerizado, Petro segurou pelas rédeas os cavalos que os gritos haviam espantado, e praguejava.

- Podias ter-me morto, bandalho.

- Isso é o que eu queria!

- Imbecil! Diabo raivoso! És bem da raça do pai. Um verdadeiro tcherk-ess!

Grigóri arrancou a forquilha do chão e voltou a seguir a ceifeira.

Petro fez-lhe um sinal com um dedo.

- Vem cá. Dá-me a forquilha.

Passou as rédeas para a mão esquerda, agarrou a forquilha pelos dentes brilhantes e deu com o cabo nas costas de Grigóri desprecaído.

- Devia ter-te dado com mais gana! - disse ele, com pena, olhando para Grigóri, que tinha pulado para o lado.

Mas, passado um minuto, acenderam cada um o seu cigarro, fitaram-se nos olhos e desataram a rir.

A mulher de Khristónia, que ia a passar no seu carrinho por outra estrada, tinha visto Grichka atirar a forquilha ao irmão. Pusera-se de pé no carro, mas não pudera ver o que havia acontecido depois, porque a ceifeira e os cavalos lho escondiam. Mal chegou à aldeia bradou à vizinhança:

- Klimovna! Vai a correr dizer a Pantelei, o Turco, que os filhos dele estão à forquilhada um ao outro perto do cabeça tártaro. Zangaram-se, e o Grichka, vi-o eu, espetou a forquilha de lado no Petro!... O irmão, então... O que lá vai de sangue! É horrível!

Petro, já rouco de tanto gritar aos cavalos, para os obrigar ao trabalho, rompera a assobiar. Grigóri, com os pés negros de poeira apoiados na travessa de trás da ceifeira, empurrava as ondas de trigo que as pás dela iam acumulando. Os cavalos, a sangrar das picadas das moscas, agitavam os rabos e puxavam sem vontade.

Até à orla azulada do horizonte, a estepe formigava de gente. As facas das ceifeiras rangiam e tiniam, e os trigos cortados desenhavam nela ondas. Sobre os montículos, os ratos silvavam, imitando os condutores.

- Mais dois regos e vamos a uma cigarrada! - gritou Petro, virando-se, e dominando o sibilar das pás e o tinir das facas.

Grigóri limitou-se a aquiescer com a cabeça. Custava-lhe descerrar os lábios colados, ressequidos pelo vento. Pegara na forquilha mais abaixo para mais facilmente arredar os pesados molhos de trigo, e arquejava. Sentia comichão no peito suadíssimo. Um suor acre corria-lhe de sob o chapéu; ao cair-lhe nos olhos, picava-lhos como se fosse sabão. Parados os cavalos, os dois irmãos beberam água e puseram-se a fumar.

- Vem aí alguém a cavalo, estrada fora - disse Petro de mão sobranceira aos olhos.

Grigóri olhou com atenção e ergueu as sobancelhas, admirado.

- Parece o nosso pai.

- Estás enganado. Em que querias tu que ele viesse montado, se os nossos cavalos estão atrelados à ceifeira? - Mas é ele.

Estás enganado, Grichka!

- Juro-te que é ele!

Um minuto depois, viam-se nitidamente o cavalo, que galopava a toda a brida, e o cavaleiro.

- É o pai, é...- E Petro, receoso e inquieto, pôs-se às sapatadas ao chão.

- Deve ter sucedido qualquer coisa em casa...- aventou Grigóri, exprimindo o pensamento de ambos.

Chegado a uma centena de ságenas, Pantelei Prokófievitch reteve o cavalo, para o meter a trote.

- Eu mato-os, filhos de uma cadela! - berrou ele de longe, agitando o seu chicote de cabedal por cima da cabeça.

- Que lhe teria dado? - exclamou Petro surpreso; e meteu o bigode loiro na boca.

- Esconde-te atrás da ceifeira! Por Deus verdadeiro, ele quer-nos bater. Antes de percebermos do que se trata, pode-nos dar ele alguma... - disse Grigóri a rir; e, pelo sim, pelo não, passou-se para o lado oposto da máquina.

O cavalo coberto de espuma avançava pelo restolho, num trotezinho sacudido. Pantelei Prokófievitch, de pernas a dar a dar (vinha montado em osso) brandia o chicote.

- Que fizeram vocês, raça do diabo?...

- Estamos a ceifar... - E Petro, afastando os braços, espreitava o chicote com apreensão.

- Qual de vocês espetou o outro com uma forquilha? Porque andaram vocês a pancada?

De costas viradas para o pai, Grigóri contava a meia voz as nuvens que o vento varria.

- Que estás tu a dizer? Qual forquilha? Quem é que andou à pancada?... - Petro, piscando os olhos, mirava o pai de alto a baixo e baloiçava-se, ora num pé, ora noutro.

- Quê? Então a filha da puta que apareceu lá em casa a gritar: “Os seus filhos estão a guerrear à forquilhada!” Há? Que quer isso dizer? .

- Pantelei Prokófievitch sacudiu furiosamente a cabeça, largou as rédeas e saltou do cavalo, ofegante.

- Pedi este cavalo a Fedka Serníchkine e deitei a galope até aqui. Há?...

- Mas quem te disse isso?

- Uma mulher!...

- Mentiu, pai! A maldita adormeceu no carro e sonhou.

- Uma mulher!- ganiu Pantelei Prokófievitch, dando puxões à barba. - A puta da Klimovna! Ai, meu Deus! Ai, cadela, que te rebento à chicotada!... - E não parava quieto, arrastando a perna esquerda.

Grigóri fitava o chão, sacudido por um riso mudo. Petro não despregava os olhos do pai e passava a mão pela testa suada.

Pantelei Prokófievitch manteve-se na sua excitação um bocado ainda, depois serenou. Sentou-se na ceifeira, na qual percorreu o campo duas vezes, ceifando, e a praguejar tornou a montar a cavalo. De novo tomou a estrada, ultrapassou dois carros de trigo, e sumiu-se em direcção à aldeia, numa nuvem de poeira. O chicote, finalmente entrançado, tinha ficado esquecido num rego. Petro pegou nele, torceu-o nas mãos, abanou a cabeça e mostrou-o a Grichka.

- Escapámos de boa, rapaz. Um chicote, isto? Repara! Isto, irmão, é uma lâmina: com isto pode-se cortar uma cabeça!

XVIII

Os Korchunoves gozavam da reputação de ser a família mais rica da aldeia de Tatarsski. Possuíam catorze juntas de bois, uma manada de cavalos, éguas de raça, provenientes das coudelarias de Provaissk, uma quinzena de vacas, uma quantidade de gado miúdo e a sua centena de carneiros. Mas ainda não era tudo: a casa deles não ficava a dever nada à dos Mokhoves, com os seus seis quartos e o seu telhado de chapa de ferro. As dependências eram cobertas de bela tela nova e o jardim mais a horta tinham à roda de deciatina e meia de superfície. De que mais precisa alguém?

Daí a timidez e a apreensão de Pantelei Prokófievitch a primeira vez que lhes fora pedir a filha. Os Korchunoves podiam arranjar-lhe um noivo mais importante que Grigóri. Pantelei Prokófievitch compreendia isso, receava uma recusa e não queria rebaixar-se perante o intratável Korchunov; mas Ilínitchna não o tinha largado, como a ferrugem ao ferro, e acabou por lhe vencer a teimosia. Pantelei Prokófievitch consentira, pois, em se dirigir aos Korchunoves, amaldiçoando no fundo da alma Grichka, Ilínitchria e o resto do mundo.

Tinham agora de lá voltar, para saber a resposta: esperariam pelo domingo, Entretanto, sob o telhado pintado de verde da casa dos Korchunoves, um surdo conflito lavrava. Depois da partida da família do pretendente, a filha, em resposta a uma pergunta da mãe, havia declarado:

- Gosto do Grichka e não caso com outro.

- Arranjaste um belo noivo, palerma! - tentava o pai convencê-la. - Tudo o que ele tem é ser escuro como um cigano. E se eu te descobrisse um maridinho jeitoso, minha flor?

- Não quero outro, paizinho... - Natália corava e chorava. - Escusam os outros de cá vir, que não quero mais nenhum. Metam-me antes no convento de Usst-MedvéditAaia...

- É um atrevido, que se mete com as mulheres dos soldados ausentes. - E com isto o pai jogou a sua última cartada. - Toda a aldeia o sabe.

- Isso não me importa.

- Se não te importa a ti, a mim ainda menos! já que é assim, lavo daí as mãos.

Natália, a filha mais velha, era a preferida do pai, e este não lhe queria impor a sua vontade. já antes da Quaresma tinham vindo casamenteiros de longe, da ribeira de Tsútzkana, pedi-la para um cossaco de uma família muito rica de velhos-crentes (*Sectários, zeladores da Velha Fé, de que a Igreja Ortodoxa oficial se separou em 1667*); outros tinham vindo do Khopr (*Afluente da margem esquerda do Don*) e do Tchir (*Afluente da margem direita do Don*); mas os pretendentes não haviam agradado a Natália, e os casamenteiros tinham abalado de cara à banda.

No fundo, Grichka agradava a Mirone Griffirievitch pela sua intrepidez cossaca e o seu amor da terra e do trabalho.

O velho distinguia-o da multidão dos rapazes da stanitsa, desde o dia em que ele ganhara o primeiro prémio de uma corrida de cavalos; mas afigurava-se-lhe desonroso dar a filha a um rapaz sem dinheiro e de má reputação.

- É um moço trabalhador e é bem-parecido - sussurrava-lhe a mulher à noite, acariciando-lhe um braço sardento, coberto de um matagal de pêlos. - E tu sabes, Grigóritch, que por causa dele a Natália se está a definhar... É que não lhe sai do coração.

Mirone Grigórievitch virava as costas ao peito ossudo e frio da mulher, e rosnava, colérico:

- Deixa-me em paz, carraça. Casa-a com o Pacha, o idiota, se quiseres. Que me interessa isso a mim? Sempre Deus te deu uma inteligência! “Bem-parecido...” - E imitava-a. - E depois? É o lindo focinho dele que há-de dar grandes colheitas!...

- Não se trata aqui de colheitas.

- Ora essa! Para que serve a cara dele? O que é preciso é que seja um homem. A mim, se queres que te diga, faz-me vergonha dar a minha filha aos Turcos. Ainda se fosse uma gente como nós... - enfatuava-se Mirone Grigórievitch, e agitava-se na cama.

- É uma família trabalhadora e que vive bem insinuava-lhe a mulher; e, apertando-se-lhe contra as costas robustas, afagava-lhe o braço, para o sossegar.

- Eh, diabo, chega-te para lá! Que é La isso? Parece que não há lugar para ti na cama. Que tens tu que me fazer festas, como se eu fosse uma vaca prenhe? Quanto à Natália, é contigo. Podes até casá-la com uma rapariga de cabelos cortados!...

- Tem de se ter pena dos nossos filhos. Protegê-los Deus é a melhor riqueza de todas... - sussurrava Lukínitchria ao ouvido peludo de Mirone Grigórievitch.

Este dobrava as pernas, colava-se à parede e punha-se a fingir que ressonava, para fazer crer que dormia.

A chegada dos casamenteiros apanhou-os de improviso. Depois da missa, viram estacar em frente do portão o carro deles. Ilínitchna ia-o virando, ao pôr o pé no estribo.

Pantelei Prokófievitch saltou do seu poiso como um galaroz: magoou a perna, mas não o mostrou, e prazenteiramente se encaminhou para a casa, a manquejar.

- Aí estão eles! É o diabo que os traz! - lamentou-se Mirone Grigórievitch, espreitando da janela.

- Valham-nos os santos do céu! Estive na cozinha e nem sequer mudei de saia! - exclamou Lukínitchna.

- Estás assim bem! Não é a ti que eles vêm pedir, não tenhas medo, velha tinhasa!

- Sempre foste um malcriado, mas depois de velho estás de todo.

- Vê se te calas!

- Podias ir pôr uma camisa lavada, que tens essa toda preta nas costas. Não tens vergonha? És mesmo um porco! - resmungava a mulher, examinando Mirone Grigórievitch, enquanto os Melekhoves atravessavam o pátio.

- Tenho a certeza de que, quando me virem, mesmo assim me reconhecem. Vestisse eu de serapilheira, que nem por isso se iam embora.

- Boa saúde! - atirou estridentemente Pantelei Prokófievitch, tropeçando no patamar; e, encavacado do estridor da sua voz, benzeu-se em frente do ícone uma vez mais que o costume.

- Ora vivam! - respondeu o dono da casa, olhando as visitas com ar hostil.

- Graças a Deus, o tempo está bom.

- E mantém-se, graças a Deus.

- Assim, pode-se trabalhar sem preocupação.

- É uma verdade!

- Ah, pois!

- Pois é!

- Nós cá estamos, Mirone Grigórievitch, para saber o que vocês decidiram, e se sempre ligamos as nossas famílias, ou não ligamos...

- Entrem, façam favor. Façam o favor de se sentar - dizia a dona da casa, às vénias e varrendo o chão polido com a orla da sua comprida saia de pregas.

- Façam o favor de não se incomodarem.

Ilmitchria, sentou-se, num grande rumor de panos. Mirone Grigórievitch estava de cotovelos apoiados à mesa coberta de um oleado novo e não dizia palavra. Um cheiro desagradável de borracha húmida e de qualquer outra coisa exalava-se do oleado, os tsares: e tsarinas defuntos olhavam gravemente dos quatro cantos debruados, e ao centro esplendiam Suas Altezas Augustíssimas as Princesas Imperiais, de chapéus brancos, e

Nikolai Alekssándrovitch, o Soberano, sarapintado das moscas. Foi Mirone Grigórievitch quem quebrou o silêncio.

- Ora bem... Decidimos casar a nossa filha. Se chegarmos a um acordo, podemos tornar-nos parentes...

Neste momento, Ilinitclina, tirou das profundezas insuspeitadas da sua blusa de lustrina, de mangas tufadas, e dir-se-ia que o havia tirado das costas, um grande pão branco, que colocou com força em cima da mesa.

Pantelei Prokófievitch esboçou, sem saber porquê, o sinal da cruz, mas os dedos calosos, reunidos para isso em forma de tenaz, mudaram-lhe de posição a meio do segundo movimento: o polegar negro, de unha crescida, introduziu-se-lhe contra vontade dele entre o indicador e o médio, e foi assim, a fazer uma figa indecente, que a mão lhe deslizou por trás da aba aberta do capote azul, para de lá arrancar, pelo gargalo, uma garrafa lacrada de vermelho.

- Agora, meus caros parentes, vamos rezar a Deus, beber uma pinga e falar dos nossos filhos e do contrato...

Pantelei Prokófievitch piscava os olhos com enternecimento, fitava a cara sardenta de Mirone Grigórievitch, e dava pancadinhas amorosas no fundo da garrafa, do tamanho do casco de um cavalo.

Uma hora mais tarde, os dois compadres estavam tão próximos um do outro, que os anéis negros de azeviche da barba de Melekhov tocavam nas madeixas ásperas e ruivas da de Korchunov. Pantelei Prokófievitch, cujo hálito tinha agora um cheiro de pepino salgado, procurava convencer Mirone Grigórievitch:

- Meu caro compadre - começou ele, num murmúrio baixinho - meu caro compadrinho - e a voz subiu-lhe, até sair num grito. - Compadre! - berrou ele, descobrindo os incisivos negros e gastos. - O que me pede é absolutamente impossível, é-me absolutamente impossível. Ora repare, meu caro compadre, repare no prejuízo que isso me causa: polainas e botas: um; uma peliça: dois; dois vestidos de lã: três; um xaile de seda: quatro. É a ruína para mim!...

Pantelei Prokófievitch abria os braços de par em par, fazendo estalar nos ombros as costuras do seu uniforme da Guarda, de que se soltavam nuvenzinhas de pó. Mirone Grigórievitch, de cabeça baixa, mirava o oleado molhado de vodka e da salmoura dos pepinos. Leu alto a inscrição floreada: “Os Monarcas de Todas as Rússias “ e lançando a vista mais abaixo: “Sua Majestade Imperial o Soberano Imperador Nikolai... “ Uma pele de batata encobria o resto. Examinou o desenho: a cara do soberano estava oculta por uma garrafa de vodka vazia. Piscando respeitosamente os olhos, Mirone Grigórievitch

esforçava-se por ver melhor o uniforme de cinto branco, mas todo ele estava coberto de pevides de pepino peganhosas, que lhe haviam cuspinhado para cima. No meio das filhas, todas elas desenxabidas por igual, a Imperatriz mostrava, sob o chapéu largo, uma face contente. Isto ofendeu Mirone Grigórievitch até às lágrimas. Pensou: “Estás vaidosa como um pato de cabeça fora de um cabaz, mas quando tiveres as filhas para casar, gostava de te ver. Com certeza, não estás assim.”

Pantelei Prokófievitch zumbia-lhe aos ouvidos como um besoiro.

Korchunov ergueu para ele os olhos baços e pôs-se a escutá-lo com mais atenção.

- Para eu dar à tua filha, que é agora minha... à filha de nós os dois, o que tu pedes: polainas, botas e uma peliça... tenho de vender o gado!

- E lamentas isso?... - Mirone Grigórievitch deu uma punhada na mesa.

- Não é que lamente...

- Lamentas?

- Ouve, compadre...

- Se lamentas, então!...

Mirone Grigórievitch passou sobre a mesa uma mão suada, de dedos afastados, e deitou os copos ao chão.

- Mas a tua filha precisa de ter de que viver!

- Pronto! Das o que é devido, ou não ha casamento!

- Vender o gado!... - Pantelei Prokófievitch abanava a cabeça. A argola da orelha dançava-lhe e luzia debilmente.

- Tens de dar o que é devido!... O enxoval dela enche umas poucas de arcas; e, se ela te agrada e aos teus, hás-de fazer o que eu quero!... É o nosso costume cossaco. O que antes se fazia temos nós de o fazer...

- Está bem!...

- Estás de acordo?

- Estou de acordo!...

- E, quanto a terem eles de que viver, eles que o ganhem. Foi o que nós fizemos e não vivemos pior que os outros. Leve-os o diabo! Eles que ganhem a vida!...

As barbas deles, de cores diferentes, uniram-se. Pantelei Prokófievitch comeu um pepino de conserva para lhe tirar da boca o gosto do beijo, e rompeu a chorar, agitado por vários sentimentos simultâneos.

Sentadas na arca, as duas comadres abraçavam-se pela cintura e ensurdeciam-se mutuamente com o mútuo cacarejo. Ilínitchna estava encarnada como uma cereja, ao passo

que a outra esverdinhará sob o efeito da vodka, como uma pêra brava de Inverno sorvada pela geada.

- ... É uma filha como não há outra no mundo! Há-de-te obedecer e respeitar, e nunca te contrariará. Nunca foi amiga de contrariar.

- Ai, ai, minha querida - interrompeu-a Ilínitchna, de face apoiada na mão esquerda e o respectivo cotovelo na mão direita - quantas vezes eu lho tenho dito, a esse filho de uma cadela! Ainda no domingo passado, à noite, preparava-se ele para sair; ao vê-lo meter tabaco na bolsinha, disse-lhe eu assim: “Quando é que a deixarás, desavergonhado maldito? Até quando terá a minha velhice de aguentar isto? De uma hora para a outra o Stepane te pode torcer o pescoço!...”

Da cozinha, pela fenda de cima da porta, Mitka espreitava para a sala, enquanto as duas irmãzinhas, em baixo, segredavam.

Natália estava num quarto, a uma ponta da casa, sentada sobre o fogão, e enxugava as lágrimas a uma manga estreita da blusa. A vida nova que a esperava assustava-a, torturava-a a incerteza.

Na sala grande acabava-se a terceira garrafa de vodka e decidia-se festejar o noivado no dia primeiro de Agosto.

XIX

Em casa dos Korchunoves havia a agitação que precede as bodas. Acabava-se à pressa uma peça de roupa de baixo para a noiva. Natália passava as noites a fazer para o futuro marido a estola tradicional e as luvas de lã fina de cabra.

A mãe dela, Lukinitchna, demorava-se até de madrugada, curvada sobre a máquina de costura, a ajudar a costureira que tinham mandado vir da stanitsa.

Ao voltar do campo com o pai e os trabalhadores, antes de se lavar e de libertar das pesadas botas de trabalho os pés fatigados, Mitka ia ver Natália à sala grande e ficava um pedaço sentado ao pé dela. O maior prazer dele era meter-se com a irmã.

- Estás a fazer malha? - perguntava-lhe ele, e piscava os olhos ante as franjas felpudas da estola.

- Estou. Que te importa?

- Faz malha, faz, palerma, que todo o agradecimento dele há-de ser dar-te nas ventas.

- Porque afirmas isso?

- Por nada. Conheço o Grichka; sou amigo dele. É cão que não respeita o dono.

- Não digas mentiras! Como se eu o não conhecesse!

- Mas eu conheço-o melhor. Andamos na escola juntos.

Mitka emitia um profundo suspiro hipócrita e, vergando o tronco alto, fitava as Palmas das mãos esfoladas pelo cabo da forquilha.

- Com ele, estás perdida, Natacha! Fica antes solteira. Que lhe achas tu que preste? Há? É feio de meter medo aos cavalos, e ainda por cima pouco esperto... Olha bem para ele: é um tipo nojento!...

Natália encolerizava-se, engolia as lágrimas e curvava para a estola a face triste.

- E o que é pior é que tem o coração seco... - insinuava Mitka sem piedade. - Porque estás tu a chorar? És parva, Natália. Manda-o passear! Se quiseses, selo o cavalo e vou-lhe dizer que não ponha cá mais os pés...

Acudia por Natália o avô Grichaka: entrava no quarto, tenteando o chão com a sua bengala nodosa, a afagar o cânhamo amarelo da barba áspera, e apontando a bengala a Mitka perguntava-lhe:

- Que vens tu aqui fazer, desavergonhado? Há?

- Vim saber notícias, avô - justificava-se Mitka.

- Saber notícias? Com que então?... Pois eu a ti, desavergonhado, digo-te que saias daqui. Em frente, marcha!

O avô agitava a bengala e avançava para Mitka no passo inseguro das suas pernas secas como duas palhinhas.

Havia sessenta e nove anos que o avô Grichaka estava neste mundo. Participara da campanha da Turquia de 1877, fora ordenança do general Gurko, e depois caíra em desgraça e havia sido recambiado para o seu regimento. Por feitos de armas em Plevna e em Róchitch, tinha duas cruzes de São Jorge e a medalha. Vivia em casa do filho e gozava da consideração geral da aldeia, pelo espírito claro que conservava, não obstante a idade, pela sua honestidade incorruptível e pelo seu feitio hospitaleiro. Os poucos anos que lhe restavam passava-os ele a recordar.

No Verão, sentado desde o nascer ao por do Sol num banco ao lado da casa, de cabeça baixa, riscava o solo com a bengala e passava em revista imagens confusas, retalhos de pensamentos, reflexos de recordações que lhe acudiam através das trevas do esquecimento...

Da pala partida do seu boné cossaco, desbotado, tombava-lhe sobre as pálpebras negras dos olhos cerrados uma sombra negra: essa sombra fazia-lhe mais profundas as rugas da face e azulava-lhe a barba grisalha. Nas grossas veias negras dos dedos e das costas das mãos, cruzadas sobre a bengala, corria-lhe lentamente um sangue negro como a terra dos campos.

De ano para ano o sangue lhe arrefecia. Disso o avô Grichaka se queixava a Natália, sua neta preferida:

- Trago meias de lã e não me aquecem os pés. Faz-me tu outras, filha, com as tuas agulhas.

- Mas como é isso, avôzinho? Estamos no Verão!

A rir, Natália sentava-se no banco ao lado dele e observava a grande orelha amarela e rugosa do avô.

- Que queres tu, minha filhinha, se mesmo no Verão o meu sangue está frio como a terra funda?

Natália fixava as redes das veias das mãos do avô e lembrava-se do dia em que se tinha aberto o poço no pátio e em que com argila húmida, tirada de uma selha, ela fizera (era ainda muito pequena) desajeitadas bonecas e vacas cujos Cornos estavam sempre a cair. Vivamente reencontrava na memória aquela sensação das suas mãos em contacto com

a terra morta, glacial, extraída de cinco ságenas de profundidade, e com horror olhava as do avô, cobertas de manchas castanhas, cor de argila, características da velhice.

Afigurava-se-lhe que o que corria nas mãos do avô não era um sangue alegre e vermelho, mas uma terra argilosa, de um castanho-azulado.

- Tens medo de morrer, avôzinho? - perguntava-lhe ela.

O avô Grichaka rodava o pescoço magro, todo ele gelhas e tendões, como que para o desafogar da gola alta do seu uniforme coçado, e o bigode cinzento-esverdeado mexia-lhe.

- Espero a morte como uma visita muito querida. já é tempo... Vivi, servi os tsares e bebi vodka na devida altura - acrescentava ele, com um sorriso que lhe descobria os dentes brancos e lhe fazia tremer os pés-de-galinha.

Natália acariciava as mãos do avô e ia-se embora. Ele quedava-se no seu banco, a riscar o solo com a bengala gasta na ponta, sempre curvado, no seu uniforme cinzento, remendado em vários sítios, em que os galões vermelhos da gola rígida punham uma nota alegre, moça e provocadora.

Aceitou com aparente serenidade a notícia de Natália estar noiva, mas no fundo sentiu-se desolado e irritado: Natália servia-lhe sempre à mesa os melhores bocados, Natália lavava-lhe a roupa branca, Natália Passajava-lhe as meias ou fazia-lhe outras novas, e remendava-lhe as calças e as camisas. Por isso o avô Grichaka a olhou quase dois dias com olhos severos.

- Os Melekhoves são bons cossacos. O falecido Prokófi foi um cossaco famoso. Mas os netos como são? Há?

- Os netos não são maus - respondia evasivamente Mírone Grigórievitch.

- Esse Grichka não é respeitador. É um marau. Outro dia, saía eu da igreja, passou por mim e não me cumprimentou. Agora, já não se respeitam os velhos...

- É um moço delicado - acudia Lukinitchna pelo futuro genro.

- Há? Delicado, dizes tu. Nesse caso, tanto melhor. Se ele é do agrado da Natália...

O avô Grichaka quase não participara das negociações do casamento. Saíra por um momento do quarto, sentara-se à mesa, enfiara com dificuldade um copo de vodka pela goela desabituada, e aquecido, sentindo-se já toldado, desaparecera.

Depois dos dois dias em que olhara, calado, a felicidade e a perturbação de Natália, mastigando sem cessar qualquer coisa e remexendo as guias esverdinhas do bigode, abrandou visivelmente.

- Natachka! - interpelou-a ele.

Natália aproximou-se.

- Então, netinha? Espero que estejas contente. Há?

- Eu própria não o sei, avô - confessou Natália.

- Ora, ora... Vamos lá a ver... Deus está contigo. Deus permita... - E com despeito e desgosto continuou: - Podias ter esperado que eu morresse, velhaca. Casavas-te depois... Sem ti a minha vida vai ser muito amarga.

Mitka, que ouvia da cozinha a conversa deles, comentou:

- Tu, avô, és capaz de viver cem anos. Havia ela de esperar até lá? És um bom farsola!

O avô Grichaka, de corado, fez-se negro, e perdeu a respiração. Pôs-se a bater no chão com a bengala e com os pés.

- Ala daqui, desavergonhado, filho de uma cadela! Ala! Ala! Alma do diabo! Escutas às portas, inimigo!...

Mitka fugiu para o pátio a rir, mas o avô Grichaka continuou a injuriá-lo e, da indignação, as pernas tremiam-lhe, nas suas meias de lã.

As duas irmãs mais novas de Natachka, Marichka, uma adolescente de doze anos, e Griпка, uma espertalhona faladora, de oito, esperavam com impaciência o dia da boda.

Os trabalhadores que viviam permanentemente em casa dos Korchunoves andavam também contentes. Esperavam um generoso presente do patrão e dois dias de folga durante as festas. Um deles, um ucraniano de Bogutchar, alto como a cegonha de um poço, que tinha o apelido esquisito de Guet-Babá, apanhava uma bebedeira de caixão à cova de seis em seis meses. Bebia então o salário e tudo o mais que tinha. Havia já tempo que sentia crescer nele a sua conhecida apetência, mas aguentava-se, para fazer coincidir o começo da crise com a festa.

O outro, um cossaco enfezado e moreno da stanitsa de Migulinsskaia, chamado Mikhei, não estava em casa dos Korchunoves havia muito; arruinado por um incêndio, contratara-se como trabalhador, e tendo-se tomado de amizade por Guetko, como abreviadamente se chamava a Guet-Baba, começara também a embebedar-se de tempos a tempos. Era um amador apaixonado de cavalos; quando bebia, chorava e suplicava a Mirone Grigórievitch, com a sua face estreita e imberbe lambuzada de lágrimas:

- Patrão! Meu querido patrãozinho! Em a tua filha casando, deixa o teu Mikhei guiar o carro. Se eu guiar, há-de-se ver o que se há-de ver! Sou capaz de passar através das chamas, sem um só pêlo dos cavalos se chamuscar... Eu também já tive cavalos... Ali!...

Guetko, sempre carrancudo e insociável, ligara-se inexplicavelmente a Mikhei e não parava de o seringar com a mesma brincadeira:

- Mikhei, estás a ouvir? De que stanitsa és tu? - perguntava-lhe ele, esfregando nos joelhos as mãos compridas. E ele próprio respondia, mudando de voz: - “De Migulinsskaia.” E porque és tu tão palerma? “Lá, somos todos assim.”

A esta graça incessantemente repetida, rompia em gargalhadas roucas, dando palmadas sonoras nas coxas compridas e secas, enquanto Mikhei lhe fitava com expressão de ódio a face rapada e a maçã-de-adão que se lhe movia para cima e para baixo, e lhe chamava mocho e sarna.

O casamento fixou-se para o primeiro dia de gordo. Faltavam três semanas. No dia da Assunção, Grigóri visitou a noiva. Passou uns momentos na sala grande, em frente da mesa redonda, a tasquinhar sementes de girassol e nozes, na companhia de umas amigas de Natália, e depois saiu. Natália acompanhou-o à porta. Chegados debaixo do alpendre do armazém, onde o cavalo de Grigóri, sumptuosamente selado de novo, refizera as forças numa manjedoura, meteu uma mão no seio e, vermelha, com um olhar apaixonado, estendeu a Grigóri um embrulhinho de pano macio, quente ainda do seu peito de rapariga. Ao aceitar o presente, Grigóri perguntou-lhe deslumbrando-a com a alvura dos seus dentes de lobo:

- Que é?

- Tu o verás depois... é uma bolsa de tabaco, que eu bordei.

Grigóri puxou-a com indecisão contra si, quis beijá-la, mas ela apoiou as mãos no peito dele, inclinou-se para trás, e deitou um olhar assustado para as janelas.

- Podem-nos ver!

- E depois?

- Tenho vergonha...

- É por ser a primeira vez - explicou-lhe Grigóri.

Ela segurou as rédeas. Franzindo os olhos, Grigóri procurou com o pé o estribo serrilhado. Instalou-se o mais comodamente possível no coxim da sela e saiu do pátio. Natália, que lhe fora abrir o portão, seguiu-o com os olhos, de mão em pala: Grigóri montava à kalmuk, um pouco inclinado para o lado esquerdo, e agitava pimponamente a chibata.

“Faltam ainda onze dias “ pensou Natália, suspirando. E pôs-se a rir.

XX

O trigo verde, de folhas aceradas, rompe a terra e cresce; mês e meio mais tarde, já esconde por completo uma gralha-calva que nele se refugie; aspira a seiva da terra, ergue-se, e depois floresce; uma poeira doirada cobre as espigas; os grãos enchem-se de um leite odorífero e doce. O lavrador olha a estepe e todo ele é satisfação. De repente, um rebanho de gado, vindo não se sabe donde, irrompe no campo, calca-o e esmaga as espigas pesadas. Onde o gado passou, o que fica é palha pisada... É um espectáculo selvagem e amargo.

Foi o que aconteceu a Akcínia: com as suas pesadas botas de coiro cru, Grichka esmagara um sentimento que desabrochava em flores de oiro. Disso restavam apenas cinzas e sujidade.

Desde aquele dia na horta dos Melekhoves, por entre os girassóis, Akcínia sentia a alma vazia e desolada, como um campo abandonado, invadido pelo quenópódio e pelas silvas.

Pelo caminho adiante ela viera a morder uma ponta do lenço, com um grito estrangulado na garganta. Mal entrara em casa, caíra no chão, sufocada pelas lágrimas e pela dor. Na _cabeça fizera-se-lhe um vazio negro... Depois, aquilo havia passado. Mas, no fundo do coração, algo como uma pua lhe doía.

O trigo calcado pelo gado torna a levantar-se. Do orvalho e do sol, a planta esmagada arrebita; primeiro dobrada, como um homem ajojado por um fardo pesado de mais, endireita-se, ergue a cabeça, e ha sempre para ela sol e vento que a baloíce...

À noite, ao acariciar freneticamente o marido, Akcínia pensava no outro, e ao grande amor misturava-se-lhe na alma o ódio. Mentalmente, decidira tomar, por uma vergonha nova, à antiga falta: roubar Grichka à feliz Natália Korchunova, que do amor não conhecia as penas nem as alegrias. De olhos secos e entreabertos na obscuridade da noite, remoía toda a casta de pensamentos. No braço direito pesava-lhe a bonita cabeça adormecida de Stepane, com a sua longa poupa encaracolada, descaída para um lado. Ele respirava de boca semicerrada, abandonada sobre o peito da mulher a mão direita, cujos dedos de ferro, gretados do trabalho, se lhe agitavam. Akcínia meditava. Fazia projectos. Reflectia. Uma coisa era certa: roubaria Grichka a toda a gente, inundá-lo-ia de amor, possuí-lo-ia como antes.

E no fundo do coração, penetrante como o dardo que a abelha deixa ao picar, a mesma dor a pruía sem remédio.

Isto era de noite, porque de dia Akcínia afogava o seu malucar nas preocupações da casa. De vez em quando encontrava Grichka; sentindo-se empalidecer, movia ante ele o seu belo corpo desejoso, e impudentemente lhe mergulhava no abismo negro dos olhos um olhar provocador.

Depois de cada encontro, Grichka tomava-se de uma angústia pungente. Sem motivo se irritava, descarregando o mau humor sobre Duniachka ou sobre a mãe; mas a maior parte das vezes pegava no sabre, ia para o pátio de trás da casa, e aí, encharcado em suor, de dentes cerrados, desatava a cortar estacas que espetava no chão. Numa semana, havia já um montão de cavacos. Pantelei Prokófievitch praguejava, de brinco e olhos amarelados a cintilarem-lhe.

- Com o que este diabo tihoso cortou podiam-se fazer duas sebes! És um grande esgrimista, filho de uma magana. Ora vai exercitar-te para o mato. Espera um pedaço, meu rapaz, que quando fizeres o serviço militar, então darás sabradas!... Depressa lá te fartarás...

XXI

Quatro carros de parelha constituíam o cortejo que iria buscar a noiva. Em torno dos carros, no pátio dos Melekhoves, era um mar de gente.

O padrinho, que era Petro, vestia jaqueta preta e calças azuis claras, de listra. À roda da manga esquerda tinha dois lenços amarrados e sob o bigode loiro exibia um sorriso inalterável. Não largava o noivo.

- Não tenhas receio, Grichka! Levanta a cabeça como um galo. Que raio de cara é essa?

Junto aos carros havia agora uma confusão e uma barulheira.

- Onde se meteu o padrinho? Estamos na altura de abalar.

- Compadre!

- Hã?

- Compadre, tu vais no segundo carro. Estás a ouvir, compadre?

- Puseram assentos nos carros?

- Está sossegado, que não te partes, mesmo sem assento.

O carro não baloiça.

Dária fina e flexível como uma vara de salgueiro, na sua saia de lã carmesim, erguendo os arcos bem desenhados das sobrancelhas, deu uma cotovelada a Petro.

- É tempo de abalarmos, diz o pai. A estas horas já lá estão à nossa espera.

Após ter trocado algumas palavras a meia voz com o pai, que acabava de chegar, Petro comandou:

- Vamo-nos embora! Cinco pessoas no meu carro, com o noivo. Anikei, guias tu.

Cada um tomou o seu lugar. Ilínitchna, escarlata e solene, abriu o portão. Os quatro carros partiram rua fora, a ver qual ultrapassava os outros.

Petro ia sentado ao lado de Grigóri. Em frente deles, Dária agitava um lenço de renda.

Os buracos e os torrões de terra cortavam as vozes que iam entoando uma canção. Os bonés cossacos, agaloados de vermelho, as jaquetas e as fardas militares, azuis e pretas, com as suas mangas de braçadeiras brancas, o arco-íris variegado dos xales e das saías de

cor das mulheres passavam, deixando atrás de cada carro do séquito uma cauda de musselina, de poeira.

Anikei, vizinho dos Melekhoves e primo afastado de Grigóri, era quem guiava os cavalos do carro do noivo. Dobrado para a frente, em risco de cair do seu lugar, fazia estalar o chicote e emitia gritos agudos. Cobertos de suor, quase rebentando os tirantes, os cavalos corriam à desfilada.

- Chega-lhes! Chega-lhes!... - berrava Petro.

Imberbe como um castrado, Anikei piscava o olho a Grigóri, um sorriso fino arrepanhava-lhe a face lisa de mulher, gritava a plenos pulmões e chicoteava os cavalos.

- Cuidado aí! - bramiu Iliá Ojóguine, tio do noivo por banda materna, ao passar-lhes a frente; e por trás dele Grigóri viu a cara feliz de Duniachka, cujas bochechas tismadas baloiçavam dos solavancos do caminho.

- Espera, que vais ver! - gritou Anikei, que se pôs de pé no carro e atirou um assobio estridente.

Os cavalos lançaram-se num galope raivoso.

- Vê tu não caias!... - guinchou Dária erguendo-se também e rodeando com os braços as botas de polimento de Anikei.

- Aguenta-te!... - acudiu do lado o tio Iliá, cuja voz se sumiu no rangido contínuo das rodas.

Os outros dois carros, a abarrotarem de gente garrida e aos berros, rodavam a par. Os cavalos, com os seus xairéis vermelhos, azuis e cor-de-rosa pálido, as suas flores de papel, as suas fitas entrançadas nas crinas e topetes, desapareciam na estrada acidentada, no meio do tinir dos guizos, soltando flocos de espuma, enquanto os xairéis sacudidos pelo vento estalavam e se lhes enfunavam nos dorsos molhados

Um bando de garotos esperava o cortejo à porta dos Korchunoves. Mal viram poeira na estrada, precipitaram-se pelo pátio dentro.

- Eles aí vêm!

- Vêm à desfilada.

- Estão já à vista!

Guetko, que estava no pátio, foi cercado por eles.

- Que barulheira é esta? Safem-se daqui, pardais do diabo! Em vocês se pondo a piar, nem se ouve mais nada!

- Khokhol (*À letra: poupa, topete. Alcinha por que os russos tratam os ucranianos*), caiador, deixa-nos brincar contigo!... Khokhol!... Khokhol!... Pote de alcatrão!... - gania a garotada, dançando em volta das calças de Guetko, da largura de um saco.

Guetko, porém, baixando a cabeça como se olhasse para um poço, fitava os garotos desenfreados, a coçar a barriga empinada e rija, e sorria com indulgência.-

Os carros entraram com fragor no pátio. Petro acompanhou Grigóri até ao patamar. O resto do cortejo seguiu-os.

A porta entre o vestíbulo e a cozinha estava fechada. Petro bateu.

- Senhor Jesus Cristo, tem piedade de nós!

- Amém! - responderam do outro lado.

Por três vezes Petro repetiu as pancadas e a invocação e por três vezes recebeu a mesma resposta surda.

- Podemos entrar?

- Façam favor.

Abriu-se a porta. A madrinha, uma viúva bonita, já madrinha de baptismo de Natália, acolheu Petro com uma reverência e um sorriso amável dos seus lábios de framboesa.

- Bebe à tua saúde, compadre.

Estendeu-lhe um copo de kvass turvo e de fabrico recente. Petro alisou o bigode, bebeu e tossicou, enquanto toda a assistência continha o riso.

- É então assim que me recebes, comadre?... Espera um momento, meu moranguinho silvestre, que com o meu presente até vais chorar!...

- Faz o favor de me desculpares. - E a madrinha inclinou-se, sorrindo com malícia.

Enquanto o padrinho e a madrinha trocavam gracejos, distribuía-se a cada um dos membros da família do noivo três copinhos de vodka,

Natália, já de vestido de noiva e de véu, estava sentada à mesa, rodeada de convidados. Marichka segurava numa das mãos estendida um rolo de tender massa. Gripka brandia com ímpeto uma pedra de amolar.

Petro, suado, já perturbado pela vodka, ofereceu-lhes, com uma reverência, uma moeda de cinquenta copecas num cálice. A madrinha fez um sinal a Marichka e esta bateu na mesa com o rolo da massa.

- É pouco! Não vendemos a noiva!...

Petro ofereceu noutro cálice uma moedinha de prata.

- Não a vendemos! - teimaram as duas irmãs, dando cotoveladas em Natália, que baixava os olhos.

- Que quer isto dizer? já pagámos mais que o devido.

- Cedam lá, filhinhas - ordenou Mírone Grigórievitch, que a sorrir abriu caminho até à mesa. Os cabelos dele, engordurados com manteiga derretida, cheiravam a suor e a estrume.

Os parentes e os convidados de Natália, que estavam à mesa com ela, levantaram-se para lhe dar lugar.

Petro meteu na mão de Grigóri a ponta de um lenço e, de pé em cima de um banco, guiou-o para o outro lado da mesa, ao encontro da noiva, que estava sentada por baixo dos ícones. Natália pegou na outra ponta do lenço com uma mão húmida de comoção.

Os convidados mastigavam ruidosamente, partindo à unha as galinhas cozidas e limpando os dedos aos cabelos. Anikei comia uma coxa de galinha e a enxúndia escorria-lhe do queixo sobre a gola.

Grigóri fitava com íntima pena a colher dele e a da Natália, unidas por um lencinho, e as papas de farinha com ovos que fumegavam na tigela esmaltada. Tinha fome e sentia na barriga um gorgolejo surdo e desagradável.

Dária banqueteara-se, sentada ao lado do tio Iliá. Este, roendo uma costeleta de carneiro com os dentes fortes, segredava-lhe com certeza obscenidades, porque ela semicerrava os olhos, as sobrancelhas tremiam-lhe, e ria e corava ao mesmo tempo.

Comeu-se demorada e copiosamente. O cheiro resinoso do suor dos homens misturava-se ao das mulheres, acre e picante. As saias, os casacos compridos e os xailes guardados muito tempo cheiravam a naftalina e a qualquer outra coisa, intensa e suave, como os velhos bolos de mel.

Grigóri espreitava Natália pelos cantos dos olhos. Pela primeira vez reparava que o lábio superior dela era túrgido e um nada mais proeminente que o inferior. Descobriu-lhe também, na face direita, um pouco abaixo do malar, um sinalzinho castanho com dois Pelos doirados, e isso entristeceu-o. Lembrava-se do pescoço esbelto de Akcínia e da sua penugem de caracolinhas, e afigurou-se-lhe de repente que lhe tinham posto nas costas suadas, por baixo da camisa, pó de feno urticante. Torceu-se e olhou com impotente angústia as pessoas que se empanturravam, mastigando e dando estalos com os lábios.

Quando se levantaram da mesa, um qualquer, cujo hálito cheirava a compota e a pão de trigo ácido, deitou-lhe nos canos das botas um punhado de grãos de milho miúdo, para o proteger do mau olhado. Durante todo o regresso, aquele milho miúdo lhe magoou os pés e o colarinho duro da camisa o sufocou, e Grigóri, a quem a cerimónia exasperava, com fria e desesperada cólera rosnava para consigo palavras.

XXII

Os cavalos, que haviam repousado em casa dos Korchunoves, voltaram a toda a brida para a propriedade dos Melekhoves. Um suor espumoso empapava-lhes o coiro dos arreios.

Os carreiros, um pouco bêbedos, chicoteavam-nos sem piedade.

Esperavam o cortejo os pais de Grigóri. Pantelei Prokófievitch, cuja barba negra reluzia, salpicada de fios de prata, segurava um ícone nas mãos, de Ilínitchna ao lado, com os seus lábios finos imóveis como se fossem de pedra.

Grigóri e Natália acercaram-se deles para lhes receber a bênção, sob uma chuva de lúpulo e de grãos de trigo. Ao abençoá-los, Pantelei Prokófievitch deixou uma lágrima soltar-se-lhe dos olhos, mas imediatamente se recompôs e baixou o cenho, aborrecido de aquela sua fraqueza ter tido testemunhas.

Os noivos entraram em casa. Vermelhissima por causa da vodka, do caminho e do sol, Dária apareceu no patamar e dirigiu-se a Duniachka, que vinha da cozinha:

- Onde está o Petro?

- Não o vi.

- Tem de se ir a correr chamar o pope (*Sacerdote da Igreja Ortodoxa*) e esse maldito desapareceu.

Petro, que bebera vodka a mais, estava estendido num carro desatrelado e gemia. Dária caiu-lhe em cima como um abutre.

- Embebedaste-te, estúpido! Tem de se ir a correr chamar o pope!... Levanta-te!

- Põe-te a andar! Não tenho que te obedecer! És tu que mandas aqui? - replicou ele pausadamente, fazendo com as mãos um montinho de trampa de galinha e de palhas.

Dária, chorosa, meteu-lhe dois dedos na boca, abaixando-lhe a língua, para o fazer vomitar. Com ele ainda atónito da surpresa, vazou-lhe um balde de água pela cabeça, enxugou-o a uma manta de cavalo que para ali estava e levou-o a casa do pope.

Uma hora depois, Grigóri estava na igreja, de pé ao lado de Natália, que a luz das velas embelezava, de vela de cera na mão e olhos vagueando, sem as ver, sobre as pessoas que sussurravam junto à parede espessa, e repetindo sem cessar para consigo a mesma frase lancinante: “Acabou-se a mocidade... acabou-se a mocidade.” Por trás dele, Petro tossicava,

de face opada; no meio da multidão de pessoas conhecidas e desconhecidas, os olhos de Duniachka cintilavam; e ele ouvia o coral discordante das vozes e as invocações arrastadas do diácono. Uma indiferença tomou-o. Deu as voltas rituais ao coro, quase pisando os tacões cambados do fanhoso padre Vissarione, parando quando Petro lhe puxava disfarçadamente por uma aba da jaqueta, olhando as línguas onduladas das chamas e lutando contra a sonolência que o invadia.

- Troquem os anéis - disse o padre Vissarione, fitando-lhe os olhos com bondade.

Trocaram-se os anéis- “Isto ainda durará muito?” perguntou Grigóri com o olhar a Petro, cujo olhar se cruzara com o dele. Petro moveu os cantos dos lábios e reprimiu um sorriso: “Está no fim “. Grigóri beijou então por três vezes os lábios húmidos e insípidos da mulher, a igreja encheu-se do mau cheiro entontecedor das velas que um garoto apagara, e a multidão precipitou-se para a saída.

Grigóri saiu para o adro, segurando na dele a mão grande e gretada de Natália. Alguém lhe enfiou o boné na cabeça... Uma brisa quente do sul soprava um perfume de absinto. Da estepe vinha um vento fresco. Algures, do outro lado do Don, estorciam-se faíscas azuis, começava a chover, e por detrás do muro branco da cerca ouvia-se, à mistura com o rumor das vozes, o som doce e aliciante dos guizos dos cavalos, que percutiam o chão, ora com uma pata, ora com outra.

XXIII

Os Korchunoves só apareceram depois da partida dos noivos para a igreja. Pantelei Prokófievitch já tinha ido umas poucas de vezes fora do portão espreitar, mas a estrada cinzenta, ladeada de moitas de silvas, continuava deserta. Ele então virava-se para o Don e relanceava a floresta que amarelecia na margem oposta e os juncos secos que vergavam fatigados na orla de um pântano. Um torpor azul e melancólico, juntamente com o crepúsculo, envolvia a aldeia, o Don, os contrafortes de greda, as árvores da outra margem, que uma bruma lilás toldava, a estepe. Por trás da curva da estrada, perto da encruzilhada, via-se o cimo pontiagudo do campanário da capela.

Aos ouvidos de Pantelei Prokófievitch chegara por fim um ruído quase imperceptível de rodas e ladridos de cães. Dois carros, vindos do lado da praça, irromperam na rua. No primeiro, Mirone Grigórievitch e Lukínitchina vinham sentados ao lado um do outro, baloiçando no banco, com o avô Grichaka em frente, de uniforme de gala, e as suas duas cruzes e a sua medalha ao peito. Mitka era quem guiava, sentado despreocupadamente adiante, sem sequer tocar com o chicote, dobrado debaixo dele os seus morzelos bem alimentados, excitados da corrida. No segundo, Mikhei, inclinado para trás, puxava as rédeas, tentando fazer voltar os seus cavalos ao trote. Uma cor violácea cobria-lhe a face glabra e bicuda, e de sob a pala do boné, quebrada em duas, escorria-lhe um suor abundante.

Pantelei Prokófievitch escancarou o portão e os dois carros entraram no pátio, um a seguir ao outro.

Ilínitchna desceu do patamar como um pato, varrendo com a cauda da saia a sujidade mole acumulada nos degraus.

- Bem-vindos sejam, queridos compadres! É uma honra para esta pobre casa! - E dobrava o corpo pesado.

Pantelei Prokófievitch, de cabeça à banda e braços abertos, repetia:

- Entrem, façam favor, compadres! Entrem! - Gritou que desatrelassem os cavalos e dirigiu-se para Mirone Grigórievitch. Este sacudia as calças com as mãos. Depois dos cumprimentos, subiram-se as escadinhas do patamar. Moído por aquela viagem desusual, o avô Grichaka ia atrás de todos.

- Entrem, compadres, entrem - insistia Ilínitchna.

- Ora essa! Muito obrigado. Cá vou entrando.

- Já nos tardavam. Entrem lá. Eu vou-lhe dar uma escova para limpar a farda. A poeira é tanta que nem se pode respirar.

- Diz bem. É a seca. É isso que faz a poeira. Não se incomode, comadre. É um instantinho... - E o avô Grichaka fez uma vénia à comadre muito solícita, retirou-se às arrecuas direito ao armazém e sumiu-se por trás de uma máquina de joeirar, pintada de encarnado.

- E tu agarrada ao velho, idiota! - atirou Pantelei Prokófievitch a Ilínitchna ao juntarem-se os dois no patamar. Ele a querer fazer as suas necessidades, e tu... Oh, Senhor, isto é que és estúpida!...

- Como querias tu que eu soubesse? - ripostou Ilínitchna, atrapalhada.

- Devias perceber. Bem, deixa lá. Acompanha a comadre.

À roda das mesas postas havia uma barulheira de vozes de convidados já borrachos. Instalaram-se os pais de Natália numa mesa da casa de estar. Pouco depois, os recém-casados chegaram da igreja. Pantelei Prokófievitch serviu a vodka, de lágrimas nos olhos.

- Bem, compadres, cá vai aos nossos filhos! Que tudo lhes corra pelo melhor, como a nós... Que eles vivam felizes e com saúde...

Ofereceu-se ao avô Grichaka um copo grande de vodka, de que lhe vazaram metade na boca eriçada de pêlos esverдинhados e a outra metade na gola dura do uniforme. Uns bebiam erguendo saúdes. Outros bebiam simplesmente. O barulho era de feira. Um parente afastado dos Korchunoves, sentado à ponta da mesa, Nikifor Kolovéidine, velho soldado da Guarda, levantava a mão e berrava:

- Amarga! (*Quando um convidado grita “amarga!” os recém-casados têm de se beijar*)

- Amarga! - respondia a mesa toda.

- Amarga - repetia a cozinha apinhada.

Grigóri, carrancudo, beijava os lábios insípidos da mulher e relanceava em torno um olhar de bicho acossado.

As caras estalavam de vermelhas. Da turvação da bebida, os sorrisos e os olhares eram obscenos.

Das bocas glotonas, fatigadas de mastigar, a saliva dos bêbedos escorria sobre a toalha. Numa palavra: era uma festa.

Nikifor Kolovéidine escancarava a boca escalavrada e levantava a mão.

- Amarga!...

Na manga da farda azul-clara do regimento Atamánsski, três arabescos doirados franziam-se-lhe: os seus galões de reincorporado.

- Amarga!...

Grigóri olhava com ódio a boca de Kolovêidine, em que se via, por entre os raros dentes, de cada vez que ele gritava, uma língua grossa, peganhenta e roxa.

- Beijem-se, palermas!... - resmungava Petro, movendo as guias do bigode encharcado em vodka.

Na cozinha, Dária, desgrenhada, vermelhíssima, entoou uma cantiga, a que logo outros se associaram e alastrou à sala.

*Para atravessar o rio,
Cá está a ponte, cá está.*

Fundiam-se as vozes, mas, sobrepondo-se a todas, a de Khristónia fazia vibrar os vidros:

*Se me ofereceres de beber,
Não sou eu que direi não.*

Do quarto de cama um guincho de mulher prosseguiu:

*Ai de mim, esqueci, quebrei
o voto que tinha feito.*

E uma vozinha de velho, rangente como o aro de uma pipa, acompanhou-as:

*Ai de mim, esqueci, quebrei
o voto que tinha feito,
A roubar em campo alheio
Pilritos no pilriteiro.*

- Vamos a isto, gente fixe! - Prova-me este carneiro.

- Tira daí a pata... Está o meu marido a olhar-nos.

- Amarga!...

- Não se atrapalha, o padrinho. Olhem para ele com a comadre!

- Ná! Arreda para lá o carneiro... Prefiro o esturjão... E dai, deixa ver: e bem gordo!
- Compadre Prochka, vamos a um copinho juntos?
- Isto é fogo nas goelas...
- Semione Gordeievitch!
- Hã?
- Semione Gordeievitch!
- Deixa-me cá!

O pavimento da cozinha rompeu a vibrar sob o martelar dos tacões. Um copo caiu: mas o ruído dele perdeu-se na barulheira geral. Grigóri lançou um olhar para a cozinha, por sobre as cabeças das pessoas sentadas à mesa: as mulheres dançavam de roda, com exclamações e guinchos. Sacudiam os rabos enormes (nenhuma delas era magra e todas tinham entre cinco e sete saias), abanavam os seus lencinhos de rendas e bandeavam os cotovelos.

Um acorde imperioso fez calar todas as vozes. Um tocador de harmónio, iniciou uma dança cossaca, em tom grave.

- Abram espaço! Abram espaço!

- Afastem-se, caros convidados! - insistia Petro, dando punhadas nos ventres suados das mulheres.

Grigóri, de súbito reanimado, piscou um olho a Natália.

- O Petro vai dançar a cossaca. (*Dança que consiste em atirar as pernas para a frente, alternadamente, sem abandonar a posição de cócoras*) Repara.

- Com quem?

- Não vês? Com a tua mãe.

Lukínitchna pôs as mãos nas ancas, segurando um lenço na esquerda.

- Vá começa! Senão, começo eu!...

Petro aproximou-se dela a passos miúdos, deu um salto prodigioso, e recuou para o seu lugar. Lukínitchna, que tinha erguido as saias como para atravessar um charco, bateu vivamente no chão com a ponta de um pé e prorrompeu, por entre um murmúrio de admiração, a atirar as pernas como um homem.

O tocador de harmónio atacou no mesmo tom grave alguns compassos rápidos. Petro deu um salto, e lançou-se numa prissiadka, gritando e dando palmadas nos canos das botas, de pontas do bigode metidas aos cantos da boca. As pernas dele agitavam-se em passos de uma rapidez surpreendente; a poupa de cabelos, encharcada em suor, agitava-se-lhe sobre a testa, sem conseguir, contudo, acompanhar-lhe o movimento das pernas.

As costas dos convidados apinhados à porta escondiam Petro de Grigóri. Este simplesmente lhe ouvia o martelar rápido dos tacões ferrados, como o crepitar de uma tábua de pinho a arder, e os gritos dos convidados bêbedos.

Depois, Mirone Grigorievitch dançou com Ilinitchria, comedido e sério, como fazia tudo.

Pantelei Prokófievitch, de pé num banco, baloiçava a sua perna coxa e dava estalos com a boca. Nele, em lugar das pernas eram os lábios que dançavam, infatigáveis, e com eles a argola da orelha.

Desataram a dançar a cossaca desde os dançarinos batidos aos que não eram capazes de dobrar as pernas como convém. Gritava-se-lhes:

- Aguenta-te!
- Mais depressa! Isso mesmo!...
- As pernas tem ele leves. O cu é que lhe pesa.
- Rápido! Rápido!
- Os nossos são melhores!
- Uma pinga, senão...
- Estás cansado, malandro! Dança, ou dou-te com a garrafa!

O avô Grichaka, um pouco borracho, tinha passado um braço à roda das costas largas do vizinho de mesa e zumbia-lhe ao ouvido, como um mosquito:

- De que classe és tu?

O vizinho, um velho nodoso como um castanheiro vetusto, gritava-lhe, empurrando-o com uma das mãos:

- Da de trinta e nove, rapaz!
- De qual? Hã? - E o avô Grichaka punha uma mão em concha contra a orelha rugosa.
- Da de trinta e nove, já te disse.
- Mas quem és tu? E eras de que regimento?
- Sou o sargento-ajudante Makcime Bogatíriov, do regimento Bakianov. Sou da aldeia... da aldeia de Krássni-lar.
- És parente dos Melekhoves?
- Como?
- Se és parente, pergunto-te eu.
- Ah! Sou o avô da noiva.
- Eras, então, do regimento Baklanov?

O velho fitava o avô Grichaka com olhos mortiços e abanava a cabeça, enrolando entre as gengivas um pedaço de pão que não conseguia mastigar.

- Quer isso dizer que estiveste na campanha do Cáucaso?

- Servi sob as ordens do próprio defunto Baklanov, Deus o tenha no seu santo Paraíso. Conquistámos o Cáucaso. O nosso regimento era de cossacos escolhidos... Exigia-se a mesma altura que para a Guarda, com a diferença de que também se aceitavam os que fossem curvados... Era cada perna, e também cada costado, que um cossaco de hoje se lhe podia deitar em cima ao comprido... Aquilo, filho, é que eram homens... Uma vez no Aul (*Nome das aldeias de certas regiões do Cáucaso e da Ásia Central*) de Tchelendjisski, tive a honra de receber uma chibatada de Sua Excelência o defunto general...

- Pois eu estive na companhia da Turquia. Hã? Estive, lá pois. - E o avô Grichaka endireitou o peito magro, fazendo telintar as suas condecorações.

- Tínhamos ocupado o alvo de madrugada e ao meio-dia os clarins tocam a reunir...

- Também tive ocasião de servir o tsar branco. Na batalha de Rochitch, o nosso regimento, o 12 de cossacos do Don, bateu-se contra os janízaros...

- Tocam então os clarins a reunir. prosseguia o veterano de Baklanov, sem ouvir o avô Grichaka.

- Os janizaros são assim como a nossa Guarda. Pois é. - o avô Grichaka, entusiasmado, fazia grandes gestos furibundos. - Servem o tsar deles e usam uns sacos brancos na cabeça. Hã? Uns sacos brancos na cabeça!

- Digo eu ao meu camarada: “Isto, Timocha, significa que vamos bater em retirada. Tira esse tapete da parede. Amarramo-lo à patilha do selim...”

- Tenho duas cruzes de S. Jorge! Fui condecorado por feitos de armas!... Aprisioneie um comandante turco vivo!

O avô Grichaka chorava e dava com o punho seco murros sonoros nas costas de urso do veterano de Baklanov, mas este, que molhara um pedaço de frango em compota de cereja, julgando que era molho de morango silvestre, olhava com os seus olhos mortiços a toalha suja de papas de farinha e ovos, movendo ruidosamente a boca descaída.

- É verdade, meu filho, foi o diabo que me tentou... - Os olhos do velho consideravam com uma fixidez mortal as pregas da toalha branca, como se em vez daquela toalha suja de vodka e papas, estivesse a ver os vales gelados e adormecidos do Cáucaso. - Até ali, eu nunca tinha roubado... Quando ocupávamos os aúles tcherkesses, nada do que havia nas cabanas me interessava... O que é alheio é sagrado... E de repente... Aquele tapete tinha-me dado nas vistas... com aquelas suas franjas... Ora aqui está, pensei eu, uma manta para o cavalo...

Passámo-las boas! Até estivemos em terras do outro lado do mar. - O avô Grichaka tentava olhar o vizinho nos olhos, mas as órbitas profundas deste sumiam-se-lhe sob tufos cinzentos de barba e das sobranceiras, como uma ravina sob a erva maninha, e o avô Grichaka não lhe conseguia penetrar até eles, perdidos naquela confusão de pêlos eriçados.

Por isso decidiu usar de um estratagema: para forçar a atenção do vizinho, resolveu abordar sem preparação o ponto culminante da sua narrativa, começando-a pelo meio:

- Era o capitão Terssintsev quem comandava: “Pelotão, em colunas! A galope! Marcha!”

O veterano de Baklanov atirou a cabeça para trás, como um cavalo de sela ao som de um clarim, deixou cair o punho nodoso em cima da mesa e murmurou:

- Regimento Baklanov! Lanças em riste! Sabres ao alto!... - A voz encheu-se-lhe repentinamente, nas pupilas turvas acendeu-se-lhe e ardeu-lhe um fogo antigo, que a velhice havia apagado. - Rapazes de Baklanov!... - Escancarou a boca de gengivas descarnadas e berrou: - Ao assalto... Em frente, marcha!...

Olhou o avô Grichaka com expressão jovem e desperta e nem sequer curou de enxugar à manga do uniforme as lágrimas que já sentia no queixo.

Por seu turno, o avô Grichaka, animou-se:

- Dá-nos a ordem que eu disse e ergue o sabre. Partimos a galope. Mas os janizaros tinham-se disposto assim - com um dedo desenhou um quadrado mal feito - e abriram fogo contra nós. Duas vezes seguidas carregamos, duas vezes seguidas eles nos repeliram. E a cavalaria deles, que nós não tínhamos visto, vá de sair de um bosquezinho para nos atacar de flanco!

O nosso chefe de pelotão dá as suas ordens. Operamos uma conversão à esquerda, formamos de novo, e para a frente! Entramos pelo meio deles e repelimo-los. Qual é acavalaria que se aguenta diante dos cossacos? E pronto. Rasparam-se para a floresta, aos berros... Naquele momento, vejo um oficial deles que avança para mim num cavalo castanho. Um rapaz novo, esse oficial, de bigode preto caído. Olha para mim, torna a olhar, e tira o revólver do coldre. O coldre estava fixado à sela... Atira e falha. Então eu piquei o cavalo e apanhei-o. Quis-lhe dar uma sabrada, mas reflecti: era um homem... Agarrei-o pelo meio do corpo com o braço direito, de modo que o arranquei da sela. Estás a ver? Morde-me a mão, mas não o larguei...

O avô Grichaka, triunfante, fitou o vizinho: este adormecera no meio da barulheira, e com a cabeçorra angulosa descaída para o peito ressonava serenamente.

SEGUNDA PARTE

I

A origem da família de Serguei Platónovitch Mokhov reportava-se a época já distante.

Um dia, no reinado de Pedro o Grande, descia o Don, direita ao mar de Azov, uma barcaça carregada de biscoitos e de pólvora. Os cossacos da povoação rebelde de Tchigonáki, sita não longe da desembocadura do Khopr no Don, atacaram-na uma noite, degolaram os guardas, que dormiam, apoderaram-se dos biscoitos e da pólvora, e meteram-na no fundo.

À ordem do tsar, saíram de Voróneje tropas que incendiaram a povoação rebelde e esmagaram sem piedade os cossacos que haviam tomado parte no ataque: o essaul (*Capitão de cossacos*) lakirka e quarenta cossacos com ele aprisionados foram enforcados em forcas flutuantes, que se largaram no rio, para intimidação das stanitsas turbulentas do Baixo-Don.

Uma dezena de anos mais tarde, alguns cossacos estranhos à região e outros que haviam escapado à chacina instalaram-se no sítio onde existira Tchigonáki. Uma nova stanitsa surgiu, rodeada de novas muralhas. Dessa altura data a chegada à região, vindo da circunscrição de Voróneje, do camponês Nikichka Mokhov, informador e espião do tsar. Exercia o ofício de bufarinheiro, vendendo toda a espécie de mercadorias necessárias à vida quotidiana dos cossacos: cabos para facas, tabaco, pederneiras; adquiria e vendia também objectos roubados, e ia a Voróneje duas vezes por ano, aparentemente para se reabastecer, mas de facto para informar se a stanitsa estava sossegada e se os cossacos não tramavam nenhum novo crime.

Foi esse Nikichka Mokhov o fundador da linhagem dos Mokhoves comerciantes, que se implantaram solidamente na terra cossaca. Multiplicaram-se e enraizaram-se na stanitsa como o escalracho, que torna a crescer quando o arrancam; e devotamente guardaram o salvo-conduto, meio reduzido a poeira, que o voivoda (*Governador de uma província*) de Voróneje tinha dado ao seu antepassado, ao enviá-lo para a stanitsa sediciosa. Até aos nossos dias o teriam eles conservado, se não tivesse ardido na sua caixinha de madeira posta ao lado dos icones, aquando do grande incêndio que houve no tempo do avô de Serguei Platónovitch. Este avô, que perdera às cartas todos os seus bens, conseguira levantar outra vez cabeça, mas aquele incêndio destruiu-lhe tudo, de modo que Serguei

Platónovitch teve de recomeçar a vida a partir do nada. Depois de enterrar o pai paralítico, iniciou o seu negócio com um rublo na algibeira. Principiou por comprar nas aldeias cerdas de porco e penas. Cinco anos pelo menos viveu na miséria, intrujando e não perdoando uma copeca aos cossacos das aldeias das redondezas; e, um belo dia, Seríojka, o traficante, tornou-se Serguei Platónovitch, dono de uma mercearia na stanitsa; a seguir casou-se com a filha de um pope meio doido, que lhe trouxe um dote considerável, e montou uma loja de panos. Em boa ocasião se lançou Serguei Platónovitch neste negócio. Por ordem do governo militar, os cossacos tinham começado a emigrar, às aldeias inteiras, da margem esquerda, onde a terra arenosa, argilosa e pedregosa, é estéril e bruta, para a margem direita do Don. Assim se fundou e se povoou de casas a nova stanitsa de Krassnokútsskaia, e na orla das antigas terras senhoriais, ao longo dos rios Tchir, Tchornaia e Frolovka, sobranceiras às ravinas e, aos vales da estepe, nos confins das colónias ucranianas, novas aldeias nasceram. Era, porém, necessário ir-se a cinquenta verstás, ou mais, para fazer compras. E eis que uma loja ali se instalava, com as suas prateleiras de pinho novo recheadas de panos que cheiravam bem. Serguei Platónovitch alargou o seu comércio, como quem abre um harmónio, além dos panos, vendia tudo o de que uma casa simples do campo precisa: cabedais, sal, petróleo, mercearias. Nos últimos tempos, até máquinas agrícolas tinha à venda. Ceifeiras, semeadoras mecânicas, charruas, máquinas de limpar e separar cereais, provenientes da fábrica de Akssai, podiam ver-se, bem arrumadas, ao lado da loja de estores verdes, fresquinha no Verão. É difícil contar o dinheiro na bolsa dos vizinhos; mas metia-se pelos olhos dentro que o comércio do engenhoso Serguei Platónovitch não lhe dava magro benefício. Ao fim de três anos tinha aberto um armazém de trigo e no ano seguinte à morte da primeira mulher começou a construção de um moinho a vapor.

A aldeia de Tatársski e as mais em redor estavam-lhe nas mãos, as suas mãos cobertas de pêlos ralos, negros e luzentes. Não havia uma propriedade que não tivesse na posse de Serguei Platónovitch sua letra de câmbio, papelinho verde orlado, de cor de laranja, pela compra de uma ceifeira, ou pelo enxoval de uma filha (“Chegou a altura de casar a minha filha mas o Paramónov está a arrastar o preço do trigo: abre-me crédito, Platonovitch!”), ou fosse lá por que outra coisa fosse... No moinho trabalhavam nove homens, sete no armazém, e em casa quatro criadas, ao todo vinte bocas que comiam graças ao comerciante. Da primeira mulher tinha uma rapariga, Lisa, e um rapaz, dois anos mais novo que ela, o indolente e escrofuloso Vladimir. A segunda mulher, a seca Ana Ivanovna, de nariz pontiagudo, não tinha filhos. Um amor materno tardio e devoluto, e toda a sua bília acumulada (casara-se com Serguei Platónovitch no declínio dos trinta e

quatro anos) os fizera ela incidir sobre os dois pequenos. O temperamento nervoso da madrasta não exerceu sobre a educação deles uma boa influência; quanto ao pai, não lhes prestava mais atenção que à cozinheira ou a Nikita, o moço da estrebaria. Os negócios e as viagens ocupavam-lhe o tempo todo: tão depressa estava em Moscovo, como em Níjni, como em Uriupínsskaia, ou nas feiras das stanitsas. Os filhos cresceram à solta. Ana Ivanovna não tinha a finura suficiente para procurar perscrutar-lhes as almas infantis, nem isso lho consentia aquela grande casa a dirigir, de modo que o irmão e a irmã cresceram alheios um ao outro, diversos pelo carácter e diferentes do resto da família. Vladimir era metido consigo, mole, de olhar baixo e uma seriedade imprópria da infância. Lisa, que passava os dias na companhia da criada de quarto e da cozinheira, mulher depravada, que a sabia toda, muito cedo se pôs a par de todos os segredos da vida. Estas duas mulheres despertaram nela uma curiosidade malsã: adolescente desajeitada e tímida, entregue a si própria, crescia como numa floresta um pé selvagem de trovisco.

Os anos iam-se arrastando.

O que era velho, como é de regra, envelhecia; as plantas verdes da juventude cresciam e desabrochavam.

Um dia, durante o chá da tarde, Serguei Platónovitch, ao olhar para a filha, ficou varado de espanto. Elisaveta tinha entrementes terminado o liceu e fizera-se uma rapariga alta e nada feia. Nas mãos dele, a chávena cheia de chá cor de âmbar desatou a tremer: “Mas é tal qual a defunta mãe! Meu Deus, que semelhança!” Lizka, vira-te lá! Nunca tinha reparado que a filha se parecia extraordinariamente com a mãe, desde a mais tenra infância.

...Vladimir Mokhov, aluno do quinto ano liceal, rapaz de costas estreitas, de uma magreza doentia, atravessava o pátio do moinho. Chegara havia pouco com a irmã para passarem em casa as férias do Verão e, como sempre, fora logo ali, para ver, para passear por entre a multidão das pessoas enfarinhadas, para ouvir o rumor regular dos cilindros e das rodas dentadas e o rangido das correias de transmissão. O bichanar respeitoso dos cossacos, fregueses do moinho, lisonjeava-o:

- É o herdeiro do patrão...

Contornando com precaução os montões de bosta de vaca e os carros dispersos pelo pátio, Vladimir chegou ao portão, mas lembrou-se de que não havia visitado a casa das máquinas e voltou atrás.

Ao lado da cisterna do petróleo, pintada de encarnado, à entrada da barraca, o peneireiro Timófei, o pesador, conhecido pela alcunha de Valete, e o ajudante do peneireiro, um rapazola de dentes brancos chamado Davidka, de calças arregaçadas até aos joelhos, amassavam uma grande porção de barro.

- Olá, patrão!... cumprimentou-o Valete com ironia.

- Bom dia!

- Bom dia, Vladimir Sergueievitch!

- Que estão vocês a fazer?

A amassar barro respondeu com um sorriso ruim Davidka, arrancando a custo as pernas da massa peganhenta. O teu papázinho não quer gastar um rublo a mais para meter umas mulheres, de modo que somos nós quem tem de fazer isto. É um sovina, o teu pai! acrescentou ele, produzindo com as pernas um ruído de mastigação.

Vladimir corou. Sentia uma repugnância invencível por este Davidka sempre sorridente, pelo seu tom desdenhoso, e até pelos seus dentes brancos.

- Sovina?

- Sovina, pois. É um avarento terrível. Até a própria merda é capaz de comer explicou com simplicidade Davidka, e sorriu.

Valete e Timófei riam com ar aprovador. Ferido pela ofensa, Vladimir considerou Davidka friamente.

- Quer isso dizer... que não estás contente?

- Vem tu amassar e logo sabes. Que imbecil gostará disto? O teu papázinho é que para aqui devia vir; talvez não tivesse uma barriga tão grande.

Baloçando o corpo, Davidka dava passadas à roda, levantando muito as pernas e sorrindo agora alegremente e sem maldade. Saboreando antecipadamente a sua satisfação, Vladimir reflectiu na resposta adequada.

- Bom! - disse ele devagar. - Vou contar ao papá que não estás contente com o teu serviço.

Lançou um olhar oblíquo à cara de Davidka e impressionou-o o resultado das suas palavras. O sorriso de Davidka assumira uma expressão magoada e constrangida e as faces dos outros dois haviam-se tornado sombrias. Durante um pedaço os três amassaram em silêncio o barro que se ia espessando. Por fim, Davidka despregou os olhos das pernas enlameadas e disse, meio com ódio, meio obsequioso:

- Eu estava a brincar, Volódia... Disse aquilo por graça...

- Eu transmitirei ao papá o que tu disseste.

Vladimir ia já ao pé da cisterna. Da injúria feita a ele e ao pai, e do sorriso lamentável de Davidka, tinham-lhe vindo as lágrimas aos olhos.

- Volódia!... Vladimir Serguêievitch!... - gritou Davidka assustado, e saiu do barro, deixando cair as calças sobre as pernas sujas até aos joelhos.

Vladimir parou. A correr, respirando com dificuldade, Davidka alcançou-o.

- Não digas nada ao teu papázinho. Eu disse aquilo por graça... Desculpa-me. Sou um estúpido... Palavra que foi sem maldade!... Era uma brincadeira...

- Está bem! Não direi nada! exclamou Vladimir, de testa franzida; e dirigiu-se para o portão.

Vencera nele a piedade que Davidka lhe suscitara. com um sentimento de alívio, caminhava ao longo da paliçada. Da forja, encravada a um canto do pátio do moinho, vinha um barulho alegre de marteladas: uma, surda e mole, no ferro aquecido, duas de ricochete, na bigorna sonora.

- Porque o provocaste? Enquanto se afastava, Vladimir ouviu a voz grave e abafada de Valette. Cheira mal, quando se mexe na trampa.

“O canalha!” pensou Vladimir, furioso. “A insultar-me!... Digo? Não digo?”

Voltou-se, viu os dentes brancos de Davidka a rir, e decidiu com firmeza: “Pois digo mesmo!”

Na praça, perto do armazém, estava um carro parado, de cavalo preso a uma estaca. Uns garotos afugentavam do telhado do barracão dos bombeiros um bando cinzento e rumoroso de pardais. No terraço, a voz sonora de barítono do estudante Boiaríchkin reboava, misturada a outra, áspera e aguda.

Vladimir subiu os degraus da entrada. A vinha-virgem pendia-lhe por sobre a cabeça; a sua folhagem exuberante invadira o patamar e o terraço, e caía da moldura azul da cornija em forma de toucado denso e verde.

Boiaríchkin abanava a cabeça rapada e violácea, e dizia ao professor Balanda, homem novo, mas barbudo, sentado ao lado dele:

Ao lê-lo, embora filho de lavradores cossacos e do profundo ódio natural que nutro por todas as classes privilegiadas, até eu lamento dolorosamente esta casta em via de extinção. Quase me sinto eu próprio aristocrata, ou grande proprietário rural, entusiasta do seu ideal da mulher, tomando a peito os seus problemas, numa palavra, nem eu sei! O génio é isto, meu caro: ser capaz de converter as pessoas!

Balanda brincava com as borlas do seu cinto de seda e fitava, sorrindo ironicamente, o bordado de lã vermelha da orla da camisa. Lisa repousava, sentada numa cadeira de braços. Era visível que a conversa a não interessava. Os olhos dela, como sempre um pouco vagos e que incessantemente pareciam procurar qualquer coisa, olhavam com tédio a cabeça violácea e coberta de arranhões de Boiaríchkin.

Cumprimentando-os ao passar, Vladimir foi direito à porta do gabinete do pai. Estendido num sofá fresco de cabedal, Serguei Platónovitch folheava o número de Junho da revista

“A Riqueza Russa”. Uma faca de osso, de cortar papel, estava caída no chão, ao lado dele.

- Que queres tu?

Vladimir enfiou a cabeça entre os ombros, puxou nervosamente a camisa.

- Venho do moinho... - começou ele, com indecisão. Mas lembrou-se do sorriso ofuscante de Davidka e, fitando o ventre redondo do pai, moldado num colete de seda crua, foi já resoluto que prosseguiu:... - e ouvi Davidka dizer...

Serguei Platónovitch escutou-o com atenção:

- Põe-se na rua. Podes-te ir embora. - E, gemendo do esforço, apanhou a faca de papel.

Todos os dias os intelectuais da aldeia se reuniam em casa de Serguei Platónovitch: Boiaríchkine, estudante do Instituto Técnico de Moscovo; o professor Balanda, macilento, a quem o amor-próprio e a tuberculose devoravam; a amante dele, a professora Marfa Guerassímovna, rapariga rechonchuda, que não envelhecia, e cujas saias de baixo assomavam sempre de modo escandaloso dos vestidos; e o director dos correios, solteirão maníaco, avelhentado, que cheirava a lacre e a perfumes baratos. Aparecia por vezes também, vindo das suas terras a cavalo, quando estava por algum tempo de visita em casa do pai, nobre e proprietário, o jovem sótnik Evguéni Lisstnítzki. À tardinha tomava-se chá no terraço, armavam-se conversas despreocupadas, e, quando o fio preguiçoso delas se quebrava, um dos convidados punha a trabalhar o gramofone caro, que tinha o nome do dono da casa incrustado.

De tempos a tempos, por ocasião das grandes festas, Serguei Platónovitch gostava de deitar poeira nos olhos das pessoas: espalhava os convites e oferecia aos convidados vinhos finos, caviar fresco que mandava vir de Bataíssk e os melhores aperitivos. O resto do ano vivia mesquinhamente. A única coisa em que não poupava era nos livros. Serguei Platónovitch gostava de ler e apreender tudo com a sua própria inteligência, que era tentacular.

O sócio dele, Emeliane Konstantínovitch Atiópine, loiro, de barbicha pontiaguda, olhos minúsculos e fendidos, era raro aparecer. Estava casado com uma antiga freira do convento de Usst-Medvéditzkaia, a quem fizera oito filhos nos seus quinze anos de casamento, e passava a maior parte do tempo em casa. Emeliane Konstantínovitch começara a vida como escriturário de um regimento, e disso mantinha no convívio familiar um forte gosto de cerimónia e servilismo. Na presença dele, os filhos andavam nos bicos dos pés e falavam em voz baixa. Todas as manhãs, depois de arranjados, se colocavam em fila na sala de jantar, por baixo do grande relógio escuro pendurado na parede, com a mãe

atrás, e, mal ouviam no quarto a tosse seca do pai, entoavam com as suas vozes discordes e desafinadas: “Senhor, protege os teus servidores”, e depois um padre-nosso.

No fim da oração, já Emeliane Konstantínovitch estava vestido; aparecia então, franzindo os seus olhos de lagarta de couve, e estendia, como um arcebispo, a sua mão glabra e papuda. Os filhos, um após outro, acercavam-se e beijavam-lha. Emeliane Konstantínovitch beijava a mulher nas faces e dizia-lhe, ciceando:

- Polítsska (*Em vez de Polítchka*) Já fizeste o chá?

- Já, Emeliane Konstantínovitch.

- Dá-mo bem forte.

Era ele quem fazia a escrita do armazém. Por baixo das palavras “Deve” e “Haver”, escritas em letras grandes, enchia páginas e páginas com a sua letra apurada de escriturário. Lia as “Notícias da Bolsa”, encavalitando sem necessidade no nariz tuberoso umas lunetas de aro de ouro. com os empregados era delicadíssimo:

- Ivane Petróvitss (*Por Petróvitch*), queira ter a gentileza de ir buscar a chita da Taurídia para mosstrar a esste cliente.

A mulher tratava-o por Emeliane Konstantínovitch (*Tratamento desabituai na intimidade*), os filhos por “papátzka” e os empregados da loja por Tsatsa.

Os dois eclesiásticos da aldeia, o padre Vissarione e o padre Pankráti, vigário da diocese, pouco se davam com Serguei Platónovitch, com quem tinham velhas contas em aberto. Também um com o outro eles se não entendiam. O padre Pankráti, casmurro e enredador,- não perdia uma ocasião de fazer mal ao próximo; o padre Vissarione, viúvo de voz fanhosa, em consequência da sífilis, que vivia com uma governante, uma ucraniana, era, ao invés, de natureza afável, mas não mantinha relações com o vigário, e detestava-o por causa do seu desmedido orgulho e do seu feitio intriguista.

A não ser o professor Balanda, toda a gente na aldeia tinha habitação própria. O casarão dos Mokhoves, revestido de tábuas pintadas de azul, erguia-se na praça. Mesmo no meio desta, em frente da casa, ficava a loja, com as suas portas transparentes e a sua tabuleta desbotada:

CASA COMERCIAL

DE S. P. MOKHOV E E. K. ATIÓPINE

Anexo à loja, havia um armazém baixo e comprido, com a sua cave. A umas vinte ságenas, erguiam-se o muro de tijolos do cemitério e a igreja com a sua cúpula semelhante a uma grande cebola. Do outro lado da igreja, viam-se as paredes da escola, pintadas de

branco, de uma severidade oficial, e duas casas graciosas: uma azul, com um jardimzinho, a do padre Pankráti, e outra castanha (para não se parecer com a primeira), com um tapume esculpido e uma sacada ampla, a do padre Vissarione. Seguiam-se a casa de um andar, absurdamente estreita, de Atiópine, o edifício dos Correios, e depois tectos de colmo e de chapa de ferro de habitações cossacas, e o perfil inclinado do moinho, com os seus galos de lata ferrugenta no telhado.

Assim ali se vivia, separado do vasto mundo azul por portadas de madeira e por persianas fixadas por cavilhas de ferro. À noite, quando se não saía a fazer alguma visita, fechavam-se portas e janelas, soltavam-se os cães de guarda, e a matraca de madeira do guarda-nocturno era tudo o que se ouvia na aldeia emudecida.

II

No fim do mês de Agosto, Mitka Korchunov encontrou por acaso no Don a filha de Serguei Platónovitch, Elisaveta. Acabava ele de chegar da outra margem do rio e estava a amarrar o barco a um tronco de árvore, quando viu um bote ligeiro que atravessava a corrente com grande facilidade. Vinha de cima e dirigia-se para o desembarcadero. Era Boiaríchkin quem remava. A cabeça rapada reluzia-lhe de suor e as veias da testa e das fontes estalavam-lhe de tumbidas.

Mitka não reconheceu logo Elisaveta. Um chapéu de palha projectava-lhe uma sombra azulada sobre os olhos. Apertava contra o peito, nas mãos tumbadas, um molho de nenúfares amarelos.

- Korchunov! E cumprimentou Mitka com um movimento da cabeça. - Intrujaste-me!

- Como é que te intrujei?

- Não te lembras? Tinha-me prometido ir à pesca comigo. - Boiaríchkin largou os remos e pôs-se de pé. com a velocidade que trazia, o bote esbarrou com a proa em terra, com uma crepitação de madeira contra a greja.

- Lembras-te agora? Lisa ria, ao saltar do bote.

- Não tive tempo. Tive que fazer justificou-se Mitka, seguindo, de respiração cortada, os movimentos da rapariga, que se dirigia para ele.

- Na! É impossível!... Desisto, Elisaveta Serguêievna. Desisto! Ora repara na distância que percorremos neste maldito rio. Tenho as mãos cheias de empoas, de remar. Prefiro a terra!

Boiaríchkin assentou solidamente um pé nu e comprido no cascalho miúdo e esquinado, e enxugou a testa ao seu boné amarrotado de estudante. Sem lhe retorquir, Lisa aproximou-se de Mitka e estendeu-lhe uma mão, que ele apertou desajeitadamente.

- Quando é, então, que vamos à pesca? perguntou ela, atirando a cabeça para trás, de olhos semicerrados.

- Pode ser amanhã. Debulhou-se o trigo: já posso.

- Vais-me outra vez intrujar? Não, não intrujo!

- Passas por lá cedo?

- Antes de nascer o dia.
- Lá te espero.
- Vou! Juro que vou!
- Não te esqueceste a que janela deves bater?
- Hei-de dar contigo. E Mitka sorriu.
- É provável que eu abale dentro em pouco. Gostava de ir uma vez à pesca.

Mitka, em silêncio, rolava entre os dedos a chave ferrugenta do cadeado do barco e fitava-lhe os lábios.

- Isso demora? - inquiriu Boiaríchkine, examinando uma concha bonita, pousada na palma da mão.

- Já vamos.

Depois de um momento calada, ela perguntou, sorrindo para si mesma:

- Houve um casamento na tua casa?

- Foi a minha irmã que se casou.

- Com quem? - E, sem esperar pela resposta, teve para ele um sorriso enigmático e breve. - Está combinado que vais!

De novo, como da primeira vez no terraço dos Mokhoves, o sorriso dela pruiu Mitka como uma ortiga.

Seguiu-a com os olhos até ao bote, que Boiaríchkine, de pernas afastadas, empurrou; por sobre a cabeça deste, Lisa, sorridente, continuava a olhar Mitka, que brincava com a chave e lhe fazia sinais com a cara.

Quando iam aí a umas cinco ságenas da margem, Boiaríchkine perguntou em voz baixa:

- Quem é este rapazola?

- Um conhecido.

- Algum apaixonado?

O rangido dos remos impediu Mitka, que ouvira a pergunta, de lhe ouvir a resposta. Via Boiaríchkine rir-se ao deitar-se para trás nas remadas, mas não via a face de Lisa, que lhe virava as costas. Do chapéu desta uma fita cor de malva caía-lhe sobre um ombro desnudo e redondo, estremecia à brisa leve, desaparecia, irritando os olhos turvos de Mitka.

Mitka, que raro pescava à linha, nunca para isso se havia preparado com tanto cuidado como naquela noite. Cortou estrume seco em pedaços e, enquanto na horta cozia uma kacha de milho, pôs-se a atar as linhas aos anzóis.

Ao ver-lhe os preparativos, Mikhei pediu-lhe:

- Leva-me contigo, Mitka. Sozinho, não és capaz de pescar.

- Cá me arranjarei. Mikhei suspirou.

Há muito tempo que não pescamos juntos. Não desgostaria de apanhar uma carpa de meio pude (*O pude corresponde a 16,38 kg*).

Franzindo a cara ao vapor que se erguia em coluna do tacho da kacha, Mitka não lhe respondeu. Terminados os preparativos, entrou na sala grande.

O avô Grichaka estava sentado em frente da janela; de óculos redondos, de aros de cobre, encavalitados no nariz, lia os Evangelhos.

- Avô! - chamou-o Mitka, encostado à ombreira da porta. O avô Grichaka olhou por cima dos óculos.

- Ha?

- Acorda-me a seguir ao primeiro canto dos galos. Onde vais tu tão cedo?

- À pesca.

O avô, que gostava de peixe, objectou-lhe por objectar: O teu pai disse que tinha de se bater amanhã o cânhamo. Não é altura para paródias. Grande pescador!

Mitka desencostou-se da porta e usou de velhacaria:

- Por mim não me interessa. O que eu queria era que tu comesses peixe. Mas, se tem de se bater o cânhamo, não vou.

- Espera aí! Onde vais tu? assustou-se o avô Grichka, tirando os óculos. Eu falo do caso ao Mirone. Podes ir. Não me desagrada comer peixe. Amanhã é quarta-feira. Eu acordo-te, está bem, idiota! Que tens tu que estar a rir?

À meia-noite, segurando com uma das mãos as ceroulas de pano grosso e tentando o caminho com a bengala, o avô Grichaka desceu os degraus do patamar. Atravessou o pátio, como uma sombra trémula, até ao celeiro, e com a ponta da bengala sacudi Mitka, que ressonava sob uma manta. Enchia o celeiro um cheiro de trigo recentemente batido, a par de outro, de caganitas de ratos e de teias de aranha, acre e bafiento, próprio dos recintos desabitados.

Mitka dormia junto a uma arca de trigo. Não acordou logo. Começou o avô Grichaka a dar-lhe uns empurrões com a bengala.

- Mitiúchka! Mitka! .. Eh, Mitka, calaceiro!

Mitka ressonava profundamente, dobrado em cão de espingarda. O avô perdeu a paciência, encostou-lhe com força a ponteira gasta da bengala à barriga e rodou-a como uma verruma. Dando um grito, Mitka agarrou a bengala e acordou.

- Que sono de estúpido! É uma desgraça dormires assim! protestou o avô.

- Cala-te, cala-te, não faças barulho ciciou Mitka ensonado, procurando as botas às apalpadelas.

Dirigiu-se à praça. Pela segunda vez o canto dos galos soava na aldeia. Ao passar em frente da casa do pope Vissarione, ouviu a voz grave de arcediogo do galo dele, que batia as asas no galinheiro, e o cacarejar abafado e tímido das galinhas.

O guarda-nocturno dormitava no degrau inferior da loja, de nariz agasalhado na gola de pele de carneiro. Ao chegar à vedação da casa dos Mokhoves, Mitka pousou no chão as linhas e a sacola que continha as iscas, e a passos leves, para os cães o não ouvirem, subiu a escadinha do patamar. Puxou o punho da porta, mas esta estava fechada à chave. Saltou a balastrada e alcançou a janela. Estava entreaberta. Da fenda escura saía um aroma doce de um corpo quente de rapariga adormecida e um perfume suave e desconhecido.

- Lisaveta Serguêievna!

Pareceu-lhe que tinha chamado alto de mais. Esperou. Ninguém respondeu. “E se eu me enganei? Se fosse aqui o quarto do pai? Havia de ser bonito! Era capaz de me dar um tiro” pensou Mitka, agarrando o fecho da janela.

- Lisaveta Serguêievna, levanta-te! Vamos à pesca.

“Se me enganei na janela, vai ser uma pesca engraçada!”

- Levanta-te, vá lá a ver! disse ele, irritado, metendo a cabeça pelo quarto dentro.

- Ha? Quem está aí? murmurou no escuro uma voz assustada.

- Anda daí à pesca! Sou eu, o Korchunov.

- Está bem! Eu vou já.

Houve no quarto um ruído ligeiro. A voz ensonada e quente deixara como que um hálito de hortelã-pimenta. Mitka viu uma forma branca e rumorejante mover-se.

“Era bem bom passar a noite com ela... Agora ir à pesca!... Estar para ali sem me mexer!...” pensava ele confusamente, aspirando o cheiro que se exalava do quarto.

À janela apareceu uma face risonha, enquadrada num lenço branco.

- Vou saltar pela janela. Dá-me a tua mão.

- Salta. E Mitka ajudou-a.

Ela apoiou-se-lhe num braço e olhou-o a direito nos olhos.

- Não me demorei?

- Não. Temos tempo.

Encaminharam-se para o Don. Ela esfregou os olhos um pouco empapuçados com a palma de uma mão rosada, e disse:

- Estava a dormir tão bem! Ainda dormia um bocado mais. Vamos muito cedo.

- É a hora de irmos.

Desceram para o Don pela primeira travessa que partia da praça. O rio subira durante a noite e o barco, amarrado a um tronco, que na véspera ficara em seco, baloiçava-se agora na água.

- Tenho que me descalçar - suspirou Lisa, medindo com os olhos a distância que os separava do barco.

- Queres que te leve ao colo? propôs Mitka.

- Não acho próprio... É melhor descalçar-me.

- Mas era mais cómodo.

- É preferível não hesitou ela, perturbada.

Mitka cingiu-lhe as pernas um bocado acima dos joelhos com o braço esquerdo, levantou-a um pouco e meteu pela água até ao barco. Involuntariamente, ela agarrou-se-lhe à coluna morena e firme do pescoço e rompeu a rir, num arrulho doce.

Se Mitka não tivesse tropeçado numa das pedras em que as mulheres da aldeia batiam a roupa ao lavá-la, não teria havido aquele beijo inesperado. com um grito, ela apertou a cara contra os lábios gretados de Mitka, e Mitka estacou a dois passos da borda cinzenta do barco. A água, que lhe enchia as botas, gelava-lhe os pés.

Abriu o cadeado, afastou violentamente o barco do tronco e saltou-lhe para dentro. Remava de pé, com o remo curto. À ré, a água murmurava e chorava. O barco atravessou molemente a corrente, de proa erguida, e tomou a direcção da margem oposta. As canas de pesca trepidavam, batiam umas contra as outras.

- Onde vamos nós? - perguntou Lisa, virando-se.

- Para o lado de lá.

O barco parou perto de uma barroca arenosa. Sem lhe dizer nada, Mitka levantou Lisa nos braços e levou-a para umas moitas de pilriteiros da beira da água. Ela mordia-lhe a cara, arranhava-o, lançou um ou dois gritos abafados e, sentindo-se desfalecer, rompeu a chorar sem lágrimas, amargamente.

Regressaram por volta das nove horas. Uma bruma cor de ferrugem toldava o céu. O vento dançava sobre o Don, desgrenhando as vagas. Dançava o barco ao atravessá-las, e gotinhas espumosas e frias de água salpicavam a cara pálida de Elisaveta, escorriam e ficavam-lhe suspensas das pestanas e das madeixas de cabelos que lhe saíam do lenço.

Franzindo de fadiga os olhos vagos, Elisaveta torcia entre os dedos a haste de uma flor que caíra no barco. Mitka remava sem a olhar; aos pés dele jaziam uma carpa e uma tença, de boca contraída pelo espasmo da morte e os olhos esbugalhados, rodeados de um círculo cor de laranja. A cara de Mitka tinha uma expressão culposa, mista de satisfação e desassossego.

- Vou-te levar ao desembarcadorio de Semiónov. Fica mais perto da tua casa disse ele, virando o barco ao sabor da corrente.

- Está bem aquiesceu ela a meia voz.

A margem estava deserta e das sebes das hortas sobranceiras ao Don, como que desmaiadas, salpicadas de uma poeira de greda, ressequidas pelo vento ardente, exalava-se um cheiro de ramos mortos, queimados. As cabeças pesadas dos girassóis em plena floração, picadas pelos pardais, vergavam para o solo, deixando cair as suas sementes penugentas. O prado reluzia do verde de esmeralda da erva já crescida. Ao longe cabriolavam poldros e o riso pesado dos chocalhos deles chegava até ao Don, trazido pelo vento tórrido do sul.

Mitka pegou nos peixes e estendeu-os a Elisaveta, que saltava do barco.

- Toma a pesca. É para ti.

Ela pestanejou, assustada, e aceitou o peixe.

- Vou-me embora...

- Pois sim...

De peixe na mão, enfiado num raminho de salgueiro, ela partiu, miseranda: a segurança e a alegria da véspera tinham-lhe ficado por entre os pilriteiros.

- Lisaveta!

Ela voltou-se, ocultando sob as sobancelhas carregadas a sua confusão e a sua ira.

- Vem cá um instantinho!

E, quando ela se aproximou, disse-lhe, envergonhado de se mostrar perturbado:

- Nem eu nem tu reparámos... A tua saia, atrás, tem uma manchazinha... pequenina...

Ela corou até aos ombros.

Após um momento de silêncio, Mitka aconselhou-a:

- Volta pelo lado dos jardins.

- De toda a maneira, tenho de atravessar a praça. Devia ter posto uma saia preta murmurou ela, encarando Mitka, cheia de angústia e de um súbito ódio.

- Queres que eu te esfregue isso com erva, para ficar verde? propôs Mitka com simplicidade; e ficou muito admirado de lhe ver lágrimas nos olhos.

A notícia correu a aldeia, como uma rabanada de vento: “Mitka Korchunov enganou a filha de Serguei Platónovitch!” As mulheres falavam do caso de manhãzinha, ao levarem as vacas para o pasto, à sombra da cegonha do poço, que se projectava na poeira cinzenta, deixando escorrer a água dos baldes, e no Don, enquanto batiam a roupa nas pedras chatas da margem.

- É o que acontece quando não se tem mãe.

- O pai nem tempo tem de respirar e a madrastra vigia-a tanto como coisa nenhuma...

- Ainda um destes dias o Davidka maneta, o guarda-nocturno, contou: “Era meia-noite, vi um homem aproximar-se da janela da ponta. Pensei para comigo: é um ladrão que vai assaltar a casa de Platónovitch. Fui logo a correr. Quem está aí? Sou da polícia. Vem aqui já! E, afinal, era ele, o Mitka.”

- As raparigas de hoje são umas desavergonhadas...

- O Mitka contou ao meu Mikichka que a ia pedir.

- Era melhor que assoasse primeiro o ranho!

- Ouvi dizer que a tinha tido à força...

- Ora, comadre!...

O rumor corria ruas e becos, emporcalhando o nome até ali puro da rapariga, como alcatrão numa porta nova...

Desabou a novidade sobre a cabeça calva de Serguei Platónovitch e deitou-o abaixo. Durante dois dias não foi nem à loja nem ao moinho. Às próprias criadas, que viviam no rés-do-chão, só as via ao almoço.

No terceiro dia, Serguei Platónovitch mandou atrelar o cavalo cinzento, malhado de preto, ao seu carrinho veloz e dirigiu-se à stanitsa, cumprimentando com a cabeça, com ar importante e inacessível, os cossacos que ia encontrando. Uma caleça vienense, refulgente de verniz, saiu do pátio a seguir a ele. O cocheiro Emeliane, chupando o seu cachimbo curvo, que lhe parecia colado à barba grisalha, desenredou as rédeas de seda azul, e os dois morzelos arrancaram, caracolando, de cascos ressoando na rua. Por trás das costas direitas de Emeliane via-se a cara pálida de Elisaveta. Segurava nas mãos uma mala pequena e sorriu tristemente ao agitar uma luva na direcção de Vladimir e da madrastra. Pantelei Prokófievitch, que ia a sair da loja, coxeando, perguntou interessado a Nikita, um dos criados:

- Onde é que vai a herdeira?

O outro, condescendente para com a simplicidade humana, retorquiu-lhe:

- Vai para Moscovo estudar, tirar um curso.

No dia seguinte deu-se um acontecimento de que durante muito tempo se falou à beira do Don, à sombra das cegonhas dos poços e dos pastos... Ao anoitecer (já os rebanhos tinham voltado da estepe), Mitka foi a casa de Serguei Platónovitch (escolhera aquela hora tardia para as pessoas o não verem). Ia pedir a mão de Elisa veta.

Apenas umas quatro vezes eles se tinham tornado a ver. Por ocasião do último encontro, haviam tido a seguinte conversa:

- Casa-te comigo, Lisaveta. Que dizes?

- Que é uma tolice!

- Serei bom para ti e teu amigo... Temos em nossa casa pessoal bastante para trabalhar. Podes-te sentar à janela a ler os teus livros.

- És um imbecil.

Mitka calara-se, vexado. Nessa noite entrara em casa mais cedo e declarara a Mirone Grigórievitch surpreendido:

- Pai, casa-me.

- Benze-te, anda.

- Não estou a dizer isto por graça.

- Que mosca te picou?

- Porque não há-de ser a sério?

- Mas quem te deu volta ao miolo? Foi a Marfuchka, a idiota?

- Manda os casamenteiros a Serguei Platónovitch.

Mirone Grigórievitch pousara cuidadosamente sobre a bancada de trabalho as suas ferramentas de correeiro (porque estava a consertar uma cabeçada), e desatara a rir:

- Estás hoje bem disposto, pelo que vejo.

Mitka obstinara-se, como um toiro contra uma parede, e o pai perdera a cabeça.

- Imbecil! Serguei Platónovitch tem mais de cem mil rublos de capital; é um comerciante; e tu que és?... Raspa-te daqui e não te faças parvo, se não queres apanhar uma correada. Ora o pretendente!

- Temos catorze juntas de bois e uma propriedade, não falando em que ele é mujique e nós cossacos.

- Raspa-te! tinha-lhe ordenado secamente Mirone Grigórievitch, que não gostava de longos discursos.

Mitka só havia encontrado simpatia junto do avô Grichaka. Este acercara-se do filho, a manquejar e batendo com a bengala no chão

- Mirone!

- Que é?

- Porque te opões ao que o rapaz quer? . Uma vez que ela lhe agrada...

- O pai é uma verdadeira criança, valha-me Deus! Da parte do Mítri já é estúpido, mas da sua é de admirar .

- Chiu! O avô Grichaka deu no chão uma pontoada com a bengala. Se calhar não somos iguais a eles! Ele até devia considerar-se honrado de a filha ser pedida por um cossaco. Dá-a e torna a dar! Toda a gente nos conhece na região. Não somos nenhuns pés-

descalços; somos proprietários!... Pois então!... Vai, Mirochka, não tenhas medo. E há-de dar o moinho de dote. Pede-lho!

Mirone Grigórievitch, assoprando pesadamente, abalara para o pátio; e fora então que Mitka havia decidido esperar que escurecesse e ir ele próprio, visto conhecer a teimosia do pai: um ulmeiro, que podia vergar, mas ninguém pensasse em rachar.

Assobiando se encaminhou até à entrada principal; chegado, porém, lá, perdeu o à-vontade. Demorou-se um pedaço, hesitante, e entrou no pátio. No patamar, perguntou a uma criada que passava fazendo rumorejar o avental engomado:

- O patrão está em casa?

- Está a tomar chá. Espera um bocado.

Ele sentou-se à espera, fumou um cigarro, apagou-o com os dedos molhados em saliva e esmagou a beata grossa no chão. Serguei Platónovitch apareceu, a sacudir as migalhas de açúcar do colete; ao vê-lo, franziu os sobrolhos.

- Entre.

Mitka foi o primeiro a penetrar no gabinete fresco, que cheirava a livros e a tabaco, mas logo sentiu que toda a coragem de que se munira em casa lhe ficara do lado de fora da porta.

Serguei Platónovitch foi direito à secretária e deu meia volta sobre os tacões que rangeram.

- Então? E, por trás das costas, os dedos dele esgaravatavam o tampo do móvel.

- Venho saber... Mitka mergulhou o olhar na frialdade viscosa dos olhos que o verrumavam, e os ombros estremeceram-lhe. Talvez o senhor me dê a Lisaveta.

De desespero, de ódio, de medo, a cara alterada de Mitka cobriu-se de um suor leve, como o orvalho do Verão.

A sobrancelha esquerda de Serguei Platónovitch tremia e o lábio superior revirado mostrava a face interna, cor de vinho. Todo ele se inclinou para a frente, de pescoço esticado.

- Quê?... Quêêê?... Mi-se-rá-vel!... Rua!... Levo-te ao atamane! Ah, filho de uma cadela! Sa-fa-do!...

Mitka a quem a berraria do outro tinha devolvido a coragem, observava o sangue violáceo que afluía às faces de Serguei Platónovitch.

- Não tome isto como ofensa... O que eu pensei foi em reparar a minha falta.

Serguei Platónovitch, rebolando os olhos injectados de sangue e de lágrimas, atirou aos pés de Mitka um cinzeiro de ferro maciço, que ricocheteou e lhe bateu no joelho

esquerdo. Mitka aguentou a pancada sem se queixar, abriu a porta com um empurrão e gritou, mostrando os dentes, com insolência, sob o domínio da injúria e da dor:

- É lá consigo, Serguei Platónovitch. Faça o que quiser. Eu vinha com boas intenções... Quem é que a quer agora? A minha ideia era salvar-lhe a reputação... Mas quem há-de querer um pedaço encetado? Nem os cães lhe pegam.

Apertando um lenço amarrotado contra os lábios, Serguei Platónovitch alcançou-o e barrou-lhe a saída pela porta principal. Mitka correu pátio fora. Bastou então a Serguei Platónovitch fazer um sinal com os olhos a Emeliane, o cocheiro, que estava ali postado. E enquanto Mitka tentava puxar o ferrolho do portão, quatro cães irromperam da esquina do armazém e, à vista daquele desconhecido no pátio bem varrido, lançaram-se contra ele.

Serguei Platónovitch trouxera da feira de Níjni-Nóvgorod, em 1910, um par de cachorros. Eram pretos, de pêlo frisado, e tinham umas enormes bocarras. Num ano fizeram-se do tamanho de vitelos; haviam começado por rasgar as saias das mulheres que passavam por diante do pátio do dono, depois tinham-se acostumado a derrubá-las e a morder-lhes as coxas; e só quando espatifaram uma vitela do padre Pankráti e dois porcos de Atiópine é que Serguei Platónovitch os mandou acorrentar. Soltavam-nos à noite, e uma vez por ano, na Primavera, para cobrição.

Antes que Mitka tivesse tido tempo de se virar, já o primeiro deles, chamado Baiane, lhe lançara as patas aos ombros, escancarara a bocarra e lhe ferrara os dentes no casaco acolchoado. Lacerando-lhe, arrancando-lhe a roupa, os cães redemoinhavam em torno dele, como uma massa negra. Mitka defendia-se com as mãos, esforçando-se por não cair. Num relance viu Emeliane, cujo cachimbo despedia centelhas, refugiar-se a correr na cozinha e fechar a porta de arremesso.

Ao canto do patamar, de costas apoiadas ao algeroz, Serguei Platónovitch cerrava os punhos pequenos e brancos, cobertos de pêlos ásperos e brilhantes. A cambalear, Mitka abriu o ferrolho e saiu, arrastando atrás das pernas ensanguentadas a matilha ululante, que cheirava a molhado. Partiu o pescoço a Baiane e estrangulou-o; dos outros o arrancaram a custo uns cossacos que iam a passar.

III

Natalia adaptou-se com facilidade à família Melekhov. Mirone Grigórievitch educara bem os filhos; embora fosse rico e tivesse pessoal, obrigara-os a trabalhar e habituara-os a fazer as coisas. Ilínitchna, que, no fundo, não gostava da nora mais velha, a provocante Daria, desde os primeiros dias se ligara a Natalia.

- Vai dormir, vai dormir mais um pedaço, minha filha. Para que te levantaste? repreendia-a ela com ternura, arrastando as pernas pesadas pela cozinha. Anda, vai-te deitar. Cá nos arranjaremos sem ti.

E Natalia, que se punha a pé ao nascer do Sol para ajudar ao serviço da manhã, voltava para o quarto.

O próprio Pantelei Prokófievitch, tão severo com a família, recomendava à mulher:

- Escuta, mulher, não acordes a Natachka. Trabalha bastante durante o dia. Vai lavrar com o Grichka. Pica-me mas é a Daria, a Daria. É uma preguiçosa e está estragada. Põe vermelho na cara e até as sobrancelhas pinta de preto, a filha de uma cadela.

- Ao menos que se amem o primeiro ano suspirava Ilínitchna, lembrando-se da sua vida jungida ao trabalho.

Grigóri começou a afazer-se à sua nova situação de homem casado; mas, de alma despedaçada, ao fim de três semanas, notou com terror e cólera que o caso de Akcínia não estava terminado, que algo como um espinho se lhe mantinha no coração. E não ia livrar-se tão depressa daquele mal.. O que no seu alvoroço de noivo afastara com um desenvolto gesto, pensando que estaria enterrado, esquecido, estava bem radicado nele. Em vez de se esquecer, recordá-lo fazia-o sangrar. Ainda pouco antes do casamento, quando debulhavam o trigo na eira, lhe havia Petro perguntado:

- Grichka, e a Akciútka?

- Quê?

- Custa-te largá-la?

- Largo-a eu, outro a apanhará retorquira Grichka a rir.

- Toma cuidado e Petro mordiscava o bigode roído não te vás tu casar quando o não devas fazer...

- Corpo farto, negócio esquecido - gracejou Grichka.

Mas não sucedeu assim. E à noite, ao acariciar a mulher por obrigação, quando procurava comunicar-lhe o seu juvenil ardor amoroso, Grichka só achava da parte dela frieza e constrangida submissão. Natalia dava-se sem interesse ao prazer do marido: herdara da mãe um sangue indiferente e frio. E Grigóri, lembrando-se do frenesim amoroso de Akcínia, suspirava:

- O teu pai, Natalia, deve-te ter feito em cima de uma pedra de gelo... És gelada de todo.

Akcínia, quando ele a encontrava, tinha um sorriso vago, os olhos ensombravam-se-lhe, e deixava cair dos lábios uma babugem peganhenta de palavras:

- Viva, Grichenhka! Como vão a vida e os amores com a tua mulherzinha?

- Cá vamos andando... - respondia Grigóri evasivamente, buscando fugir o mais rápido possível ao olhar caridoso de Akcínia.

Stepane, na aparência, reconciliara-se com a mulher. Cada vez ia menos à taberna e uma tarde, na eira, enquanto limpavam o trigo, pela primeira vez desde que se haviam zangado lhe propôs:

- Kciúcha, vamos cantar uma cantiga?

Sentaram-se, encostados a um monte de trigo debulhado e poeirento. Stepane entoou uma canção aprendida no serviço militar. Akcínia acompanhou-o com a sua voz forte, de peito. Cantaram bem juntos, como nos primeiros anos de casados. Por esse tempo, quando voltavam do campo, sob o manto carmesim do crepúsculo, Stepane, baloiçando-se no carro, cantava uma canção antiga, triste e arrastada como a estrada da estepe deserta, selvagem, que a tanchagem invadia. De cabeça pousada no peito arqueado do marido, Akcínia cantava a segunda voz. Os cavalos puxavam o carro gemente, fazendo-lhe dançar a lança. Os velhos da aldeia escutavam de longe a canção:

Stepane deu com uma mulher de voz bonita.

Acertam bem a cantar.

Parece um sino a voz de Stepane!

E os velhos, sentados nos seus bancos, vendo extinguir-se a púrpura nublada do poente, trocavam impressões de um lado para o outro da rua:

- Cantam isto lá para baixo.

- Isto, camarada, é uma canção da Georgia.

- Por isso é que o falecido Kiriúchka gostava tanto dela!

À tardinha, Grigóri ouvia cantar os Astakhoves. Ao debulhar o trigo (a eira de Stepane era próxima da deles), via Akcínia, como antigamente, segura de si e com aspecto feliz. Pelo menos, era o que a ele lhe parecia.

Stepane deixara de falar aos Melekhoves. Percorria a eira, de forquilha nas mãos, atirando de longe a longe uma graça à mulher, que ria, de olhos luzindo sob o xaile. A saia verde dela ondulava ante os olhos cerrados de Grigóri. Uma força misteriosa obrigava-o a torcer o pescoço, a virar a cabeça para a eira de Stepane. Não reparava ele que Natalia, enquanto ajudava Pantelei Prokófievitch a espalhar os feixes de trigo, seguia com olhos angustiados e ciumentos cada seu olhar involuntário, como não via Petro, que fazia girar os cavalos em torno da eira, fitá-lo, franzindo a cara, com um sorrisinho imperceptível.

No meio do ruído surdo da terra gemendo sob a tortura dos cilindros de pedra, Grichka ruminava ideias confusas, procurava, sem o conseguir, ligar retalhos de pensamentos fugidios, que se lhe furtavam à consciência.

Os rumores da debulha, gritos dos homens que guiavam os cavalos, silvos dos chicotes, rolar dos cilindros, que subiam das eiras próximas ou distantes, perdiam-se na estepe. A aldeia, enfartada da colheita, dormitava, sob o sol frio de Setembro, ao longo do Don, como uma serpente variegada, atravessada no caminho. Em cada pátio, rodeado da sua sebe, debaixo de cada telhado, uma vida particular refervia, isolada das mais, activa, doce ou amarga: o avô Grichaka tinha-se constipado e doíam-lhe os dentes; Serguei Platónovitch arrebelava com as mãos a sua barba dividida em duas e chorava sozinho, esmagado pela vergonha; Stepane dava intimamente largas ao seu ódio por Grichka e, de noite, a dormir, arranhava a colcha com os seus dedos de ferro; Natalia refugiava-se no armazém, caía sobre o estrume seco e a tremer, toda encolhida, chorava a sua felicidade injuriada; Khristónia, que vendera uma vitela na feira e bebera o dinheiro da venda, torturava-se de remorsos; atormentado por um pressentimento devorador e pela dor rediviva, Grichka suspirava; Akcínia, acariciando o marido, inundava de lágrimas o ódio inextinguível que lhe tinha.

Davidka, o peneireiro, despedido do moinho, passava noites inteiras com Valet, no barracão de taipa em que se pesava o trigo, a ouvir este dizer-lhe, de olhos chispando ódio:

- Nããã! Já cheega! Não tarda que se lhes tenha a pele. Uma revolução não lhes bastou. Hão-de ter outro 1905, e então ajustaremos as contas! A-jus-ta-re-mos as con-tas!...

Ameaçadoramente apontava um dedo coberto de cicatrizes e com um movimento brusco sacudia o casaco posto sobre os ombros.

Sobre a aldeia os dias e as noites sucediam-se, iam-se escoando as semanas, arrastavam-se os meses, soprava o vento, a montanha uivava no tempo tempestuoso, e o Don, que o Outono vidrava de um azul-esverdeado, corria indiferente para o mar.

IV

No fim de Outubro, num domingo, Fédote Bodóvsskov foi à stanitsa.

Levava num cabaz quatro pares de patos gordos, que vendeu no mercado; numa loja, comprou para a mulher uma chita de ramagens; e preparava-se para regressar (estava a arrear o cavalo, com um pé numa roda), quando se acercou dele um homem desconhecido, que não era dali.

- Ora viva! - cumprimentou ele, tocando com os dedos tismados a borda do chapéu preto.

- Viva lá! - disse com desconfiança Fédote por entre os dentes, franzindo os seus olhos de kalmuk.

- Onde é o senhor?

- Sou da aldeia. Não sou daqui.

- Qual aldeia?

- De Tatársski.

O desconhecido tirou de uma algibeira interior uma cigarreira de prata com um barquinho na tampa, ofereceu um cigarro a Fédote e continuou a interrogá-lo:

- É grande a sua aldeia?

- Obrigadinho, já fumei. A nossa aldeia? É uma aldeia boa. Tem umas trezentas propriedades.

- Tem igreja?

- Está claro que tem.

- E há lá ferreiros?

- Ferrador, quer dizer? Sim, há ferradores.

- E no moinho, há alguma serralharia?

Fédote, que nessa altura estava a atrelar o cavalo impaciente, examinou com hostilidade o chapéu preto e as rugas da face branca e cheia, que se perdiam na barba curta e negra.

- Mas que me quer vossemecê?

- É que eu vou viver para a sua aldeia. Agora mesmo venho de casa do atamane da stanitsa. Vai sozinho?

- Vou.

- Quer-me levar? O que é que não sou só eu. Tenho a minha mulher comigo, e duas malas de cerca de oito pudes cada uma.

- Posso levá-los.

Havendo concordado com o pagamento de dois rublos, Fédote passou pela loja de Frosska, a boieira, onde o desconhecido se hospedara, instalou no carro uma mulher enfezada e loiraça, e colocou atrás as malas cintadas de ferro.

Saíram da stanitsa. Fédote dando estalos com a língua, sacudia as rédeas de crina no dorso do cavalo e rodava a cabeça angulosa, de nuca chata: roía-o a curiosidade. Os passageiros, sentados ponderadamente à retaguarda, iam calados. Fédote começou por pedir um cigarro e em seguida perguntou:

- Onde vem vossemecê?

- De Rostov.

- É lá nado?

- Como disse?

- Se é mesmo de lá?

- Ah, pois, pois, sou nado lá. Sou de Rostov. - Erguendo a cara bronzeada, Fédote olhava ao longe as moitas da estepe: a meia verstá da estrada dos atamanes, na crista de uma colina, por entre a erva seca e castanha, os seus olhos de kalmuk, vivos e habituados, viam mexer as cabecinhas dificilmente visíveis de umas abetardas.

- Não trago é a espingarda. Senão, tínhamos caça. Lá estão elas a mexer... - E, apontando-as com um dedo, suspirou.

- Não vejo nada - confessou o desconhecido, piscando os olhos de míope.

Fédote seguiu com o olhar as abetardas que desciam para a ravina e depois virou-se para os passageiros. O homem era de meia estatura, macilento, e os olhos dele, muito próximos da base do nariz carnudo, luziam com malícia. Ao falar, com frequência sorria. A mulher, embiocada num xaile de malha de lã, escabeceava, de modo que Fédote não lhe conseguia ver a cara.

- Por que razão vão viver para a nossa aldeia?

- Sou serralheiro e quero abrir uma oficina. E também trabalho de carpinteiro.

Fédote fitou com ar incrédulo as mãos grandes do viajante, que havendo-lhe surpreendido o olhar, acrescentou:

- Além disso, sou agente de vendas das máquinas de costura da Companhia Singer.

- E como é que vossemecê se chama? - inquiriu Fédote com interesse.

- O meu apelido é Chtókman (*Russificação do nome Stockman. Daí a pergunta que se segue, do interlocutor*)

- Nesse caso, não é russo?

- Sou russo, sou. O meu pai era de origem letã.

Em pouco tempo Fédote ficou a saber que o serralheiro Iossif Davídovitch Chtókman havia trabalhado na fábrica “Akssai”, depois algures no Kúbano, e em seguida nas oficinas do caminho-de-ferro do Sudeste. Além disto, o curioso Fédote arrancou ainda ao desconhecido uma grande quantidade de outros pormenores.

Ao chegarem à floresta do Estado, a conversa decaiu. Fédote deu água ao cavalo, que ia alagado, num bebedeiro natural à beira da estrada, e, fatigado pelos balanços do caminho, começou a dormir. Faltavam ainda umas cinco verstás para se chegar à aldeia.

Fédote enrolou as rédeas e, de pernas pendentes, estendeu-se o mais confortavelmente possível. Não dormiu muito.

- Como se vive lá na aldeia? - perguntou Chtókman, que se agitava e baloiçava no seu assento.

- Como se pode.

- E os cossacos, em geral, estão contentes com a sua sorte?

- Há os que estão contentes, e há os que não. Não se pode contentar toda a gente.

- Isso é verdade, isso é verdade...aprovou o serralheiro.

E, após um momento de silêncio, continuou a fazer perguntas indirectas, que alguma coisa ocultavam:

- Vive-se então bem, dizes tu? (*Não se estranhe esta mudança de tratamento, que pode significar apenas consideração*).

- Não se vive mal.

- O serviço militar, naturalmente, é que é pesado! Ha?

- O serviço militar?... Estamos acostumados a ele e é nele que se aprende o que é a vida.

- O que está mal é serem os cossacos quem tem de fornecer tudo.

- Lá isso é certo, filhos da mãe! Fédote animou-se e deitou um olhar inquieto para o lado da mulher. A desgraça são os chefes... Quando fiz o meu serviço militar, vendi os bois para comprar um cavalo e recusaram-mo.

- Recusaram-no? - admirou-se hipocritamente o serralheiro.

- Assim mesmo, e pronto. Disseram-me que tinha más pernas. Protestei: “Atentem na minha situação” disse-lhes eu. “Tem as pernas de um cavalo de corridas. Trota como um galo.. É um galo a correr.” Pois não senhores, não o aceitaram. Foi a minha ruína!...

Reanimou-se a conversa. com o entusiasmo, Fédote saltou do carro e rompeu a contar muito satisfeito as histórias da aldeia, a insultar o atamane pela iniquidade da divisão do prado, e a par disso a gabar a vida na Polónia, onde o regimento dele estivera aquartelado durante o seu serviço militar activo. O serralheiro, franzindo as pálpebras, relanceava o olhar agudo sobre Fédote, que caminhava ao lado do carro e fumava um cigarro de tabaco fraco, enfiado numa boquilha de osso rodeada de anilhas, e sorria de vez em quando; mas o vinco oblíquo que lhe atravessava, como uma cicatriz, a testa branca e fugidia, movia-se-lhe lenta e penosamente, como cavada por dentro por ocultos pensamentos.

Chegaram à aldeia ao anoitecer.

A conselho de Fédote, Chtókman dirigiu-se a casa da viúva Lúkechka Popova, a quem alugou dois quartos.

- Quem trouxeste tu da stanitsa? perguntaram a Fédote as vizinhas, que o esperavam à porta dele.

- Um agente.

- Que é isso, um agente?

- Estúpidas, está visto que estúpidas! Um agente, quero eu dizer que negocia em máquinas. Às bonitas dá-as de presente, mas às feias como por exemplo tu, tia Maria, só a dinheiro.

- Tu, então, és bonito, diabo torto! Ventas de kalmuk!... Até aos cavalos metes medo!

- O kalmuk e o tártaro são os reis da estepe, tiazinha. Não troces deles - ripostou Fédote como despedida.

Ainda uma noite não tinha passado sobre a instalação do serralheiro em casa da zarolha e faladora Lúkechka, e já na aldeia as línguas das mulheres não paravam.

- Já ouviste dizer, comadre?

- Quê?

- Fédote, o kalmuk, trouxe um alemão.

- Na!

- Digo-to eu, pela mãe de Deus! Usa chapéu e chama-se Chtópol, ou Chtókal...

- É da polícia, se calhar?

- Das contribuições, minha querida.

- Ih-ih-ih, mulheres, o que as pessoas inventam! Parece que é guarda-livros, como o filho do pope Pankráti.

- Pachka, meu pombo, vai a correr a casa da Lúkechka e pergunta-lhe com jeito: “Tiazinha, quem é que tu cá tens a morar?” Corre depressa, meu filhinho!

V

No dia seguinte, o recém-chegado foi-se apresentar ao atamane da aldeia.

Fiódor Manítzkov, atamane havia três anos, virou e revirou demoradamente o passaporte de capa de oleado preto, depois do quê lhe deu voltas e o examinou o seu secretário Égor Jarkov. Entreolharam-se, e como antigo sargento-ajudante que era, o atamane ergueu imperiosamente a mão.

- Podes viver aqui.

O desconhecido cumprimentou e saiu. Durante uma semana não pôs o nariz na rua, metido no seu buraco como um rato. Ouviam-se as machadadas dele a instalar uma oficina numa velha cozinha de Verão. A bisbilhotice insaciável das mulheres no respeitante a ele arrefeceu; só os garotos passavam dias inteiros diante do tapume, a observá-lo com uma curiosidade desavergonhada.

Grigóri e a mulher saíram para o campo, para lavar, três dias antes da festa da Intercessão da Santa Virgem. Pantelei Prokófievitch estava doente; despediu-se deles, apoiado a uma bengala e gemendo, por causa da dor que lhe derreava os rins.

- Grichka, lavra os dois campos que ficam por trás dos prados, perto da Ravina Vermelha.

- Está bem. E que faço ao pedaço abaixo do Vale dos Salgueiros? perguntou Grigóri em voz rouca, de garganta abafada, porque se havia constipado na pesca.

- Depois da festa se pensa nisso. Por agora chega. Olha que na Ravina Vermelha é *krug* (*Um krug equivale a 4 hectares*) e meio de terra. Poupa-te.

- O Petro não nos vai ajudar?

- Ele e a Dachka vão ao moinho. Tem de se moer já, porque depois é uma acumulação de gente.

Ilínitchna meteu uns pãezinhos frescos na blusa de Natalia e disse-lhe ao ouvido:

- Podiam levar a Duniachka com vocês, para guiar os bois.

- Lá nos arranjam.

- Tu é que sabes, minha florinha. Cristo te acompanhe. - Duniachka vinha a atravessar o pátio, de corpo delgado vergado ao peso de uma trouxa de roupa molhada que fora lavar ao Don.

- Natacha, minha querida, a Ravina Vermelha está cheia de azedas. Colhe-me uma porção.

- Lá colherei. Lá colherei.

- Cala-te, cegarrega! E Pantelei Prokófievitch agitou a bengala.

Três juntas de bois arrastavam na estrada a charrua virada, que riscava a terra endurecida pela seca do Outono. Grigóri, aconchegando a cada momento o lenço enrolado à roda do pescoço, caminhava pela berma da estrada e tossia. Natalia ia ao lado dele, com o saco dos mantimentos às costas, baloiçando.

Na estepe, a seguir à aldeia, havia uma serenidade transparente. Para lá do pasto comunal e da colina com o seu dorso curvo, as charruas penteavam o solo, os lavradores assobiavam, ao longo da estrada larga sucediam-se o absinto cinzento-azulado, o trevo-de-cheiro, roído pelos dentes dos carneiros, o goriunok (*Planta herbácea*) dobrado em atitude de oração, e sobre tudo isto o céu frio alargava-se, de uma dureza de vidro sonoro, cortado pelas teias de aranha que se estendiam por entre os arbustos.

Depois da partida dos lavradores, Petro e Daria prepararam-se para se dirigirem ao moinho. Petro suspendera uma joeira no celeiro e joeirava o trigo. Daria enchia os sacos e transportava-os para o carro.

Pantelei Prokófievitch tinha atrelado os cavalos e endireitava cuidadosamente os arreios.

- Ainda demoram?

- Estamos prontos respondeu-lhe Petro de dentro do celeiro.

No moinho a aglomeração era grande. O pátio estava apinhado de carros. À roda da balança era uma confusão. Petro atirou as arreatas a Daria e saltou do carro.

- A minha vez ainda tarda? - perguntou ele a Valete, que fiscalizava a balança.

- Tens tempo.

- Em que número se está?

- No trinta e oito.

Petro foi descarregar o carro. Nesse instante estalou uma discussão na sala das pesagens. Uma voz rouca e ruim gania:

- Estavas a dormir e apareces agora? Raspa-te, khokhol, ou vou-te à cara!

Petro reconheceu a voz de Iakov-o-Ferradura. Escutou. O tumulto crescia.

Ouviu nitidamente estalar uma bofetada e viu sair da sala um taurídeo (*taurídeos eram ucranianos do Don, cujos antepassados haviam sido transplantados da Táurida, ou seja da Crimeia, por Catarina II*) idoso, barbudo e de boné atirado para a nuca.

- Que é lá isso? gritava ele, de mão na cara.

- Parto-te as trombas!

- Ora espera aí!

- Mikifor, vem cá!...

Iakov-o-Ferradura, valente e robusto artilheiro, precipitou-se no pátio a arregaçar as mangas. (Um dia, quando era militar, estando ele a ferrar um cavalo, este com um coice esmagou-lhe o nariz, partindo-lhe uns poucos de dentes, e deixou-lhe a marca da ferradura na cara; a ferida oval, ao cicatrizar, fez-se azul, da turquês ficaram-lhe manchazinhas negras, e nunca mais ele perdeu a alcunha de Ferradura). Um taurídeo de camisa cor-de-rosa atirou-lhe uma pancada violenta pelas costas. O Ferradura cambaleou, mas não caiu.

- Irmãos, estão a bater nos cossacos!...

Da porta do moinho, como de um cano, irromperam de cambulhada, no pátio apinhado de carros, cossacos e taurídeos.

À entrada principal armou-se uma desordem. A porta rebentou sob o ímpeto dos corpos. Petro largou o saco que tinha nas mãos, pigarreou, e correu para o moinho. De pé no carro, Daria viu-o introduzir-se no meio da baralha, deitando ao chão os que lhe barravam o caminho; e emitia um grito ao vê-lo repellido a murro até à parede, cair e ser pisado. De um canto da sala das máquinas, Mitka Korchunov acorreu de rompante, brandindo uma barra de ferro.

O mesmo taurídeo que havia agredido o Ferradura pelas costas libertou-se do amontoamento, com uma manga da camisa cor-de-rosa rasgada, flutuando atrás dele, como uma asa de ave ferida. Todo dobrado para a frente, de mãos rasando o chão, alcançou o carro mais próximo e com facilidade arrancou-lhe o eixo. Por sobre o pátio do moinho era um voejar de gritos arrastados e roucos:

- Aaaah!...

- Uuuuh!...

- Ai-ai-ai-aaai!...

Ouviam-se estalos, pancadas, gemidos, uivos... Os três irmãos Chumílines, os Chamiles, saíram impetuosamente do barracão. Alekcei, o maneta, encalhou numas rédeas para ali abandonadas e foi cair junto da cancela; levantou-se e saltou por sobre os eixos de vários carros, apertando com o coto contra o ventre a sua manga esquerda, vazia. No momento de o irmão Martine se curvar para enfiar as calças nas meias brancas, a luta redobrou perto do moinho. Um grito subiu mais alto que o telhado inclinado do moinho, como um fio de aranha rodopiando. Martine endireitou-se e correu em auxílio de Alekcei.

Arquejante e torcendo os dedos, Daria via tudo isto do carro, rodeada de mulheres que berravam e ganiam, de cavalos que esticavam as orelhas com angústia, de bois que

mugiam, cingindo-se contra os carros... Serguei Platónovitch, lívido, passou, arrastando uma perna, de lábios trémulos e a barriga como um ovo redondo a baloiçar sob o colete. Daria viu o taurídeo da camisa cor-de-rosa rasgada abater Mitka Korchunov com a lança do carro que arrancara, e imediatamente a largar e tombar desamparado, com um soco vibrado pelo punho de chumbo de Alekcei, que pulou por cima dele. As cenas várias da zaragata desfilavam ante os olhos de Daria em retalhos multicolores; sem espanto viu Mitka Korchunov, de joelhos no chão, dar com a sua barra de ferro em Serguei Platónovitch, que a correr lhe passava por diante; este caiu, de braços abertos, e rastejou como um lagostim até à sala das pesagens; pisavam-lhe os pés e, sempre que tentava levantar-se, tornavam a derrubá-lo. Daria rompeu num riso histérico, que lhe descompôs os arcos negros das sobranceiras pintadas. Parou-lhe aquele riso demente ao ver Petro, cambaleando, sair do meio da mole encapelada e urrante, e deitar-se debaixo de um carro, a cuspir sangue. Aos brados correu direita a ele. Outros cossacos chegavam da aldeia, armados de fueiros, e um deles brandindo uma alavanca. A desordem assumia proporções monstruosas. Não era uma rixa como na taberna depois de se ter bebido, nem um pugilato organizado como no Entrudo. Um jovem taurídeo jazia à porta da sala das pesagens, de pernas abertas e cabeça rachada, mergulhada numa poça de sangue negro, coalhado; mechas de cabelo, que o sangue pegava, caíam-lhe sobre a cara; sem dúvida, a viagem dele na terra alegre e azul terminara...

Os taurídeos, como um rebanho de carneiros, acabaram por ser repelidos até ao barracão das pesagens. E as coisas teriam terminado mal se um velho taurídeo não tivesse tido uma ideia: entrou no barracão, arrancou do fogão uma acha incandescente e precipitou-se em direcção ao armazém onde estavam depositados mais de mil pudes de trigo. O fumo flutuava como uma vela atrás do ombro dele, e as faúlhas espirravam, pálidas, à luz do dia.

- Vou deitar fogo a isto! - berrou ele selvaticamente, aproximando do telhado de colmo a acha que crepitava.

Os cossacos estremeceram e estacaram. Um vento forte soprava de leste, atirando o fumo contra o grupo compacto dos taurídeos.

Era uma faúlha cair na cobertura de colmo seco e a aldeia ardia toda...

Um rumor surdo e breve percorreu as filas dos cossacos. Alguns recuaram para o moinho. Mas o taurídeo continuava a agitar a acha, fazendo cair do fumo azul gotas de fogo, e gritava:

- Vou deitar fogo a isto!... Vou deitar fo-go a is-to! Saíam do pátio!

O promotor da desordem, Iakov-o-Ferradura, cuja cara desfigurada estava toda coberta de nódoas negras, foi o primeiro a abandonar o pátio do moinho. Os outros cossacos seguiram-no, açodados.

Os taurídeos atrelaram os cavalos e, abandonando os sacos, de pé nos carros, agitando os chicotes nodosos de coiro e chicoteando os animais, saíram em tropel do pátio e sumiram-se na aldeia, numa grande barulheira de rodas.

Alekcei, o maneta, estava especado no meio do pátio; a manga vazia da camisa, atada na ponta, baloiçava-lhe contra o ventre derreado, e o seu eterno espasmo repuxava-lhe o olho e a face esquerda.

- A cavalo, cossacos!

- Vamos apanhá-los!

- Não nos escapam além do cimo da encosta!... - Mitka Korchunov ia já a sair do pátio. De novo a massa dos cossacos aglomerada junto ao moinho se agitava. E foi nesse momento que um desconhecido, de chapéu preto, em quem ninguém até ali havia reparado, saiu a passo rápido da sala das máquinas; perscrutou a multidão com os seus olhinhos acerados e ergueu um braço.

- Parem aí!

- Quem és tu? - E as sobrancelhas do Ferradura puseram-se a dançar.

- Onde é que este saiu?

- Amarrem-no já!

- Ah!...

- Uuuuh!...

- Parem aí, amigos!...

- Vai chamar amigos aos cães!

- Mujiue!

- Chinela de pau! (*Expressão desdenhosa, relacionada com o facto de os mujiues usarem calçado de fibras de madeira entrançadas*)

- Dá-lhe na tromba, Iach! (*Iakov*)

- Nos olhos!... Nos olhos!...

O homem sorriu, de expressão confusa, mas sem receio, tirou o chapéu e enxugou a testa com um gesto de uma incrível simplicidade; e o sorriso dele desarmou os cossacos por completo.

- Que se passa? - perguntou ele, apontando com o chapéu o sangue negro que a terra absorvera, em frente da porta do barracão das pastagens.

- Demos uma sova nos khokholes! respondeu tranquilamente Alekcei, o maneta, com um estremecimento da face e do olho.

- E porque lhes bateram?

- Por causa da vez. Não tinham nada que se meter à frente explicou o Ferradura, que avançou um passo e com um movimento largo limpou o monco vermelho que lhe escorria do nariz.

- Há-de-lhes ficar de lembrança!

- Eh, vamos apanhá-los... Na estepe não podem eles pegar fogo a nada.

- Tivemos medo. E se calhar ele não se atrevia.

- Desesperado como estava, o homem pegava fogo como quem bebe água.

- Os khokholes são muito raivosos - disse Afonhka Osérov, sorrindo.

O desconhecido estendeu o chapéu na direcção dele.

- E tu que és?

O outro cuspiu com desprezo por entre os dentes partidos, seguiu a trajectória da saliva, e avançou um pé.

- Eu sou cossaco. E tu não serás cigano?

- Não. Ambos nós somos russos.

- Cantigas! - ripostou Afonhka, com lentidão.

- Os cossacos são de origem russa. Não sabes isso?

- E eu digo-te que os cossacos são de origem cossaca.

- Em tempos passados eram servos. Fugiram aos seus senhores, instalaram-se no Don, e puseram-lhes o nome de cossacos (*Palavra de origem turca, cossaco significa homem livre*).

- Segue o teu caminho, homenzinho - aconselhou-o Alekcei, o maneta, com contida raiva, cerrando os dedos inchados e a piscar o olho mais depressa.

- E instalou-se este malandro na aldeia! Ora o marau: a querer fazer de nós mujiques!

- Mas quem é ele? Estás a ouvir, Afanássi?

- Chegou há pouco. Mora em casa da Lúkechka zarolha. Era já demasiado tarde para perseguir os taurídeos.

Falando com animação da desordem que tinha havido, os cossacos dispersaram-se.

Nessa noite, na estepe, a oito verstás da aldeia, Grigóri dizia melancolicamente a Natalia:

- És para mim como uma estranha... És como esta lua: nem me aqueces, nem me arrefeces. Não te amo, Natachka; não me queiras mal por isso. Não te queria falar nisto, mas não podemos continuar a viver assim. Tenho pena, por tua causa: fosse como fosse,

habituámo-nos um ao outro durante estes dias; mas não sinto nada no coração... Está vazio. É como a estepe agora...

Natalia fitava o campo inacessível das estrelas e o véu de sombra fantasmal de uma nuvem que passava por sobre eles, e calava-se. De algures, do vazio azul-escuro, vinham apelos de cegonhas retardatárias, semelhantes a um tinir de sinos de prata.

Das ervas secas exalava-se um aroma triste e mortal. Ao longe, numa colina, brilhava a mancha vermelha de uma fogueira acesa por alguns trabalhadores...

Grigóri acordou antes do amanhecer. O zipune dele tinha três polegadas de neve. A estepe languescia sob o azul-claro, virginal, da neve fresca e cintilante, e perto do acampamento viam-se pegadas nítidas de uma lebre erradia.

VI

Havia muito tempo que assim sucedia: se um cossaco ia sozinho pela estrada de Milerovo e topava com ucranianos (as aldeias deles estendiam-se de Níjni-Iablonóvski a Milerovo, numa extensão de setenta e cinco verstás) bastava-lhe não se afastar para apanhar uma sova. Era por isso que, quando os cossacos precisavam de ir à estação de caminho-de-ferro, iam em geral vários carros, e não receavam então, ao encontrarem ucranianos na estepe, provocar uma questão.

- Eh, khokhol! Deixa-nos passar! Vives na terra cossaca e não nos queres deixar a estrada livre?

Mas também os ucranianos viam a vida negra quando se dirigiam para os lados do Don, a levar o trigo para os armazéns de Paramónov. Então, as desordens principiavam sem qualquer motivo, simplesmente porque nos “khokholes” se devia bater.

Não havia ainda um século, uma mão atenta semeara na terra cossaca as sementes do ódio de casta, fizera-as germinar, fora-as cuidando, e daí haviam resultado ricas colheitas: nas rixas, o sangue dos cossacos vertia-se no solo junto com o dos estrangeiros, russos ou ucranianos.

Duas semanas, mais ou menos, depois da batalha do moinho, apareceram na aldeia um comissário da polícia rural e um juiz de instrução.

Chtókman foi o primeiro a ser interrogado. O juiz de instrução, funcionário jovem, de uma família de cossacos nobres, inquiriu, remexendo numa pasta:

- Onde vivia o senhor antes de vir para aqui?

- Em Rostov.

- Porque esteve preso em 1907?

O olhar de Chtókman incidiu na pasta e na risca oblíqua do cabelo, cheia de caspa, do juiz de instrução, que estava de cabeça curvada.

- Por distúrbios.

- Aaah!... Onde trabalhava nessa altura?

- Nas oficinas do caminho-de-ferro.

- Profissão?

- Serralheiro.

- Não é judeu? Nem convertido?
- Não. Eu penso que...
- Não me interessa o que pensa. Esteve deportado?
- Estive.

O juiz de instrução ergueu a cabeça de sobre a pasta e franziu os lábios escanhoados, cobertos de borbulhas.

- Aconselho-o a ir-se embora daqui...E para consigo mesmo: De resto, farei tudo para isso.

- Porquê, senhor juiz de instrução?

À pergunta respondeu o outro perguntando:

- De que falou o senhor com os cossacos da aldeia, no dia da desordem do moinho?
- A bem dizer...
- Pronto, pode-se ir embora...

Chtókman saiu para o terraço da casa de Mokhov (desprezando a estalagem, era sempre em casa de Serguei Platónovitch que as autoridades se instalavam), sacudiu os ombros e fitou a porta pintada, de dois batentes.

VII

O Inverno não veio de repente. Depois da festa da Intercessão, a neve que havia caído derreteu-se, de novo se levaram os rebanhos para os pastos. Durante uma semana, o vento do sul soprou, o tempo aqueceu, a terra degelou e a vegetação tardia da estepe reverdeceu.

Estes dias quentes prolongaram-se até ao São Miguel. Depois o frio começou e a neve desatou a cair. De dia para dia foi arrefecendo mais, a neve espessando-se, e nas hortas desertas ao longo do Don, atravessando as sebes carregadas de cúpulas geladas, as pegadas entre-cruzadas das lebres eram como bordados de um vestido de noiva. As ruas estavam desertas.

O fumo das chaminés espalhava-se sobre a aldeia, as gralhas, atraídas pelas casas, passeavam junto dos montes de cinza à beira das estradas. As marcas dos trenós serpenteavam através da aldeia como fitas azuis, desbotadas.

Um dia a assembleia da aldeia reuniu-se na praça do mercado: estava próxima a divisão e o corte das matas. Os cossacos aglomeraram-se, vestidos de samarras e peliças, à roda do patamar de entrada da Administração, fazendo estalar no chão as suas botas de feltro. O frio forçou-os a entrar. À mesa, ao pé do atamane e do secretário sentaram-se os velhos, com as suas barbas de prata, ao passo que os mais novos, imberbes ou com barbas de várias cores, se apertavam uns contra os outros como alperces secos, e zumbiam, encalmados das suas golas de pele de carneiro. O secretário cobria um papel com a sua letra cerrada, o atamane olhava por cima dos ombros, e uma barulheira abafada enchia a sala fria.

- Agora, os fenos...

- Oh-oh!... Nos prados está bem, que é forragem boa. Mas na estepe o que há é trevo e nem sequer grande.

- Antigamente, levava-se o gado a pastar até ao Natal.

- Os kalmukes é que têm sorte!

- Olá!...

- O atamane tem uma gola de pele de lobo. Repara: nem pode virar a cabeça.

- Está gordo, o varrasco, o diabo!

- Ouve lá, compadre: queres meter medo ao Inverno? Tens uma destas samarras!...

- É agora que o cigano vende a peliça.

- Pelo Natal, uma vez, uns ciganos tiveram de passar a noite na estepe e não tinham nada com que se cobrir. Então um pôs por cima dele uma rede de pesca. Ao acordar, gelado até aos ossos, passou um dedo por uma das malhas e disse à mãe: “Ai, mãezinha, que frio que está aí fora!...”

- Deus nos guarde, quando a geada cai.

- Têm de se ferrar os bois, não há que ver!

- No outro dia cortei uns pés de salgueiro na Cova do Diabo, bem bons!

- Zakhar, abotoa as calças... Se gelas, a tua mulher põe-te fora de casa.

- Diz-me cá, Avdeitch: és tu que tratas do toiro comunal?

- Larguei isso. É a Paranhka Mríkhina... “Sou viúva; serve-me de distracção.” “Ora vê lá” disse-lhe eu “não te faça ele um menino!”

- Ah-ah-ah-ah!

- Eh-eh-eh-eh!

- Senhores anciães! Que fazemos nós à mata?... Si-lên-cio!

“Se te fizer um menino, quero ser eu o padrinho...”

- Silêncio, façam favor!

A assembleia principiou. Afagando o seu bastão de comando, embaciado, o atamane disse os nomes dos repartidores. Cercava-o uma nuvem de vapor e arrancava pedacinhos de gelo da barba com o dedo mindinho. Quando a porta batia, o vapor dançava por trás dele; as pessoas empurravam-se e assoavam-se ruidosamente.

- Não se pode marcar o corte para quinta-feira! - gritava Ivane Tomíline, procurando cobrir a voz do atamane; e, dobrando a cabeça coberta de um boné azul de artilheiro, esfregava as orelhas vermelhas.

- Como é isso?

- Olha que arrancas as orelhas, bombardeiro.

- Cosemos-lhe umas de boi.

- Na quinta-feira, metade da aldeia vai recolher o feno. Isso é que é pensar bem!...

- Vai tu no domingo.

- Senhores anciães!

- Que há?

- Ora até que enfim!

- Uuuuh!...

- Oh-oh-oh-oh-oooh!...

- Ah-ah-ah-ah-!...

O velho Matvei Kachúline, dobrado sobre a mesa insegura, uivava encolerizado, apontando a sua bengala lisa de freixo em direcção a Tomíline.

- O feno pode esperar!... Não tenhas medo!... Faz como toda a gente!... Só fazes o que te dá na gana. És muito novo, imbecil, meu irmãozinho!... É assim mesmo!... Não querem lá ver!... É assim mesmo!...

- E tu, na tua idade, que só tens as ideias dos outros... Esticando a cabeça por cima das últimas filas, Alekcei, o maneta, piscava o olho, e a face escavacada mexia-lhe convulsivamente.

Estava zangado com o velho Kachúline havia seis anos, por causa de um pedaço de terreno que este lhe tinha tirado. Todas as Primaveras questionava com ele, apesar de o pedaço em questão ser do tamanho de coisa nenhuma: de olhos fechados, podia cuspir-se por cima dele.

- Cala-te, tremuras!

- É pena estares longe e eu daqui não te chegar lá. Se não fosse isso, havias de ver como o sangue te espirrava das ventas.

- Eu te digo, maneta manhoso!...

- Calem-se. Não discutam.

- Vão lá para fora se se querem bater. Pois está claro!

- Deixa isso, Alekcei. Olha como os cabelos se lhe põem em pé, que até o boné lhe mexe.

- Para o calabouço os que estão a fazer escândalo!... O atamane deu uma punhada na mesa, que rangeu.

- Ainda chamo a guarda! Silêncio!

O barulho diminuiu, durou ainda algum tempo nas filas do fundo e por fim extinguiu-se.

- Vamos cortar as matas na quinta-feira, logo de manhã cedo.

- Que dizem, senhores anciães?

- Até que enfim!

- Deus nos valha!

- Hoje já não se escutam os velhos...

- Não tenhas medo, que escutam. Hão-de-nos respeitar. O meu Alékssachka, quando eu lhe dei a parte dele, quis-me bater, deitou-me mesmo as unhas. Meti-o na ordem: “É só eu ir ao atamane e aos anciães e és chicoteado...” Sossegou logo e dobrou-se como a erva quando chove.

- Também recebemos ordens do atamane da stanitsa, senhores anciões reatou o atamane, revirando a cabeça: a gola alta do uniforme arranhava-lhe o queixo e apertava-lhe o pescoço. No próximo sábado, os jovens são esperados na stanitsa, para o juramento. Devem estar na Administração à noite.

Pantelei Prokófievitch estava de pé perto da janela ao lado da porta, com a perna ruim dobrada, como uma cegonha. Sentado no parapeito, de samarra desabotoada, Mirone Grigórievitch sorria por entre a sua barba ruiva. Uma penugem de palhetas de gelo cobria-lhe as pestanas esbranquiçadas, e os sinais castanhos da cara, congestionados pelo frio, tinham assumido um tom cinzento-azulado. Rodeava-os um grupo de cossacos mais novos, que piscavam os olhos e sorriam; no meio deles, Avdeitch, por alcunha o Mentiroso, camarada de Pantelei Prokófievitch, sempre novo, sempre vermelho como uma maçã, baloiçava-se nas pontas dos pés, com o seu boné do regimento Atamánsski, de tampo azul e cruz de prata, atirado para a nuca chata e pelada.

Avdeitch servira no regimento Atamánsski da Guarda Imperial. Partira para o exército com o nome de Siníline e voltara de lá com o de Mentiroso.

Tinha sido o primeiro da aldeia a servir no regimento Atamánsski e lá havia sofrido uma incrível transformação: rapaz como os outros, apenas um pouco palerma antes da vida militar, ao voltar dela vinha uma desgraça. Desde o primeiro dia começara a contar histórias fantásticas do seu serviço no palácio do tsar e aventuras perfeitamente extraordinárias que pretendia ter vivido em Petersburgo. A princípio, os auditores espantados e boquiabertos acreditavam-no, aceitando por bom tudo o que ele dizia; mas depois verificou-se que Avdeitch era um mentiroso como nunca a aldeia conhecera outro. Dele se riam abertamente. Ele é que, mesmo apanhado em flagrante delito de invenção, não corava (ou, se acaso corava, não se podia vê-lo sob a sua vermelhidão habitual) e continuava a mentir. com a velhice, havia perdido por completo a cabeça. Encostado à parede, zangava-se, procurava armar zaragatas; se lhe não diziam nada, contentava-se com sorrir e, sem reparar na chacota, em impingir histórias inverosímeis.

No trabalho era competente e aplicado, fazendo tudo com reflexão, por vezes com malícia; mas, mal a conversa recaía sobre o seu serviço na Guarda, os auditores torciam-se todos e reboavam-se de riso.

Estava, pois, Avdeitch no meio do grupo, baloiçando-se nas pontas das suas botas de feltro, redondas como bolachas; de olhos postos na multidão dos cossacos ali reunidos, falava com autoridade, na sua voz grave:

- Hoje o cossaco não é já o que era. É enfezado e não presta para nada. com qualquer coisa parte-se um cossaco em dois. Para lhes contar escarrou e, sorrindo com desprezo,

espezinhou o esgarço teve ocasião, na stanitsa de Viochénsskaia, de ver esqueletos de cossacos antigos, que aquilo é que eram cossacos! Aquilo, sim!..

- Onde é que os desenterraste, Avdeitch? - perguntou o imberbe Anikuchka, dando uma cotovelada num vizinho.

- Pensa na festa próxima, camarada, e não mintas. - Pantelei Prokófievitch torcia o seu nariz aquilino e dava puxões à argola da orelha. Não gostava de pantomineiros.

- Irmão, eu nunca menti na minha vida - disse Avdeitch, com ar importante, e fitou com admiração Anikuchka, que estremecia como se tivesse febre. - Os esqueletos vi-os eu quando se construiu a casa do meu sogro. Ao abrirem-se os caboucos, desenterrou-se um caixão. Calculo que tivesse havido antigamente um cemitério aqui à beira do Don, perto da igreja.

- Mas então os ossos? - perguntou Pantelei Prokófievitch contrariado e dispondo-se a abalar.

- Braços, assim! - E Avdeitch alargava os braços ao tamanho de remos. - E uma cabeça, palavra que não minto, como um caldeirão polaco.

- Avdeitch, era melhor que contasses aos novos como apanhaste um ladrão em São Petersburgo - propôs Mirone Grigórievitch, que saltou do parapeito da janela e abotoou a samarra.

- Não vale a pena contar - disse Avdeitch com falsa modéstia.

- Conta lá!

- Estamos a pedir!

- Dá-nos essa honra, Avdeitch!

- Então, aí está como isso se passou. - Avdeitch aclarou a voz e tirou da algibeira a bolsinha do tabaco. Depois de ter vazado uma pitada na palma da mão, repôs na bolsinha duas moedas de cobre que dela tinham caído e passeou sobre o auditório um olhar feliz. - Um malfeitor tinha fugido da fortaleza. Buscavam-no por aqui e por acolá, e nada. As autoridades andavam atrapalhadas. Tinha desaparecido, e pronto! Uma noite, o oficial de serviço veio-me chamar, e eu fui. É verdade!... “Vai” disse-me ele “aos aposentos de Sua Majestade Imperial... É o nosso próprio soberano que te quer falar.” Eu, está claro, entrei intimidado. Pus-me em sentido, mas ele, o nosso benfeitor, bateu-me num ombro e disse-me: “O caso é este, Ivane Avdeitch. O maior malfeitor do nosso império fugiu. Procura-o até debaixo do chão, mas não me apareças diante da vista sem ele!” “Às vossas ordens, Vossa Majestade Imperial” disse-lhe eu. Ah, pois!... Eu estava metido em bons lençóis, irmãos... Pego na minha tróika (*Carro puxado a três cavalos*), com os melhores cavalos das cavaliças do tsar, e para a frente é que é o caminho. Avdeitch acendeu o cigarro, mirou as

cabeças baixas dos auditores, animou-se, e a voz dele cresceu, por trás da nuvem de fumo que lhe flutuava à roda da face. Galopei de dia e de noite. Ao terceiro dia, apanhei-o em Moscovo. Pu-lo no carro e voltámos. Cheguei à meia-noite, todo coberto de lama, e fui direitinho a casa do imperador. Estava lá toda a raça de príncipes e de condes, que não me queriam deixar passar. Mas eu passei. Pois então!... Bati à porta: “Posso entrar, Vossa Majestade Imperial?” “Mas quem está aí?” “Sou eu, Ivane Avdeitch Siníline” disse eu. Ouvi um rebuliço e alguém gritar: “Maria Fiodórovna! Maria Fiodórovna! Levanta-te depressa e põe o samovar (*Chaleira russa*) ao lume. Está aqui Ivane Avdeitch!”

Uma trovoadade de risos estalou nas filas de trás. O secretário, que estava a ler os anúncios referentes ao gado perdido e errabundo, parou na frase: “de perna esquerda com uma malha branca no artelho”. O atamane esticou o pescoço, como um pato, e observou a multidão que ria às gargalhadas.

- Avdeitch tirou o boné e, carrancudo, desconcertado, passeou o olhar pelos assistentes, um após outro.

- Esperem um bocado!

- Oh-ah-ah-ah!...

- Oh, que eu re-ben-to!...

- Ih-ih-ih-ih!...

- Avdeitch, cão pelado, oh-oh-oh!...

- “Põe a samovar ao lume. Está aqui o Avdeitch!” Assim mesmo!

A assembleia começou a dispersar-se. Os degraus de madeira, cobertos de gelo, do patamar, gemiam sem cessar, pesadamente. Em frente do edifício da Administração, na neve pisada, Stepane Asstakhov lutava, para aquecer, com um cossaco alto, de pernas compridas, proprietário do moinho de vento.

- Atira o moleiro por cima da cabeça! - aconselhavam-no os cossacos que os cercavam. Sacode-o, Stepka, que lhe saem de dentro farelos!

- Não confies de mais! Olha que ele é muito esperto!

E o velho Kachúline, entusiasmado, saltitava como um pardal, sem reparar, na sua excitação, na grande gota brilhante que timidamente lhe pendia do nariz violáceo.

VIII

Pantelei Prokófievitch, ao voltar da assembleia, dirigiu-se logo ao quartinho que ocupava com a mulher. Ilínitchna estava doente havia alguns dias. Na cara dela, emaciada, eram patentes a fadiga e a dor. Estava deitada no seu alto colchão de penas, bem cheio, e recostada numa almofada posta a prumo. Ao ruído dos passos tão seus conhecidos, virou a cabeça e observou o marido, cuja cara mantinha a habitual severidade, demorou-lhe o olhar na barba que o bafo humedecia e cujos anéis se adensavam aos cantos da boca, no bigode molhado, caído, que se lhe confundia com a barba, e aspirou o ar pelo nariz: mas o velho cheirava a gelo e à acidez da pele de carneiro do agasalho. “Hoje não bebeu” pensou ela, e, satisfeita, pousou na barriga mole as agulhas de fazer malha e a meia de que acabara o calcanhar.

- E a respeito do corte?

- Ficou marcado para quinta-feira. - Prokófievitch afagou o bigode. - Para quinta de manhã repetiu ele, sentando-se na arca que estava ao lado da cama. E tu? Estás melhor?

Uma sombra de aborrecimento passou pela face de Ilínitchna.

- A mesma coisa... Dão-me umas guinadas nas articulações, que mas partem.

- Eu tinha-te dito, idiota, para não te meteres na água no Outono. Se sabes que não és forte, para que teimas? resmungou Prokófievitch, desenhando com a bengala largos círculos no chão. Não há cá mulheres que cheguem? Três vezes maldito seja o teu cânhamo. Quiseste-o molhar e agora... Aaaai, Se-nhooor!... Aaaah!...

- Mas não se podia deixar estragar o cânhamo. Nessa altura não havia outras mulheres. O Grichka tinha abalado com a dele, e o Petro estava não sei onde com a Daria.

O velho soprou nas mãos cruzadas e dobrou-se para a cama:

- A Natachka como está?

Ilínitchna animou-se e disse com visível inquietação:

- Não sei o que se há-de fazer. Tornou a gritar. Fui ao pátio e vi a porta do celeiro aberta. Disse com os meus botões: “E se eu a fosse fechar?” Entrei e vi-a de pé, encostada à arca do milho-miúdo. Disse-lhe assim: “Que tens tu, que tens tu, meu passarinho?” E ela: “Dói-me a cabeça, mãezinha.” Não há maneira de saber o que se passa.

- Talvez ela esteja doente.

- Não, que isso perguntei-lho eu... Ou foi bruxedo que lhe fizeram, ou é qualquer coisa com o Grichka...

- Não quererá ele... reatar com a outra?

- Que estás tu a dizer! Que estás tu a dizer! E Ilínitchna juntava as mãos, assustada. Mas o Stepane é algum parvo? Na, não dei por nada.

Demorou-se o velho um momento mais e depois saiu.

Grigóri estava no quarto dele, a limar uns anzóis. Natalia untava-os com sebo derretido e enrolava-os cuidadosamente a um e um num trapo. Pantelei Prokófievitch perscrutou-a com a vista ao passar. Nas faces amareladas, como em folhas outoniças, esmaecia-lhe um resto de vermelhidão. Emagrecera francamente no último mês, e nos olhos dela havia o que quer que fosse de novo e de angustiado. O velho estacou à porta. “É este o mimo que ele tem dado à mulher!” pensou ele, olhando mais uma vez a cabeça, de cabelos lisos, de Natalia, inclinada sobre o trabalho.

Grigóri limava, sentado em frente da janela, com uma poupa de cabelos pretos, emaranhados, a dançar-lhe na testa.

- Atira-me isso para o diabo!...- gritou o velho, congestionado por súbita cólera e apertando a bengala, para conter a mão.

Estremeceu Grigóri, e ergueu para o pai os olhos atónitos.

- Queria limar estas duas pontas, pai.

- Deixa isso, já to disse! Prepara-te para o corte da mata!

- Está bem.

- O trenó a precisar de arranjo, e ele a tratar de anzóis! disse o velho, com maior serenidade já. Parou um pedaço à porta (era evidente que lhe apetecia ainda dizer qualquer coisa), e abalou. A cólera acabou ele de a descarregar sobre Petro.

Ao enfiar a sua peliça curta, Grigóri ouviu-o gritar no pátio:

- Ainda não se deu água aos animais. Ou não vês? Carago!... E quem encetou a meda que está ao lado da sebe? Quantas vezes disse eu que não se devia mexer na meda lá da ponta?... Se se gasta agora o melhor feno, malditos, que se há-de dar aos bois na Primavera, quando se lavar?...

- Na quinta-feira, duas horas antes do nascer do Sol -, Ilínitchna acordou Daria.

- Levanta-te. São horas de acender o forno.

Daria, em camisa, correu para a chaminé, tirou às apalpadelas os fósforos do seu buraco e acendeu o lume.

- Arranja de comer, depressa disse-lhe Petro, começando a fumar e a tossir.

- À Natalia deixam-na dormir, poupam-na, a desavergonhada. E eu então tenho de me dividir em duas! - rosnava Daria mal desperta e de mau humor.

- Vai acordá-la - aconselhou-a Petro. Natalia levantou-se sem que a chamassem. Pôs uma blusa por cima dos ombros e foi ao estábulo buscar bosta seca.

- Traz lenha! - ordenou-lhe a cunhada, mais velha na casa.

- Manda a Duniachka buscar água. Estás a ouvir, Dachka? - disse Ilínitchna em voz rouca, movendo com dificuldade os pés na cozinha.

Esta cheirava a lúpulo fresco, a arreios de cabedal, à tepidez dos corpos humanos. Daria ia e vinha, arrastando as suas botas de feltro, fazendo ressoar as panelas de ferro; por baixo da camisa cor-de-rosa, de mangas arregaçadas até aos cotovelos, os seios pequenos dançavam-lhe. A vida de casada não a fizera nem amarelecer nem mirrar: alta, delgada, de corpo flexível como um ramo de salgueiro, tinha todo o ar de uma rapariga. Ao andar, bandeava-se e baloiçava os ombros; os gritos do marido faziam-na sorrir: por entre os traços finos dos lábios ruins, os dentinhos cerrados luziam-lhe.

- Devia-se ter ido ontem buscar a bosta. Ficava a secar no forno - resmungou Ilínitchna.

- Esqueci-me, mãezinha. A culpa é nossa - respondeu Daria por todos.

O dia despontou enquanto se preparava a comida. Pantelei Prokófievitch almoçava à pressa, queimando-se com a kacha rala. Grigóri, sombrio, mastigava devagar, fazendo sobressair os músculos das bochechas. Às escondidas do pai, Petro divertia-se a arrelhar Duniachka, a quem doíam os dentes e que por isso enrolara a cara num lenço.

Por toda a aldeia os trenós rangiam. Na neblina cinzenta da manhã, dirigiam-se para o Don carros de bois. Grigóri e Petro saíram para atrelar o deles. A envolver o pescoço na estola que Natalia lhe dera quando eram noivos, Grigóri aspirou o ar seco e glacial. Um corvo que passava por sobre o pátio lançou um crocito forte e rouco. Ouvia-se-lhe distintamente no ar imóvel e gelado o rumor das asas que batiam lentamente. Petro seguiu-lhe o voo e comentou:

- Vai em busca de calor, para o sul.

Por trás de uma nuvenzita rosada e alegre como o sorriso de uma rapariga, o crescente delgadinho da Lua aparecia. O fumo saía a direito da chaminé, e subia, forma sem braços, em direcção à inacessível lâmina de oiro afiada da Lua em declínio.

Em frente da propriedade dos Melekhoves, o Don não estava gelado. À beira dele, havia um gelo esverdeado, misturado de neve, por sob o qual deslizava e fremia a água que a corrente não arrastava, mas para lá do meio do rio, na proximidade da margem esquerda, onde ela brotava da barroca negra, havia um buraco no meio do gelo, ameaçador, tentador,

de bordos brancos de neve, em que mergulhavam os patos selvagens que ali haviam ficado para hibernar.

A partida era da praça.

Pantelei Prokófievitch foi o primeiro a abalar, com os seus velhos bois, sem esperar pelos filhos. Petro e Grigóri seguiam-no a uma certa distância. Alcançaram Anikuchka ao alto da encosta. Este, que ia de cinta verde e caminhava ao lado dos bois, tinha encafuado no trenó o seu machado encabado de novo. Era a mulher dele, miúda e doente, quem guiava. Petro interpelou-o de longe:

- Levas a tua mulher contigo, vizinho?

O malicioso Anikuchka aproximou-se do trenó, batendo os pés no solo.

- Levo, levo, pois. Para me aquecer.

- Pouco te deve aquecer, que está muito magra.

- Bem eu lhe dou aveia, mas não engorda.

- Vamos cortar no mesmo sítio? - perguntou Grigóri, saindo do trenó.

- Pois sim, se me deres um cigarro.

- Fumas sempre do tabaco alheio, Anikei.

- Não há nada melhor que as coisas roubadas ou dadas cascalhou Anikuchka, e o riso enrugou-lhe a cara glabra de mulher.

Continuaram o caminho juntos. Uma brancura severa reinava na floresta, coberta de uma renda de orvalho congelado. Anikuchka ia à frente, dando chicotadinhas nos ramos baixos. Uma neve acerada e quebradiça caía em cachos sobre a mulher, cobrindo-a toda.

- Não sejas parvo, demónio! - gritava ela, sacudindo-se.

- Enfia-lhe o nariz num monte de neve! - bradou-lhe Grigóri, esforçando-se por chicotear os bois na barriga, para os fazer andar mais depressa.

Na curva do Vale das Mulheres, encontraram-se com Stepane Asstakhov. Conduzia para a aldeia os seus bois desatrelados, e avançava a grandes passadas, com as suas botas de feltro reforçadas rangendo. A poupa de cabelo encaracolado assomava-lhe do boné, posto de esguelha, como um cacho de uvas brancas.

- Eh, Stepane, enganaste-te no caminho? - gritou-lhe Anikuchka ao cruzá-lo.

- Enganei-me, diabos me levem!... O meu trenó esbarrou de chapa num tronco: parti um dos patins. Tenho de voltar para casa. - Stepane acrescentou um palavrão e passou por diante de Petro, fitando-o com impertinência, com os olhos claros e provocadores, por entre as compridas sobancelhas.

- Abandonaste o trenó? - exclamou Anikuchka, virando-se.

Stepane fez um gesto com a mão, deu com o chicote nos bois, que iam meter por um campo, e seguiu com um olhar demorado Grichka, que ia ao lado do trenó. Não longe do primeiro vale, Grigóri viu um trenó abandonado na estrada, e de pé, junto dele, Akcínia. Segurando com a mão esquerda uma das abas da peliça, observava a estrada e os trenós que se aproximavam.

- Afasta-te, ou esmago-te, mulher que não és minha! - relinchou Anikuchka.

Akcínia arredou-se sorrindo e sentou-se de banda no trenó, a que faltava um patim.

- Trazes a tua contigo.

- Agarrou-se a mim como um cardo ao rabo de um cão. Senão quem te levava era eu.

- Obrigadinha.

Ao chegar à altura de Akcínia, Petro olhou para trás, para Grigóri. Este avançava com um sorriso inquieto; a comoção e a expectativa transpareciam-lhe em cada gesto.

- Estás boa, vizinha? - cumprimentou-a Petro, tocando com uma luva no boné.

- Como Deus quer.

- Partiu-se-te alguma coisa?

Partiu respondeu Akcínia em voz arrastada. E, sem olhar para Petro, levantou-se e virou-se para Grigóri, que já vinha perto.

- Grigóri Pantelêievitch, preciso de lhe falar.

Grigóri dirigiu-se para ela e atirou a Petro, que se afastava:

- Toma conta dos meus bois.

- Está bem! - E chupando o bigode, amargo do fumo do tabaco, Petro teve um sorriso desavergonhado.

Eles estavam agora em frente um do outro, calados. Akcínia olhou para todos os lados com ansiedade, e depois pousou os olhos negros e húmidos em Grigóri. A vergonha e a alegria incendiavam-lhe as faces, secavam-lhe os lábios. A respiração dela era curta e rápida.

Os trenós de Anikuchka e de Petro desapareceram por trás de uma mata castanha de castanheiros novos. Grigóri pôs os olhos nos de Akcínia e viu acender-se neles um clarão malicioso e desesperado.

- Olha, Gricha, faz como quiseres. Mas eu não posso viver sem ti disse ela com firmeza; e cerrou os lábios, à espera de uma resposta.

Mas Grigóri não lhe respondeu. O silêncio cercava a floresta, como o arco a uma pipa. Aquele vazio cristalino ressoava nos ouvidos. Via-se apenas a estrada polida pelos patins dos trenós, o pano cinzento do céu, a floresta muda em seu sono mortal... O grito súbito e agudo de um corvo próximo despertou Grigóri do seu curto torpor. Ergueu a

cabeça e fitou a ave negra, de patas encolhidas, que batia as asas em sinal de adeus. Sem disso se dar conta, disse para si próprio:

- É o calor. Vai em busca de calor. - Estremeceu e teve um riso rouco. - É verdade...

Furtivamente e de olhos baixos, olhou em redor como um ladrão, e com um movimento brusco puxou Akcínia contra ele.

IX

À tardinha, na habitação de Chtókman, em casa de Lúkechka a zarolha, reuniam-se várias pessoas: apareciam Khristónia, Valete, que vinha do moinho, com o seu casaco gordurento posto aos ombros, Davidka, o chalaceador, que havia três meses estava sem trabalho, o mecânico Ivane Alekcêievitch Kotliarov, uma vez por outra o sapateiro Filka, e, mais assíduo que nenhum outro, um jovem cossaco que ainda não fizera o serviço militar, Michka Kochevói.

Tinha-se começado por jogar as cartas. Mas um dia, como quem não quer a coisa, Chtókman apresentou um livrinho de Nekrassov. Leram-se alto poesias dele, que agradaram. De Nekrassov passou-se a Nikítine, até que, perto do Natal, Chtókman apareceu com um livro velho, sem capa. Kochevói, que andara na escola paroquial e exercia a função de leitor, examinou com ar de desprezo o alfarrábio seboso.

- Podia-se fazer uma sopa com ele, da maneira que tem gordura.

Khristónia deu uma gargalhada sonora e o sorriso de Davidka esplendeu. Mas Chtókman esperou pelo fim daquela alegria para dizer:

- Lê, Michka. É acerca dos cossacos. É interessante. - Kochevói, de poupa doirada pendente sobre a mesa, leu, batendo as palavras:

“Breve História dos Cossacos do Don” e, preguiçando os olhos, encarou os outros interrogativamente.

- Lê lá - disse Ivane Alekcêievitch.

Três noites seguidas eles prestaram atenção à brochura, que falava de Pugatchov, da vida livre, de Stenhka Rázine e de Kondráti Bulávine (*Chefes cossacos, célebres pelas revoltas que organizaram e dirigiram contra o poder de Moscovo*).

Assim chegaram aos tempos modernos. O autor desconhecido troçava duramente e em termos claros da vida miserável dos cossacos, ironizando os seus costumes administrativos, o governo do tsar e os próprios cossacos, transformados em cães de guarda da monarquia. Esta leitura perturbou-os. Romperam a discutir. Khristónia, cuja cabeça quase tocava no tecto, rugia. Chtókman, sentado junto à porta, fumava um cigarro enfiado na sua boquilha de osso, cingida de anilhas de metal, e ria-lhe o olhar.

- Isto é verdade! Isto é assim mesmo! troava Khristónia.

- Não é nossa a culpa de terem reduzido os cossacos a esta vergonha. E Kochevói abria os braços em atitude de confusão, franzindo a sua bonita face de olhos escuros.

Era atarracado, tão largo de quadris como de ombros, de tal modo que parecia quadrado; no torso de ferro implantava-se-lhe um pescoço sólido, de um vermelho de tijolo, com o qual a cabeça contrastava: bonita, pequena, de face de um trigueiro-claro, desenhada como a de uma mulher, boca pequena e voluntariosa, e olhos escuros, sob a massa doirada de cabelos encaracolados. O mecânico Ivane Alekcêievitch, cossaco alto e sólido, discutia com animação. Não havia célula do seu corpo ossudo que não estivesse impregnada de tradições cossacas. Defendia os cossacos, atacava Khristónia, e os olhos redondos e salientes chispavam-lhe.

- És um verdadeiro mujique, Khristane, não o podes negar. Por uma triste gota de sangue cossaco, tens um balde de sangue mujique. A tua mãe fez-te com um vendedor de ovos de Voróneje.

- És um estúpido!... És um estúpido, pois, irmão! - roncava Khristónia. - O que eu defendo é a verdade.

- Eu nunca servi no regimento Atamánsski - atirou com perfídia Ivane Alekcêievitch.
- No regimento Atamánsski é que os estúpidos são com fartura.

- Também no exército há muitos que não inventaram a pólvora.

- Cala-te, mujique!

- E, depois, os mujiques não são gente?

- Os mujiques são mujiques, e para o que servem é para comer feno.

- Servi em Petersburgo, irmão, e vi muita coisa. Sabes uma aventura que me aconteceu? - disse Khristónia, prolongando muito a última palavra. - Nós estávamos de guarda ao palácio do tsar; uns lá dentro, outros cá fora. Os da banda de fora, a cavalo, andavam aos dois e dois: dois para cá, dois para lá. Quando se cruzavam perguntavam: “Está tudo sossegado? Não há motins?” “Não há nada.” E continuavam o seu caminho. Quanto a parar-se para se conversar não se podia. Além disso, os homens eram escolhidos: sempre que se colocavam a uma porta, haviam de se parecer, ou os dois de cabelo preto, ou os dois loiros, e não só de cabelo, mas também de cara. Por causa dessas parvoeiras me pintou um barbeiro o cabelo a mim. Estava eu de guarda com Nikifor Mechtcheriákov, um cossacozinho da stanitsa de Tepikínsskaia, que servia na nossa sótnia, e que tinha, o diabo, um pêlo esquisito de baio. Raios o partam, parecia que lhe ardia a cabeça. Procuraram e tornaram a procurar, mas não havia na sótnia outro cabelo igual. Então o sótnik Bárkine disse-me: “Vai ao barbeiro, que te tinja imediatamente a barba e o bigode.” Fui e ele

pintou-mos... Quando me vi ao espelho, deu-me o coração um baque: todo eu ardia! Ardia, simplesmente, e é tudo! Agarrei a barba e pareceu-me que me queimava os dedos. Aí está!...

- Mas onde queres tu chegar, Emélia? Estás a falar de alguém? - interrompeu-o Ivane Alekcêievitch.

- Do povo, das pessoas.

- Então fala. A tua barba não nos interessa para nada.

- Queria eu dizer que estava uma vez de guarda a cavalo. Ia eu, nessa conformidade, com um camarada, vinham uns estudantes a dobrar a esquina. Eram estudantes e mais estudantes. Mal nos viram, desataram a gritar: “Aaaaaah!” E vá de gritarem outra vez: “Aaaaaah!” Ainda nós não tínhamos tido tempo de nos virarmos, já eles nos cercavam: “Porque andam vocês para aí às voltas, cossacos?” Eu disse-lhes: “Andamos a fazer a guarda. E tu larga as rédeas, não me toques.” E deitei a mão ao sabre. Então disse-me ele: “Está sossegado, patrício. Também eu sou cossaco, de stanitsa de Kaménskaia. Estou aqui a estudar na niversidade... ou nivecidade”, qualquer coisa assim, íamos nós continuar o nosso caminho, quando um de nariz grande tirou uma nota de dez rublos da bolsinha e disse: “Tomem lá vocês, cossacos, para beberem à memória do meu defunto pai.” Deu-nos os dez rublos e tirou da sacola um retrato. “Aqui está o retrato dele. Guardem-no como recordação.” Nós aceitámos, porque era indecente não aceitarmos. E os estudantes abalaram, gritando uma vez mais: “Aaaaaah!” E assim se encaminharam para a Perspectiva Névski. Naquele instante, o sótnik saiu da porta de trás do palácio à frente do pelotão e galopou direito a nós. Perguntou-nos, sobressaltado: “Que aconteceu?” Eu disse-lhe então: “Uns estudantes cercaram-nos e começaram a falar. Quisemos dar-lhes com os sabres, conforme manda o regulamento. Mas, depois, como eles se foram embora, viemo-nos nós embora também.” Quando nos renderam, dissemos ao nosso sargento: “Sabes, Lúkich, que ganhámos dez rublos? Temos de os ir beber pelo repouso da alma deste velho.” E mostrámos o retrato. À noite o sargento trouxe a vodka e a paródia durou dois dias. Só depois é que a partida se descobriu: o malandro do estudante, em vez do retrato do pai, tinha-nos dado o do principal chefe deles, um homem de origem alemã. Eu, confiante, tinha-o pregado por cima da minha cama, como recordação: tinha a barba grisalha e aspecto respeitável, a modos de comerciante. Mas vai o sótnik olha para ele e pergunta-me: “Onde arranjaste tu este retrato, ha?” “Assim e assim” contei eu. Nisto, ele começou a descompor-me e a dar-me na cara, e porque torna e porque deixa: “Não sabes que é o atamane deles, Karla...?” E, pronto, esqueci-me do outro nome... Não há maneira de me lembrar...

- Karl Marx? - ciciou Chtókman, sorrindo.

- Isso mesmo!... É isso mesmo: Karla Markss... exultou Khristónia. E ainda sorte tive eu! Uma vez por outra, o tsárevitch (*Príncipe herdeiro, filho do tsar*) Alekcei vinha-nos ver à sala da guarda, com o perceptor. Se eles tivessem visto aquilo! Que me aconteceria?

- E continuas tu a ser pelos mujiques! Estás a ver como eles te enrolaram? - escarneceu Ivane Alekcêievitch.

- Mas sempre bebemos os dez rublos. Bebemos por Karla, o barbudo, mas bebemos.

- E valeu a pena beberem por ele - disse Chtókman com um sorriso, pondo-se a brincar com a boquilha.

- Que fez ele, então, de bom? - inquiriu Kochevói.

- Noutro dia lhes conto, que hoje é tarde. - E Chtókman bateu com a boquilha na palma da mão, para lhe fazer saltar a ponta do cigarro.

Depois de uma longa eliminação, acabou por se reunir em casa de Lúkechka, a zarolha, um grupinho de uma dezena de cossacos. Chtókman era a alma dele, e obstinadamente seguia um rumo que só ele conhecia. Como o caruncho rói a madeira, assim ele corroía as ideias e os hábitos primitivos, e despertava o desgosto e o ódio contra a ordem estabelecida. A princípio, havia esbarrado contra o aço frio da desconfiança. Mas continuou sem repouso, a roer sempre...

A stanitsa de Viochénskkaia, a mais antiga das stanitsas do Alto-Don, transportada do sítio da antiga stanitsa de Tchigonáki, destruída no tempo de Pedro o Grande, e crismada de Viochénskkaia, está situada na margem esquerda do rio, plana e arenosa. Serviu outrora de estação da via fluvial de Voróneje para Azov.

Por altura da stanitsa, o Don faz uma curva em forma de arco tártaro e parece querer tomar para a direita, mas muda de rumo em frente da aldeia de Báзки e dirige as suas águas transparentes, de um azul-claro com tons esverdeados, para o mar azul de Azov, por entre os contrafortes das colinas, as aldeias numerosas da margem direita e as stanitsas disseminadas da esquerda.

Em frente de Usst-Khopérsskaia, une-se-lhe o Khopr, em frente de Usst-Medvéditzkaia o Medvéditza, e corre em seguida mais caudaloso, por entre uma profusão luxuriante de aldeias e de stanitsas.

Viochénskkaia é toda ela construída sobre a areia amarela. É triste, nua e sem jardins.

Tem uma praça com uma velha igreja, que o tempo tornou cinzenta, e seis ruas paralelas ao Don. No ponto em que o Don faz a sua curva e deixa a stanitsa para se dirigir para a aldeia de Báзки, uma braça do rio forma um lago bordado de choupos, tão largo como o Don, quando as águas baixam. A stanitsa vai até à extremidade do lago. Noutra

praçazinha onde crescem cardos amarelos, há uma segunda igreja, de cúpulas verdes e telhado verde, o mesmo verde dos choupos da outra margem do lago.

Ao norte, para lá da stanitsa, começa uma grande extensão de areia cor de açafreão, plantada de pinheiros débeis, com charcos de água rosada, de fundo argiloso. E naquele mar de areia, naquela vasta terra amarela e granulosa, as aldeias, o arvoredo, os tufo de salgueiros queimados, constituem ilhotas dispersas.

Na praça, em frente da velha igreja, havia naquele domingo de Dezembro uma multidão escura do seu meio milhar de jovens cossacos, vindos de todas as aldeias da região. A missa estava no fim, os sinos tocavam. O ajudante, valente e velho cossaco, que exibia galões de reincorporado, deu ordem de formar. A multidão ruidosa deslocou-se e formou em duas longas filas desiguais. Os sargentos romperam a correr por diante dos homens, para endireitar as filas, que pareciam uma sucessão de ondas.

- Dobraaaaar... - bradou lentamente o ajudante fileiras!

Fardado, com um capote novo de oficial, o atamane entrou no adro da igreja, fazendo telintar as esporas, seguido do comissário militar.

Grigóri Melekhov estava ao lado de Mitka Korchunov e falavam os dois a meia voz.

- Tenho uma bota que me aperta. Não a posso aguentar - queixava-se Mitka.

- Tem paciência. Um dia serás atamane.

- Vamos já andar.

Como para confirmar as palavras dele, o ajudante recuou e deu meia volta sobre os calcanhares.

- Direi-ta, volver!

“Troque-troque” fizeram nitidamente quinhentos pares de botas no chão.

- O ombro esquerdo para a frente! Ordinário, marcha!

A coluna penetrou pelo portão escancarado no adro da igreja, os bonés que sucessivamente se tiraram das cabeças reluziram um momento, a igreja encheu-se até à cúpula do rumor dos passos.

Grigóri, especado, não escutava as palavras do juramento, que o padre lia. Fitava Mitka, que crispava a face de dor e mexia na bota o pé apertado. O braço, que tinha erguido, ia-lhe entorpecendo, um remoinho de pensamentos confusos passava-lhe pela cabeça. Aproximou-se da cruz e, ao beijar a prata molhada pela saliva de tantas bocas, pensou em Akcínia e na mulher. Como o clarão brusco do relâmpago em zigzague, uma imagem rápida ocorreu-lhe: reviu a floresta, os troncos castanhos das árvores, com as suas sumptuosas coberturas brancas, como ricos arneses de prata, e o olhar húmido e ardente dos olhos negros de Akcínia, sob o seu toucado penugento...

Saíram. E de novo formaram na praça. O ajudante assoou-se, limpou os dedos, à socapa, ao forro do uniforme e iniciou o seu discurso:

- Agora, vocês já não são garotos, mas cossacos. Prestaram juramento e devem saber o dever que lhes compete. Agora que são cossacos, devem respeitar a própria honra, obedecer aos pais e às mães, e assim por diante. Quando eram rapazes, fizeram asneiras, tenho a certeza de que jogaram o chinquilha na estrada, mas agora precisam de pensar no serviço que os espera. Dentro de um ano entram ao serviço. Nesta altura, o ajudante assoou-se outra vez, sacudiu os dedos, e concluiu, enfiando uma luva grossa, de pele de coelho: E os pais de vocês que pensem no equipamento, em comprar um cavalo de sela, e tudo o mais... E, agora, que Deus os proteja, rapazes. Podem voltar para casa!

Grigóri e Mitka esperaram perto da ponte os outros rapazes da aldeia, e partiram todos juntos. Seguiram pela beira do rio. Por sobre a aldeia de Bázki, o fumo das chaminés subia, um sino leve soava. Mitka coxeava atrás de todos, apoiado a uma estaca nodosa que arrancara de uma paliçada.

- Descalça-te - aconselhou um dos rapazes.

- É capaz de me gelar o pé - ripostou Mitka, hesitante.

- Caminhas com a meia calçada.

Mitka sentou-se na neve e a custo tirou a bota. E manquejando prosseguiu de pé descalço. A meia de lã imprimia nitidamente a sua marca na neve crepitante da estrada.

- Que caminho seguimos? - perguntou Alekcei Bechniak, rapaz baixo e largo de ombros.

- Vamos ao longo do Don - respondeu Grigóri por todos. Continuaram a andar, conversando e empurrando-se uns aos outros para fora da estrada.

Cada um deles procurava fazer cair e mergulhar os outros nos montões de neve. Entre Bázki e a aldeia de Gromkóvsski, Mitka foi o primeiro a ver um lobo que atravessava o rio.

- Rapazes, um lobo! Lá está ele!... Uuuh!...

- Uh-uh-uh-uh-uh!...

- Uh!...

O lobo percorreu algumas ságenas em passo preguiçoso e por fim parou, virado de flanco, não longe da margem oposta.

- Temos de o apanhar!...

- Aaah!

- Uh, maldito!...

- Mitka, é para ti que ele está a olhar, por estares descalço.

- Está de lado para nós. O pêlo do pescoço nem lhe deixa virar a cabeça.

- Olha, olha, lá se vai ele!...

- Cinzento, como que talhado em granito, o animal estava imóvel, de cauda espetada como um pau. Depois, rapidamente, deu um salto para o lado e correu para os salgueiros da margem.

Caía a noite quando os rapazes chegaram à aldeia. Grigóri cortou pelo rio gelado direito à rua dele, alcançou o portão. No pátio estava um trenó; uns pardais gorjeavam sobre um monte de ramos secos encostado à sebe. Cheirava a casa habitada, a fuligem, a vacas e a leite.

Chegado ao cimo do patamar, Grigóri espreitou pela janela.

De costas para ela estava Petro, em quem batia a luz do candeeiro suspenso do tecto, que enchia a cozinha de uma claridade amarelenta. Grigóri limpou as botas com a vassoura e entrou, rodeado de uma nuvem de vapor.

- Sou eu. Como vão?

- Já? Deves vir gelado - respondeu Petro, inquieto e solícito.

Pantelei Prokófievitch estava sentado, de cotovelos nos joelhos e cabeça baixa. Daria movia com um pé a roda de fiar, que zumbia. Natalia, de pé em frente da mesa, de costas viradas para Grigóri, tal como estava ficou. Depois de passar um olhar rápido pela cozinha toda, Grigóri fitou Petro. Pela cara apreensiva deste, percebeu que se passara qualquer coisa.

- Prestaste o juramento?

- Prestei!

Grigóri despiu os agasalhos devagar, para ganhar tempo, considerando mentalmente todas as razões a que poderia atribuir aquele silêncio e aquele acolhimento glacial.

Ilínitchna apareceu, vinda do quarto, e na cara dela estampava-se uma certa perplexidade.

“É coisa da Natalia” pensou Grigóri, sentando-se no banco ao lado do pai.

- Dá-lhe de cear - disse Ilínitchna a Daria, indicando Grigóri com os olhos.

Daria interrompeu a cantiga da sua roda de fiar e dirigiu-se para o fogão, com um baloiço imperceptível dos ombros, movendo o seu corpo esbelto, que não parecia o de uma mulher casada. Na cozinha o silêncio pesava. Junto ao fogão, uma cabra e o seu cabritinho recém-nascido aqueciam-se e fungavam.

Enquanto comia a sopa de couves, Grigóri lançava de espaço a espaço um olhar a Natalia, mas não lhe via os olhos: ela estava de perfil para ele e de cabeça curvada sobre as

agulhas com que fazia malha. Pantelei Prokófievitch foi o primeiro a não poder aguentar mais aquele silêncio geral; soltou um frouxo de tosse agudo e afectado e disse:

- A Natalia quer ir-se embora.

Grigóri, que amassava uma bola de pão entre os dedos, não replicou.

- E porquê? - continuou o pai, cujo lábio inferior tremia muito (sinal precursor de um ataque iminente de cólera).

- Eu não sei. - Franzindo os olhos, Grigóri afastou a malga, levantou-se e benzeu-se.

- Pois sei eu!... - E o pai ergueu a voz.

- Não grites. Não grites - interveio Ilínitchna.

- Pois eu sei a razão!...

- Pronto! Não vale a pena fazer tanto barulho. - Petro saiu de ao pé da janela e avançou até ao meio da casa. - Deve resolver-se o caso às boas: se ela quer ficar, que fique; se não quer, que vá com Deus.

- Eu não a condeno. É uma vergonha e um pecado perante Deus, mas não a condeno: não é ela que tem a culpa, mas este filho de uma cadela! - E Pantelei Prokófievitch apontava Grigóri, que estava encostado ao fogão.

- De que sou eu culpado?

- Não tens nada de que te censure?... Não sabes, demónio?...

- Não sei, pois.

Pantelei Prokófievitch deu um salto do lugar, derrubando o banco, e acercou-se de Grigóri. Natalia deixou cair a meia em que trabalhava e as agulhas telintaram; ao ruído delas, um gatinho saltou de cima do fogão, de cabeça atenta, e com uma das suas patinhas redondas empurrou o novelo que rolou até à arca.

- Ouve o que eu te digo - reatou o velho em tom contido e acentuando as palavras. - Se não continuas a viver com a Natalia, sai desta casa e vai onde os pés te levarem! É tudo o que te digo. Vai onde os pés te levarem! repetiu ele, em voz serena e habitual, e arredou-se para endireitar o banco.

Sentada na cama, Duniachka esbugalhava os olhos assustados.

- Não o quero ofender, pai - a voz de Grigóri era trémula e surda - mas eu não me casei por minha vontade; foi o pai quem me casou. Atrás da Natalia não corro. Se ela quer voltar para casa do pai, que volte.

- Sai tu também daqui para fora.

- Sairei.

- Vai para casa da mãe do diabo! ..

- Eu saio, eu saio. Não tenha tanta pressa. - De narinas dilatadas, a fremirem-lhe da mesma ira ardente que o pai, Grigóri agarrou por uma manga a sua peliça curta, que atirara para cima da cama.

A mesma mistura de sangue turco corria nas veias de ambos, e assemelhavam-se extraordinariamente naquele momento.

- Para onde vais tu? - gemeu Ilínitchna, segurando por um braço Grigóri, que a empurrou com violência e apanhou no ar o boné que ia a cair da cama.

- Sai daqui, cão vadio! Maldito sejas! Sai daqui, sai daqui, raspa-te!...- berrava o velho, que tinha escancarado a porta.

Num salto, Grigóri estava no vestíbulo; antes de sair ouviu ainda os soluços e a voz de Natalia.

X

Uma noite gélida cobria a aldeia. Do céu negro caía uma neve fina e penetrante, no Don o gelo estalava, com esteiros como os de tiros de canhão. Arquejante, Grigóri transpôs o portão. À outra ponta da aldeia, os cães ladravam à compita e luzes amarelas rasgavam a escuridão confusa.

Grigóri avançou na rua, sem saber que rumo tomar. As janelas de Stepane brilhavam como diamantes negros.

- Gri-cha! - gritou Natalia, desoladamente, do portão.

“Deixa-me. Não me interessas.” E Grigóri rangeu os dentes e acelerou o passo.

- Gricha, vem cá!

A passadas hesitantes como as de um bêbedo, Grigóri cortou à primeira travessa, e pela última vez ouviu o apelo pungente, que a distância enfraquecia:

- Grichenhka, meu querido! ..

Rapidamente, ele atravessou a praça, e, passando mentalmente em revista os nomes dos rapazes seus conhecidos em casa dos quais se poderia alojar naquela noite, parou na encruzilhada.

Escolheu Mikhail Kochevói, que habitava fora da aldeia, à beira da colina. A mãe, ele, a irmã, que era solteira, e os dois irmãozinhos constituíam toda a família Kochevói. Entrou Grigóri no pátio e bateu à janelinha da casa de adobe.

- Quem é?

- O Mikhail está?

- Está. Mas quem é?

- Sou eu, Grigóri Melekhov.

Um minuto depois, arrancado à doçura do primeiro sono, Mikhail abria a porta.

- És tu, Gricha?

- Sou.

- Que andas tu a fazer a estas horas da noite?

- Deixa-me entrar, que já te conto.

No vestíbulo, Grigóri agarrou Mikhail por um cotovelo e disse-lhe baixinho, irritado por não encontrar as palavras convenientes:

- Venho passar a noite em tua casa.. Zanguei-me com a família... Há cá lugar para mim?... Qualquer sítio me serve.

- Há-de arranjar-se lugar. Entra. Porque se zangaram vocês?

- Mais tarde te digo, irmão... Onde é a porta? Não a vejo.

Fez-se uma cama para Grigóri em cima de um banco comprido. Ele deitou-se, de cabeça enrolada na sua peliça curta, para não ouvir o cochichar da mãe de Mikhail, que dormia na mesma cama que a filha.

“Que se passará agora em casa? A Natalia abalará ou não? De qualquer modo, vai começar para mim uma vida nova. Onde irei eu parar?” E imediatamente uma inspiração lhe segredou: “Amanhã mando recado à Akcínia e partimos ambos para o Kúbano, para longe daqui... para longe, para longe...”

Ante os olhos fechados de Grigóri flutuavam na estepe colinas, stanitsas, aldeias nunca vistas, estranhas ao coração dele. E por trás do perfil das colinas, para lá da estrada cinzenta, estava um país de fábula, azul e acolhedor, e o amor de Akcínia, na sua florescência tardia e selvagem.

Perturbado por aquela vida desconhecida que para ele principiava, adormeceu por fim. Antes, porém, de adormecer, procurou compreender que era o que o oprimia e ele não conseguia definir. Na sua madorna, os pensamentos seguiam-lhe um curso igual e regular, como um barco num rio, mas de súbito esbarravam num escolho, como um banco de areia; virava-se, perdia-se em conjecturas: “Mas que é? Há qualquer coisa que se me atravessa no caminho!”

De manhã, ao acordar, lembrou-se: “O serviço militar! Para onde irei eu com a Akcínia? Na Primavera são as manobras, no Outono vem o serviço... Era isto o escolho.”

Depois de almoçar, chamou Mikhail ao vestíbulo.

- Michka, vai a casa dos Asstakhoves. Diz da minha parte à Akcínia que vá ter comigo ao moinho de vento, logo que comece a anoitecer.

- Mas o Stepane? - hesitou Mikhail.

- Inventa uma razão para lá ires.

- Vou, está bem.

- Vai. Diz-lhe que não falte.

- Está entendido.

À tardinha, Grigóri estava junto ao moinho de vento, fumando e escondendo o cigarro na manga. Por trás do moinho, o vento açoitava as hastes secas do milho e assobiava. O pano rasgado das asas imóveis batia. Parecia a Grigóri que uma grande ave girava por sobre ele, adejando, sem conseguir erguer voo. Akcínia não vinha. A oeste, o

crepúsculo banhava num oiro pálido, com tons violáceos, a leste o vento soprava cada vez com mais força, as sombras adensavam-se, antecipando-se à Lua, que continuava presa a uns salgueiros. Vermelho, laivado de azul como um cadáver, o céu escurecia por cima do moinho; da aldeia subiam os últimos rumores da agitação do dia.

Grigóri fumou três cigarros a fio, mergulhou a última ponta na neve pisada e olhou em redor com tristeza e cólera. O caminho degelado que levava do moinho à aldeia negrejava como alcatrão. Não se via vir ninguém da aldeia. Grigóri levantou-se, espreguiçou-se, fez estalar os ombros, e dirigiu-se para a claridade insinuante da janelinha da casa de Mikhail. Ia ele a chegar ao pátio, assobiando por entre os dentes, por pouco não esbarrou com Akcínia. Era visível que ela havia corrido ou andado muito depressa, porque arquejava e a boca fresca, que lhe arrefecera no caminho, lhe exalava o aroma do vento ou, longínquo e muito leve, o do feno tenro da estepe.

- Fartei-me de esperar. Julguei que já não vinhas.

- Foi difícil livrar-me do Stepane.

- Deixaste-me gelar, mulher de um raio!

- Eu estou quente. Vou aquecer-te. Abriu de par em par a peliça acolchoada que trazia, e envolveu Grigóri, como o lúpulo cerca o castanheiro.

- Para que quiseste que eu aqui viesse?

- Tira as mãos. Vai gente a passar.

- Zangaste-te com a tua família?

- Saí de casa. Desde ontem que estou em casa de Michka... Sou para aqui como um cão sem dono.

- Que vais tu fazer agora? - Akcínia descerrou o abraço em que cingia Grigóri e apertou friorentamente as abas da peliça. - Vamo-nos encostar à sebe. Que tens tu que estar no meio da estrada?

Afastaram-se. Grigóri sacudiu a neve e encostou-se à sebe gelada, que rangeu.

- Não sabes se a Natalia voltou para casa da família?

- Saber não sei... Mas vai com certeza. Não há-de ali ficar.

Grigóri meteu a mão gelada de Akcínia numa manga; apertando-lhe entre os dedos o punho delgado, perguntou-lhe:

- Que vamos nós fazer?

- Não sei, querido. Farei o que tu quiseres.

- Deixas o Stepane?

- Sem pena nenhuma. É para já, se o entenderes.

- Empregamo-nos em qualquer parte. Havemos de viver.

- Tratarei de gado, se for preciso... Desde que viva contigo...

Um momento se mantiveram assim, aquecendo-se mutuamente. Grigóri não queria ir-se embora; virava a cabeça para o lado do vento, de narinas palpitantes e pálpebras cerradas. Akcínia estava de cabeça mergulhada numa axila dele, aspirando-lhe o cheiro inebriante do suor, tão seu familiar, e nos lábios ávidos e depravados bailava-lhe, oculto aos olhos de Grigóri, o sorriso contente da felicidade conseguida.

- Amanhã, vou a casa de Mokhov. Talvez ele me empregue - disse Grigóri, apertando um pouco mais acima o punho de Akcínia, húmido dos dedos dele.

Akcínia não respondeu nem ergueu a cabeça. O sorriso desaparecera-lhe dos lábios, como se o vento lho tivesse apagado, e, nos olhos escancarados, a angústia e o terror espreitavam-lhe como bichos acossados. “Digo-lho, ou não digo?” pensou ela, lembrando-se de que estava grávida. “Tenho de lho dizer” decidiu; mas imediatamente, a tremer de medo, repeliu aquele terrível pensamento. Dizia-lhe o seu instinto de mulher que não era aquele o momento de falar nisso; compreendia que podia assim perder Grigóri para sempre; e, como não sabia de quem era o filho que lhe crescia nas entranhas, decidiu dissimular e não disse nada.

- Porque estás a tremer? Tens frio? - perguntou-lhe Grigóri, envolvendo-a numa aba da sua peliça curta.

- Arrefeci um pedaço. Tenho que abalar, Gricha. Stepane deve estar a voltar para casa e eu não estou lá.

- Onde foi ele?

- Consegui a custo convencê-lo a ir jogar as cartas a casa de Anikei.

Separaram-se. Grigóri conservava nos lábios o perfume perturbante dos lábios dela, de vento inverniço, ou, longínquo e muito leve, de feno da estepe, regado pela chuva de Maio.

Akcínia meteu pela travessa; quase corria, dobrada para diante. Ao passar perto de um poço, num sítio onde os animais haviam patinhado na lama do Outono, deu um passo em falso, escorregou num torrão de terra coberto de gelo, e, da dor aguda que sentiu no ventre, apoiou-se às estacas de uma paliçada. A dor abrandou-lhe, mas qualquer coisa viva se lhe revolveu e agitou no ventre, com violência e cólera, várias vezes.

XI

De manhã, Grigóri foi a casa de Mokhov. Serguei Platónovitch chegara havia pouco do armazém, para tomar chá. Estava sentado com Atíopine na sala de jantar, forrada de um papel caro a imitar madeira de castanho, e bebia um chá forte, vermelho-escuro. Grigóri pousou o boné no vestíbulo e entrou.

- Venho falar consigo, Serguei Platónovitch.
- Ah! És filho de Pantelei Melekhov, se não me engano.
- Eu próprio.
- Que me queres tu?
- Queria pedir-lhe para me dar trabalho.

Ao rangido da porta da sala, Grigóri virou a cabeça. Um oficial jovem entrou, de farda verde com dragonas de sótnik e um jornal dobrado na mão. Grigóri reconheceu o oficial que Mitka Korchunov vencera na corrida de cavalos, no ano anterior.

Enquanto oferecia uma cadeira ao oficial, Serguei Platónovitch disse:

- Quê? O teu pai está agora tão pobre que manda o filho trabalhar para outros?
- Deixei de viver em casa dele.
- Saíste de casa?
- Saí.

- De boa vontade te empregava. Conheço a tua família e sei que vocês são trabalhadores. Mas não tenho trabalho para te dar.

- De que se trata? - perguntou o sótnik, sentando-se à mesa e encarando Grigóri.
- Quer-se empregar como trabalhador.

- Sabes tratar de cavalos? És capaz de guiar um carro? - perguntou o sótnik, agitando a colher no copo.

- Sou. Temos seis cavalos em casa.
- Eu preciso de um cocheiro. Quanto queres ganhar?
- Não peço muito...

- Nesse caso, procura amanhã o meu pai no domínio. Sabes onde é o domínio de Nikolai Alekcêievitch Lisstnítzki?

- Sei perfeitamente.

- Fica a umas doze verstás daqui. Vai lá amanhã de manhã, que lá se fala.

Grigóri ficou um momento parado, já de mão no puxador da porta, e proferiu:

- Gostava de falar consigo um instante, Vossa Honra...

O sótnik seguiu-o até ao corredor meio escuro. Uma luz rosada, vinda do terraço, filtrava-se parcimoniosamente através dos vidros baços.

- De que se trata?

- É que eu não sou só... - Grigóri corou intensamente. - Tenho uma mulher. Não haverá qualquer lugar para ela?

- É a tua mulher? - perguntou o sótnik, erguendo as sobrancelhas, rosadas pela luz.

- É mulher de outro...

- Ah! Está bem! Pode-se empregar como ajudante da cozinheira. Mas o marido dela onde está?

- É da aldeia.

- Quer isso dizer que roubaste uma mulher ao marido.

- É da vontade dela.

- Uma história romântica! Está bem, aparece amanhã. Podes-te ir embora, meu rapaz.

Grigóri chegou a Lagodnói, o domínio dos Lisstnítzkis, por volta das oito horas da manhã. No vasto pátio, rodeado por um muro de tijolos escalavrados, as dependências estavam espalhadas em desordem: uma ala coberta de telhas, com o número 1910 a meio, feito de tijolos, o pavilhão do pessoal, o barracão dos banhos, a cavalaria, o galinheiro, o estábulo, um celeiro comprido e a cocheira. Uma casa grande e antiga, separada do pátio por platibandas, erguia-se no meio de um jardim. Por trás da casa, os choupos e os salgueiros desnudos constituíam uma muralha cinzenta.

Grigóri foi recebido no pátio por uma matilha de galgos pretos da Crimeia. Uma velha cadela coxa, de olhos lacrimojantes de mulher idosa, adiantou-se aos outros a cheirá-lo, e seguiu-o, baixando a cabeça escorrida. No pavilhão do pessoal, a cozinheira discutia com uma criadita de quarto, de cara toda sardenta. Envolto, como se fosse num saco, por uma nuvem de fumo de tabaco, um velho de lábios grossos estava sentado à porta. A criada de quarto acompanhou Grigóri à casa dos senhores. O vestíbulo tresandava a cães e a peles de bichos mal secas. Em cima de uma mesa estavam o estojo de uma espingarda caçadeira e uma bolsa de caça, de franjas de seda verde esfiapadas.

- O amo novo diz-lhe que entre - anunciou a criada, deitando a cabeça de fora de uma porta lateral.

Grigóri relanceou apreensivo as botas enlameadas e entrou.

O sótnik estava deitado numa cama junto à janela, com um boião de tabaco e mortalhas sobre a coberta. Acabou de enrolar um cigarro, abotoou a gola da camisa branca e disse.

- Vieste cedo. Espera um bocado, que o meu pai não tarda.

Grigóri ficou perto da porta. Um minuto depois, uns passos arrastados fizeram ranger o sobrado do vestíbulo. Pela abertura da porta uma voz de baixo profundo perguntou:

- Não estás a dormir, Evguéni?

- Entre.

Entrou um velho de botas pretas caucasianas. Grigóri viu-o de perfil e a primeira coisa que lhe saltou aos olhos foi o nariz curvo, delgado, e o grande bigode branco arqueado, amarelecido a meio pelo tabaco. O velho era muito alto, magro, espadaúdo. Dele pendia, flutuando, um casacão comprido, de pêlo de camelo, cuja gola lhe apertava o pescoço castanho, rugoso. Tinha os olhos incolores muito próximos um do outro.

- Aqui está, papá, o cocheiro que lhe arranjei. É de boa família.

- De qual? - atirou o velho em voz de trovão.

- Dos Melekhoves?

- Mas este quem é?

- É o filho de Pantelei Melekhov.

- Conheci o Prokófi e conheço também o Pantelei. É um que é coxo e de origem tcherkess?

- É o coxo, meu general. - E Grigóri pôs-se na posição de sentido.

Lembrava-se do que o pai lhe havia contado acerca do general reformado Lisstnítzki, herói da guerra russo-turca.

- Por que motivo te empregas? - troou a voz lá do alto.

- Saí da casa do meu pai, Excelência.

- Mas que cossaco virás tu a ser, se te empregas assim? O teu pai não te deu nada quando o deixaste?

- Não, meu general. Não me deu nada.

- Então, o caso é diferente. Empregas-te mais a tua mulher?

O sótnik fez ranger vivamente a cama. Grigóri olhou para ele e viu-o piscar-lhe um olho e fazer-lhe sinais com a cabeça. Sim, Excelência.

- Deixa-te dessas excelências todas. Não gosto disso. Dou-te oito rublos por mês. Para ambos. A tua mulher fará a comida dos criados e dos trabalhadores. Estás de acordo?

- Estou de acordo.

- Estejam aqui amanhã. Ocuparás o alojamento do antigo cocheiro, no pavilhão do pessoal.

- Que caçaste ontem? - perguntou o sótnik ao velho, pousando no chão os pés estreitos e peludos.

- Vimos uma raposa no Vale de Gremiátchi e perseguimo-la até à floresta. Era uma raposa velha. Despistou os cães.

- O Kazbek continua a coxear?

- Torceu uma perna. Despacha-te, Evguéni, senão o almoço arrefece.

O velho virou-se para Grigóri e deu com os dedos secos, ossudos, um estalo.

- Em frente, marcha! Amanhã, às oito horas, aqui.

Grigóri saiu do pátio. Por trás da parede do celeiro, os galgos aqueciam-se no solo seco, em que a neve se havia derretido. A cadela de olhar de velha correu direita a Grigóri, cheirou-o por trás, e acompanhou-o até à ravina mais próxima, devagar, de cabeça baixa. Em seguida, voltou pelo mesmo caminho.

XII

Akcínia acabou cedo o seu trabalho na cozinha, amontoou as brasas, arrumou a chaminé, lavou a loiça, e espreitou pela janela que dava para o pátio. Stepane estava de pé em frente da meda de madeira encostada à sebe que dividia o pátio dele do dos Melekhoves. De cigarro apagado pendurado ao canto dos lábios duros, procurava na meda umas estacas com que reparar o canto esquerdo do barracão, que viera abaixo; precisava de espetar duas estacas sólidas e cobrir de colmo a parte que ruíra.

Desde manhã que as faces de Akcínia ardiam e os olhos lhe luziam de um fulgor juvenil. Não havia escapado a Stepane tal mudança; enquanto comiam, perguntou-lhe:

- Que tens tu?

- Que tenho eu? - E Akcínia corou.

- Reluzes como se te tivessem untado de azeite.

- É do calor do forno... Subiu-me o sangue à cara. - Virou-se e deitou um olhar furtivo à janela: a irmã de Michka Kochevói não viria?

- Só apareceu ao entardecer. - Torturada pela expectativa, Akcínia estremeceu.

- Queres-me alguma coisa, Machutka?

- Chega aqui um instante.

Em frente de um caco de espelho pregado na chaminé caiada de branco, Stepane penteava a poupa do cabelo e o bigode castanho com um pedaço de pente de corno.

Akcínia olhou receosamente na direcção do marido.

- Vais sair?

Stepane não respondeu imediatamente. Meteu o pente numa algibeira das calças e tomou de cima de um poial da chaminé um baralho de cartas e a bolsinha do tabaco.

- Vou um bocadinho a casa do Anikuchka.

- Quando te fartarás tu disso? São uma perdição as cartas. Não se passa uma noite que não vás jogar. E para lá ficam vocês até os galos cantarem!

- Está bem. Já ouvi.

- Vais jogar outra vez o otchkó? (*Jogo de cartas*)

- Deixa-me em paz, Akciútka. Está alguém à tua espera. Vai lá.

Akcínia saiu ao vestibulo. À entrada, a vermelha Machutka, muito sardenta, esperava-a sorrindo.

Grichka voltou.

- E depois?

- Mandou-me dizer-te para ires ter a nossa casa logo que anoiteça.

Akcínia agarrou Machutka por um braço e encostou-a à parede.

- Mais baixo, mais baixo, querida! Que te disse ele, Macha? Não te disse mais nada?

- Disse para arranjares as tuas coisas e as lebares. - Esbraseada e trémula, Akcínia virou a cabeça para a porta, baloiçando-se ora numa perna, ora na outra.

- Senhor, como me vou eu arranjar?... Ai!... É tão depressa tudo isto!... Que hei-de eu fazer? Olha, diz-lhe que não tardo... Mas onde me espera ele?

- Vai lá ter a casa. Ah, não!...

- Eu digo-lhe isso, então. Ele que saia ao teu encontro. - Stepane, que havia enfiado o casaco, aproximou-se do candeeiro do tecto e acendeu nele um cigarro.

- Que te queria ela? - perguntou-lhe ele entre duas fumaças.

- Quem?

- A Macha Kochevaia. Quem havia de ser?

- Ah! Era a pedir-me uma coisa... Quer que eu lhe corte uma saia.

Stepane sacudi a cinza do cigarro e dirigiu-se para a porta.

- Deita-te. Não esperes por mim!

- Está bem.

De joelhos num banco, Akcínia encostou-se à janela gelada. Os passos de Stepane, que se afastava, rangeram no caminho aberto na neve até à cancela. O vento arrancou-lhe uma chispa do cigarro e atirou-a contra a janela a que ela estava. Através de uma nesga desgelada da vidraça, Akcínia viu por um instante, à luz do cigarro incandescente, a face tisonada do marido e o semicírculo do boné que lhe tombava sobre uma orelha bem desenhada.

Atirou febrilmente para um grande xaile as suas saias, blusas, xailinhos, todo o seu enxoval, que tirara da arca; arquejante, de olhos esgazeados, deu ainda uma última vez a volta à cozinha, apagou o lume e correu para a porta. Alguém atravessava o pátio dos Melekhoves, para ir ver os animais. Akcínia esperou que os passos se deixassem de ouvir, fechou a porta à chave e correu direita ao Don, apertando a sua trouxa contra ela. Do lenço de lã felpuda soltavam-se-lhe mechas de cabelos que lhe açoitavam as faces. Chegou pelas traseiras a casa dos Kochevóis, esgotada, a custo movendo as pernas como chumbo.

Grigóri esperava-a ao portão. Pegou-lhe na trouxa e, sem dizer palavra, encaminhou-se para a estepe, à frente dela.

Passada a eira, Akcínia retardou o passo e puxou Grigóri por uma manga.

- Espera um pedacinho.

- Esperar porquê? A Lua ainda demora a nascer. O melhor é aproveitarmos.

- Espera, Gricha. E Akcínia parou, dobrada em duas.

- Que tens tu? - Grigóri curvou-se para ela.

- É a minha barriga... Levantei um destes dias uma coisa pesada. Lambendo os lábios secos e crispando a face de dor, agarrou o ventre com as mãos. Um momento se manteve assim, dobrada e miseranda; depois, meteu as mechas de cabelo para dentro do lenço e recomeçou a andar. Pronto, vamo-nos embora

- Nem sequer me perguntas para onde te levo. Quem sabe se não te vou atirar pela primeira ribanceira abaixo? - gracejou Grigóri na obscuridade.

- Agora, tudo me é indiferente. Joguei a minha cartada - disse Akcínia com um sorriso triste.

Stepane voltou para casa à meia-noite, como de costume. Passou pela cavalaria, tornou a pôr na manjedoura o feno que o cavalo havia feito cair, tirou-lhe a cabeçada, e subiu os degraus do patamar. “Deve ter ido passar o serão a qualquer parte” pensou ele, ao ver a porta fechada por fora. Entrou na cozinha, fechou cuidadosamente a porta e riscou um fósforo. Como tinha naquela noite ganho ao jogo (jogavam a fósforos) estava sereno e tinha sono. Acendeu a luz e, sem lhe suspeitar o motivo, considerou a desordem dos objectos espalhados na cozinha. Um pouco admirado, passou ao quarto. A arca aberta parecia um abismo negro. No chão jazia uma velha blusa de Akcínia, de que ela, na sua pressa, se esquecera. Stepane arrancou dos ombros a sua peliça curta e precipitou-se para a cozinha, para ir buscar o candeeiro. Olhou o quarto e compreendeu. Pousou o candeeiro brutalmente e, sem bem reparar no que fazia, arrancou o sabre da parede, apertou-lhe o punho até os dedos se lhe azularem e incharem, ergueu com a ponta dele a blusa azul, com flores cor de palha, abandonada pela mulher, atirou-a ao ar e cortou-a em duas com uma sabrada curta.

De face cinzenta, selvagem, com um desespero de lobo, lançava ao tecto os farrapos azuis que o aço afiado, que silvava, ia cortando.

Em seguida, arrancou uma dragona, atirou o sabre para um canto, dirigiu-se para a cozinha e sentou-se à mesa. Muito tempo assim esteve, de cabeça inclinada para um lado, acariciando a parte inferior, suja, do tampo da mesa, com os seus dedos de ferro, que lhe tremiam.

XIII

Uma desgraça nunca vem só: de manhã, em virtude de uma negligência de Guetko, o toiro de raça de Mirone Grigórievitch deu uma cornada no pescoço da melhor égua reprodutora que ele tinha. Guetko apareceu-lhe em casa a correr, pálido, perturbado e trémulo.

- Uma desgraça, patrão! O toiro, raios o partam, o bicho maldito!...

- Mas que fez o toiro? Ha? - alarmou-se Mirone Grigórievitch.

- Deu cabo da égua... deu-lhe uma cornada... estou-lhe eu a dizer...

Vestido apenas como estava, Mirone Grigórievitch correu para o pátio. Ao lado do poço, Mitka batia com um fueiro no toiro vermelho de cinco anos. Este baloiçava a cabeça baixa, tocando com a barbela rugosa no solo, e projectava a neve a distância com os cascos traseiros, espalhando em torno da cauda enrolada em espiral uma poeira prateada. Sem tentar esquivar-se às pancadas, mugia surdamente e agitava as patas, prestes a investir.

O ronco fragoroso crescia-lhe, subia-lhe na garganta. Mitka batia-lhe no focinho, nos flancos, berrando em voz rouca injúrias imundas, sem prestar atenção a Mikhei, que o puxava para trás pelo cinto.

- Deixa-o, Mítri!... Em nome de Cristo to peço!... Olha que apanhas uma marrada!... Mirone Grigórievitch, repara no que ele está a fazer!...

Mirone Grigórievitch corria direito ao poço. Perto da sebe, a égua baixava tristemente a cabeça. Os flancos suados cavavam-se-lhe, negreando-lhe ao respirar, e o sangue escorria-lhe do pescoço na neve e nas bossas redondas dos músculos peitorais. Um ligeiro frémito percorria-lhe a pelagem castanha-clara do dorso e da garupa e as narinas arfavam-lhe.

Mirone Grigórievitch acercou-se dela. Uma ferida, de que se exalava um bafo rosado, rasgava-lhe o pescoço ao meio. Era uma ferida longa e profunda, em que se podia meter uma mão, e que lhe desnudava a traqueia contraída pela respiração. Mirone Grigórievitch agarrou a crina e levantou a cabeça da égua. Esta fitou nos olhos do dono os olhos brilhantes, de pupilas violáceas, como se lhe quisesse dizer: “E agora?” Em resposta àquela muda interrogação, Mirone Grigórievitch gritou:

- Mitka! Manda arranjar um infuso de casca de carvalho. Anda, despacha-te.

Guetko correu a arrancar casca a um carvalho, de maçã-de-adão a dançar-lhe no pescoço sujo. Mitka aproximou-se do pai, virando-se para trás, a espreitar o toiro, que girava em torno do pátio, vermelho sobre a alvura da neve fundente, a emitir sem descanso o seu pungente mugido.

- Segura-a pela crinal! - ordenou o pai a Mitka. - Tu, Mikhei, vais buscar um fio! Depressa, ou vou-te às ventas!...

Para o animal não sentir dores, apertou-se-lhe com uma corda o lábio superior, aveludado, plantado de raros pêlos. O avô Grichaka acercou-se. Numa malga de loiça pintada trouxeram uma infusão cor de bolotas.

- Arrefece-a, que está quente de mais. Estás-me a ouvir ou não, Mirone?

- Pai, por Deus, vá para casa! Apanha alguma constipação!

- E eu digo-te para a arrefeceres. Queres matar a égua? Lavou-se a ferida. - Mirone Grigórievitch enfiou com os dedos enregelados um fio grosso numa agulha de coser sacos. Foi ele próprio quem coseu a ferida. E com habilidade o fez. Ia ele a afastar-se do poço, apareceu Lukínitchna, que vinha de casa a correr. A comoção escavava-lhe os sacos moles das bochechas descoradas. Puxou o marido de parte.

- A Natalia está aí, Grigóritch!... Ai, meu Deus!

- Mas que mais há? - Mirone Grigórievitch estremeceu e a cara salpicada de sardas pôs-se-lhe branca.

- Foi o Grigóri... Foi o nosso genro que saiu de casa! - Lukínitchna abriu os braços, semelhante a uma gralha antes de levantar voo, depois deixou-os cair, com duas palmadas nas saias, e rompeu a guinchar: - É uma vergonha, diante de toda a aldeia!... Pai do céu, meu Deus, que desgraça!... Aai! Oooh!

Natalia, de lenço na cabeça, com um casaquinho curto de Inverno, estava especada no meio da cozinha. Duas lagriminhas bailavam-lhe nas pestanas e não caíam. Em cada face ardia-lhe uma roseta de um vermelho cor de tijolo.

- Que vieste tu cá fazer? - Mal entrou na cozinha, o pai precipitou-se para ela. - O teu marido bateu-te? Não se dão bem?...

- Foi-se embora de casa. - E Natalia engoliu em seco um soluço, cambaleou de leve e atirou-se de joelhos diante do pai. - Paizinho, a minha vida está perdida!... Recebe-me em casa. Grigóri foi-se embora com a amante! Estou só! Paizinho, sinto-me como se uma roda me tivesse passado por cima!... - Natalia gaguejava, sem terminar as palavras, e olhava de baixo, com expressão suplicante, a massa ruiva da barba paterna.

- Espera aí! Cala-te um bocadinho!...

- Não posso continuar a viver ali! Recebe-me em casa!... - Rapidamente, Natalia avançou de joelhos até à arca e escondeu nas mãos a cabeça que os soluços sacudiam. O lenço descaiu-lhe para as costas e a cabeleira preta e lisa, repuxada para trás, tombou-lhe sobre as orelhas brancas. As lágrimas nestes momentos graves são como a chuva na secura de Maio; a mãe apertou a cabeça de Natalia contra o ventre escavado e iniciou uma litania de mulher, incoerente e estúpida; Mirone Grigórievitch, a espumar de raiva, estava já no patamar de casa.

- Atrelem os cavalos a dois trenós!...

Um galo, que estava muito ocupado em galar uma galinha, assustado por aquela voz trovejante, saltou para o chão e fugiu para o celeiro, claudicando e bamboleando-se, com cacarejas indignados.

- Atrelem lá isso!... - Mirone Grigórievitch demolia a pontapé os balaústres esculpidos do patamar; e só se meteu para dentro, deixando a balaustrada horivelmente danificada, quando Guetko tirou da cavalaria uma parelha de morzelos e lhes pôs as cabeçadas apressadamente.

Mitka e Guetko foram buscar o enxoval de Natalia. Sem dar por isso, o ucraniano derrubou com o trenó um porquinho que não se afastara a tempo do caminho, e pensou para consigo: “Talvez com esta história o patrão se esqueça da égua.” E, satisfeito, afrouxou as rédeas.

Mas logo repensou: “Não é esse diabo ruim quem se esquece seja do que for!...” E franziu os sobrolhos e torceu os lábios.

- Anda, demónio!... Eu te digo! - E cuidadosamente procurava atingir o cavalo com o chicote no ponto onde o baço lhe latejava.

XIV

O sótnik Evguéni Lisstnítzki servia no regimento Atamánsski da Guarda Imperial. Por ocasião de um concurso hípico de oficiais, partira uma clavícula. Ao sair do hospital, pedira uma licença e viera passar mês e meio a lagodnói, a casa do pai.

O velho general, viúvo havia muito, vivia em lagodnói sozinho. Perdera a mulher num arrabalde de Varsóvia, no ano de mil oitocentos e oitenta e qualquer coisa. Tinham atirado contra o general cossaco, mas as balas haviam atingido a mulher e o cocheiro e crivado a caleça em vários sítios, deixando o general são e salvo. Da mulher ficara-lhe Evguéni, que tinha então dois anos. Pouco tempo depois, o general demitira-se e retirara-se para as suas terras de lagodnói (quatro mil deciatinas no governo de Saratov, doadas ao avô dele pela sua participação na Guerra Patriótica de 1812) e aí se entregou a uma vida austera e retirada.

Quando Evguéni chegou à idade de entrar no corpo de cadetes, ele próprio começou a ocupar-se da direcção do domínio e pôs-se a criar animais de raça. Pelo cruzamento de garanhões trotadores, que comprou, com as melhores éguas da Inglaterra e da coudelaria de Provalhssk, no Don, obteve uma raça própria. No seu love de terras cossacas e nas outras que adquiriu, criava rebanhos e semeava trigo, claro que pelas mãos dos outros; no Outono e no Inverno caçava, montando os seus cavalos fogosos; de tempos a tempos, fechava-se no seu salão branco e bebia semanas a fio. Sofria de uma doença ruim do estômago e os médicos tinham-no proibido rigorosamente de ingerir alimentos sólidos: contentava-se com mastigá-los, chupando-lhes o suco e cuspendo os restos num pratinho de prata que ao alcance dele mantinha um criado de origem mujique, Veniamine.

Veniamine era um simplório, moreno, de cabeça redonda, coberta, não de cabelos, mas de uma penugem preta. Servia Lisstnítzki havia seis anos. A princípio, ao segurar o prato de prata à beira do general, custara-lhe a suportar sem nojo ver o velho cuspir os restos da comida, desfeitos pela mastigação; mas depois habituara-se.

Os criados, além de Veniamine, eram a cozinheira Lukéria, o moço de cavaliariça Sachka, muito decrépito, o pastor Tikhone, Grigóri, acabado de ascender à dignidade de cocheiro, e Akcínia. Lukéria, mulher flácida, bexigosa, nalguda, semelhante a uma bola de massa amarela e azeda, afastara Akcínia do fogão logo no primeiro dia.

- Cozinharás quando o patrão meter trabalhadores, para o Verão. Por enquanto, eu própria posso fazer tudo.

As funções de Akcínia consistiam em lavar três vezes por semana os sobrados da casa, dar de comer à criação e tratar da limpeza da capoeira. Entregou-se com zelo ao trabalho, procurando agradar a toda a gente, incluindo Lukéria. Grigóri passava a maior parte do tempo na vasta cavalaria, na companhia de Sachka. O velho já tinha o cabelo todo grisalho, mas continuavam a chamar-lhe Sachka (*É que Sachka, como diminutivo que é, não se justifica em relação a um velho*). Pelo patronímico ninguém o tratava; quanto ao apelido de família, nem o velho Lisstnítzki, em casa de quem ele estava havia mais de vinte anos, talvez o soubesse. Enquanto novo, Sachka havia sido cocheiro, mas quando, com a idade, perdera as forças e a vista, passara para a cavalaria. Baixo, todo ele coberto de pêlos brancos esverdeados, incluindo as mãos, de nariz esborrachado, em resultado de uma cacetada que apanhara na infância, sorria constantemente, com um sorriso cândido de criança, e observava quanto o rodeava, piscando os olhos ingênuos, de bordos vermelhos. Estragavam-lhe a cara de apóstolo aquele nariz chato e o lábio inferior marcado por uma cicatriz. Por ocasião do serviço militar (Sachka era um russo de Bogutchar), um dia que estava bêbedo, tomara por vodka comum uma garrafa de “vodka do tsar” (*Mistura de ácido azótico e de ácido clorídrico, chamada em português, quase equivalentemente: água-régia*): um jacto de fogo colara-lhe o lábio inferior ao queixo. Por onde o líquido passou, ficou uma cicatriz rosada, cómica e oblíqua, onde a barba nunca mais cresceu, como se um bicho desconhecido lha tivesse lambido, deixando-lhe a marca da sua língua acerada como uma lima. Sachka bebia com frequência vodka, e então passeava no pátio da propriedade como se fosse ele o dono, batendo os pés no chão, parando em frente das janelas do quarto de cama do patrão e agitando um dedo, com ar manhoso, diante do seu pândego nariz.

- Mikolai Lekceitch! (*Pronúncia deturpada, popular, de Nikolai Alekcéievitch, nome e patronímico do general Lisstnítzki*) Eh lá, Mikolai Lekceitch! chamava ele em voz forte e severa.

O velho senhor, se nessa ocasião estava no quarto, assomava à janela.

- Estás lastrado, alma do diabo? troava ele.

Sachka puxava as calças para cima, piscava os olhos e sorria com expressão velhaca. O sorriso atravessava-lhe de viés a cara: do olho esquerdo, franzido, à cicatriz rosada, que lhe partia do canto direito da boca. Era um sorriso torcido, mas era um sorriso agradável.

- Mikolai Lekceitch, Vossa Reverência, eu co-nhe-ço-te!... - E Sachka rompia a dançar, ameaçando o general com um dedo delgado e sujo.

- Vai-te deitar - dizia o senhor, com um sorriso conciliador, torcendo o bigode caído com os cinco dedos de uma mão, queimados do tabaco.

- Ao Sachka nem o diabo engana! - Sachka ria-se e acercava-se da paliçada. - Mikolai Lekceitch... tu és como eu. Eu e tu somos como o peixe na água. O peixe anda no fundo... e nós na propriedade. Ambos nós somos ricos. Assim, pois!...Sachka abria os braços e as pernas. Toda a gente nos conhece no Don. Tudo o que nós temos e a voz de Sachka fazia-se queixosa e insinuante tudo o que nós temos é bom, Vossa Excelência, excepto o nariz, que não presta para nada.

- Mas porquê? - interessava-se o senhor, roxo de rir, de bigode a dar a dar.

- Por causa da vodka! - atirava Sachka, piscando os olhos e lambendo repetidamente a saliva que lhe escorria pelo sulco da cicatriz rosada. - Não bebas, Mikolai Lekceitch, senão estamos perdidos, tu e eu! Completamente perdidos!...

- Pega lá e vai curti-la.

O senhor atirava da janela uma moeda de vinte copecas, que Sachka apanhava no ar e arrecadava no forro do boné.

- Então, adeus, general - suspirava ele, e abalava.

- E os cavalos já beberam? - perguntava o senhor, sorrindo por antecipação.

- Diabo tihoso! Ai, o filho de uma cadela! - berrava Sachka, vermelhíssimo, em voz de cana rachada, tremendo febrilmente de cólera. - O Sachka havia de se esquecer de dar de beber aos cavalos? Ha? A morrer que eu estivesse, ia de rojo dar-lhes um balde de água, e ele sai-se com uma destas!... Ora essa!...

Sachka afastava-se, esmagado ao peso da ofensa imerecida, a praguejar e a erguer os punhos ameaçadores. Tudo o senhor lhe perdoava, desde a bebedeira à familiaridade com ele, porque era um moço de estrebaria insubstituível. De Inverno como de Verão, dormia na cavalaria, numa estala vazia; ninguém melhor que ele era capaz de falar aos cavalos; e era simultaneamente moço de estrebaria e veterinário: todas as primaveras, no mês de Maio, no tempo das flores, arrancava ervas, desenterrava da estepe, do fundo dos vales secos, das ravinas húmidas, raízes “medicinais. Feixes de toda a casta de ervas secas pendiam de alto a baixo das paredes da cavalaria: mostardeira brava, contra a pulmoeira; cardo-corredor, contra as mordedelas das víboras; escorcioneira, contra as moléstias das pernas; uma minúscula erva branca, que cresce nos jardins, perto dos salgueiros, contra as quebrasuras; e muitas mais ervas desconhecidas, contra todas as doenças e moléstias dos cavalos.

No Inverno como no Verão, na cavalaria, na estala onde Sachka dormia, um aroma fino, que se agarrava às gargantas, pairava, como uma teia de aranha. Uma tarimba de tábuas, com feno comprimido, duro como pedra, coberto por uma manta, servia de cama a

Sachka, que se cobria com o seu zipune, todo ele impregnado de suor de cavalo. Toda a roupa de agasalho de Sachka eram este zipune e uma peliça curta de coiro curtido.

Tikhone, cossaco beijudo, robusto e simplório, que vivia com Lukéria, tinha sem razão um ciúme surdo de Sachka. Uma vez por mês, agarrava Sachka por um botão da camisa sebosa e levava-o para a parte de trás do pátio.

- Avô, não olhes para a minha mulher!

- É um modo de dizer...- E Sachka piscava um olho com ar significativo.

- Deixa-te disso, avô! - pedia Tikhone.

- Eu gosto delas picadas das bexigas, amigo. Antes me queria privar de um copo de vodka que de uma mulher bexigosa. Quanto mais bexigosas são, mais gostam de nós, as desavergonhadas.

- Na tua idade, avô, é uma vergonha e um pecado... E és tu médico, trataas de cavalos e sabes palavras milagrosas...

- Curo tudo em que ponho as mãos - enaltecia-se Sachka.

- Deixa-te disso, avô. Não está bem.

- Pois eu, irmão, hei-de apanhar essa Lukéria. Podes deitar luto por ela, que ta caço, a desavergonhada. É mesmo um bolo de passas de uva. O que é que lhe tiraram as passas, e é por isso que ela tem a cara às covinhas. Assim é que eu gosto delas!

- Pega lá... Mas não te metas à minha frente, ou mato-te - dizia-lhe Tikhone suspirando e dando-lhe algumas moedas de cobre que tirava da bolsinha do tabaco.

Todos os meses isto se repetia.

Assim a vida embolorecia em lagodnói, num torpor sonolento. Longe das estradas, a propriedade estava perdida no fundo de um vale, e, depois do Outono, nenhum contacto tinha com a stanitsa e as aldeias. No Inverno, bandos de lobos vindos da Floresta Negra, onde hibernavam, arriscavam-se de noite pela colina, de que um promontório chegava até ao jardim, e uivavam, assustando os cavalos. Tikhone metia pelo jardim e atirava com a caçadeira do senhor, enquanto Lukéria, aconchegando numa manta o enorme traseiro, do tamanho da boca do forno, esperava, imóvel, que os tiros soassem, arregalando na escuridão os seus olhinhos afogados na larga cara bexigosa. Nesses momentos, Tikhone, que era careca e feio, afigurava-se-lhe um belo rapaz temerário; e, quando a porta batia para ele passar, rodeado de vapor, ela encolhia-se na cama e, arrulhando, beijava o companheiro transido.

No Verão, lagodnói ressoava das vozes dos trabalhadores até horas tardias. O senhor, que semeava as suas quarenta deciatinas de cereais diversos, metia trabalhadores para a ceifa. Por vezes, no Verão, Evguéni vinha passar uma temporada no domínio;

passava no jardim, aborrecia-se, passava as manhãs a pescar à linha no lago. Não era alto, mas tinha um peito robusto. Usava, à cossaca, uma poupa de cabelos, que penteava para o lado direito. O uniforme de oficial moldava-lhe elegantemente o corpo.

Nos primeiros dias que se haviam seguido à sua instalação com Akcínia no domínio, Grigóri falara muitas vezes com o patrão novo. Veniamine aparecia, sorria, inclinando a cabeça penugenta.

- Vai ao patrão novo, Grigóri. Mandou-me chamar-te.

Grigóri entrava, parava à porta. Evguéni Nikoláievitch, mostrando os seus dentes largos e afastados, apontava-lhe uma cadeira com a mão.

- Senta-te.

Grigóri sentava-se na beirinha dela.

- Como te parecem os nossos cavalos?

- São bons cavalos. O ruço é mesmo muito bom.

- Sai com ele mais vezes. Mas tem cuidado, não o faças galopar.

- O avô Sachka já me disse isso.

- E o Valentão, que tal o achas?

- O baio? Isso não tem preço. Mas tem um casco rachado. Devia ferrar-se de novo.

Franzindo os olhos penetrantes, o patrão novo perguntava:

- Tens de fazer o serviço militar em Maio? Não é isto?

- Exactamente.

- Hei-de falar ao atamane. Não vais.

- Muito agradecido.

Calavam-se. O sótnik desabotoava a gola do uniforme e coçava o peito, branco como o de uma mulher.

- Não tens medo de que o marido da Akcínia ta venha tirar?

- Desistiu dela. Não vem.

- Quem to disse?

- Quando fui à stanitsa buscar cravos para ferrar os cavalos, encontrei um homem da aldeia. Disse-me que o Stepane desatara a beber como uma esponja. “Não dava nada de nada pela Akciútka. Hei-de achar melhor.”

- A Akcínia é uma bonita mulher - dizia o sótnik, olhando pensativamente para além de Grigóri, com um sorriso errante nos lábios.

- Não é feia - concordava Grigóri, carregando-se-lhe o , semblante.

A licença de Evguéni estava a acabar. Já deixara de trazer o braço ao peito e já o levantava, mas não dobrava ainda o cotovelo.

Nos últimos dias, pôs-se a visitar muitas vezes Grigóri no pavilhão do pessoal. Akcínia tinha limpado muito bem o quarto, que estava sujíssimo, lavado as ombreiras das janelas, esfregado o sobrado com pó de tijolo. No quartinho simples e alegre sentia-se uma presença feminina. Um fogãozinho aquecia-o. O sótnik punha pelos ombros uma peliça curta à Romanov, de fazenda azul, e entrava no pavilhão dos criados. Escolhia as ocasiões de Grigóri estar a tratar dos cavalos. Passava primeiro pela cozinha, gracejava com Lukéria, depois virava-lhe as costas e dirigia-se para a parte oposta da casa. Sentava-se num tamborete junto ao fogão, de costas curvadas, e, fitava Akcínia com olhos impudentes e risonhos. Akcínia perturbava-se com a presença dele e as agulhas com que fazia meia tremiam-lhe nas mãos.

- Como passas tu, Akciniúchka? - perguntava-lhe o sótnik, enchendo o quartinho do fumo azul do cigarro.

- Passo bem, obrigada.

Erguia Akcínia os olhos e, ao encontrar o olhar transparente do sótnik, que silenciosamente exprimia desejo, fazia-se vermelha. Os olhos claros de Evguéni Nikoláievitch eram-lhe desagradáveis e irritantes. Respondia despropositadamente às perguntas insignificantes que ele lhe fazia, e tão depressa podia livrava-se dele.

- Vou-me embora. Tenho de ir dar de comer aos patos.

- Deixa-te estar. Tens tempo - dizia o sótnik, sorrindo e abanando as pernas, estreitamente cingidas nos seus calções de montar.

Demoradamente interrogava Akcínia acerca da sua vida passada, acentuando o tom grave da voz semelhante à do pai, e despindo-a com os olhos claros como a água das fontes.

Acabado o seu trabalho, Grigóri voltava para casa. O sótnik extinguia a chama que um momento antes lhe brilhava no olhar, oferecia-lhe um cigarro e saía.

- Que veio ele cá fazer? - perguntava em voz surda, sem olhar para Akcínia.

- Sei lá! - Akcínia ria, com um riso forçado, lembrando-se do olhar do sótnik. Apareceu, sentou-se ali, olha, Grichenhka, assim e mostrava-lhe como o sótnik se havia sentado, curvando as costas como ele e para ali esteve e se fartou de estar, que até me dava ânsias, com aqueles joelhos bicudos que tem.

- Deste-lhe no goto, ha? - E Grigóri franziu os sobrolhos.

- Quero lá saber dele!

- Repara no que fazes, ou ponho-o à porta da rua em menos de um fósforo.

Sorrindo, Akcínia fitava Grigóri, sem perceber se ele falava a sério ou a brincar.

XV

Na quarta semana da Quaresma, o Inverno abrandou. No Don, o gelo fundente, franjado ao longo das margens, aumentou de volume, e tornou-se esponjoso e cinzento à superfície. À noite, a colina reboava surdamente, sinal de ir voltar o frio, conforme ditos antigos, mas, de facto, o degelo continuava. De manhã, ainda aparecia uma camada leve de gelo que rangia, mas por altura do meio-dia a terra absorvia-o, e cheirava a Março, a casca de cerejeira gelada, a palha podre.

Mirone Grigórievitch preparava-se sossegadamente para a sua lavoura, aproveitando os dias, mais compridos já, para trabalhar, debaixo do alpendre, nisto e naquilo, como arranjar uns dentes numa grade de esterrear, ou fazer, com a ajuda de Guetko, dois jogos de rodas novas. O avô Grichaka estava a fazer a sua semana de jejum. Voltava da igreja roxo de frio e queixava-se à nora:

- O pope arrasou-me. Aquilo não é pope nem é nada. Diz missa como se levasse ovos num carro. É uma desgraça!

- O pai devia antes jejuar na Semana Santa, que já está o tempo mais quente.

- Vai-me chamar a Natachka. Ela que me faça umas meias mais grossas, que com estas que tenho até um lobo cinzento gelava.

Natalia vivia em casa do pai como um ganhão a dias: parecia-lhe sempre que Grigóri ia voltar, esperando-o com o coração, sem escutar o que a razão gravemente lhe dizia; consumia-a uma angústia devoradora, definhava, esmagada pela ofensa inesperada e imerecida. E, depois, a isto acrescia outra coisa, que Natalia via com um gélido terror avançar ao encontro dela; e todas as noites se agitava no seu quartinho de solteira como uma abecoinha ferida entre os juncos dos charcos. Logo no dia seguinte ao da volta dela para casa, Mitka se pusera a olhá-la de modo diferente; um dia apanhou-a no vestíbulo e disse-lhe sem rodeios:

- Aborreces-te sem o Grichka?

- Que te interessa isso?

- Quero consolar-te...

Natalia fitou-o nos olhos e recebeu haver compreendido. Mitka rolava os olhos verdes, os seus olhos de gato, cujas pupilas brilhavam como azeite na obscuridade do

vestíbulo. Natalia atirou com a porta e correu para o quartinho do avô Grichaka e ali se conservou muito tempo, de pé, sentindo bater o coração inquieto. No dia seguinte, Mitka abordou-a no pátio. Vinha de dar de comer aos animais e trazia, presos aos cabelos rijos e ao gorro de pele, pedaços de erva verde. Natalia enxotava os cães que andavam à roda da pia dos porcos.

- Não armes em parva, Natachka...

- Olha que eu chamo o pai! - exclamou ela, e escondeu a cara nas mãos.

- És maluca!

- Vai-te daqui, miserável!...

- Porque estás tu a gritar?

- Vai-te daqui, Mitka! Vou já contar tudo ao pai! Os olhos com que tu olhas para mim! Desavergonhado! Como pode a terra contigo?

- Pois pode, como vês, e não se abre debaixo de mim. - E, em prova do que dissera, Mitka, de mãos nas ancas, bateu com um pé no chão.

- Deixa-me em paz, Mítri!

- Agora deixo, mas esta noite vou ter contigo. Juro-te que vou!

Natalia saiu do pátio a tremer. À noite fez a cama em cima da arca e levou a irmã mais nova a dormir com ela no quarto. Toda a noite ela a passou às voltas, perscrutando a escuridão, de olhos febris. Estava disposta a pôr a casa toda em alvoroço ao menor rumor; mas nada perturbou o silêncio, a não ser o ressonar do avô Grichaka, que dormia no quarto ao lado, e alguns raros suspiros da irmãzinha, deitada junto dela, quando se destapava.

Assim se ia desfiando a meada dos dias, envenenados por aquela vigilante apoquentação de mulher.

Mitka, não refeito ainda da afronta que sofrera aquando da sua ida a casa de Mokhov, andava carrancudo e mau. Todas as noites ia às seroadas, e raramente voltava cedo para casa; cada vez com mais frequência recolhia ao amanhecer. Frequentava as casas das mulheres de soldados que se portavam mal na ausência dos maridos e jogava as cartas com Stepane. Mirone Grigórievitch tomara a decisão de nada lhe dizer por algum tempo, mas não o perdia de olho.

Um dia, antes da Páscoa, Natalia encontrou Pantelei Prokófievitch perto da loja de Mokhov. Foi ele que primeiro lhe falou:

- Espera aí um instante.

Natalia parou. À vista da cara do sogro, com o seu nariz curvo, que lhe lembrava um pouco o de Grigóri, apertou-se-lhe o coração.

- Porque não vais lá a casa ver-nos? - disse o velho, evitando com acanhamento fitá-la, como se fosse culpado em relação a Natalia. - Lá a mulher lembra-se de ti, pensa em como tu estarás... Então, como te corre a vida?

Natalia refez-se da sua vaga perturbação.

- Obrigada... - e fez uma pausa (ia a dizer: pai), para terminar, atrapalhada: - Pantelei Prokófievitch.

- Porque não vais a nossa casa?

- É a lida... tenho que fazer.

- O nosso Grichka!...- O velho abanou a cabeça com amargura. - O que ele nos fez, o canalha!... Tínhamos começado a viver juntos tão bem...

- Que quer, pai?... - respondeu Natalia, em voz que lhe falhou numa nota aguda. - Não o quis o destino.

Pantelei Prokófievitch começava a sentir-se inquieto, perturbado pelas lágrimas que via nos olhos de Natalia, cujos lábios tremiam e que fazia um esforço para não chorar.

- Adeus, minha querida!... Não te rales por causa dele, o filho de uma cadela, que não vale uma unha dos teus pés. Talvez ele volte. Visse-o eu, e trazia-o comigo!

Natalia abalou, de cabeça encolhida nos ombros, como se lhe tivessem batido. Pantelei Prokófievitch demorou-se uma porção de tempo para ali agitado, como que a tomar balanço para romper a correr. Ao dobrar a esquina, Natalia viu o sogro atravessar a praça, a coxear, pesadamente apoiado à sua bengala.

XVI

As reuniões em casa de Chtókman iam-se tornando cada vez mais raras. A Primavera aproximava-se. A aldeia preparava-se para os trabalhos primaveris. Só quem ainda lá aparecia eram os trabalhadores do moinho, Valete e Davidka, e o mecânico Ivane Alekcêievitch. Ao entardecer de Quinta-Feira Santa houve reunião na oficina. Chtókman estava sentado à banca de trabalho, a limar um anel feito de uma moeda de prata de cinquenta copecas. Um feixe de raios do sol poente entrava pela janela. Na poeira do chão desenhava-se um quadrado cor-de-rosa amarelado. Ivane Alekcêievitch brincava com um alicate.

- Um destes dias estive em casa do patrão a falar-lhe do êmbolo. Tem de se levar a Milerovo: só lá é que tem arranjo. Que podemos nós fazer aqui? A racha que tem é deste tamanho. - E Ivane Alekcêievitch mostrou no dedo mendinho a um hipotético ouvinte o tamanho da racha.

- Parece que há lá uma fábrica. Não há? - perguntou Chtókman, que continuava a dar à lima, espalhando à roda dos dedos uma poalha fina de prata.

- Há lá altos-fornos. Tive ocasião de lá ir o ano passado.

- E há muitos operários?

- Uma boa porção. À volta de quatrocentos.

- Como vivem eles? - Chtókman sacudia a cabeça enquanto trabalhava, deixando cair as palavras a uma e uma, como os gagos.

- Vivem à grande. Aquilo não são proletários... São esterco.

- Porquê? - inquiriu com interesse Valete, que estava sentado ao lado de Chtókman, com os seus dedos curtos e nodosos cruzados por baixo dos joelhos.

Davidka, o peneireiro, de cabelos cinzentos, de empoados de farinha, passeava na oficina, levantando com as botas a espuma rumorejante das aparas odoríferas de madeira, e escutando-lhes, com um sorriso, o seco rumor. Tinha a impressão de que caminhava numa ravina cheia de folhas púrpuras, caídas, e que, sob o amontoado mole delas, sentia a terra húmida e elástica.

- Ora! Porque vivem todos bem. Cada qual tem a sua casa própria, a sua mulher, e tudo o de que precisa. Além disso, metade deles são baptistas. É o próprio patrão o

pregador deles: uma mão lava a outra, pois então; às duas é que nem com uma pá se lhes tira a porcaria.

- Ivane Alekcêievitch, que é isso de baptistas? - Perante aquela palavra desconhecida, Davidka estacara.

- Os baptistas? São uns que acreditam em Deus lá à sua maneira. No género dos velhos-crentes.

- Cada doido tem a sua mania - acrescentou Valete.

- Cheguei eu, como ia dizendo, a casa de Serguei Platónovitch - prosseguiu Ivane Alekcêievitch - e estava lá o Atiópine-Tsatsa. “Espera aí à entrada” disse-me ele. Eu sentei-me e esperei. Através da porta, ouvi a conversa deles. O patrão explicava a Atiópine que vai haver guerra com os alemães, não tarda muito, que o tinha lido num livro. E sabes o que lhe disse o Atiópine? “Esstá claro que não esstou de acordo consigo a resspeito da guerra.” Ivane Alekcêievitch imitou tão bem Atiópine, que Davidka abriu a boca e deu uma gargalhadinha; mas, ao ver a cara sarcástica de Valete, calou-se. “Não pode haver guerra entre a Rússia e a Alemanha, porque a Alemanha se alimenta com o nosso pão” continuou Ivane Alekcêievitch. Neste momento, falou outro de quem não conheci a voz, mas vi depois que era o oficial, o filho do senhor Lisstnítzki. “Vai haver guerra” disse ele “entre a Alemanha e a França, por causa das vinhas; mas nós é que com isso não temos nada.”

- E tu, Ossip Davídovitch, que pensas? - perguntou Ivane Alekcêievitch a Chtókman.

- Não sei prever o futuro - tornou este, evasivamente, examinando com atenção na mão estendida o anel que acabara.

- Se eles nos atacarem, lá estamos nós. Quer a gente queira, quer não, se a coisa vem, levam-nos pelos cabelos - opinou Valete.

- Vejamos, rapazes, o negócio é este... - disse Chtókman, tirando delicadamente o alicate das mãos de Ivane Alekcêievitch.

Falou com ar grave, com a intenção visível de explicar as coisas a fundo. Valete instalou melhor as pernas no banco de trabalho e os lábios de Davidka arredondaram-se, deixando contudo a descoberto o brilho húmido dos dentes cerrados. com a sua habitual clareza, Chtókman descreveu em frases duras e concisas a luta dos estados capitalistas pelos mercados e pelas colónias. No fim, Ivane Alekcêievitch interrompeu-o, indignado:

- Olha lá! E que temos nós a ver com isso?

- A ti e a outros que tais é que a cabeça há-de doer, sem terem apanhado a bebedeira - gracejou Chtókman.

- Não sejas criança - chasqueou Valete. - É um ditado velho: “Batem-se os senhores e quem sofre são os criados.”

- Bbbom! - Ivane Alekcêievitch franziu as sobrancelhas, como se lutasse contra um enorme bloco de pensamentos.

- Que vem esse Lisstnítzki fazer a casa de Mokhov? Não será por causa da filha? - perguntou Davidka.

- Isso já o filho do Korchunov papou - desdenhou Valet.

- Estás a ouvir, Ivane Alekcêievitch? Que vai lá o oficial cheirar?

Ivane Alekcêievitch teve um sobressalto, como se lhe tivessem dado uma chicotada nas pernas.

- Ha? Que dizes tu?

- Homem, estás a sonhar?... Estávamos a falar de Lisstnítzki.

- Vai a caminho da estação. Já me esquecia da novidade: vinha eu a sair da casa de Mokhov, e adivinhem quem encontrei no patamar? O Grichka Melekhov. Lá estava, de chicote na mão. Perguntei-lhe: “Que estás tu aqui a fazer, Grigóri?” Vou levar o senhor Lisstnítzki à estação de Milerovo.”

- É cocheiro em casa deles - explicou Davidka.

- Come os sobejos da casa dos senhores.

- Tu, Valet, pareces um cão preso: ladras a toda a gente.

A conversa suspendeu-se por um instante. Ivane Alekcêievitch levantou-se para sair.

- Não estás com pressa para ir à missa? - disse perfidamente Valet, como remate.

- Vou à missa todos os dias.

Chtókman acompanhou à porta as suas visitas habituais; fechou a oficina e recolheu-se.

Na noite do dia de Páscoa, o céu cobriu-se de grandes nuvens negras e desatou a chover. Uma escuridão húmida pesava sobre a aldeia. No Don, já envolto em trevas, o gelo estalava, com um ribombo, um gemido prolongado, e o primeiro bloco, comprimido por uma massa maior de gelo solto, irrompeu sonoramente da água. O gelo quebrou-se de repente numa extensão de quatro verstás, até ao primeiro cotovelo do rio depois da aldeia. Era o começo do degelo. Ao ritmo cadenciado do sino da igreja, os campos de gelo do Don entrechocavam-se, desfaziavam-se, abalando as margens. No sítio em que o Don faz um cotovelo e vira à esquerda, formou-se um atravancamento. O fragor, o rangido dos blocos amontoados chegava à aldeia. No adro da igreja, esmaltado de poças cintilantes de neve fundente, os jovens haviam-se juntado. Do interior da igreja, através das portas escancaradas do vestíbulo, ouvia-se no adro o eco das palavras do ofício, e a luz coava-se, festiva e alegre, pelas janelas gradeadas; no adro os rapazes beliscavam as raparigas, que emitiam gritinhos abafados, havia beijos e contavam-se em voz baixa histórias brejeiras.

Os cossacos vindos das aldeias, próximas ou distantes, para o serviço pascal, aglomeravam-se na sacristia. Esgotados pela fadiga e pelo calor sufocante que lá fazia, alguns deles dormiam sobre os bancos, ou no chão, nos vãos das janelas.

Sentados nos degraus esbeiçados, outros fumavam e conversavam acerca do tempo e dos trigos do Outono.

- Na aldeia de vocês, quando é que vão para os campos?

- Devemos começar pelo São Tomé.

- Vocês estão bem. A estepe para aí é arenosa.

- É misturada de barro. E do outro lado do vale são terras salgadiças.

- Agora está-se a terra a alimentar.

- O ano passado, quando lavrámos, a terra parecia de cartilagem. Toda ela era escorregadia.

- Dunhka, onde estás tu? - gritou uma voz aguda, da parte de baixo dos degraus da entrada da sacristia.

E de perto do portão da cerca, um vozeirão rouco rosnou:

- Não podiam ir beijar-se para outro sítio?... Raspem-se daqui, mariolas. Estão com comichões?...

- Se calhar não arranjaste companhia. Porque não vais beijar a nossa cadela? - retorquiu uma voz jovem e débil, na escuridão.

- A tua ca-de-la? Espera, que eu já te digo...

Uns passos rápidos soaram, chapinhando na lama, ouviram-se brados, e um rumor de saias de raparigas.

Do telhado tombavam gotas de água, com um tinido de vidro; e de novo a mesma voz lenta, peganhenta como o terriço lamacento, reatou:

- Um destes dias, quis comprar uma charrua ao Prokhor. Já lhe dava doze rublos, e ele não quis. Aquele não é capaz de um abatimento...

Um sussurro regular, um gorgolejo e estalidos vinham do Don. Dir-se-ia que uma mulher gigante, do tamanho de um choupo, ricamente vestida, passava por trás da aldeia, com a sua enorme saia rangendo.

À meia-noite, quando o véu negro da escuridão era mais espesso, Mitka Korchunov apareceu num cavalo em osso na cerca da igreja. Desmontou, atirou as rédeas sobre o pescoço do cavalo, deu a este, que relinchava, uma palmada, e um momento se quedou a olhar-lhe o movimento das patas na lama; compondo o cinto, entrou na cerca. No vestíbulo da igreja, tirou o boné e inclinou a cabeça, de cabelos irregularmente cerceados; empurrando as mulheres, abriu caminho até ao altar. À esquerda, os cossacos acumulavam-

se num rebanho negro, à direita florescia a confusão variegada dos vestidos das mulheres. Mitka descobriu o pai na primeira fila e para ele se dirigiu. Agarrou pelo cotovelo Miron Grigórievitch, que ia a erguer o braço para se benzer, e segredou-lhe ao ouvido cabeludo:

- Pai, vem cá fora já.

De novo, de narinas frementes, atravessou a cortina espessa daqueles odores vários: entonteciam-no o fumo da cera que ardia, o cheiro dos corpos alagados das mulheres, o fedor a sepulcro do vestuário que só sai das arcas pelo Natal e pela Páscoa, o fartum do calçado de coiro molhado, da naftalina, as exalações dos estômagos esfomeados pelo jejum.

Chegado ao vestíbulo, Mitka disse, cingindo o peito ao ombro do pai:

- A Natalia está a morrer.

XVII

Grigóri voltou de Milerovo, onde fora levar Evguéni, no Domingo de Ramos. O degelo devorara a neve em coisa de dois dias, e a estrada ficara péssima.

Em Olkhovói Rog, aldeia ucraniana a vinte e cinco verstás da estação, por pouco não afogara os cavalos, ao passar a ribeira a vau. Tinha chegado à aldeia à tardinha. O gelo estalara na noite anterior e flutuava, e a ribeira, que enchera com as águas espumosas do degelo, atingia as primeiras ruas.

A estalagem onde era costume parar-se para dar de comer aos cavalos era na outra margem. Como a ribeira podia subir mais durante a noite, Grigóri decidiu atravessá-la.

Chegou ao ponto onde na véspera passara ainda sobre o gelo; a ribeira trasbordante arrastava águas sujas no seu leito alargado, e no meio dela redemoinhava um pedaço de sebe e metade do aro de uma roda. Na areia, agora desnuda de neve, viam-se ainda sinais recentes de patins. Para os examinar, Grigóri parou os cavalos suados, que entre as pernas tinham flocos de espuma, e saltou do trenó. Lá estavam os sulcos finos das lâminas. À beira da água encurvavam-se um pouco para a esquerda, para em seguida desaparecerem na ribeira. Grigóri mediu a distância com o olhar: vinte ságenas, o máximo. Tornou direito aos cavalos e verificou a atrelagem. Naquele momento, um velho ucraniano, de gorro de pele de raposa, saiu da propriedade mais próxima e encaminhou-se para ele.

- Pode passar-se aqui? - perguntou Grigóri, indicando com as rédeas a torrente castanha.

- Pode. Esta manhã, ainda houve quem passasse.

- É fundo?

- Nem por isso. Mas é capaz de entrar água no trenó. - Grigóri empunhou as rédeas e, de chicote na mão, com um “oh” breve e imperioso excitou os cavalos. Estes, resfolegando, e cheirando-lhes a água, avançaram contra vontade.

- Oh! - E Grigóri, pondo-se de pé, fez estalar o chicote. O baio de garupa larga, atrelado do lado esquerdo, sacudiu a cabeça e, resignado, deu um esticão aos tirantes. Grigóri lançou um olhar oblíquo para baixo: a água gorgolejava contra a borda do trenó. Os cavalos, que ao princípio tinham água pelos joelhos, de repente estavam com ela pelo peito. Quis Grigóri voltar atrás, mas os cavalos, havendo perdido pé, resfolegaram e

romperam a nadar. A parte de trás do trenó, que a água arrastava, obrigava-os a virar a cabeça para o lado de cima da corrente. A água passava-lhes por sobre os dorsos, sacudia o trenó e empurrava-o com ímpeto.

- Ai-ai!... Ai-ai, aguenta aí!... - gritava o ucraniano, correndo ao longo da margem e agitando, não se percebia porquê, o seu gorro de pele de raposa.

Com uma fúria selvagem, Grigóri bradava sem desfalecimento, a estimular os cavalos. A água turbilhonava atrás do trenó, que se ia afundando; subitamente, atirou-o contra um pilar, resto de uma ponte que a corrente levava, e virou-o com espantosa facilidade. Grigóri deu um grito, mergulhou, mas não largou as rédeas. A sua peliça curta e as botas começavam a arrastá-lo, a corrente sorvia-o com mole insistência, virando-o, lado do trenó que baloiçava. Conseguiu deitar a mão esquerda a um patim, largou as rédeas e, arquejando, começou, mão após mão, a ver se alcançava o balancim. Já os dedos lhe tocavam na ponta ferrada, deu-lhe o baio, que lutava contra a corrente, um violento coice num joelho. Grigóri engoliu uma pouca de água e agarrou de novo as rédeas. A corrente afastava-o dos cavalos e com redobrada força lhe descerrava os dedos. com as agulhas agudas do frio a picarem-no por todo o corpo, conseguiu chegar à altura da cabeça do baio, que mergulhou nas pupilas dilatadas de Grigóri o olhar desvairado, cheio de angústia mortal, dos seus olhos injectados de sangue. Várias vezes Grigóri largou o coiro viscoso das rédeas; nadava, apanhava-as, mas elas fugiam-lhe dos dedos; agarrou-as por fim com firmeza e de súbito sentiu terra sob os pés.

- Ooooooh! - E esticando-se todo, atirou-se para diante, e caiu num banco de areia coberto de espuma, derrubado pelo peito de um dos cavalos.

Passando-lhe por cima, estes arrancaram de rompante o trenó de dentro de água, para pararem, esgotados, tremendo, ao cabo de alguns passos, com os dorsos molhados a fumegarem-lhes.

Sem dar pelas dores, num salto Grigóri se pôs de pé; o frio envolvia-o como uma massa intoleravelmente ardente. Tremia mais que os cavalos e sentia as pernas mais frouxas que as de um menino de mama. Mas refez-se, endireitou o trenó e, para aquecer os cavalos, lançou-os a galope. Entrou na rua da aldeia com impetuosa velocidade, e, sem a abrandar, dirigiu os cavalos para o primeiro portão que viu aberto.

Acertou com um lavrador hospitaleiro. Este encarregou o filho de tratar dos cavalos, ele próprio ajudou Grigóri a despir-se, e em tom que não admitia réplica ordenou à mulher:

- Acende o forno!

Com umas calças do dono da casa enfiadas, Grigóri descansou em cima do forno até a roupa dele estar enxuta; comeu uma sopa de couves magra e deitou-se.

Partiu antes de despontar o dia. Tinha ainda à roda de cento e cinquenta verstás diante dele e todos os minutos lhe eram preciosos. Acercava-se a altura de a Primavera tornar as estradas da estepe intransitáveis; não havia ravina, não havia vale em que não rugissem torrentes de neve fundente.

A estrada negra e nua derreava os cavalos. Ao amanhecer, com a geada a cair, chegou a um acampamento de taurídeos, a quatro verstás da estrada, e parou numa encruzilhada de caminhos. Os cavalos fumegavam de suados, e atrás deles, no solo, o sulco dos patins reluzia. Grigóri deixou o trenó no acampamento, atou as caudas dos cavalos uma à outra, e montou num deles, levando o outro pela arreata. Chegou a lagodnói na manhã de Domingo de Ramos.

O velho senhor escutou a narrativa pormenorizada da viagem e foi ver os cavalos. Sachka passeava-os no pátio, olhando-lhes com ar grave para os flancos escavados.

- Como vão os nossos cavalos? - perguntou o senhor, ao chegar ao pé deles.

- Vê-se bem - rosnou Sachka sem parar, com a sua barba redonda e esverdinhada a tremer-lhe.

- Não os estoirou?

- Não. O baio tem o peito ferido pelo cabresto. Uma coisita de nada.

- Vai descansar - disse o senhor, apontando a mão a Grigóri, que esperava.

Este dirigiu-se para o pavilhão do pessoal, mas só conseguiu descansar aquela noite. No dia seguinte de manhã, lá estava o Veniamine, com uma camisa nova de cetim azul e o seu constante sorriso grosseiro:

- Grigóri, vai ao senhor. Depressinha!

O general passeava de um lado para o outro na sala, arrastando as pantufas de feltro. Grigóri tossiu, apoiando-se ora num pé ora no outro à entrada da porta e tornou a tossir. O senhor ergueu a cabeça.

- Que queres tu?

O Veniamine disse-me para vir cá.

- Ah, é verdade! Vai selar o garanhão e o Valentão. Diz à Lukéria para não dar nada aos cães. Vamos à caça.

Grigóri virou-se para se ir embora. O general outra vez o interpelou:

- Estás a ouvir? Vais comigo.

Enquanto metia um coscorão numa algibeira da peliça curta de Grigóri, Akcínia pôs-se a resmungar:

- Nem tempo te dá para comer, o desavergonhado!... Tem o diabo no corpo. Deves levar um agasalho para o pescoço, Gricha.

Grigóri trouxe os cavalos até à beira do patamar e assobiou aos cães. O senhor saiu, de capote de pano azul com um cinto de coiro ornamentado. Trazia à bandoleira um cantil de níquel forrado de cortiça e na mão um chicote entrançado, que se arrastava atrás dele como uma serpente.

Segurando as rédeas, Grigóri observava o velho, e admirou-se da leveza com que ele atirou para cima da sela o seu velho corpo ossudo.

- Vem atrás de mim - ordenou secamente o general, desenredando delicadamente as rédeas com uma mão enluvada.

O garanhão de quatro anos em que Grigóri ia montado dançava e ziguezagueava, arrebitando a cabeça como um galo. Como não tinha os cascos traseiros ferrados, escorregava nas poças de gelo e ia-se abaixo das patas. O velho senhor, curvado, mas bem assente na sela, baloiçava-se no largo dorso do Valentão.

- Aonde vamos? - perguntou Grigóri, aproximando-se dele.

- À Ravina dos Amieiros - respondeu o senhor, na sua voz forte de baixo.

Os cavalos iam a passo igual. O garanhão repuxava as rédeas, curvava como um cisne o pescoço curto, envesgava um olho redondo ao cavaleiro, tentava morder-lhe o joelho. Ultrapassado o cabeçaço, o senhor lançou o Valentão a trote largo. Os cães seguiam Grigóri numa fila curta. A velha cadela preta, a correr, quase tocava com a ponta do focinho adunco na cauda do cavalo. O garanhão enervava-se, dobrava as patas traseiras, a ver se conseguia dar um coice na cadela importuna, mas esta ficava para trás, e o seu olhar dorido de velha cruzava-se com o de Grigóri, que se virava.

Em meia hora estavam na Ravina dos Amieiros. O senhor meteu pela crista da ravina, esguedelhada de ervas castanhas e queimadas. Grigóri desceu a examinar-lhe o fundo ulcerado de fendas. De espaço a espaço, olhava o senhor. Por trás da cortina cinzenta, cor de aço, do amial desnudo e ralo, via o perfil nítido e como que desenhado do velho. Dobrado sobre o arção da sela, bem apoiado nos estribos, o capote apertado pelo cinto cossaco enrugava-se-lhe nas costas. Os cães, em matilha, seguiam a crista acidentada. Ao atravessar uma fenda abrupta, Grigóri inclinou-se para o lado.

“Não me ralava de fumar um cigarro. Vou largar as rédeas e tirar a bolsa do tabaco” pensou ele, descalçando uma luva; e já na algibeira deitava a mão ao papel.

- À côa!... - O grito surdiu de detrás da crista, como um tiro.

Grigóri ergueu a cabeça; o senhor chegara ao topo de um pico e, de chicote alçado, lançou o cavalo a galope.

- À côa!...

Um lobo de um castanho-sujo, ainda na muda do pêlo, com tufos a espirrarem-lhe das virilhas, atravessava velozmente, rasando o solo com o ventre, o fundo pantanoso da ravina, cheio de espadanas e juncos. Saltou por sobre uma fenda, estacou, virou-se rapidamente para o lado e viu os cães. Avançavam para ele em ferradura, para lhe cortarem a fuga para a floresta, que começava à ponta da ravina.

Com um movimento elástico, o lobo saltou para um montículo, que cobria uma velhíssima toca de ratos, e rapidamente se dirigiu para a floresta. A velha cadela corria direita a ele, em saltos medidos, seguida do Milhano, cãozarrão cinzento, um dos melhores da matilha e o melhor na caça.

O lobo parou um momento, como indeciso. Grigóri, que trepava a ravina num movimento circular, perdeu-o um bocado de vista, e, quando chegou ao cimo, já o lobo ia longe; na estepe negra, os cães negros, que se confundiam com o solo, corriam por entre as ervas maninhas, e, mais adiante, o velho senhor, fustigando o Valentão com o cabo do chicote, contornava a galope a ravina a pique. O lobo procurava alcançar outra ravina próxima, os cães que o cercavam seguiam-no de perto, e o Milhano, o cão cinzento, que de longe parecia a Grigóri um trapo esbranquiçado, quase tocava os tufos de pêlos do lobo.

- À cooa!... - ouviu Grigóri.

Lançou o garanhão a toda a brida, buscando em vão ver o que se passava atrás: toldavam-lhe os olhos lágrimas, o vento assobiava-lhe aos ouvidos. A paixão da caça apoderara-se de Grigóri. Inclinado sobre o pescoço do garanhão, deixava-se levar no turbilhão da impetuosa corrida. Ao chegar a galope à ravina, de lobo e de cães não havia rasto. Um instante após, o senhor estava ao pé dele. Fazendo estacar subitamente o Valentão, gritou-lhe:

- Para onde se meteu ele?

- Para alguma ravina, cuido eu.

- Corta pela esquerda!... A galope!...

O senhor cravou as esporas nos flancos do cavalo que se empinava e partiu a galope para a direita. Grigóri, esticando as rédeas, desceu a ravina; com um grito, voou pela outra vertente acima. Durante versta e meia, com o chicote e com a voz excitou o cavalo coberto de espuma. A terra pegajosa, que ainda não secara, colava-se aos cascos do cavalo e salpicava a cara de Grigóri. A longa ravina sinuosa fazia no sopé da colina um cotovelo para a direita e dividia-se em três braços. Grigóri atravessou o braço que lhe surgiu por diante e lançou-se no pendor suave; acabava de ver ao longe a correnteza negra dos cães perseguindo o lobo na estepe. Aparentemente, haviam-no cortado do meio da ravina, onde a mata de castanheiros e amieiros era particularmente densa. No ponto em que a mata que

cobria o fundo da ravina se dividia nos seus três braços azuis-escuros, que subiam docemente, o lobo meteu pelo campo aberto e, com um avanço das suas cem ságenas, galgou a crista, direito ao fundo de um vale coberto de silvas queimadas e cardos secos.

De pé nos estribos, Grigóri seguia-o com o olhar, e limpava as lágrimas que lhe corriam dos olhos fustigados pelo vento. Lançando um olhar rápido para a esquerda, reconheceu um terreno que pertencia à família: um losango de terra gorda, que no Outono ele lavrara com Natalia. Grigóri propositadamente fez passar por lá o garanhão. E, durante os curtos minutos que o cavalo levou a atravessá-lo, escorregando e vacilando, o ardor da caça arrefeceu no coração de Grigóri. Guiava com indiferença o cavalo arquejante e, depois de se assegurar de que o senhor o não via, meteu-o num galope curto.

Ao longe, perto da Ravina Vermelha, viu um acampamento de trabalhadores. Ao lado, no veludo de um campo lavrado de fresco, três juntas de bois puxavam uma charrua.

“Gente da aldeia. De quem será esta terra?... Deve ser do Anikuchka.” Grigóri pregueou os olhos, a ver se reconhecia os bois e o homem que caminhava atrás da charrua.

- À côa!...

Viu dois cossacos abandonarem a charrua e correrem a cortar o caminho ao lobo que se dirigia para o vale. Um deles, alto, com um boné de fita vermelha preso ao queixo pelo franquelete, brandia uma barra de ferro da canga. De súbito, o lobo parou e agachou-se num sulco fundo. Milhano, o cão cinzento, com a velocidade que levava, saltou por cima dele e caiu, de patas dianteiras dobradas; a velha cadela procurou parar, fincando as patas de trás no chão rugoso; mas não o conseguiu e foi de encontro ao lobo. Este repeliu-a com um movimento brusco da cabeça, e a cadela tombou inerte, de ricochete, um pouco adiante. A enorme massa negra dos cães agarrada ao lobo rolou no campo, numa extensão de várias ságenas. Grigóri que chegou a galope cerca de meio minuto antes do senhor, saltou da montada e ajoelhou-se, de mão atrás das costas, munida da sua faca de caça.

- Cá está ele!... O malandro!... Nas goelas!... - gritou, com uma voz familiar a Grigóri, o cossaco da barra de ferro, que acorria arquejante.

Estendeu-se, soprando, ao lado de Grigóri, puxou pela pele do pescoço um dos cães, que filara com os dentes o ventre do lobo, e deitou-lhe a outra mão às patas dianteiras. Sob o pêlo duro que se eriçava, Grigóri palpou a traqueia do lobo e com uma facada a cortou.

- Os cães!... Os cães!... Corre com eles!... - gritava o senhor em voz rouca, de face violácea, saltando da sela no chão mole.

Com dificuldade Grigóri afastou os cães, e virou-se para o senhor.

A pequena distância dele estava Stepane Asstakhov, com o seu boné de franquelete de polimento. Rolava nas mãos a barra de ferro, e o maxilar inferior e as sobrancelhas tremiam-lhe.

- Onde és tu, rapaz? - perguntou-lhe o senhor, virando-se para ele - De que aldeia?

- De Tatársski - respondeu Stepane depois de uma pausa; e deu um passo para Grigóri.

- Como te chamas?

- Asstakhov.

- Diz-me cá, amigo, quando regressas a casa?

- Esta noite.

- Leva-me este bicho. - O senhor apontou com o pé o lobo que agonizava, batendo os dentes e erguendo no ar uma pata de cujo artelho pendia um tufo de pêlos castanhos. - Pago o que for preciso - prometeu ele, e afastou-se, enxugando à estola o suor da cara congestionada e inclinando-se para libertar o ombro da correia estreita do cantil.

Grigóri dirigiu-se para o garanhão. Ao pôr o pé no estribo, virou-se. Stepane, sacudido por uma tremura incoercível, avançava para ele, agitando o pescoço e cerrando com força contra o peito os punhos grandes e pesados.

XVIII

Na noite de Sexta-Feira Santa, as mulheres tinham-se reunido em casa de Pelágueia, a vizinha dos Korchunoves. Gavrilá Maidaníkov, marido de Pelágueia, escrevera de Lodz prometendo vir de licença pela Páscoa. Pelágueia caiara as paredes de branco e limpara a casa toda na segunda-feira; desde a quinta que o esperava: ia ao portão e ali se quedava, encostada à sebe, em cabelo, magra, de face coberta do pano da gravidez, a espreitar, de mão em pala sobre os olhos, se por acaso ele não viria lá. Estava grávida, mas legitimamente: no Verão anterior, Gavrilá tinha vindo de licença; trouxera à mulher uma chita polaca, e não se havia demorado muito: passara quatro noites com ela, apanhara uma bebedeira no quinto dia, praguejara em polaco e em alemão e cantara em voz chorosa uma antiquíssima canção cossaca sobre a Polónia, composta em 1831. Os irmãos e os amigos, que apareceram para se despedir dele, tinham bebido vodka antes do jantar e cantado com ele à mesa.

Da Polónia se contava que era rica. Vimos nós que era um deserto de desgraça. Nessa Polónia havia uma estalagem, Uma estalagem frequentada pelo rei. Na estalagem, três rapazes estão bebendo, Um prussiano, outro polaco, outro do Don. Bebe o prussiano vodka e paga logo. Bebe o polaco vodka e paga logo. O cossaco bebe vodka, mas não paga. A andar, faz telintar as suas esporas, Telinta as esporas e à criada diz: “Criadinha da minha alma, anda comigo, Anda comigo para o Don tranquilo. No nosso Don a vida é outra coisa: Ninguém tece, nem fia, nem semeia, Nem ceifa, e todos andam bem vestidos.”

Depois de jantar, Gavrilá despedira-se da família e abalara. A partir daquele dia, Pelágueia começara a examinar quotidianamente a largura da camisa.

Explicara ela assim a Natalia Korchunova a sua gravidez:

- Antes da vinda de Graviúcha, minha querida, tive um sonho. Ia eu por Um prado à borda do rio, vejo diante de mim a nossa vaca velha, que tínhamos vendido um ano antes, pela festa do Salvador; a andar, o leite escorria-lhe das tetas no caminho... Pensei para comigo: “Meu Deus, que mal que eu a ordenhei!” Depois disto, a tia Drózdikha veio a minha casa pedir-me lúpulo; contei-lhe o sonho, e ela disse-me: “Leva para o estábulo um pedacinho de cera tirada de uma vela e enrolada em bola, e enterra-a em bosta fresca; olha que te espreita uma desgraça.” Fui em cata da vela e não a achei: os garotos tinham-ma

roubado para fazer sair as tarântulas dos buracos, ou qualquer coisa assim. Nessa altura chegou o meu Gavriúcha e a desgraça com ele. Durante três anos consegui despir a minha camisa à vontade, e agora estás a ver... E Pelágueia desolava-se, apontando o ventre crescido.

Enquanto esperava pelo marido, impacientava-se, aborrecia-se de estar sozinha, e por isso convidara as vizinhas a virem passar um pedaço com ela na sexta-feira. Natalia trouxera uma meia que andava a fazer (a Primavera aproximava-se, mas o avô Grichaka andava cada vez mais friorento), estava animada e ria muito das graças das outras: não queria mostrar-lhes que a ausência do marido a torturava. Sentada sobre a lareira, de pernas nuas pendentes, cobertas de veias roxas, Pelágueia metia-se com Fróssia, uma mulher baixa, nova e descaradona.

- Como é que tu batestes no teu cossaco, Frosska?

- Não sabes? Nas costas, na cabeça, por onde pude.

- Não é isso! Como é que a coisa começou?

- Começou como começou - respondeu a outra, de mau modo.

- Se apanhasses o teu com outra, não lhe dizias nada? - atirou, articulando vagarosamente as palavras, a nora de Matvei Kachúline, uma mulher comprida como uma vara.

- Conta lá Fróssinia!

- Não tenho nada que contar!... Vocês não são capazes de falar de outra coisa?

- Deixa-te de histórias. Estamos entre nós.

Fróssia cuspinhou numa das mãos umas cascas de sementes de girassol e sorriu:

- Havia muito tempo que eu desconfiava de qualquer coisa, quando um dia me disseram: o teu marido está no moinho a divertir-se com a mulher de um soldado da outra margem... Fui lá e encontrei-os na sala de peneirar.

- E tu, Natalia, não tens sabido do teu marido? - interrompeu a nora de Kachúline.

- Está em lagodnói... - respondeu brandamente Natalia.

- Pensas voltar a viver com ele, ou não?

- Ela, se calhar, pensa; ele é que não o entende da mesma maneira interveio a dona da casa.

Natalia sentiu o sangue subir-lhe à cara e virem-lhe as lágrimas aos olhos. Inclinou a cabeça sobre o trabalho, lançou um olhar dissimulado às mulheres, mas, vendo que todas elas a fitavam e que não conseguia ocultar o rubor da sua vergonha, deixou cair de propósito dos joelhos o novelo de lã, tão desajeitadamente, porém, que todas o notaram, e curvou-se para o chão, a procurá-lo com os dedos.

- Não te rales, menina. Quem tem pescoço arranja canga - aconselhou-a uma velha, com uma compaixão não dissimulada.

A falsa animação de Natalia extinguiu-se como uma faúlha soprada pelo vento. A conversa das mulheres passou a incidir sobre os últimos mexericos da aldeia. Natalia fazia meia, em silêncio. A custo se deixou ficar até ao fim da seroada, e partiu levando no espírito um plano ainda confuso. A vergonha da sua situação (continuava a não acreditar que Grigóri tivesse partido para sempre, e esperava-o disposta a perdoar-lhe) insinuava-lhe a ideia de mandar em segredo um criado a lagodnói, a saber se ele partira definitivamente, ou se não estaria arrependido. Voltou tarde da casa de Pelágueia. O avô Grichaka estava no quarto a ler um evangelho encadernado em coiro, velho e salpicado de cera. Mirone Grigórievitch, na cozinha, consertava uma rede de pesca, enquanto Mikhei lhe falava de um assassinio antigo. A mãe de Natalia, deitadas as crianças, dormia sobre a lareira, virando para a porta as plantas negras dos pés. Natalia tirou o agasalho e deu uma volta sem destino pela casa. A um canto da sala, por trás de uma tábua, estava um monte de sementes de cânhamo para semente, e ouviam-se os ratos guinchar.

Deteve-se um momento no quarto do avô. De pé ao lado da mesa do canto, olhou com ar incompreensivo a pilha de livros sagrados que estava por baixo dos ícones.

- Avô, tens aí papel?

- Qual papel? - E por cima dos óculos do avô formou-se um feixe de rugas.

- Papel para escrever.

O avô Grichaka folheou o livro de Salmos e tirou dele uma folha amarrotada, que cheirava a mel e a incenso.

- E lápis?

- Pede-o ao teu pai. Vai, minha querida, não me incomodes.

Natalia conseguiu do pai uma ponta de lápis. Sentou-se à mesa, a meditar dolorosamente no que havia muito tempo revolvía no espírito e lhe despertava no coração um sofrimento surdo.

De manhã, em troca de uma promessa de vodka, mandou Guetko a lagodnói com uma carta:

“Grigóri Pantelêievitch!

Escreve-me a dizer como devo viver e se a minha vida está ou não perdida para sempre. Saíste de casa sem me dizer uma única palavra. Em nada te ofendi, e esperei que me desquitasses das minhas obrigações, mas foste-te embora, deixaste a aldeia, e calas-te como um morto.

Pensei que tivesses partido por uma cabeçada, e esperei que voltasses, mas não os quero separar. Vale mais ser só eu a ser pisada, que ambos nós. Tem piedade de mim uma vez derradeira e escreve-me. Em sabendo o que decides, verei o que hei-de fazer, porque neste momento sinto-me numa encruzilhada.

Não me queiras mal, Gricha, em nome de Cristo.

Natalia.”

Taciturno, sentindo aproximar-se a sua crise de bebedeira, Guetko levou um cavalo para a eira, pôs-lhe um cabresto às escondidas de Mirone Grigórievitch e lá foi. Montava desajeitadamente, como os camponeses não cossacos, agitando os cotovelos rotos do casaco; e, por onde ele passava, os garotos cossacos, que brincavam na rua, acompanhavam-no com os mesmos gritos teimosos:

- Khokhol!... Khokhol!...

- Khokhol caiador!...

- Olha que cais!...

- Parece um cão em cima de uma sebe!

Voltou à noitinha com a resposta. Era um pedaço de papel azul, que servira para embrulhar açúcar, e que ele tirou de dentro do casaco, piscando um olho a Natalia:

- A estrada está impossível, minha filha! Dão-se tantos balanços nela, que o Guetko tem o fígado do avesso!

Natalia leu e a cara fez-se-lhe cinzenta: foi como se quatro dentes de uma roda dentada lhe tivessem mordido o coração.

Eram quatro palavras embebidas no papel: “Vive sozinha. Grigóri Melekhov.”

Rapidamente, como se receasse que as forças a traíssem, entrou do pátio em casa e estendeu-se em cima da cama. Lukínitchna estava a acender o lume para a noite, porque queria fazer com tempo os kulitches (*Bolos russos de Páscoa*).

- Natachka, anda-me ajudar - disse ela à filha.

- Dói-me a cabeça, mamã. Deixa-me descansar um pedaço. - Lukínitchna enfiou a cabeça pela porta.

- Devias tomar sumo de pepino. Ha? Ficavas boa num instante.

Natalia passou a língua seca pelos lábios frios e não retorquiu.

Deixou-se ficar deitada até à noitinha, de cabeça coberta por um xaile de lã quente. Um leve arrepio sacudia-lhe o corpo encolhido. Dispunham-se Mirone Grigórievitch e o avô Grichaka a sair para a igreja, quando ela se levantou e entrou na cozinha. O suor

perlava-lhe das fontes por baixo dos cabelos lisos e pretos, e os olhos lânguidos luziam-lhe doentivamente.

Mirone Grigórievitch, que estava a abotoar a longa enfiada de botões das suas calças largas, deitou uma olhadela à filha.

- Escolheste bem o dia para estares doente, filhinha. Vamos à missa.

- Vão. Eu vou depois.

- À hora da saída?

- Não. Eu visto-me já... É só vestir-me e ir.

Saíram os homens. Em casa ficaram apenas Lukínitchna e Natalia. Esta passeava molemente entre a arca e a cama, olhando, sem as ver, as roupas amontoadas em desordem na arca, pensando dolorosamente em qualquer coisa e movendo os lábios. Julgando que Natalia hesitava na escolha do vestido, Lukínitchna aconselhou-a com a sua bondade materna:

- Põe a minha saia azul, querida. Deve-te ficar justa agora.

Natalia não tinha feito vestido novo para a Páscoa e Lukínitchna, que se lembrava de como a filha gostava, antes de se casar, de vestir nos dias de festa aquela saia azul de roda estreita, antecipara-se a oferecer-lha, pensando ser a escolha o motivo da preocupação dela.

- Queres vesti-la? Eu vou-ta buscar.

- Não. Ponho esta. - Cuidadosamente, Natalia tirou da arca o seu vestido verde, e de súbito lembrou-se de ser esse o que vestia no dia em que Grigóri lhe viera fazer a visita de noivado, e em que ele a fizera corar com o primeiro beijo fugitivo, por baixo do alpendre do armazém; sacudida por um soluço, caiu para a frente, contra a borda da tampa da arca aberta.

- Natalia! Que tens tu? - E a mãe juntou as mãos. Natalia abafou o grito que lhe ia sair da garganta; e, dominando-se, rompeu a rir, um riso estúpido e estridente.

- Não sei o que tenho hoje.

- Ai, Natalia, parece-me que...

- Parece-lhe o quê, mamã? - gritou Natalia, com uma súbita maldade, amarrotando entre os dedos a saia verde.

- Isto acaba mal, bem vejo... Precisas de um marido.

- Chegou!... Já sei o que isso é!...

Meteu para o quarto e não tardou a aparecer na cozinha, já vestida, delgada como uma rapariga, de uma palidez azulada, com um leve rubor nas faces.

- Vai tu sozinha, que eu ainda não estou pronta - disse-lhe a mãe.

Natalia enfiou um lenço de assoar na guarnição de uma manga e saiu para o patamar. Do Don o vento trazia um sussurro de gelo flutuante e o aroma doce e vivificante da humidade dos dias de degelo. Segurando com uma das mãos a saia e evitando as poças, de um azul-nacarado, espalhadas pela rua, Natalia chegou à igreja. Pelo caminho, procurara reconquistar o seu equilíbrio interior, pensando na festa, sem continuidade, confusamente, mas o espírito, obstinadamente, tornava-lhe ao pedaço de papel azul de embrulho, que escondera no peito, a Grigóri, e à mulher feliz que talvez naquele momento se risse dela com condescendência, ou mesmo a lamentasse...

Entrou no adro. Uns rapazes barraram-lhe o passo. Ao desviar-se deles, ouviu:

- Quem é esta? Reparaste?

- É a Natachka Korchunova.

- Parece que é quebrada. Foi por isso que o marido a deixou.

- Histórias! Houve qualquer coisa entre ela e o sogro, Pantelei, o coxo.

- Aah, booom! Então foi por isso que o Grichka saiu de casa?

- Porque outro motivo havia de ser? E continua...

Tropeçando no solo irregular, Natalia chegou ao vestíbulo da igreja. Pelas costas, a meia voz, atiraram-lhe, como uma pedra, uma palavra sórdida e vergonhosa. No vestíbulo umas raparigas riram-se. Ela saiu pela outra porta e voltou à pressa para casa, cambaleando como os bêbedos. Em frente do portão respirou fundo, entrou, enleando as pernas na saia e mordendo com força os lábios inchados. Na obscuridade violácea do pátio, a porta entreaberta do armazém negrejava. Num esforço funesto, Natalia juntou as poucas forças que lhe restavam, correu direita à porta e precipitadamente transpô-la. Havia uma frescura seca, um cheiro a arreios de coiro e a palha velha. Às apalpadelas, sem pensar em nada, sem nada sentir, numa angústia negra, que lhe lacerava a alma cheia de vergonha e de desespero, Natalia alcançou um canto do armazém. Pegou numa foice roçadeira, desencabou-lhe a lâmina (os movimentos dela eram lentos, seguros, precisos) e inclinando a cabeça para trás, com uma decisão alegre a abrasá-la, cortou a garganta. A dor atroz, ardente, derrubou-a como uma punhada; mas sentiu, compreendeu confusamente que não levava a cabo o seu propósito e, apoiando-se nas mãos, pôs-se de joelhos; rapidamente (porque o sangue que lhe inundava o peito a atemorizava) fez saltar com os dedos trémulos as molas da blusa. com uma das mãos tirou para fora os seios direitos e rijos, com a outra apontou a ponta da foice. Arrastou-se de joelhos até à parede, apoiou nela a outra extremidade da lâmina, a de fixar o cabo, e, de braços cruzados sobre a cabeça inclinada para trás, avançou resolutamente o peito... Ouvia, sentiu nitidamente o estalar horrível, como o de uma folha

de couve, da carne rasgada; uma onda de dor aguda subiu-lhe do peito à garganta, picaram-lhe os ouvidos agulhas sonoras...

A porta de casa rangeu. Lukínitchna desceu os degraus do patamar, tentando-os com os pés. Pancadas ritmadas caíam do campanário. No Don, enormes blocos de gelo entrechocavam-se, com um incessante rumor. O Don alegre, caudaloso, livre, arrastava para o Mar de Azov a sua clausura de gelo.

XIX

Stepane aproximou-se de Grigóri e deitou-lhe a mão a um estribo, encostando-se ao flanco suado do garanhão.

- Então como vai isso, Grigóri?

- Com a graça de Deus.

- Que dizes tu? Ha?

- Que digo eu de quê?

- Seduziste a mulher de outro... e gozas-te dela.

- Larga-me o estribo.

- Não tenhas medo... Não te bato.

- Não tenho medo, deixa-te disso! - Corando elevou a voz.

- Hoje não me bato contigo, não me apetece... Mas lembra-te do que eu te digo, Grichka: mais cedo ou mais tarde, hei-de-te matar!

- Veremos, como diz o cego.

- Lembra-te bem. Tu ofendeste-me, capaste-me a vida, como quem capta um porco... Repara nisto! E Stepane mostrou as palmas negras das mãos. Trabalho, nem eu sei para quê. Para mim só, de pouco preciso. Podia mesmo ter passado o Inverno sem fazer nada. Mas o aborrecimento mata-me... Fizeste-me muito mal, Grigóri!...

- Não te lamente a mim, que não te entendo. O que está farto não entende o faminto.

- Isso é verdade - concedeu Stepane, olhando de baixo a face de Grigóri e sorrindo de súbito, com um sorriso simples e infantil, que lhe acumulou aos cantos dos olhos uma quantidade de ruguinhas. - Só tenho pena de uma coisa, rapaz... mas dessa tenho pena a valer... Lembras-te, há dois anos, da nossa luta do Entrudo?

- Quando foi isso?

- Daquela vez em que morreu o estalajadeiro. Eram os casados contra os solteiros. Estás recordado? Não te lembras de como eu corri atrás de ti? Eras um magricela, um junco verde ao pé de mim. Fizeste-me pena: se te tenho batido, partia-te em dois! Ias a correr com toda a gana: uma boa castanha nas costelas, e não eras agora deste mundo!

- Não te rales, que ainda nos havemos de encontrar outra vez.

Stepane passou a mão livre pela testa, como se buscasse qualquer coisa que dizer.

- O senhor, com o Valentão pelas rédeas -, gritou a Grigóri:

- Vamo-nos embora!

Sem largar a mão esquerda do estribo, Stepane pôs-se a caminhar ao lado do garanhão. Grigóri espiava-lhe todos os movimentos. Via lá de cima o bigode castanho, caído, de Stepane, e o matagal denso da barba, que ele não fazia havia muito tempo. Por baixo do queixo pendia-lhe o franquelete de polimento do boné, estalado em vários pontos. A cara dele, cinzenta de poeira, que o suor marcara de traços oblíquos, era para Grigóri como que vaga e desconhecida. Grigóri fitava-o como do alto de uma montanha se fita uma estepe longínqua, velada pela chuva. A fadiga parda e o vazio da alma tinham devastado a face de Stepane. Em silêncio, quedou-se para trás. Grigóri avançava a passo.

- Ouve lá! E a...e a Akcínia como vai?

Sacudindo um pedaço de lama que levava pegado à sola de uma bota, Grigóri respondeu:

- Vai andando.

Parou o cavalo e virou-se. Stepane estava especado, de pernas afastadas, mordiscando uma hastezinha de erva, de dentes à mostra. Grigóri sentiu por ele uma involuntária piedade, mas o ciúme recalcou-a; todo virado na sela, que rangia, gritou:

- Não seca de saudades por ti, não te apoquentes!

- É verdade isso?

Grigóri deu uma chicotada entre as orelhas do cavalo e arrancou a galope, sem tornar resposta.

XX

Ao sexto mês, quando já não era possível escondê-lo, Akcínia confessou a Grigóri estar grávida. Calara-se até ali, receosa de que ele não acreditasse ser dele o filho que trazia no ventre. A angústia e o medo que de tempos a tempos se apoderavam dela faziam-na empalidecer, e fora sempre adiando a confissão.

Nos primeiros meses, a carne agoniava-a, mas Grigóri não reparava, ou, se reparava, não percebia porque fosse e não atribuía ao caso importância especial.

A conversa ocorreu uma tardinha. Akcínia, inquieta, esperava com ansiedade que a face de Grigóri se alterasse, mas este virou-se para a janela, e tossicou, contrariado.

- Porque estiveste calada até agora?

- Não tinha coragem, Gricha... Pensava que me deixasses...

Tamborilando com os dedos nas costas da cama, Grigóri perguntou:

- É para breve?

- Para as festas do Salvador, cuido eu.

- É do Stepane?

- É teu.

- Com certeza?

- Faz tu mesmo as contas... Desde o dia do corte das matas...

- Não mintas, Kciúcha! Mesmo que seja do Stepane, que se havia de fazer agora?

Pergunto-to em consciência.

Sentada no banco, Akcínia chorava lágrimas amargas e foi arquejante, num murmúrio ardente que disse:

- Vivi com ele alguns anos, e nada!... Pensa lá tu nisto!... Eu não era doente... Está claro que é teu, e tu...

Grigóri não tornou a falar no caso. Uma pontinha de vigilante desconfiança e uma leve compaixão irônica insinuaram-se nas relações dele com Akcínia. Akcínia fechou-se em si, deixou de lhe procurar as carícias. Para o Verão desfigurou-se, sem que, porém, a gravidez lhe deformasse muito o corpo formoso: a opulência das formas disfarçava-lhe o ventre cheio e os olhos, mais ardentes, davam-lhe à cara emagrecida uma beleza nova. com

facilidade arcava com o seu trabalho de ajudante de cozinheira. Como naquele ano os trabalhadores eram menos, menos trabalho havia a fazer.

O avô Sachka tomara-se por Akcínia de uma caprichosa afeição de velho. Talvez isso fosse porque ela o tratava com um carinho filial: lavava-lhe a roupa, remendava-lhe as camisas, amimava-o à mesa, escolhendo para ele os pedaços mais tenros e mais saborosos; e o avô Sachka, depois de acabar de tratar dos cavalos, carregava água para a cozinha, esmagava as batatas para os porcos, auxiliava-a em tudo o que podia, e, agitando-se, abrindo os braços, dizia, mostrando as gengivas sem dentes:

- Tu ajudas-me, e eu não te quero ficar atrás. Eu por ti, Akciniúchka, era capaz de dar a alma. Morria para aí, sem os cuidados de uma mulher! Andava comido dos piolhos! É só dizeres-me do que precisas.

Grigóri, que havia sido dispensado do período de exercício militar, graças à intervenção de Evguéni Nikoláievitch, trabalhava no campo, conduzia às vezes o velho senhor à stanitsa, e o resto do tempo saía a cavalo ou a pé com ele, a caçar abetardas. A vida fácil e livre estragava-o. Tornara-se preguiçoso, engordara, e parecia mais velho do que era. Uma coisa o atormentava: o serviço militar iminente. Não tinha cavalo nem equipamento, e do pai nada esperava. Do salário que recebia por ele e por Akcínia fazia economias, privando-se até de tabaco, na esperança de poder comprar um cavalo com o que pusesse de banda, sem recorrer ao pai. Além disso, o senhor prometera ajudá-lo. A ideia de que o pai lhe não daria nada não tardou a confirmar-se. No fim de Junho, Petro apareceu a visitá-lo e disse-lhe no meio da conversa que o pai continuava zangado com ele e havia um dia declarado que lhe não compraria cavalo: ele que fosse servir como cossaco a pé.

- Era melhor que não dissesse tolices. Hei-de ir para a vida militar num cavalo meu - e sublinhara a última palavra.

- Como o arranjas? A dançar? - perguntou Petro, mordiscando o bigode.

- Não é a dançar. Peço-o, ou roubo-o.

- Bravo!

- Compro-o com o meu salário - explicou Grigóri, outra vez sério.

Petro demorou-se algum tempo sentado no patamar, a interrogá-lo acerca do trabalho, da comida, do salário; a cada resposta, fazia um aceno com a cabeça; informado de tudo, disse a Grigóri, ao deixá-lo:

- Devias era voltar para casa, que não vale a pena o que estás a fazer. Pensas juntar aqui dinheiro que se veja?

- Não é nisso que penso.

- Estás na disposição de viver com ela? - inquiriu Petro, mudando de assunto.

- Com ela, quem?

- Com esta.

- Por enquanto, sim. Porquê?

- Por nada. Era para saber.

Grigóri acompanhou-o. No último momento perguntou-lhe:

- Como estão lá em casa?

Enquanto desprendia o cavalo da balaustrada do patamar, Petro riu-se:

- Casas tens tu tantas como uma lebre tem luras. Não há nada de novo: vai a vida correndo. A mãe tem saudades tuas. Colheu-se o feno: fizemos três medas.

Grigóri olhava comovido para a velha égua de orelhas cortadas em que Petro viera.

- Não pariu?

- Não, irmão. É estéril. A égua baia que o Khristónia trocou connosco é que sim.

- E o que foi?

- Um poldro, irmão. Mas um poldro que não tem preço! De patas altas, as ramilhas como devem ser e um belo peito. Há-de ser um bom cavalo.

Grigóri suspirou.

- Tenho saudades da aldeia, Petro. Tenho saudades do Don. Aqui não se vê correr a água. É um sítio aborrecido.

- Vai-nos ver - disse Petro em voz lamentosa, de ventre apoiado à espinha dura do cavalo, levantando a perna direita.

- Quando calhar.

- Então, adeus!

- Boa viagem!

Petro já havia saído do pátio, quando, lembrando-se de repente, gritou a Grigóri, que estava de pé no patamar:

- E a Natalia... Já me esquecia... Que desgraça!...

O vento que redemoinhava como um abutre por sobre o pátio impediu Grigóri de ouvir o fim da frase; a poeira, como uma seda, envolvia Petro e o seu cavalo; Grigóri fez com a mão um gesto de indiferença e dirigiu-se para a cavalaria.

O Verão corria seco. A chuva era rara e o trigo amadurecera muito cedo. Mal se havia acabado de ceifar, já tinha que se pensar na cevada amarelenta, com as suas espigas cabeludas, pendentes. Grigóri foi ceifar com quatro trabalhadores contratados à jorna.

Akcínia terminara cedinho o trabalho da cozinha e pedira a Grigóri que a levasse com ele.

- É melhor ficares em casa. Que precisão tens tu de ir comigo? - dissera-lhe ele para a dissuadir; mas Akcínia teimara, pusera à pressa um lenço na cabeça e correria a apanhar o carro dos trabalhadores.

O que Akcínia esperava com angústia e impaciência e que Grigóri confusamente receava aconteceu nesse dia, no campo. Estava ela a ancinhar, quando sentiu certos sinais; atirou com o ancinho e deitou-se ao lado de uma medazita. Não tardou que as dores comesçassem. Akcínia jazia de costas, mordendo a língua enegrecida. Os trabalhadores com as suas ceifeiras davam uma volta ao passarem por ela e gritavam para excitar os cavalos. Um deles, novo, de nariz ratado e cara amarela, que parecia de madeira, toda coberta de rugas, atirou-lhe uma vez que passou:

- Eh, tu! Não arranjaste sítio mais quente? Levanta-te, ou ficas derretida?

Ao substituírem-no na ceifeira, Grigóri acercou-se dela:

- Que tens tu?

Torcendo os lábios inquietos, Akcínia disse em voz rouca:

- São as dores.

- Eu tinha-te dito para não vires, estupor! Que vamos agora fazer?

- Não te zangues, Gricha... Oh!... Oh!... Gricha, atrela um ca-va-lo! Tenho de ir para casa... Aqui não pode ser!

- Com estes cossacos todos... - gemeu Akcínia, que o círculo férreo das dores cingia.

Grigóri correu a buscar o cavalo que pastava numa cova do terreno. Enquanto ele o atrelava e chegava e não chegava, Akcínia foi rastejando, e apoiada nas mãos, de cabeça enfiada num montão de cevada poeirenta, cuspiam as espigas picantes que mordiam com as dores. Fixou em Grigóri, que acorria, os olhos inchados, perdidos, vazios, e, gemendo, mordeu o avental enrolado em bola, para que os trabalhadores lhe não ouvissem o grito horrível, de animal.

Grigóri deitou-a no carro e meteu o cavalo, rápido, em direcção ao domínio.

- Ai, não vás tão depressa!... Ai, que eu morro!... Estes ba-lan-ços!... - gritou Akcínia, em voz repentinamente rude, de cabeça desgrenhada a rolar no fundo do carro.

Sem lhe responder, Grigóri chicoteava o cavalo, fazendo revolutear as rédeas por sobre a cabeça, sem olhar para trás, donde subia uma onda de berros roucos e sacudidos.

Apertando a cara nas mãos, Akcínia rebojava os olhos desvairados e exorbitados, aos saltos no carro que se balançava de um lado para outro da estrada esburacada, intransitável. O cavalo ia a galope; o arco de união dos varais do carro erguia-se e baixava-se diante dos olhos de Grigóri, ocultando-lhe no céu uma nuvem branca, ofuscante, como que talhada em cristal. Um instante Akcínia suspendeu a sua berraria pegada e uivante. As rodas

rangiam, a cabeça inerte batia nas tábuas das traseiras do carro. Grigóri não se apercebeu imediatamente daquele silêncio; quando dele tomou consciência, voltou-se e viu Akcínia de face descomposta, irreconhecível, apertando com força uma bochecha contra o flanco do carro e babando-se como um peixe dado à praia. O suor escorria-lhe da testa para as órbitas cavadas. Grigóri levantou-lhe a cabeça e colocou debaixo dela o seu boné amarrotado. Revirando os olhos para ele, Akcínia disse em voz firme:

- Eu morro, Gricha... Pronto... acabou-se tudo!

Ele estremeceu. Um arrepio súbito percorreu-o dos dedos das mãos aos pés suados. Procurou, perturbado, palavras de conforto, de ternura, e não as achou; dos lábios duros e crispados saiu-lhe apenas:

- Cala-te daí, parval... - Abanou a cabeça, inclinou-se sobre ela e, todo curvado, abraçou a perna que Akcínia tinha incomodamente dobrada. - Akciútka, minha rola!...

A dor, que abandonara um instante Akcínia, tornou-lhe com decuplicada intensidade. Sentindo que algo se lhe rasgava no ventre, esticou-se em arco, e um grito inumano, terrível e crescente trespassou Grigóri. Este, de cabeça perdida, chicoteou o cavalo.

Por entre o rumor das rodas, mal ouviu um débil e arrastado apelo:

- Griiiii-cha!

Retesou as rédeas e virou a cabeça: Akcínia jazia em sangue, de braços abertos; por baixo das saias dela uma coisinha viva mexia e guinchava... Atordoados, Grigóri saltou para o chão e hesitante, como se tivesse as pernas presas, aproximou-se das traseiras do carro. Olhou a boca de Akcínia, de que saía um hálito ardente, e adivinhou mais do que compreendeu:

- Corta o cordão com os dentes... e ata-o com uns fios... da tua ca-mi-sa...

Com os dedos trémulos Grigóri arrancou de uma manga da camisa de algodão uns poucos de fios; de olhos cerrados, até lhe doerem, cortou o cordão com os dentes e ligou solidamente com os fios o coto sangrento.

XXI

Iagodnói, o domínio dos Lisstnítzkis, formava uma saliência num vasto vale sem água. O vento, vário, soprava umas vezes do sul, outras do norte; o Sol flutuava numa brancura azulada; seguindo o rasto do Verão, o Outono rumorejava da queda das folhas, o Inverno amontoava o gelo e a neve, mas Iagodnói dormitava sempre no mesmo tédio mole, e os dias, ali longe do resto do mundo, decorriam semelhantes uns aos outros, como gémeos.

No pátio, os mesmos patos negros e tagarelas, de olhos rodeados de círculos vermelhos, saracoteavam-se, as galinhas-da-índia espalhavam-se como uma chuva de pérolas, e no telhado da cavalaria, os pavões de penas variegadas miavam como gatos recém-nascidos. O velho general amava tudo o que fossem aves; tinha mesmo na propriedade uma velha cegonha aleijada, que no mês de Novembro, ao ouvir o apelo inarticulado das cegonhas livres que voavam para o sul, emitia na sua voz de cobre gritos lamentosos que cortavam o coração das pessoas. Não podia, porém, voar, e a asa partida pela articulação pendia-lhe inerte; o general, que da janela a via saltar, soltar-se do chão, ria-se, abrindo a boca enorme por baixo do bigode grisalho, e o riso profundo dele reboava na sala vazia.

Veniamine continuava a trazer erguida a sua cabeça penugenta, as coxas gelatinosas a tremerem-lhe, e a jogar as cartas sozinho, até ao embrutecimento, em cima da arca do vestíbulo, durante dias inteiros. Tikhone, cioso da sua amante bexigosa, continuava a ter ciúmes de Sachka, dos trabalhadores, de Grigóri, do senhor, e até da cegonha, sobre a qual Lukéria derramava a sua pletórica e trasbordante ternura de viúva. De tempos a tempos, o avô Sachka embebedava-se e ia mendigar as suas vinte copecas em frente das janelas do senhor.

Dois únicos acontecimentos conseguiram sacudir aquela vida que embolorecia numa estupidez sonolenta: o parto de Akcínia e a perda de um ganso de raça. Depressa todos se habituaram à pequerrucha que Akcínia havia deitado ao mundo; quanto ao ganso, encontraram-se-lhe as penas numa ravinazita por trás do jardim (sem dúvida o tinha levado uma raposa); e assim se voltou ao sossego antigo.

Ao acordar de manhã, o senhor chamava Veniamine:

- Tiveste algum sonho?

- E que sonho! Um sonho maravilhoso!

- Conta-o lá - ordenava secamente o senhor, fazendo um cigarro.

E Veniamine contava. Se o sonho não tinha interesse ou era terrífico, o senhor zangava-se:

- Eh, estúpido, animal! Só um estúpido sonha essas estupidezes!

Engenhava-se Veniamine em imaginar sonhos alegres e atraentes. Uma coisa lhe pesava: é que tinha de os inventar; pensava neles com vários dias de antecedência, sentado na arca e batendo-lhe em cima da cobertura as cartas moles e gordas como as suas bochechas. Fitava obtusamente os olhos num ponto, e à força de' parafusar chegava a não sonhar absolutamente nada. Quando acordava, esforçava-se por se lembrar, mas tudo o que encontrava era negrume, liso como passado à plaina, vazio; nem uma imagem lhe acudia.

Esgotava-se Veniamine em invenções simplórias, e zangava-se o senhor se o apanhava a repetir-se.

- Esse sonho do cavalo já mo contaste na quinta-feira, malandro! Que quer isso dizer? Um diabo te level!...

- Tornei a sonhá-lo, Nikolai Alekcêievitch! Juro por Cristo que o sonhei outra vez - afirmava Veniamine sem se atrapalhar.

Em Dezembro, Grigóri foi convocado a comparecer mais um dos trabalhadores em Viochénsskaia, na administração da stanitsa. Recebeu cem rublos para um cavalo e ordem de se apresentar no dia seguinte ao Natal na aldeia de Mankovo, lugar da concentração.

Grigóri voltou da stanitsa desanimadíssimo: o Natal aproximava-se e ele não tinha nada pronto. com o dinheiro recebido do Estado e as suas economias comprou um cavalo por cento e quarenta rublos na aldeia de Obrívsski. Fora lá com o avô Sachka e haviam achado um cavalo em condições: de seis anos, baio, de boa garupa; tinha apenas um defeitozinho secreto. Repuxando a barba, o avô Sachka dissera:

- Não encontras outro mais barato e os teus superiores não darão pela coisa. Falta-lhes faro para isso.

Grigóri regressara montado nele, experimentando-o a passo e a trote. Uma semana antes do Natal, Pantelei Prokófievitch apareceu em lagodnói. Não entrou no pátio, amarrou à sebe a égua atrelada a um trenôzito, e dirigiu-se no seu passo claudicante para o pavilhão do pessoal, arrancando cristais de gelo da barba, que assentava, como uma massa negra, na gola da samarra de pele de borrego. Ao ver da janela o pai, Grigóri perturbou-se:

- Esta agora!... O pai!...

Akcínia precipitou-se sem razão para o berço e pôs-se a embrulhar a menina.

Pantelei Prokófievitch entrou no quarto, com ele fazendo entrar o frio, tirou o boné e benzeu-se em frente do ícone, relanceando um olhar vagaroso às paredes.

- Haja por cá saúde!

- Viva, pai! - retorquiu Grigóri, levantando-se do banco; deu um passo, mas parou a meio do quarto.

Pantelei Prokófievitch estendeu a Grigóri a mão gelada, sentou-se à borda do banco e cruzou as abas do agasalho, esquivando-se a olhar Akcínia, encolhida junto ao berço.

- Estás a preparar-te para o serviço?

- Que remédio!...

Pantelei Prokófievitch calou-se, examinando demoradamente Grigóri com um olhar perscrutador.

- Despe isso, pai. Deves ter apanhado frio.

- Não tem importância. Suporta-se.

- Vamos pôr o samovar ao lume.

- Obrigadinho. - E, esgaravatando com uma unha uma nódoa antiga da samarra, atirou: - Trago-te o equipamento: dois capotes, uma sela, umas calças. Vai-o buscar... Está tudo lá fora.

Grigóri saiu em cabelo e foi buscar os dois sacos ao trenó.

- Quando abalas? - perguntou Pantelei Prokófievitch, levantando-se.

- No dia seguinte ao Natal. Mas tu partes já, pai?

- Estou com pressa de voltar para casa. - Despediu-se de Grigóri e, sempre evitando olhar Akcínia, alcançou a porta. Já de mão no trinco, deitou um olhar de viés ao berço e disse:

- A mãe pediu-me para te dar saudades. Está com dores nas pernas. - E depois de um silêncio, como se levantasse um objecto pesado: - Eu acompanho-te a Mankovo. Prepara-te.

Saiu, enfiando as mãos nas luvas quentes de malha de lã. Lívida de humilhação, Akcínia mantinha-se em silêncio. Grigóri mirava-a de esguelha, avançando de propósito sobre uma tábua do sobrado que rangia.

No dia de Natal, Grigóri levou o velho Lisstnítzki a Viochénsskaia.

O senhor assistiu à missa e, depois de haver almoçado em casa de uma prima que tinha lá uma propriedade, mandou atrelar para partir.

Grigóri deixou a mesa sem ter tido tempo de acabar a sua malga de sopa de couves gorda, e dirigiu-se para a cavalaria.

Tinham vindo num trenó ligeiro, de passeio, puxado por um trotador de Orlov, branco malhado, o Chibai. Grigóri tirou-o da cavalaria pelas rédeas e atrelou-o num instante.

O vento fazia voar a neve seca e picante, que em nuvem prateada batia o pátio, assobiando. O gelo mole e arrendado que cobria as árvores de detrás do canteiro, caía sacudido pelo vento, espalhando-se e reflectindo ao sol fabulosas cores. No telhado da casa, junto à chaminé negra de que saía um fumo oblíquo, gritavam gralhas transidas. Assustadas pelo ranger dos passos, levantaram voo, esvoaçaram por cima da casa, como flocos azulados, e dirigiram-se para oeste, para a igreja, nitidamente visíveis contra o céu violáceo da manhã.

- Diz lá que já está aqui o trenó! - gritou Grigóri a uma criada que viera ao patamar.

O senhor saiu, de bigode mergulhado na gola da pelica de pele de rato. Grigóri enrolou-lhe as pernas numa manta de pele de lobo, guarnecida de veludo, que prendeu bem.

- Aquece o cavalo. - E o senhor indicou o trotador com um olhar.

Inclinado para trás no assento e aguentando bem nas mãos cerradas o tremor duro das rédeas, Grigóri fitava o caminho com inquietação, porque se lembrava do murro que o senhor lhe dera na nuca, por causa de um solavanco desastrado, num dos primeiros dias de neve, e que não tinha sido um murro de velho. Desceram direitos à ponte, e nela, ao atravessarem o Don, Grigóri afrouxou as rédeas, para esfregar com uma luva as faces que o vento lhe queimava.

Até lagodnói foi um voo de duas horas. O senhor permanecera calado toda a viagem, apenas de vez em quando tocando com um dedo dobrado as costas de Grigóri, a mandá-lo parar, para enrolar um cigarro, resguardando-se do vento.

Só quando já desciam a ladeira que conduzia ao domínio é que lhe perguntou:

- É amanhã cedo?

Grigóri voltou-se e a custo despegou os lábios gelados.

E chedo saiu-lhe em vez de “cedo”. De endurecida pelo frio, a língua parecia-lhe inchada; encostada à arcada dentária, impunha-lhe às palavras uma pronúncia diversa.

- Recebeste o teu dinheiro todo?

- É como está a dizer.

- Pela tua mulher não te rales, que há-de viver. Cumpre bem o teu serviço. O teu avô foi um bravo cossaco. Procura tu e a voz de Lisstnítzki era surda, de se embuçar na gola ser digno do teu avô e do teu pai. Foi o teu pai quem ganhou o primeiro prémio de volteio numa revista imperial?

- Exactamente: foi o meu pai.

- Então, vê bem! - concluiu o senhor com severidade, quase ameaçador; e escondeu por completo a cara na peliça.

Grigóri entregou o trotador ao avô Sachka e dirigiu-se para o pavilhão do pessoal.

- O teu pai está ali! - gritou atrás dele Sachka, enquanto punha uma cobertura no trotador.

Pantelei Prokófievitch estava sentado à mesa, a comer geleia de carne. “Está com um grão na asa” disse para consigo Grigóri, relanceando a face mole do pai.

- Estás então militar?

- Estou é gelado - respondeu Grigóri, batendo as mãos uma na outra; e para Akcínia:

- Tira-me o capuz, que não tenho tacto nas mãos.

- Apanhaste a tua conta de vento pela cara - rosnou o pai, cujas orelhas e barba lhe mexiam a comer.

Estava desta vez muito mais amável. Secamente disse a Akcínia em tom de senhor:

- Corta-me mais um pedaço de pão, não sejas avarenta. - Ao levantar-se da mesa e dirigir-se para a porta para fumar, por duas vezes empurrou a berço, como que sem querer, e enfiando a barba por entre as cortinas perguntou:

- É um cossaco?

- É uma rapariga - respondeu Akcínia em lugar de Grigóri, e, apercebendo-se do descontentamento que transpareceu na face do velho e se lhe perdeu na barba, apressou-se a acrescentar: - É toda ela o retrato de Gricha.

Pantelei Prokófievitch examinou atentamente a cabecita escura que emergia de um monte de roupa e confirmou, não sem orgulho:

- É o nosso sangue... Ha? Sim senhor!...

- Como vieste tu, pai? - inquiriu Grigóri.

- No trenó de parelha, com a égua e o cavalo de Petro.

- Podias ter vindo com um animal só, e atrelava-se depois o meu.

- Não tem importância. Escusa ele de se cansar. É um bom cavalo.

- Viste-o?

- Deitei-lhe uma olhadela.

Falaram de várias coisas sem importância, embora a ambos preocupasse o mesmo. Akcínia não se metia na conversa deles, sentada na cama e abatida. Os seios túrgidos, rijos como pedras, empinavam-lhe a blusa. Engordara visivelmente depois do parto e tinha agora um ar diferente, feito de serena felicidade.

Deitaram-se tarde. Cingindo-se a Grigóri, Akcínia molhou-lhe a camisa da salmoura das lágrimas e do leite que lhe escorria dos seios apoiados.

- Morro para aqui de desgosto... Que vai ser de mim sozinha?

- Não te rales - respondia-lhe Grigóri em voz por igual ciciada.

- As noites são compridas... A criança não dorme... Vou-me consumir de saudades...

Repara bem, Gricha: quatro anos!

- Dizem que antigamente eram vinte e cinco.

- Pronto! Já chega!

- Maldito seja o teu serviço, que nos separa!

- Hei-de vir de licença.

- De licença! - gemeu Akcínia, como um eco, soluçando e assoando-se à camisa. -

Antes que tu venhas, muita água há-de correr no Don...

- Não gemas... És como a chuva no Outono: sempre a mesma coisa.

- Gostava de te ver no meu lugar!

Grigóri adormeceu era quase manhã. Akcínia pôs-se a dar de mamar à filha e, apoiada nos cotovelos, de olhos fitos, olhava as feições confusas de Grigóri, despedindo-se mentalmente dele. Lembrou-se daquela noite no quarto dela, em que o tentara persuadir a fugirem para o Kúbano; a situação era semelhante: simplesmente, então, do lado de fora da janela, o pátio alvejava, alagado de luar.

Assemelhava-se a situação; Grigóri é que, ao mesmo tempo, era e já não era o mesmo. Atrás deles havia um longo caminho trilhado pelos dias.

Grigóri virou-se para um lado e pronunciou com toda a clareza:

- Na aldeia de Olhchánsski... - E calou-se.

Akcínia procurou dormir. Mas os pensamentos dela dispersavam-lhe o sono, como o vento dispersa uma meda de feno. Até o dia nascer cogitou naquela frase inacabada, a rebuscar-lhe um sentido... Pantelei Prokófievitch acordou logo que a luz começou a bater nas vidraças cobertas de orvalho.

- Grigóri, levanta-te. É já dia.

Akcínia ajoelhou-se na cama e enfiou uma saia; suspirando, demoradamente procurou os fósforos.

Enquanto eles almoçavam e arrumavam a roupa, amanheceu por completo. A luz matinal abria-se em reflexos azuis. A sebe desenhava-se nitidamente, como esculpida em neve, e contra o azul suave do céu o telhado da cavaleriça negrejava.

Pantelei Prokófievitch saiu para atrelar os animais. Grigóri libertou-se dos beijos frenéticos de Akcínia e foi despedir-se do avô Sachka e dos outros.

Com a criança embrulhada, Akcínia saiu atrás dele.

Grigóri pousou os lábios na testazinha húmida da filha e acercou-se do cavalo.

- Vem no trenó! - gritou-lhe o pai, e tocou os cavalos.

- Não. Vou montado.

Com um vagar propositado apertou a silha, montou, e segurou as rédeas. Akcínia tocava-lhe a perna com os dedos e repetia:

- Gricha, espera aí... Queria dizer-te uma coisa... - E de testa franzida, esforçava-se por se lembrar do que fosse, desvairada, a tremer.

- Pronto. Adeus! Olha pela menina... Vou-me embora, que o meu pai já vai longe...

- Espera, meu querido!... - com a mão esquerda Akcínia segurava o estribo frio, com a direita apertava a criança enrolada numa aba do casaco, olhando insaciavelmente Grigóri, sem ter maneira de enxugar as lágrimas que lhe caíam dos olhos fitos e escancarados.

Veniamine apareceu no patamar.

- Grigóri, o senhor chama-te.

Grigóri largou um palavrão, ergueu o chicote e saiu do pátio a galope. Akcínia correu atrás dele, atascando-se nos montes de neve que enchiam o pátio e a custo soltando deles os pés calçados de botas de feltro.

Grigóri alcançou o pai ao alto da colina. Dominando a comoção, virou-se. Akcínia estava à porta, cingindo a criança ao peito, e o vento fazia-lhe bater e ondular nas costas as pontas do xaile vermelho.

Grigóri aproximou-se do trenó. Prosseguiram a passo. Pantelei Prokófievitch voltou as costas aos cavalos e perguntou:

- Não pensas, então, tornar a viver com a tua mulher?

- Isso é uma história velha... Já se falou nisso...

- Queres dizer que não pensas?

- Exactamente.

- Não ouviste dizer que ela tentou matar-se?

- Ouvi.

- Quem to disse?

- Ao levar o senhor à stanitsa, encontrei umas pessoas da aldeia.

- E Deus?

- Isso, pai, é comigo... Quem cai de um carro perde-se.

- Não me venhas com maluquices! Digo isto para teu bem - replicou com vivacidade Pantelei Prokófievitch, zangando-se.

- Tenho uma criança. Para que se há-de falar nisso? Nem nós agora já fazíamos as pazes.

- Vê lá bem... Não estarás tu a criar uma filha de outro?

Grigóri enlvideceu: o pai tocara-lhe numa ferida que ainda não cicatrizara. Desde o nascimento da criança que trazia consigo uma suspeita que escondia de Akcínia e de si próprio. com frequência, à noite, quando Akcínia dormia, aproximava-se do berço e olhava, procurando qualquer traço seu na face morena rosada da criança, e afastava-se com a mesma incerteza. Stepane tinha também o cabelo castanho-escuro, quase preto: como poderia ele saber de qual dos dois provinha aquele sangue que o coração da criança fazia girar na sua rede de veias azuladas, visíveis sob a pele translúcida?

Por vezes afigurava-se-lhe que a menina se parecia com ele, outras vezes lembrava-lhe ela terrivelmente Stepane. Nada sentia por ela, a não ser hostilidade, pelos momentos que vivera no dia em que trouxera Akcínia do campo com as dores do parto. Uma vez, estando Akcínia a trabalhar na cozinha, tirara a menina do berço e, ao mudar-lhe as fraldas molhadas, sentira apossar-se dele uma aguda perturbação. Dobrara-se para ela como um ladrão e apertara-lhe entre os dentes um dedinho rosado de um pé, que ela tinha afastado.

O pai acertara em cheio sem piedade e Grigóri, de mãos cruzadas no arção da sela, respondeu surdamente: Seja quem for o pai, não abandono a criança. Sem se voltar, Pantelei Prokófievitch fez estalar o chicote por sobre os cavalos.

Desde aquela altura, a Natalia ficou aleijada... Traz a cabeça ao lado, como se tivesse tido uma paralisia. Cortou um tendão importante e ficou de pescoço torcido. | Calou-se. Os patins rangiam, cortando a neve; os cascos do cavalo de Grigóri estalavam, alternadamente. E como está ela agora? perguntou Grigóri, enquanto aplicadamente arrancava uma bardana das crinas do cavalo. Recompôs-se. Lá vai indo. Esteve de cama sete meses.

Pelo Pentecostes esteve muito mal... O pope Pankráti deu-lhe a extrema-unção... Mas safou-se. Levantou-se e recomeçou a andar. Quis espetar a foice no coração, mas a mão tremeu-lhe e a foice passou ao lado. Se não fosse isso, era uma vez...

- Vamos descer a colina. - Grigóri fez estalar o chicote, e rompeu a trote, de pé nos estribos, ultrapassando o pai e salpicando o trenó de migalhas de neve que os cascos do cavalo ergueram.

- A Natalia vai lá para casa! - gritou-lhe Pantelei Prokófievitch, tentando apanhá-lo. - Não quer continuar em casa da família. Um destes dias vi-a e disse-lhe para ir viver connosco.

Grigóri não respondeu. Até à primeira aldeia continuaram calados, e Pantelei Prokófievitch não tornou a falar no assunto.

No primeiro dia, andaram perto de setenta verstás. No seguinte, quando chegaram à aldeia de Mankovo, já havia luzes nas casas.

- Para que lado estão os de Viochénskkaia? - perguntou Pantelei Prokófievitch ao primeiro cossaco que topou.

- Segue a rua principal.

Na casa a que se dirigiram já estavam instalados cinco recrutas com os respectivos pais.

- De que aldeia são vocês? - inquiriu Pantelei Prokófievitch, encaminhando os cavalos para debaixo do alpendre do celeiro.

- Somos do Tchir! - responderam do escuro algumas vozes graves.

- Mas de que aldeia?

- De Kárguine, de Napolov, de Likhovídov. E vocês donde são?

- De Vão-se-Lixar! - gracejou Grigóri, desselando o cavalo e palpando-lhe o dorso suado no sítio da sela.

No outro dia de manhã, o atamane da stanitsa de Viochénskkaia, Dudárev, levou os recrutas à comissão médica. Grigóri encontrou lá os rapazes da aldeia, da geração dele; Mitka Korchunov, montado num cavalo alto, castanho-claro, com uma sela nova e elegante, umas ricas correias peitorais e umas rédeas enfeitadas, passara muito cedinho a galope a caminho do poço, segurando com a mão esquerda o boné inclinado sobre a orelha, e ao ver Grigóri espedado à porta da casa onde se aquartelara, embora passasse perto dele, não o havia cumprimentado.

Na sala fria da administração cantonal, os recrutas despiam-se sucessivamente. Os secretários e o adjunto do comissário iam e vinham, e o ajudante-de-campo do atamane passava, de botas de polimento; o seu anel com uma pedra preta e os globos rosados e protuberantes dos seus belos olhos negros acentuavam-lhe a brancura da pele e dos cordões da farda. Da sala próxima vinha o rumor da conversa e pedaços de frases dos médicos.

- Sessenta e nove.

Pável Ivánovitch, dê-me o lápis de tinta rouquejou uma voz avinhada, perto da porta.

- Perímetro de peito...

- Pois, pois! Nitidíssima hereditariedade...

- Sífilis. Escreva.

- Porque te estás a tapar com a mão? És alguma donzela?

- Olhem a compleição destel...

- A aldeia é um foco desta doença. Têm de se tomar providências. Já fiz um relatório a Sua Excelência.

- Pável Ivánovitch, olhe-me para este tipo. Que me diz a esta compleição?

- Siiim...

Grigóri despia-se ao lado de um rapagão ruivo da aldeia de Tchukarínsski. Um secretário, de blusa pregueada nas costas, apareceu à porta e chamou distintamente:

- Sevastiane Panfilov! Grigóri Melekhov!

- Depressa! - murmurou, assustado o vizinho de Grigóri, corando e tirando as meias.

Grigóri entrou, com um arrepio na espinha. O corpo bronzeado fez-se-lhe da cor do castanho velho. Sentia-se encavacado do espectáculo das pernas cobertas de um espesso velo negro. A um canto, na balança, estava um rapaz anguloso, em pelota. Um com ar de enfermeiro, mudando os pesos, gritou:

- Quatro, dez. Desce.

O modo humilhante do exame incomodava Grigóri. Um doutor, grisalho, de bata branca, auscultou-o com um estetoscópio; outro mais novo revirou-lhe as pálpebras e observou-lhe a língua; um terceiro, de óculos de aro de tartaruga, andava-lhe à roda, esfregando as mãos, de mangas arregaçadas acima dos cotovelos.

- Para a balança.

Grigóri subiu para a plataforma estriada e fria.

- Cinco, seis e meio - anunciou o homem da balança, fazendo-lhe ressoar o braço metálico.

- Diabo! Mas não é tão alto como isso!... - rosnou o doutor do cabelo grisalho, obrigando Grigóri, com um puxão num braço, a dar uma volta.

- É espantoso! - gaguejou o outro, mais novo, engolindo em seco.

- Quanto? - inquiriu com surpresa um dos que estavam sentados à mesa.

- Cinco pudes, seis libras e meia - respondeu o velho doutor, ainda de sobrancelhas erguidas.

- Para a Guarda? - perguntou o comissário militar regional, inclinando para o vizinho a cabeça negra, de cabelos lisos.

- Tem uma cara de bandido... É muito selvagem.

- Ouve! Vira-te lá! Que tens tu nas costas? - gritou um oficial com dragonas de coronel, que tamborilava com os dedos impacientemente na mesa.

O velho doutor rosnou qualquer coisa incompreensível e Grigóri, de costas viradas para a mesa, retorquiu, a custo dominando os arrepios que lhe percorriam o corpo todo:

- Constipei-me na Primavera. São furúnculos.

No fim da inspecção, depois de terem conferenciado por trás da mesa, os oficiais decidiram:

- Para o exército.

- Regimento número 12, Melekhov. Estás a ouvir?

Mandaram sair Grigóri. Ao dirigir-se para a porta, ouviu ele um sussurro rezingão:

- Não pode ser. Imaginem que o Imperador via uma cara daquelas! E depois? Só os olhos dele...

- Tem mistura de sangue. Do oriente, com certeza.

- Além disso, não tem o corpo limpo. Tem furúnculos. Os rapazes da aldeia, que esperavam a sua vez, rodearam

- Grigóri.

- Então, Grichka?

- Para onde vais tu?

- Para a Guarda, não?

- Que peso tens?

Equilibrando-se num pé, enquanto enfiava a outra perna nas calças, Grigóri replicou entre dentes:

- Não me chateiem! Que lhes interessa isso? Para onde vou? Para o regimento número 12.

- Dmitri Korchunov! Ivane Kárguine! - chamou o escriturário, deitando a cabeça de fora.

Grigóri desceu rapidamente os degraus do patamar, a abotoar a sua peliça curta.

Do degelo exalava-se uma aragem quente, e a estrada, nalguns pontos desnuda, fumegava. Galinhas atravessavam a rua, cacarejando; nas poças, cobertas de rugas oblíquas, chapinhavam patos, de patas rosadas, que na água pareciam cor de laranja, semelhantes a folhas outonais queimadas pelo frio.

No dia seguinte, principiou a inspecção dos cavalos. Na praça, os oficiais andavam de um lado para o outro; o veterinário e o seu ajudante, medidor dos cavalos, passaram, de capotes esvoaçando ao vento. Uma longa fila de cavalos de cores várias alinhava-se encostada ao muro do adro da igreja.

O atamane da stanitsa de Viochénsskaia, Dudárev, dirigiu-se a passo estugado para a mesita instalada no meio da praça, em que um secretário inscrevia os resultados do exame e das medições; por seu turno, o comissário militar passou, de pernas nervosas, explicando com severidade o que quer que fosse a um jovem sótnik.

Grigóri, número cento e oito, conduziu o cavalo à balança. Mediram as partes todas do corpo do animal, pesaram-no, e mal ele desceu da plataforma da balança, o veterinário, com a mestria do hábito, agarrou-lhe o lábio superior e examinou-lhe a boca, palpou-lhe os músculos peitorais, premindo-os com força, e daí os dedos ágeis como patas de aranhas desceram-lhe às pernas.

Apertou-lhe as articulações dos joelhos, carregou-lhe nas inserções, nos tendões, tenteou-lhe os ossos com as mãos.

Demoradamente auscultou e percutiu o cavalo inquieto, e abalou, com as abas da bata branca a dar a dar ao vento, deixando atrás de si um cheiro acre de fenol.

O cavalo foi rejeitado. A esperança do avô Sachka não se realizara: o veterinário espertalhão tivera o “faro” suficiente para descobrir o defeito secreto.

Perturbado, Grigóri tomou conselho com o pai, e meia hora depois levaram à balança, fora de vez, o cavalo de Petro. O veterinário aceitou-o sem quase o examinar.

Grigóri escolheu um lugar seco, não longe dali, estendeu no chão a manta do cavalo e nela pousou o equipamento; atrás dele Pantelei Prokófievitch segurava o cavalo e tagarelava com outro velho que também viera acompanhar o filho.

Perto deles, passou um general de cabelos brancos, alto, de capote cinzento-claro e gorro de caracul. Atirava um pouco a perna esquerda para o lado, e baloiçava a mão cingida numa luva branca.

- É o atamane regional - disse baixo Pantelei Prokófievitch, dando uma pancada nas costas de Grigóri.

- Um general, está visto?

- O major-general Makéiev. É terrivelmente severo! - Seguia o atamane regional uma chusma de oficiais, de vários regimentos e baterias. Um capitão de costas e ancas largas, de farda de artilheiro, dizia em voz alta a um camarada, um alto e belo oficial do regimento Atamánsski da Guarda Imperial:

- Mas que raio! Uma aldeia estónia! Quase toda a população loira e, em contraste frisante com ela, aquela rapariga apenas! Deu-nos aquilo que pensar, e viemos a apurar que vinte anos antes...Os oficiais passaram por diante do sítio em que Grigóri pousara o seu equipamento e logo se afastaram; por causa do vento, mal ouviu as últimas palavras do capitão de artilharia, que as gargalhadas dos oficiais cobriram...estivera de guarnição na aldeia um esquadrão do vosso regimento Atamánsski.

Um secretário passou a correr, abotoando o dólman com os dedos trémulos e sujos de papel químico, de comissário regional a gritar atrás dele, espumecendo:

- Três exemplares, tinha-te eu dito! Eu tramo-te!

Com curiosidade, Grigóri observava as caras desconhecidas dos oficiais e dos funcionários. Um ajudante-de-campo que ia a passar fixou nele os olhos melancólicos e húmidos, mas desviou-os ao notar-lhe o olhar atento; um velho sótnik, agitadíssimo, a morder o lábio superior com os dentes amarelos, seguia-o, quase trotando, na esperança de o alcançar. Grigóri reparou na veiazinha túrgida por cima de uma das sobrancelhas ruivas do sótnik e na pálpebra que lhe estremecia.

Aos pés de Grigóri, na sua manta nova, estavam colocadas a sela, de arção ferrado, pintado de verde, com as suas mochilas da frente e de trás, um par de calças, um uniforme, dois pares de botas, roupa branca, uma libra e cinquenta e quatro zolotnikes (*Um zolotnik equivale a 4,26 gramas. A libra tem 96 zolotnikes*) de biscoitos, uma caixa de conserva, farinha torrada e outras provisões, na quantidade regulamentar dos cavaleiros.

Nas mochilas abertas viam-se uma colecção de ferraduras para os quatro cascos, cravos enrolados num trapo engordurado, um estojo de costura com duas agulhas e linhas, e uma toalha de mãos.

Grigóri examinou uma última vez o equipamento, acocorou-se e limpou com uma manga as extremidades das fivelas da sela. Vinda do fundo da praça, a comissão passava lentamente por diante dos cossacos perfilados ao lado das suas mantas. Os oficiais e o atamane observavam com atenção os equipamentos, agachavam-se, levantando as abas dos capotes claros, para remexer nas mochilas, inspeccionar os estojos de costura, sopesar os sacos dos biscoitos.

- Olhem, rapazes, aquele alto, magro - disse um mancebo ao lado de Grigóri, apontando com um dedo o comissário militar. - Parece um cão a meter o focinho na toca de um toirão.

- Olha, olha, o desalmado!... A esvaziar aquela mochila.

- Não deve estar em ordem, senão não a esvaziava.

- Que está ele a fazer? Até conta os cravos!...

- Ai, o cão!

As conversas iam cessando, a comissão aproximava-se, e já antes de Grigóri havia poucos homens. O atamane regional trazia uma luva na mão esquerda e baloiçava o braço direito sem dobrar o cotovelo. Grigóri endireitou-se, com o pai tossicando por trás dele. O vento soprava através da praça um cheiro de mijo de cavalo e de neve derretida. Triste, como depois de uma bebedeira, o Sol mirava tudo aquilo.

Os oficiais pararam junto do cossaco vizinho de Grigóri e dirigiram-se a este, um após outro.

- Nome e apelido?

- Grigóri Melekhov.

O comissário levantou o capote por uma presilha, cheirou-lhe o forro, contou-lhe rapidamente as casas dos botões; outro oficial com dragonas de tenente, palpou entre os dedos o pano forte das calças; um terceiro, dobrado de tal maneira que o vento lhe enfunava o capote nas costas, remexia nas mochilas. com o dedo mendinho e o polegar, com precaução, como se receasse queimar-se, o comissário pegou no pano que envolvia os cravos de ferrar e contou-os, movendo os lábios:

- Porquê vinte e três cravos? Que quer isto dizer?

- Não, Vossa Nobreza. São vinte e quatro.

- Eu sou, então, cego?

Grigóri ergueu solícito a ponta que cobria o vigésimo quarto cravo, e os dedos dele, rugosos e escuros, tocaram ligeiramente nos dedos brancos como açúcar do comissário. Como se se tivesse picado, este retirou a mão, limpou-a à borda do capote cinzento, e com uma careta de repugnância enfiou a luva.

Grigóri reparou naquilo; aprumou-se e sorriu com maldade. Os olhares de ambos cruzaram-se e o comissário, corando, alçou a voz.

- Como estás tu a olhar-me? Como estás tu a olhar-me, cossaco? - A vermelhidão cobriu-lhe de alto a baixo as faces, uma das quais tinha sobre o malar um golpe de navalha de barba, já seco. - Porque não estão as fivelas da sela como é devido? Que quer também isto dizer? És um cossaco, ou és um mujique?... Onde está o teu pai?

Pantelei Prokófievitch puxou o cavalo pelas rédeas, deu um passo em frente e bateu o calcanhar da perna mais curta no outro.

- Não sabes o regulamento?... - Furioso desde manhã por ter perdido ao jogo da preferência, o comissário vingava-se nele.

Acercou-se o atamane regional e o comissário calou-se. O atamane deu uma topada com a ponta de uma bota no coxim da sela, teve um soluço e passou ao seguinte. O oficial de serviço do regimento em que Grigóri havia sido incorporado revistou tudo com delicadeza, incluindo o conteúdo do estojo de costura e foi o último a ir-se, às arrecuas, acendendo um cigarro a coberto do vento.

No dia seguinte, um comboio de vagon vermelhos, carregados de cossacos, de cavalos e de forragem, partiu da estação de Tchertkovo para Lísski-Voróneje.

Num deles, encostado a uma manjedoura de tábuas, ia Grigóri. Por diante da porta aberta do vagom, ia passando uma terra plana, desconhecida, e ao longe a orla azul e suave de uma floresta desfilava.

Os cavalos tasquinavam feno e batiam as patas, ao sentirem que o solo se movia por baixo deles.

O vagom cheirava ao absinto das estepes, a suor de cavalo, ao degelo primaveril; a orla da floresta recortava-se longínqua no horizonte, azul, sonhadora e inacessível, como a pálida estrela da tardinha.

TERCEIRA PARTE

I

Em Março de 1914, num dia ridente de degelo, Natalia apareceu em casa do sogro. Pantelei Prokófievitch estava a reparar a vedação, que um toiro demolira, com uns raminhos musgosos, de reflexos azulados. Do telhado escorriam gotas, pedacinhos prateados de gelo reluziam, a água que caíra da cornija deixara rastos negros como alcatrão. Como um vitelo meigo, o sol ruivo, mais quente, acariciava a encosta coberta de neve fundente; a terra inchava; nos promontórios que mergulhavam como línguas de cré no Don, uma erva precoce crescia, de um verde de malaquite.

Natalia, mudada e emagrecida, acercou-se do sogro por detrás dele, com o seu pescoço à banda, mutilado e torcido.

- Bons dias, pai.

- Nataliúchka! Bons dias, minha querida, bons dias! - Pantelei Prokófievitch atrapalhou-se. A vara que tinha nas mãos escapou-se-lhe delas, vergou-se e voltou a endireitar-se. - Porque não vens tu cá mais vezes? Vá, entra em casa, espera aí; a mãe vai ficar muito contente de te ver.

- Eu vim, pai... - Natalia fez um gesto vago com a mão e virou-se. - Se não me mandarem embora, ficarei cá em casa

- Oh, minha querida! Mas tu és alguma estranha para nós? A propósito, o Grigóri escreveu-nos... Pede-nos para sabermos notícias tuas, minha filha.

Entraram em casa. Pantelei Prokófievitch, a coxear, ia e vinha, solícito e alegre.

Ilínitchna beijou Natalia, vertendo lágrimas em bica, e assoando-se ao avental murmurou:

- Devias ter tido um filho... Isso o seguraria. Queres uns coscorões?

- Obrigada, mãe. Eu vim...

Duniachka, que estava no pátio, irrompeu pela cozinha dentro, de fúria em fogo, e de ímpeto se lançou contra os joelhos de Natalia e lhos beijou.

- Não tens vergonha? Tinhas-te esquecido de nós!...

- Está maluca, a poldra! - gritou-lhe o pai, com fingida severidade.

- Como tu crescestes!... - disse Natalia, desprendendo-se dos braços de Duniachka e encarando-a.

Desataram todos a falar ao mesmo tempo, interrompendo-se uns aos outros, depois calando-se, recomeçando. De face apoiada ao côncavo da mão, Ilínitchna examinava compadecida aquela Natalia diferente da de outrora.

- Ficas cá em casa para sempre? - inquiriu Duniachka, sacudindo as mãos de Natalia.

- Quem sabe?...

- Ora essa! A mulher do nosso filho! Mas para onde havia ela de ir? Ficas cá! - decidiu Ilínitchna, empurrando para diante da nora uma terrina cheia de coscorões.

Não fora sem grandes hesitações que Natalia se resolvera a vir a casa dos sogros. O pai não a queria deixar, ralhava com ela, censurava-a, procurava dissuadi-la. Ela, porém, depois de curada, constrangia-se na presença dos pais, sentia-se quase como uma estranha no seio daquela família que havia sido a dela. A sua tentativa de suicídio afastara-a dos seus. Desde o dia em que acompanhara Grigóri ao serviço militar que incessantemente Pantelei Prokófievitch a incitava. Decidira firmemente acolhê-la em casa e reconciliá-la com Grigóri.

Natalia ficou, pois, em casa dos Melekhoves. Daria não lhe mostrava o seu descontentamento; Petro era afável e fraternal; e os raros olhares de viés de Daria eram compensados pela calorosa dedicação de Duniachka e pela afeição paternal dos velhos.

Logo no dia seguinte ao do regresso de Natalia a casa dos sogros, Pantelei Prokófievitch ditou a Duniachka uma carta para Grigóri.

“Viva, querido filho Grigóri Pantelêievitch! Mando-te as minhas mais profundas saudações e, com todo o meu coração de pai, juntamente com a tua mãe Vassílissa Ilínitchna, a nossa bênção paterna. O teu irmão Piotr Pantelêievitch e a sua esposa Daria Matvêievna enviam-te saudações e votos de felicidade e de boa saúde; recebe também as saudações da tua irmã Evdókeia e de todos da casa. Recebemos a tua carta de cinco de Fevereiro e do coração ta agradecemos.

Se, como escreveste, o teu cavalo se fere nas patas, esfrega-lhas com banha de porco, como tu bem sabes, e não lhe ferres os cascos traseiros se ele não escorrega, ou se não houver gelo. A tua mulher Natalia Mirónovna está em nossa casa e está feliz e de boa saúde.

A tua mãe manda-te umas cerejas secas e um par de meias de lã, e também toucinho e várias guloseimas. Estamos todos vivos e de boa saúde, mas o filho de Daria morreu, e disso te informamos. Ultimamente, eu e o Petro cobrimos o alpendre, e ele pede-te para teres cuidado com o cavalo e para o tratares bem. As vacas pariram, a égua velha está prenha, tem as mamas cheias e vê-se o poldro pular-lhe na barriga. Foi coberta por um garanhão da coudelaria da stanitsa,

chamado “Donetz”, e esperamos isso para a quinta semana da Quaresma. Estamos contentes de estares a fazer o teu serviço militar e de os teus superiores estarem contentes contigo. Serve como é devido. O tsar repara no serviço. E a Natalia vive agora connosco, pensa nisso. Uma desgraça mais: na semana antes da Quaresma, um lobo matou três ovelhas. Passa bem e que Deus te proteja. Não te esqueças da tua mulher, mando-to eu. É uma mulher meiga e a tua mulher legítima. Mantém-te no recto caminho e obedece ao teu pai.

Teu pai, sargento-chefe de cavalaria

Tantelei Melekhov”

O regimento de Grigóri estava a quatro verstás da fronteira austríaca, no burgo de Radzivilovo. Grigóri raramente escrevia. À notícia de Natalia estar na casa paterna, respondera reticentemente e pedira que a saudassem da sua parte; o conteúdo das cartas dele era evasivo e confuso. Pantelei Prokófievitch obrigava Duniachka ou Petro a lerem-lhas várias vezes, esforçando-se por descobrir nas entrelinhas o pensamento reservado de Grigóri. Antes da Páscoa, mandou-lhe uma carta em que lhe punha o caso em pratos limpos: depois de voltar da tropa, viveria com a mulher ou continuaria com Akcínia?

Grigóri demorou a resposta. A seguir ao Pentecostes, recebeu-se dele uma carta breve. Duniachka leu-a à pressa, engolindo os fins das palavras, e a Pantelei Prokófievitch custou-lhe a apreender-lhe o sentido, por entre as repetidas saudações e perguntas. No fim, Grigóri referia-se a Natalia:

“...Pedem-me para lhes escrever se voltarei a viver com a Natalia ou não, e eu digo-lhe, pai, que uma fatia de pão cortada não se torna a colar. E como é que eu poderia voltar para ela, agora que tenho, como sabem, uma criança? Não posso prometer nada e aborrece-me falar disso. Um dia destes apanhámos um contrabandista na fronteira e falámos com ele, e ele disse que não tardaria a guerra com os Austríacos, e que o tsar deles tinha vindo à fronteira para ver onde a guerra começaria e as terras que havia de pilhar. Se houver guerra, pode acontecer que eu morra, e não vale a pena decidir nada antes de tempo”.

Natalia trabalhava em casa do sogro, na secreta esperança da volta do marido, e isto lhe dava alento ao coração destroçado. Não escrevia uma palavra a Grigóri, mas ninguém da família esperava as cartas dele com tanta angústia e ansiedade como ela.

A vida na aldeia prosseguia no seu curso habitual e imutável: terminado o tempo de serviço militar, os homens regressavam; nos dias de semana, o monótono trabalho quotidiano devorava imperceptivelmente o tempo; aos domingos, grupos familiares iam à igreja, os homens de uniforme, com as suas calças de gala, e as mulheres, muito cingidas nas suas blusas enfeitadas, de mangas tufadas e pregueadas, varrendo a poeira com as orlas roçagantes das saias multicolores.

Na praça quadrada, os varais dos carros espetavam-se, arrebitados, os cavalos relinchavam, toda a casta de gente ia e vinha; perto do barracão dos bombeiros, hortelões búlgaros vendiam hortaliças que expunham sobre panos compridos; por trás deles, bandos de garotos empurravam-se, esbugalhando os olhos ante os camelos desatrelados, que com sobrançaria consideravam a praça do mercado e a multidão agitada de bonés agaloados de vermelho, com lenços variegados de mulheres de permeio. Os camelos ruminavam, babando-se, repousando do seu trabalho habitual nas bombas, e o sono punha-lhes nos olhos um tom de estanho esverdengado.

Ao anoitecer, as ruas ressoavam do ruído dos passos, nas seroadas irrompiam canções e danças ao som de harmónios, e só muito tarde os últimos cantos se extinguíam, para os confins da aldeia, na noite quente e seca.

Natalia não ia às seroadas, mas escutava com alegria as tutorias sem malícia de Duniachka. A pouco e pouco, Duniachka transformara-se numa bela rapariga, bonita no seu género. Amadurecera cedo, como uma maçã precoce. Naquele ano, cortando com a adolescência passada, entrara num grupo de companheiras mais velhas. Duniachka saía ao pai: _como ele, era baixa e trigueira.

As suas quinze primaveras não lhe tinham arredondado a figura delgada e angulosa. Havia nela um misto enternecedor e cândido de infância e de juventude a desabrochar: os seios miúdos, do tamanho de punhos, arrebitavam-se-lhe e começavam a apoiar-lhe nitidamente a blusa, os ombros alargavam-se-lhe, mas nas fendas longas, ligeiramente oblíquas, dos olhos, as mesmas avelãs negras luziam, ainda tímidas e marotas, nas córneas azuladas. De volta das seroadas, contava a Natalia, a sós com ela, os seus segredos inocentes.

- Na tacha, minha querida, queria contar-te uma coisa...

- Conta lá, então.

Michka Kochevói esteve ontem toda a noite sentado comigo em cima dos troncos de árvores que estão ao pé do armazém.

- Porque coras tu?

- Eu não corei.

- Vê-te ao espelho: estás toda afogueada.

- Ora! Foste tu que me fizeste corar...

- Podes contar, que eu não torno.

Com as mãos trigueiras Duniachka esfregava as faces esbraseadas, premindo com os dedos as fontes, constantemente fazendo retinir o seu riso juvenil.

“És como uma tília da estepe” disse-me ele.

- E depois? E depois? - incitou-a Natalia, feliz da felicidade da outra, que lhe fazia esquecer como a dela passara e fora espezinhada.

- Eu disse-lhe: “Deixa-te de lábia, Michka.” E então ele jurou-me por tudo que estava a falar verdade.

Duniachka esbagoou-se num riso que encheu o quarto como o som de um guizo, sacudiu a cabeça; e as tranças pretas dela, muito apertadas, moviam-se-lhe como lagartos sobre os ombros e nas costas.

- Que mais te disse ele?

- Que eu lhe devia dar o meu lenço como recordação.

- E tu deste?

- Não. “Não to dou” disse-lhe eu. “Vai pedi-lo à tua amiga”. É que ele está com a nora do Erófei. O marido está na tropa, e ela faz para aí o que lhe apetece.

- Tem cuidado com ele.

- Tenho, tenho. - E Duniachka prosseguiu, esforçando-se por reprimir um sorriso: - Quando eu e mais duas raparigas, depois da seroadá, voltávamos para casa, veio atrás de nós o tio Mikhei, com uma bebedeira. “Beijem-me, minhas lindas” gritou ele. “Dou duas copecas a cada uma”. Atirou-se a nós, mas a Niúrka deu-lhe uma vergastada na testa. Bem custou safarmo-nos.

O Verão decorria seco. Em frente da aldeia, o Don baixava; no lugar do rápido furioso, formara-se um vau, e os bois passavam para a margem oposta sem molhar as costas. À noite, um calor abafante, pastoso, descia sobre a aldeia, e o vento saturava a atmosfera do cheiro picante das plantas calcinadas. Nos pastos, as ervas mirravam à míngua, e uma humidadezinha doce flutuava, como um véu invisível, por sobre as margens do rio. À noite, as nuvens adensavam-se do outro lado do Don, trovões ásperos estalavam e reboavam, mas sobre a terra ardente não caía chuva, e os relâmpagos reluziam esterilmente, rasgando o céu em duas partes lívidas e dentadas.

Todas as noites um mocho piava no alto do campanário. Os pios dele, penetrantes e terríficos, soavam sobre a aldeia, e o mocho esvoaçava do campanário para o cemitério pisado pelos vitelos e gemia sobre os covais cobertos de uma erva acastanhada.

- Vai haver desgraça - profetizavam os velhos, ao ouvirem os uivos que vinham do cemitério.

- Vem aí a guerra.

- Antes da guerra da Turquia, foi a mesma coisa.

- Talvez seja outra vez a cólera.

- O que isto não pressagia é nada bom, a voar da igreja para os mortos. ,

- São Nicolau misericordioso, nosso santo patrono...

Martine Chumíline, irmão de Alekcei, o maneta, duas noites a fio havia esperado escondido com o muro do cemitério, a ave de mau agouro, mas o mocho invisível e misterioso passava por sobre ele sem ruído, pousava numa cruz à ponta oposta, e lançava os seus apelos inquietadores por sobre a aldeia adormecida. Martine dizia um palavrão, atirava ao ventre negro e mole de uma nuvem que passava, e abalava. Morava perto dali. A mulher dele, medrosa e doente, fecunda como uma coelha (todos os anos tinha um filho), acolhia-o com censuras:

- Imbecil, imbecil teimoso! Em que te incomoda o bicho? E se Deus te castigasse? Estou no último mês: e se eu, por tua causa, parisse um diabo?

- Vê se te calas! Está sossegada, que não deixas de parir. És mais bravia que o cavalo do tanoeiro. E porque é que este pássaro do inferno incomoda toda a gente aqui? Atrai o mal. Se houver guerra, lá vou eu, e olha para o que tu aí desovaste! - E Martine apontava com a mão a manta a um canto, em que se misturavam os guinchos dos ratos e o ressonar dos filhos, deitados ao lado uns dos outros.

Nas suas conversas na praça com os outros velhos, Pantelei Prokófievitch explicava com autoridade:

- O meu Grigóri conta que o tsar da Áustria foi à fronteira e mandou juntar todo o exército dele para avançar sobre Moscovo e Petersburgo.

Os anciões lembravam-se das guerras passadas e trocavam os seus prognósticos:

- Não há guerra. Vê-se pelas searas.

- As searas não têm nada que ver para o caso.

- Isto são coisas dos estudantes.

- Havemos de ser os últimos a saber.

- É como na guerra com o Japão.

- Compraste um cavalo para o teu filho?

- Não é pressa...

- Tudo isto é brincadeira.

- E contra quem seria a guerra?

- Contra os Turcos, por causa do mar. Nunca se há-de conseguir dividir o mar.

- Mas qual é a dificuldade? Bastava fazer lotes, como nós fazemos com os prados, e distribuí-los.

As conversas findavam em gracejos, e cada qual ia para o seu lado.

A ceifa dos prados da estação, na margem baixa do rio, aproximava-se; do outro lado do Don, a erva não tinha flor; ao contrário da da planície, é uma erva ruim e sem cheiro. A região é a mesma, mas a erva absorve seivas diferentes; por detrás da colina, na estepe, a terra negra é rija como uma cartilagem: pode nela passar uma manada de cavalos, sem deixar marca dos cascos; é uma terra compacta, em que medra uma erva forte e odorífera, que dá aos cavalos pela barriga; nas margens, porém, e do outro lado do Don, o solo húmido e friável o que produz é uma erva triste e enfezada, que nalguns anos os animais desprezam.

Por toda a parte se afiavam as foices, se consertavam os ancinhos, as mulheres preparavam o kvass para refrescar os ceifeiros, quando surgiu um facto que perturbou a aldeia toda: um dia apareceu o comissário da polícia rural, acompanhado por um juiz de instrução e um oficialzito de dentes escuros, com uma farda que nunca ninguém tinha visto; convocaram o atamane, juntaram testemunhas e encaminharam-se direitinhos para casa da Lúkechka zarolha.

O juiz de instrução levava na mão o seu boné de pano com o respectivo distintivo. Caminhavam ao longo das vedações do lado esquerdo da rua; salpicavam o caminho manchas de sol, que o juiz pisava com as suas botas empoeiradas, enquanto interrogava o atamane, que corria à frente dele como um galo.

- Chtókman está em casa?

- Está, sim, Vossa Nobreza.

- Que faz ele?

- Tem a sua oficina... Trabalha.

- Não notaste nada?

- Não, absolutamente nada.

Enquanto ia andando, o comissário apertava uma borbulha que lhe tinha nascido entre as sobrancelhas; abafava, sentia-se abrasado no seu uniforme de fazenda. O oficialzito dos dentes escuros palitava-os com uma hastezinha de palha, enquanto, vermelhos e flácidos, os pés-de-galinha se lhe acentuavam.

- Quem se dá com ele? - prosseguia o juiz de instrução, afastando com a mão o atamane, que se lhe metia diante.

- Há vários que o visitam, senhor juiz. Às vezes, jogam as cartas.

- Mas quem?

- Gente do moinho quase todos: operários.

- Mas quem, exactamente?

- O mecânico, o pesador, o peneireiro Davidka e alguns dos nossos cossacos vão muitas vezes a casa dele.

O juiz de instrução estacou à espera do oficial, que ficara para trás, e enxugou a testa com o boné. Depois, disse-lhe qualquer coisa, torcendo-lhe um botão do uniforme, e chamou com um dedo o atamane. Este acorreu nos bicos dos pés, sustendo a respiração. As cordoveias inchadas do pescoço estalavam-lhe.

- Arranja dois soldados e vai prender essa gente. Leva-os para a Administração, que não tardamos lá. Está entendido?

O atamane pôs-se em sentido, empertigou tanto o busto que acima da gola alta do uniforme a veia grossa se lhe pôs como uma corda azul, rosnou qualquer coisa e abalou.

Chtókman estava sentado de costas para a janela, com uma camisa leve, aberta no pescoço, a cortar com uma serra manual num folheado de madeira um desenho de linhas curvas.

- Faça favor de se levantar. Está preso.

- Porquê?

- Ocupa dois quartos?

- Ocupo.

- Vamos passar-lhes uma busca.

O oficial entrou, as esporas prenderam-se-lhe no capacho do patamar, dirigiu-se para uma mesinha, e, piscando os olhos, pegou no primeiro livro ao calhar.

- Dê-me a chave desta arca.

- De que sou acusado, senhor juiz de instrução?

- Temos tempo de conversar. Testemunha, chegue aqui! - A mulher de Chtókman apareceu à entrada do outro quarto, cuja porta deixou entreaberta. O juiz de instrução entrou, seguido do secretário.

- Que é isto? - perguntou com brandura o oficial, pondo de banda um livro de capa amarela.

Chtókman encolheu os ombros:

- É um livro.

- Guarda as graças para melhor ocasião. Peço-te que respondas às minhas perguntas noutro tom.

Chtókman encostou-se ao fogão de aquecimento, reprimindo um sorriso ambíguo. O comissário mirou o livro por cima do ombro do oficial e fitou Chtókman.

- O senhor estuda?

- Isso interessa-me - respondeu Chtókman secamente, e apartou a barba preta ao meio com um pentezinho.

- Ah, sim?...

O oficial folheou o livro e atirou-o para cima da mesa; olhou rapidamente para outro, afastou-o para um lado, e, depois de ler o título de um terceiro, virou-se para Chtókman.

- Onde é que escondes a outra literatura?

Chtókman franziu o olho esquerdo, como se apontasse uma arma.

- Tudo o que tenho está aqui.

- Mentese! - exclamou o oficial, brandindo um livro.

- Exijo...

- Procurem!

Agora de sabre em punho, o comissário aproximou-se da arca em que um soldado de cara bexigosa, visivelmente perturbado com o que se passava, remexia por entre a roupa branca e os fatos.

- Exijo que se seja correcto comigo - terminou Chtókman; e com o olho franzido fitava o oficial entre as sobrancelhas.

- Faça o favor de estar calado.

Tudo o que podia revistar-se se revistou na metade da casa ocupada por Chtókman e pela mulher. Também à oficina se passou busca. O comissário, que havia tomado o caso a peito, até as paredes percutiu com um dedo dobrado.

Chtókman foi levado para a Administração. Ia adiante do soldado, pelo meio da rua, com uma das mãos na banda do casaco usado, e agitando a outra como que a sacudir lama que tivesse nos dedos; os outros avançavam ao longo das sebes, pelo carreiro salpicado de manchas de sol, em que outra vez o juiz pousava as botas esverdeadas dos armoles, apenas não levando já na mão o boné, que enfiara solidamente até às orelhas pálidas.

Foi Chtókman o último a ser interrogado. Os que já o haviam sido cingiam-se uns contra os outros na antecâmara, guardados por um soldado. Ali estavam Ivane Alekcêievitch, que não tivera tempo de lavar as mãos sujas de óleo, Davidka, que mostrava um sorriso contrafeito, Valete, de casaco posto sobre os ombros, e Michka Kochevói.

Folheando um processo de capa cor-de-rosa, o juiz de instrução, perguntou a Chtókman, de pé do outro lado da mesa:

- Porque me escondeu o senhor, quando o interroguei a propósito da rixa do moinho, que era membro do Partido Social-Democrata Russo?

Chtókman olhou, sem responder, por sobre a cabeça do juiz.

- É um facto estabelecido. Sofrerá as consequências da sua actividade - atirou o juiz, irritado com o silêncio de Chtókman.

- Peço-lhe o favor de começar o interrogatório - disse desdenhosamente Chtókman; e, deitando o olhar para um banco Livre, pediu licença para se sentar.

O juiz de instrução não lhe deu resposta; e, sempre a folhear papéis, dissimuladamente olhou por baixo Chtókman, que se sentava sossegadamente.

- Quando veio o senhor para aqui?

- O ano passado.

- Mandado pela sua organização?

- A mando de ninguém.

- Desde quando é membro do seu partido?

- De quê?

- Estou eu a perguntar-lhe e o juiz acentuou o “eu” há quanto tempo é membro do Partido Social-Democrata Russo?

- Eu penso que...

- Não me interessa absolutamente nada o que o senhor pensa. Responda à minha pergunta. Negar seria inútil, e até prejudicial. - O juiz extraiu do processo um papel e com o indicador o segurou contra a mesa. - Está aqui um relatório de Rostov, comprovativo de o senhor pertencer ao referido partido.

Chtókman, de olhos franzidos, percorreu um momento a folha de papel branco, depois o olhar fixou-se-lhe nele um minuto, e com firmeza retorquiu, afagando os joelhos com as mãos:

- Desde 1907.

- Está bem. Mas nega que tenha sido mandado para aqui pelo seu partido?

- Nego.

- Nesse caso, porque veio para aqui?

- Porque na região não havia serralheiros.

- Mas porque escolheu precisamente este distrito?

- Justamente pelo que disse.

- E desde que aqui vive, teve ou tem tido relações com a sua organização?

- Não.

- E nela sabem que o senhor vive aqui?

- Com certeza que sabem.

O juiz de instrução, premindo os lábios, afiava um lápis com um canivete incrustado de madrepérola; não olhava para Chtókman.

- Corresponde-se com algum correligionário?

- Não.

- E esta carta que encontrámos ao revistar-lhe a casa?

- É a carta de um camarada que não tem nada que ver com qualquer organização revolucionária.

- Recebeu algumas directrizes de Rostov?

- Não recebi.

- Com que fim se reuniam em sua casa os trabalhadores do moinho?

Chtókman encolheu os ombros, como se se admirasse da absurdidade da pergunta.

- Reuníamo-nos apenas nas noites de Inverno... Passava-se o tempo, e mais nada...

Jogávamos as cartas...

E liam-se livros proibidos pela lei acrescentou o juiz.

- Não. Eles são todos pouco mais que analfabetos.

- No entanto, o mecânico do moinho e os restantes não negam esse facto.

- Isso não é verdade.

- Parece-me que o senhor não tem a mais elementar noção... Neste momento, Chtókman sorriu, o juiz perdeu o fio ao discurso e terminou, com uma raiva contida: O que o senhor não tem é o mínimo bom-senso. Obstina-se em negar contra o seu próprio interesse. É de toda a evidência que foi mandado para aqui pelo seu partido, para desenvolver uma acção corruptora entre os cossacos, para os subtrair à autoridade do governo. Não percebo porque não põe o jogo na mesa. De qualquer modo, isso não lhe atenua as culpas...

-

São suposições suas. Dá-me licença que fume? Obrigado! São suposições. E fundamento não têm nenhum.

- Perdão! O senhor leu este livrinho aos trabalhadores que recebia em sua casa?

O juiz pousou a mão sobre um livro pequeno, cobrindo-lhe o título. Ao alto, a um canto, a letras pretas no papel branco, lia-se um nome: Plekhánov.

- Líamos versos - suspirou Chtókman; e, apertando com força entre os dedos a boquilha de osso com anilhas metálicas, sorveu uma fumaça...

No dia seguinte, por uma triste manhã parda, o carro oficial puxado a dois cavalos saía da aldeia. No assento de trás, de barba enfiada na golinha ensebada do sobretudo,

sonolento, ia Chtókman, no meio de dois soldados armados de sabres. Um deles, de pele picada das bexigas e cabelos encaracolados, apertava-lhe com força o cotovelo entre os dedos sujos e nodosos, mirando-o de soslaio com os seus olhos muito claros, receosos, e de bainha pelada do sabre segura com a outra mão.

O carro rodava veloz, erguendo a poeira da rua. Por trás do pátio dos Melekhoves, uma mulherzinha enrolada num xaile, encostada à sebe da eira, esperava.

Num turbilhão poeirento o carro passou perto, e a mulher, cingindo as mãos contra o peito, precipitou-se atrás dele.

- Ossia!... Ossip Davídovitch! Oh, não é possível!... - Quis Chtókman fazer-lhe um aceno com a mão. Mas o soldado bexigoso soergueu-se, cerrou-lhe mais o braço nos dedos sujos, como com uma tenaz, e berrou em voz rouca e selvática:

- Quietos! Ou racho-te com uma sabrada.

Pela primeira vez na sua vida simples, via um homem que se erguia contra o próprio tsar.

II

O longo caminho de Mankovo-Kalítvensskaia ao burgo de Radzivilovo ficava algures para trás, num nevoeiro cinzento, viscoso. Grigóri tentava recordar-se daquele caminho à retaguarda dele, mas só lhe acudiam coisas sem ligação: os edifícios vermelhos das estações, a trepidação das rodas por sob o pavimento instável dos vagons, o cheiro do excremento dos cavalos e o do feno, as filas intermináveis dos railes correndo para baixo da locomotiva, o fumo que penetrava a espaços pelas portas, a cara de um polícia de bigodaça no cais de Voróneje, se é que não tinha sido em Kiev...

No apeadeiro em que tinham descido, havia uma multidão de oficiais e de homens de cara rapada, de blusas cinzentas, que falavam uma língua estrangeira, incompreensível. Tinha-se levado muito tempo a fazer sair os cavalos dos vagons, com a ajuda de pranchas, e o sargento mandara selar e conduzir mais de trezentos, com os respectivos cossacos, ao hospital veterinário. Foi longo o exame dos cavalos, depois a separação deles por esquadrões, com muitas idas e vindas de ajudantes e de sargentos. O primeiro esquadrão ficou com os cavalos baios claros, o segundo com os brancos sujos e os isabéis, o terceiro com os baios escuros; Grigóri foi apurado para o quarto, a que correspondiam os lazões e os baios típicos; o quinto ficou com os ruços, e o sexto com os morzelos. Os ajudantes distribuíram os homens em pelotões e levaram-nos para os seus esquadrões, repartidos pelos domínios e burgos das redondezas.

O bom do ajudante Kárgume, que tinha os olhos à flor da face e divisas de reincorporado, ao passar ao pé de Grigóri, perguntou-lhe:

- De que stanitsa és tu?

- De Vióchénskaia.

- De rabo cortado? *(Motejo alusivo à alcunha de “cães” dos naturais da stanitsa de Vióchénskaia. Aos de cada stanitsa cabia a sua)*

Grigóri ouviu o riso sufocado dos cossacos das outras stanitsas e engoliu a ofensa em silêncio.

O caminho desembocava numa estrada larga. Os cavalos do Don, que nunca tinham visto nenhuma, pousaram nela as patas como num rio gelado, resfolegando, agitando as orelhas, até que a ela se afizeram, fazendo ressoar secamente as ferraduras novas. Era terra

polaca, terra estrangeira, salpicada de matazinhas miseráveis. O dia estava quente, encoberto e brumoso, e o Sol, que também não era o mesmo Sol que no Don, escondia-se por trás da rede de musselina das espessas nuvens.

O domínio de Radzivílovo ficava a quatro verstás do apeadeiro. A meio do caminho, o oficial que os conduzia e a sua ordenança ultrapassaram a galope os cossacos. Em meia hora chegou-se ao domínio.

- Que khutor (*Aldeia cossaca que faz parte de uma stanitsa*) é este? - perguntou um jovem cossaco da stanitsa de Mitiakínsskaia, apontando ao ajudante o cimo desnudo das árvores do jardim.

- Este khutor? Deixa-te lá de falar em khutores, poldro de Mitiakínsskaia! Isto aqui não é a Região do Exército do Don.

- Mas que é então, meu tio? (*Tratamento de familiaridade respeitosa, fora de propósito, contudo, no exército*)

- Como é que eu sou teu tio? Ora eu com um sobrinho que não sabia que tinha! É a propriedade da princesa Urússova, amigo. É aqui o quartel do quarto esquadrão.

Grigóri, triste, acariciava o pescoço do seu cavalo, de pés firmes nos estribos e mirando a casa muito limpa, de dois andares, a paliçada de madeira, o estranho aspecto do pavilhão do pessoal. Caminhavam ao longo do jardim; e as árvores nuas murmuravam ao vento, na mesma língua que lá longe, na região que haviam deixado, na terra longínqua do Don.

Uma vida fastidiosa e embrutecedora principiou. Nos primeiros tempos, os jovens cossacos, arrancados ao seu trabalho, enfadavam-se, tendo por diversão única conversarem durante as horas de descanso. O esquadrão instalara-se nas grandes áleas telhadas da propriedade; os cossacos dormiam em camas de campanha, junto às janelas. Todas as noites o papel colado nas juntas da janela próxima da cama de Grigóri soava, despegado do caixilho, como a longínqua trompa de corno de um pastor, e Grigóri, atento ao rumor dela, que o ressonar dos dorminhocos sobrepujava, sentia-se invadido por uma angústia ardente e pesada como uma pedra. O ruído leve do papel pungia-lhe qualquer coisa lá por dentro, junto ao coração; em tais ocasiões, vinha-lhe um enorme desejo de se levantar, ir à cavalaria, selar o cavalo, e fazê-lo galopar até casa, deixando atrás dele a baba espumosa na terra insensível.

Às cinco horas da manhã, era o toque da alvorada, o tratamento do gado. Durante meia horinha, enquanto os cavalos comiam a sua aveia, trocavam-se curtas frases.

- Isto é uma trampa, rapazes.

- Por mim, estou farto.

- E o ajudante, o safado, a obrigar-nos a limpar os cascos dos cavalos!

- Neste momento, estão lá em casa a comer filhos. Estamos no Entrudo...

- Ah, se eu apanhasse uma rapariga!

- A noite passada, rapaziada, sonhei que estava a ceifar o feno no prado com o meu pai, e havia gente por toda a banda, como malmequeres à beira de uma granja dizia o pacífico Prokhor Zikov, cujos olhos de vitelo luziam. Ceifava-se, o feno caía... Parecia-me que o coração me saltava do peito...

- Agora deve a minha mulher perguntar a si própria: “Que estará a fazer o meu Mikóluchka?”

- Ooh-oh-oh! Podes ter a certeza, irmão, de que ela é que está a brincar com o sogro.

- Eh, lá, tu...

- Não há mulher no mundo que resista a uma brincadeira, em o marido estando ausente.

- De que é que vocês se lamentam? Uma mulher não é uma bilha de leite. Quando se volta da tropa, ainda há que chegue para nós.

- O brincalhão, o pândego do esquadrão, o desavergonhado e insolente Égor Jarkov meteu-se na conversa, com um sorriso velhaco:

- É bem sabido que o teu pai não vai deixar a nora sossegada. É um garanhão. Faz-me isto lembrar uma história... Moveu os olhos, a relancear o auditório. Uma vez, um velho assim andava atrás da nora. não a deixava parar. Mas o marido incomodava-o. Sabem vocês o que ele inventou? Foi-se uma noite à cerca, abriu de propósito a porta do estábulo, e os animais saíram. E então disse ao filho: “Olha lá! Não podias ter fechado a porta? Estás a ver? Os animais fugiram todos. Tens de os ir recolher!” Pensava ele que o filho iria e que, entremetidos, se poderia divertir com a nora. Mas deu a preguiça ao filho, que disse baixinho à mulher: “Vai lá tu!” Foi ela, e ele ficou deitado, à escuta. O pai desceu da sua cama por cima da pedra da chaminé e de gatas se dirigiu para a da nora. O filho, que não era parvo, tinha-se munido de um maço e esperava. No momento em que o velho chegou ao pé da cama e estendeu a mão, deu-lhe com força com o maço na cabeça. “Eh, bicho maldito!” berrou ele. “Que tens tu que estar a comer o cobertor?...” É que eles tinham um vitelo que dormia dentro de casa e que estava constantemente a mordiscá-lo. O filho fez de conta que tinha batido no vitelo, embora tivesse batido no pai, e ficou calado... Voltou o pai para a cama dele, apalpou o galo, que era do tamanho de um ovo de pata. Esperou, tornou a esperar, e por fim disse: “Ivanel! Ó Ivanel! Que é pai? Em que é que tu batestes? Foi no vitelo?” respondeu o filho. E vai o velho lamuriou: “A bater desta maneira nos animais, hás-de ser um grande patrão!”

- O que tu sabes é contar parvoíces.
- Deviam-te prender com uma corrente, bexigoso.
- Que arraial é este? Todos para os seus postos! berrou o ajudante.

E os cossacos voltaram para ao pé dos respectivos cavalos, rindo e gracejando. A seguir ao chá da manhã, havia exercício. Os sargentos davam-lhes o seu abanão nos hábitos inveterados.

- Mete a barriga para dentro, tu, tripas de porco!
- À direita... volver! Marcha!...
- Pelotão, alto!
- Em frente, marcha!
- Tu lá, o da ponta esquerda, que posição é essa, meu filho da mãe?...

Os senhores oficiais mantinham-se de banda, a fumar e a ver os cossacos correrem no pátio vasto, misturando uma vez ou outra as suas vozes às ordens dos sargentos.

Em face daqueles oficiais janotas, muito apurados, com os seus elegantes capotes cinzentos-claros, os seus dólmanes justos, Grigóri sentia entre ele e eles um invisível muro intransponível; do lado de lá, a vida era outra, distinta, não uma vida de cossacos: era uma vida sem porcarias, sem piolhos, sem medo dos ajudantes e de punhadas na cara.

Um incidente, ocorrido ao terceiro dia de estarem instalados na propriedade, causou em Grigóri e em quase todos os jovens cossacos uma impressão penosa. Estavam eles no exercício de equitação. O cavalo indócil e turbulento de Prokhor Zikov, o rapaz dos olhos mansarrões de vitelo, que estava sempre a pensar na sua stanitsa distante, deu um coice no do ajudante, ao passar-lhe ao pé. O coice não tinha sido grande, e só havia esfolado de leve a perna esquerda do outro. com toda a força, o ajudante tinha vergastado Prokhor na cara, atirando-lhe o cavalo contra ele e gritando:

- Toma atenção!... Toma atenção! Olha que eu, filho de uma cadela! Três dias de detenção!...

O comandante de esquadrão, que estava dando ordens ao comandante de pelotão, tinha visto a cena e virara-se, a puxar o cordão da espada, com um longo bocejo de tédio. Prokhor Impara com a manga do capote o fio de sangue que lhe escorria da face esquerda inchada, de lábios a tremerem-lhe.

Ao alinhar o cavalo, Grigóri reparou nos oficiais, que conversavam uns com os outros, como se nada tivesse sucedido. Cinco dias depois, ao ir dar água ao cavalo, Grigóri deixou cair a selha no poço, e o ajudante cresceu para ele como um abutre, e ergueu a mão.

- Não me toques!... - atirou Grigóri em voz surda, mirando a água que ondulava do embate da vasilha.

- Quê? Desce do cavalo, tramposo, e vai buscar a selha, se não queres que te ponha a cara em sangue!...

- Eu vou! Mas não me toques! - articulou Grigóri devagar, sem erguer a cabeça.

Se estivessem ali outros cossacos, o caso teria tido outro rumo: com certeza o ajudante agrediria Grigóri; mas os homens estavam no pátio e não podiam ouvir a conversa. O ajudante acercou-se mais de Grigóri, olhando para ele de olhos feros, dementados de ira. Rouquejou:

- Que disseste tu? É assim que falas a um superior?

- Não impes tanto, Semione Egórov.

- Estás a ameaçar-me?... Dou-te cabo da cara!...

- Escuta! - E Grigóri aprumou a cabeça. - Se alguma vez me tocares, mato-te. Entendido?

Estupefacto, o ajudante ficou sem resposta, a espumar, de boca aberta como uma carpa. O momento de retorquir passara. A cara de Grigóri, branca como a cal, não augurava nada de bom. Impotente, o ajudante afastou-se do poço, escorregando na lama da regueira que levava a água para os bebedoiros de madeira. A certa altura, voltou-se para trás e brandiu um punho como uma maça.

- Vou participar ao comandante do esquadrão! Vou já participar ao comandante do esquadrão!

Não participou nada, nunca se soube porquê, mas perseguiu Grigóri durante quinze dias, repreendendo-o por maravalhas, mandando-o fazer guardas fora da vez dele, evitando porém fitá-lo nos olhos.

A disciplina monótona e fastidiosa de todos os dias era esgotante. Até à noite, até que o clarim tocava a recolher, passava-se o tempo a fazer exercícios a pé e a cavalo, em formaturas, em limpezas, a dar a ração aos cavalos, a parafusar sobre a estupidez do regulamento, e só às dez horas, depois da chamada e da designação dos homens de guarda, é que se reuniam para rezar; o ajudante fixava nas filas dos cossacos os seus olhos redondos de estanho, e entoava o “Pai Nosso” em voz rouca.

De manhã, tudo recomeçava. E assim os dias corriam, diferentes, mas igualzinhos como gémeos.

Em todo o domínio, exceptuada a velha esposa do intendente, havia só uma mulher, que o esquadrão todo cobiçava, incluindo os oficiais: era a criada de quarto do intendente, uma polaca jovem e bonita, Frânia. Passava muitas vezes a correr entre a casa e a cozinha, onde reinava um velho cozinheiro sem sobrancelhas.

Os cinco pelotões do esquadrão seguiam com sorrisos e piscadelas de olho o rumorejo da saia cinzenta de Frânia. Sentindo continuamente sobre ela os olhares dos soldados e dos oficiais, Frânia parecia banhada nas ondas de desejo que dimanavam daqueles trezentos pares de olhos, e bandeando as ancas provocadoras sorria para cada pelotão por sua vez, e para os senhores oficiais em especial. Todos aspiravam aos favores dela, mas só, ao que se dizia, um moço tenente, peludo e de cabelo crespo, os havia conquistado.

Ainda não tinha chegado a Primavera quando este caso aconteceu. Naquele dia, Grigóri estava de guarda à cavalaria. Estava em geral do lado dos cavalos dos oficiais, que a vizinhança de uma égua mantinha agitados. Era na altura do descanso para o almoço. Grigóri acabava, para o aquietar, de dar uma chicotada no cavalo de patas brancas do capitão, e tinha ido ver o dele, o Baio. Este mastigava o feno com um ruído molhado, espreitando o dono com um olho róseo e dobrando uma das patas traseiras, que magoara num exercício de combate. Enquanto arranjava a cabeçada, Grigóri ouviu um barulho de passos e um grito abafado a um canto escuro da cavalaria. Passou por trás dos cavalos, ligeiramente admirado por aquele ruído desabitual. A espessa obscuridade em que mergulhou no corredor cegou-o. A porta da cavalaria soou, uma voz chamou, num sussurro:

- Depressa, rapazes! Grigóri estugou o passo.

- Quem está aí?

O sargento Popov, que avançava para a porta às apalpadelas, esbarrou com ele.

- És tu, Grigóri? - disse-lhe baixinho, agarrando-o por um ombro.

- Que há? Diz lá...

O sargento teve uma risadinha de culpa, segurou Grigóri pela manga.

- Há .. Espera aí! Onde vais tu?

Grigóri sacudiu a mão do sargento e abriu a porta. No pátio deserto, uma galinha pintalgada, de rabo desplumado, passeava de um lado para o outro, e, sem saber que o cozinheiro se preparava para fazer dela uma canja para o senhor intendente, esgaravatava no estrume, à cata de um sítio para pôr um ovo.

A luz que bateu na cara de Grigóri encandeou-o por um instante. Protegeu os olhos com a mão e virou-se para o canto escuro da cavalaria, em que o barulho aumentara. Tacteu a parede; um raiozinho de sol saltitava na outra e nas mangedoiras fronteiras à porta. Grigóri franzia os olhos, da luz que lhe abrasava as pupilas. Encontrou Jarkov, o farsola, a puxar as calças para cima e a afivelar o cinto, sacudindo a cabeça.

- Que é que tu?... Que estás tu aqui a fazer?...

- Despacha-te! - segredou Jarkov, atirando à cara de Grigóri o hálito fétido da sua boca suja. - Vai lá! É estupendo! Os rapazes apanharam a Frânia... Deitaram-na no chão...

Jarkov pôs-se a rir; repellido por Grigóri, embateu com as costas na parede de tábuas, e o riso cessou-lhe. Grigóri correu para onde se ouvia o barulho, com um terror lívido nos olhos escancarados, já afeitos agora à escuridade. A um canto, onde se arrumavam as mantas, comprimia-se uma porção de homens: o primeiro pelotão em peso. Sem dizer palavra, Grigóri abriu caminho por entre eles. Frânia estava estendida no solo, imóvel, de pernas impudicamente, horivelmente abertas, alvas no escuro, de cabeça envolta numa manta e a saia rasgada e arregaçada para cima dos seios. Um dos cossacos afastava-se para o lado da parede, com um sorriso de través, sem olhar para os camaradas, para dar lugar a outro. Grigóri precipitou-se para a porta.

- Meu sargeen-to!...

Apanharam-no à saída, tombaram-no de costas, e fecharam-lhe a boca com uma mão. Ele rasgou um dólman da gola até abaixo, conseguiu dar um pontapé na barriga de um, mas esmagaram-no, enrolaram-lhe, como a Frânia, a cabeça numa manta, ataram-lhe os braços e as pernas, e sem uma palavra, para que ele não pudesse reconhecer as vozes, atiraram com ele para uma manjedeira vazia. Sufocado pela lâ fétida da manta, Grigóri tentava gritar, despedia pontapés contra a divisória de madeira. Ouvia sussurros ao canto, lá ao fundo, o ranger das portas abertas pelos cossacos que entravam e que saíam. Soltaram-no ao fim de uns vinte minutos. O sargento e dois cossacos de outro pelotão estavam à porta.

- Tu calas-te! - disse-lhe o sargento, cujos olhos piscavam incessantemente e se volviavam aos lados.

- Não armes em parvo, ou cortamos-te os... as orelhas. - chasqueou Dubok, um cossaco de outro pelotão.

Grigóri viu dois homens erguerem um embrulho cinzento (era Frânia, cujas pernas, que pendiam inertes, faziam dois ângulos agudos sob a saia), treparem a uma manjedeira, e atirarem-no por uma brecha da parede, donde haviam tirado uma tábua mal segura. Nas traseiras da parede havia um jardim. Por cima de cada estala, havia um óculo poeirento e sujo. Os soldados empoleiraram-se nas divisórias, para espreitar o que Frânia faria do outro lado; alguns saíram à pressa da cavalaria. Também a Grigóri o tomou uma curiosidade animalasca. Agarrou-se a um barrote, içou-se até à janela, e olhou para baixo. Dezenas de olhos espreitavam a mulher que jazia contra a parede. Estava de costas, as pernas abriam-se-lhe e fechavam-se-lhe como tesouras, e os dedos escavavam-lhe a neve fundente.

Grigóri não lhe via a cara, mas ouvia as fungadelas surdas dos cossacos debruçados dos óculos e o estalar doce e agradável do feno.

Ali esteve estendida muito tempo, até que se pôs de gatas. Os braços tremiam-lhe, vergaram-se-lhe. Grigóri observava nitidamente tudo aquilo. A cambalear, ela pôs-se de pé; desgrenhada, transtornada, irreconhecível, deitou para os óculos um demorado olhar.

Por fim, abalou, agarrando-se com uma das mãos às moitas de madressilva e apoiando-se à parede com a outra...

Grigóri saltou para o chão e esfregou o pescoço; sentia-se abafado.

À porta, um qualquer, e que ele nem reparou quem fosse, disse-lhe em voz clara e séria:

- Se falares, prometo-te que te matamos! Toma tento!

No exercício, o comandante do pelotão reparou que Grigóri tinha um botão do capote arrancado, e perguntou-lhe:

- Quem foi que te arrancou o botão? Ou isso é moda nova?

Grigóri fitou o buraco que ficara na fazenda; a recordação do que vira perpassou-o; e, pela primeira vez havia muito tempo, esteve à beirinha de chorar.

III

Um sol tórrido e amarelo esbraseava a estepe. O trigo maduro e ainda por ceifar parecia exalar uma poalha doirada. Era impossível tocar nas partes metálicas das ceifeiras. Era impossível levantar a cabeça. A abóbada azul-amarelada do céu incandescia. Onde acabava o trigo, começava o trevo-de-cheiro, cor de açafão.

Toda a aldeia se deslocara para a estepe. Fazia-se a ceifa. Os cavalos das ceifeiras estavam exaustos, abafavam com a atmosfera sufocante, com a poeira acre, com o calor... As raras ondas de vento que vinham do Don erguiam muralhas de pó e toldavam o sol pungitivo.

Petro, que tirava o trigo da ceifeira, bebera desde manhã metade da água do cantil. Engolia aquela água morna e enjoativa, e, passado um minuto, já tinha de novo a boca seca; a camisa e as calças estavam-lhe encharcadas, da cara o suor escorria-lhe, um zumbido incessante soava-lhe nos ouvidos, e as palavras prendiam-se-lhe na garganta como frutos de bardana. Daria, de cabeça envolvida num lenço e blusa largamente decotada, fazia os feixes. Um suor cinzento afluía-lhe por entre os seios tismados. Natalia guiava os cavalos atrelados à ceifeira. As faces queimadas, de vermelhas, pareciam-lhe beterrabas; os olhos choravam-lhe. Pantelei Prokófievitch percorria a terra ceifada. Estava alagado. A camisa molhada, que não conseguia secar, queimava-lhe o corpo. A barba, que lhe descia até ao peito, já não tinha aspecto de barba, mas de gordura negra a derreter-se.

- Saíste de um banho, Pantelei? - gritou-lhe Khristónia do carro dele, ao passar-lhe ao lado.

- Estou numa sopa! - E Pantelei Prokófievitch fez um gesto de fadiga e prosseguiu, a coxear, limpando à fralda da camisa o suor do ventre.

- Petro, pára aí! - gritou Daria.

- Espera que eu acabe esta enfiada.

- Deixa passar o calor. Por mim, já chega.

Natalia parou os cavalos, arfando como se fosse ela quem puxasse pela ceifeira. Daria acercou-se deles, repousando sobre a palha os pés negros, magoados pelas botas.

- O tanque não está longe, Petiúchka.

- Não está então longe? A três verstás! .

- E se nos banhássemos?

- Só o tempo de ir a pé até lá! - suspirou Natalia.

- E porque havíamos de ir a pé? Desatrelam-se os cavalos e montamo-los.

Petro olhou receosamente na direcção do pai, que construía uma medazinha, e sacudiu a mão.

- Desatrelem lá, mulheres!

Daria desprendeu as correias e saltou atrevidamente para cima da égua. Natalia, crispando num sorriso os lábios gretados, aproximou o cavalo da ceifeira, subiu para o assento desta e procurou montar.

- Dá-me o pé - disse Petro; e ajudou-a a instalar-se.

Partiram. Daria galopava à frente, de joelhos à mostra e o lenço descaído para a nuca. Montava como um homem, e Petro não se conteve que lhe não gritasse:

- Toma cuidado, não caias!

- Não tenhas medo! - replicou Daria.

Ao atravessar o caminho, Petro olhou para a esquerda. Ao longe, na lomba da estrada principal, uma bolinha de poeira de forma imprecisa, vinda da aldeia, deslocava-se com rapidez.

- É um cavaleiro. - E Petro franzia os olhos.

- Aquilo é que é correr! Olha para aquela poeira! - admirou-se Natalia.

- Que é que será, Dachka? - gritou Petro à mulher, que lhe galopava à frente. - Espera aí, para vermos o que é.

A bolinha cinzenta desapareceu num rebaixo da estrada, para reaparecer um pouco maior.

A figura de um cavaleiro começava a desenhar-se por entre a poeira. Cinco minutos depois, já se via mais distintamente. Petro olhava com atenção, cobrindo com a mão suja a aba do seu chapéu de palha, de trabalho.

- A galopar assim, não levará muito tempo a estostrar o cavalo.

Tirou a mão de sobre a aba do chapéu, de testa enrugada; uma vaga perturbação perpassou-lhe na face, até à junção das sobrancelhas.

Agora, o cavaleiro era claramente visível. Corria à desfilada, de boné na mão esquerda, e na direita uma bandeirinha vermelha que flutuava ao vento.

Passou tão perto de Petro, que se havia afastado do meio da estrada, que este ouviu o arquejo sonoro do cavalo, ao encher os pulmões do ar ardente; o cavaleiro escancarava a boca, de um cinzento de pedra, e bradava:

- Alerta!

Uma espuma amarelada caiu no rasto deixado pelos cascos na poeira. Petro acompanhou o cavaleiro com os olhos. Uma coisa lhe não saía da memória: o arquejo penoso do cavalo, ao encher os pulmões do ar ardente, e depois, ao segui-lo com os olhos, a garupa húmida, luzente como aço.

Sem ainda fazer ideia de qual fosse a desgraça que acabava de suceder, Petro fitava estupidamente a espuma que tremia sobre a poeira, a estepe que descia para a aldeia, ondulando. De todos os lados, cossacos galopavam para ela, ao longo dos campos cobertos de trigo amarelo. Pela estepe toda, até à barroca amarelenta na sua distância nublada, cavaleiros erguiam nuvenzinhas de poeira, e, na estrada em que se juntavam e agrupavam, um longo rasto poeirento para lá se dirigia. Todos os homens mobilizáveis abandonavam o trabalho, desatrelavam os cavalos das ceifeiras e abalavam. Petro viu Khristónia desatrelar do carro o seu cavalo da Guarda e despedir a galope, afastando para os lados as pernas compridas: Khnsstónia virou-se para o lado dele.

- Mas que se passa? - suspirou Natalia. Tinha recuado para junto de Petro, assustada, e o olhar dela, o olhar de uma lebre perseguida, despertou-o.

Petro galopou até à seara, saltou do cavalo em andamento, enfiou as calças largas que havia tirado por causa do calor, saudou o pai com um gesto e desapareceu, numa nuvem de poeira idêntica às que salpicavam a estepe queimada, como sinaizinhos numa face.

IV

Uma multidão cinzenta aglomerava-se na praça. Eram filas de cavalos, de equipamentos cossacos, de fardas com os números de regimentos vários nas dragonas. Os homens do Regimento Atamánsski da Guarda Imperial, de gorros azuis, com a altura de uma cabeça a mais que os bonés do exército, iam e vinham, como os patos holandeses entre as aves mais pequenas da capoeira.

A taberna estava fechada. O comissário mostrava-se sombrio e preocupado. As mulheres, nas ruas, ao longo das paliçadas, exibiam os seus trajes festivos. Uma só palavra se ouvia nesta multidão irreconhecível: mobilização. Havia faces excitadas, faces de bêbedos. A inquietação transmitia-se aos cavalos, que relinchavam, escoiceavam e emitiam roncões furiosos. Uma poeira flutuava ao rés do pavimento, na praça semeada de garrafas de vodka vazias e papéis de confeitos baratos.

Petro apareceu, trazendo pela arreata o cavalo selado. Perto da igreja, um guarda alto, muito trigueiro, abotoava as calças azuis, sorrindo com todos os seus dentes brancos à mostra; à beira dele, como uma codorniz cinzenta, uma mulherzinha, mulher dele, ou amante, cacarejava.

- Hás-de-te lembrar desta puta! - prometia-lhe ela. Estava borracha, de cabelos revoltos cheios de cascas de sementes de girassol, com o xaile curto destrachado. O cossaco afivelava o cinto, flectia as pernas e sorria; um vitelo de um ano passaria por sob o mar de pregas das calças dele, sem lhes tocar.

- Deixa-me em paz, Machka.

- Porco maldito! Só pensas em saias!

- E depois?

- Não tens vergonha?

Ao lado, um ajudante de barba ruça discutia com um artilheiro:

- Não vai ser nada! Estamos aqui um dia e voltamos para casa.

- E se for a guerra?

- Ora, amigo! Quem se aguentaria a bater-se contra nós? Mais longe, havia uma conversa animada e sem nexo; um cossaco de meia-idade, um homem perfeito, exaltava-se:

- Isto a nós não nos interessa. Façam eles a guerra, se quiserem. Nós ainda não recolhemos o trigo.

- É uma desgraça! Olha para a quantidade de gente que eles juntaram aqui, numa ocasião em que um dia representa o pão de um ano.

- Os animais vão dar cabo das medas.

- Nós tínhamos começado agora a ceifar.

- Foi o tsar da Áustria que mataram?

- Foi o herdeiro.

- De que regimento és tu, patrício?

- Eh, camarada, estás rico, filho de uma puta!

- Olá, Stiochka! Onde vens tu?

O atamane disse que nos mandaram aparecer para se estar prevenido para o que der e vier.

- Haja coragem, cossacos!

- Se tivessem esperado um aninho mais, já eu estava na segunda reserva.

- E tu, avô, que fazes aqui? Não estás já livre do serviço?

- Quando começarem a malhar na gente, hão-de pensar também nos velhos.

- Está a taberna fechada!

- Ora adeus! À Marfutka podes tu comprar uma pipa de vodka.

Começou a inspecção. Três homens levaram para a Administração um cossaco bêbedo e ensanguentado. Atirava-se para trás, rasgava a camisa, rebojava os olhos kalmukes e gritava em voz rouca:

- Em sangue lhes ponho eu as trombas, aos mujiques. Hão-de ficar a saber o que são os cossacos do Don.

À roda dele formava-se um círculo, que ria com simpatia, aprovativamente.

- É chegar-lhes!

- Porque o prenderam?

- Por ter batido num mujique qualquer.

- Fez ele bem!

- Ainda havemos de lhes chegar mais.

- Eu, irmãos, participei da repressão de mil novecentos e cinco. Isso é que foi gozar!

- Se houver guerra, tornam a mandar-nos fazer o mesmo

- Basta o que basta! Eles que arranjem voluntários. Isso é bom para a polícia; para nós é uma vergonha.

Em frente do balcão da loja de Mokhov, era um aperto e uma confusão. Ivane Tomíline, que estava com um grão na asa, embirrava com os donos da casa. Serguei Platónovitch em pessoa pedia-lhe que sossegasse, erguendo os braços ao céu; o sócio, Emeliane Konstantínovitch “Tsatsa”, dizia, recuando para a porta:

- Mas que é isso? Isso não está bem! Pequeno, corre a casa do atamane.

Tomíline, enxugando as mãos húmidas às calças, acercava-se, de peito empinado, de Serguei Platónovitch, que deixara de sorrir.

- Sugas-me o sangue com a agiotagem, canalha, e agora tens medo! Ele é isso? Escaco-te as ventas! Depois, podes-te ir queixar. Roubaste-nos os nossos privilégios cossacos. Eh, filho de uma cadela! Safado!

O atamane da aldeia temperava de bom-humor a inquietação dos cossacos que se lhe amontoavam em torno:

- A guerra? Na, não há guerra! Sua Nobreza o comissário militar disse-me que isto é só para que se veja. Podem estar sossegados.

- Ainda bem! Mal a gente volte, vou direitinho ao campo.

- É que está tudo por fazer!

- Ora diz-me com franqueza! Em que pensa o comando? Tenho mais de cem desciatinas para ceifar.

- Timochka, vai lá dizer em casa que voltamos amanhã.

- É um edital o que aqueles estão a ler? Vamos até lá. O barulho na praça manteve-se até tarde.

Quatro dias depois, os vagons vermelhos levavam regimentos, baterias de cossacos, para a fronteira austríaca. Era a guerra... Nas carruagens do gado, a espuma molhava as manjedoiras, e cheirava a esterco... Nos vagons eram por todos os cantos as mesmas conversas, as mesmas canções, e esta principalmente:

Rebelde se agita e brama

O ortodoxo Don tranquilo,

Mas, quando o monarca o chama,

Dócil acode a servi-lo.

Nas estações, olhares de curiosidade respeitosa afagavam as listras das calças cossacas, e as faces que ainda não haviam perdido o intenso tom tísico do trabalho.

- Era a guerra!...

Os jornais vinham cheios de apelos raivosos...

Mulheres agitavam lenços e atiravam cigarros e guloseimas à passagem dos comboios.

Um pouco antes de Voróneje, um velho ferroviário bêbedo deitou uma olhadela para o vagom em que se recoziam Petro Melekhov e outros trinta cossacos, e disse fungando pelo seu nariz pequeno:

- Vocês abalam?

- Vem connosco, avô retorquiui-lhe um deles por todos os mais.

- Ah, rica caminha!

E vagarosamente abanou a cabeça verberadora. alcançara em

V

Nos últimos dias de Junho, o regimento partira para manobras. Por ordem do Estado Maior da Divisão, alcançara em formação de marcha a cidade de Rovno. Duas divisões de infantaria e algumas unidades de cavalaria tinham-se espalhado pelas proximidades. O quarto esquadrão acampara na aldeia de Vladisslavka.

Quinze dias mais tarde, quando o esquadrão, fatigado pelas longas manobras, se havia instalado no burgo de Zaboronhe, o subessaul (*Exactamente, “podessaul”, que é como se disséssemos subcapitão*) Polkóvnikov, que o comandava, chegou a galope do estado-maior do regimento. Grigóri, que descansava numa tenda com outros homens do mesmo pelotão, viu o subessaul passar no seu cavalo, que espumava, no espaço estreito da rua.

Os soldados agitaram-se no campo de exercícios.

- Não vamos tornar a partir? - emitiu Prokhor Zikov; e pôs-se à escuta com atenção.

O sargento do pelotão, que estava a passar as calças, guardou a agulha, espetando-a no forro do boné.

- Vamos partir, com certeza.

- Nem nos deixam respirar, os malandros!

Disse o ajudante que se está à espera do general comandante da brigada.

“Tá-tá-tá! Ti-tiriti-tá-tá!...” O clarim tocava a reunir. De um salto os homens levantaram-se.

- Onde pára a minha bolsinha de tabaco? - inquietou-se Prokhoi.

- Selem os cavalos!

- Deixa-nos em paz com a tua bolsinha de tabaco! - gritou Grigóri, correndo.

O ajudante havia-se precipitado para o campo de exercícios. Logo, de sabre em punho, trotou direito aos cavalos, que foram selados no tempo regulamentar. Grigóri arrancava as estacas da tenda; o sargento segredou-lhe:

- É a guerra, rapaz.

- Estás a brincar!

- Garanto-to. Foi o ajudante que mo disse.

Desmontadas as tendas, o esquadrão formou-se na rua.

O comandante do esquadrão caracolava por diante dos soldados no seu cavalo excitado. A sua voz de estentor soou por sobre as fileiras:

- Por pelotões, em coluna! .

As ferraduras bateram. O esquadrão saiu do burgo a trote pela estrada principal. Entretanto, partidos da aldeia de Kusstenhe, o primeiro e o quinto esquadrões dirigiam-se a marcha variável para o apeadeiro do caminho de ferro.

No dia seguinte, o regimento desceu na estação de Vérbi, a trinta e cinco quilómetros da fronteira. Para lá das bétulas da estação, erguia-se a alvorada. A manhã prometia ser bonita. A locomotiva roncava na linha. Os rails luziam, molhados do orvalho. Os cavalos, espantados, saíam dos vagon. Vozes entrecruzavam-se por trás da bomba da água; uma delas, grave, dava ordens.

Os cossacos do quarto esquadrão conduziam os cavalos pelas rédeas para lá da passagem de nível. Vozes entarameladas flutuavam no instável diluído azulado. As faces eram azuis e indistintas, os vultos dos cavalos diluíam-se na penumbra.

- Que esquadrão é este?

- E tu que tens que meter aqui o nariz!

- Eu já te digo, canalha! É assim que falas a um oficial?

- Perdão, Vossa Nobreza, mas eu não tinha reparado quem fosse.

- Vai-te embora, vai-te embora!

- Que tens tu que andar por aí? Olha a locomotiva! Mexe-te!

- Meu ajudante, onde está o terceiro pelotão?

- Esquaaa-drão! Firmes!

- Mas alguém na coluna disse a meia-voz:

“Firmes!”. Este tem-nas boas! Há duas noites que não dormimos.

- Siómeke, deixa-me puxar uma fumaça. Desde ontem à noite que não fumo.

- Puxa o teu cavalo! ..

- Roeu as rédeas, o estupor do bicho.

- E o meu desferrou uma das mãos.

Um esquadrão que se perdera no caminho barrou a passagem ao quarto.

Contra a alvura azulada do céu, os vultos dos cavaleiros recortavam-se nitidamente, como se desenhados a tinta-da-china. Iam em filas de quatro. As lanças deles baloiçavam, semelhantes a pés desnudos de girassol. De espaço a espaço, um estribo retinia, rangia uma sela.

- Eh, rapazes, mas onde é que vocês vão?

- Olha que pergunta! Vamos a um baptizado.

- Ah-ha-ah-ha!

- Silêncio! Que conversas são essas?

Prokhor Zikov, de mão apoiada no botão ferrado do arção da sela, perscrutou a face de Grigóri e perguntou-lhe a meia-voz:

- Não tens medo, Melekhov?

- Medo de quê?

- Talvez nos vamos bater hoje.

- Pois que vamos!

- Eu tenho medo - confessou Prokhor, cujos dedos brincavam nervosamente com as rédeas que a geada tornara escorregadias. - No comboio, não dormi a noite toda. Não tinha sono; não houve maneira.

A cabeça do esquadrão recomeçou a andar, e o movimento dela transmitiu-se ao terceiro pelotão: os cavalos arrancaram a passo medido, e as lanças, fixadas às pernas dos cavaleiros, ondulavam.

Grigóri largara as rédeas e dormitava. Já não percebia se era o cavalo que deslocava as pernas com um movimento elástico, baloiçando-o na sela, ou se era ele que caminhava, por um caminho escuro e quente, num passo extremamente leve e alegre.

A voz de Prokhor passava-lhe por sobre a cabeça, misturava-se-lhe aos estalidos da sela, ao ruído dos cascos, sem lhe quebrar o sono despreocupado.

Iam agora por uma estrada mais estreita. O silêncio zumbia, embalador, nos ouvidos dos cossacos. Ao longo da estrada, a aveia madura fumegava sob o orvalho. Os cavalos estendiam as cabeças para as espigas, arrancando as rédeas das mãos dos cavaleiros. Uma luz caridosa penetrava por entre as pálpebras de Grigóri, inchadas pelo sono; sempre que erguia a cabeça, ouvia a voz de Prokhor, monótona como o rangido de um carro.

Um ribombar grosso, vindo de longe, de para lá dos campos de aveia, despertou Grigóri em sobressalto. Os canhões! quase que gritou Prokhor. O medo alterava-lhe os olhos de vitelo. Grigóri aprumou a cabeça: à frente dele, o capote cinzento do sargento do pelotão subia e descia ao ritmo do cavalo; à beira da estrada, havia uma seara adormentada, com pedaços ainda por ceifar, uma cotovia dançava no ar, à altura de um poste telegráfico. O esquadrão despertara; o ribombar surdo dos canhões perpassara-o, como uma corrente eléctrica. O subessaul Polkóvnikov, excitado pelo canhoneio, deu a voz de trote. Depois de uma encruzilhada de estradas, em que havia uma estalagem abandonada, começaram a encontrar-se carros de fugitivos. Um esquadrão de dragões, de grande uniforme, ultrapassou o esquadrão cossaco. O capitão de dragões, de suíças castanhas-claras, montado num puro-sangue ruço, considerou os cossacos com um relance de olhos irónico

e esporeou a montada. Uma bateria de artilharia atascara-se numa poça de lodo. Os condutores chicoteavam os cavalos, e à roda os serventes afadigavam-se. Um artilheiro alto, bexigoso, vinha do lado da estalagem, com uma braçada de tábuas, presumivelmente arrancadas de uma paliçada.

Os cossacos tinham alcançado um regimento de infantaria. Os soldados, de capotes enrolados às costas, marchavam rápidos, de sol a reflectir-se-lhes nas marmitas areadas e nas pontas das baionetas. Um cabo da última companhia, pequeno,” mas vivo, atirou um torrão de terra a Grigóri.

- Apanha! É para os austríacos!

- Nada de brincadeiras, gafanhoto!

E, com o chicote, Grigóri fendeu o torrão de terra no ar.

- Cossacos, cumprimentem-nos da nossa parte!

- Ora vão lá vocês mesmos!

A cabeça da coluna reatava constantemente a mesma canção obscena; um soldado de eu grande, que parecia uma mulher, avançava às arrecuas ao lado da coluna, dando palmadas nos canos curtos das botas. Os oficiais riam-se. O cheiro penetrante do perigo iminente aproximava-os dos homens, tornava-os mais indulgentes.

Entre a estalagem e a aldeia de Gorovíchtchuk, unidades de infantaria, carros, baterias, ambulâncias arrastavam-se como lagartas. Sentia-se o bafo mortal dos combates muito próximos.

Na aldeia de Berésstetchko, o coronel Kalédine, comandante do regimento, juntou-se ao esquadrão. Acompanhava-o um tenente-coronel. Grigóri, que seguiu com os olhos a figura elegante do coronel, ouviu o tenente-coronel dizer-lhe com inquietação:

- Esta aldeiazinha, Vassíli Makcímovitch, não está indicada no mapa do Estado-Maior. Talvez estejamos num ponto errado.

Grigóri não ouviu a resposta do coronel. Um oficial de ordenança passava a galope para se lhes juntar. O cavalo dele arrastava um pouco a pata traseira esquerda. Maquinalmente, Grigóri apreciou as qualidades do animal.

As casitas de uma aldeia apareceram a distância, à ponta de um campo em declive suave. com frequência o regimento mudava de andamento e os cavalos iam completamente alagados. Grigóri apalpava com a palma da mão o pescoço enegrecido do Baio e olhava em redor. Por trás da aldeia viam-se os cimos das árvores de um bosque que erguia para a abóbada azulada do céu as suas pontas verdes. Para lá do bosque, o ribombar dos canhões crescia, abalando os tímpanos dos cavaleiros, fazendo espetarem-se as orelhas dos cavalos; nos intervalos, soavam as salvas rápidas das carabinas. O fumo das explosões dos obuses

alastrava ao longe, para lá do bosque, e o tiroteio das carabinas a cada instante se deslocava mais para a esquerda dele, umas vezes mais fraco, outras mais forte.

Grigóri apreendia vivamente todos os ruídos, de nervos cada vez mais tensos. Prokhor Zikov não parava quieto em cima da sela e falava sem cessar.

- Grigóri, o tiroteio das carabinas faz-me lembrar quando os garotos passam um pau ao longo de uma paliçada. É ou não é?

- Cala-te, tagarela.

O esquadrão chegou à aldeia. Os pátios formigavam de soldados; era um rebuliço nas casas que os proprietários se aprestavam para abandonar. Em todas as caras se notavam sinais de perturbação e confusão. Ao passar por diante de uma granja, Grigóri viu uns soldados à roda de um fogo que tinham acendido por baixo do telhado do armazém, e o proprietário, um branco-russiano de cabelos grisalhos, esmagado pela súbita desgraça, passar perto deles sem se importar. Grigóri via a família atirar para um carro travesseiros listrados de vermelho e toda a casta de trapos, enquanto o homem trazia com cuidado o aro partido de uma roda, absolutamente inutilizável, que havia anos talvez guardava na adega. Causava admiração a Grigóri a parvoíce das mulheres, que carregavam os carros de vasos de flores, de ícones, e abandonavam objectos úteis e valiosos. Como uma tempestade de neve, as penas de um edredom, rasgado intencionalmente, rodopiavam na rua. Cheirava a sebo queimado e a mofo de adega.

À saída da aldeia, um judeu avançou para eles a correr.

A fenda da boca delgada, como que aberta por um sabre, distendia-se-lhe num grito: “ Senhor cossaco! Senhor cossaco! Aaah, meu Deeeus!

Um cossaco baixo, de cabeça redonda, trotava, brandindo o chicote, sem fazer caso dos gritos dele.

- Alto! - gritou ao cossaco o oficial que comandava o segundo esquadrão.

O cossaco dobrou-se sobre o arção da sela e desapareceu numa rua adjacente.

- Pára aí, canalha! De que regimento és tu?

Mas o cossaco vergou a cabeça redonda contra o pescoço do cavalo e meteu a galope rasgado, como numa corrida; ao chegar em frente de uma sebe alta, fê-lo saltar, e dextramente passou para o outro lado.

- Este é o nono regimento, Vossa Nobreza. O homem não pode ser nosso disse um ajudante ao oficial.

- Um raio o parta! - O oficial franziu o sobrolho, e perguntou ao judeu, que se lhe agarrava a um estribo: - Que te aconteceu?

- Senhor oficial! O meu relógio, senhor oficial! - E, piscando continuamente os olhos, o judeu virava a cara, uma bela cara, para os outros oficiais que iam chegando.

O comandante de esquadrão libertou o estribo e esporeou o cavalo.

- De qualquer maneira, os alemães roubavam-no - disse ele, arrancando, a sorrir por entre o bigode.

Interdito, o judeu ficou especado no meio da rua. Um espasmo percorria-lhe a face.

- Deixe passar, senhor judeu! - gritou com severidade o oficial, e agitou o pingalim.

O quarto esquadrão desfilou por diante dele, no meio do ruído rápido dos cascos e do ranger das selas. Os cossacos lançavam ao judeu desnorteado olhares irónicos e diziam de uns para os outros:

- Nunca nós poderemos viver sem palmar qualquer coisa.

- Tudo se agarra às mãos dos cossacos.

- Aquele foi esperto...

- Viste como ele saltou a sebe? Parecia um galgo.

O ajudante Kárguine tinha deixado passar o esquadrão; no meio do riso que agitava as filas dos cossacos, baixou a lança:

- Raspa-te, ou espeto-te!...

O judeu abriu a boca, aterrorizado, e desatou a correr. O ajudante alcançou-o, e por trás deu-lhe uma vergastada. Grigóri viu o judeu vacilar e, cobrindo a cara com as mãos, virar-se para o ajudante. Por entre os dedos delgados um fio de sangue escorria.

- Mas que fiz eu?... - gritou ele com voz trémula. com os seus olhos de abutre risonhos, redondos como botões do uniforme, reluzentes como azeite, o ajudante respondeu-lhe, afastando-se:

- É para ficares com alguma coisa nossa, imbecil.

Para lá da aldeia, num rebaixo do terreno, cheio de nenúfares e de espadanas, os sapadores acabavam de construir uma grande ponte. Não longe dali, um automóvel parado roncava e vibrava. À beira dele, o motorista, esperava, atento. Um general gordo, de bochechas caídas, cabelos grisalhos e barba em ponta, recostara-se no assento, quase deitado. O coronel Kalédine, que comandava o décimo segundo regimento, e o comandante do batalhão de engenharia estavam de pé em frente dele, de mão na pala do boné. O general dava esticões à correia da patrona e gritava ao oficial de engenharia:

- Tinham-lhe dito para acabar ontem o trabalho. Cale-se! O senhor devia ter pensado mais cedo em mandar vir os materiais de construção. Cale-se! berrava o general, embora o oficial não abrisse a boca, apenas lhe tremendo os lábios. E, agora, como vou eu passar para o outro lado?... Estou a perguntar-lhe, capitão: como vou eu passar para o outro lado?

Um general novo, de bigode preto, sentado à esquerda dele, a sorrir, riscava fósforo sobre fósforo; acendeu um charuto. O capitão de engenharia curvou-se e designou qualquer coisa para o lado da ponte.

O esquadrão passou por diante do automóvel, dirigiu-se para o rebaixo do terreno. Os cavalos mergulharam até acima dos joelhos numa lama castanha-escura; uma chuva de cavacos de pinho, como penas brancas, caía da ponte sobre os cossacos.

Ao meio-dia atravessou-se a fronteira. Os cavalos saltaram por sobre os barrotes listrados, que haviam sido derribados. O ribombar da artilharia soava à direita. Ao longe, avistavam-se os telhados de telha vermelha de uma propriedade. O sol feria a terra com os seus raios verticais. Uma poeira acre e espessa cobria tudo. O coronel que comandava o regimento deu ordem para mandarem uma patrulha em reconhecimento. O terceiro pelotão do quarto esquadrão partiu com o seu comandante, o tenente Semiónov. O regimento, formado por esquadrões, estava para trás, numa neblina cinzenta. O destacamento, com um pouco mais de vinte homens, meteu pela estrada, rugosa de trilhos secos, e ultrapassou a propriedade.

Três verstás adiante, o tenente fez parar a patrulha, para consultar o mapa. Os cossacos juntaram os cavalos, para fumar o seu pedaço. Grigóri, que queria alargar as correias da sela, mal teve tempo de se apelar: o tenente lançou-lhe um olhar que chispava.

- Queres um murro na cara? A cavalo!

Após ter acendido um cigarro, o tenente tirou o binóculo do estojo e limpou-o cuidadosamente. À frente deles, uma planície estendia-se, queimada pelo sol do meio-dia. À direita, era a orla dentada de uma floresta, em que a lança afiada de uma estrada mergulhava. A verstá e meia, via-se uma aldeola, e à beira dela a margem argilosa, alcantilada, de um rio, e o cristal fresco da água. Demoradamente, o tenente olhou pelo binóculo, explorando com a vista as ruas mortas e ermas: a aldeia estava vazia como um cemitério. O fio da água azul despertava-lhe a atenção.

- Será Koroliovka? - disse o tenente apontando a aldeia com os olhos.

O ajudante acercou-se, sem lhe retorquir. A expressão da face dele parecia significar: “Deves sabê-lo melhor que eu. Não é da minha competência.”

- Vamos daí! - disse o tenente, pouco seguro de si, guardando o binóculo, e com uma careta de quem tem dores de dentes.

- Não iremos cair numa esparrela, Vossa Nobreza?

- Iremos com atenção. Vá, vamos lá!

Prokhor Zikov aproximara-se de Grigóri. Os cavalos deles caminhavam a par. com precaução se penetrou numa rua deserta. Cada janela era uma ameaça de morte, cada porta

de armazém, escancarada, provocava, ao olhar-se, uma sensação de solidão e um calafrio desagradável ao longo da espinha. As sebes e os fossos atraíam os olhares como imanes. Os cossacos haviam entrado como ladrões, como os lobos aparecem nas noites pálidas de Inverno em torno das habitações, mas nas ruas não se descortinava ninguém. O silêncio deprimia. Da janela aberta de uma casa saíram os sons inocentes de um relógio a dar horas; o ruído irrompera como uma detonação, e Grigóri notou que o tenente, que ia à frente, estremeceu e deitara a mão convulsa ao coldre do revólver.

Não havia vitalma na aldeia. A patrulha transpôs o rio a vau; a água dava pela barriga dos cavalos, que nela entraram de bom grado, bebendo enquanto avançavam; mas os cavaleiros esporeavam-nos. Grigóri fitou com avidez a água agitada: próxima, mas inacessível, irresistivelmente tentadora. Pudessem eles, e teria saltado da sela, para se estender, mesmo vestido sob o murmúrio preguiçoso da corrente, abandonando ao abraço do frescor e dos arrepios as costas e o peito encharcados em suor.

Do alto de uma colina avistaram uma cidade: quarteirões de casas, edifícios de tijolo, correntezas de jardins, cúpulas de igrejas.

O tenente subiu ao alto da colina, que fazia uma concavidade, e de novo sacou do binóculo.

- Lá estão eles! - gritou. E agitou os dedos da mão esquerda.

O ajudante e em seguida os soldados subiram um após outro ao topo que o sol queimava, e olharam. Nas ruas, as pessoas iam e vinham, minúsculas, carros obstruíam as travessas, cavaleiros passavam velozmente. De olhos franzidos e mão em pala, Grigóri distinguia mesmo a cor cinzenta dos uniformes estrangeiros. A deslido da cidade, havia trincheiras castanhas, cavadas de fresco, com homens formigando.

- São muitos! - disse Prokhor com surpresa.

Os outros calavam-se, oprimidos pelo mesmo sentimento. Grigóri sentia a pulsação apressada do próprio coração (pequeno, realmente, mas pesado, que do lado esquerdo do peito lhe corria sem mudar de lugar), e verificava que a sua reacção perante aqueles estrangeiros era totalmente diferente da que sentia, durante as manobras, em frente do “inimigo”.

O tenente tomava notas a lápis num caderno. O ajudante mandou descer a colina e aparecem-se, e voltou para o lado do tenente. Este, com um dedo, chamou Grigóri.

- Melekhov!

- Presente!

Grigóri subiu a colina. Aquela subida a pé desentorpeceu-lhe as pernas. O tenente entregou-lhe um papel dobrado em quatro.

- Tens um cavalo melhor que os outros. Vai ao comandante. A galope!

Grigóri guardou o papel na algibeira interior e encaminhou-se para o cavalo, ajustando o franquelete do boné.

O tenente esperou que ele estivesse montado e, ao vê-lo partir, deitou uma olhadela ao seu relógio de pulso.

O regimento alcançara Koroliovka quando Grigóri chegou com a mensagem.

O coronel Kalédine deu uma ordem ao seu oficial às ordens, que galopou direito ao primeiro esquadrão.

O quarto esquadrão ultrapassara Koroliovka e dispunha-se rapidamente, como em manobras, à beira da aldeia. O tenente Semiónov alcançou a colina a galope, com os seus homens do terceiro pelotão.

O esquadrão formou em ferradura. Picados pelos atabões, os cavalos sacudiam as cabeças, com um tinido de freios. O ruído dos cascos do primeiro esquadrão, que desfilava por diante das últimas granjas da aldeia, ressoava surdamente na serenidade do meio-dia.

O subessaul Polkóvnikov, montado num bom cavalo que caracolava, avançou por diante das fileiras: com uma das mãos esticava as rédeas, apoiada a outra no punho do sabre. Grigóri sustinha a respiração, à espera da voz de comando. No flanco esquerdo, ouvia o rumor ligeiro do primeiro esquadrão que se desdobrava, se preparava.

O subessaul desembainhou o sabre, cuja lâmina azul reluziu debilmente.

- Esquaaa-drão! - O sabre inclinou-se-lhe para a direita, depois para a esquerda, e baixou-se para a frente, até à altura exacta das orelhas do cavalo.

“Desdobramento para a esquerda, e em frente” traduziu mentalmente Grigóri.

- Lanças para a frente, sabres ao alto! Carregar! - terminou o oficial. E esporeou o cavalo.

A terra gemeu, pisada pela profusão dos cascos. Mal Grigóri havia tido tempo de baixar a lança (estava na primeira fila), já o cavalo dele, arrastado pela torrente dos outros, se lançava a toda a brida. À frente, o subessaul Polkóvnikov sobressaía vagamente do fundo cinzento de um campo. A uma velocidade irresistível, a fita escura de um terreno lavrado avançava ao encontro deles. O primeiro esquadrão ergueu um brado vibrante que se transmitiu ao quarto. Os cavalos flectiam e estendiam as patas, como se fossem molas, devorando a distância. Por entre o sibilar estridente do vento nos ouvidos, Grigóri ouviu o estalido de tiros, longínquos ainda. Uma primeira bala assobiou algures, muito alta; e o seu silvo prolongado sulcou o vidro despolido do céu. Grigóri apertava, até à dor, a haste ardente da lança contra a anca, e a palma suada da mão parecia-lhe untada por um líquido viscoso. O assomar das balas que voavam fazia-o curvar a cabeça contra o pescoço húmido

do cavalo, cujo penetrante cheiro de suor lhe picava as narinas. Como nas lentes embaciadas de um binóculo, via a linha castanha das trincheiras e os homens de farda cinzenta correndo para a cidade. Uma metralhadora abria sem descanso por sobre as cabeças dos cossacos o seu leque estridente de balas esparsas, que erguiam flocos de poeira fofa à frente e próximo das patas dos cavalos.

Aquela coisa no meio da caixa torácica de Grigóri, que, até ao ataque, tão activamente lhe impulsionara o sangue, estava como que tolhida, e Grigóri já nada sentia, além de um zumbido nos ouvidos e uma dor nos dedos do pé esquerdo.

A consciência, que o medo lhe castrara, enredava-lhe na cabeça um novelo a que não achava a ponta.

O primeiro a cair do cavalo foi o alferes Liakhóvski. Prokhor acudiu-lhe logo, a galope.

Grigóri virou-se, e o que viu ficou-lhe gravado na memória: o cavalo de Prokhor saltou por cima do alferes estendido no solo, descobriu os dentes e tombou, torcendo o pescoço. Prokhor caiu também, desmontado pelo choque. Aberta a buril, traçada a diamante num vidro, Grigóri guardou por muito tempo a recordação das gengivas rosadas e das lâminas dos dentes a descoberto do cavalo de Prokhor, caído de chapa, e pisado pelos cascos do cavalo do cossaco que o seguia. Grigóri não o ouviu, mas percebeu, à vista da face de Prokhor esmagado contra o chão, da sua boca distendida, dos seus olhos de vitelo exorbitados, que ele soltara um grito selvático e inumano. Outros caíram. Caíam homens e cavalos. Através de um véu de lágrimas provocadas pelo vento, Grigóri via diante dele a espuma cinzenta dos austríacos que fugiam das trincheiras.

O esquadrão, que irrompera da aldeia em ordem regulamentar, espalhara-se, fragmentado, disperso. As primeiras fileiras, entre as quais ia Grigóri, alcançaram as trincheiras a galope, enquanto as outras trotavam algures, lá para trás.

Um austríaco alto, de sobancelhas brancas e boné enfiado até às orelhas, atirou de joelhos, quase à queima-roupa, contra Grigóri. Este sentiu a face arder-lhe. Puxou as rédeas com toda a força e baixou a lança. Foi tão forte o embate, que esta penetrou até meio da haste no austríaco, que se pusera de pé. Grigóri não teve tempo de a retirar, e soltou-a da mão, ao peso do corpo que vergava, e cujos tremores espasmódicos sentiu através dela, até que caiu, dobrado para trás (do austríaco ele via apenas a ponta aguda do queixo por barbear), de dedos torcidos, crispados, agarrados à lança. Depois, abriu a mão dormente e empunhou o sabre.

Os austríacos fugiam pelas ruas da periferia. Os cavalos dos cossacos empinavam-se contra massas de uniformes cinzentos.

Logo após ter largado a lança, Grigóri, sem saber porquê, voltou as rédeas ao cavalo. Reparou no ajudante, que passava a galope, de dentes à mostra. com a lâmina do sabre bateu no cavalo, que ergueu a cabeça e meteu por uma rua.

Ao longo da grade de um jardim, um austríaco corria aos tropeções, desvairado, sem carabina, de boné apertado numa das mãos. Grigóri via-lhe a nuca franzida, a gola da farda encharcada. Alcançou-o. Tomado da demência que o cercava, levantou o sabre. O austríaco corria ao longo da grade. Grigóri não ia em posição favorável, mas torceu-se todo na sela, e, de sabre para o lado contrário, abateu-o na têmpora do austríaco. Este, sem um grito, levou as mãos à ferida e virou-se bruscamente, de costas para a grade. Grigóri não conseguira parar o cavalo, que continuou a galope, para voltar a trote. A cara quadrada do austríaco, alongada pelo pavor, fez-se cor de aço. Tinha agora as mãos sobre as costuras laterais das calças, e os lábios cinzentos moviam-se-lhe. O sabre arrancara-lhe a pele da têmpora, que lhe pendia sobre a bochecha, como um trapo vermelho. O sangue fazia-lhe uma regueira sinuosa no uniforme.

Grigóri deparou com o olhar do austríaco. Dois olhos fixos encaravam-no, inundados de um terror mortal. O austríaco dobrava lentamente os joelhos, um estertor gorgolejava-lhe na garganta. Semicerrando os olhos, Grigóri despediu-lhe uma sabrada, que lhe fendeu em dois o crânio de alto a baixo. O austríaco tombou, de braços abertos, como se fosse a patinar; e as duas metades da caixa craniana embateram na calçada com um ruído surdo. O cavalo deu um salto, espantou-se, arrastou com ele Grigóri para o meio da rua.

Os tiros nas ruas começavam a rarear. Um cavalo passou ao lado de Grigóri com um cossaco morto. Um dos pés do cossaco ficara preso no estribo, e o cavalo levava a rojo, rua fora, o corpo lacerado e esfarrapado.

Dele, Grigóri apenas viu a listra vermelha do calção e o dólman verde rasgado, enrolado em bola na cabeça.

Grigóri apeou-se do cavalo. Uma náusea de chumbo pesava-lhe ao alto do crânio. Sacudiu a cabeça. Uns cossacos do terceiro esquadrão, que entrementes haviam surgido, ultrapassaram-no. Transportavam um ferido sobre um capote, e levavam a trote um grupo de prisioneiros austríacos, que corriam, semelhantes a um rebanho cinzento, de botas cardadas ressoando com uma violência triste. As caras deles afiguravam-se, aos olhos de Grigóri, uma mancha gelatinosa, cor de greda. Largou as rédeas, e, sem perceber porquê, acercou-se do soldado austríaco que matara. Estava estendido no mesmo lugar, junto de um arabesco fantasioso do portão, com uma das mãos, tisonada e suja, estendida, como a pedir esmola. Grigóri fitou-lhe a cara. Pareceu-lhe pequena, quase infantil, apesar do bigode

caído e da boca torcida, severa e (seria do sofrimento, ou de uma vida sempre infeliz?) atormentada.

- Eh, lá, tu! - gritou-lhe um oficial cossaco, desconhecido, que passava pelo meio da rua.

Grigóri olhou o distintivo branco, empoeirado, e dirigiu-se para o cavalo, cambaleando, a passo pesado e hesitante, como se transportasse aos ombros um carregamento superior às suas forças; o horror e a dúvida esmagavam-lhe a alma. Segurou o estribo com a mão e esteve uma porção de tempo sem conseguir levantar a perna entorpecida.

VI

Os reservistas de Tatársski e das aldeias da vizinhança passaram a sua segunda noite, depois de haverem partido para a frente, na aldeia de Eia. Os cossacos da parte baixa de Tatársski mantinham-se separados dos da parte alta. Foi assim que Petro Melekhov, Anikuchka, Khrisstónia, Stepane Asstakhov, Ivane Tomíline e mais alguns outros, tinham sido aboletados na mesma casa. O proprietário, um velho alto e decrépito, veterano da guerra da Turquia, meteu conversa com eles. Os cossacos estavam já deitados sobre as suas mantas, que haviam estendido na cozinha e no quarto de cama, e fumavam o último cigarro do dia.

- Estão então em guerra, militares?

- Estamos em guerra, avô.

- Com certeza que esta guerra vai ser diferente da da Turquia. com as armas que há agora!...

- Há-de ser a mesma coisa. A história é a mesma. Matou-se gente na guerra da Turquia; há-de matar-se gente nesta rosnou Tomíline, irritado, nem ele sabia porquê.

- Fazes mal em te zangar, amigo. Esta guerra será outra.

- Seja assim! - aprovou Khrisstónia, com um bocejo, e apagando o cigarro entre os dedos.

- Pois bem! A guerra é a guerra - disse Petro Melekhov, bocejando também; fez o sinal da cruz em frente da boca e cobriu-se com o capote.

- Tenho uma coisa a pedir-lhes, meus filhos. Peço-a de todo o coração. E não se esqueçam do meu pedido disse o velho.

Petro puxou a ponta do capote para baixo e escutou.

- Lembrem-se disto: se querem continuar vivos e voltar inteiros do combate mortal, têm de respeitar a justiça dos homens.

- Qual justiça? - perguntou Stepane Asstakhov, que estava deitado ao fundo do compartimento.

Sorria com cepticismo. Começara a sorrir logo que ouvira as primeiras palavras sobre a guerra. A guerra fascinava-o, e a confusão geral e a dor dos outros acalmavam a sua própria dor.

- Qual justiça? Já lhes digo. Na guerra, não roubes o que é dos outros; esta é a primeira regra. Deus te guarde de tocar nas mulheres; esta é a segunda. E é preciso saber umas certas orações.

Os cossacos viraram-se sobre as suas mantas e desataram a falar todos ao mesmo tempo.

- Já custa a defender o que é nosso, quanto mais o que é alheio...

- E como é que havemos de não tocar nas mulheres? À força, ainda eu entendo. Mas se for da vontade dos dois?

- Como é que isso é possível?

- Pois está visto!

- E as orações quais são?

O velho fixou neles um olhar severo e respondeu a todos:

- Não se deve tocar nas mulheres de maneira nenhuma. De maneira nenhuma! Se não o fizerem, perdem a cabeça, são castigados, e depois arrependem-se, mas já é tarde. As orações vou-lhas eu dizer. Aguentei a guerra toda da Turquia, com a morte às costas, como um saco, e se estou vivo a elas o devo.

Foi ao quarto dele, rebuscou por baixo dos ícones, e tornou com uma folha de papel amarrotada e encardida.

- Ora cá estão elas. Levantem-se e copiem-nas. Partem amanhã, antes de cantarem os galos, pois não é?

Com a palma da mão, o velho alisou em cima da mesa a velha folha de papel, que crepitou, e saiu. Anikuchka foi o primeiro a pôr-se a pé. Na face dele, glabra e feminina, dançavam as sombras desiguais que a chama da vela projectava, agitada pelo vento que penetrava pelas frinchas das janelas. Todos, excepto Stepane, se sentaram e principiaram a copiar. Anikuchka, que acabou antes dos outros, dobrou a sua folha, arrancada a um caderno, e prendeu-a ao cordão da cruz que trazia ao peito. Stepane abanava a cabeça e troçava dele.

- Estás a arranjar um abrigo para os piolhos. Como não estão à vontade no cordão, fizeste-lhes uma casa de papel. Ha?

- Tu, se não acreditas, cala-te, rapaz! - interrompeu-o o velho, com severidade. - Não impeças os outros de acreditar e não escarneças da fé. É uma vergonha e um pecado.

Stepane calou-se e sorriu; para desanuviar os ares, Anikuchka perguntou ao velho:

- Esta oração fala de chuços e de flechas. Porquê?

- É uma oração antiga. Não foi composta no nosso tempo. O meu defunto pai já a tinha do pai dele. E talvez venha ainda mais de trás. Nesses tempos, ia-se para a guerra com chuços e arcos.

- Cada qual copiou a oração que lhe agradou mais.

ORAÇÃO DAS ARMAS

“Abençoa-me, Senhor. Na montanha está uma pedra como um cavalo. Da mesma maneira que a água não entra na pedra, faz com que não entrem em mim, escravo de Deus, nem nos meus companheiros, nem no meu cavalo, as flechas e as balas. Tal como o martelo ressalta na bigorna, que as balas sejam repelidas por mim; tal como as mós giram, que as flechas passem à roda de mim, sem me tocarem. Que o sol e a lua, que são claros, me fortaleçam, a mim que sou escravo de Deus. Para lá da montanha há um castelo, e esse castelo está fechado, e eu lhe lançarei as chaves ao mar, para debaixo da pedra Altor, branca e ardente, invisível ao bruxo e à bruxa, ao monge e à monja. Da mesma maneira que a água não foge do mar oceano, e não se conseguem contar os grãos de areia amarela, que nada tenha poder sobre mim, que sou escravo de Deus. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

ORAÇÃO DO COMBATE

“No mar oceano está a pedra branca Altor, e nesta pedra branca Altor um homem de pedra, da altura de três vezes nove cevados. Veste-me, a mim que sou escravo de Deus, e aos meus companheiros, com uma veste de pedra, de leste a oeste, da terra aos céus, contra a areia picante e as espadas, as lanças de aço e os chuços, os machados e os canhões, as balas de chumbo e as armas de fogo, e todas as flechas guarneçadas de penas de águia, e de cisne, e de pato, e de cegonha, e de galinha-de-água, e de corvo, e os ataques dos turcos, e dos crimeanos e dos austríacos, e os inimigos tártaros, alemães e kalmukes. Santos padres, e vós, potências celestes, protegi-me, a mim que sou escravo de Deus. Amém.”

ORAÇÃO PARA OS QUE VÃO PARA A GUERRA

“À puríssima Rainha dos Céus, Santa Maria, mãe de Deus e ao Nosso Senhor Jesus Cristo. Abençoa-me, Senhor, a mim que sou escravo de Deus, que parto para a guerra, e aos meus companheiros, que vão comigo, e envolve-nos numa nuvem, rodeia-nos da tua muralha de pedra, celeste e santa. São Demétrio de Salónica, protege-me, a mim que sou escravo de Deus, e aos meus companheiros, nos quatro pontos cardeais. Que a gente má não atire contra nós, e não nos pique com as suas lanças, e não nos trespasse nem nos degole com as suas alabardas, nem nos fira com os seus cutelos, nem nos rache com os seus machados, nem nos retalhe nem nos esfole com os seus sabres, nem nos degole nem nos dessangre com as suas facas, nem o velho nem o novo, nem o trigueiro nem o preto, nem o herege, nem o mágico, nem outro qualquer feiticeiro. Tudo agora está diante de mim, que sou escravo de Deus, órfão e condenado. No mar oceano, na ilha Buiana, há uma coluna de ferro. Sobre esta coluna está um homem de ferro, apoiado a uma tranca de ferro, e ao ferro, e ao aço, e ao estanho azul, e ao chumbo, e aos projecteis todos ordena: “Sumam-se na terra, que é a vossa mãe, e desviem-se de mim, que sou escravo de Deus, e dos meus companheiros, e do meu cavalo. Flecha talhada de madeira, torna à floresta, e vós, penas, aos pássaros, vossos pais, e tu, cola, aos peixes.” Protege-me, a mim, que sou escravo de Deus, com um escudo de ouro, dos sabres, das balas dos canhões, dos pelouros, dos chuços e das facas. Que o meu corpo seja mais forte que uma armadura. Amém.”

Os cossacos levaram estas orações com eles, entre a camisa e o corpo, presas aos cordões das suas cruzes, às medalhas bentas que as mães lhes haviam dado, aos saquinhos com um pouco de terra natal. Mas a morte destruiu, como aos outros, os que as levavam.

Os cadáveres deles apodreceram nos campos da Galícia, da Prússia Oriental, dos Cárpatos e da Roménia, por toda a parte em que ardia o incêndio da guerra e em que os cossacos deixaram a marca dos cascos dos seus cavalos.

VII

Em geral, os cossacos das stanitsas do Alto Don Elánsskaia, Viochénsskaia, Migulínsskaia e Kazánsskaia eram incorporados nos 11.º e 12.º regimentos cossacos do exército, ou no Regimento Atamánsski da Guarda Imperial.

Em 1914, uma parte dos mancebos recrutados da stanitsa de Viochénsskaia tinha sido incorporada, não se sabe porquê, no 3.º regimento dos cossacos do Don, o regimento Ermak Timofêievitch, composto habitualmente apenas de cossacos da circunscrição de Usst-Medvéditzkaia. Mitka Korchunov era um desses.

Este regimento estava aquartelado em Vilno, com várias unidades da 3.ª divisão de cavalaria. No mês de Junho, os esquadrões abandonaram a cidade, para os cavalos poderem pastar.

Era um dia de Verão, quente e abafado. As nuvens, em rebanho no céu, toldavam o Sol. O regimento ia a passo. A banda atroava os ares. Os senhores oficiais, de bonés de campanha e dólmanes leves, iam em grupo. O fumo dos cigarros formava por sobre eles uma nuvem azul.

Dos dois lados da estrada estreita, camponeses e camponesas, de trajas garridos, que estavam a ceifar a erva, olhavam, de mãos em pala na testa, a coluna cossaca que passava.

Os cavalos iam cobertos de suor. Uma espuma amarelada acumulava-se-lhes entre as pernas, e o vento brando que soprava de sudoeste não só não secava o suor, como, pelo contrário, aumentava o calor húmido que estava.

A meio caminho, não longe de uma aldeola, um poldro de um ano enfiou pelo meio do quinto esquadrão. À vista daquela massa compacta de cavalos, saltara do seu cercado e galopara ao encontro deles, relinchando. A cauda, que ainda não perdera a macieza primeira, flutuava-lhe ao vento, e sob os cascos bem desenhados a poeira erguia-se-lhe em rolos cinzentos, para logo recair na erva pisada. Acercou-se do primeiro pelotão e deu de brincadeira uma cabeçada contra uma virilha do cavalo do ajudante. O cavalo sacudiu a garupa mas não escoiceou, sem dúvida para o poupar. O ajudante brandiu o pingalim.

- Ala daqui, estúpido!

Romperam os cossacos a rir, divertidos com o aspecto delicado e familiar do poldro. Mas uma coisa imprevista sucedeu: o poldro abriu despreocupadamente passagem por

entre as filas do pelotão, que se desconjuntou e perdeu a forma até então compacta e regular. Apesar dos gritos dos cavaleiros, os cavalos atiravam patadas ao chão, indecisos. O poldro, no meio deles, avançava de través, procurando morder o que lhe ficava mais ao pé.

O comandante do esquadrão meteu a galope.

- Que é aquilo ali?

No ponto em que o poldro desmiolado se tinha infiltrado, os cavalos desviavam-se, espantavam-se, os cossacos, divertidos, davam-lhes vergastadas, o pelotão desorganizado agitava-se, empurrado pelos pelotões seguintes, enquanto o comandante, furioso, que vinha na cauda da coluna, galopava ao longo da estrada.

- Que é isto? - berrou ele, e dirigiu o cavalo para o meio da confusão.

- É este poldro...

Entrou no pelotão...

- Não o conseguimos enxotar, o estafermo...

- Dá-lhe tu aí uma chicotada! Ou tens pena de lhe bater?

Os cossacos sorriam com ar culpado, retesando as rédeas, para terem mão nos cavalos enervados.

- Ajudante! Tenente! Que quer isto dizer? Restabeçam a ordem no pelotão! Só faltava isto!...

O comandante do esquadrão afastou-se. O cavalo dele escorregou e meteu as patas traseiras no fosso da beira da estrada. O comandante esporeou-o e saltou para o outro lado do fosso, para um terreno em que cresciam armoles e camomilha. O grupo dos oficiais estacara a uma certa distância. O tenente-coronel, de cabeça esticada para trás, bebia do cantil, de mão suave mas dominadoramente pousada no elegante botão do arção da sela.

O ajudante enfiou pelo meio do pelotão e, proferindo palavrões, enxotou o poldro para a estrada. De novo o pelotão se refez. Cento e cinquenta pares de olhos fitavam o ajudante, de pé nos estribos, que perseguia o poldro a trote; este parava de vez em quando, encostando o flanco sujo de esterco ao cavalo do ajudante, para de repente abalar de novo, de cauda enrolada; não conseguia o ajudante chibatá-lo no dorso, mas apenas na ponta da cauda, que das chibatadas se baixava, mas para logo, teimosamente, outra vez se erguer.

O esquadrão inteiro ria. Riam os oficiais. Uma espécie de sorriso torcido despontou mesmo na cara carrancuda do capitão.

Mitka Korchunov estava na terceira fila do pelotão da frente, com Mikhail Ivánekov, da aldeia de Kárguine, stanitsa de Vióchénskkaia, e Kozma Kriutchkov, de Usst-Khopérskaia. De cara grande e ombros largos, Ivánekov não dizia palavra; Kriutchkov, por alcunha o “Camelo”, curvado, de face um pouco bexigosa, ia a embirrar com Mitka.

Kriutchkov era um “veterano”, o que quer dizer que estava no fim do seu último ano de serviço activo, e tinha o direito, como todos os “veteranos”, segundo a lei não escrita do regimento, de arrelhar os novos, de os repreender e de lhes dar com o cinturão ao menor pretexto. Por essa lei, um cossaco culpado recebia treze correadas se era da classe de 1913 e catorze se era da de 1914. Os ajudantes e os oficiais fomentavam este uso, por, na opinião deles, inculcar aos cossacos a noção do respeito devido aos seus superiores, quer em grau quer em idade.

Kriutchkov, que acabava de obter a sua primeira divisa, ia vergado na sela, na atitude de uma ave. Piscava os olhos, postos numa nuvem cinzenta, e perguntava a Mitka, imitando a voz afectada do chefe do esquadrão, o capitão Popov:

- Eh, Korchunov! Diz-me lá como se chama o nosso comandante de esquadrão.

Mitka, que mais de uma vez apanhara com o cinturão, pelo seu espírito insubordinado e o seu carácter rebelde, assumiu uma atitude respeitosa.

- Capitão Popov, senhor veterano.

- Como?

- Capitão Popov, senhor veterano.

- Não é isso que eu te pergunto. Diz-me mas é como lhe chamamos entre nós, entre os cossacos.

Ivánkov deitou a Mitka uma olhadela receosa e o lábio-leporino deformou-se-lhe num sorriso. Mitka olhou para trás e reparou no capitão Popov, que se aproximava.

- Então? Não respondes?

- Chamamos-lhe capitão Popov, senhor veterano.

- Catorze correadas! Fala, safado.

- Não sei, senhor veterano.

- Vais ver o que te acontece quando chegarmos ao acampamento! - disse Kriutchkov com a sua voz natural. - Vais apanhar! Responde ao que se te pergunta.

- Não sei!

- Não sabes então, desavergonhado, como lhe chamamos? - Mitka ouvia atrás de si o passo furtivo do cavalo do capitão e não respondia.

- Então?

Kriutchkov franzia maldosamente os olhos.

Um riso contido estalara nas filas que se lhes seguiam. Não sabendo porque se riam os outros e supondo que era dele, Kriutchkov enfureceu-se:

- Korchunov, cuidado!... Quando pararmos, dou-te cinquenta correadas.

Mitka encolheu os ombros e decidiu-se, finalmente:

- Rabo-Preto (*Em russo, “tchernoguze”, rabo preto, ou cauda preta*).

- Até que enfim!

- Kriuu-tchkov! - gritou uma voz atrás deles.

O senhor veterano estremeceu na sela e endireitou-se.

- Que quer isso dizer, canalha? Que cantiga é essa? - disse o capitão Popov, colando o cavalo ao de Kriutchkov. - Que é que tu ensinas aos cossacos novos?

Kriutchkov piscava os olhos semicerrados. As faces tinham-se-lhe posto cor de borras de vinho. À retaguarda, soavam gargalhadas.

- A quem foi que eu dei o ano passado uma lição? Em que trombas quebrei eu esta unha? O capitão estendia por baixo do nariz de Kriutchkov a unha comprida e aguçada do dedo mindinho. Que nunca mais eu oiça isso! - prosseguiu ele, de bigode a dar a dar. Está compreendido?

- Sim, meu capitão, está compreendido.

O capitão hesitou um momento; depois, afastou-se para o lado, para deixar passar o esquadrão. O quarto e o quinto esquadrões iam agora a trote.

- Esquadrão! A trote!...

Ajustando o boldrié, Kriutchkov deitou um relance de olhos ao capitão, que ficara para trás, aprumou a lança, e abanou a cabeça, admirado.

- Esta agora! Mas donde é que saiu o Rabo-Preto?

Alagado em suor, de tanto que rira, Ivánekov explicou:

- Havia uma porção de tempo que ele vinha atrás de nós. Ouviu tudo. Tenho a certeza de que percebeu de quem tu falavas.

- Devias ter-me feito sinal, meu bruto!

- Eu? Eu não tenho nada com isso!

- Não tens nada com isso? Catorze correadas em cima da pele.

Os esquadrões aquartelaram-se em várias propriedades senhoriais. De dia, os cossacos ceifavam trevo e erva para os proprietários, à noite punham os cavalos peados a pastar nos prados que lhes haviam destinado, jogavam as cartas à luz das fogueiras, contavam histórias, diziam parvoíces.

O sexto esquadrão instalara-se na herdade do grande proprietário polaco Schneider (*Ao contrário de Chtókman, cujo nome se grafou à russa, e não Stockman, por se tratar de um russo, como ele próprio esclareceu, se bem que de origem estrangeira, aqui escreve-se Schneider, e não Chnêider, em conformidade com a grafia russa, por, embora súbdito imperial, se tratar de um polaco*). Os oficiais ocupavam uma ala da casa, jogavam também as cartas, embebedavam-se e faziam todos à compita a corte à filha do intendente. O acampamento dos cossacos ficava a três verstás

dali. Todas as manhãs o senhor intendente os ia visitar num carro ligeiro. O corpulento e respeitável polaco descia do carro para desentorpecer as pernas gordas, e, agitando o seu boné branco, de pala de polimento, invariavelmente cumprimentava os cossacos. Das filas destes, em mangas de camisa, gritavam-lhe:

- Anda ceifar connosco, pane (*Senhor, em polaco*).

- Vem derreter um pouco da tua gordura!

- Pega numa foice, se não queres ficar tolhido!

O pane sorria serenamente, enxugava a calva rosada a um lenço bordado, e abalava com o ajudante, para lhe indicar os novos prados a ceifar.

Ao meio-dia chegava a cozinha. Os cossacos lavavam-se e iam buscar a ração.

Comiam em silêncio; em contrapartida, não paravam de conversar durante a meia hora de repouso que se seguia ao almoço.

- A erva aqui é uma porcaria. Ao pé da nossa erva da estepe, não presta para nada.

- Quase não há grama.

- Na nossa terra, no Don, já acabaram de ceifar.

- Também nós não tardaremos muito. Ontem foi lua-nova: vai haver chuva.

- São avarentos, os polacos. Este bem nos podia dar uma garrafa a cada um, pelo trabalho.

- Ooh-oh-oh! Mais depressa ele deixava cortar os braços e as pernas que dar uma garrafa à gente.

- É bem verdade o que se diz, irmãos: quanto mais rico, mais ganancioso. É ou não é?

- Vai perguntá-lo ao tsar.

- Quem é que viu a filha do proprietário?

- Porquê?

- É um bom pedaço!

- De carneiro?

- Está bem, está!...

- Pois eu comia-a como galinha.

- É verdade o que dizem, de ter sido pedida em casamento para alguém da família imperial?

- Se te parece! Um pedaço daqueles não é para qualquer boca.

- Eh, rapazes! Ouvi dizer o outro dia que parece que vai haver uma inspecção do tsar.

- Quando o gato não tem que fazer...

- Cala-te, Tarass!

- Deixas-me puxar uma fumacinha? Ha?
- Pedinchão, diabo, vai pedir para a porta de uma igreja.
- Olhem, olhem, o Fédotka a puxar pelo cachimbo vazio!
- Vazio, não. Tem cinza.
- Abre os olhos, irmão: tenho tanto lume nele como o há no corpo de uma mulher.

Estavam deitados de barriga para baixo. Fumavam. As costas deles ardiam, do sol.

Um pouco adiante, cinco veteranos interrogavam um novo:

- De que stanitsa és tu?
- De Elánsskaia.
- Quer dizer que és um bode? (*Alcunha dos daquela stanitsa*).
- Isso mesmo!
- E como é que transportam o sal na tua terra?

Não longe dali, Kozma Kriutchkov aborrecia-se, estendido numa manta, a enrolar num dedo os pêlos ralos do bigode.

- É com cavalos.
- E com mais quê?
- Com bois.
- E o peixe da Crimeia como é que o transportam? Tu sabes. Como é que se chamam aqueles bois com marrecas nas costas e que comem cardos?
- Camelos.
- Oooh-oh-oh-oh! .

Preguiçosamente, Kriutchkov ergueu-se; de costas curvadas como um camelo, esticando o pescoço cor de açafrão, de maçã-de-adão saliente, dirigiu-se para Ivánekov, a quem prometera bater, a tirar o cinturão, enquanto caminhava.

- Deita-te ao comprido.

E todas as noites, na escuridade opalescente de Junho, em torno das fogueiras, se ouvia pelos campos:

Montado no seu cavalo morzelo, Partiu para longe o moço cossaco. Deixou para sempre a aldeia natal.

Um tenor de voz argênteia chora, e os baixos alargam-lhe o queixume, como um veludo espesso:

- Nunca mais verá a casa paterna.

Gradualmente, o tenor esganiça-se até não poder mais:

E a noiva cossaca de dia e de noite,

*Em vão passa o tempo olhando para o norte,
Na esperança de ver das terras distantes
Voltar o cossaco do seu coração.*

Então, numerosas vozes secundam-no, de modo que a canção se torna quente e enebriante como uma bebida alcoólica.

*Mas lá por detrás dos montes ventosos
Em que, no Inverno, o frio é mortal
E os pinheiros rugem com grande fragor,
Jazem sob a neve ossos de cossacos.*

É a história simples da vida cossaca o que ali se conta, e a voz do tenor agudíssimo vibra como uma cotovia por sobre a terra degelada em Abril:

*Tudo o que ao morrer o cossaco disse
Foi querer descansar o corpo num morro.*

E juntamente com ele os baixos arrastam-se:

*Semeadas nele, as bolas-de-neve
Lhe dariam flor por sobre a cabeça.*

À roda de outra fogueira, há menos homens e a canção é diferente:

*Ai, do mar revolto, lá do mar de Azov,
Navios sobem o Don,
E o jovem atamane
Volta ao lar.*

Junto de uma terceira fogueira, um pouco mais longe, o bem-falante do esquadrão, a quem o fumo faz tossicar, desfia a meada de uma história complicada. Escutam-no os outros com atenção que não desfalece, apenas, num lance ou noutro, quando o herói se sai com habilidade especial das ciladas que contra ele armam os moscovitas e o demónio, o

interrompendo uma mão que brilha à luz das chamas e dá uma palmada no cano de uma bota, enquanto uma voz rouca e pigarrenta exclama, entusiasmada:

- Aí valente! Está sempre safo!

E a voz fluente e monocórdica do narrador prossegue.

- Uma semana depois da chegada do regimento ao seu aquartelamento de Verão, o capitão Popov chamou o ferrador e o ajudante do esquadrão.

- Como estão os cavalos? - perguntou ele ao ajudante.

- Estão bem, Vossa Nobreza. Estão mesmo muito bem. O pêlo parece outro. Estão com outro vigor.

O capitão enrolou a ponta do bigode preto (de que a alcunha de Rabo-Preto lhe advinha) e disse:

- Ordem do coronel comandante do regimento: têm de se estanhar os estribos e os freios. O imperador vai-nos passar revista. É preciso que tudo brilhe: as selas e o resto. Que seja um gosto, um prazer, ver os cossacos. Quando é que tudo estará pronto, amigo?

O ajudante olhou para o ferrador. O ferrador olhou para o ajudante. Depois, ambos olharam para o capitão. O ajudante disse:

- Talvez no domingo, Vossa Nobreza. - E, respeitosamente levou um dedo ao bigode mal tratado, esverdinhado pelo fumo do tabaco.

- Atenção, ha! - preveniu o capitão, em tom de ameaça. E, cômicos desta ameaça, o ajudante e o ferrador abalaram.

No próprio dia se iniciaram os preparativos da revista. Mikhail Ivánekov, filho do ferrador de Kárguine, e que também sabia do ofício, ajudou a estanhar os estribos e os freios, enquanto os outros almofaçavam os cavalos melhor do que era costume, limpavam os arreios, esfregavam com o pó de tijolo as partes metálicas dos bridões e das cabeçadas.

Numa semana, o regimento reluzia como uma moeda nova de vinte copecas. Tudo brilhava, desde as ferraduras dos cavalos às caras dos cossacos. No sábado, o coronel Grekov, comandante do regimento, passou-o em revista e felicitou os oficiais e os soldados pelo seu zelo e o seu aspecto marcial.

O fio azul dos dias de Julho desenrolava-se. A abundância da forragem fazia engordar os cavalos dos cossacos, mas os cossacos começavam a inquietar-se, a perder-se em conjecturas: da revista imperial já não se falava. Uma semana decorreu em conversas até mais não, em idas e vindas, em preparativos. E, de repente, chegou a ordem de abalada para Vilno.

À noite, estavam lá. Então, os esquadrões receberam nova ordem: a de os cossacos entregarem na rouparia as caixas com os seus objectos pessoais e de estarem prontos para uma partida eventual.

- Que quer isto dizer, Vossa Nobreza? - inquiriam dos oficiais comandantes dos pelotões os cossacos desorientados.

Os oficiais encolhiam os ombros. Também eles dariam alguma coisa para o saber.

- Não sei.

- Vai haver manobras na presença do imperador?

- Ainda não se sabe nada.

Era tudo o que eles podiam responder para sossegar os homens. A 19 de Julho (*O calendário usado então na Rússia era o juliano, cujo 19 de Julho corresponde a 1 de Agosto do gregoriano, usado no Ocidente. Foi neste dia, como é sabido, que a Alemanha declarou guerra à Rússia*), à tardinha, a ordenança do coronel lá conseguiu dizer ao seu amigo Mríkhine, do sexto esquadrão, que estava de guarda à cavalaria:

- É a guerra, meu velho!

- Estás a brincar!

- Juro-te que é verdade. Mas tu cala-te!

No dia seguinte, de manhã, o regimento formou por esquadrões. Os vidros poeirentos das janelas das casernas brilhavam debilmente. O regimento, montado, esperava a chegada do comandante.

O capitão Popov estava à frente do sexto esquadrão, no seu cavalo de raça. com a mão esquerda, enluvada de branco, segurava as rédeas. O cavalo baixava a cabeça, curvando o pescoço flexível, e esfregava o focinho contra os músculos peitorais.

O coronel surgiu de detrás do edifício das casernas e parou o cavalo diante da formação. O ajudante de campo havia tirado o lenço da algibeira e afastava já o dedo mendinho bem tratado, mas não teve tempo de se assoar. No meio de um silêncio tenso, o coronel atirou:

- Cossacos!... - E imperiosamente provocou a atenção geral.

“Pronto, aí está!” pensaram todos, por igual impacientes. Mitka Korchunov dava calcanharadas raivosas ao cavalo, que se baloiçava alternadamente numa perna e noutra. Ao lado dele, Ivánekov, hirtos na sela, esperava, de boca aberta, descobrindo sob o lábio-leporino os dentes negros e desiguais, com Kriutchkov atrás, curvo, franzindo os olhos; mais além, estava Lápine, que mexia as orelhas como os cavalos; por trás de Lápine, via-se o pescoço mal barbeado de Chtchególkov.

- A Alemanha declarou-nos guerra.

Um frémito passou pelas filas alinhadas, como uma rabanada de vento desgarrado por uma seara de cevada madura. Um relincho que pareceu um grito humano reboou. E muitos foram os olhos redondos e as bocas escancaradas que se viraram para o lado do primeiro esquadrão, de cujo flanco esquerdo ele partira.

O coronel continuava a falar. Alinhava as palavras pela ordem estudada para incendiar um sentimento de orgulho nacional; mas o que os milhares de cossacos ali reunidos viam não era a seda rumorejante das bandeiras estrangeiras inclinando-se-lhes aos pés, mas o que na vida deles era quotidiano e íntimo, de repente desfeito, a chamá-los, lamentosamente: as mulheres, os filhos, as amantes, o trigo por recolher, as aldeias desertas, as stanitsas...

“Dentro de duas horas, na estação.” O que a todos ficou na memória foi apenas isto.

As mulheres dos oficiais, agrupadas não longe dali, choravam nos seus lençinhos. Os cossacos tornaram para a caserna. O tenente Khoprov quase levava ao colo a mulher, uma polaca loira, grávida.

O regimento dirigiu-se para a estação a cantar. As vozes abafaram a banda, que a meio do caminho se calou, envergonhada. As mulheres dos oficiais iam em trens. Uma multidão variegada acumulava-se nos passeios; os cascos dos cavalos erguiam uma poeira grossa; e, a rir da sua própria mágoa como da dos outros, com um movimento desafiador do ombro esquerdo, que lhe dobrava a platina azul, o solista lançou as primeiras palavras de uma brejeira canção cossaca.

Rapariga linda, um peixe apanhei...

Ao ritmo dos cascos ferrados de novo, o esquadrão inteiro replicou, misturando, com rumo à estação e aos vagons vermelhos, à sua tristeza a sua canção:

Um peixe, um peixe, um peixe apanhei.

Rapariga linda, no forno o meti.

No forno, no forno, no forno o meti.

Da cauda da coluna, o oficial às ordens do coronel, congestionado de riso, galopou direito ao solista. Este agitava as rédeas no ar, piscando cinicamente os olhos à mole densa das mulheres acorridas aos passeios para dizer adeus aos cossacos; e pelo bronze queimado das faces dele não era suor, mas um suco amargo de absinto, o que lhe escorria para o bigode negro.

Rapariga linda, eu gosto de ti,
Eu gosto, eu gosto, eu gosto de ti.

Na linha, a locomotiva sob pressão, emitia breves apitadelas de aviso.

Eram comboios, comboios, comboios e mais comboios. Pelas suas artérias, a Rússia transtornada impelia para a fronteira ocidental o seu sangue, de capotes cinzentos.

VIII

No burgo de Torjok, o regimento foi redividido em esquadrões. Por ordem do Estado-Maior da Divisão, o sexto esquadrão foi posto à disposição do Terceiro Corpo de Infantaria e em formação de marcha alcançou a região de Pelikáliê, onde instalou alguns destacamentos.

A fronteira estava ainda guardada pelas nossas unidades fronteiriças habituais. As unidades de infantaria e de artilharia chegavam continuamente. Ao anoitecer do dia 24 de Julho, entraram no burgo um batalhão do 108.º Regimento Glébov e uma bateria. Muito perto dali, na propriedade de Alekssandróvski, havia um posto de cossacos, sob o comando de um sargento.

Na noite de 27, o capitão Popov convocou o ajudante e o cossaco Asstakhov.

Quando Asstakhov voltou para o pelotão, era já noite fechada. Mitka Korchunov acabava de trazer o seu cavalo do bebedeiro.

- És tu, Asstakhov?

- Sou.

- Kriutchkov e os outros onde estão?

- Estão ali, na cabana.

Alto, pesado e escuro, Asstakhov penetrou nela, piscando os olhos como os míopes. Sentado à mesa, Chtchególhkov cosia com um fio grosso uma correia partida. Kriutchkov, de mãos cruzadas nas costas, estava de pé, encostado ao fogão e chamava com o olhar a atenção de Ivánekov para o proprietário, um polaco hidrópico, estendido em cima da cama. Tinham estado a rir, e do riso tremiam ainda as faces coradas de Ivánekov.

- Amanhã, rapazes, partimos ao alvorecer para um posto novo.

- Para onde? - perguntou Chtchególhkov, sem despregar os olhos de Asstakhov. E o fio caiu-lhe das mãos.

- Para o burgo de Liubov.

- E quem vai? - inquiriu Mitka Korchunov, que vinha a entrar e pousou à porta um balde que trazia.

- Vão comigo Chtchególhkov, Kriutchkov, Rvátchov, Popov, e tu, Ivánekov.

- E eu, Asstakhov?

- Tu, Mítri, ficas aqui.

- Ora vão vocês para o diabo!

Kriutchkov afastou-se do fogão, espreguiçou-se, fazendo estalar as articulações, e perguntou ao proprietário:

- Quantas verstás são daqui a Liubov?

- Umas quatro.

- É pertinho - disse Asstakhov, que se havia sentado e descalçava as botas. - Mas onde ponho eu as meias a secar?

Partiram ao romper da manhã. À saída da aldeia, uma rapariga descalça tirava água de um poço. Kriutchkov parou o cavalo.

- Dá-me de beber, amorzinho.

A rapariga arregaçou com uma das mãos a saia de fazenda, pondo à mostra as pernas rosadas, e atravessou o charco, patinhando; com os olhos cinzentos sorrindo-lhe sob a orla espessa das sobancelhas, estendeu o balde a Kriutchkov. Este bebeu; o braço com que levantava o balde pesado tremia-lhe do esforço, e a água, rumorejando, reluzindo, caía-lhe, em gotas, sobre o galão vermelho das calças.

- Deus te pague, moça dos olhos cinzentos.

- Louvado seja ele.

Tornou a pegar no balde e afastou-se, virando-se para trás a sorrir.

- Porque te ris tu? Queres vir comigo?

E Kriutchkov ajeitava-se na sela para lhe dar lugar.

- A caminho! - gritou Asstakhov, adiantando-se. Rvátchov encarou ironicamente Kriutchkov.

- Não lhe tiras a vista de cima!

As pernas dela são da cor das pernas das pombas disse Kriutchkov a rir; e todos se viraram, como se a uma voz de comando.

De pés afastados, a rapariga dobrava-se contra a guarda do poço, mostrando as barrigas queimadas das pernas, e o sulco das nádegas, que a saia moldava.

- Não se me dava casar - suspirou Popov.

- Queres que eu te case com o meu chicote? - alvitrou Asstakhov.

- E que fazia eu com um chicote?

- Estás encalmado?

- Temos que o amarrar!

- Só se o capássemos, como a um boi.

Chacoteando, os cossacos haviam metido a trote. Não tardou que do alto de uma colina vissem o burgo de Liubov, que se alargava na concavidade de um vale e num declive suave. Por trás deles, o Sol erguia-se. Uma cotovia gorjeava, pousada num isolador de um poste telegráfico.

Asstakhov, que acabara de frequentar um curso de instrução complementar, havia sido designado por isso chefe do posto. Escolheu uma casa isolada, à ponta do burgo, do lado da fronteira. O proprietário, um polaco de cara rapada e de chapéu de feltro branco, conduziu os cossacos a um armazém e mostrou-lhes onde haviam de pôr os cavalos. Nas traseiras do armazém, para lá de uma estacaria espaçada, verdejava um campo de trevo. Uma rampa subia até ao bosque próximo, ao longe esplendiam searas de trigo, que a estrada atravessava, e novas faixas verdes de trevo reluziam. Num fossozinho por trás do armazém, os cossacos revezavam-se, munidos de um binóculo. Os outros ficavam no armazém, onde fazia fresco e cheirava a trigo guardado, a folhelho, e a caganitas de rato, de mistura com o aroma doce e bafiento da terra húmida.

Enrolado a um canto escuro, ao lado de uma charrua, Ivánekov dormiu até ao fim da tarde. Acordaram-no ao pôr do Sol. Kriutchkov deu-lhe um beliscão no pescoço e disse-lhe:

- Comes à custa do Estado e engordas, ha? A pé, mandrião! Vai espreitar os alemães!
- Não armes em parvo, Kozma!
- Põe-te a pé!
- Já ouvi! Mas não armes em parvo... Eu levanto-me já!

Levantou-se, de face empapuçada, congestionada, sacudiu a cabeça em forma de marmita, solidamente fixada aos ombros largos por um pescoço grosso, espirrou (tinha-se constipado de haver dormido sem resguardo no chão), ajustou a patrona e saiu, de carabina a rojo. Rendeu Chtchególhkov, pegou no binóculo que este lhe deu, e olhou demoradamente para nordeste, para o lado do bosque.

A extensão esbranquiçada do trigo ondulava ao vento, a torrente rubra do sol poente descia do promontório em direcção a um amial. Para além do burgo, uns garotos banhavam-se, gritando, numa ribeirinha que ali fazia uma curva elegante.

Uma voz de contralto chamou: “Stácio! Stá-cio, vem cá!” Chtchególhkov enrolou um cigarro, e disse ao ir-se embora:

- Repara como o poente está vermelho. É sinal de vento.
- Pois, pois!

À noite, desselaram os cavalos. As luzes e o rumor do burgo extinguíram-se. No dia seguinte, Kriutchkov chamou Ivánekov.

- Vamos ao burgo.
- Fazer o quê?
- Comer qualquer coisa e beber um copo.
- É brincadeira! duvidou Ivánekov.

- É como te digo. Perguntei ao proprietário. Vês aquela barraca lá adiante, ao pé do armazém de tijolos? Kriutchkov apontava-a com o indicador, de unha crescida. É uma taberna. Há lá cerveja. Anda daí!

Puseram-se a caminho. Mas Asstakhov, que estava à porta, viu-os e chamou-os:

- Onde vão vocês?

Kriutchkov, que era mais antigo que ele no serviço, replicou com despreocupação:

- Voltamos já!
- Não se demorem, rapazes!
- Escusas de berrar!

Recebeu-os à porta com cordialidade um velho judeu, de cabelos encaracolados nas fontes e olhos esbugalhados.

- Há cerveja?
- Já não tenho, senhor cossaco.
- É para pagar!

- Jesus, Maria, mas julgam que eu?... Ah, senhor cossaco, acreditem num judeu honrado. Já não há cerveja!

- Estás a mentir, judeu!
- Não minto, senhor cossaco, pode crer.

- Ouve bem... - interrompeu-o Kriutchkov, com má cara, ao passo que tirava de uma das algibeiras das calças uma bolsinha coçada. - Ou nos dás cerveja, ou eu me zango.

O judeu apertou a moeda na palma da mão, baixou as pálpebras, e entrou em casa. Um instante depois, apareceu com uma garrafa de vodka, húmida e com palhas de cevada no gargalo.

- E dizias tu que não tinhas. Ha, velhote?
- O que eu disse é que não tinha cerveja.
- Dá-nos qualquer coisa que se coma.

Com uma palmada no fundo da garrafa, Kriutchkov desrolhou-a, e encheu até acima um copinho esbeçado.

Quando abalaram, iam meio bêbedos. Kriutchkov dava bordos nas ruas e com os punhos cerrados ameaçava as janelas escancaradas como olhos vazados.

No armazém, Asstakhov bocejava. Do outro lado da parede, os cavalos mastigavam o feno, com um ruído molhado.

À tardinha, Popov partiu com o relatório do dia, que decorrera a não se fazer nada.

Pôs-se o Sol. Veio a noite. Por sobre o burgo, a Lua amarela luzia.

De espaço a espaço, no jardim, por detrás da casa, uma maçã madura caía de uma macieira, molemente, no solo. Por volta da meia-noite, Ivánekov ouviu cavalos nas ruas do burgo. Saiu do fosso e olhou; mas uma nuvem encobria a Lua: era impossível ver fosse o que fosse na escuridão baça.

Foi acordar Kriutchkov, que dormia à entrada do armazém.

- Kozma! Oiço cavaleiros. Levanta-te.

- Onde vêm eles?

- Estão a entrar na aldeia.

Saíram. Na rua, a umas cinquenta ságenas, ouviram o som duro dos cascos.

- Vamos para o jardim. Ouvimos melhor de lá. Correram ao longo da casa para o jardimzinho e estenderam-se junto à sebe.

Havia um barulho surdo de vozes, estribos tiniam, rangiam selas. Aquilo ia-se aproximando. Já se observavam agora figuras confusas de cavaleiros.

Em filas de quatro, estes avançavam.

- Quem vem lá?

- Que é que tu queres? - ripostou de uma das primeiras filas uma voz de tenor.

- Quem vem lá? Responde, ou atiro! - E a culatra da carabina de Kriutchkov soou.

- Alto! - Um dos cavaleiros reteve o cavalo e abeirou-se da sebe. - Somos um destacamento da guarda fronteira. E vocês são algum posto?

- Exactamente! Somos um posto.

- De que regimento?

- Do terceiro de cossacos.

- Com quem estás a falar, Tríchine? - inquiriu uma voz na escuridão.

- É um posto cossaco, Vossa Nobreza.

Outro cavaleiro surgiu.

- Viva, cossacos!

- Viva! - replicou Ivánekov, após um silêncio.

- Há muito tempo que estão aqui?

- Desde ontem.

O segundo que chegara riscou um fósforo para acender um cigarro, e Kriutchkov viu um oficial com a farda da guarda fronteira.

- O nosso regimento foi retirado da fronteira disse o oficial, cujo cigarro luziu. Tomem bem conta de que são vocês agora quem está na primeira linha. É provável que o inimigo se atreva até aqui amanhã.

- E o senhor para onde vai, Vossa Nobreza? - perguntou Kriutchkov, sem tirar o dedo do gatilho.

- Vamo-nos juntar ao nosso esquadrão, que está a duas verstás. Vamos! Em frente, rapazes! Boa sorte, cossacos!

- Boa jornada!

O vento afastara a cortina de nuvens que cobria a Lua; e uma luz de um amarelo mortiço inundava agora o burgo, o telhado do armazém, o destacamento que subia a colina.

No outro dia, de manhã, foi Rvátchov quem partiu com o relatório. Asstakhov tinha proposto ao proprietário, e este concordado, mediante um preço razoável, que se ceifasse trevo para os cavalos, os quais ficaram selados durante a noite. Saberem-se frente a frente com o inimigo assustava os cossacos. Enquanto souberam que tinham de permeio a guarda fronteira, não haviam sentido aquela impressão de abandono e de isolamento; sentiam-na agora, informados como estavam de a fronteira estar desguarnecida.

O campo do proprietário não ficava longe do armazém. Asstakhov havia designado Ivánekov e Chtchególhkov para ceifar. Toucado do seu chapéu de feltro, como de uma flor de bardana seca, o proprietário tinha-os acompanhado até lá. Chtchególhkov ceifava e Ivánekov apanhava e enfeixava a erva húmida e pesada. Entrementes, Asstakhov, que com o binóculo vigiava a estrada da fronteira, reparou num garoto que vinha a correr do sudoeste através dos campos. O garoto galgou encosta abaixo, como uma lebre antes da muda do pêlo, e gritou qualquer coisa, agitando as mangas largas do casaco. Ao alcançar Asstakhov, respirou fundo e exclamou, rebolando os olhos redondos:

- Cossaco, cossaco, os alemães vêm aí. Vêm por acolá.

E estendia o braço, menor que a manga; Asstakhov assestou o binóculo e viu ao longe, no círculo das lentes, um grupo compacto de cavaleiros. Sem deixar de olhar, bradou:

- Kriutchkov!

Este irrompeu de uma porta lateral do armazém e olhou em torno.

- Corre a chamar os rapazes! São os alemães! Uma patrulha de alemães.

Asstakhov ouviu o rumor dos passos de Kriutchkov que se afastava a correr; via agora nitidamente pelo binóculo o grupo de cavaleiros que passava por detrás de uma faixa de erva ruça.

Distinguia mesmo os tons da pelagem dos cavalos baios e o azul-escuro dos uniformes. Os alemães eram mais de vinte. Avançavam em grupo compacto, ao calhar; vinham do sudoeste, quando, pelas informações que ele recebera, os esperava do noroeste. Tinham atravessado a estrada e progrediam obliquamente ao longo da crista da colina, por sobre a depressão de terreno em que ficava o burgo de Liubov.

Ivánekov estava a enfeixar uma porção de erva, soprando do esforço e mordendo a língua, cuja ponta lhe assomava por entre os lábios contraídos. O proprietário, o polaco de pernas em arco, chupava a boquilha, ao lado dele. De mãos enfiadas no cinto e sobranceiras franzidas, olhava, por sob a aba do chapéu, para Chtchególhkov que estava ceifando.

- Achas tu que isto é uma foice? - resmungou Chtchególhkov, agitando com ira a foicezinha minúscula, que parecia um chicote. - Tu ceifas com isto?

- Eu ceifo tornou-lhe o polaco, de língua à roda da ponta ratada da boquilha, e desenfiando um dedo do cinto.

- Com uma foice destas, o que podes ceifar, se tanto, são os pêlos de certo sítio da tua mulher.

- Eh-eh! - assentiu o polaco.

Ivánekov deu uma casquinada. Ia a dizer qualquer coisa, mas, ao virar-se, reparou em Kriutchkov que corria campos fora. Vinha de sabre erguido acima da cabeça e avançava aos saltos, por causa dos torrões que cobriam o solo.

- Larguem tudo!

- Mas que mais há? - perguntou Chtchególhkov, espetando na terra a ponta da foice.

- São os alemães!

Ivánekov atirou para o lado o feixe de erva. O proprietário fugiu para casa, curvado, quase tocando no chão com as mãos, como se por cima da cabeça lhe assobiassem já balas.

Mal eles tinham alcançado o armazém e montado a cavalo, ofegantes, viram uma companhia de infantaria russa que entrava no burgo, vinda do lado de Pelikáliê. Galoparam ao encontro dela. Asstakhov relatou ao comandante da companhia que uma patrulha alemã progredia ao longo da colina que rodeava o burgo. O capitão fitou com expressão carrancuda as botas salpicadas de poeira e inquiriu:

- Quantos são eles?

- Mais de vinte.

- Cortem-lhes vocês o caminho, enquanto nós atiramos daqui sobre eles. - E, virando-se para a companhia, fê-la formar e avançar a passo acelerado.

Quando os cossacos atingiram a crista da colina, já os alemães iam distantes e atravessavam a trote a estrada de Pelikáliê. À frente deles ia um oficial, montado num cavalo baio claro, de rabo cortado.

- Vamos apanhá-los! comandou Asstakhov. Devemos cair em cima deles na altura do segundo posto!

Um guarda fronteiriço a cavalo, que se lhes juntara, deixou-se ficar para trás.

- Que é isso? Deixas-nos, irmão? - gritou-lhe Asstakhov, virando-se.

O guarda fronteiriço fez um gesto de desânimo, e a passo tornou a descer para a aldeia. Os cossacos iam a trote largo. Distinguiam agora claramente os uniformes azuis dos dragões alemães, que a trote curto se dirigiam para o segundo posto russo, instalado numa propriedade a umas três verstás do burgo, e se voltavam para ver os cossacos. A distância entre uns e outros ia diminuindo.

- Fogo! - bradou Asstakhov em voz rouca; e saltou da sela.

De pé, de rédeas enroladas nas mãos, os cossacos atiraram. O cavalo de Ivánekov empinou-se, fazendo cair o dono. Ao cair, Ivánekov viu um alemão tombar: primeiro inclinando-se vagarosamente para um lado, para, de repente, se estatelar, de braços abertos. Sem pararem e nem sequer sacarem das carabinas, os alemães meteram a galope. Iam agora mais espaçados uns dos outros. O vento enrolava-lhes as bandeiras nas lanças. Asstakhov foi o primeiro a tornar a montar. Os cossacos chicotearam os cavalos. A patrulha alemã virou para a esquerda em ângulo agudo e os cossacos que os perseguiam passaram a umas quarenta ságenas do alemão derrubado, À frente deles, a paisagem era acidentada, semeada de valesinhos pouco profundos, entrecortados de barrancos. Mal viram os alemães subir a vertente oposta de um dos vales, de novo os cossacos se apearam e todos esvaziaram na direcção deles os carregadores. Perto do segundo posto, outra vez outro alemão foi atingido.

- Cacei-o! - exclamou Kriutchkov, enfiando o pé no estribo.

- Os nossos estão a sair da herdade... O segundo posto está ali... - rosnou Asstakhov; e os seus dedos amarelados de fumador meteram um novo carregador na câmara da carabina.

Os alemães tinham voltado a pôr os cavalos a trote igual. Ao passarem pela herdade, relancearam-na. Mas o pátio estava deserto; insaciável, o sol lambia os telhados dos edifícios. Asstakhov atirou, mesmo montado. Um alemão que ficara um pouco para trás abanou a cabeça e esporeou o cavalo.

Só mais tarde é que o caso se esclareceu: tendo sabido que os fios telegráficos haviam sido cortados a meia verstá da herdade, os cossacos do segundo posto tinham abalado durante a noite.

- Vamos empurrá-los para o primeiro posto! - berrou Asstakhov para os outros.

Foi só então que Ivánekov notou que Asstakhov tinha o nariz esfolado, e que uma pelezinha lhe pendia de uma das narinas.

- Porque não se defenderão eles? - perguntou ele angustiado, ajeitando a carabina nas costas.

- Espera que hás-de saber... - obtemperou-lhe Chtchególhkov, resfolegando como um cavalo mormoso.

Os alemães desapareceram no primeiro vale adiante, sem olhar para a retaguarda. Do outro lado havia uma terra escura, lavrada, e do lado dos cossacos uma profusão de ervas daninhas e de silvados dispersos. Asstakhov fez estacar o cavalo, e limpou às costas de uma das mãos as gotas de suor da testa. Fitou os outros, esgarrou e disse:

- Ivánekov, vai até àquele vale acolá, ver para onde eles vão.

Cor de tijolo, de corado, de costas alagadas em suor, Ivánekov passou a língua sequiosa pelos lábios secos e partiu.

- Calhava-me agora um cigarrinho! - disse Kriutchkov a meia voz; e sacudiu um atabão com o chicote.

Ivánekov ia a passo, de pé nos estribos, para ver o fundo da depressão do terreno. Avistou primeiro as pontas oscilantes das lanças, e depois, de súbito, os alemães, que haviam virado as rédeas às montadas e carregavam a galope, encosta acima. De sabre alçado, como nas estampas, o oficial vinha à frente. No tempo de virar o cavalo, Ivánekov fixou na memória a face glabra e grave do oficial e o seu belo garbo. O galope dos cavalos alemães era, no coração dele, como uma chuvada de pedra. Nas costas, sentia até à dor a algidez pungente da morte. E em sentido contrário rompeu veloz, sem uma palavra.

Asstakhov nem teve tempo de guardar o saquinho do tabaco, que lhe caiu rente à algibeira.

Vendo os alemães perseguindo Ivánekov, Kriutchkov foi o primeiro que arrancou. O flanco direito dos alemães cortava a retirada a Ivánekov. com espantosa rapidez, iam-se aproximando dele. Ivánekov chicoteava o cavalo e virava-se na sela. A cara, que se lhe tornara cinzenta, contraía-se-lhe espasmodicamente, e os olhos exorbitavam-lhe. Dobrado sobre o arção da sela, Asstakhov galopava à frente de todos. Atrás de Kriutchkov e à= Chtchególhkov uma nuvem de poeira castanha crescia.

“Pronto! Estou apanhado!” Desesperado, Ivánekov nem pensava em se defender; enrolado em bola o forte corpanzil, encostava a cabeça ao pescoço do cavalo.

Um alemão grandalhão e ruivo alcançou-o e deu-lhe uma lançada nas costas. A ponta da lança atravessou-lhe o cinturão e penetrou-lhe de viés meio verchok (*Medida equivalente a 4,4 cm*) no corpo.

- Voltem para trás!... - gritou Ivánekov dementado, desembainhando o sabre.

Aparou segunda lançada que o alemão lhe atirara à ilharga, e, de pé nos estribos, atingiu nas costas o alemão que lhe vinha à esquerda. Cercaram-no. O cavalo alto de outro alemão embateu com o peito contra o flanco do dele e por pouco o não derrubou; Ivánekov viu mesmo perto dele, ao seu alcance, a mancha medonha da face inimiga.

Asstakhov foi o primeiro que acudiu. Repeliram-no. Defendia-se com o sabre, movendo-se na sela como uma enguia, de boca arreganhada, face transtornada, como a de um cadáver. A ponta de um sabre feriu Ivánekov no pescoço. Um dragão surgiu-lhe à esquerda subitamente, e o relâmpago de outro sabre perpassou-lhe diante dos olhos. Ivánekov aparou o golpe: o aço contra o aço tiniu com estridor. Uma lança enganchara-se-lhe no talim, pela parte de trás, e encarniçadamente o puxava, buscando arrancar-lho do ombro. Por trás da cabeça erguida de um cavalo, Ivánekov viu a cara congestionada e sardenta de um alemão de meia-idade. O maxilar inferior tremia-lhe, com grandes sabradas desordenadas, o alemão procurava atingir Ivánekov no peito. Mas o sabre dele era curto de mais. O alemão largou-o, e tentou tirar a carabina do coldre amarelo, fixado à sela, sem despregar de Ivánekov os olhos castanhos, aterrorizados, que incessantemente piscavam. Não teve, porém, tempo para isso. Apontada por cima do cavalo, a lança de Kriutchkov varou-o, rasgando-lhe no peito o uniforme azul. O alemão tombou para trás, emitindo um grito de pavor e de surpresa:

- Mein Gott! (*Meu Deus!*).

Oito dragões rodearam Kriutchkov. Queriam apanhá-lo vivo; mas ele empinou o cavalo, e com o corpo todo às voltas na sela, despediu sabradas até lhe fazerem saltar o sabre da mão. Arrancou então a lança a um alemão, e brandiu-a como num exercício.

Os alemães abriram uma clareira e davam sabradas na lança. Junto a um campozinho triste de terra argilosa, lavrado de fresco, alemães e cossacos aglomeravam-se, não paravam, oscilando ao chocarem uns contra os outros, como batidos pelo vento. Ensandecidos pelo medo, espetavam e batiam em tudo o que podiam: costas, braços, cavalos, armas... Espavoridos, os cavalos empurravam-se e derribavam-se ao acaso. Ivánekov, refeito, repetidamente procurara atingir no crânio um dragão loiro, de face comprida, que o assediava, mas de cada vez o sabre lhe escorregava contra a borda do capacete do outro.

Asstakhov rompeu o círculo e partiu a galope, a escorrer sangue. O oficial alemão lançou-se-lhe no encalço. Asstakhov desprende a espingarda do ombro e matou-o quase à queima-roupa. Isto decidiu da sorte do combate. Perdido o oficial, os alemães, atingidos todos eles pelos golpes furiosos dos cossacos, dispersaram-se e fugiram. Estes não atiraram sobre eles. Dali galoparam directamente para Pelikáliê, a juntar-se ao esquadrão. Os alemães recolheram um dos seus camaradas, ferido, que caíra da sela, e abalaram direitos à fronteira.

Ao fim de meia verstá, Ivánekov oscilou na sela.

- Eu estou... Ai, que vou cair!

Parou o cavalo. Mas Asstakhov segurou-lhe as rédeas.

- Para a frente!

Kriutchkov limpava o sangue da cara e palpava o peito. Manchas vermelhas ensopavam-lhe o dólman.

Ao chegarem à herdade em que o segundo posto estivera instalado, divergiram de opinião.

- É para a direita! - dizia Asstakhov, apontando um lameiro incrivelmente verde no meio de um amial, nas traseiras do pátio.

- Não é. É para a esquerda! - teimava Kriutchkov.

E cada qual meteu por seu lado. Asstakhov e Ivánekov foram os últimos a chegar. À entrada do burgo, esperava-os o esquadrão em peso.

Ivánekov largou as rédeas, saltou da sela, cambaleou e caiu. com dificuldade lhe soltaram o sabre da mão petrificada.

Uma hora depois, o esquadrão inteiro partiu para o sítio em que o oficial alemão havia sido morto. Tiraram-lhe as botas, o uniforme e as armas, empurrando-se uns aos outros, para lhe observarem a face jovem, grave, e já amarela. Tarássov, de Usst-Khopérsskaia, conseguiu apanhar-lhe o relógio de prata, que ali mesmo vendeu ao sargento do seu pelotão. Na carteira encontrou-se algum dinheiro, uma carta, um caracol de cabelos loiros num papel dobrado, e a fotografia de uma rapariga sorrindo, de boca orgulhosa.

IX

Isto transformar-se-ia posteriormente num feito. com base no relatório do seu comandante de esquadrão, de quem era o preferido, Kriutchkov recebeu a cruz de São Jorge. Os camaradas dele ficaram na sombra. O herói foi transferido para o Estado-Maior da Divisão, onde até ao fim da guerra não fez mais nada, mas recebeu mais três medalhas, porque várias damas influentes e oficiais vieram de propósito vê-lo de Moscovo e de Petrogrado (*Antes chamada Petersburgo, com a sua etimologia alemã, passou a então capital do império russo, em 1914, por virtude da guerra com a Alemanha, a chamar-se à russa Petrogrado. Desde 1924, após a morte de Lénine, que, em homenagem a ele, se chama, como é sabido, Leninegrado*). Pasmavam as damas, e ofereciam-lhe cigarros de luxo e gulodices. A princípio, ele melindrava-as com os piores palavrões, mas depois, sob a influência favorável dos adutores agaloados do Estado-Maior, transformou o caso em profissão lucrativa: contava o seu “feito”, cujas cores realçava, mentindo sem escrúpulo; e as damas entusiasmavam-se e extasiavam-se perante a cara bexigosa de bandido do herói cossaco. E todos se sentiam contentes.

Um dia em que o tsar visitou o Estado-Maior, mostraram-lhe Kriutchkov. O imperador, arruivado, sonolento, examinou Kriutchkov como se examinasse um cavalo, piscou os olhos tristonhos e empapuçados, e deu-lhe uma palmada num ombro.

- Valente cossaco! - disse ele; e virando-se para a comitiva: - Dêem-me água de Seltz.

Não houve jornal nem revista em que não aparecesse a cabeça esgrouinhada de Kriutchkov. Venderam-se cigarros com o retrato dele no maço. E os comerciantes de Níjni-Nóvgorod ofereceram-lhe um sabre de oiro.

O uniforme que se havia tirado ao oficial alemão morto por Asstakhov foi pregado numa tábua; e o general Von Rennenkampf (*O general Pável Iakóvlevitch von Rennenkampf era o comandante do exército cuja missão consistia em avançar em direcção a Königsberg*) trazia-o no automóvel, com Ivánekov e o seu ajudante de campo a segurarem-no, e mostrava-o às tropas que partiam para as primeiras linhas, a par lhes fazendo discursos oficiais, inflamadíssimos.

Ora o que se havia passado era simples: alguns homens que ainda não tinham tomado o gosto a destruir os seus semelhantes haviam-se encontrado num campo de batalha; tomados de terror animal, tinham-se defrontado, entrechocado, despedido golpes

às cegas, estropiado a eles e aos seus cavalos, e fugido finalmente, espavoridos por um tiro que matara um, cada qual para seu lado, moralmente mutilados. E um feito se chamou a isto.

X

A frente de batalha ainda se não fixara, como uma serpente rígida, ao longo de verstás e de verstás. Na fronteira, havia escaramuças e combates de cavalaria. Nos primeiros dias que se seguiram à declaração de guerra, o comando alemão lançou, como tentáculos, fortes destacamentos de cavalaria, que incomodavam as nossas unidades e se infiltravam por entre os nossos postos, para inquirirem das posições e do número das nossas forças. O 12º exército de cavalaria, sob o comando do general Kalédine, ia à frente do 8.º exército de Brussílov. Mais à esquerda, a 11.ª divisão de cavalaria avançava em território austríaco. As unidades que se haviam apoderado de Lechniúv e Bródi não andavam nem desandavam, porque os austríacos tinham recebido reforços e a cavalaria húngara atacava a nossa com ímpeto, flagelando-a e contendo-a em Bródi.

Desde a batalha de Lechniúv que Grigóri Melekhov lutava intimamente contra uma dor que o oprimia. Havia francamente emagrecido, perdido peso, e muitas vezes, durante as marchas ou o descanso, o sono pesado ou a madorna, revia o austríaco que matara contra o portão de um jardim. com estranha insistência revivia em sonhos aquele seu primeiro combate, e, mesmo sonhando, ao peso da sua recordação, sentia a convulsão da mão direita apertando a haste da lança; ao despertar, recuperando o domínio de si, esforçava-se por esquecer o que sonhara, e com as mãos tapava os olhos, que comprimia até lhe doerem.

A cavalaria espezinhava searas maduras; cobriam os campos marcas de ferraduras, como se o granizo tivesse martelado a Galícia toda. As pesadas botas dos soldados calcavam os caminhos, danificavam as calçadas, chapinhavam na lama do mês de Agosto.

Na zona dos combates, as granadas tinham esburacado, como bexigas, a face carrancuda da terra; e, nos buracos, pedaços de ferro e de aço enferrujavam-se. Todas as noites, clarões escarlates, devoradores, alargavam-se no horizonte: aldeias, burgos, cidadezinhas chispavam, como relâmpagos de uma trovoadas estival. Naquele mês de Agosto, mês dos frutos e dos trigos maduros, o céu manteve-se quase sempre cinzento e triste, e nos raros dias bonitos sufocava-se de calor húmido.

Agosto estava no fim. Nos jardins, as folhas de um amarelo peganhento começavam a adquirir um tom de púrpura mortal e, de longe, as árvores pareciam, laceradas, esvair-se num sangue ruivo.

Grigóri observava com curiosidade as transformações que se haviam produzido nos seus camaradas de esquadrão. Prokhor Zikov, que acabava de sair do hospital com a cicatriz de um coice na cara, mantinha aos cantos dos lábios uma expressão de sofrimento e de inquietação, e piscava ainda mais que antes os seus mansos olhos de vitelo; Egorka Jarkov proferia por tudo e por nada palavras grosseiríssimas, contava poucas-vergonhas mais que até então, e maldizia de tudo no mundo; Emeliane Grochov, patrício de Grigóri, de negro que estava, dir-se-ia carbonizado, e ria-se parvamente, deploravelmente, sem motivo. Todas as caras apresentavam modificações; e em cada homem germinavam e amadureciam a seu modo particular os grãos semeados pela guerra.

O regimento, que havia sido retirado da zona de combate para um repouso de três dias, devia receber reforços provenientes do Don. No momento em que o esquadrão de Grigóri se aprestava para se ir banhar num lago da propriedade em que estava aboletado, saía da estação do caminho-de-ferro, a três verstás dali, um forte destacamento de cavalaria.

Havia o quarto esquadrão acabado de chegar à beira do lago, vinha o destacamento recém-chegado a descer a encosta. De que aqueles cavaleiros eram cossacos ninguém podia ter dúvidas. Prokhor Zikov, flectindo o tronco para trás, estava a tirar a camisa; desenfiou a cabeça e olhou com atenção.

- São dos nossos, são do Don.

Franzindo os olhos, Grigóri observou a coluna que avançava para a propriedade.

- São um reforço.

- E com certeza são para nós.

- Devem ser reservistas.

- Reparem, rapazes! É o Stepane Asstakhov! Ali, na terceira fila! - exclamou Grochov; e teve uma cascalhadinha breve e seca.

- Também eles foram mobilizados!

- E acolá, o Anikuchka!

- Grichka! Melekhov! Olha o teu irmão! Estás a vê-lo?

- Estou.

- Deves-me um copo, meu velho, porque o vi primeiro que tu.

Franzindo as maçãs do rosto, como que sulcadas de trilhos, Grigóri procurava reconhecer o cavalo que Petro montava. “Compraram um novo!” cogitou ele; e o olhar incidiu-lhe na cara do irmão, muito mudado desde a última vez que o tinha visto,

queimado, aparado o bigode loiro, mais claras as sobrancelhas, descoradas pelo sol. Grigóri foi ao encontro do irmão, de boné na mão, baloiçando os braços como num exercício. Cossacos meio despídos largaram tudo e precipitaram-se atrás dele, pisando as frágeis angélicas, de hastes ocas, e as bardanas maduras.

Contornando o jardim, o esquadrão de reforço entrou na propriedade em que o regimento estava. A comandá-lo vinha um capitão corpulento e idoso, de crânio rapado à escovinha, e cujos lábios glabros, autoritários, tinham um recorte duro de madeira.

“Amigo de berrar, com certeza, e ruim” pensou Grigóri, sorrindo ao irmão, e deitando uma olhadela à figura do capitão, bem cingido na farda, e ao seu cavalo, visivelmente de raça kalmuk.

- Esquadrão! - gritou o capitão em voz clara e metálica. - Por pelotões! Um quarto à esquerda, e em frente, marcha!

- Viva, irmão! - exclamou Grigóri, num alvoroço feliz; e riu-se para ele.

- Deus seja louvado! Cá estamos com vocês! E como vai isso?

- Menos mal.

- Estás, então, vivo!

- Pelo menos, até agora.

- Toda a gente lá de casa te manda saudades.

- Como estão eles?

- Estão bem!

De mão apoiada na garupa do seu robusto cavalo baio claro, Petro virou-se todo, lançou um olhar risonho a Grigóri, e continuou o seu caminho, até se sumir, encoberto pelas costas poeirentas de outros cavaleiros, conhecidos e desconhecidos.

- Eh, lá, Melekhov! Recomendações lá da aldeia!

- Também tu vens aí? - E Grigóri de novo sorriu, ao reconhecer Michka Kochevói, com a sua poupa doirada.

- Cá estou! Somos como as galinhas atrás do milho.

- Depressa te fartarás de depenicar. Não apanhes antes alguma bicada!...

- Há-de ser o que for!

Egorka Jarkov, só com a camisa em cima do corpo, chegava do lago, ao pé-coxinho, contorcendo-se, afastando as pernas, a tentar enfiar os calções, que flutuavam à medida que ele avançava.

- Viva, patrícios!

- Oh-oh-oh! Olhem quem ele é! O Egorka Jarkov!

- Então, garanhão, pearam-te?

- Como vai a minha mãe?
- Vai boa!
- Manda-te saudades. Mas não te trago presente nenhum, por causa do carregio.

Egorka escutou estas respostas com uma expressão desabitualmente séria, sentou-se na relva, de rabo nu, e, escondendo a face decepcionada, não atinava em enfiar nos calções a perna que lhe tremia.

Os cossacos, meio desnudos, amontoavam-se por detrás da grade pintada de azul; era por ali, pela álea de castanheiros, que o esquadrão de reforço entrava no pátio.

- Viva, patrício!
- Também tu. compadre Alekssandr.
- É verdade!
- Andreiane! Andreiane! Não ouves, malandro? Perdeste as orelhas?
- A tua mulher manda-te saudades, tu lá, militar!
- Deus a guarde!
- Onde está o Boris Belov?
- De que esquadrão é ele?
- Do quarto, cuido eu.
- E de que terra é?
- De Zatone, da stanitsa de Viochénsskaia.
- E que lhe queres tu? - interveio um terceiro na conversa.
- Preciso vê-lo. Trago uma carta para lhe entregar.
- Morreu há dias em Raibródi, irmão.
- Não estás a falar a sério!
- Dou-te a minha palavra! À minha frente. Uma bala do lado esquerdo do peito.
- Há por aqui alguém do rio Tchórnaia?
- Isso é para acolá!

O esquadrão entrou todo no pátio e formou a meio. A beira do lago encheu-se novamente de cossacos, que voltavam para o banho.

Pouco depois, os recém-chegados tinham-se-lhes juntado. Grigóri estava sentado ao lado do irmão. A terra argilosa exalava um cheiro denso de humidade. Da água espessa da margem emergiam ervas verdes. Enquanto ia catando os piolhos da orla da camisa, Grigóri contava:

- Sinto um peso na alma, Petro. É como se estivesse meio morto. Como se me tivessem moído e remoído mós de moinho

A voz saía-lhe queixosa e áspera, e um vinco negro, que Petro acabava de lhe descobrir com uma impressão de espanto, barrava-lhe de viés a testa, irreconhecível, assustadora, pela mudança, pela distância de si próprio que revelava.

- Mas que se passa? - perguntou Petro, tirando a camisa e pondo a descoberto o torso branco, com que lhe contrastava o pescoço tismado.

- O que se passa - retorquiu Grigóri rapidamente e em voz endurecida pela ira - é que os homens estão desvairados e é melhor não lhes cair nas mãos. Os homens tornaram-se piores que os lobos. Por toda a parte há ódio. Parece-me que, se mordesse outro homem, lhe pegava raiva.

- Já... já mataste alguém?

- Matei!... - quase gritou Grigóri, amarrotando a camisa e arremessando-a para o chão.

Depois, crispou demoradamente os dedos na garganta, como se quisesse arrancar dela qualquer palavra que o afogasse, e olhou à roda.

- Desembucha, homem! - incitou-o Petro, evitando-lhe o olhar.

- A minha consciência mata-me. Em Lechniúv, trespassei um homem com a lança. Foi no ardor do combate... Eu não podia fazer outra coisa... Mas porque escachei eu a cabeça ao outro?

- E isso como foi?

Ora, como foi!... Matei um homem sem necessidade, e agora, por causa desse merdoso, revolvem-se-me as tripas. Todas as noites sonho com o estupor. Eu tenho alguma culpa?

- És tu que ainda não te habituaste. Isso há-de passar.

- O vosso esquadrão vem reforçar o nosso?

- Porquê? Não. Nós fazemos parte do regimento 27.

- Julguei que viessem.

- Não. O nosso esquadrão está ligado a uma divisão de infantaria. É a juntar-nos a ela que nós vamos. Mas o reforço do vosso veio connosco: é gente nova.

- Ah, bem! E se nos fôssemos banhar?

Grigóri despiu prontamente as calças e acercou-se da água, trigueiro, delgado, um pouco curvado; Petro achou-o envelhecido. Estendendo os braços, Grigóri mergulhou de cabeça: e a água verde tornou a fechar-se sobre ele. Açoitando a água com as mãos e movendo preguiçosamente os ombros, nadou direito a um grupo de cossacos que riam no meio do tanque.

Petro tirou devagar a cruz que trazia ao pescoço, com a oração guardada no escapulário que a mãe lhe dera, e pousou tudo por baixo da camisa. Então, com repugnância e cautela, molhou o peito, as costas, frementeu um mergulho, e acercou-se de Grigóri; depois apartaram-se dos outros, e nadaram juntos para a margem oposta, arenosa e coberta de arbustos.

O movimento reanimava, apaziguava Grigóri, que à medida que alongava as braçadas ia falando lentamente, sem a fúria anterior.

- Os piolhos devoram-me. O aborrecimento nem me deixa dar cabo deles. O que me apetecia agora era estar em casa. Tivesse eu asas, e era já. Quanto mais não fosse, para dar uma olhadela. Como está a família toda?

- A Natalia está lá em casa.

- E depois?

- Vai vivendo.

- E o pai e a mãe?

- Lá vão. A Natalia continua à tua espera. Não cessa de pensar que voltarás para a companhia dela.

Fungando e cuspiendo a água que lhe havia entrado pela boca, Grigóri não retorquiu. Petro virou a cabeça para ele, procurando encará-lo nos olhos.

- Podias, ao menos, mandar-lhe cumprimentos nas tuas cartas. Não vê outra coisa senão a ti.

- Mas que quer ela? Colar o que está quebrado?...

- Isto é falar... Cada qual vive das suas esperanças. É uma bela mulher. E honesta. Sempre se portou bem. Quanto a divertir-se, ou seja o que for... não há nada a dizer-lhe.

- Ela devia era arranjar outro.

- Dizes cada disparate!

- Não é disparate. É o que ela devia fazer.

- A questão é com vocês. Eu não tenho nada com isso.

- E a Duniachka?

- Está uma rapariga casadoira. Cresceu tanto no último ano, que, se a visses, nem a conhecias.

- Sério? - admirou-se Grigóri, desanuviando-se.

- É o que te digo. Um destes dias casam-na, e nós nem o bigode poderemos molhar na vodka. São capazes de nos matar estes malandros.

- Lá isso é verdade.

Saíram da água e estenderam-se na areia ao lado um do outro, a aquecer-se ao sol ardente. Michka Kochevói, que passou a nadar por diante deles, deitou meio corpo fora de água.

- Não vens daí, Grichka?

- Já vou. Agora, fico aqui um bocado.

E, enquanto enterrava na areia um besoiro pequeno, Grigóri inquiriu:

- Da Akcínia tens sabido?

- Há dias, antes da declaração da guerra, vi-a na aldeia.

- Que foi ela lá fazer?

- Foi buscar as coisas dela, que tinha deixado em casa do marido.

Grigóri tossiu e construiu um túmulo ao besoiro, alisando o montículo com as palmas das mãos.

- Falaste com ela?

- Cumprimentei-a apenas. Está bem gorda e com ar feliz. Parece não se dar mal com a cozinha do patrão.

- E o Stepane?

- Deu-lhe tudo. Não a tratou mal. Mas tem tu cuidado com ele. Sê prudente! Disseram-me que, quando se embebedar, promete dar-te um tiro no primeiro combate que calhe.

- Ah-ah!

- Não te perdoa.

- Eu sei.

- Sabes que comprei um cavalo novo? disse Petro, para mudar de conversa.

- Venderam, então, os bois?

- Vendemos. Por cento e oitenta rublos. O cavalo custou cento e cinquenta. É um cavalo estupendo. Comprei-o no Tsutzkane (*Afluentes do Tchir, que por sua vez é um afluente da margem direita do Don*).

- E o trigo?

- O trigo foi bom. O que não houve foi tempo de o recolher. Nessa altura, fomos nós mobilizados.

A conversa derivou para a herdade e todo o constrangimento entre eles se dissipou. Grigóri bebia com avidez as notícias de casa. Não se fartava de as ouvir. A ouvi-las, parecia outra vez o rapaz simples e voluntarioso de antigamente.

- Vamos dar mais um mergulho e vestir-nos propôs Petro, arrepiado, e sacudindo a areia do ventre húmido. Sentia as costas e os braços frios.

Os homens saíam em grupo do lago. Perto da paliçada que separava o jardim do pátio da propriedade, Stepane Asstakhov alcançou Petro e Grigóri. Enquanto caminhava, penteava com um pente de corno a poupa de cabelos que lhe caía para os olhos; depois compô-la por sob a pala do boné. Chegado à altura de Grigóri, atirou:

- Viva, amigo!

- Viva!

Retardando o passo, Grigóri deitou a Stepane um olhar o seu tanto perturbado, o seu tanto culpado.

- Não te esqueceste de mim?

- Quase.

- Pois eu lembro-me de ti - disse Stepane, com um sorriso irónico, passando adiante sem parar, para agarrar pelos ombros um cossaco com divisas de sargento que ia à frente dele.

Ao cair da noite, chegou pelo telefone, do Estado-Maior da Divisão, a ordem de partida para as primeiras linhas. Num quarto de hora, o regimento estava pronto; abalou a cantar, completado pelos homens de reforço, para tapar uma brecha aberta pela cavalaria magiar.

No momento de se despedirem, Petro meteu nas mãos de Grigóri uma folha de papel dobrada em quatro.

- Que é isto? - perguntou Grigóri.

- É uma oração que copiei para ti. Guarda-a.

- Mas isto serve para alguma coisa?

- Não troces, Grigóri!

- Não troço.

- Então, adeus, irmão. Desejo-te saúde. Não corras à frente dos outros, porque a morte não perdoa aos estouvados. Toma cautela! - gritou-lhe Petro.

- Afinal, qual é o préstimo da oração?

Petro fez um gesto vago.

Até às onze horas, avançaram sem qualquer precaução. Depois, os ajudantes fizeram passar de boca em boca a ordem de se fazer o menos barulho possível e de se apagarem os cigarros. De detrás da orla de uma floresta distante, no meio de um fumo violáceo, subiam foguetões.

XI

Era um caderno pequeno, com capas de marroquim castanho. Os cantos gastos e revirados mostravam que o dono o trouxera muito tempo na algibeira. Enchia-lhe as páginas uma escrita inclinada e grossa...

“... Há já algum tempo que comecei a sentir a necessidade de escrever o que me acode ao pensamento. Quero manter uma espécie de “diário”, como uma menina de um colégio. Primeiro que tudo, é dela que falarei. Foi em Fevereiro, só me não lembro do dia, que lhe fui apresentado pelo estudante Boiaríchkine, que é da mesma terra que ela. Encontrei-os à entrada de um cinematógrafo. Ao apresentar-nos, Boiaríchkine disse: “Lisa é de Viochénsskaia. Vais gostar de a conhecer, Timófei. É uma bela rapariga.” Recordo-me de ter proferido alguns sons inarticulados e de ter apertado na minha a mão dela, mole e húmida. Assim principiaram as minhas relações com Elisaveta Mokhova. À primeira vista compreendi que era uma rapariga perversa: nesta espécie de mulheres, os olhos dizem logo tudo. Produziu em mim, confesso-o uma impressão pouco favorável: primeiro, aquela mão quente e peganhosa; depois, os olhos, a bem dizer, muito bonitos, cor de avelã, mas ao mesmo tempo desagradáveis.

Vássia, meu amigo, é de propósito que estou a apurar o estilo, e que recorrerei mesmo a imagens, para que, quando este “diário” te chegar a Sèmipalatínssk, tu tenhas uma ideia exacta do que se passou. (Porque é esta a minha intenção: enviar-to tão depressa finde esta minha aventura amorosa com Elisaveta Mokhova, convencido de que talvez a sua leitura te distraia um pouco.) Mas volto ao começo do caso: travei, pois, conhecimento com ela, e lá entrámos os três, para assistirmos a uma inépcia ultra-sentimental. Boiaríchkine não abria a boca (doía-lhe um dente “queixaí”, como ele diz), e, quanto a mim, com dificuldade mantive a conversa. Descobrimos, ela e eu, que éramos patrícios, quer dizer que as nossas stanitsas eram próximas, e, após uma troca de recordações comuns acerca da beleza das paisagens da estepe, e outras coisas que tais, ambos nos calámos. Calado me conservei eu sem esforço, se é legítimo exprimir-me deste modo; e também ela não pareceu perturbada de a nossa conversa se ter esgotado tão depressa. Disse-me que estava no segundo ano de Medicina, que é de uma família de comerciantes, e que gosta muito de chá e do tabaco de Assmolov. Como vês, são informações magríssimas

para que eu ficasse a conhecer uma virgem de olhos cor de avelã. Ao separarmo-nos (eu e Boiaríchkine acompanhámo-la à paragem do eléctrico), convidou-me a visitá-la. Apontei a direcção. Penso lá ir no dia 28 de Abril.

29 de Abril.

Estive hoje em casa dela. Ofereceu-me chá e khalvá (*Guloseima oriental, feita com avelãs, açúcar e azeite*. (16) *Autor de romances eróticos, célebre na época*). No fundo, é uma rapariga interessante. Tem a língua acerada e é bastante inteligente; simplesmente, cheira demasiado a Artzibachev. Deixei-a já tarde. Quando cheguei a casa, fumei alguns cigarros e pensei em coisas sem qualquer relação com ela, em especial em dinheiro. Tenho o fato coçado e falta-me o “capital”. De um modo geral, ando com a macaca.

1 de Maio.

O dia de hoje ficou marcado para mim por um acontecimento. Em Sokólniki, onde muito inocentemente estávamos a matar o tempo, aconteceu-me ver a polícia e um destacamento de cossacos de uns vinte homens dispersar uma manifestação de operários do primeiro de Maio. Um bêbedo bateu no cavalo de um cossaco com um pau e o cossaco começou a usar do chicote. (A mim próprio pergunto porque é que entre nós o chicote se chama nagaika, quando chicote é uma palavra tão boa.) Aproximei-me e meti-me de permeio. Confesso com franqueza que me impeliram a isso os sentimentos mais nobres. Meti-me, pois, de permeio, e chamei ao cossaco bruto e outras coisas equivalentes. Ele levantou o chicote contra mim; mas eu disse-lhe com firmeza suficiente que também era cossaco, da stanitsa de Kaménsskaia, e que lhe podia arranjar um trinta-e-um. Aconteceu que o cossaco era boa pessoa, novo ainda, e ainda não corrompido pelo serviço militar. Respondeu-me que era de Usst-Khopérsskaia e grande jogador de murro. Despedimo-nos bons amigos. Fosse ele outro, e teria havido sarilho, de que eu podia ter-me saído mal. A minha intervenção explica-se por Elisaveta fazer parte do nosso grupo, e, na presença dela, me pruir facilmente a tentação das “atitudes”. Aos meus olhos me transformo em galo: parece-me que por sob o boné me cresce uma crista invisível... Vê tu como eu estou!

3 de Maio.

A minha disposição é terrível. Além do mais, estou sem dinheiro. As minhas calças rasgaram-se, entre as pernas, para dizer tudo, como uma melancia do Don estala, quando está muito madura. A minha esperança de a costura se aguentar é uma ilusão. Quem se lembraria de coser uma melancia? Volodka Strejnev veio visitar-me. Amanhã vou às aulas.

7 de Maio.

Recebi dinheiro do meu pai. Ralha-me na carta que me escreveu; mas eu pouco me importo com isso. Se o meu pai soubesse como os meus pilares morais começam a ruir!... comprei um fato novo. A minha gravata dá nas vistas de toda a gente; até dos cocheiros. Cortei o cabelo num barbeiro da rua Tvérskaia. Saí de lá que parecia um caixeiro de uma loja de modas. O polícia da esquina da rua Sadovo-Triumfálnaia sorriu-me. O desavergonhado! Dir-se-ia que, vestido assim, há o que quer que seja de comum entre mim e ele. E há três meses atrás? Mas o que lá vai lá vai... Vi Elisaveta por acaso, através do vidro de um eléctrico. Ela acenou-me com a mão enluvada, e eu sorri-lhe. Que figura ando eu a fazer?

8 de Maio.

“Ao amor todas as idades são submissas.” Revejo a boca do marido de Tatiana, escancarada como a bocarra de um canhão. Lá do alto da galeria, eu sentia uma vontade irresistível de escarrar naquela boca. E sempre que tal frase me vem à memória, principalmente o fim: “sub-mi-i-ssas...”, contraio os maxilares, a dominar um bocejo. É nervoso, muito provavelmente.

O facto, porém, é que por minha vez, com a idade que tenho, estou apaixonado. No momento em que escrevo isto, sinto os cabelos porem-se-me em pé... Estive em casa de Elisaveta. Comecei por circunlóquios e com muita ênfase. Ela fez de conta que não me entendia e procurou desviar a conversa. Não será ainda demasiado cedo? Oh, diabo! Este meu fato escangalhou tudo!... Olho-me ao espelho: acho-me irresistível. Tenho de me declarar. A reflexão, em mim, domina tudo o riais. Se não me declaro imediatamente, dentro de dois meses será já tarde; terei as calças tão gastas, tão manchadas de suor em certo sítio, que não poderei pensar em declarações. Escrevo isto e sinto admiração por mim, ao verificar a que ponto em mim se reúnem os melhores sentimentos dos melhores homens da nossa época: a paixão ao mesmo tempo terna e ardente e “a voz firme da razão”, enfim, uma salgalhada de virtudes, não falando noutros atributos.

Não consegui acabar os meus preliminares de abordagem. Interrompeu-nos a dona da casa, que a chamou ao corredor; ouvi-a pedir-lhe dinheiro emprestado. Ela disse-lhe que não podia, embora o tivesse. Sabendo isto como o sabia, imaginei a cara dela no momento de o dizer, com voz franca e nos olhos cor de avelã uma grande expressão de sinceridade. O meu desejo de lhe falar de amor desvaneceu-se.

13 de Maio.

Estou profundamente apaixonado. Não tenho a mínima dúvida a este respeito. Sinto-o com toda a evidência. Amanhã declaro-me. Mas até agora ainda não sei em que termos o farei.

14 de Maio.

O que sucedeu é que eu não esperava. Caía uma chuva morna e agradável. Nós íamos pela rua Mokhóvaia. Um vento oblíquo varria as placas do passeio. Enquanto eu falava, ela caminhava sem responder, de cabeça baixa, como se reflectisse. Do chapéu para as faces pingavam-lhe fios de chuva. Estava linda. Aqui vai a nossa conversa:

- Elisaveta Serguêievna, já lhe expus o que sinto. Fale agora você.

- Tenho dúvidas sobre a sinceridade dos seus sentimentos.

Encolhi os ombros da maneira mais parva possível, e titubeei que lho podia jurar, ou qualquer outra coisa no género. E ela disse-me:

- Porque se exprime você como os heróis de Turguéniev? Porque não é mais simples?

- Não se pode ser mais simples que isto: amo-a.

- E depois?

- Depois, você o dirá!

- Quer também uma declaração minha?

- Quero uma resposta.

- Pois bem, Timófei Ivánovitch... Que lhe hei-de eu dizer? Você não me desagrada... É um rapaz muito alto.

- E ainda hei-de crescer mais prometi eu.

- Mas conhecemo-nos tão pouco!... A vida em comum...

- Com o tempo nos conheceremos melhor.

Com a palma da mão rosada enxugou a cara ensopada da chuva, e disse:

- Está combinado. Juntemo-nos. Depois se verá. Dê-me simplesmente tempo de acabar com a minha ligação antiga.

- Quem é? - inquiri eu, interessado.

- Você não o conhece. É um médico, um especialista de doenças venéreas.

- Quando ficará você livre?

- Espero que na sexta-feira.

- E viveremos juntos? Quero eu dizer: no mesmo quarto?

- Sim. Acho que é mais cómodo. Você larga o seu quarto e vem para o meu.

- Porquê?

- Porque eu tenho um quarto muito confortável. É limpo e a senhoria é uma pessoa simpática.

- Não lhe fiz objecções. Separámo-nos à esquina da rua Tvérskaia. E, com grande espanto de uma senhora que passava, beijámo-nos.

- Que me reservará o futuro?

22 de Maio.

Estou em plena lua-de-mel. O “mel” da minha disposição azedou hoje, porque Lisa me disse que eu estava necessitado de nova roupa branca. Efectivamente, a minha roupa branca está numa lástima, de velha. Mas o dinheiro, que é dele?... É o meu o que se gasta, e não é muito. Tenho de arranjar trabalho.

24 de Maio.

A tal roupa branca tinha eu decidido adquiri-la hoje. Mas Lisa forçou-me a uma inesperada despesa. Quis por força jantar num restaurante bom e comprar umas meias de seda. Jantámos e compraram-se as meias. Eu é que fiquei num desespero: adeus, minha roupa branca!

27 de Maio.

Ela acaba comigo. Estou fisicamente chupado, como uma haste nua de girassol. Não é uma mulher, mas uma fogueira.

2 de Junho.

Acordámos hoje às nove horas. O meu maldito hábito de mexer os dedos dos pés deu o seguinte resultado: ela levantou a colcha e examinou-me os pés demoradamente. O seu exame resumiu-o assim:

- Isto não são pés: são cascos de cavalos. Pior ainda! E, depois, esses pêlos que tu tens nos dedos! Irra!

Teve um arrepio de repugnância, enfiou-se por baixo da colcha e virou-se para a parede.

Eu sentia-me confuso. Encolhi as pernas e toquei-lhe com uma mão num ombro.

- Lisa!

- Deixa-me!

- Lisa! Isto não está certo. Eu não posso mudar o feitio dos meus pés: não os mandei fazer de encomenda. Quanto aos pêlos, crescem onde calha, sem nos pedir licença. Como estudante de Medicina devias saber que são uma coisa natural.

Ela voltou-se para mim. Os olhos cor de avelã assumiram um tom mais escuro, desagradável.

- Faça o favor de comprar hoje mesmo um pó contra a transpiração: os seus pés cheiram a cadáver.

Observei-lhe em réplica que as palmas das mãos dela estavam constantemente húmidas. Ela calou-se, mas, para me exprimir em “estilo elevado”, uma sombra desceu dentro de mim... O caso não é só de pés, nem de pêlos ..

4 de Junho.

Passeámos hoje de barco no rio Moscovo. Evocámos o Don. Elisaveta comporta-se de uma forma indigna: passou o tempo a trocar de mim, e por vezes com grande maldade. Ripostar-lhe equivalentemente seria provocar um rompimento, e isso não o quero eu. Apesar de tudo, cada vez estou mais preso a ela. É uma mulher caprichosa, simplesmente. Receio que a minha influência não chegue para lhe modificar fundamentalmente o carácter. É uma deliciosa, mas extravagante rapariga. Uma rapariga, aliás, que já viu coisas que eu só sei de ouvir. No regresso a casa, entrou comigo numa farmácia e, a sorrir, comprou pó de talco e não sei que outra porcaria.

Isto é para ti, para a transpiração. Inclinei-me com galantaria e agradei-lhe. É ridículo, mas é assim.

7 de Junho.

A bagagem intelectual dela é muito pobre. No resto é que já não tem nada que aprender.

Todas as noites, agora, antes de me deitar, lavo os pés em água bem quente, passo-os com água-de-colónia, e polvilho-os com uma das tais porcarias.

16 de Junho.

De dia para dia ela se torna mais insuportável. Ontem, teve uma crise de nervos. É difícil alguém entender-se com uma mulher destas.

18 de Junho.

Nada nos é comum! Falamos línguas diferentes. A única coisa que nos une é a cama. A nossa vida está estragada.

Esta manhã, ao ir buscar dinheiro à minha algibeira, para o padeiro, deu com este caderno.

- Isto que é?

Senti-me esbraseado. E se ela o tivesse aberto? Respondi-lhe, eu próprio surpreendido da naturalidade da minha voz:

- É um caderno de exercícios de aritmética.

Tornou com indiferença a metê-lo na algibeira e saiu. Tenho de ser mais prudente. As notas íntimas como estas só interessam se olhos alheios as não lêem.

- Para o meu Vássia, serão elas um motivo de divertimento.

21 de Junho.

Elisa veta causa-me espanto. Tem vinte e um anos. Como teve ela ocasião de se perverter assim? Que família será a dela? Como terá ela sido criada? Quem lhe terá orientado a educação? São isto perguntas que me interessam muito. É diabolicamente bem feita. Tem orgulho na perfeição do seu corpo. Tem o culto de si própria. A não ser ela, nada mais lhe importa. Várias vezes diligenciei falar com ela a sério... Seria mais fácil convencer um velho-crente da inexistência de Deus que reeducá-la.

A nossa vida comum está a tornar-se inverosímil e estúpida. No entanto, hesito em romper com ela. Confesso que lhe quero, apesar de tudo isto. Custa-me largá-la.

24 de Junho.

Afinal, o caso era simples. Falámos hoje com o coração nas mãos, e ela revelou-me que eu a não satisfaço fisicamente. O rompimento ainda não é formal, mas não tardará muitos dias.

26 de Junho.

Do que ela precisava é de um garanhão, da coudelaria da stanitsa.

Um garanhão!

28 de Junho.

Custa-me separar-me dela. Estou preso a ela como de um lameiro. Fomos hoje aos montes Vorobióvi (*Literalmente, em português, montes dos Fardais: colmas da margem direita do rio Moscovo, em território da cidade do mesmo nome. Chamam-se actualmente: montes de Lénine*). Sentou-se

à janela do hotel, e o sol, coado através dos recortes da cornija do telhado, punha-lhe nos cabelos reflexos de oiro velho. Tens mesmo direito a um pedacinho assim de poesia!

4 de Julho.

Abandonei o trabalho. Elisaveta deixou-me. Estive hoje a beber cerveja com Strejnev. Ontem tínhamos bebido vodka. Eu e Elisaveta separámo-nos como pessoas educadas, correctamente, sem complicações. Hoje encontrei-a na rua Dmitrovka, com um rapaz de botas de montar. Respondeu cerimoniosamente ao meu cumprimento. Vou pôr ponto final nestas notas: acabou-se-me o motivo delas.

10 de Julho.

Contra o que eu pensava, sinto necessidade de voltar a escrever. É a guerra. Há explosões de entusiasmo colérico. Os chapéus de coco tresandam a patriotismo, como os cães mortos a uma versta de distância. A rapaziada mostra-se indignada; eu exulto. Devora-me a nostalgia do meu “paraíso perdido”. Ontem sonhei lubricamente com Elisaveta. Ela deixou em mim uma marca dolorosa. Vou precisar de me distrair.

1 de Agosto.

Estou farto desta agitação. A angústia de novo me assedia. Sorvo-a, como uma criança sorve uma chupeta.

3 de Agosto.

Achei uma saída! Parto para a guerra. É tolice? É-o, sem dúvida. É uma vergonha?

Mas basta de palavras. Que hei-de eu fazer? Ao menos, que eu tenha alguma nova sensação. Ainda há dois anos eu me sentia uma pessoa simples. Estarei a envelhecer?

7 de Agosto.

Escrevo do comboio. Acabo de partir de Voróneje. Amanhã chego a Kaménsskaia. A minha decisão está tomada: Vou bater-me “pela Fé, pelo Tsar e pela Pátria”.

12 de Agosto.

A minha despedida foi solene. O atamane, que tinha bebido o seu pedaço, fez um discurso inflamado. No fim, eu disse-lhe em voz baixa: “O senhor é um imbecil, Andrei Karpóvitch”. De estupefacto, ele até ficou verde. Replicou-me em tom sarcástico: “E pensar eu que o senhor é instruído! Não será por acaso dessa gente que nós chicoteámos

em 1905?” Disse-lhe que, com pena minha, não era “dessa gente”. O meu pai chorava, constantemente me queria beijar, e o nariz pingava-lhe. Meu querido e pobre pai! Gostava de te ver na minha pele! Propus-lhe, por brincadeira, que fosse comigo para a frente de batalha. Assustado, exclamou: “Que estás tu a dizer? E então o domínio?” Amanhã, parto para a estação.

13 de Agosto.

Aqui e além, há searas por ceifar. Ao alto das colinas avistam-se ratazanas gordas, espantosamente semelhantes àqueles alemães dos postais ilustrados que Kozma Kriutchkov exhibe, espetados na sua lança. Eu vivia a minha vida, gozava saúde, estudava Matemática e outras ciências exactas, e nunca pela cabeça me havia passado tornar-me alguma vez “patrioteiro”. No regimento, hei-de falar a este respeito com os cossacos.

22 de Agosto.

Vi, numa estação, o primeiro comboio de prisioneiros. Um belo oficial austríaco, de ar desportivo, atravessou o cais, debaixo de escolta. Duas raparigas que por ali passeavam sorriram-lhe. Sem parar, ele cumprimentou-as, inclinando-se com muita elegância, e com as pontas dos dedos atirou-lhes um beijo.

Embora prisioneiro, estava muito bem barbeado, foi capaz de uma galantaria, e as botas de cabedal amarelo reluziam-lhe. Segui-o com os olhos: era um bonito rapaz, de rosto amável e afectuoso. Encontrasse-o eu em combate, e o braço negar-se-me-ia a erguer para ele o sabre.

24 de Agosto.

Refugiados, refugiados e mais refugiados... Os comboios de refugiados e os comboios militares enchem as linhas todas.

Cruzei-me com o primeiro comboio-hospital. Num apeadeiro, um soldado jovem desceu de um vagon. Tinha uma ligadura na cara. Conversámos. Fora ferido por um estilhaço. Mostrava-se extremamente contente por ter todas as probabilidades de não continuar a ser soldado. A ferida era num olho. E riu-se.

27 de Agosto.

Já estou no meu regimento. O comandante é um velhinho muito simpático. É um cossaco do Baixo-Don. Aqui, já cheira a sangue. Segundo boatos que correm, estaremos depois de amanhã nas primeiras linhas. O meu pelotão, o terceiro do quarto esquadrão, é

composto de cossacos da stanitsa de Konstantinóvsskaia. São uns rapazes insignificantes. Só um é divertido e bom cantor.

28 de Agosto.

Partimos. Hoje, o barulho que se ouve é maior que nunca. Dá a impressão de que uma tempestade se aproxima, que soam trovões a distância. Sorvi mesmo o ar com as narinas, a ver se me cheirava a chuva. Mas o céu está cetinoso e puro.

Ontem, o meu cavalo começou a coxear, por ter batido com uma perna contra a roda de uma cozinha de campanha. Tudo é novo, insólito, e não sei pelo que hei-de começar, sobre o que hei-de escrever.

30 de Agosto.

Não tive ontem tempo de escrever. Neste momento, estou a fazê-lo montado. com os balanços do cavalo, o lápis traça-me letras monstruosas. Fomos três à procura de forragem.

Agora, os rapazes estão a atar os feixes, e eu, deitado de barriga para baixo, aponto, atrasados, os acontecimentos de ontem. O ajudante Tolokónikov tinha-nos mandado e a mais cinco em reconhecimento. (Trata-me com desprezo por “estudante”; “Tu lá, estudante, não vês que o teu cavalo se está a desferrar?”) Atravessámos um burgo meio queimado. Fazia calor. Os cavalos iam alagados e nós também. É uma maçada os cossacos serem obrigados a usar, mesmo no Verão, as suas calças de fazenda. A seguir ao burgo, vi num fosso o primeiro cadáver. Era um alemão. Tinha as pernas no fosso, até aos joelhos, e estava deitado de costas, com uma mão debaixo do corpo e a outra cerrando um carregador de carabina. Carabina é que não se via. O espectáculo era medonho. Reconstituo na minha memória a impressão que senti e um arrepio percorre-me o dorso... Na posição em que ele estava, dir-se-ia que se havia sentado, de pernas pendentes para dentro do fosso, e que depois se deitara para descansar. O uniforme dele era cinzento e o capacete forrado de cabedal. De tal modo me abalou aquela primeira impressão, que nem a cara dele fixei. Reparei apenas nas grandes formigas amarelas que lhe passeavam na fronte amarela e nos olhos vítreos, semicerrados. Ao verem-no, os cossacos benziam-se. Fitei-lhe a manchazinha de sangue do lado direito do uniforme. A bala entrara-lhe pelo flanco direito e atravessara-o de lês a lês. Do lado esquerdo, no ponto por onde a bala saíra, a mancha e o derrame de sangue eram muito maiores, e o uniforme estava despedaçado.

Passei adiante, todo eu numa tremura. É então assim?...

Um sargento-chefe, a quem chamam Trundálei (*Brincalhão*), tentou levantar-nos o moral abatido, contando-nos uma história obscena, mas também a ele os lábios tremiam...

A meia versta do burgo, cruzámo-nos com os muros de uma fábrica incendiada, muros de tijolo, de cimos enegrecidos pelo fumo. Não nos atrevemos a seguir pela estrada, porque era rente àqueles destroços, e resolvemos contorná-los. No momento em que nos afastávamos, atiraram da fábrica sobre nós. O ruído do primeiro tiro, embora seja vergonhoso dizê-lo, quase me fez cair do cavalo. Agarrei-me ao arção da sela, baixei-me instintivamente, e estiquei as rédeas. Galopámos para o burgo, tornando a passar em frente do fosso onde estava o alemão morto, e só nos refizemos com o burgo já para trás de nós. Depois, voltámos pelo mesmo caminho e apeámo-nos. Deixámos os cavalos à guarda de dois homens, e fomos quatro até à entrada do burgo, direitos ao fosso. Caminhámos curvados ao longo dele. Avistei de longe, de joelhos dobrados em ângulo agudo, as pernas do alemão morto, com as suas botas curtas, amareladas. Ao passar-lhe por diante, retive a respiração, como se passasse perto de um dorminhoco, para não o acordar. A erva esmagada sob ele era verde e húmida...

Estendemo-nos no fosso. Alguns minutos depois, nove ulanos alemães, irromperam em bicha das ruínas da fábrica queimada... Reconheci-os pelas fardas. O oficial adiantou-se, gritou qualquer coisa em voz dura e gutural, e o destacamento galopou na nossa direcção.

Os rapazes estão a chamar-me para os ir ajudar a enfeixar erva. Lá vou eu.

30 de Agosto.

Tenho de acabar de contar como pela primeira vez atirei contra um homem. Foi quando os ulanos iam a cair sobre nós. (Cuido ver ainda à minha frente os uniformes deles, de um verde-acinzentado, cor de azebre, os cilindros luzidios dos seus capacetes, as suas lanças oscilantes, de bandeirola na ponta.)

Montavam cavalos baios escuros. Olhei, não sei porquê, para o parapeito do fosso, e vi um escaravelhinho cor de esmeralda. Pôs-se a aumentar de tamanho aos meus olhos, até assumir proporções monstruosas. Avançava, gigantesco, sacudindo as hastezinhas de erva, para o cotovelo que eu tinha apoiado na argila seca e farinhenta do parapeito, trepou ao longo da manga do meu dólman de caqui, desceu rapidamente para a carabina, e da carabina passou para a correia. Eu seguia-lhe a viagem, quando de repente ouvi a voz furiosa do sargento Trundálei: “Atirem! De que raio estão vocês à espera?” Firmei melhor o cotovelo, fechei o olho esquerdo, senti o coração dilatar-se-me, como o escaravelho verde. A mira da carabina dançava-me na fenda da alça, contra o fundo cor de azebre dos uniformes. Ao meu lado, Trundálei disparou. Premi o gatilho e ouvi o silvo gemente da

minha bala. Devo ter apontado baixo de mais, porque a bala levantou umas nuvenzinhas de poeira de uns torrões de terra. Era a primeira vez que eu atirava contra um homem. Esvaziei um carregador sem apontar, sem ver nada à minha frente. De novo premi o gatilho, esquecido de que não tinha balas, e só então é que olhei para os alemães. Tinham virado rédeas aos cavalos, a galope, sempre em boa ordem. O oficial era o último. Eram nove. E eu via a garupa castanha do cavalo do oficial e a placa metálica ao alto do seu capacete de ulano.

2 de Setembro.

Há um lance de “A Guerra e a Paz”, em que Tolstói fala da linha que passa entre dois exércitos inimigos, linha de desconhecido que parece separar os vivos dos mortos. O esquadrão de Nikolai Rosstov ataca, e Rosstov traça mentalmente essa linha. Ocorreu-me hoje este lance do romance com particular intensidade, porque hoje, ao alvorecer, atacámos uns hussardos alemães... Desde as primeiras horas da manhã, excelentemente apoiados pela artilharia, eles molestavam a nossa infantaria. Eu via os nossos soldados, suponho que do 241.º e do 273.º regimentos de infantaria, fugirem, tomados de pânico. O malogro da sua ofensiva havia-os literalmente desmoralizado: os dois regimentos, que tinham atacado sem apoio da artilharia, haviam sido repelidos pelo fogo do inimigo e perdido cerca de um terço dos seus efectivos. Os hussardos alemães lançaram-se em perseguição deles. Foi então que o nosso regimento, que estava de reserva numa clareira, entrou em acção. Lembro-me de que deixámos a aldeia de Tichvítchi às três horas da manhã. A escuridão era profunda. Sentia-se o cheiro penetrante da caruma dos pinheiros e dos campos de aveia. O regimento marchava por esquadrões. Abandonámos a estrada e tomámos à esquerda, por um campo. Os cavalos resfolegavam e derrubavam com os cascos o orvalho que cobria a aveia.

Mesmo com capotes, tínhamos frio. Por muito tempo o regimento errou através dos campos, e só ao fim de uma hora é que um oficial apareceu, a transmitir ao coronel as instruções do Estado-Maior. O nosso velho deu as suas vozes de comando em tom descontente e o regimento virou em ângulo recto para um bosque. Em colunas, por pelotões, caminhávamos por um caminho estreito. O combate travava-se algures à nossa esquerda. As baterias alemãs disparavam, e, a avaliar pelo barulho, eram numerosas. As detonações reboavam: dir-se-ia que a caruma odorífera dos pinheiros ardia por sobre nós. Ali nos mantivemos, à escuta, até ao nascer do Sol. Então, um “hurrá” soou, fraco, miserando, deplorável; depois, um silêncio caiu, cortado pelo estralejar das metralhadoras. Nesse momento, pensamentos desordenados atropelavam-se-me no cérebro; mas uma só

coisa se me representava, franca, clara, quase dolorosa: a face múltipla da nossa infantaria atacando em linha.

Eu via os vultos cinzentos, de bonés achatados de caqui, de botarras grosseiras que não chegavam aos joelhos, patinhar na terra outoniça, e ouvia as cascalhadinhas precisas e roucas das metralhadoras alemãs, que transformavam aqueles homens vivos e suados em cadáveres. Os dois regimentos foram varridos e fugiram, abandonando as armas. Um regimento de hussardos acossava-os. Nós estávamos nesta altura num flanco deles, a trezentas ságenas, se tanto. A uma voz de comando, instantaneamente nos alinhámos. Só ouvi uma palavra, fria, que nos crispou: “Carregar!” E voámos. As orelhas do meu cavalo colavam-se-lhe tanto à cabeça, que me pareceu que com as mãos não lhas conseguiria descolar. Virei-me: atrás de mim, vinham o coronel e dois outros oficiais. Ali estava ela, a linha que separa os vivos dos mortos. Ali estava ela, a grande demência!

Os hussardos, destroçados, recuaram. À minha vista, o tenente Tchernétsov matou um alemão com uma sabrada. Vi um cossaco do sexto esquadrão, de cabeça completamente perdida, desferir golpe sobre golpe na garupa do cavalo de outro alemão que pretendia alcançar. E o sabre projectava-lhe no espaço retalhos da pele do animal... Isto é inconcebível! Isto não tem sentido! Ao regressarmos, notei a cara de Tchernétsov: estava serena, de uma alegria contida, como a de alguém, sentado a uma mesa a jogar as cartas, e não a de alguém montado a cavalo, que acaba de matar um homem. Há-de ir longe o tenente Tchernétsov. É um homem com mérito!

4 de Setembro.

Estamos em descanso. A 4.^a Divisão do 2.^o Corpo de Exército avança para a frente de batalha. Estamos no burgo de Kobílino. Esta manhã, unidades da 11.^a Divisão de Cavalaria e dos cossacos do Ural atravessaram o burgo a marchas forçadas. Os combates são a oeste. O rumor do tiroteio é ininterrupto. Depois do almoço, estive no hospital. Um comboio de feridos chegou ao mesmo tempo que eu. Alguns enfermeiros riam enquanto descarregavam uma ambulância. Acerquei-me. Um soldado alto, picado das bexigas, desceu, gemendo e sorrindo, ajudado por um enfermeiro.

- Estás a ver, cossacozinho! - disse ele, dirigindo-se a mim. - Crivaram-me as nalgas de chumbo. Apanhei nelas quatro estilhaços de granada.

O enfermeiro perguntou-lhe:

- Ela, então, rebentou atrás de ti?

- Atrás de mim? Eu é que atacava às arrecuas.

Uma enfermeira saiu de um barracão. Fitei-a e desatei a tremer de tal modo que tive de me encostar ao carro. Era extraordinária a semelhança dela com Elisaveta: os mesmos olhos, o mesmo oval do rosto, o mesmo nariz, os mesmos cabelos; até a voz. Ou seria ilusão minha? Ainda acabo por achar traços dela em todas as mulheres.

5 de Setembro.

Deixaram-se repousar os cavalos um dia, e agora tornamos a partir. Fisicamente, estou demolido. O clarim toca a selar. Contra ele é que eu atirava de bom grado neste momento!...”

O comandante do esquadrão tinha mandado Grigóri Melekhov como agente de ligação com o estado-maior do regimento. Ao passar perto de um campo de batalha recente, Grigóri viu um cossaco morto na berma de uma estrada. A cabeça loira dele estava apoiada sobre um montículo de cascalho, espalhado pelos cascos dos cavalos. Grigóri apeou-se e, tapando o nariz, para não sentir o cheiro fétido e enjoativo do cadáver, revistou-o. Numa algibeira das calças achou-lhe aquele caderno, um pedaço de lápis de tinta e um porta-moedas. Desafivelou-lhe a cartucheira e lançou-lhe um olhar rápido à cara pálida e húmida, já em decomposição. Nas fontes e na base do nariz havia manchas escuras e veludas. A poeira castanha enchia-lhe uma ruga meditativa, que lhe atravessava obliquamente a testa.

Grigóri cobriu-lhe a cara com um lenço de assoar que lhe encontrou na algibeira e retomou o caminho do estado-maior, virando-se para trás de vez em quando. O caderno entregou-o a uns secretários; estes leram-no em conjunto, e sorriram da história da vida breve e das paixões terrenas daquele desconhecido.

XII

Depois da ocupação de Lechniúv, a 11.a Divisão de Cavalaria atravessou Stanisslávitchik, Radzivílovo, Bródi, sempre a combater, e a 15 de Agosto desdobrou-se em torno da cidade de Kamenka-Strumílovo. Atrás, vinha o grosso do exército; a infantaria concentrava-se nos pontos estratégicos importantes; e os estados-maiores e os carros de reabastecimento acumulavam-se em posições próximas. Como um cordão mortal, a frente estendia-se até ao mar Báltico. Nos estados-maiores elaboravam-se os planos de uma larga ofensiva, os generais meditavam sobre os mapas, as ordenanças galopavam, levando as ordens das operações, centenas de milhares de homens caminhavam ao encontro da morte...

Segundo informações, importantes forças de cavalaria inimiga dirigiam-se para a cidade. Nas matazinhas em volta das estradas, incessantemente havia escaramuças entre patrulhas cossacas e destacamentos de reconhecimento inimigos.

Durante todos aqueles dias de campanha, após se ter separado do irmão, em vão Grigóri Melekhov buscara em si a força bastante para dissipar os seus pensamentos mórbidos e reaver a sua boa disposição de outrora. O regimento acabava de ser reforçado com um esquadrão de homens da segunda reserva. Um destes homens, um cossaco da stanitsa de Kazánsskaia, Aleksei Uriúpine, tinha sido incorporado no pelotão de Grigóri. Uriúpine era alto, um pouco curvado, de maxilar inferior proeminente e bigodinho kalmuk; os olhos alegres, desafiadores, riam-lhe continuamente; apesar da idade, era calvo, apenas com alguns cabelos castanhos-claros dos lados do crânio cheio de bossas. Logo no primeiro dia os cossacos lhe tinham posto a alcunha de “Cabeludo”.

Em seguida a um combate, o regimento teve um dia de descanso em frente de Bródi. Grigóri e o Cabeludo, que se tinham alojado na mesma cabana, travaram conversa.

- Tens um ar murcho, Melekhov. Grigóri franziu os sobrolhos.

- Que é isso de murcho?

- Mole, assim a modos que doente - explicou o Cabeludo.

Tinham acabado de dar forragem aos cavalos presos, e fumavam, encostados a uma velha paliçada musgosa. Na rua passavam hussardos em filas de quatro, junto às sebes jaziam cadáveres que ainda não haviam sido removidos (ao repelir os austríacos, tinha-se

combatido nas ruas dos arrabaldes), e um fumo grosso ressumava das ruínas da sinagoga incendiada. Àquela hora do fim do dia, com as suas cores sumptuosas, a cidade mostrava uma imensa devastação, um medonho vazio.

- Eu sinto-me bem. - E Grigóri esgarçou, sem olhar para o Cabeludo.

- Cantigas! Eu bem vejo.

- Que é que tu vês?

- Tens cagaço, rapaz! É a morte que te assusta?

- És parvo! - disse Grigóri, desdenhoso; e mirou as unhas, de pálpebras franzidas.

- Diz-me cá! Já mataste algum homem? - acicatou-o o Cabeludo, perscrutando a expressão de Grigóri.

- Já. E então?

- Isso atormenta-te?

- Se isso me atormenta? - desdenhou Grigóri. O Cabeludo desembainhou o sabre.

- Queres que eu te corte a cabeça?

- E depois?

- Posso matar-te, sem se me alterar a respiração. Piedade não sei o que seja.

Os olhos do Cabeludo riam. Mas Grigóri percebeu-lhe pela voz e pelo frémito ferino das narinas que ele falava a sério.

- És um selvagem, tu. Raio de homem! - disse Grigóri, observando com atenção a cara do Cabeludo.

- O que tu tens é o coração frouxo. Conheces o golpe de Baklanov? Vais ver.

O Cabeludo escolheu uma velha bétula perto da paliçada, foi direito a ela, curvando-se um pouco, mirando-a bem. Os braços nodosos, compridos, de punhos enormes, pendiam-lhe imóveis.

- Repara!

Ergueu lentamente o sabre e, vergando os joelhos, despediu de súbito uma sabrada oblíqua, com um ímpeto terrível. Cortada a dois archines do pé, a bétula caiu, roçando com os ramos o caixilho vazio da janela e riscando a parede da casa.

- Viste? Precisas de o aprender. Houve noutros tempos um atamane chamado Baklanov. Nunca ouviste falar nele? Tinha um sabre com azougue dentro, que custava a levantar, mas de um só golpe dividia um cavalo em dois. É verdade!

Grigóri levou muito tempo a adquirir a técnica complicada do golpe de Baklanov.

- Tu és forte, mas manejas o sabre como um parvo. Assim é que tens de fazer dizia o Cabeludo, e o dele cortava de través, como uma força fantástica, o alvo escolhido. Atira aos homens sem receio. Os homens são moles como papas proclamava o Cabeludo, de olhos

risonhos. Não queiras saber porquê nem como. És cossaco! O que te compete é dar sabradas, sem mais problemas. Matar um inimigo em combate é uma obra santa. Por cada morte destas desconta-te Deus um pecado, como por cada serpente esmagada. Não se deve matar sem razão um animal, um vitelo por exemplo, ou outro qualquer, mas homens dá cabo dos que quiseses. Os homens são imundos... São impuros. Sujam a terra, como os cogumelos venenosos.

Ante as objecções de Grigóri, pregueava a testa e obstinadamente se calava.

Notou Grigóri com espanto que todos os cavalos tinham medo do Cabeludo, sem motivo aparente. Era ele acercar-se-lhes, baixavam as orelhas e cerravam-se uns contra os outros, como se ele fosse uma fera e não um homem. Em frente de Stanisslávitchik, o esquadrão, que progredia em terreno arborizado e pantanoso, fora obrigado a apear-se. Os homens a quem incumbia a guarda dos cavalos deviam levá-los a pastar para um vale desafogado. Designado para isso, o Cabeludo negou-se redondamente.

- Que é lá isso, Uriúpine? interrogou-o o sargento, irritado. Esquivas-te ao serviço? Porque não vais tu com os cavalos?

- É que eles têm medo de mim. Juro que é verdade! - afirmou o Cabeludo, com o seu risinho habitual a dançar-lhe nos olhos.

Nunca tinha ficado de guarda aos cavalos. Cuidava do seu com carinho, tratava-o bem, mas Grigóri havia notado que, sempre que ele via o dono aproximar-se, de braços, como de costume, imóveis e cingidos às ancas, um arrepio de inquietação lhe percorria o dorso.

- Explica-me lá, homem de Deus, porque é que os cavalos têm medo de ti! inquiriu-o um dia Grigóri.

- Quem é que conhece os cavalos? - E o Cabeludo encolheu os ombros. - No entanto, eu sou bom para eles.

- Os bêbedos descobrem eles pelo cheiro, e assustam-se. Mas tu não te embebedas!

- É de eu ter o coração duro. Eles percebem-no.

- Tens é um coração de lobo. Ou talvez no lugar do coração tenhas uma pedra.

- É possível! - aquiesceu, sem custo, o Cabeludo. - Perto da cidade de Kamenka-Strumílovo, o terceiro pelotão inteiro foi mandado em reconhecimento com o respectivo comandante: na véspera, um desertor checo havia informado o comando da disposição das unidades austríacas e de um projecto de contra-ofensiva na linha de Goróchi-Stavíntzki; impunha-se uma vigilância constante da estrada por onde o movimento das unidades inimigas se deveria efectuar; para isto, o oficial comandante do pelotão deixou quatro

cossacos com um sargento na orla de um bosque, e partiu com os outros em direcção a um lugarejo, cujos telhados se avistavam por detrás de uma colina.

Os que ficaram na orla do bosque, à beira de uma velha capela de telhado pontiagudo e lá dentro um crucifixo ferrugento, foram, além do sargento, Grigóri Melekhov e três dos últimos incorporados, Silántiev, o Cabeludo e Michka Kochevói.

- Apear, rapazes! - comandou o sargento. - Tu, Kochevói, leva os cavalos para trás dos pinheiros, acolá, onde eles são mais densos.

Estenderam-se os cossacos por baixo de um pinheiro quebrado e seco, e puseram-se a fumar. O sargento não despegava dos olhos o binóculo. A uma dezena de passos, ondulava um campo de centeio, abandonado por ceifar. Esvaziando-se com o vento, as espigas curvavam-se e rumorejavam tristemente. Cerca de meia hora os cossacos ali se mantiveram deitados, trocando frases preguiçosas. Algures, à direita da cidade, o rumor do canhoneio era constante. Grigóri, que havia rastejado para o campo de centeio, escolhia as espigas mais cheias, apertava-as na mão e mastigava os grãos rijos e demasiado maduros.

- Os austríacos, pela certa! - exclamou a meia-voz o sargento.

- Onde? - perguntou Silántiev, estremecendo.

- Ali! Estão a sair do bosque. Olha mais para a direita.

Um grupinho de cavaleiros acabava de sair de um bosquezinho afastado. Parou, examinou o campo e os promontórios extensos da floresta, e tornou a avançar, na direcção dos cossacos.

- Melekhov! - gritou o sargento.

De rastos, Grigóri, aproximou-se do pinheiro.

- Vamos deixá-los vir, e atiramos-lhes uma descarga. Rapazes, aprontem as carabinas! - ciciou o sargento, febrilmente.

Depois de terem obliquado à direita, os cavaleiros avançavam a passo. Os quatro homens deitados por baixo do pinheiro mantinham-se calados, retendo a respiração.

- Acht, Korporall! (*Atenção, cabo*) - soou uma voz jovem e clara, trazida pelo vento.

Grigóri ergueu a cabeça: eram seis hussardos húngaros, de fardas ornadas de alamares, que vinham em grupo. O primeiro montado num morzelo alto, trazia a carabina na mão e ria docemente, em tom grave.

- Fogo! - murmurou o sargento. “Gu-gu-gaque! estalou a descarga. “Aque-aque-aque, aque-aque! uivou o eco.

- Que estão vocês a fazer? - gritou-lhes Kochevói, sobressaltado, de detrás dos pinheiros; e a seguir, para os cavalos: - Oooh, bicho maldito! Estás maluco? Eh, diabo! - E a voz dele ressoou, espantosamente forte.

Os hussardos formaram em fila e galoparam pelo campo dentro. Um deles, o da frente, que montava o morzelo, disparava para o ar. O último, um pouco afastado dos outros, deitara-se contra o pescoço do cavalo e virava-se, de boné na mão esquerda.

O Cabeludo tinha sido o primeiro a pôr-se de pé, e corria, internando-se no centeio, de baioneta em riste. A uma centena de ságenas, um cavalo caído escoiceava e debatia-se, e, junto dele, um hussardo húngaro, sem boné, esfregava um joelho que ferira na queda. Gritou qualquer coisa de longe e levantou os braços, olhando para os camaradas, que se afastavam a galope.

Tão depressa o caso se tinha passado que Grigóri só dele se deu bem conta depois de o Cabeludo ter trazido o prisioneiro para ao pé do pinheiro.

- Larga isto, soldado! - berrou o Cabeludo, com um esticão rude ao sabre do húngaro.

O prisioneiro teve um sorriso confuso e pôs-se a soltar à pressa o sabre da correia que o prendia, mas as mãos tremiam-lhe tanto que não conseguia abrir a fivela. com precaução, Grigóri ajudou-o; e o hussardo, um rapagão novo e bochechudo, com uma verruguinha ao canto do lábio superior rapado, sorriu reconhecido para ele, sacudindo a cabeça longitudinalmente. Tinha um grande ar feliz de se ter visto livre da arma, e, fitando os cossacos, remexeu as algibeiras, tirou de uma bolsa de tabaco, de cabedal, e algaraviou o que quer que fosse, convidando-os por gestos a fumar.

- Está-nos a oferecer tabaco - disse o sargento, sorridente, rebuscando logo num bolso as mortalhas.

- Vamos lá fumar à custa do estrangeiro - comentou Silántiev, com uma gargalhada.

Fizeram os cossacos os seus cigarros e puseram-se a fumar. Aquele tabaco de cachimbo, escuro e forte, atordoava-os.

- A carabina dele onde está? - perguntou o sargento, aspirando com avidez uma fumaça.

- Está aqui. - E o Cabeludo apontou a bandoleira amarela, cheia de furinhos, que havia pendurado de um ombro.

- Temos de o levar para o esquadrão. No Estado-Maior precisam, com certeza, de informações. Quem o leva, rapazes? - atirou o sargento, tossindo e passeando pelos seus homens um olhar torvo.

- Levo-o eu ofereceu-se o Cabeludo.

- Leva-o lá, então.

Era visível que o prisioneiro entendera; teve um pobre sorriso de esguelha; tentando dominar-se, vasculhou as algibeiras, até que descobriu um chocolate amolecido e esmagado que estendeu aos cossacos.

- Ich ruten Ruteno... Nicht austríaco! (*Sou ruten Ruteno... Não sou austríaco!*) - Estropiava as palavras, com gestos desordenados, continuando a estender para os cossacos o seu chocolate esmagado e odorífero.

- Tens ainda alguma arma? - inquiriu-o o sargento. - Mas escusas de falar; digas o que disseres, não te compreendemos. Tens um revólver? Tens um pumpum? - E o sargento premia um gatilho imaginário.

O prisioneiro abanou rapidamente a cabeça.

- Não tenho! Não tenho!

Deixou-se revistar sem reagir, com as bochechas redondas estremecendo-lhe.

O sangue escorria-lhe do calção de montar, rasgado no joelho, em cuja pele rosada se lhe via uma arranhadura. Apoiava contra ela o lenço de assoar, fazia caretas, dava estalos com a língua, não se calava... O boné ficara-lhe ao pé do cavalo morto. E ele pedia licença para o ir buscar, bem como à manta e a um caderninho em que tinha uma fotografia dos pais. Em vão o sargento se esforçava por entendê-lo. Finalmente, fez um gesto de desânimo.

- Podes levá-lo.

O Cabeludo dirigiu-se para o cavalo, que estava à guarda de Kochevói, montou, ajustou a correia da carabina e apontou com a mão:

- Para a frente, militar! É isto um soldado, carago!

Animado pelo sorriso dele, o prisioneiro sorriu também, e, como caminhava ao lado do cavalo, bateu mesmo com a palma de uma mão, com servil familiaridade, na perna escorrida do Cabeludo. Este sacudiu-lhe a mão e esticou as rédeas, para o deixar passar adiante.

- Avança, miserável! Isto não é paródia.

Com ar culpado, novamente sério, o prisioneiro acelerou o passo, virando-se muitas vezes para os cossacos. Umas mechas loiras erguiam-se-lhe atrevidamente no cocuruto da cabeça. Foi assim que a imagem dele ficou gravada na memória de Grigóri: o dólman de hussardo, com os seus alamares, posto aos ombros, as mechas loiras espetadas, o passo firme e marcial.

- Melekhov, vai-lhe desselar o cavalo - disse o sargento; e com pena cuspiu a beata, que lhe queimava os dedos.

Grigóri tirou a sela do cavalo morto e apanhou, sem saber bem porquê, o boné, que tinha caído um pouco mais longe.

Aspirou-lhe o forro e sentiu o cheiro enjoativo do sabão ordinário e do suor. Trouxe a sela, segurando o boné cuidadosamente na mão esquerda. Os cossacos, acorados perto do pinheiro, esquadrinharam as sacolas, e examinaram aquela sela de um modelo que nunca tinham visto.

- O tabaco dele é bom. Devíamos ter-lhe pedido mais - lamentou-se Silántiev.

- A verdade diga-se: lá que é bom, é.

- Parece até que tem açúcar. Desliza como azeite pelas goelas... E, àquela evocação, o sargento suspirou e engoliu a saliva.

Alguns minutos depois, uma cabeça de cavalo assomou por trás do pinheiro. Era o Cabeludo de volta.

- Então?... - O sargento, assustado, pôs-se de pé. - Deixaste-o fugir?

O Cabeludo avançava, sacudindo o chicote. Apeou-se, espreguiçou-se, encolheu os ombros.

- Que fizeste tu do austríaco? - perguntou-lhe o sargento, encaminhando-se para ele.

- Deixa-me em paz! - rosnou o Cabeludo. - Desatou a correr... Queria cavar...

- E tu deixaste?

- Quando chegámos à clareira, de repente ele pôs-se... Dei-lhe uma sabrada.

- Mentas! - gritou Grigóri. - Mataste-o sem razão!

- Porque gritas tu? É alguma coisa contigo?

E o Cabeludo fitou em Grigóri um olhar glacial.

- Como? - atirou Grigóri, erguendo-se lentamente, de mãos trémulas tentando à roda do corpo.

- Não te metas onde não és chamado! Está compreendido, hã? Não te metas onde não és chamado! - repetiu o Cabeludo com dureza.

Grigóri sacou da carabina pela correia, e nervosamente pô-la à cara.

O dedo hesitava-lhe, não encontrava o gatilho, e os olhos dançavam-lhe estranhamente na face bronzeada.

- Alto aí! - bradou o sargento em voz ameaçadora, precipitando-se sobre Grigóri.

Com um empurrão desviou o tiro, que, com um som leve e arrastado, fez cair um pedaço de caruma.

- Que se passa? - berrou Kochevói. Silántiev, sentado, de boca aberta, nem se mexeu.

O sargento deu um murro no peito de Grigóri e arrancou-lhe a carabina das mãos; hirtto, com as pernas um pouco afastadas, a mão esquerda no cinturão, o Cabeludo como estava ficou.

- Atira outra vez!

Grigóri lançou-se contra ele.

- Hei-de-te matar!...

- Mas que raio é isto?... Que quer isto dizer? É um conselho de guerra, é o pelotão de execução que vocês querem? Larguem as armas! - bramiu o sargento, e, com um encontrão em Grigóri, cruzando os braços, interpôs-se aos dois.

- Lérias! Não me matas nada! - disse o Cabeludo, com uma casquinada irónica, despedindo uma pezada no chão.

No regresso, à sombra crepuscular, Grigóri foi o primeiro que viu na clareira o cadáver do prisioneiro. Acercou-se, ultrapassando os outros, dominando o cavalo, que se agitava, e olhou: o morto jazia de borco com um braço estendido e a face mergulhada no solo revolto. A mão dele, espalmada na erva, parecia uma folha outoniça. A sabrada terrível, sem dúvida atirada por trás, abria-o em dois, obliquamente, de um ombro à cintura.

- Rachou-o de meio a meio... - murmurou o sargento em voz surda, relanceando com espanto as mechas loiras do morto, que se lhe eriçavam na cabeça tombada.

Até chegarem ao acantonamento do esquadrão, os cossacos mantiveram-se calados. A sombra era agora mais densa. Um vento ligeiro soprava de oeste uma nuvem negra, como que às escamas. De um pântano, algures, exalava-se um cheiro enjoativo de lodo, de humidade vegetal, de podridão; um alçara vão guinchava. Só o tinido dos arreios, o choque ocasional de algum sabre contra um estribo, a crepitação da caruma sob os cascos dos cavalos quebravam o silêncio. Por sobre a clareira, no cimo dos pinheiros, os últimos lampejos vermelhos-escuros do sol poente extinguíam-se. O Cabeludo puxava fumaça após fumaça. Uma luz avermelhada iluminava-lhe os dedos grossos, de unhas negras e curvas, com que apertava solidamente o cigarro.

A nuvem negra, deslizando sobre a floresta, reforçava, adensava na terra as cores desmaiadas, incrivelmente tristes do fim do dia.

XIII

As operações para a tomada da cidade iniciaram-se no dia seguinte de manhã cedo. A infantaria devia atacar ao alvorecer, a partir do bosque, protegida nos flancos pela cavalaria, que se manteria de reserva. Mas, por virtude de um mal-entendido, dois regimentos de infantaria não chegaram a tempo; o 211º de atiradores recebeu ordem de se dirigir para o flanco esquerdo; ao executar um movimento de envolvimento, outro regimento caiu sob o fogo de uma das nossas baterias; daí resultou uma situação absurda; uma confusão funesta destruía os planos estabelecidos e a ofensiva corria o risco de terminar, senão por uma derrota dos assaltantes, pelo menos por um malogro. Enquanto a infantaria se reagrupava e os artilheiros, que uma ordem havia mandado, durante a noite, para um pântano, desatolavam os animais e as peças, a 2.ª Divisão avançou. O terreno arborizado e pantanoso não permitia atacar o inimigo numa frente larga; em certos sectores, os nossos esquadrões deviam carregar por pelotões. O quarto e o quinto esquadrões do 12.º regimento foram colocados de reserva, ao passo que os outros tinham sido já arrastados pela vaga da ofensiva; ao fim de um quarto de hora, os que haviam ficado à retaguarda ouviram um grande rumor surdo e um grito vibrante, cortante:

“Hurra!.. aaá!.. aaá!...”

- São os nossos que atacam!

- Isto está a começar.

- Olhem como as metralhadoras estralejam...

- São com certeza os nossos que elas estão a ceifar...

- Já não gritam, ha!

- Quer dizer que já estão como hão-de ir!

- Não tarda nada que nos não caiba a vez a nós.

E os cossacos não cessavam de trocar frases como estas.

Os dois esquadrões esperavam numa clareira. Grandes pinheiros cortavam-lhes a vista. Uma companhia de infantaria passou a correr, quase a trote. Um ajudante, bem cingido na farda, muito marcial, deixou passar as últimas filas e gritou em voz rouca:

- Cerrar fileiras!

No meio de uma tropeada de botas e do tinido dos cantis, a companhia desapareceu por detrás de um amialzito.

De muito longe, do outro lado da encosta arborizada, o rumor rolado de novo subiu, mas mais fraco, afastando-se: “Hurrá!...Hurrá!...aaá!”. Depois, cortado de repente, cessou. E outra vez o silêncio pesou, denso, sinistro.

- Agora é que eles se estão a bater.

- Estão a bater-se corpo a corpo.

Todos escutavam, tensos; mas o silêncio que vinha daquele lado era impenetrável. No flanco esquerdo, a artilharia austríaca troava contra os assaltantes, e as metralhadoras cosiam o espaço a pontos cerrados.

Grigóri Melekhov observava o pelotão. Os homens enervavam-se, e os cavalos impacientavam-se, como picados por atabões. O Cabeludo pendurara o boné do arção da sela e enxugava o suor da sua calva azulada; ao lado de Grigóri, Michka Kochevói aspirava avidamente o fumo do seu tabaco forte. À roda, os objectos figuravam-se a Grigóri de uma nitidez singular, exageradamente reais, como depois de uma noite sem dormir.

Perto de três horas os dois esquadrões se mantiveram naquela expectativa. O fogo diminuía; depois, com renovado ímpeto recrescia. Um aeroplano de um ou do outro campo passou, estridente, por sobre eles, e deu algumas voltas a uma altura vertiginosa, para partir finalmente para leste, cada vez mais alto; flocos de fumo leitoso de granadas que rebentavam pontoavam a atmosfera azul por baixo dele.

Só ao meio-dia as reservas entraram em acção. Toda a provisão de tabaco fora já fumada e dificilmente se tinha mão nos homens, quando chegou a galope um oficial de hussardos. Imediatamente o capitão que comandava o quarto esquadrão o fez meter por um caminho da floresta e depois virar em direcção desconhecida. A Grigóri parecia-lhe que se voltava para trás. Durante uns vinte minutos se avançou por onde a floresta era mais densa, com os homens à vontade. O rumor do combate era cada vez mais próximo; algures, muito perto, à retaguarda, uma bateria atirava sem descanso; por sobre eles, as granadas cortavam o ar, uivando e guinchando. Desarticulado pela travessia do bosque, o esquadrão desembocou em desordem num campo aberto. A meia verstá, na orla do bosque, os hussardos húngaros espadeiravam os serventes de uma bateria russa.

- Esquadrão! Em formação de combate! - E antes que ele tivesse tido tempo de se dispor em linha: - Sabres ao alto! Carregar!

Ao lampejo cinzento de uma saraivada de lâminas, o esquadrão rompeu a trote rasgado, depois a galope.

Uma meia dúzia de hussardos húngaros encarniçava-se contra a última peça. Um deles puxava pelas rédeas dos cavalos, que se empinavam; outro dava-lhes com a chapa do sabre; os restantes, que se haviam apeado, agarrados aos raios das rodas da carreta, tentavam movê-la. Um pouco afastado, o oficial caracolava numa égua de rabo curto e pêlo cor de chocolate. Dava ordens. Ao verem os cossacos, os húngaros abandonaram a carreta e fugiram a galope.

“Rápido, rápido, rápido!” Mentalmente, Grigóri ia marcando o galope do seu cavalo. Por um segundo, um pé desenfiou-se-lhe do estribo; sentiu-se instável na sela, procurou o estribo com angústia, conseguiu apanhá-lo, todo dobrado para o lado, e reenfiou nele o pé; erguendo os olhos, viu os seis cavalos atrelados à carreta, e no primeiro, abraçando-lhe o pescoço, o condutor, de crânio fendido e de camisa inundada de sangue e de massa encefálica. O cavalo pisava o corpo de um servente morto, que lhe estalava sob os cascos. Junto ao cofre das munições, que se virara, jaziam outros dois homens, ao passo que um terceiro estava tombado de costas em cima da carreta. Silántiev ultrapassou Grigóri. Montado na sua égua de cauda curta, o oficial húngaro matou-o com um tiro, quase à queima-roupa. Silántiev deu um salto na sela e caiu, de mãos estendidas para o azul longínquo... Grigóri havia puxado as rédeas, com o intuito de contornar o oficial, para o apanhar mais a jeito; mas este percebeu-lhe a manobra e fez fogo. Esvaziado o carregador contra Grigóri, sacou da espada. Esgrimista exímio, aparou com facilidade três golpes terríveis deste. De boca torcida, Grigóri disparou-lhe outro ainda: de pé nos estribos (os cavalos deles galopavam quase encostados, e Grigóri via a face cor de cinza, dura e escanhoadas, bem como o número na gola do uniforme do húngaro), iludiu-lhe a atenção com um falso movimento, e mudando a direcção ao golpe, espetou-lhe a ponta do sabre, primeiro entre as omoplatas e depois na nuca, onde começa a coluna vertebral. O húngaro deixou cair o braço que segurava a espada, largou as rédeas, empertigou-se, arqueando o peito, como se tivesse sido mordido, e desabou sobre o arção da sela. com uma sensação enorme de alívio, Grigóri atirou-lhe à cabeça; e viu o sabre penetrar-lhe no osso, acima da orelha.

Atingido por sua vez na cabeça por um tremendo golpe vibrado por trás, Grigóri perdeu a consciência. Sentiu ainda na boca o gosto do sangue, quente e salgado, e compreendeu que ia cair: o solo coberto de cânhamo aproximou-se dele, irresistivelmente, num torvelinho.

O choque violento da queda fê-lo voltar a si um instante. Abriu os olhos: estavam inundados de sangue. Junto de um ouvido, soava-lhe o martelar dos cascos e a respiração ofegante do cavalo: “hape, hape, hape!” Uma última vez Grigóri abriu os olhos, e viu as

narinas rosadas e dilatadas do animal, e uma bota pendente de um estribo. Um pensamento de libertação insinuou-se nele, como uma serpente: “Acabou-se tudo.” Os ouvidos zumbiam-lhe, um vazio negro sorveu-o.

XIV

Nos primeiros dias de Agosto, o tenente Evguéni Lisstnítzki decidiu passar do Regimento Atamánsski da Guarda Imperial para um regimento cossaco do exército. Redigiu o requerimento, e três semanas depois conseguia ser enviado para a frente de batalha. Cumpridas todas as formalidades, e antes de sair de Petrogrado, informou o pai, numa breve carta, do que havia decidido.

“Papá:

Pedi para ser transferido do Regimento Atamánsski para uma unidade combatente. Recebi hoje a nomeação, e parto, para me pôr à disposição do comandante do 2.º Corpo do Exército. É possível que lhe cause espanto a minha decisão; o motivo dela é este: não posso suportar mais tempo o ambiente em que vivia. Estou farto até à náusea de paradas, recepções e guardas-de-honra. Tenho necessidade de uma vida activa... de feitos, se o prefere. É de crer que seja o sangue glorioso dos Lisstnítzkis que em mim se manifesta, desses Lisstnítzkis que desde a Guerra Patriótica (*Designação russa da guerra de 1812 contra a França.*) não cessaram de ilustrar as armas russas. Vou para a frente. Peço-lhe a sua bênção. A semana passada vi o imperador, antes da partida para o Quartel General. Tenho um culto por este homem. Eu estava de guarda no interior do palácio. Ao passar por diante de mim com Rodzianko, sorriu e disse em inglês, designando-me com o olhar: “Eis a minha gloriosa Guarda! Um dia virá em que, graças a ela, baterei Guilherme.” Tenho por ele uma adoração de menina de colégio. Apesar dos meus vinte e oito anos feitos, não me envergonho de lho confessar. Indignam-me profundamente os mexericos da corte, que, como uma teia de aranha, se tecem em torno do nome luminoso do monarca. Não acredito, nem posso acreditar neles. Há alguns dias, ia eu matando o capitão Gromov, por se ter permitido emitir na minha presença palavras irreverentes sobre Sua Majestade a Imperatriz. Foi ignóbil. E eu disse-lhe que só homens com sangue de servos nas veias seriam capazes de se rebaixar a ditos assim abjectos. Isto aconteceu à frente de vários oficiais. No paroxismo da fúria, puxei pelo revólver, para o disparar contra aquele

canalha, mas alguns dos camaradas desarmaram-me. De dia para dia se me tornava mais custoso permanecer nesta cloaca. Nos regimentos da Guarda, em especial entre os oficiais, já não há autêntico patriotismo, nem mesmo, é terrível afirmá-lo, amor pela dinastia. Isto não são nobres, mas uma escória. Aqui tem a razão fundamental do meu corte com o regimento. Não posso continuar a conviver com pessoas que não respeito. E pronto: cuido que lhe disse tudo. Desculpe-me o desalinhado desta carta; mas estou com pressa, porque tenho ainda de fazer a mala e ir-me despedir do comandante da praça. Desejo-lhe boa saúde, papá. Escrever-lhe-ei das primeiras linhas uma carta pormenorizada. Seu Evguéni”.

O comboio para Varsóvia partia às oito horas da noite. Lisstnítzki tomou um trem para ir para a estação, deixando atrás dele Petrogrado, na cintilação azulada das suas luzes. A estação rumorejava, cheia de gente, principalmente militares. Um carregador arrumou a mala de Lisstnítzki no compartimento, e, ao receber a gorjeta que ele lhe deu, desejou boa viagem a Sua Nobreza. Lisstnítzki tirou o cinturão e o capote, desafivelou as correias em que levava enrolada uma manta de seda multicolor do Cáucaso, e estendeu-a sobre o banco. Perto da janela, um padre magro, de face ascética, tasquinha a comida que pousara na mesinha em frente. Ao mesmo tempo que sacudia as migalhas de pão que se lhe haviam prendido na barba esfiampada, convidava uma rapariga morena, de uniforme de estudante do liceu, sentada diante dele.

- Coma, qualquer coisa. Não quer?

- Muito obrigada!

- Não faça cerimónia. com o aspecto que tem, precisa de comer muito.

- Obrigada!

- Ora experimente este bolo de queijo. Talvez o senhor oficial também se queira servir.

Lisstnítzki moveu a cabeça.

- É comigo que está a falar?

- É, sim.

O padre fitava-o com os olhos tristes, mas por entre a moita mal semeada do bigode e da barba os lábios finos sorriam-lhe.

- Obrigado! Não tenho fome.

- É pena. O que entra pela boca não a suja. Vai para a frente de batalha?

- Vou.

- Deus o proteja.

Através do véu da sonolência que o dominava, Lisstnítzki ouvia a voz grossa do padre, como que vinda de muito longe; e já se lhe afigurava não ser o padre, grave e queixoso, quem falava, mas o capitão Gromov.

... Tenho encargos de família. A minha paróquia é pobre. Por isso me alistei como capelão regimental. O povo russo não pode viver sem fé. E de ano para ano, como sabe, a fé se robustece. Há, está claro, os que dela se afastam; mas são só os intelectuais; os camponeses continuam apegados a Deus. Pois é!...

E, depois de um suspiro cavo, nova torrente de palavras brotou, que já não atingiram a consciência de Lisstnítzki.

Este adormeceu. As últimas sensações de que se apercebera tinham sido o cheiro da pintura fresca das ripas do tecto e uma frase gritada do lado de fora dos vidros:

- Se o serviço de bagagens o aceitou, o resto não é comigo.

“Que foi que o serviço de bagagens aceitou?” reagiu-lhe ainda fugazmente o cérebro; e logo, sem transição, o fio das ideias se lhe quebrou. Depois de duas noites em claro, um sono pesado apoderou-se dele. Acordou a quarenta verstás de Petrogrado. As rodas soavam cadenciadamente, e a carruagem oscilava, sacudida pelo movimento irregular da locomotiva; num qualquer compartimento próximo, alguém cantava a meia-voz; a lâmpada do tecto projectava obliquamente sombras violáceas.

O regimento para que o tenente Lisstnítzki fora transferido havia sofrido pesadas perdas no decurso dos últimos combates; retirado da zona de fogo, reconstituía-se à pressa com novos cavalos e novos homens.

O estado-maior do regimento estava em Berezniágui, grande aldeia comercial. Lisstnítzki desceu do comboio num apeadeiro anónimo. Ao mesmo tempo, desembarcava uma ambulância. Pelo médico, a quem interrogou, soube ele que esta havia sido transferida da frente sudoeste para aquele sector, e que imediatamente ia partir para Krichovínsskoïê, por Berezniágui e Ivanovka. O médico, um homenzarrão corado, referia-se com muito pouco respeito aos seus superiores imediatos, e praguejava contra os oficiais do Estado-Maior da Divisão. Cofando a barba, de olhinhos duros reluzindo-lhe por trás das lunetas, aproveitava aquele interlocutor ocasional para dar largas ao seu mau-humor.

- Pode levar-me até Berezniágui? - interrompeu-o Lisstnítzki.

- Vai ali naquele carrinho, tenente - assentiu o médico. E torcendo-lhe familiarmente um botão do capote, prosseguiu na sua voz de baixo: - Imagine o tenente o que seja uma viagem aos tombos durante duzentas verstás, num vagom de gado, para vir para aqui cruzar os braços, quando, no sector de que retiraram a minha ambulância, houve dois dias

seguidos de combates extremamente mortíferos e há uma quantidade enorme de feridos com necessidade urgente de assistência. - E o médico repetia, rugindo, com um prazer feroz, carregando nos erres: combates extremamente mortíferos!

- Mas como se explica um disparate assim? - inquiriu o tenente por cortesia.

- Como? - O médico ergueu ironicamente as sobrancelhas acima das lunetas e de novo rugiu: - Pela incoerência, pela inépcia, pela estupidez do Estado-Maior! Aí tem a razão! Atrapalham tudo, esses safados. Falta-lhes por completo a competência, e até o mínimo bom-senso. Lembra-se de “As Memórias de um Médico” de Veressáiev? Pois é a mesma coisa, e elevada ao quadrado!

Lisstnítzki fez a continência e dirigiu-se para o carrinho. Furioso, atrás dele, o médico continuava a coaxar:

- Vamos perder a guerra, tenente. Perdemos-la contra os japoneses e não serviu de nada a lição. Também nessa altura estávamos convencidos de que éramos fortes...

E, abanando a cabeça com tristeza, abalou ao longo da linha do caminho-de-ferro, saltando por sobre as poças de água irisadas de óleo.

A ambulância chegou a Berezniágui ao cair da noite. O vento batia a grenha amarela do restolho. A oeste, amontoavam-se, enredavam-se nuvens. Ao alto, eram de um tom violáceo escuro; em baixo alargavam-se, sobre o lençol mortiço do céu, não já daquele tom extraordinário, mas sob a forma de fiapos vaporosos, de um lilás baço; a meio, eram uma massa informe, semelhante à aglomeração do gelo num rio, rasgada aqui e além, para deixar passar a torrente alaranjada dos raios do sol poente, que se abria em leque, esparrinhava, se refractava, se desfazia em poalha, e se despenhava por fim a prumo na terra, numa orgia indescritível de cores.

Um cavalo lazão, que uma bala matara, jazia na estrada, junto a um fosso. Numa pata traseira, medonhamente espetada no ar, uma ferradura meio gasta brilhava. Lisstnítzki, aos baloiços no carrinho, olhou-o. O enfermeiro que o acompanhava cuspiu sobre o ventre inchado do cavalo e explicou:

- Apanhou uma pancada... Comeu trigo a mais rectificou ele, relanceando os olhos ao tenente. Quis cuspir segunda vez, mas por delicadeza engoliu a saliva e limpou os lábios à manga do dólman. Morreu e ninguém se lembrou de o tirar do caminho... Nisto, os alemães são muito diferentes de nós.

- Que sabes tu disso? - perguntou Lisstnítzki, com irracionada ira.

Naquele momento, odiava intensamente, de ódio irracionado também, a face indiferente do enfermeiro, com o seu ar de superioridade e de desprezo. Era uma face parda, triste como em Setembro um campo ceifado. Nada nela diferia dos milhares de faces

dos camponeses soldados que havia cruzado ou ultrapassado na sua viagem de Petrogrado até ali. Todas elas eram um pouco murchas, com uma expressão de espanto nos olhos cinzentos, ou azuis, ou verdes, ou de qualquer outra cor, e faziam lembrar velhas moedas de cobre, cunhadas há muito.

- Vivi três anos na Alemanha, antes da guerra - respondeu sem pressa o enfermeiro. O tom de desprezo e de superioridade que o tenente lhe entrevira na expressão percebia-se-lhe agora na voz. - Trabalhei em Königsberg numa fábrica de charutos esclareceu ele, em voz enfatiada, chicoteando o cavalo com as pontas das arreatas de coiro.

- É melhor que te cales! - disse-lhe o tenente com severidade, virando-se e fixando a cabeça do cavalo morto, de topete tombado para os olhos e dentes arreganhados e amarelos.

A pata traseira dele, espetada no ar, estava meio dobrada, e o casco um pouco fendido perto da ferradura, mas este tinha um reflexo azul-acinzentado; e, por isto e pelo travadoiro delgado, calculou o tenente que o animal era novo e de boa raça.

Mas já o carrinho se afastava, aos solavancos, por uma estrada vicinal. A oeste, no extremo do horizonte, as cores vivas extinguíam-se, o vento dispersava as nuvens. A perna do cavalo, recortada a negro, semelhava o perfil de uma capela sem cúpula. Lisstnítzki não despregava dela a vista. De súbito, um feixe de raios solares iluminou o cavalo, e a perna, de pêlo alourado, denso e liso, floresceu, como um ramo milagroso, sem folhas, cor de laranja.

À entrada de Berezníagui, a ambulância cruzou-se com um comboio de feridos.

O dono do primeiro carro, um velho branco-russiano, de cara rapada, caminhava ao lado dos cavalos, com as arreatas de corda enroladas na mão. Estendido no carro, apoiado num cotovelo, vinha um cossaco, sem boné, de cabeça ligada. De olhos cerrados pela fadiga, mastigava pão, que em seguida cuspiu, feito numa massa escura. Ao lado, deitado de bruços, vinha um soldado de infantaria. As calças dele, horrivelmente laceradas nas nádegas, arrepanhavam-se-lhe, do sangue coalhado que as ensopava. O soldado praguejava selvaticamente, sem levantar a cabeça. A entonação da voz dele, semelhante à de um fanático a rezar, horrorizou Lisstnítzki. O segundo carro transportava seis soldados arrumados ao lado uns dos outros. Um deles, franzindo os olhos brilhantes e inflamados, contava, com uma alegria febril:

- Acho que veio um embaixador lá do imperador deles, com propostas de paz. Quem me contou isto foi um homem de confiança. Eu, pelo menos, tenho-o como tal.

- Ponho-lhe dúvidas! - disse outro, abanando a cabeça redonda, em que se notava a cicatriz de uma escrófula antiga.

- Pode ser, Filipe, que seja verdade - contraveio, com o sotaque doce do Volga, um terceiro, sentado, de quem Lisstnítzki via apenas as costas.

No quinto carro, eram visíveis os galões vermelhos de uns bonés cossacos. Confortavelmente instalados no carro, que era largo, três cossacos encararam em silêncio Lisstnítzki, sem qualquer sinal de respeito militar nas caras graves e cobertas de poeira.

- Viva, cossacos! - gritou o tenente.

- Os nossos respeitos! - respondeu-lhe molemente um belo cossaco de sobrancelhas grossas e bigode prateado, sentado ao lado do carreiro.

- De que regimento são vocês? - inquiriu Lisstnítzki, procurando ler-lhe o número da presilha do ombro esquerdo.

- Do 12 de cossacos.

- Onde está ele agora?

- Não sabemos.

- Onde foram vocês feridos?

- Perto de uma aldeia para acolá. . A pouca distância daqui.

Os cossacos cochicharam entre si, e depois um deles, segurando com a mão válida o braço ferido, envolvido num pedaço de pano, saltou do carro.

- Espere aí, Vossa Nobreza.

Com precaução amparava o braço inflamado, que uma bala trespassara, e bamboleando-se, de pés ao léu, aproximou-se de Lisstnítzki, a rir-se para ele.

- O senhor não é da stanitsa de Viochénsskaia? Não é o tenente Lisstnítzki?

- Sou, sou.

- Nós reconhecemo-lo. Não terá Vossa Nobreza aí qualquer coisa que se fume? Por amor de Deus, faça-nos esse favor, que não aguentamos mais tempo sem tabaco.

Avançava agora a par do carrinho, agarrando-se-lhe ao rebordo pintado. Lisstnítzki puxou da cigarreira.

- Se nos pudesse dar uns dez cigarros! É que nós somos três - disse o cossaco, com um sorriso suplicante.

Lisstnítzki esvaziou a cigarreira na palma da mão larga do cossaco e indagou:

- Há muitos feridos no vosso regimento?

- Aí uns vinte.

- E perdas pesadas?

- Há muitos mortos. Tem lume, Vossa Nobreza? Muito agradecido! - O cossaco acendeu um cigarro e deixou-se ficar para trás Depois bradou para o carrinho: - A aldeia de

Tatársski, que é ao lado da sua propriedade, teve hoje três mortos. Foi uma cresta nos cossacos!

Acenou com a mão e correu atrás do carro em que vinha. O vento enfolava-lhe o dólman de aqui, sem cinturão.

O coronel comandante do regimento para o qual Lisstnítzki fora transferido instalara-se em Berezniágui, em casa de um padre. Na praça da aldeia, o tenente despediu-se do médico que lhe oferecera transporte no carrinho da ambulância e abalou em cata do estado-maior do regimento. Um ajudante de barba ruiva flamejante, que comandava uns soldados que iam render um posto, cruzou-se por ele, fez-lhe a continência, e, sem alterar o passo, respondeu à pergunta dele, apontando uma casa. As instalações do estado-maior estavam tão tranquilas como as de qualquer outro estado-maior afastado das linhas de combate. Um secretário curvava-se sobre uma mesa grande, e um velho capitão ria para um interlocutor invisível, a um telefone de campanha. Junto às janelas do vasto quarto zumbiam moscas, e, como mosquitos, telefones distantes soavam. Acompanhado por uma ordenança, o tenente dirigiu-se à casa do coronel. Este, um homem alto, com uma cicatriz triangular no queixo, que ele encontrou na antecâmara, acolheu-o sem cordialidade, com aparente mau-humor.

- Sou eu o comandante do regimento - respondeu ele à pergunta que lhe fez o tenente; e ao saber que este tinha a honra de se colocar à sua disposição, convidou-o com a mão, em silêncio, a entrar no seu gabinete. Depois, fechou a porta, alisou os cabelos, com um gesto de uma imensa lassidão, e disse em voz doce e monótona:

- O Estado-Maior da Brigada informou-me ontem da sua chegada. Sente-se, faça favor.

Interrogou Lisstnítzki acerca do seu serviço anterior e da sua viagem, informou-se das últimas notícias da capital e, durante toda a duração da breve conversa de ambos, nem uma só vez para ele ergueu os olhos sobre os quais pesava uma fadiga enorme.

“Deve ter muito que fazer na frente. Tem um ar de mortalmente cansado” pensou o tenente, compadecido, examinando a ampla fronte inteligente do coronel. O outro, porém, como que para o dissuadir, coçou-se entre as sobranceiras com o punho do sabre e disse:

- Vá, tenente, vá travar conhecimento com os outros oficiais. Eu há três noites que não durmo. Num buraco destes, a não ser jogar as cartas e beber, não se faz nada.

Lisstnítzki fez a continência, dissimulando o seu desprezo com um sorriso. E saiu, a pensar com amargor naquela entrevista, e a trocar de si próprio, pelo respeito involuntário que lhe haviam inspirado o aspecto fatigado e a cicatriz do queixo robusto do coronel.

XV

A divisão recebeu ordem de transpor o rio Stir e atacar o inimigo pela retaguarda, nas proximidades de Lóvichtchi.

Em poucos dias, Lisstnítzki tinha estabelecido relações com os oficiais do estado-maior do regimento; depressa se afez à atmosfera dos combates, que lhe sacudiu da alma o hábito de conforto e de despreocupação do tempo de paz.

A operação da travessia do rio foi brilhantemente executada. A divisão forçou o flanco esquerdo de uma importante concentração de tropas e envolveu o inimigo. Perto de Lóvichtchi, os austríacos, secundados pela cavalaria húngara, tentaram passar à ofensiva, mas foram varridos pelas granadas das baterias cossacas, e os esquadrões húngaros tiveram de recuar em desordem, dizimados pelo tiro de flanco das metralhadoras e perseguidos pelos nossos cavaleiros.

Lisstnítzki tomou parte no contra-ataque com o seu regimento. O grupo de esquadrões a que este pertencia não largava o inimigo em retirada. O terceiro pelotão, que ele comandava, tivera um cossaco morto e três feridos. Esforçando-se por não lhe escutar a voz de baixo enrouquecida, o tenente ultrapassou com aparente serenidade Lochtchénov. Este, um jovem cossaco de nariz adunco da stanitsa de Krassnokútsskaia, jazia esmagado sob o cavalo. Estava ferido num antebraço, imóvel, de gengivas à mostra, e suplicava aos cossacos que passavam:

- Irmãos, não me abandonem! Libertem-me, irmãos!

A voz grave, trémula de sofrimento, ressoava-lhe surdamente, mas os corações perturbados dos cossacos não se apiedavam, ou, se piedade sentiam, a vontade tensa deles esmagava-a, impedia-a de se manifestar. Para dar um certo descanso aos cavalos ofegantes da corrida, durante uns cinco minutos o pelotão avançou a passo. A meia verstá de distância, os esquadrões húngaros fugiam, desordenados. Por entre as belas fardas ornadas de peles dos cavaleiros, viam-se os uniformes cinzentos-azulados dos soldados de infantaria. Um comboio de munições austríaco descia a crista da colina, e os fumos leitosos das granadas flutuavam por cima dele, como que em sinal de adeus. Algures, à esquerda, uma bateria atirava contra ele, repetidamente. Os ribombos intensos alastravam por sobre

o campo e multiplamente ecoavam na floresta próxima. O tenente-coronel Safrónov, que comandava o grupo de esquadrões, lançou:

- A trote!

E os três esquadrões meteram a trote largo, alongados em formação livre. Sob os seus cavaleiros, os cavalos baloiçavam-se, deixando atrás deles flores de espuma amarela-rosada.

Aquela noite passaram-na numa aldeola.

Numa cabana, amontoavam-se doze oficiais do regimento. De fatigados que estavam, tinham-se deitado sem comer. A cozinha de campanha chegou por volta da meia-noite. O alferes Tchubov apareceu com um panelão de sopa de couves, cujo cheiro despertou os oficiais, e um quarto de hora depois, cheios de sono, todos comiam avidamente, em silêncio, para se desforrarem de dois dias de combate. Mas aquela ceia tardia espalhou-lhes o sono. E agora, enrolados nos seus capotes, estendidos em cima da palha, pesadões da comida, fumavam.

O capitão Kalmíkov, um oficialzito redondinho, cuja cara, tal como o nome, revelavam a sua origem mongol, dizia, com largos gestos:

- Esta guerra não foi feita para mim. Nasci quatro séculos atrasado. Tenho a certeza, Pietr - (pronunciava Pietr, em vez de Piotr) dizia ele ao tenente Terssintsev - de que não verei o fim desta guerra.

- Devias deixar-te de superstições - replicou-lhe o outro em voz rouca, de debaixo do capote.

- Não se trata de superstições. É uma fatalidade. É atavismo meu. Juro-te que estou aqui a mais. Quando hoje combatíamos, eu tremia de raiva. Não suporto não ver o adversário. É uma sensação ignóbil, equivalente ao medo. Atiram sobre nós, de várias verstás de distância, e nós desatamos a correr nos nossos cavalos, como abetardas sob o fogo dos caçadores.

- Examinei uma peça de artilharia austríaca em Kupalka. Quem foi mais dos senhores que a viu? - perguntou o capitão Atamántchukov, lambendo os restos da carne de conserva que lhe tinham ficado presos ao bigode ruivo, cortado à inglesa.

- Notável! A mira, o mecanismo todo estão acima de qualquer elogio! - comentou com entusiasmo o alferes Tchubov, que entrementes esvaziara outra gamela de sopa de couves.

- Também eu a vi, mas não posso expender opinião. Sou profano, em matéria de artilharia. Para mim, é um canhão como outro qualquer, simplesmente de boca mais larga.

- Eu invejo os que se batiam com meios primitivos - prosseguia Kalmíkov, agora virado para Lisstnítzki. - Atacar as fileiras inimigas em combate leal, rachar um homem de meio a meio com uma espadeirada compreendo eu. Mas isto que actualmente se faz está para além da minha compreensão!

- Nas guerras futuras, o papel da cavalaria será nulo.

- Ou talvez deixe mesmo de haver cavalaria.

- Isso é o que se há-de ver!

- Mas não há sombra de dúvida.

- Estás a exagerar, Terssintsev. Não se pode substituir o homem pela máquina.

- Eu não estou a falar do homem, mas do cavalo. Há-de ser substituído pela motocicleta ou pelo automóvel.

- Estou a ver: esquadrões automóveis!

- É uma estupidez! - exclamou, irritado, Kalmíkov. - Os cavalos ainda hão-de prestar serviços aos exércitos. Isso é uma ideia absurda! O que se fará daqui a duzentos ou trezentos anos não o sabemos nós. Por enquanto, seja como for, a cavalaria...

- Que farás tu, Dmitri Dóneskoï (*Herói semilendário, príncipe de Moscovo, que reuniu a Cristandade contra os mongóis e os venceu na batalha de Kulíkov, em 1380*), quando a frente de batalha se fixar em trincheiras? Ha? Ora responde lá!

- Ruptura das linhas, incursões, ataques de surpresa à retaguarda do inimigo, aí tens o trabalho da cavalaria.

- É um disparate.

- Pois veremos, meus senhores.

- Vamos mas é dormir.

- Acabem lá de discutir. Há tempo para tudo. Os outros estão com sono.

A discussão terminou. Um deles ressonava já de assobio, envolto no seu capote. Lisstnítzki, que não tomara parte naquela conversa, estava estendido de costas, e aspirava o cheiro picante da palha de centeio que lhes servia de cama. Kalmíkov benzeu-se e deitou-se ao lado dele.

O tenente devia falar com o voluntário Buntchuk. É do seu pelotão. É um rapaz interessante.

- Porquê? - perguntou Lisstnítzki, virando as costas a Kalmíkov.

- É um cossaco russificado. Viveu em Moscovo. É um simples operário, mas sabe toda a casta de coisas. Tem um feitio curioso e é um excelente metralhador.

- E se dormíssemos? - propôs Lisstnítzki.

- Pois sim - aquiesceu Kalmíkov, a pensar noutra coisa. Mexeu os dedos dos pés e fez uma expressão de culpado. - O tenente desculpe os meus pés cheirarem tão mal... Há três semanas que não me descalço, de modo que tenho as peúgas podres do suor... É horrível. Tenho de pedir aos cossacos umas tiras de pano.

- Não tem importância - murmurou Lisstnítzki; e mergulhou no sono.

Lisstnítzki tinha-se já esquecido da sua conversa com Kalmíkov, quando no dia seguinte encontrou por acaso o voluntário Buntchuk. Ao alvorecer, o comandante do esquadrão tinha-lhe dado ordem de fazer um reconhecimento e, se fosse possível, estabelecer ligação com o regimento de infantaria que continuava a sua ofensiva no flanco esquerdo. Na penumbra matinal, atravessou o pátio cheio de cossacos que dormiam, à procura do sargento do pelotão, até que o encontrou.

- Arranja-me cinco homens para uma patrulha e manda-me selar o cavalo. Depressa!

Cinco minutos volvidos, um cossaco de meia estatura apresentou-se à entrada da cabana.

- Saiba Vossa Nobreza - disse ele ao tenente, que estava a encher de cigarros a cigarreira - que o sargento não me quer designar para a patrulha, por não ser a minha vez. Dá-me licença que eu vá?

- Queres-te distinguir? Tens alguma culpa que queiras que te perdoem? - inquiriu o tenente, tentando identificar a cara do cossaco na semiobscuridade.

- Não é para me resgatar de nada.

- Está bem. Podes vir... - decidiu Lisstnítzki, erguendo-se. - Eh, tu! - gritou ele ao cossaco, que já se afastava. - Vem cá!

O outro acercou-se.

- Diz ao sargento...

- O meu apelido é Buntchuk interrompeu-o o cossaco.

- O voluntário?

- Exactamente!

- Diga ao sargento - corrigiu Lisstnítzki, dominando o seu momentâneo enleio – que não, está bem, eu próprio lho direi.

Via-se agora melhor. A patrulha saiu da aldeola, ultrapassou as sentinelas, e tomou em direcção a outra aldeia, indicada no mapa.

Ao fim de meia verstá, o tenente meteu o cavalo a passo.

- Voluntário Buntchuk!

- Presente!

- Faça o favor de chegar aqui.

Buntchuk aproximou o seu cavalo medíocre do donetz de raça pura do tenente.

- De que stanitsa é? - perguntou Lisstnítzki, fitando o perfil do voluntário.

- De Novotcherkásskaia.

- Posso saber por que razão se alistou?

- Ora essa! - respondeu Buntchuk em voz arrastada e um pouco irónica, virando para o tenente os olhos duros e esverdeados, sem pestanejar. A expressão deles era firme e inflexível. - Interesse-me pela arte militar. Quero aprender.

- Para isso há as escolas militares.

- Realmente, há.

- E então?

- Em primeiro lugar, quero estudar a prática. A teoria virá depois.

- Qual era a sua profissão antes da guerra?

- Operário.

- Onde trabalhou?

- Em Petersburgo, em Rostov no Don, e na fábrica de armas de Tuia... Vou pedir para me transferirem para um grupo de metralhadoras.

- Sabe de metralhadoras?

- Conheço os sistemas Schosch, Berthier, Madsen, Maxim, Hotchkiss, Bergmann, Vickers, Lewis, Schwarzlose.

- Oh-oh! Falarei nisso ao comandante do regimento.

- Agradeço-lho.

Mais uma vez o tenente examinou a figura baixa e atarracada de Buntchuk. Lembrava-lhe uma árvore do Don, o karaítch; nada tinha de particular, de impressionante: tudo era comum na cara dele; apenas a dureza dos maxilares e os olhos, que obrigavam a baixar os olhos alheios, a distinguiam da generalidade das outras caras.

Sorria raramente, com as comissuras dos lábios, sem que tal sorriso lhe adoçasse o olhar, que implacavelmente mantinha o seu reflexo gélido. Todo ele era descolorido, frio e reservado, tal como o karaítch, a árvore rude, dura como o ferro, que cresce na terra inóspita, arenosa e cinzenta das margens do Don.

Algum tempo eles continuaram calados. Buntchuk levava as largas mãos pousadas no botão verde do arção pelado da sela. Lisstnítzki puxou de um cigarro, e, curvando-se para o fósforo que Buntchuk lhe estendeu, sentiu-lhe na mão o cheiro doce e resinoso de suor de cavalo. De cavalo pareciam também os pêlos castanhos, espessos, que lhe cobriam as costas das mãos. Instintivamente, apeteceu a Lisstnítzki acariciá-los. Aspirou uma fumaça acre e disse:

- Quando chegarmos à floresta, o senhor e outro cossaco seguirão por aquele caminho à esquerda. Está a ver?

- Estou.

- Se ao fim de cerca de meia verstá, não tiverem encontrado a nossa infantaria, voltam para trás.

- Às suas ordens!

Recomeçaram a trotar. A alguma distância do bosque, havia um grupo de bétulazinhas, muito cerradas umas contra as outras; mais lá, avistavam-se uns pinheiros anões, amarelos e tristes, e umas moitas esparsas de arbustos crespos e de silvados, esmagados pelas carretas austríacas. Ao longe, à direita, os ribombos dos canhões faziam tremer o solo; mas ao pé das bétulas tudo transparecia uma indizível serenidade. A terra absorvia o orvalho abundante, as ervas ainda com um resto de viço, carregavam-se já dos tons róseos anunciadores do Outono e da morte próxima. Lisstnítzki, que havia parado perto das bétulas, observava com o binóculo a colina, cuja lomba assomava por detrás da floresta. Uma abelha de asas abertas pousou-lhe no botão de cobre do punho do sabre

- Estúpida! - disse Buntchuk em voz baixa e compassiva, comentando o equívoco da abelha.

- Que é? - inquiriu Lisstnítzki, despegando os olhos do binóculo.

Buntchuk indicou-lhe a abelha com os olhos e Lisstnítzki sorriu.

- O mel dela há-de ser muito amargo, não lhe parece? - Não foi Buntchuk quem lhe respondeu. Algures, por detrás de uma moita distante de pinheiros, uma metralhadora rasgou o silêncio, como uma pega tagarela, balas dispersas atingiram as bétulas, e um raminho cortado de uma, oscilando e rodopiando, caiu sobre a crina do cavalo do tenente.

Galoparam direitos à aldeola, excitando os cavalos com os chicotes e com a voz. Por trás deles, a metralhadora austríaca esvaziava incessantemente a sua fita.

Daquele dia em diante, mais de uma vez Lisstnítzki teve ocasião de encontrar o voluntário Buntchuk, e de cada uma delas o surpreendeu a vontade indómita que se lhe lia no olhar duro, interrogando-se, sem conseguir percebê-lo, acerca do que esconderia a impenetrável reserva, que, como uma nuvem, flutuava sobre a face daquele homem tão simples na aparência. Também ao falar, com o seu sorriso constrangido nas comissuras dos lábios severos, Buntchuk parecia não revelar o fundo do seu pensamento, como se seguisse um caminho sinuoso, ladeando uma verdade só dele conhecida. Acabaram por transferi-lo para um grupo de metralhadoras. Uma dezena de dias depois (estava o regimento em repouso de um dia), Lisstnítzki encontrou-se com ele, ao dirigir-se para a casa do

comandante do esquadrão. Buntchuk caminhava ao longo de um armazém incendiado, agitando alegremente a mão esquerda.

- Ah, o nosso voluntário!

Buntchuk virou a cabeça, e ia a afastar-se, depois de fazer a continência.

- Onde vai? - perguntou-lhe Lisstnítzki.

- Vou ter com o meu chefe de grupo.

- Cuido que vamos para o mesmo lado.

- Cuido que sim.

Um bocado percorreram em silêncio a rua da aldeia destruída. Nos pátios, junto dos raros armazéns que haviam sido poupados, iam e vinham homens, passavam cavaleiros; no meio da rua, uma cozinha de campanha fumegava diante de uma longa fila de cossacos que esperavam a vez; do céu caía uma morrinha fina e penetrante.

- Então? - atirou Lisstnítzki, espreitando pelo canto de um olho Buntchuk, que ia um pedacinho recuado em relação a ele. - Continua a estudar a guerra?

- Sim... Continuo. É como diz.

- Depois da guerra, que conta fazer? - perguntou Lisstnítzki sem saber porquê, mirando as mãos peludas do voluntário.

- Alguém há-de colher o que se semeou. Por mim... verei - disse Buntchuk, franzindo os olhos.

- Como devo entender isso?

- O meu tenente conhece o provérbio: “Quem semeia ventos colhe tempestades.” - Os olhos franziam-se-lhe ainda mais. - Pois bem: é assim.

- Devia falar com mais clareza, sem alegorias.

- Eu acho claro. Até outra vez, meu tenente. Eu volto à esquerda.

O tenente encolheu os ombros, e demoradamente o seguiu com o olhar.

“Gostará ele de armar em original, ou será simplesmente, um pouco maluco?” pensou Lisstnítzki com irritação, enquanto penetrava no abrigo de terra, muito limpo, do comandante do esquadrão.

XVI

Depois da primeira reserva, tinha-se chamado a segunda. As stanitsas, os khutores do Don estavam desertos, como se a região toda estivesse a fazer as ceifas.

Na fronteira é que foi uma triste ceifa naquele ano: a morte tragava os ceifeiros, e mais de uma mulher cossaca, de cabeça desnuda, havia já erguido as suas lamentações funerárias: “Meu querido, meu querido!... Porque me deixaste tu?...”

Os seres amados caíam aos quatro cantos do horizonte, vertiam o seu rubro sangue cossaco e apodreciam, de olhos vítreos, na Áustria, na Polónia, na Prússia, aos dobres dos canhões... O vento de leste não levava até eles o pranto das mulheres e das mães.

A flor do povo cossaco abandonara os seus lares e desaparecia lá longe, no meio da podridão, dos piolhos e do medo ..

Era um belo dia de Setembro. Nuvens leitosas, irisadas, muito finas e flocosas, fluíam por sobre a aldeia de Tatárski. O sol exangue sorria como uma viúva; e o azul puro e virginal do céu era de uma pureza e de uma indiferença irritantes. Do lado oposto do Don, a floresta agonizava, já ferida do amarelo do Outono: os choupos luziam debilmente; os castanheiros despiam-se das suas folhas opulentas; e apenas os ulmeiros conservavam o seu verde berrante, alegrando com a sua vitalidade os olhos penetrantes das pegas.

Naquele dia, Pantelei Prokófievitch Melekhov recebeu uma carta da frente. Foi Duniachka quem a trouxe do correio. O empregado entregara-lha com muitas vénias, sacudindo a cabeça calva e abrindo humildemente os braços.

- Perdoem-me por amor de Deus, mas eu abri esta carta. Diga-o ao seu pai; “Firs Sidórovitch confessou que abriu esta carta. Interessava-o muito ter notícias da guerra, saber como aquilo vai por lá ..” Peça por mim desculpa ao seu paizinho, Pantelei Prokófievitch; não se esqueça de lho dizer.

Ao contrário do que era seu hábito, mostrava-se atrapalhado, e acompanhou Duniachka até à porta, sem se preocupar com o nariz sujo de tinta.

- Peço-lhes por amor de Deus que não me queiram mal. .

- Mas nós conhecemo-nos, não é verdade? - murmurava ele curvando-se atrás de Duniachka, que foi assaltada como que por um pressentimento.

Entrou alvoraçada em casa, e não atinava em tirar a carta de dentro do corpete.

- Despacha-te! - gritou-lhe Pantelei Prokófievitch, cofiando a barba que lhe tremia.

Ao abrir a carta, ela contou rapidamente:

- O empregado do correio disse que leu a carta, porque lhe interessava, e pede ao papá que não lhe queira mal.

- Ele que vá para o diabo! É do Grichka? - interrogou ansiosamente o velho, respirando contra a cara de Duniachka. - É do Grigóri, ha? Ou é do Petro?

- Não, papá... A letra é diferente.

- Lê lá! Não nos faças sofrer mais! - exclamou Ilínitchna, deixando-se cair pesadamente num banco (as pernas tinham-lhe inchado; custava-lhe a andar; dir-se-ia antes que se arrastava).

Natalia acorreu do pátio, ofegante, e encostou-se ao fogão, apertando o peito com as mãos e dobrando o pescoço deformado pela sua ferida. Um sorriso dançava-lhe nos lábios, como uma rêstiazinha de sol, na expectativa de um cumprimento de Grigóri, de uma alusão a ela, mesmo breve, mesmo fugitiva, que a recompensasse da sua dedicação de cão, da sua fidelidade.

- E a Daria onde está? - murmurou a velha.

- Caluda! - bradou Pantelei Prokófievitch, de olhos esbugalhados de cólera; e para Duniachka: - Lê, anda!

“Informo-o...” principiou Duniachka, e, escorregando do banco em que estava sentada, a tremer toda, gritou com voz alterada: Papá! Meu papàzinho!... Oh, mamãzinha! O nosso Gricha!... Ai, ai! O Gricha... morreu!...

Presa entre as folhas de um gerânio meio seco, uma vespa debatia-se e zumbia perto da janela, uma galinha cacarejava placidamente no pátio, e através da porta escancarada ouviam-se risos de criança, a distância, como guizos.

Uma contracção arrepanhara a face de Natalia, de cujas comissuras dos lábios, contudo, o sorriso fugaz se não apagara por completo.

Pantelei Prokófievitch erguera-se, a abanar a cabeça, e olhou petrificado para Duniachka, que se debatia no chão, em convulsões.

“Informo-o de que o seu filho, o cossaco Grigóri Pantelêievitch Melekhov, do 12.º regimento de cossacos do Don, foi morto em combate, na noite de 16 de Setembro do corrente ano, perto da cidade de Kamenka-Strumílovo. O seu filho morreu como um valente. Que isto lhe sirva de consolo à sua perda irreparável. O espólio dele será entregue ao irmão, Piotr Melekhov. O cavalo ficou no regimento.

O comandante do 4.º esquadrão, Capitão Polkóvnikov. Frente de batalha, 18 de Setembro de 1914.”

Depois da notícia da morte de Grigóri, Pantelei Prokófievitch foi-se de repente abaixo. Envelhecia a olhos vistos. O fim dele dir-se-ia que se aproximava inexoravelmente: a memória enfraquecia-lhe, a razão turvava-se-lhe. Sombrio e curvado, passeava pela casa de um lado para o outro; o brilho, como de azeite, dos olhos febris, revelava-lhe a perturbação do espírito.

Colocara a carta do capitão por baixo do ícone; várias vezes por dia saía ao vestíbulo e chamava Duniachka com um dedo.

- Vem cá! Ela ia.

- Vai buscar a carta acerca do Grigóri. Agora lê-a! - ordenava-lhe ele, deitando um olhar inquieto para a porta do quarto em que Ilínitchna se consumia num sofrimento mudo. - Lê-a baixinho, como se fosse para ti. - E manhosamente todo dobrado, piscava um olho indicando a porta. Lê-a baixinho, porque a mãe, tu sabes... Coitada!...

Engolindo as lágrimas, Duniachka lia a primeira frase, e Pantelei Prokófievitch, habitualmente acororado ao lado dela, alçava a prumo a palma da mão negra, da largura de uma ferradura de cavalo.

- Pára! Eu sei o resto... Vai guardá-la debaixo do ícone... Devagarinho! Porque a mãe... - E de novo piscava medonhamente o olho, e se encolhia todo, como a casca de uma árvore ao devorá-la o fogo.

Começaram os cabelos a encanecer-lhe. Não tardou que a cabeça se lhe enchesse de manchas brancas e a salpicar-se-lhe de fios brancos a barba. Fez-se glutão: comia muito e por forma sórdida.

Nove dias após a missa de defuntos, convidaram o pope Vissarione e os parentes para a refeição funerária, em memória do combatente Grigóri.

Pantelei Prokófievitch comia depressa e com avidez; na barba iam-lhe ficando pedacinhos de massa cozida. Ilínitchna, que com espanto o observara durante os últimos dias, pôs-se a chorar.

- Pai! Que se passa contigo?...

- Mas que é? - inquietou-se o velho, erguendo a vista turva da tigela de esmalte.

Ilínitchna fez um gesto de desespero e virou-se para o lado, limpando os olhos a um guardanapo bordado.

- Parece que há três dias que não come, papá! - comentou Daria maldosamente, chispando-lhe o olhar.

- Estou a comer? Ah, pois, pois... Mas eu não torno... - disse Pantelei Prokófievitch, atrapalhado.

Olhou os convivas em roda da mesa, numa grande perturbação, e calou-se, de lábios cerrados, carrancudo, não voltando a responder ao que lhe perguntavam.

- Tens de ser forte, Pantelei Prokófievitch. Não te podes deixar vencer pelo desespero! - exortou-o o pope Vissarione, após a refeição. - A morte dele foi santa. Não ofendas o Senhor, velho. O teu filho coroou-se de espinhos pelo tsar, pela pátria, e tu... Isso é um pecado, Pantelei Prokófievitch, isso é um pecado... Deus não to perdoa.

- Mas eu tento, padre, eu tento ser forte. “Morreu como um valente” escreveu o capitão dele...

Beijada a mão ao pope, o velho foi encostar-se à ombreira da porta, e, pela primeira vez desde a notícia da morte do filho, rompeu a chorar, sacudido por soluços violentos.

Dali por diante, dominou-se e principiou a recompor-se.

Cada qual curava-se das suas feridas a seu modo.

Ao anúncio da morte de Grigóri, Natalia havia corrido para o pátio. “Vou-me matar. Agora, tudo se acabou para mim. Depressa!” Aquele pensamento impelia-a, fustigava-a como uma labareda. Debateu-se nos braços de Daria, e, com um alívio feliz, sentiu que desmaiava: era, pelo menos, uma pausa, até, com a consciência, lhe tornar a recordação tirânica do que havia acontecido. Passou uma semana num torpor horrível, e, ao regressar ao mundo das realidades, estava mudada, apática, roída por um negro mal... Um morto invisível habitava a casa dos Melekhoves, e os vivos respiravam-lhe o cheiro cadaveroso.

XVII

Doze dias volvidos sobre a notícia da morte de Grigóri, os Melekhoves receberam de Petro duas cartas ao mesmo tempo. Duniachka, que as leu no correio, voltou de lá para casa, quer voando como uma ervinha arrastada por uma rabanada de vento, quer cambaleando e amparando-se às sebes das ruas. Semeou uma revolução na aldeia e introduziu consigo em casa uma indescritível agitação. Já de longe ela gritava:

- Gricha está vivo!... Está vivo o nosso querido!... - Petro escreveu!... Gricha está ferido, não morreu!... Está vivo, está vivo!...

“Viva, queridos pais” escrevia Petro na sua carta datada de 20 de Setembro. “Informo-os de que o nosso Gricha ia dando a alma ao Criador, mas, graças a Deus, está vivo e rijo, o que também lhes desejamos que estejam, se for isso vontade de Deus, assim como é nossa, bem como que gozem de saúde e felicidade. O regimento dele bateu-se perto da cidade de Kamenka-Strumílovo, e durante o ataque os cossacos do pelotão dele viram um hussardo húngaro dar-lhe uma sabrada e Grigóri cair do cavalo. Mas não sabíamos mais nada, e, por mais que perguntássemos, ninguém passava disto. Só depois é que eu soube por Michka Kochevói, o qual apareceu no nosso regimento como agente de ligação, que Grigóri tinha para ali ficado até à noite, mas que durante a noite tinha recuperado os sentidos e tinha começado a andar de rastos. E a rastejar, e orientando-se pelas estrelas, tinha ido parar ao pé de um nosso oficial ferido. Esse oficial ferido era o tenente-coronel de um regimento de dragões, que tinha sido atingido na barriga e nas pernas por estilhaços de uma granada. Grigóri pegou nele às costas e assim andou seis verstás. E por isto foi condecorado com a cruz de São Jorge e promovido a cabo. Assim foi. A ferida de Grichka não tem importância, porque o inimigo só lhe bateu de raspão na cabeça e lhe arrancou um pedaço de pele. Mas ele caiu do cavalo e sentiu-se mal. Nesta ocasião, está no regimento dele, segundo diz o Michka. Desculpem-me escrever-lhes desta maneira. Estou a escrever montado, e o cavalo dá muitos balanços.”

Na segunda carta, Petro pedia que lhe mandassem umas cerejas secas “dos nossos queridos jardins do Don” e que não se esquecessem dele e lhe escrevessem mais vezes. Nessa mesma carta queixava-se de Grigóri que, conforme os ditos de alguns, tratava mal o

cavalo, com o que ele se arreliaava, visto que o Baio era dele. E pedia ao pai que escrevesse a Grigóri a esse respeito.

“Mande-lhe dizer por uns camaradas que, se não tratar o meu cavalo como se fosse seu próprio, lhe ponho as ventas em sangue, mesmo condecorado e tudo com a cruz de São Jorge” dizia Petro. Seguiam-se inúmeros cumprimentos. E, através das linhas daquela carta amarrotada, molhada pela chuva, sentia-se uma amarga tristeza. Também para Petro a guerra não era agradável.

Pantelei Prokófievitch, na perturbação da sua felicidade, causava pena. Pegara nas duas cartas e com elas percorria a aldeia, fazendo parar toda a gente que sabia ler e obrigando-a a ler-lhas. E nem era para as ouvir uma vez mais, mas para mostrar a sua alegria à aldeia toda.

- Ha! Estás a ver o meu Grichka! - interrompia ele, erguendo a mão da largura de uma ferradura de cavalo, sempre que o leitor, hesitante, soletrando as palavras, chegava ao ponto em que Petro descrevia o feito de Grigóri, de tenente-coronel ferido às costas, ao longo de seis verstás.

- É o primeiro da aldeia que ganha uma cruz! - envaidecia-se o velho; e deitava ciosamente a mão às cartas, guardava-as no forro do boné amachucado, e prosseguia o seu caminho, em cata de outro letrado.

O próprio Serguei Platónovitch, ao vê-lo através da janela da loja, veio à rua e cumprimentou-o tirando o boné.

- Entra lá, Pantelei Prokófievitch.

Apertou a mão do velho na sua mão branca e carnuda, e disse-lhe:

- Pois parabéns, parabéns . Sim, senhor... Um filho assim é de se ter orgulho nele. E vocês que já tinham dado a refeição funerária! Eu li qualquer coisa nos jornais, acerca do feito dele.

- Até veio nos jornais? E um espasmo - afogou Pantelei Prokófievitch.

- Veio um comunicado. Eu li-o, eu li-o.

Serguei Platónovitch tirou com as suas próprias mãos de uma prateleira três pacotes do seu melhor tabaco turco, encheu um cartucho de bombons finos, sem os pesar, e disse, entregando tudo a Pantelei Prokófievitch:

- Quando mandares alguma encomenda a Grigóri, junta-lhe isto com os meus cumprimentos.

- Meu Deus! Que honra para Grichka!... A aldeia em peso fala dele... Valeu-me a pena viver... - murmurou o velho, descendo os degraus do armazém de Mokhov. Assou-se, esmagou com a manga do capote uma lágrima que lhe escorria pela face e pensou:

“Estou velho, não há dúvida. Tenho a lagriminha ao canto do olho... Ah, Pantelei, Pantelei, o que a vida fez de ti! Antigamente eu era rijo como uma pederneira, descarregava dos barcos sacos de oito pudes às costas, e agora!... O Grichka abalou-me um bocado...”

E lá foi rua fora, coxeando, de cartucho de bombons apertado contra o peito, e o pensamento esvoaçando à roda de Grigóri, como uma abecoinha à roda de um pântano; as palavras da carta de Petro acudiam-lhe à memória. Foi então que ele encontrou o compadre Korchunov. Este foi quem primeiro o interpelou:

- Eh, compadre, espera aí um instante!

Desde o dia da declaração de guerra que não se viam. Após a saída de Grigóri de casa, tinham-se estabelecido entre eles relações não hostis, mas frias e tensas. Mirone Grigórievitch censurava Natalia de se humilhar perante Grigóri, de esperar dele uma esmola, e a ele próprio, Mirone Grigórievitch, impor idêntica humilhação.

- Cadela vagabunda - dizia ele de Natalia em família. - Podia viver em casa do pai, e aí se foi para a dos sogros, como se o pão fosse melhor lá. Por causa de uma burra destas tem o pai de andar envergonhado e de baixar os olhos diante de toda a gente.

Mirone Grigónevitch aproximou-se do compadre, e, estendeu-lhe a mão coberta de sardas e curvada em concha.

- Isso vai bem, compadre?

- Graças a Deus.

- Andas às compras, pelo que vejo!

Pantelei Prokófievitch abriu os dedos da mão direita, livre, e abanou negativamente a cabeça.

- Isto, compadre, são uns presentes para o nosso herói. Serguei Platónovitch, o nosso benfeitor, leu o feito dele nos jornais e deu-me para ele uns bombons e um tabaco fraco. “Manda da minha parte ao teu herói” recomendou-me ele “os meus cumprimentos e estes presentes, e que lhe desejo muito que continue a distinguir-se da mesma maneira.” Até tinha lágrimas nos olhos, vê lá tu, compadre! E, dando largas ao seu orgulho, Pantelei Prokófievitch encarava o compadre fixamente, buscando ler-lhe na cara a impressão produzida pelas suas palavras.

As sombras que se acumulavam por sob as pálpebras esbranquiçadas de Korchunov davam-lhe ao olhar baixo uma expressão trocista.

- Pois, pois! - rosnou ele, e atravessou a rua, direito à sebe oposta.

Pantelei Prokófievitch foi-lhe rapidamente no encalço, e os dedos tremiam-lhe de raiva, ao tentar abrir o cartucho.

- Pega lá um bombom, um bombom com mel! - ofereceu ele perfidamente ao compadre. - É da parte do teu genro que to ofereço... A tua vida é amarga; talvez o bombom te saiba bem. E talvez também o teu filho se distinga. Tudo pode ser. .

- A minha vida não te diz respeito. Da minha vida sei eu.

- Mas prova lá, faz-me esse favor!

Inclinando-se com uma amabilidade exagerada, Pantelei Prokófievitch passou à frente de Mirone Grigórievitch, tirando com os dedos curvos o invólucro prateado do bombom.

- Nós não temos o hábito de coisas doces. - E Mirone Grigórievitch empurrou a mão do compadre. - Não estamos habituados. E tu não devias andar a pedir esmolas para o teu filho. Se estavas necessitado, era a mim que devias procurar. Eu podia dar-te qualquer coisa para o meu genro... A Natachka sempre está a comer o teu pão. Se estás pobre, posso-te ajudar.

- Na nossa família, nunca ninguém pediu esmola. Não digas tolices, compadre! O que tu és, compadre, é muito orgulhoso!... És orgulhoso de mais... Se calhar, foi por viveres tão bem que a tua filha foi para a nossa casa!

- Escuta! - disse Mirone Grigórievitch em tom autoritário. - Eu não tenho razão nenhuma para discutir contigo. Sossega, compadre. Vem conversar comigo, que eu tenho de te falar.

- Não temos nada a dizer um ao outro.

- Temos, sim. Anda daí.

Mirone Grigórievitch agarrou Pantelei por uma manga do capote e contornou o beco. Passadas as propriedades, estavam no campo.

- De que se trata? - inquiriu Pantelei Prokófievitch, refeito de repente do seu ataque de ira.

Olhou de esguelha a cara de Korchunov, esbranquiçada e coberta de sardas. Este levantou as abas compridas do capote, sentou-se no parapeito de um fosso, e tirou de uma algibeira uma velha bolsa de tabaco, de orla franjada.

- Ora repara, Pantelei, que foste tu, sem mais nem menos, que me saltaste ao caminho, como um galo brigão. Entre parentes isso não se faz. Isso não se faz, ha! Eu quero saber e a voz tornou-se-lhe firme, quase grosseira se o teu filho vai continuar ainda por muito tempo a fazer pouco da Natalia Responde-me a isto.

- Pergunta-lho a ele.

- Não tenho nada que lhe perguntar. O chefe da tua família és tu. É contigo que estou falando.

Pantelei Prokófievitch esmagara o bombom na palma da mão. O chocolate peganhento corria-lhe por entre os dedos. Limpou-se à argila castanha e friável do parapeito do fosso, e, sem replicar ao outro, pôs-se a fazer um cigarro. Dobrou uma mortalha, alinhou nela uma pitada de tabaco turco e estendeu o pacote a Mirone Grigórievitch. Este aceitou-o sem hesitação e enrolou também um cigarro, por conta das liberalidades de Mokhov. Começaram a fumar. Uma nuvem de espuma branca flutuava por sobre eles, opulenta como um seio de mulher, e outra, longitudinal, muito delgada, impelida pelo vento, subia ao encontro dela.

O dia declinava. A serenidade e a paz do Outono, de uma doçura indescritível banhavam a terra. O céu, que perdera a sua intensa luminosidade estival, era de um azul suave. Folhas de macieira, que o vento trouxera sabe Deus donde, cobriam o fosso de uma sumptuosa cor de púrpura. Um ramal da estrada, que se sumia por detrás da crista ondulante da colina, em vão convidava os homens a partir para longe, para além da linha esmeraldina do horizonte, imprecisa como um sonho, para lugares desconhecidos. Os homens, porém, agarrados às suas casas, às suas tarefas quotidianas, esgotavam-se a trabalhar, fatigavam-se na debilidade, indiferentes àquele traço desértico e esmorecente, em que o vento fazia bailar a poeira, que cortava o fundo do espaço e corria para uma distância invisível.

- Este tabaco é fraco como palha - disse Mirone Grigórievitch, expelindo uma baforada de fumo que não se dissipou logo no ar.

- É fracote... mas é agradável - confirmou Pantelei Prokófievitch.

- Responde-me, compadre - tornou Korchunov a pedir, em voz mais branda, enquanto apagava o cigarro.

- O Grigóri não tem escrito a esse respeito. Por agora está ferido.

- Ouvi falar nisso...

- O que o futuro nos reserva não o sei. Até pode acontecer ele ser morto. E depois?

- Mas como é que isto vai ser, compadre? - Mirone Grigórievitch pôs-se a piscar os olhos com um ar lamentável e preocupado. - Ela, assim, não é rapariga, nem mulher, nem uma viúva honrada. É uma vergonha. Adivinhasse eu isto, que não os tinha deixado entrar de portas adentro. Mas agora como é que isto vai ser?... Ai, compadre, compadre!... Cada qual de nós lamenta o filho que é seu... É a voz do sangue...

- Que queres tu que eu faça? - Pantelei Prokófievitch passou à ofensiva, com uma raiva contida. - Diz-mo com franqueza. Cuidas tu que eu me sinto contente de o meu filho ter abandonado a propriedade? Cuidas que eu tiro daí algum proveito? Mas que raio de gente esta!

- Tens de lhe escrever - impôs Mirone Grigórievitch em voz surda, com o ruído da terra argilosa que lhe escorria da mão para o fosso em fiozinhos minúsculos a acompanhar-lhe as palavras. - Ele que dê uma resposta de uma vez por todas.

- Ele tem uma filha da outra...

- Também pode ter uma desta! - exclamou Korchunov, fazendo-se vermelho. - É lá possível tratar-se assim uma pessoa! Ha?... Ela já se quis matar... Agora está estropiada... E vocês querem empurrá-la para a sepultura? Ha?... O coração dele, o coração dele... - Mirone Grigórievitch falava agora em voz baixa e estrangulada, com uma mão em garra no peito e puxando com a outra por uma aba do capote do compadre. - Terá ele um coração de lobo?

Pantelei Prokófievitch fungou e virou-lhe a cara....

- A mulher consome-se por ele; toda a vida dela é ele. E vive em tua casa como uma escrava!...

- Gostamos mais dela que se fosse nossa filha! Cala-te, tu! - gritou Pantelei Prokófievitch, erguendo-se.

E, sem se despedirem, cada um abalou para seu lado.

XVIII

Ao sair do seu curso, a vida divide-se em esteiros diversos. É difícil prever por qual deles lhe prosseguirá a corrente treda e pérfida. Onde hoje a vida corre baixa, tão baixa que se lhe vê o fundo sujo, amanhã correrá abundante e rica...

Aquela decisão de procurar Akcínia em lagodnói, para lhe implorar, para lhe suplicar que abandonasse Grigóri, amadurecera subitamente em Natalia. Parecia-lhe a ela, sem saber bem porquê, que tudo dependia de Akcínia, e que, rogando-a, reaveria Grigóri e a sua felicidade perdida. Não pensou se isso seria realizável, nem de que modo Akcínia acolheria aquela sua estranha solicitação. Incitada por um sentimento inconsciente, esperava com impaciência o dia em que pudesse realizar o seu súbito projecto. Ora no fim do mês, os Melekhoves receberam uma carta de Grigóri. Depois das saudações ao pai e à mãe, mandava os seus mais respeitosos cumprimentos a Natalia Mirónovna. Fosse qual fosse a razão desconhecida que o havia levado a escrevê-lo, aquilo foi para Natalia decisivo. E no domingo seguinte preparou-se para ir a lagodnói.

- Onde vais tu, Natalia? - interrogou-a Duniachka, ao vê-la mirando-se com atenção e gravidade a um pedaço de espelho.

- Vou ver os meus pais - mentiu Natalia, corando, e percebendo pela primeira vez que ia sujeitar-se a uma grande humilhação, a uma grande tortura moral.

- Devias ir comigo, ao menos uma vez, a uma seroadá - sugeriu-lhe Daria, que estava a arranjar-se. - Queres ir esta noite?

- Não sei. Não me parece.

- És uma freira! Nunca nós estamos tão sossegadas como quando os nossos maridos não estão - disse Daria, com uma piscadela de olho velhaca; e com agilidade se dobrou toda para examinar a um espelho a orla bordada da sua nova saia azul pálida.

Desde a abalada de Petro que Daria havia mudado muito; a ausência do marido era nela francamente visível. Nos olhos, nos movimentos, no modo de andar, uma certa inquietação transparecia-lhe. Aos domingos toda ela se embelezava; voltava das seroadas tarde e de mau humor, de expressão carregada; e queixava-se a Natalia:

- Que tristeza, meu Deus!... Foram-se embora todos os homens que prestavam; só o que ficou foram garotos e velhos.

- E isso que te importa?

- Isso que me importa? - admirava-se Daria. - Não há ninguém nas seroadas com quem a gente se divirta. Se ao menos eu pudesse ir sozinha até ao moinho!... Mas, com o nosso sogro aqui, não há maneira...

Com cínica franqueza, perguntava a Natalia:

- Como podes tu viver tanto tempo sem homem?

- Cala-te, desavergonhada! E a cara de Natalia cobria-se de um rubor intenso.

- A ti não te apetece?

- E a ti apetece-te, pelos vistos?

- Ai, apetece, minha filha! Daria desatava a rir, toda vermelha, com os arcos das sobrancelhas a dançarem-lhe. Para que hei-de eu negar que me apetece? Nesta altura, meu Deus, mesmo um velho me servia! Repara que já há dois meses que o Petro partiu.

- Olha que te acontece alguma desgraça, Daria...

- Basta, velhinha séria! Toda a gente sabe o que são as mosquinhas-mortas! O que tu não queres é confessar a verdade.

- Eu não tenho nada que confessar.

Daria olhava para ela com ironia, mordiscando os lábios maldosos, e contava:

- No outro dia, Timochka Manitzkov, o filho do atamane, foi sentar-se ao meu lado. Todo ele suava. Reparei que estava com medo de começar... Depois, passou-me de mansinho a mão a tremer por baixo do sovaco. Deixei, não lhe disse nada; mas veio-me uma raiva!... Se ao menos fosse um rapaz! Mas aquilo... Um ranhoso! Dezasseis anos, se tanto, estás a ver! E já naquela idade com ideias!... Fiquei calada e sentada; e ele vá de mexer, de mexer... Até que por fim me segredou: “Vem daí ao meu armazém!...” Ai, o que eu lhe disse!...

Daria ria-se alegremente, às gargalhadas, de sobrancelhas fremindo, e os olhos semicerrados chispando.

- A descompostura que ele apanhou!... Dei um salto: “Olha lá, mariola!... Espécie de cachorro! Fedelho! Atreves-te a dizer-me parvoíces dessas? Há quanto tempo não mijas tu na cama?” Apanhou uma destas lições! ..

Tinham acabado por se estabelecer entre ela e Natalia relações simples e amigáveis. A hostilidade que a princípio Daria nutrira para com a nora nova havia desaparecido, e as duas mulheres, tão diferentes pelo carácter, tão dissemelhantes em tudo, tinham-se tomado de simpatia e viviam em perfeita união.

Natalia vestiu-se e saiu do quarto.

Daria foi ao encontro dela, ao vestíbulo.

- Não me abres a porta esta noite?

- Devo passar a noite em casa da minha família. - Daria reflectiu, coçou a base do nariz com um pentezinho, e abanou a cabeça.

- Vai lá, então. Não queria pedir isso à Duniachka, mas não tenho outro remédio.

Natalia comunicou a Ilínitchna que ia a casa da família, e abalou. Do lado da praça, de volta do mercado, vinham carros; da igreja saía gente. Natalia passou dois becos e dobrou à esquerda. Rapidamente, subiu a colina. Ao chegar-lhe ao cimo, virou-se: por baixo dela, a aldeia estendia-se, banhada pelo sol, com as suas casinhas caiadas brilhando, e o telhado inclinado do moinho, de lata reluzente como um metal em fusão, despedindo centelhas.

XIX

Também a lagodnói a guerra tinha despovoado de homens. Veniamine e Tikhone haviam partido e, desde a partida deles, a vida era ainda mais sonolenta, mais serena, mais aborrecida. Akcínia fazia, ao serviço do general, o que antes era incumbência de Veniamine; Lukéria, que não emagrecera, que continuava a ter as mesmas nádegas gordas, encarregara-se das capoeiras e do trabalho de ajudante da cozinheira. O avô Sachka acumulava as funções de moço de cavalição e de guarda do jardim. Só o cocheiro era novo na casa: um cossaco idoso e grave, chamado Nikítitch.

Naquele ano, o senhor semeou menos terras e deu para a remonta alguns vinte cavalos; não lhe ficaram senão os do carro e três cavalos do Don, utilizados na exploração da propriedade. Passava o tempo a atirar às abetardas com Nikítitch, ou, de vez em quando, alvoroçando a região a caçar com os galgos.

Akcínia raras e breves cartas recebia de Grigóri, a informarem-na de que continuava vivo e de boa saúde, e a servir no exército. Ou porque se sentia agora mais seguro de si, ou por não querer mostrar-se fraco, nem uma só vez se queixou da dureza da vida que levava, ou mesmo de aborrecimento. As cartas dele eram frias, como se as escrevesse por obrigação, excepto a última, em que lhe escapara uma frase: “...constantemente na frente, começo a estar já farto da guerra, de trazer a morte às costas.” Em todas elas perguntava pela filha e pedia notícias dela: “...diz-me se a minha Taniúcha está mais crescida, e como passa. Um destes últimos dias vi-a em sonhos, já grande e com um vestido encarnado.”

Akcínia parecia suportar corajosamente a separação. Todo o seu amor por Grichka o transportara para a menina, sobretudo desde que se convencera de que era filha dele. Tinha agora disso provas irrefutáveis: o primeiro cabelo, que era castanho, havia-lhe caído, e nascera-lhe outro, preto e encaracolado; também os olhos lhe haviam escurecido e alongado. De dia para dia a menina se lhe assemelhava mais; o próprio sorriso dela tinha algo de selvático, que lhe vinha de Grichka, dos Melekhoves. Akcínia reconhecia agora, sem qualquer dúvida, o pai na filha, e por isso dobradamente a estimava; já lá ia o tempo em que se aproximava do berço dela, e se sobressaltava, ao descobrir na carinha da criança adormecida algum reflexo longínquo, alguma parecença fugaz com as feições odiadas de Stepane.

À medida que os dias corriam, ia aumentando na alma de Akcínia a amargura. A inquietação pela vida do amado não a largava, verrumando-lhe o cérebro, dia e noite; o que na alma se lhe acumulara, e a vontade havia contido, findara por rebentar os diques: noites inteiras, Akcínia não sossegava, numa agitação silenciosa, chorando, mordendo os punhos, assim calando os gritos e sufocando numa dor física as suas dores morais, para não acordar a criança. Ensopava-lhe as fraldas em lágrimas, pensando com ingenuidade pueril: “É a filha de Grichka; deve sentir no coração como eu me atormento por ele.”

Depois de tais noites, ao levantar-se, era como se tivesse apanhado uma sova: o corpo todo lhe doía, dir-se-ia que lhe martelavam as fontes, incessante, infatigavelmente, e uma tristeza de idade madura crispava-lhe os cantos da boca, antes túrgida como a de uma adolescente. Aquelas noites amargas envelheciam-na...

Num domingo, após haver servido o almoço ao velho patrão, assomava ela ao patamar, quando uma mulher apareceu à entrada do pátio. Sob o lenço branco luziam-lhe uns olhos terrivelmente familiares... A mulher empurrou a porta pelo trinco e entrou. Ao reconhecer Natalia, Akcínia empalideceu; e, lentamente, foi direita a ela. Encontraram-se a meio do pátio. As botas de Natalia estavam cobertas de uma espessa camada de poeira do caminho. Natalia estacou, deixou cair, inertes, as suas mãos grandes de trabalhadora, respirando a custo e tentando em vão endireitar o pescoço mutilado, o que lhe dava o ar de estar a olhar para o lado.

- Venho ver-te, Akcínia... - disse ela, passando a língua seca pelos lábios gretados.

Akcínia lançou uma olhadela rápida para as janelas da casa e dirigiu-se, sem uma palavra, para o pavilhão do pessoal. Natalia seguiu-a. O ranger do vestido de Akcínia era-lhe custoso de ouvir.

“É com certeza do calor que os ouvidos me zumbem.” Da confusão dos seus pensamentos era este o dominante.

Akcínia mandou entrar Natalia e fechou a porta. Depois avançou até ao meio do quarto e mergulhou as mãos por baixo do avental branco. Foi ela quem tomou a ofensiva:

- Que vieste tu cá fazer? - perguntou, em voz insinuante, quase chilreada.

- Precisava de beber qualquer coisa... - disse Natalia, relanceando o quarto com um olhar grave, que não se baixou.

Akcínia esperou. Finalmente, Natalia falou, erguendo a custo a voz.

- Roubaste-me o meu marido... Devolve-me o Grigóri!... Deste cabo da minha vida... Repara como eu estou...

- O teu marido? - Akcínia cerrava os dentes e as palavras dela eram como gotas de chuva numa pedra. - O teu marido? É a mim que tu vens pedi-lo? Que vieste tu cá fazer?... É tarde de mais para mo vires mendigar!... É tarde de mais!...

Balançando o corpo, a rir-se amargamente, Akcínia acercara-se de Natalia.

Escarnecia da inimiga, encarando-a a direito. Ali estava diante dela a mulher legítima, abandonada, humilhada, esmagada pelo desgosto; aquela por causa de quem ela vertera tantas lágrimas e o coração lhe sangrara dolorosamente, quando tivera de separar-se de Grigóri; aquela que o acariciara enquanto ela sofria angústias mortais, e seguramente se ria dela, a amante infeliz e abandonada.

- E vens tu pedir-me que o deixe? - Akcínia arquejava. - Ah, víbora!... Foste tu quem primeiro me roubou Grichka a mim... Foste tu! Não fui eu que to roubei... Tu sabias que ele era meu amante. Porque te casaste com ele? Eu recuperei o que me pertencia: meu é que ele é. Eu tenho uma filha dele, e tu...

Fitava-a nos olhos com um ódio violento, fazendo gestos desordenados, soltando uma torrente imunda de palavras.

- Grichka é meu e não o dou a ninguém!... É meu! É meu! Estás a ouvir? É meu!... Vai-te embora daqui, cadela! Não tens vergonha? Tu não és mulher dele! Queres tirar o pai a uma filha? Oh-oh! Porque não vieste mais cedo? Ha? Porque não vieste mais cedo?

Natalia cortou em direcção a um banco e sentou-se, de cabeça entre as mãos, escondendo a face.

- Deixaste o teu marido... Não faças tanto barulho...

- O meu único marido é Grichka. Só a ele o tenho no mundo!...

Tomada de uma raiva louca, Akcínia olhava a mecha de cabelos pretos e lisos que se soltara do lenço de Natalia e lhe caía sobre as mãos.

- Cuidas que ele precisa de ti? Repara nesse teu pescoço torto! Cuidas que ele te desejaria? Deixou-te escorreita. Havia de querer-te agora aleijada? Nunca mais porás os olhos em cima de Grichka! Sou eu que to digo! Vai-te embora!

Akcínia defendia feramente o seu ninho, vingava-se de todo o seu passado. Via que Natalia, apesar do pescoço um pouco à banda, se conservava tão bonita como dantes, de faces e boca frescas, não marcadas pela idade, ao passo que a ela, Akcínia, e isso por causa daquela Natalia, uma rede de ruguinhas lhe envelhecía prematuramente os olhos.

- Pensas que eu esperava obter alguma coisa de ti? - atirou Natalia, erguendo para ela o olhar perturbado pelo sofrimento.

- Então para que vieste tu cá? - perguntou Akcínia, mais baixo.

- Foi a mágoa que a isso me forçou.

Acordada pelo barulho das vozes delas, a filhinha de Akcínia soerguera-se na cama e chorava. A mãe pegou nela ao colo e sentou-se, virada para a janela. Natalia espreitou a criança. Um espasmo apertou-lhe a garganta. Na facezinha miúda, os olhos de Grigóri miravam-na, com uma curiosidade atenta.

Soluçando e cambaleando, saiu. Akcínia não a acompanhou. Um nadinha depois, o velho Sachka entrou no quarto.

- Quem é a mulher que aqui esteve? - indagou ele, que visivelmente o adivinhara.

- É uma mulher da minha aldeia.

A três verstás da propriedade, Natalia parou e deitou-se à sombra de uma ameixeira. Não pensava em nada, abatida por um pesar inexprimível, sem conseguir esquecer-se dos olhos negros e severos de Grigóri na face da menina.

XX

A recordação daquela noite devia manter-se com uma nitidez obcecante na memória de Grigóri. Voltou a si antes do alvorecer, estendeu os braços, sentindo neles o restolho picante, e, da dor aguda que lhe apanhava a cabeça toda, pôs-se a gemer. com dificuldade ergueu um braço e levou-o à testa, apalpando a poupa de cabelos endurecida pelo sangue coagulado. Tocou com um dedo na ferida, e figurou-se-lhe ter-lhe tocado com uma brasa viva. Durante muito tempo rilhou os dentes; depois, deitou-se de costas. Por sobre ele, numa árvore, as folhas queimadas pelo gelo precoce rumorejavam tristemente. Os contornos negros dos ramos desenhavam-se com nitidez contra o fundo azul-escuro do céu, e por entre eles as estrelas luziam. Grigóri olhava-as, de olhos fitos e escancarados: não lhe pareciam estrelas, mas frutos desconhecidos, amarelos, com reflexos azulados, pendentes dos ramos.

Ao aperceber-se do que lhe havia acontecido, com um terror que irresistivelmente nele ia aumentando, começou a rastejar, de dentes cerrados. As dores forçavam-no a parar de vez em quando, imobilizando-o de borco no solo... Tinha a impressão de que rastejava havia já um tempo incomensurável. com esforço virou-se para trás: a árvore escura por baixo da qual se havia quedado sem sentidos estava apenas a uns cinquenta passos dele. Passou por cima de um cadáver, apoiando-lhe os cotovelos no ventre duro e escavado. Da perda de sangue, sentia náuseas, chorava como uma criança, e, para não perder de novo os sentidos, mastigava a erva insípida, húmida da geada. Perto de um carro de munições tombado, conseguiu erguer-se, e um bom bocado se manteve de pé, vacilante, até que por fim se meteu ao caminho. Recuperadas as forças, rompeu a andar com mais firmeza; e não tardou em ser capaz de se dirigir para leste, guiando-se pela Ursa Maior.

À orla do bosque, um aviso surdo fê-lo estacar.

- Não te aproximes, ou atiro!

Ouviu o estalido de um revólver e olhou na direcção donde ele viera: meio deitado, encostado a um pinheiro, estava um homem.

- Quem está aí? - perguntou Grigóri, a quem a própria voz pareceu estranha.

- És um russo! Meu Deus!... Vem cá!

O homem que estava encostado ao pinheiro deixou escorregar o corpo para o chão. Grigóri aproximou-se dele.

- Baixa-te.

- Não posso.

- Porquê?

- Se caio, não me torno a levantar. Estou ferido na cabeça.

- De que unidade és tu?

- Do 12 de cossacos do Don.

- Ajuda-me, cossaco...

- Eu vou cair, Vossa Nobreza. (Grigóri havia reparado nas dragonas do capote do oficial).

- Dá-me ao menos a mão.

Grigóri ajudou o oficial a levantar-se. Partiram. Mas a cada passo o oficial pesava mais no braço de Grigóri. Quando iam a subir a vertente de um valezinho, o oficial agarrou-se com força à manga do dólman de Grigóri, e disse, batendo os dentes:

- Deixa-me, cossaco. Eu estou ferido no ventre.

Por detrás das lunetas, os olhos tornavam-se-lhe gradualmente mais mortiços, e, de boca aberta, aspirava o ar, arquejando, Acabou por desmaiar. Grigóri pegou nele às costas, caiu, levantou-se, tornou a cair. Duas vezes o abandonou, e duas vezes voltou atrás, para lhe pegar de novo, e de novo reatar o caminho, avançando como num sonho.

Às onze horas da manhã, uma patrulha de ligação encontrou-os e conduziu-os a um posto de socorros.

No dia seguinte, Grigóri abandonou o posto à socapa. Pelo caminho, arrancou o penso da cabeça e prosseguiu, agitando com alívio a ligadura manchada de sangue.

- Onde vens tu? - exclamou, ao vê-lo, o comandante do esquadrão, estupefacto.

- Venho apresentar-me ao serviço, Vossa Nobreza. - Ao deixar o tenente, Grigóri deparou com o sargento.

- O meu cavalo? Onde está o Baio?

- Está são e salvo, irmão. Demos com ele, logo depois de escorraçarmos os austríacos. E tu? Sabes que já te tínhamos rezado pela alma?

Foram um pedaço apressados de mais comentou Grigóri, sorrindo.

EXTRACTO DA ORDEM DO DIA

“Por ter salvo a vida do tenente-coronel Gustav Grozberg, comandante do 9.º regimento de dragões, o cossaco Grigóri Melekhov, do 12.º regimento de cossacos do Don, é promovido a cabo e proposto para a cruz de São Jorge de quarta classe.”

O esquadrão tinha-se conservado dois dias em Kamenka-Strumílovo e preparava-se para abalar nessa mesma noite. Grigóri dirigiu-se para o lugar onde o pelotão dele estava alojado, e foi ver o cavalo.

Das sacolas da sela tinham-lhe desaparecido duas camisolas e uma toalha.

- Roubaram-tas mesmo nas minhas bochechas -, Grigóri admitiu, com ar culpado, Michka Kochevói, que fora encarregado de tratar do cavalo. - Passou por aqui uma quantidade enorme de infantaria. Foi a infantaria que tas roubou.

- Pois que um raio os parta, e que lhes façam bom proveito. O que eu queria era qualquer coisa para ligar a cabeça, que tenho o penso encharcado.

- Pega a minha toalha.

O Cabeludo entrou no barracão em que esta conversa decorria. Como se nada se houvesse passado entre ambos, estendeu a mão a Grigóri.

- Ah, Melekhov, estás vivo?

- Meio...

- Tens a testa em sangue. Limpa-a lá.

- Já me limpo. Não é pressa.

- Mostra cá o que eles te fizeram.

O Cabeludo baixou com força a cabeça de Grigóri, e fungou.

- Porque deixaste tu cortar o cabelo? Ora veja-se como os doutores te puseram! Eles dão mas é cabo de ti. Deixa lá, que eu trato-te.

E, sem esperar pelo consentimento dele, tirou uma bala da cartucheira, abriu-a e vazou a pólvora negra na palma da mão.

- Arranja-me uma teia de aranha, Mikhaílo.

Com a ponta do sabre, Kochevói desprende do tecto do barracão umas poucas de teias de aranha e estendeu-as ao Cabeludo. Este esgaravatou o chão com o mesmo sabre, recolheu um pouquinho de terra, misturou-a com as teias de aranha e com a pólvora, e mastigou demoradamente tudo. A seguir, aplicou aquela massa peganhosa sobre a ferida sanguinolenta da cabeça de Grigóri, e sorriu.

- Daqui a três dias estás bom. Estás a ver como eu te trato? E tu... por um triz é que não me mataste.

- Obrigado por me teres tratado. Mas, se eu te tivesse morto, era um pecado a menos que me pesava na consciência.

- És um ingénuo, rapaz.

- Sou como sou. Que tenho eu na cabeça?

- Um golpe de um quarto de archine. Fica-te como recordação.

- Não me esqueço.

- Nem que o quisesse, te esquecerias. Os austríacos não afiam os sabres. Feriu-te com uma lâmina romba. Vais ficar com uma cicatriz para toda a vida.

- A tua sorte, Grigóri, é que o sabre resvalou. Se não fosse isso, estavas a estas horas morto em terra alheia - disse Kochevói, sorrindo.

- Que hei-de eu fazer agora ao meu boné? - Atrapalhado, Grigóri dava voltas ao boné, cortado e ensanguentado na borda.

- Deita-o aos cães!

- Depressa, rapaziada! Vamos à sopa! gritou uma voz à porta.

Os cossacos saíram do barracão. O Baio relinchou, olhando de esguelha para Grigóri, que se afastava.

- Ele sentia a tua falta, Grigóri - disse Kochevói, indicando o cavalo. - Até me admirei. Não queria comer, e constantemente relinchava baixinho.

- Enquanto rastejei, chamei sempre por ele - replicou Grigóri em voz surda. - Pensava eu que ele me não deixasse. É difícil de apanhar. Não se deixa apanhar por estranhos.

- Não há dúvida. Não foi fácil. Tivemos de utilizar um laço.

- É um bom cavalo. É o cavalo do meu irmão Petro. - E Grigóri virou a cara, para lhe não verem a comoção nos olhos.

Entraram na casa onde estavam aboletados. No primeiro quarto, Égor Jarkov ressonava, estendido num colchão de molas tirado de uma cama. Uma indescritível desordem testemunhava mudamente a pressa com que os proprietários haviam fugido. Cacos de loiça, papéis rasgados, livros, tiras de pano sujas de mel que se havia derramado, brinquedos de criança, calçado velho, farinha espalhada pelo chão, tudo era uma confusão medonha e uma devastação.

Emeliane Grochov e Prokhor Zikov comiam num espaço que haviam desimpedido. Ao ver Grigóri, Zikov esbugalhou os seus olhos mansos de vitelo.

- Griiicha! Onde é que tu vens?

- Do outro mundo.

- Despacha-te! Traz-lhe a sopa! Que tens tu que fazer esses olhos? - gritou-lhe o Cabeludo.

- É já! A cozinha de campanha está ali na rua. - Prokhor precipitou-se para o pátio, de boca cheia. Esgotado, Grigóri sentou-se no lugar dele.

- Já não me lembro de quando foi a última vez que comi atirou, com um sorriso contrafeito.

Um das unidades do terceiro corpo do exército atravessavam a cidade. Enchiam as ruas soldados de infantaria, carros de munições, cavalaria; havia engarrafamentos nos cruzamentos; através da porta, o rumor da passagem das tropas penetrava na casa onde eles estavam. Não tardou Prokhor com uma gamela de sopa e um bernal com kacha.

- Onde posso eu vazar a kacha?

- Aqui tens uma terrina - disse Grochov, apresentando um penico que estava pousado no parapeito de uma janela, e cujo uso ele ignorava.

Prokhor fez uma careta.

- Cheira que tresanda a tua terrina.

- Não faz mal. Vaza lá, e depois se vê.

Prokhor vazou a kacha grossa e apetitosa, que caiu em monte, com uma orla de gordura amarela à roda. Comeram, conversando sempre. Enquanto procurava limpar com cuspo uma nódoa de gordura na listra desbotada das calças, Prokhor ia contando:

Ao lado do nosso pátio está uma bateria de artilharia de montanha. Está ali para os cavalos comerem. O sargento leu num jornal que os nossos aliados bateram os alemães, o que se chama a sério bater.

- Chegaste tarde de mais, Melekhov - resmoneou o Cabeludo com a boca cheia. - Recebemos esta manhã um louvor.

- De quem?

- Do tenente-general Von Dívid. Passou-nos em revista e exprimiu-nos o seu reconhecimento por termos batido os austríacos e salvado a nossa bateria. Por pouco eles nos não deitavam as mãos aos canhões. “Valentes cossacos” disse-nos ele “o tsar e a pátria não vos esquecerão.”

- Pois, pois!

Na rua, soou o ruído seco de um tiro, depois de outro, e logo a crepitação de uma metralhadora.

- Saíam! - berrou uma voz à porta do pátio.

Os cossacos largaram as colheres e saíram para o pátio, de roldão. Um aeroplano girava sobre eles, a pouca altura, com um ronco ameaçador. Abriguem-se contra a sebe! De

um momento para o outro ele vai lançar bombas, e a nossa bateria está aqui ao lado! exclamou o Cabeludo.

- Acordem o Egorka! Não vá ele morrer no seu colchão de molas!

- Passem depressa as carabinas!

Apontando cuidadosamente, o Cabeludo atirava mesmo do patamar.

Soldados corriam rua fora, curvando-se sem utilidade. No pátio ao lado, ouviam-se vozes breves de comando e os relinchos dos cavalos. Grigóri esvaziou um carregador e espreitou por cima da sebe: os serventes da bateria esforçavam-se por empurrar os canhões para dentro do barracão. Franzindo os olhos, da claridade viva do céu, ergueu a cabeça para a ave roncadora, que ia agora descendo; e de repente, qualquer coisa se soltou dela, e brilhou cruamente ao sol. Um estrondo de trovão abalou a casinha e os cossacos que se espalmavam à entrada; no pátio ao lado, um cavalo emitiu um relincho estridente, que a morte afogou. Um cheiro penetrante a queimado e a enxofre proveio de lá.

- Abriguem-se! - gritou o Cabeludo, que desceu do patamar a correr.

Grigóri seguiu-o, e, de um salto, lançou-se de bruços contra a sebe. Uma peçazinha de alumínio reluziu numa das asas do aeroplano, que continuava a girar, alçando graciosamente a cauda. Na rua atiravam, em rajadas curtas, com uma crepitação desordenada. Acabara Grigóri de carregar de novo a carabina, quando nova explosão, ainda mais violenta, o projectou à distância de uma ságena. Um bloco de terra atingiu-o na cabeça, forçando-o a fechar os olhos e a acachapar-se no chão...

Pô-lo de pé o Cabeludo. Uma dor aguda no olho esquerdo cegava-o; abrindo a custo o direito, viu a casa meio destruída, de tijolos transformados num monstruoso montão vermelho, de que se soltava uma poeira rosada. Égor Jarkov surgiu rastejando, vindo do patamar. A cara toda dele era um grito, e dos olhos exorbitados corriam-lhe lágrimas sangrentas. Rastejava, de cabeça encolhida nos ombros, a gritar, aparentemente sem descerrar os lábios de um negro cadaveroso.

- Aaaai! Aaaaai Aaaaai!...

Arrastava atrás dele, presa por um retalho de pele e pela calça queimada, uma das pernas, cortada pela coxa; a outra desaparecera-lhe. Rastejava, deslocando com lentidão as mãos; um grito débil, gemente, quase infantil, soltava-se-lhe da boca. Depois, calou-se e deitou-se de lado, de cara colada contra a terra hostil, húmida, suja de estrume de cavalo e de pedacinhos de tijolo. Ninguém se aproximava dele.

- Levem-no daí! - bradou Grigóri, sem tirar a mão de cima do olho esquerdo.

Uns soldados de infantaria entraram no pátio, um carro de telefonistas parou ao portão.

- Avancem! Que estão vocês a fazer? - increpou-os um oficial, que os ultrapassou a galope. - Brutos! Súcia de safados!...

Um velho de sobrecasaca preta e duas mulheres apareceram, em passo hesitante. Uma multidão cercou Jarkov. Grigóri abriu passagem até ele e reparou que ainda respirava, a soluçar e a tremer. Grossas gotas de suor perlavam-lhe a testa, amarelada já pela morte próxima.

- Levem-no daqui! Que é que vocês... Vocês são homens, ou bichos?

- Que tens tu que berrar? - protestou um soldado de infantaria. “Levem-no, levem-no.” E para onde queres tu que a gente o leve? Bem vêς que ele está na agonia.

- Ele tem as duas pernas arrancadas.

- O que aqui vai de sangue!...

- Onde estão os enfermeiros?

- Enfermeiros para quê?

- Mas ele ainda está consciente.

O Cabeludo tocou Grigóri numa espádua. Grigóri voltou-se.

- Não lhe mexas - murmurou o Cabeludo. - Vem daí comigo.

Sem desprender os dedos do dólman de Grigóri, atravessou a multidão. Grigóri olhou para o ferido uma vez mais, e deixou-se levar, curvado, em direcção ao portão. Sob o ventre de Jarkov, os intestinos fumegavam-lhe, cheios de reflexos azuis e cor-de-rosa suave. Um pedaço daquela massa entrelaçada, conspurcada de areia e de estrume, movia-se, alongava-se. Uma das mãos do moribundo estendia-se, como que para agarrar aquilo ..

- Cubram-lhe a cara - propôs alguém.

De súbito, Jarkov apoiou-se sobre as mãos e, de cabeça tão esticada para trás que lhe tocava entre as espáduas, gritou numa voz rouca, inumana:

- Matem-me, irmãos! Irmãos!... Irmãos!... Porque olham vocês para mim?. . Aaaaah!... Matem-me, irmãos!...

XXI

A carruagem baloiçava-se molemente, o rumor das rodas embalava e fazia sono, e a luz amarela da lâmpada alumia até ao meio do banco. Era bom um homem poder estender-se ao comprido, descalço, de pés à vontade, depois de quinze dias empapados em suor dentro das botas, não sentir obrigação nenhuma, saber que nenhum perigo lhe ameaçava a vida, que a morte estava longe. E era sobretudo agradável escutar a tagarelice múltipla das rodas, porque, a cada volta que elas davam, a cada sacudidela proveniente da locomotiva, a frente de batalha se afastava. Grigóri ia deitado, atento, movendo os dedos dos pés descalços, com um bem-estar no corpo todo, da roupa lavada que vestira no próprio dia. Tinha a impressão de se haver libertado de um invólucro sujo, e de entrar, puro e sem mácula, noutra vida.

Estragava-lhe a alegria serena e doce a dor lancinante do olho esquerdo. Abrandava-lhe por vezes, para lhe voltar subitamente, como se fosse de uma queimadura, e fazer-lhe correr lágrimas incoercíveis por baixo do penso. No hospital de Kamenka-Strumílovo um jovem médico judeu examinara o olho de Grigóri e escrevera qualquer coisa num pedaço de papel.

- Temos de mandá-lo para a retaguarda. O seu olho foi atingido com gravidade.

- Fico cego?

- Não, que ideal! - O médico sorria afectuosamente, por ver na pergunta de Grigóri um indissimulado terror. - Está a precisar de cuidados, talvez mesmo de uma operação. Vamos mandá-lo para a retaguarda, para Petrogrado por exemplo, ou para Moscovo.

- Obrigado.

- Não tenha medo, que não perde a vista.

E o médico bateu-lhe num ombro, meteu-lhe o papel numa das mãos e empurrou-o com brandura para o corredor. Em seguida arregaçou as mangas, a preparar-se para ir operar.

Depois de longas tribulações, Grigóri havia tomado o comboio-hospital. Um dia se conservou deitado, a gozar o seu ripanço. Uma locomotivazinha velha arrastava, com as últimas forças que tinha, as carruagens numerosas do comboio. Moscovo aproximava-se.

Chegou-se à noite. Os feridos mais graves foram transportados em macas; os que podiam andar pelo seu pé desceram para o cais, após lhes registarem os nomes. O médico que acompanhava o comboio chamou Grigóri e disse designando-o a uma enfermeira:

- Clínica de olhos do Dr. Sneguiriov. Rua Kolpátchni.
- Traz as suas coisas consigo? - inquiriu a enfermeira.
- As coisas de um cossaco! Trago a mochila e o capote.
- Vamos!

E pôs-se a caminho, ajeitando os cabelos por baixo do véu; a roupa dela rangia. Grigóri seguiu-a a passo indeciso. Tomaram um trem. O rumor da grande cidade que adormecia, as campainhas dos carros eléctricos, a luz cintilante e azul dos arcos voltaicos produziam em Grigóri uma impressão de espanto. Apoiado ao encosto do carro, olhava com avidez as ruas, cheias de gente, apesar da hora tardia, e parecia-lhe estranho sentir ao lado o calor perturbante de um corpo feminino. O Outono era já bem patente em Moscovo: nas avenidas, as folhas das árvores tinham reflexos de um amarelo de palha à luz dos candeeiros da iluminação pública, um ar fresco, anunciador de gelo, soprava, as lajes dos passeios brilhavam da humidade, e, no céu puro, as estrelas tinham uma cintilação glacial. Deixaram o centro e meteram por uma ruazinha deserta. Os cascos dos cavalos faziam no pavimento um ruído áspero, e o cocheiro, com o seu gabão azul que o assemelhava a um pope, baloiçava no assento, tocando com as pontas das rédeas a sua pileca de orelhas caídas. Algures, nos arrabaldes, apitavam locomotivas. “Talvez algum comboio que vai para o Don” pensou Grigóri, e baixou a cabeça, assaltado de saudades.

- Não dorme? - perguntou a enfermeira.
- Não.
- Já não demoramos muito.
- Querem alguma coisa? - indagou o cocheiro, que se virou.
- Um pouco mais depressa.

Por detrás de uma grade de ferro, a água de um lago reluziu como azeite, e por um instante se entremostrou uma pontezinha, a cuja balaustrada estava amarrado um barco. Uma baforada de humidade perpassou.

“Até a água aqui aprisionam por trás de grades. O Don...” cogitou Grigóri, confusamente. Sob as rodas guarnecidas de borracha, as folhas mortas rumorejavam.

O trem parou em frente de um prédio de dois andares. Grigóri saltou para o chão e endireitou o capote.

- Dê-me a mão - pediu-lhe a enfermeira, inclinando-se para ele.

Grigóri pegou-lhe na mãozinha mole e ajudou-a a descer.

- Oh, que cheiro a suor de soldado! - E a enfermeira riu-se e foi tocar à campainha da porta.

- Se a irmãzinha estivesse na frente de batalha, era capaz também de não cheirar como cheira - ripostou Grigóri, com contida raiva.

O porteiro abriu a porta. Por uma escada de corrimão doirado, subiram ao primeiro andar. De novo a enfermeira tocou. Uma mulher de bata branca mandou-os entrar. Grigóri sentou-se em frente de uma mesinha redonda, e a enfermeira disse o que quer que fosse a meia voz à mulher da bata branca, que se pôs a escrever.

Às portas dos dormitórios, de um lado e de outro de um longo corredor estreito, assomaram cabeças, com óculos de cores várias.

- Tire o capote - ordenou a mulher da bata branca. Um enfermeiro, igualmente de branco, aceitou o capote das mãos de Grigóri e conduziu-o à sala de banho.

- Tire tudo o que traz vestido.

- Porquê?

- Tem de tomar banho.

Enquanto Grigóri se despia e examinava com admiração a sala de banho e os vidros baços das janelas, o enfermeiro encheu a banheira, mediu a temperatura da água, e mandou Grigóri meter-se nela.

- Isto não é tina para mim...atirou Grigóri, mergulhando na água uma perna trigueira e peluda.

O enfermeiro ajudou-o a lavar-se meticulosamente, deu-lhe um lençol, roupa branca, umas pantufas e um roupão cinzento com um cinto.

- E a minha roupa?

- Agora, vai usar esta. A sua entrega-se-lhe quando sair da clínica.

Ao passar em frente de um espelho grande que havia numa parede da antecâmara, Grigóri não se reconheceu: alto, escuro de pele, de maçãs do rosto salientes, com rosetas de um vermelho vivo, enfiado num roupão, e de ligadura passada por sobre o cabelo preto, só vagamente se parecia com o Grigóri de antigamente. Crescera-lhe o bigode e uma barbicha lanugenta e crespa.

“Rejuvenesci neste entrementes” ponderou ele, com um sorriso de esguelha.

- Dormitório número seis, terceira porta à direita - indicou-lhe o enfermeiro.

Um pope, de roupão e óculos azuis, levantou-se à entrada de Grigóri no grande quarto branco.

- Um novo companheiro? Ainda bem! Sempre nos aborreceremos menos. Eu sou de Zaraíssk - apresentou-se ele com afabilidade, oferecendo uma cadeira a Grigóri.

Alguns minutos decorridos, entrou uma enfermeira corpulenta, de cara larga e feia.

- Venha cá, Melekhov. Vamos examinar-lhe o olho - disse-lhe ela, com voz grave de peito; e afastou-se para Grigóri passar.

XXII

O comando do exército havia decidido romper as linhas inimigas na frente do sudoeste, no sector de Chevel, com um poderoso ataque de cavalaria, atirando para a retaguarda do inimigo um forte destacamento, que se desdobraria ao longo dela, assim lhe destruindo as linhas de comunicação e desorganizando as unidades por incursões inesperadas. Punha o comando grandes esperanças neste plano: uma quantidade extraordinária de cavalaria fora concentrada na área prevista; entre essa cavalaria, estava o regimento cossaco em que servia o tenente Lisstnítzki. Devia o ataque desencadear-se em 28 de Agosto, mas, por causa da chuva, foi adiado para 29.

Logo de manhã, a divisão alinhou-se numa enorme extensão, e preparou-se para atacar.

A oito verstás dali, no flanco direito, a infantaria empenhou-se numa falsa ofensiva, para concitar sobre ela o fogo do inimigo; por outro lado, algumas unidades de outra divisão de cavalaria moveram-se também numa falsa direcção.

Tão longe quanto se podia alcançar, o inimigo não se avistava. A uma verstá à frente do seu esquadrão, o tenente Lisstnítzki via as linhas negras das trincheiras abandonadas, e, por trás delas, searas de centeio ondulando, e um nevoeiro matinal, azulado, que o vento espalhava.

É possível que o comando inimigo tivesse sido informado do projectado ataque. Ou, então, previra-o. O caso é que na noite de 28 para 29 as tropas inimigas haviam abandonado as suas trincheiras e retirado para cerca de seis verstás, deixando apenas ficar alguns ninhos de metralhadoras, com a incumbência de incomodar a nossa infantaria, disposta em frente, em toda a largura do sector.

O Sol, já alto, assomava por sobre uma montanha de nuvens, mas o vale continuava todo coberto de um nevoeiro, agora amarelo e espesso. Veio a ordem de atacar, e os regimentos avançaram. Milhares e milhares de cascos encheram o solo e um fragor surdo, semelhante ao de um tremor de terra. Lisstnítzki continha o cavalo, para que ele não metesse a galope. Já se havia percorrido verstá e meia. A orla das searas de centeio ia-se aproximando da linha regular dos assaltantes. O centeio, mais alto que a cintura de um homem, todo enredado de campainhas e de erva daninha, prejudicava terrivelmente o

avanço dos cavalos. Aquela crina castanha-clara ondulava sem fim à frente deles, e ia ficando para trás abatida e espezinhada. Ao cabo de quatro verstás, os cavalos começaram a mostrar fadiga, a suar muito, mas o inimigo continuava a não aparecer. Lisstnítzki voltou-se para o seu comandante de esquadrão: na face do capitão lia-se um fundo desespero. ..

Seis verstás de galope incrivelmente penoso tinham estafado os cavalos, alguns dos quais se iam abaixo sob o peso dos cavaleiros, ao passo que os mais resistentes, no limite da resistência, vacilavam. Foi nesse momento que as metralhadoras austríacas desataram a atirar, por salvas rítmicas... O fogo mortífero delas ceifou as primeiras filas. Os lanceiros foram os primeiros a fraquejar e a virar as rédeas; a seguir, também os cossacos não se aguentaram; enquanto as metralhadoras lhes regavam a fuga pânica com uma chuva de balas, a artilharia entrou em acção. Por uma criminosa negligência do alto-comando, aquele ataque de uma espantosa envergadura terminou num desastre completo. Alguns regimentos perderam metade dos efectivos de homens e de cavalos; o de Lisstnítzki teve cerca de quatrocentos soldados e dezasseis oficiais mortos ou feridos.

O cavalo de Lisstnítzki morreu debaixo dele e ele próprio foi ferido em dois sítios: na cabeça e numa perna. O ajudante Tchebotariov saltou do cavalo, agarrou nele, atravessou-o na sua própria sela e prosseguiu a galope.

O coronel Golovatchov, chefe do Estado-Maior da Divisão, que tirara algumas fotografias instantâneas da carga, mostrou-as alguns dias mais tarde aos oficiais. Primeiro, um tenente ferido, chamado Tcherviakov, deu-lhe um murro na cara e rebentou em soluços. Depois, uns cossacos que acorreram trucidaram Golovatchov, enxovalharam-lhe por largo espaço o cadáver e arremessaram-no para um fosso, para entre imundícies. Assim se rematou aquele ataque sem glória.

Do hospital de Varsóvia, Lisstnítzki escreveu ao pai que iria passar a sua licença a lagodnói, depois de curado. Ao receber esta carta, o velho fechou-se no escritório, para só sair de lá, carrancudo, no dia seguinte. Disse a Nikítitch para atrelar um cavalo à caleça, almoçou e partiu para Viochénsskaia, donde mandou ao filho um vale telegráfico de quatrocentos rublos e uma curta carta:

“Só me resta alegrar-me por teres recebido o teu baptismo de fogo. É mais nobre estares aí que na corte. És honesto e inteligente de mais para poderes rastejar de consciência tranquila. Ninguém da nossa família teve carácter para tal. Foi por isso que o teu avô caiu em desgraça e findou os seus dias em lagodnói, sem desejar nem esperar o perdão do monarca. Toma cuidado contigo, Evguéni, e restabelece-te. Lembra-te de que só te tenho a ti no mundo. A tua tia manda-te

cumprimentos, e vai bem de saúde. De mim não tenho nada que dizer-te, porque sabes o que é a minha vida. Mas que se passa na frente? Não há, então, homens sensatos? Não acredito nas informações dos jornais: sei, pela experiência dos últimos anos, que não são de fiar. Mesmo assim, Evguéni, será de admitir que percamos a guerra?

Espero-te em casa com grande impaciência.”

Com efeito, o velho Lisstnítzki não tinha nada que dizer da sua vida, que se arrastava, monótona como até ali, sem alterações, a não ser o aumento dos salários dos trabalhadores e a penúria das bebidas alcoólicas. O senhor bebia mais que antes, e tornara-se irritável e impertinente. Um dia chamou Akcínia a uma hora desabitual e disse-lhe:

- Andas a fazer mal o teu serviço. Porque estava frio o almoço de ontem? Porque não estava bem limpo o copo do café? Se isto se repetir, previno-te (estás a ouvir?), previno-te de que te despeço. Não gosto de gente porca! O senhor agitou as mãos com vivacidade. Estás a ouvir? Não suporto porcarias!

Akcínia cerrava os lábios com força. Mas, de repente, rompeu a chorar.

- Nikolai Alexêievitch, a minha filhinha está doente. Dispense-me por algum tempo... Não posso deixá-la um momento.

- Que tem ela?

- Um mal na garganta, que a afoga...

- Escarlatina? Porque não dizias tu isso, burra? Diabos te levem, idiota. Vai já dizer ao Nikítitch que atrele um cavalo a um carro e vá imediatamente buscar o médico da stanitsa. Depressa!

Akcínia abalou a correr, enquanto o velho a bombardeava com a sua voz de trovão:

- Estúpida! Estúpida! Estúpida!

No dia seguinte de manhã, Nikítitch apareceu com o médico. Este examinou a menina, que não dava acordo de si e ardia em febre, e, sem responder às perguntas de Akcínia, foi falar com o senhor. Lisstnítzki recebeu-o na antecâmara, de pé, sem lhe estender a mão.

- Que tem a pequena? - perguntou ele, respondendo ao cumprimento do outro com um movimento negligente da cabeça.

- Escarlatina, Excelência.

- Cura-se? Há alguma esperança?

- Não me parece. A menina morre... Repare na idade que ela tem.

- Imbecil! E o velho fez-se vermelho. Que é que tu estudaste? Trata de a curar.

Bateu com a porta na cara do médico assustado, e pôs-se a andar de um lado para o outro na sala. Akcínia bateu à porta.

- O médico pede que lhe dêem cavalos para voltar para a stanitsa.

O velho virou-se vivamente para ela.

- Diz-lhe que é um cretino! Diz-lhe que não sai de cá sem ter curado a pequena! Dá-lhe um quarto no pavilhão do pessoal, e de comer! - gritou ele, brandindo um punho ossudo.

- Enche-o de bebida e de comida, mas, quanto a ir-se embora, não vai!

Calou-se, foi até à janela, tamborilou numa vidraça, depois aproximou-se de um retrato ampliado do filho nos braços da ama, e recuou dois passos, de olhos semicerrados, como se o não reconhecesse.

Desde o primeiro dia da doença da filhinha que Akcínia se recordava de uma frase amarga de Natalia: “As minhas lágrimas hão-de trazer-te desgraça...” e estava convencida de que Deus a castigava por tê-la achincalhado naquele dia.

A tremer pela vida da filha, de cabeça perdida, dava sem destino voltas na casa, e não fazia o seu trabalho como devia.

“Será possível que Deus ma leve?” pensava ela a toda a hora, febrilmente, sem o acreditar, recusando-se com toda a sua alma a acreditá-lo; e, rezando freneticamente, rogava a Deus aquela última graça: que lhe salvasse a filha.

“Perdoa-me, Senhor!... Não ma leves! Tem piedade de mim, Senhor, sê misericordioso!”

A doença destruía aquela pobre vida. A menina estava estendida, inerte, com um estertor doloroso, entrecortado, na garganta tumefacta. O médico da stanitsa, instalado no pavilhão do pessoal, ia vê-la quatro vezes por dia, e à noite, sentado no patamar, fumava e olhava as estrelas frias do céu outoniço.

Akcínia passava as noites ajoelhada ao lado da cama. A respiração estertorosa da menina dilacerava-lhe o coração.

- Ma-mã...- articulavam os lábiozinhos secos.

- Minha sementezinha! Minha filhinha! - gemia surdamente a mãe. - Minha florinha, Taniúchka, não me deixes! Olha para mim, minha linda, abre os olhos. Não me deixes, minha pombinha de olhos negros... Porque é isto, meu Deus?...

A menina entreabria de tempos a tempos as pálpebras inflamadas, e os olhinhos dela, injectados de sangue, tinham uma expressão vaga e alheada. A mãe procurava-lhes avidamente, mas eles negavam-se-lhe, pareciam afundar-se-lhe, melancólicos e resignados.

Morreu ao colo da mãe. A boquinha arroxeadada rasgou-se-lhe num último estertor, o corpinho retesou-se-lhe após uma convulsão; a cabeça suada resvalou-lhe no braço de Akcínia, o olhar negro dos Melekhoves fixou nela, com espanto, as pupilas mortas.

O avô Sachka abriu uma covinha perto do tanque, por baixo de um velho choupo, trouxe sob uma axila o caixãozito, enterrou-o com uma rapidez nele desabitual, e por muito tempo, pacientemente, esperou que Akcínia se levantasse de ao pé do montículo de terra que fizera. Por fim, não se aguentando, assoou-se com um ruído semelhante ao de uma chicotada, e enfiou para a cavalaria... Foi ao celeiro buscar um frasco de água-de-colónia, e outro, já encetado, de álcool desnaturado, vazou os dois numa garrafa, agitou a mistura e disse, contemplando-a contra a luz:

- À memória da menina! Que se lhe abra o reino dos céus! A alma do anjinho deixou este mundo.

Bebeu, abanou com força a cabeça, comeu um tomate esmagado e acrescentou, com um olhar comovido para a garrafa:

- Não te esqueças de mim, minha querida, como eu não me esquecerei de ti!

E desatou a chorar.

Três semanas volvidas, Evguéni Lisstnítzki telegrafou a comunicar que estava de licença e não tardava. Mandou-se uma tróika à estação, mobilizaram-se os criados todos, mataram-se perus e patos, o avô Sachka matou um carneiro, fez-se toda a casta de preparativos, como se se tratasse de uma grande recepção.

Na véspera da chegada dele, enviou-se uma muda de cavalos para a aldeia de Kamenka. O patrão novo chegou de noite. Caía uma chuvinha fina, e as lanternas do carro projectavam nas poças uma claridade débil. Por entre o ruído de guizos, os cavalos estacaram à entrada da casa. Comovido e sorridente, Evguéni saiu do carro, atirou a grossa capa de viagem ao avô Sachka, e subiu os degraus, coxeando. O velho senhor acorreu da sala ao encontro dele, arrastando os pés e derrubando algumas cadeiras ao passar.

Akcínia pôs a ceia na mesa na sala de jantar e foi em busca dos patrões para os prevenir de que podiam ir comer. Pelo buraco da fechadura, viu o velho abraçar o filho e beijá-lo num ombro, de pescoço mole e enrugado pela idade, percorrido por um frémito. Esperou alguns minutos e tornou a olhar: Evguéni, com o dólman de caqui desabotoado, estava de joelhos, em frente de um mapa desdobrado no chão.

O velho senhor sorvia o cachimbo, expelia anéis irregulares de fumo, percutia com os dedos ossudos o braço do seu cadeirão e rosnava, indignado:

- Alekcêiev? Não é possível. Não acredito!

Evguéni falou demoradamente, a meia voz, como que para o convencer de qualquer coisa, passeando o dedo pelo mapa. Contendo a sua voz poderosa, o velho retorquiu-lhe:

- Nesse caso, o comando está enganado. Que estreiteza de espírito! Posso citar-te, Evguéni, um exemplo análogo na guerra russo-japonesa! Espera aí!... Ora espera, ora espera!

Akcínia bateu à porta.

- Quê? A ceia já está pronta? Vamos já!

O velho saiu, animado, alegre, com um brilho juvenil nos olhos. Esvaziou com o filho uma garrafa de vinho desenterrada na véspera, e em cujo rótulo musgoso, esverdeado, se lia ainda, em algarismos meio sumidos, uma data: 1879.

Enquanto servia, perante aquelas duas faces felizes, Akcínia sentia mais ainda a sua solidão. Uma dor muda torturava-a. Nos primeiros dias após a morte da filhinha, quisera chorar e não pudera. Um grito afogava-lhe a garganta, mas as lágrimas não lhe brotavam; assim, a sua mágoa petrificada lhe pesava duplamente. Dormia muito, procurando o repouso na inconsciência do sono; porém, mesmo dormindo, a lembrança da menina não a largava. Umas vezes, parecia-lhe tê-la deitada ao lado dela: palpava então a cama com as mãos, e afastava-se, para não a afogar; outras vezes, julgava ouvi-la pedir-lhe, num cicio confuso: “Mamã, água!”

- Meu coraçãozinho... - murmurava Akcínia, por entre os lábios gelados.

Mesmo de dia, com frequência se lhe afigurava que ela lhe cingia os joelhos, e surpreendia-se a estender as mãos para lhe acariciar a cabecinha cheia de caracóis.

Três dias depois da chegada, Evguéni demorou-se na cavalaria, a ouvir o avô Sachka contar-lhe histórias ingênuas sobre a antiga liberdade dos cossacos do Don, sobre os bons tempos antigos. Quando de lá saiu, eram nove horas da noite; o vento soprava em rajadas no pátio, e os passos de Evguéni chapinhavam na lama. A lua nova, com os seus bigodes amarelos, dançava por entre as nuvens. Evguéni consultou o relógio à luz dela, e dirigiu-se para o pavilhão do pessoal. Chegado ao patamar da entrada, acendeu um cigarro, hesitou um momento, e subiu os degraus a passo decidido. Moveu com precaução o trinco; a porta abriu-se, com um rangido. Entrou no quarto de Akcínia e riscou um fósforo.

- Quem está aí? - perguntou Akcínia, puxando a roupa para cima.

- Sou eu.

- Eu visto-me imediatamente.

- Não é preciso. É só um instantinho.

Evguéni tirou o capote e sentou-se à borda da cama.

- A tua filhinha morreu...

- Morreu - replicou Akcínia, como um eco.

Estás muito mudada. Eu compreendo o que seja perder um filho. Mas acho que te apoquentas de mais. Não é com isso que fazes a menina voltar à vida. Além disso, és ainda suficientemente nova para ter mais filhos. Não te deves deixar abater dessa maneira. Reage, resigna-te... No fim de contas, não perdeste tudo com a morte da menina. Pensa que tens ainda uma vida inteira diante de ti.

Evguéni apertava uma mão de Akcínia, acariciava-lha com afectuosa autoridade, e falava-lhe acentuando a sua voz grave. Depois, baixou a voz a um sussurro, e vendo Akcínia sacudida por um choro sufocado, que lhe rebentava em soluços, começou a beijar-lhe as faces banhadas em lágrimas, os olhos...

O coração das mulheres é sensível à piedade e ao carinho.

Vencida pelo desespero, desesperadamente Akcínia se lhe entregou, com toda a violência, havia muito esquecida, do seu temperamento apaixonado. Mas, passada a vaga devastadora, desvairada, da despudorada volúpia, recaiu em si, emitiu um grito agudo, e correu para o patamar da entrada, de cabeça perdida, meio nua, com a camisa apenas em cima do corpo. Evguéni saiu precipitadamente atrás dela, deixando a porta aberta. Enfiou o capote pelo caminho, andando a passo rápido, e ao chegar, ofegando, ao terreiro em frente da casa, rompeu a rir, com um riso feliz e satisfeito. Uma alegria vivificadora impregnava-o. Deitado na cama, pensou, esfregando o peito macio e rechonchudo: “Sob o ponto de vista de um homem honesto, isto foi reles, foi imoral. Grigóri... Roubei o que era de outro. Mas na frente de batalha arrisquei a vida. Se a bala tivesse passado um pouco mais à direita, podia ter-me furado a cabeça. Nesta altura, estaria o meu corpo a apodrecer e a servir de pasto aos vermes... Tem de se viver a vida, minuto a minuto, com avidez. Tenho o direito de fazer tudo o que me apeteça!” Fugidamente, assustou-o o que acabara de pensar. Mas logo a imaginação lhe reconstituiu o quadro horrível do ataque, o momento em que se havia erguido do cavalo morto, para tornar a cair, atingido pelas balas. Antes de adormecer, decidiu, tranquilamente: “Amanhã se vê isto. Por agora, do que preciso é de dormir, de dormir...”

No dia seguinte de manhã, ao encontrar-se a sós com Akcínia na casa de jantar, acercou-se dela com um sorriso culposo.

Mas ela cingiu-se contra a parede, estendeu os braços, e atirou-lhe, baixinho, em voz furiosa e escaldante:

- Não te aproximes, maldito!

A vida dita às pessoas as suas leis, que não estão escritas em parte nenhuma. Três noites após isto, Evguéni voltou ao quarto de Akcínia, e Akcínia não o repeliu.

XXIII

A clínica de olhos do Dr. Sneguiriov tinha um jardimzinho anexo.

Estes jardimzinhos rasos e sem encanto são numerosos nas casas dos arrabaldes de Moscovo. Neles os olhos não repousam do pesado tédio de pedra da cidade, e vê-los aviva ainda mais dolorosamente a lembrança da liberdade selvagem das florestas. O Outono imperava no jardimzinho da clínica: cobria o chão do bronze alaranjado das folhas, engelhava as flores com as geadas matinais, e inundava de um verde aquoso a relva dos canteiros. Nos dias bonitos, os doentes passeavam nele, escutando os sinos das igrejas da piedosa Moscovo. Quando estava mau tempo (e naquele ano foi isto o mais frequente) vagueavam de sala em sala, mantinham-se deitados nas suas camas, em silêncio, fatigados de si próprios e dos outros.

A maior parte dos doentes da clínica eram civis. Os feridos militares estavam todos na mesma sala; eram cinco: Iane Varêikiss, um letão alto, de cabelo castanho, olhos azuis e barba em leque, Ivane Vrublévsski, um belo dragão de vinte e oito anos, natural do governo de Vladimir, o atirador siberiano Kossikh, um soldadito irrequieto e de tez amarela chamado Búrdine, e Grigóri Melekhov. No fim do mês de Setembro, entrou um novo. Foi durante o chá da tarde, e a campainha tocou demoradamente. Grigóri olhou para o corredor. Três pessoas penetraram na sala de recepção: uma enfermeira, um homem de tcherkesska (*Capote estreito e comprido, sem gola, apertado na cintura*), e um soldado que os dois primeiros amparavam por baixo dos braços. com certeza vinha directamente da estação, como o mostrava a sujidade do dólman, manchado de sangue no peito. Nessa mesma tarde o operaram. Depois dos breves preparativos (nos dormitórios ouvia-se o ruído da fervura dos instrumentos cirúrgicos), levaram o recém-chegado para a sala de operações. Ao fim de alguns minutos, soou um canto abafado: era ele que cantava, com pragas à mistura, enquanto o adormeciam com clorofórmio, para lhe tirarem os restos do olho destruído por um estilhaço de granada. Em seguida à operação, puseram-no na mesma sala que os outros feridos. Vinte e quatro horas depois, dissipado de todo o pesado torpor do clorofórmio, contou que havia sido ferido perto de Werberg, na frente alemã, que se chamava Garanja, que pertencia a um regimento de metralhadoras e que era natural de Tchernigov (*Era, pois, ucraniano. Adiante se verá como Grigóri e Garanja se tratam, respectivamente, por “krokhol” e por*

“moscovita”. “Khokhol” já se sabe ser a designação achincalhante que os russos dão aos ucranianos. “Moscovita”, ou, mais exactamente, “mosskalb”, é, por seu turno, a designação usada pelos ucranianos e pelos branco-russianos em relação aos russos e aos soldados em geral. Dirigida a um cossaco, tal designação é dobradamente injuriosa, visto como os cossacos se consideram tradicionalmente inimigos dos moscovitas). Ao fim de alguns dias, tinha estabelecido relações particularmente amigáveis com Grigóri. Como as camas deles eram próximas, tinham longas conversas a meia voz depois da visita nocturna do médico.

- Então cossaco, como vão as tuas coisas?
- Brancas como a fuligem.
- E do teu olho que há?
- Dão-me injeções.
- Quantas te deram já?
- Dezoito.
- Fazem-te doer?
- Não. Até me aliviam.
- Pede mas é que te tirem o olho.
- Nem toda a gente há-de ser cega!
- Lá isso é verdade.

O vizinho de Grigóri era bilioso e sarcástico, e por tudo mostrava descontentamento. Praguejava contra o governo, contra a guerra, contra a sua própria sorte, contra o cozinheiro, contra os médicos, contra tudo o que lhe calhava.

- Diz-me, rapaz, porque nos batemos eu e tu?
- Pelo mesmo que os mais.
- Explica-me isso melhor, de modo que se entenda.
- Deixa-me em paz!

- Ah, estúpido! Isto é uma história em que devemos pensar bem. É pelos burgueses que nos batemos, estás a compreender? E quem são os burgueses? São como aves no cânhamo.

Explicava a Grigóri o significado de palavras que ele desconhecia, semeando as suas frases de palavrões acres.

- Não berres dessa maneira! Eu não percebo a tua língua de khokhol - interrompia-o Grigóri.

- Está bem! E que é que tu não percebes, moscovita?
- Fala mais devagar.

-Mas eu falo devagar, irmão. Dizes tu: “pelo tsar”. Mas o tsar quem é? O tsar é um bêbedo, e a tsarina uma puta. com a guerra ganham os senhores dinheirinho, e nós uma corda para o pescoço. Estás a compreender, ha? O industrial bebe a sua vodka, o soldado cata os seus piolhos: cada qual sacrifica-se a seu modo. O industrial recebe os seus lucros, o operário anda nu: não está mal a divisão... Tens de servir, cossaco, tens de servir! Hás-de ganhar ainda outra cruz, uma bela cruz de castanho...

Exprimiam-se em ucraniano, excepto nos momentos em que se animava: servia-se então do russo, que falava bem, salpicando o que dizia de impropérios.

Dia após dia, inoculava no espírito de Grigóri verdades até ali por ele ignoradas, mostrando-lhe as causas autênticas do desencadeamento da guerra, escarnecendo cruamente do poder autocrático. Grigóri tentava objectar-lhe, mas Garanja repelia-lhe as objecções com perguntas simples, terrivelmente simples, e Grigóri era forçado a dar-lhe razão.

O caso é que Grigóri sentia no seu foro íntimo que o que Garanja dizia estava certo, e não conseguia opor-lhe argumentos que valessem: procurava-os, mas não os achava. com terror verificava que o inteligente e ruim ucraniano lhe destruía lentamente, com segurança, todas as suas ideias antigas acerca do tsar, da pátria, do seu dever de militar de cossaco.

Num mês, desde que Garanja chegara, os pilares em que a sua consciência assentava tinham-se reduzido a pó. Apodrecidos como estavam, porque a monstruosa absurdidade da guerra os havia atacado como uma ferrugem, bastava darem-lhes um abanão. E esse abanão fora dado: o pensamento de Grigóri despertara, e esgotava-lhe, atenazava-lhe o espírito ingênuo e sem malícia. Debatia-se Grigóri à procura de uma saída, de uma solução para aquele problema demasiado difícil para ele, e com satisfação as encontrava nas observações de Garanja.

Uma vez, em plena noite, ergueu-se, despertou Garanja, e sentou-se-lhe na cama, ao lado dele. A luz esverdeada da lua de Setembro filtrava-se através do estore descido. As sombras sulcavam de covas escuras as faces terrosas de Garanja, cujos olhos negros brilhavam. Garanja bocejou, enrolou friorentamente as pernas na roupa.

- Porque não dormes?

- Não tenho sono. Não consigo dormir. Ora diz-me cá: como é que a guerra aproveita a uns e arruína os outros?...

- Quê? Ah, pois! - E Garanja abriu a boca num bocejo.

- Espera aí! - murmurou Grigóri, irritado. - Dizes tu que nos mandam para a morte em benefício dos ricos. Mas então porque não compreende o povo isso? Não há quem lho

explique? Devia haver quem aparecesse e lhe dissesse: “Irmãos, é por isto que vocês vão morrer.”

- Aparecesse como? Não és maluco nem nada? Gostava de te ver a ti aparecer. Tu e eu grasnamos aqui sobre isso baixinho, como os patos entre os juncos. Mas levanta tu um pedaço mais a voz, e não tarda que te metam uma bala no corpo. O povo é completamente surdo. A guerra o despertará. Depois da trovoada, há-de vir a chuva.

- Mas que se há-de fazer? Diz-mo lá, serpente! Viraste-me o coração do avesso.

- E que te diz o coração?

- Não o entendo - confessou Grigóri.

- Se alguém me quiser atirar por um barranco abaixo, hei-de eu tentar atirá-lo a ele. É preciso virarmos as armas, sem hesitação. Devemos atacar os que enviam os outros para o inferno. Fica sabendo - Garanja ergueu-se, de braços estendidos e dentes rilhando - que uma grande tempestade vai estalar, que arrasará tudo.

- Na tua opinião, portanto, é preciso atirar tudo de patas ao ar?

- Isso mesmo! Temos de fazer ao governo o que se faz a umas ceroulas sujas. Precisamos arrancar a pele e os dentes aos senhores, que já fizeram demasiado mal ao povo.

- E com um governo novo, que farás tu da guerra? Havemos de continuar a matar-nos uns aos outros: e, se não formos nós, serão os nossos filhos. Como é que tu acabarás com a guerra, se há guerras desde que há homens?

- Isso é verdade. Sempre a guerra existiu, e não deixará de existir enquanto houver no mundo governos de parasitas. Ora aí está! Mas, se em todos os países houver governos operários, deixará de haver guerras. É isto o que é preciso. E isto há-de acontecer, e os outros que rebentem!... Isto há-de acontecer! Entre os alemães, entre os franceses, por toda a parte, o poder operário e camponês há-de surgir. Porque havíamos nós, nessa altura, de nos batermos? Para o diabo as fronteiras! Para o diabo o ódio! A vida será bela no mundo inteiro. Ah! Garanja - suspirou, de olho único a brilhar-lhe, mordendo as pontas do bigode, e com um sorriso sonhador nos lábios. - Ah, Grichka! De bom grado dava o meu sangue todo para viver até esse momento... Só de pensar nisso, sinto o coração mais quente...

Conversaram até ao alvorecer. Na penumbra cinzenta, Grigóri mergulhou num sono agitado.

Despertou-o de manhã um ruído de vozes e de choro. Ivane Vrublésski, estendido na cama, escondia a cara, soluçava e assoava-se; a enfermeira, lane Varêikiss e Kossikh estavam de pé ao lado dele.

- Porque chora ele assim? - perguntou Búrdine em voz rouca, deitando a cabeça de fora da roupa.

- Partiu o olho. Ia para o tirar do copo e deixou-o cair no chão - respondeu Kossikh, com mais troça que pena.

Um alemão russificado, negociante de olhos artificiais, movido por sentimentos patrióticos, distribuía-os gratuitamente aos soldados. Na véspera tinham posto a Vrublévsski um muito perfeito, tão azul e tão bonito como o que lhe restava, de tal modo que nem com um exame cuidadoso era possível distingui-los. De felicidade, Vrublévsski ria-se como uma criança.

- Quando eu voltar para a terra - dizia ele, com o seu sotaque de Vladimir - hei-de enganar quantas raparigas quiser. Começarei por me casar e só depois direi que tenho um olho de vidro.

- Capaz disso é ele, o patife! - exclamou Búrdine, que estava sempre a cantarolar uma canção sobre certa Dúnia e uma carocha que à mesma Dúnia roeu o vestido.

- E, por causa daquele desgraçado acidente, ia o bonito rapaz voltar cego para a aldeia.

- Dão-te outro. Não chores! - disse-lhe Grigóri, para o consolar.

Vrublévsski soergueu a face banhada em lágrimas, com o seu buraco vermelho e húmido no lugar do olho que lhe faltava.

- Não dão. Aquele olho valia trezentos rublos. Não me dão outro.

- Aquilo é que era um olho! Não havia uma veia que não tivesse desenhadinha! - proferia Kossikh com admiração.

Depois do chá da manhã, Vrublévsski foi com o enfermeiro ao armazém do alemão, que lhe deu um olho novo.

- Lá isso, os alemães são melhores que os russos! - dizia Vrublévsski, doido de entusiasmo. - A um comerciante russo bem se lhe podia pedir! E este deu logo outro, sem mais nem mais!

Passou Setembro. Os dias desfiavam-se lentamente, intermináveis, cheios de um tédio mortal. Todas as manhãs às nove horas, tomava-se chá. Cada doente recebia num prato duas fatiazinhas diáfanas de pão branco e um pedaço de manteiga do tamanho de um dedo mendo. Após a refeição do meio-dia, ao levantarem-se da mesa, os doentes continuavam com fome. À tardinha, tomava-se de novo chá, e em cima, para variar, bebia-se água. O efectivo dos doentes modificou-se. O primeiro a sair da “sala militar” (como os

doentes chamavam à sala reservada aos soldados feridos) foi o siberiano Kossikh; seguiu-se-lhe o letão Varêikiss. No fim de Outubro, chegou a vez de Grigóri.

O doutor Sneguiriov, chefe da clínica, um belo homem de barbicha bem aparada, examinou o olho de Grigóri, mostrando-lhe a uma certa distância, numa câmara escura, letras e números iluminados, e declarou achá-lo satisfatório. Recebeu Grigóri alta dali, mas mandaram-no para o hospital da rua Tvérsskaia, porque, entretanto, a ferida da cabeça se lhe reabriria e inflamara um pouco. Ao despedir-se de Garanja, Grigóri disse:

- Tornaremos a encontrar-nos?

- Só as montanhas é que não se encontram...

- Pois bem, khokhol, obrigado por me teres aberto os olhos. Agora vejo claro... e sou mau!

- Quando tornares para o teu regimento, fala com os cossacos.

- Com certeza!

- Se passares pelo governo de Tchernigov, pela aldeia de Gorokhovka, pergunta pelo ferrador Andrei Garanja. Ficarei contente de te ver. Adeus, meu rapaz!

Abraçaram-se. A memória de Grigóri guardou por muito tempo a imagem do ucraniano, com o seu olho único, de olhar severo, e as linhas afectuosas da boca no meio das faces terrosas

Grigóri permaneceu uma dezena de dias no hospital. Na alma agitavam-se-lhe resoluções vagas; o veneno das lições de Garanja fermentava nele. Pouco falava com os companheiros de sala, em cada movimento lhe transparecendo uma perturbação ansiosa. Logo ao entrar no hospital, o médico-chefe, ao verificar-lhe rapidamente a expressão estranha, o havia classificado como um “inquieto”

Nos primeiros dias, teve febre; e deitado na cama se manteve, atento aos ruídos incessantes que lhe enchiam os ouvidos.

Foi então que ocorreu o incidente seguinte.

De regresso de Voróneje, um membro da família imperial dignou-se visitar o hospital. O pessoal, que havia sido avisado de manhã, andava numa excitação, como ratos num armazém a arder. Deu-se roupa lavada aos doentes, mudaram-se-lhes os lençóis antes do tempo habitual, e o assistente do médico-chefe procurava mesmo ensinar-lhes como se responde a uma pessoa de tal categoria e como se deve estar na presença dela. O nervosismo do pessoal comunicou-se aos doentes: alguns principiavam já, com antecipação, a falar a meia voz. Ao meio-dia, ouviu-se a buzina de um automóvel à entrada do hospital, e o figurão, com a comitiva correspondente à sua categoria, entrou pelo portão escancarado. (Um dos feridos, um trocista, deveria afirmar mais tarde aos seus

companheiros que, no momento da chegada do nobre visitante, a bandeira do hospital, com a sua cruz vermelha, se havia agitado com violência, embora o ar estivesse particularmente sereno e estável, e que o homem elegante e bem penteado, pintado na tabuleta do barbeiro da frente, fizera qualquer coisa parecida com uma genuflexão ou uma reverência). A visita das salas começou. O figurão fazia perguntas vagas, como convinha à sua posição e às circunstâncias; os feridos, em conformidade com os conselhos do assistente do médico-chefe, esbugalhavam os olhos ainda mais do que lhes haviam ensinado no regimento e respondiam: “Exactamente, Vossa Alteza Imperial”, ou “De maneira nenhuma”, repetindo o título. O médico-chefe comentava aquelas respostas, torcendo-se todo, como uma cobra à ponta de uma forquilha, de forma que metia dó, mesmo a distância. Passando de cama em cama, o figurão imperial ia distribuindo iconezinhos. Uma multidão de uniformes brilhantes e uma onda de perfumes preciosos acercavam-se de Grigóri. Este estava de pé a um lado da cama, com a barba por fazer, magro e de olhos injectados; uma cristação na pele tisonada dos malares salientes traía-lhe a irritação.

“Aqui estão aqueles para satisfação dos quais nos arrancaram das nossas casas e atiraram para a morte. Ah, serpentes! Raça maldita! Parasitas! Aqui estão os piolhos que nos sugam o corpo! E é por isto que nós pisamos searas que não nos pertencem e matamos estrangeiros? E que rastejamos por entre o cânhamo e gritamos? E que temos medo? Separaram-me da família e fizeram-me penar numa caserna...” Um turbilhão de pensamentos confusos revolvía-se-lhe na cabeça. Uma raiva, que o fazia espumar, torcia-lhe os lábios. “Como eles estão bem nutridos! Como eles reluzem! Para a frente de batalha, três vezes malditos, é que vocês deviam ir. A cavalo, de carabina ao ombro, cobertos de bichos, alimentados a pão bolorento e a carne podre...”

Grigóri, que trespassava com os olhos os oficiais janotas da comitiva, fixou com indiferença as bochechas do personagem imperial.

- Cossaco do Don, cruz de São Jorge - disse o médico-chefe, contorcendo-se e designando Grigóri, num tom tal que dir-se-ia ter sido ele quem recebera a cruz.

- De que stanitsa? - inquiriu o figurão, de iconezinho em riste.

- De Vióchénsskaia, Vossa Alteza Imperial.

- Como ganhaste tu a cruz?

Os olhos claros dele exprimiam tédio e saciedade. Por sobre o esquerdo, uma sobrancelha ruiva erguia-se-lhe num movimento estudado para lhe dar mais expressão à cara. Grigóri sentiu um instante um friozinho percorrê-lo e pungir-lhe o peito, tal como no início de um assalto. Contra vontade sua, os lábios torciam-se-lhe e tremiam-lhe.

- Eu queria... Preciso de ir... Preciso, Vossa Alteza, de fazer uma necessidade...

Cambaleou, como se lhe tivessem dado uma pancada nas costas, e apontou, com um gesto largo, para debaixo da cama.

A sobancelha esquerda do figurão ergueu-se-lhe até mais não poder, e a mão que segurava o ícone parou-lhe a meio caminho. O figurão estendeu com perplexidade a beizana amuada, voltou-se para um general de cabelos grisalhos que o acompanhava, e disse-lhe uma frase em inglês. Um breve enleio percorreu a comitiva: um oficial alto, de dólman ornado de cordões, cobriu a vista com uma mão enluvada de branco; outro baixou a cabeça; um terceiro relanceou interrogativamente um vizinho... com um sorriso respeitoso, o general do cabelo grisalho, respondeu o que quer que fosse a Sua Alteza Imperial, que teve a bondade de pôr o Iconezinho na mão de Grigóri, e mesmo de lhe testemunhar a sua altíssima benevolência, tocando-lhe num ombro.

Após a partida dos ilustres visitantes, Grigóri arremessou-se para cima da cama, e alguns minutos ali se conservou, de cabeça enfiada no travesseiro, e as espáduas estremecendo-lhe, sem que se pudesse saber se de choro, se de riso; quando se levantou, tinha os olhos secos. Não tardou o médico-chefe em chamá-lo ao seu gabinete.

- Canalha!... - principiou ele, apertando entre os dedos a barba cor de lebre na muda do pêlo.

- Eu não sou canalha, safado! - exclamou Grigóri, avançando para o doutor, de maxilar a tremer-lhe. - Nunca ninguém encontrou o senhor na frente. - E, dominando-se, em voz mais mansa, concluiu: - Mandem-me para casa!

O doutor retirou-se, às arrecuas, para trás da secretária, e retorquiu-lhe mais manso também:

- Vamos mandar-te. Vai para o diabo!

Grigóri saiu dali com um sorriso a dançar-lhe nos lábios, mas de olhos raivosos.

Pelo seu despropósito incrível, imperdoável, na presença de tão importante personagem, a administração do hospital privou-o das refeições durante três dias. Os camaradas de sala e o cozinheiro compassivo, que tinha uma hérnia, é que o não deixaram sem comer.

XXIV

Na noite de 3 para 4 de Novembro, Grigóri Melekhov chegou a Níjni-Iablonóvski, primeira aldeia cossaca da stanitsa de Viochénsskaia, ao vir do caminho-de-ferro. Restava-lhe andar várias dezenas de verstás até ao domínio de Iagodnói. Passou perto de algumas casas de lavoura dispersas, acordando os cães. Por trás dos salgueiros de um rio, uns rapazes cantavam:

*Na floresta há relâmpagos de sabres.
É um esquadrão cossaco que desfila.
Um jovem oficial galopa à frente,
E atrás, com os seus bigodes, os cossacos.*

Uma voz forte, pura e modulada de tenor atirou:

Irmãos, atrás de mim é vir sem medo!

E o coro reatou com decisão:

*Quem se atreve primeiro a avançar?
O primeiro que avance é que terá
A honra, a nomeada e as medalhas.*

A letra daquela velhíssima canção cossaca, que Grigóri muitas vezes havia cantado, familiar como lhe era, estimulou-o. Um friozinho picante fazia-lhe arder os olhos e oprimia-lhe o peito. Aspirando com avidez o fumo acre do kiziak (*Estrume seco que se utiliza como combustível*), que saía das chaminés, atravessou a aldeia. A canção não o largava.

*Depois, como muralhas, nos firmamos
Entre o zumbir das balas como abelhas.
Aos cossacos do Don ninguém lhes ganha,*

Nem à sabrada, nem à baioneta.

“Há muito tempo, em rapaz, também eu cantava. Agora, a voz secou-se-me, e a vida matou em mim as canções. E aqui vou eu passar a minha licença a casa da mulher de outro. Sou como os lobos das ravinas, sem um lugar certo onde acolher-me...” cogitava Grigóri, caminhando a passo igual e fatigado, a rir-se amargamente da espantosa complexidade da sua vida. Saído da aldeia, subiu uma colina empinada e virou-se: iluminava a janela da última casa a luz amarela de um candeeiro de suspensão; junto a ela, uma velha cossaca fiava.

Ao deixar a estrada, Grigóri meteu por cima da erva húmida, que estalava, coberta de geada. Tinha decidido descansar na primeira aldeia perto do Tchir, para alcançar lagodnói no dia seguinte, antes do anoitecer. Era meia-noite quando entrou em Gratchov, onde se recolheu numa herdade da periferia, e abalou, mal a penumbra lilás da manhã clareou um pouco.

Chegou a lagodnói já de noite. Saltou a sebe, sem fazer barulho, e, ao passar por diante da cavaliça, ouviu a tosse forte do avô Sachka. Parou e chamou:

- Avô Sachka! Estás a dormir?

- Espera aí! Quem és tu? Estou a conhecer a voz .. Quem está aí?

O avô Sachka apareceu no pátio, de zipune posto por cima dos ombros.

- Santo Deus! Grichka! Donde raio vens tu? Isto é o que se chama uma visita!

Abraçaram-se. E o avô Sachka disse, fitando Grigóri nos olhos:

- Anda fumar um cigarro.

- Não. Fica para amanhã. Está prometido.

- Anda daí. Preciso de falar contigo.

Grigóri acedeu contrariado. Sentou-se no catre de tábuas, e esperou que o avô Sachka acabasse de tossir.

- Então, avô, como vai isso? Sempre rijo?

- Cá vou aguentando. Sou como as espingardas de pederneira, que nunca se gastam.

- A Akcínia?

- A Akcínia quê?... A Akcínia vai com a graça de Deus.

O velho tossiu com esforço. Grigóri percebeu que aquela tosse era fingida e que escondia qualquer atrapalhação.

- Onde enterraram a Taniúchka?

- No jardim, por baixo do choupo.

- Conta lá, então!

- A tosse não me larga, Gricha...

- Então?

- Toda a gente está de saúde. O general é que desatou a beber... O imbecil bebe sem tom nem som.

- E a Akcínia?

- A Akcínia é agora a criada de fora.

- Bem sei.

- Faz um cigarro! Ha? Fuma lá! Este meu tabaquinho é de primeiríssima ordem.

- Não me apetece. Mas fala, ou vou-me embora. Parece-me - e Grigóri voltou-se pesadamente para ele, fazendo ranger as tábuas - parece-me que tens qualquer coisa para me dizer, e estás embuchado, como se tivesses engolido um calhau. Ora diz lá.

- Vou-te magoar!

- Não faz mal!

- Vou-te magoar, vou! Mas eu não sou capaz de me calar. E se me calasse, Gricha, não me sentia bem comigo.

- Conta lá isso - pediu Grigóri, pousando afectuosamente uma mão pesada como uma pedra no ombro do velho. E ficou à espera, de costas vergadas.

- Estiveste a acalantar uma víbora! - gritou o avô Sachka em voz esganiçada, de braços absurdamente afastados. - Estiveste a acalantar uma víbora! Ela dorme agora com o Evguén! Que dizes tu a isto?

Uma saliva peganhosa corria pela cicatriz rosada para o queixo do velho. Este enxugou-a com a palma de uma das mãos, que limpou em seguida às ceroulas de pano cru.

- É verdade o que estás a dizer?

- Vi-o com os meus próprios olhos. Todas as noites ele vai ter com ela. Podes lá ir, que ele deve lá estar.

- Está bem...

Grigóri fez estalar as articulações dos dedos e demoradamente se conservou sentado, de costas curvadas, tentando relaxar os músculos contraídos da face. Nos ouvidos ressoava-lhe um rumor de guizos.

- As mulheres são como as gatas: esfregam-se por quem lhes faz festas. Não te fies nelas. Não nos podemos fiar nelas sentenciou o avô Sachka.

Fez um cigarro para Grigóri e meteu-lho na mão.

- Fuma!

Grigóri puxou duas fumaças, apagou o cigarro com os dedos e saiu sem dizer nada. Em frente da janela do pavilhão do pessoal parou. A respiração dele era rápida e profunda.

Por várias vezes ergueu a mão para bater e o braço lhe tombou, inerte. Bateu por fim, primeiro de um modo discreto com um dedo em gancho, e depois, não conseguindo dominar-se mais, lançando-se contra a parede, demoradamente e a grandes punhadas furiosas nos caixilhos. A janela vibrava, de vidraças como que soluçando, reflectindo a luz azul da noite.

A cara de Akcínia assomou, alongada pelo medo. Abriu a porta e soltou um grito. Grigóri abraçou-a logo no vestíbulo, encarando-a nos olhos.

- Como tu batestes!... Eu estava a dormir... Não te esperava... Meu querido!

- Estou gelado.

Akcínia sentia o corpo todo de Grigóri percorrido de arrepios e as mãos em brasa. Mostrando uma solicitude exagerada, alumiou o candeeiro, acendeu o lume na chaminé, a andar de um lado para o outro no quarto, com um xaile de lã leve pelas costas morenas e macias.

- Não te esperava... Há muito tempo que não me escrevias .. Recebeste a minha última carta? Queria mandar-te uma encomenda. Mas depois pensei que o melhor seria esperar talvez viesse alguma carta tua...

Relanceava Grigóri de espaço a espaço, com um sorriso parado nos lábios vermelhos.

Grigóri sentou-se num banco, sem tirar o capote. As faces por barbear ardiam-lhe, e uma sombra descia-lhe do capus sobre os olhos baixos. Começou a desapertá-lo, mas de repente, numa agitação, puxou pela bolsinha do tabaco e pôs-se a procurar as mortalhas nas algibeiras. com atenção e uma grande tristeza, fitou a cara de Akcínia.

Durante a ausência dele, ela tornara-se diabolicamente bonita.

Qualquer coisa de novo, de autoritário, transparecia-lhe no porte da cabeça; apenas os olhos e os grandes anéis sedosos do cabelo se conservavam os mesmos... Aquela beleza perversa, ardente, era desconhecida de Grigóri. E razão havia para isso, porque ela era a amante do filho do patrão...

- Tu... não tens o aspecto de uma criada. Mais pareces uma governanta.

Ela olhou-o assustada, com um riso contrafeito. Grigóri dirigiu-se para a porta, arrastando atrás a sua sacola.

- Onde vais tu?

- Fumar lá para fora.

- Mexi uns ovos para ti. Espera um bocado.

- Eu não me demoro.

No patamar da porta, Grigóri tirou do fundo da sua sacola de soldado um lenço de cabeça estampado, embrulhado cuidadosamente numa camisa lavada, com a sua marca regulamentar. Aquele lenço comprara-o ele em Litomir, por dois rubles, a um comerciante judeu, e havia-o guardado com um grande carinho: de vez em quando, na frente de batalha, tirava-o da sacola e admirava-lhe a variedade profusa das cores, antegozando o deslumbramento de Akcínia quando ele lho mostrasse. Pobre presente! Como poderia ele rivalizar em presentes com o filho do mais rico proprietário do Alto-Don? Abafando o soluço seco que lhe subia na garganta, rasgou o lenço às tiras, que atirou para o pátio. Pousou o saco num banco e reentrou no quarto.

- Senta-te para eu te descalçar, Gricha.

Com as suas mãos brancas, já desabitadas do trabalho grosseiro, Akcínia tirou-lhe as pesadas botas de soldado, e, aconchegada contra os joelhos dele, por longo tempo chorou baixinho. Grigóri deixou-a chorar, e perguntou-lhe:

- Porque é isso? Não estás contente de me tornar a ver? - Não tardou em adormecer. Akcínia, meio despida, saiu para o patamar e ali se quedou até ao amanhecer, imóvel, abraçada a um pilar húmido, exposta ao frio penetrante, a escutar os uivos do vento do norte.

No dia seguinte de manhã, Grigóri vestiu o capote e dirigiu-se para a casa do patrão. O velho senhor estava à porta, de casaco de pele e gorro de astracã amarela.

- Ora cá está o nosso cavaleiro de São Jorge! com a breca! Estás mais robusto, irmão! Fez uma continência a Grigóri e estendeu-lhe a mão.

- Vens por muito tempo?

- Quinze dias, Vossa Excelência.

- Enterrámos a tua filha. Foi uma pena, uma pena!... - Grigóri não replicou. Enfiando as luvas, Evguéni acabava de aparecer no patamar.

- Grigóri! Onde vens tu?

Embora se lhe carregasse o olhar, Grigóri sorriu.

- De Moscovo, de licença...

- Ah-ah! Foste ferido num olho?

- Sim, meu tenente.

- Ouvi falar nisso. Que rapagão que ele se fez, ha, papá!

O tenente moveu a cabeça num cumprimento a Grigóri, e, virando-se para o lado da cavalaria, gritou:

- Nikítitch, o carro!

O sisudo Nikítitch acabara exactamente de atrelar o cavalo ruço, e, olhando de esguelha, com hostilidade, para Grigóri, conduziu-o pela arreata até em frente da porta. A terra, coberta de uma ligeira camada de gelo, estalava sob as rodas da leve caleça.

- Vossa Nobreza dá-me licença de guiar, em lembrança do passado? disse Grigóri a Evguéni, com um sorriso obsequioso.

“Não desconfia de nada, o pobre diabo” cogitou o tenente, com satisfação, de olhar luzindo por trás das lunetas.

- Pois bem, se assim o queres, vamos lá!

- Como é isso? - comentou o velho senhor, sorrindo com benevolência. - Mal acabaste de chegar e já deixas a tua mulher? Não tinhas então saudades dela?

Grigóri riu-se.

Uma mulher não é um urso: não foge para a floresta. Sentou-se no assento do cocheiro, enfiou o chicote por baixo do banco, desembaraçou as rédeas.

- Vou dar-lhe um belo passeio, Evguéni Nikoláievitch.

- Vamos a isso! Ganhas uma gorjeta.

- Já lhe devo muito. E obrigado pela minha Akcínia... por a alimentar... por lhe dar... o de que ela precisa.

A voz de Grigóri baixou. Uma suspeita perpassou pelo espírito do tenente. “Acaso ele sabe? Que tolice! Como o havia de saber? É impossível.” Recostou-se no seu lugar e acendeu um cigarro.

- Não venham tarde! - gritou-lhes o velho senhor.

De sob as rodas ergueu-se uma poalha picante de geadas.

Grigóri lacerava a boca do cavalo, e fazia-o correr quanto ele podia. Num quarto de hora tinham transposto a colina. No primeiro rebaixo do terreno, Grigóri saltou para o chão e puxou o chicote de debaixo do banco.

- Que se passa? - perguntou o tenente, carregando o sobrolho.

- Passa-se isto!...

Brandiu bruscamente o chicote e atingiu-o na cara, com uma força terrível. Depois virou o chicote ao contrário, e bateu-lhe com o cabo, na cara, nas mãos, sem lhe dar tempo de se recompor. Um estilhaço das lunetas partidas cortou uma sobrancelha do tenente. O sangue corria-lhe em fio para os olhos. Protegera primeiro a cara com as mãos. Mas as pancadas aumentaram de violência. Desfigurado por elas e pela raiva, saiu do carro e tentou defender-se. Grigóri, porém, recuou e, com uma pancada nas costas da mão direita, imobilizou-o.

- Esta é por Akcínia! Esta, por mim! Por Akcínia! Outra vez por Akcínia! Por mim!

O chicote assobiava. As pancadas produziam um ruído mole. Por fim, Grigóri estendeu o tenente a murro no chão rugoso e duro, fê-lo rebolar, e selvaticamente o pisou com os tacões ferrados das suas botas de soldado. Exausto de bater, subiu de novo para o carro, gritou ao cavalo, e lançou-o a galope, sem o poupar. Abandonou o carro junto à porta do pátio, e correu para o pavilhão do pessoal, atrapalhando-se com as abas do capote desabotoado, de chicote enrolado na mão.

Akcínia voltou-se ao ouvir o barulho da porta que ele escancarara com ímpeto.

- Desavergonhada!... Cadelas!...

O chicote sibilou e enrolou-se-lhe na cara.

Arquejante, Grigóri cruzou o pátio e abandonou a propriedade, sem responder às perguntas do avô Sachka. Akcínia alcançou-o a versta e meia dali.

Respirando profundamente, pôs-se a caminhar ao lado dele, sem proferir uma palavra, por vezes tocando-lhe com as mãos.

Na encruzilhada, perto da capela da estepe, de paredes encardidas, disse-lhe com uma voz estranha e longínqua:

- Grichka, perdão!

Grigóri arreganhou os dentes, curvou as costas, e levantou a gola do capote.

Akcínia parou ao pé da capela. Grigóri nem uma só vez se virou, e não viu, portanto, que ela lhe estendia os braços.

No sopé da colina, ao chegar a Tatárski, reparou com surpresa que conservava o chicote na mão. Atirou-o para o lado, e entrou na aldeia a grandes passadas. Faces admiradas colavam-se às vidraças; as mulheres que o reconheciam faziam-lhe grandes vénias.

Ao portão da herdade dos Melekhoves, uma bela rapariga delgada, de olhos pretos, atirou-se-lhe ao pescoço, emitindo gritos agudos, e mergulhou a cara no peito dele. Agarrando-lhe as faces com as mãos, Grigóri ergueu-lhe a cabeça, reconheceu Duniachka.

A coxear, Pantelei Prokófievitch desceu os degraus da entrada. Lá dentro, a mãe chorava, desabalada. Grigóri apertou contra si o pai com o braço esquerdo. Duniachka cobria-lhe a mão direita de beijos.

Os degraus rangeram familiarmente sob os passos de Grigóri, que entrou em casa. A mãe, envelhecida, correu para ele com a vivacidade de uma rapariga, e ensopou-lhe de lágrimas as guarnições do capote, balbuciando, sem afrouxar o abraço, qualquer coisa incoerente, numa língua só dela, intraduzível. De pé no vestíbulo, muito pálida, Natalia amparava-se à porta, com um sorriso doloroso. Caiu redonda, ao aflorá-la um olhar fugidio e confuso de Grigóri.

No meio da noite, Pantelei Prokófievitch deu uma cotovelada em Ilínitchna e segredou-lhe:

- Vai devagarinho ver se eles estão deitados juntos ou não.
- Eu fiz a cama para os dois.
- Vai ver, vai ver!

Ilínitchna foi espreitar por uma frincha da porta e tornou para o quarto.

- Estão juntos.
- Louvado seja Deus! Louvado seja Deus!

Apoiado num cotovelo, o velho benzeu-se várias vezes, e rompeu a soluçar.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

